

Maura Maria dos Santos

RELAÇÕES DE ESTUDANTES DE LETRAS COM A
LEITURA LITERÁRIA: ENTRE LEITURAS
PROFISSIONAIS E COMUNS

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2013

Maura Maria dos Santos

**RELAÇÕES DE ESTUDANTES DE LETRAS COM A
LEITURA LITERÁRIA: ENTRE LEITURAS PROFISSIONAIS
E COMUNS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2013

S237r
T

Santos, Maura Maria dos, 1968-
Relações de estudantes de Letras com a leitura literária : entre leituras profissionais e comuns / Maura Maria dos Santos. - Belo Horizonte, 2013.
329 f., enc, il.

Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador : Antônio Augusto Gomes Batista.

Bibliografia : f. 309-313.

Anexos : f. 314-329.

1. Educação -- Teses. 2. Leitura (Ensino superior) -- Teses.
3. Estudantes universitarios -- Interesses na leitura -- Teses. 4. Literatura -- Teses. 5. Leitura -- Aspectos sociais -- Teses.

I. Título. II. , Antônio Augusto Gomes Batista. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 418.4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

Tese intitulada “*Relações de Estudantes de Letras com a Leitura Literária: entre leituras profissionais e comuns*”, de autoria da doutoranda Maura Maria dos Santos, aprovada no dia 30 de julho de 2013 por banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista – FAE / UFMG - Orientador

Profª. Dra. Cláudia Lemos Vóvio – UNIFESP

Profª. Dra. Ludmila Thomé de Andrade - UFRJ

Profª. Dra. Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos – FAE/ UFMG

Profª. Dra. Delaine Cafiero Bicalho – FALE- UFMG

Julho/2013

Belo Horizonte – Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao Dute, meu orientador, pela competência, humanidade e intervenções pontuais em momentos estratégicos da elaboração desta tese.

À Lucíola, pelo voto de confiança e acompanhamento especial de todo o meu percurso de doutoramento.

À Cláudia Vóvio, pela simpatia e excelência das sugestões para os enriquecimentos deste estudo.

À Delaine Cafiero, pela clareza e precisão nas recomendações que aprimoraram este trabalho.

Aos apoiadores técnicos, Alice Lopes, Robson, Naiara, Eduardo e Wadson, pelo auxílio na sistematização dos dados da pesquisa.

À amiga Beatriz, pelo compartilhamento de minhas angústias, pela leitura espontânea e contribuições na finalização deste processo.

Aos graduandos que concordaram em participar desta pesquisa, pelo tempo despendido no preenchimento do questionário e, principalmente, aos entrevistados, pela confiança em compartilhar comigo suas histórias de vida e de leitores.

Aos professores da Faculdade de Educação e da Faculdade de Letras, pela generosidade em ceder parte de suas aulas para o preenchimento dos questionários pelos seus alunos.

Aos professores e colegas da Pós-Graduação, pela interação na via do conhecimento.

Às colegas de trabalho, especialmente Ênia, Geralda, Wânia, Ivone, Sandra Rejane, Alcione, Inês, Ana Lúcia, Elenice e Eliana, pela compreensão e deferimento das alterações nos horários de trabalho imprescindíveis à fase inicial deste processo.

Aos funcionários da secretaria da pós-graduação, particularmente Rose, Daniele e Ernane, pela constante solicitude e apoio administrativo decisivo para a consecução deste trabalho no prazo.

Aos alunos e ex-alunos dessa/desta longa jornada que me fizeram tornar sempre e nunca terminar de me tornar.

Ao Gladston, pelo companheirismo, interlocução, horas de leitura e revisão desta tese.

A Deus, por tudo.

“Tornei-me a personagem da qual lia a vida”
(Plutarco)

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar práticas de leitura de estudantes de Letras, a fim de apreender suas relações com a literária legítima, reconhecida como tal, e privilegiada tradicionalmente pela instituição acadêmica. A metodologia utilizada se baseou em dois procedimentos combinados de coleta de dados: o questionário e a entrevista, realizados em etapas distintas. A primeira etapa resultou em um estudo exploratório que partiu da análise quantitativa de uma amostra composta por cento e sessenta e nove questionários respondidos por graduandos de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Essa etapa possibilitou a elaboração de uma caracterização sociológica mais geral da amostra, o estabelecimento de algumas correlações entre as interações dos graduandos com suas leituras (vinculadas ou não ao curso) e alguns dados relativos às suas propriedades sociais e disposições em relação ao curso, à escola, à cultura e à leitura. A segunda fase da pesquisa visou ao aprofundamento dos resultados encontrados e baseou-se nas informações obtidas por meio de entrevistas aplicadas a doze graduandos, selecionados conforme critérios estabelecidos a partir das análises dos dados da primeira etapa. A pesquisa se baseou principalmente nos estudos sociológicos de Pierre Bourdieu, segundo os quais a origem social e as propriedades associadas aos indivíduos influenciam decisivamente na relação deles com a cultura. Outros estudiosos, como Philippe Coulangeon e Bernard Lahire, que ampliam a compreensão de diversos fatores explicativos das relações entre o gosto (ou do *habitus*) dos agentes sociais, as posições que eles ocupam em certos domínios da sociedade e suas práticas culturais, complementaram a fundamentação teórica da investigação. Os resultados indicaram, no primeiro momento, que os graduandos aderem relativamente à literatura canônica; no segundo, as análises do material das entrevistas confirmaram alguns traços comuns e outros distintivos dos perfis dos leitores pesquisados, e demonstraram acentuada influência da variável sexo na leitura literária dos graduandos.

Palavras-chave: leitura, literatura, estudantes, curso de Letras

ABSTRACT

The aim of this research was to analyze Letters students' reading practices in order to understand their relationship with legitimate literature, recognized as such and traditionally privileged by academic institutions. The methodology was based on two combined data collection procedures: a questionnaire and an interview carried out in distinct stages. The first stage resulted in an exploratory study which started from a quantitative analysis of a sample of one hundred sixty nine questionnaires completed by undergraduate students of Letters at UFMG, Federal University of Minas Gerais. This stage led to a general sociological characterization of the sample, to the establishment of some correlations between the students' interactions with their readings (whether or not linked to their Letters course) and to some data related to their social specificities and inclinations towards the course, the college, culture and reading. The second stage of the research aimed at a more profound appreciation of the findings and was based on the information gathered in interviews with twelve undergraduate students who were selected according to criteria established when the analysis of the data of the first stage was conducted. The research was based mainly in Pierre Bourdieu's sociological studies, according to which the social origin and the specificities associated with the agents influence enormously the relationship between individuals and culture. Other scholars such as Philippe Coulangeon and Bernard Lahire, who develop the understanding of several factors determining the connections between social agents' taste (or *habitus*), their positions in some social fields and their social practices, also complemented the theoretical basis of this study. The research findings showed firstly that the undergraduate students read canonical literature to some extent; secondly, the analysis of the interviews' responses confirmed some common and some distinctive features in the readers' profiles surveyed and also demonstrated significant influence of gender on the undergraduate students' literature reading.

Key words: reading, literature, students, Letters

RÉSUMÉ

Cette recherche a analysé les pratiques de lecture des étudiants en Lettres, afin d'appréhender leur relation avec la littérature légitime, reconnue en tant que telle et traditionnellement privilégiée par l'institution académique. La méthodologie utilisée s'est appuyée sur deux démarches combinées de collecte de données : le questionnaire et l'entretien, réalisés à des moments différents. La première étape consistait en une étude de l'analyse quantitative d'un échantillon composé de cent soixante-neuf questionnaires remplis par les étudiants de la Faculté de Lettres de l'Université Fédérale de l'Etat du Minas Gerais. Cette étape a favorisé l'élaboration d'une caractérisation sociologique plus générale de l'échantillon ainsi que la définition des corrélations entre les interactions des étudiants et leurs lectures (en rapport ou non avec le cours) et les données relatives aux propriétés sociales et aux disponibilités par rapport au cours, à l'école, à la culture, à la lecture. La deuxième étape de la recherche a visé l'approfondissement des résultats tout en s'appuyant sur les informations obtenues à partir des entretiens réalisés avec douze étudiants de la graduation, sélectionnés selon les critères stipulés à partir de l'analyse des données de la première étape. La recherche s'est appuyée sur les études sociologiques de Pierre Bourdieu, selon lesquelles l'origine sociale et les propriétés associées aux agents interviennent de manière décisive dans la relation entre les individus et la culture. Philippe Coulangeon et Bernard Lahire, des chercheurs proposant un élargissement de la compréhension de divers facteurs explicatifs concernant les relations entre les préférences (ou l'habitus) des agents sociaux, les positions qu'ils occupent dans certains domaines de la société et leurs pratiques culturelles, ont également complété les fondements théoriques de cette recherche. Les résultats de celle-ci ont démontré que, dans un premier moment, les étudiants de la graduation adhèrent partiellement à la littérature canonique ; et dans un deuxième moment, les analyses du matériel des entretiens ont confirmé quelques traces communes et d'autres distinctes des profils des lecteurs concernés, en démontrant la forte influence de la variante sexuelle dans la lecture littéraire des étudiants.

Mots-clés : lecture, littérature, étudiants, cours de Lettres

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos estudantes da amostra segundo sexo e faixa etária	62
Tabela 2: Graduandos segundo o capital cultural.....	63
Tabela 3: Ocupação profissional dos pais dos pesquisados	64
Tabela 4: Motivo que levou o pesquisado a cursar uma graduação em Letras	65
Tabela 5: Motivo que levou o pesquisado a cursar uma graduação em Letras: interesse específico em uma área do curso	66
Tabela 6: Distribuição das preferências por gêneros de leitura por propriedades sociais...	67
Tabela 7: Distribuição dos gêneros de livros preferidos por sexo.....	72
Tabela 8: Distribuição no número de livros lidos anualmente, excetuando os livros obrigatórios do curso de Letras por sexo.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Clarice	96
Quadro 2 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Pedro	113
Quadro 3 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Emília	135
Quadro 4 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Alencar	158
Quadro 5 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Amélia	176
Quadro 6 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Sidney	196
Quadro 7 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Florbela	213
Quadro 8 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Euclides	229
Quadro 9 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Jane	248
Quadro 10 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Raul	264
Quadro 11 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Alice	284
Quadro 12 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Paulo	301
Quadro 13 - Características de leitores comuns	304
Quadro 14 - Características de leitores profissionais	305

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Breve percurso acerca da escolha do tema	12
O Objeto da pesquisa: problematização e delimitação	13
Considerações acerca dos caminhos trilhados	15
1. OS ESTUDANTES DE LETRAS E A LEITURA LITERÁRIA:	
UMA PESQUISA	17
1.1 JUSTIFICATIVA E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	17
1.1.1 Leitura literária especializada versus leitura comum	21
1.1.2 Leitura, leitores e capital cultural	24
1.1.3 A relevância do capital literário no curso de Letras	26
1.1.4 Considerações sobre o perfil social dos estudantes recrutados pelos cursos de Letras	29
1.1.5 Relações entre processos de formação literária dos estudantes e leitura literária.....	32
1.1.6 Disposições e perfis de leitores	35
1.2 OBJETIVOS, ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	39
1.2.1 A Estruturação do Trabalho.....	44
2. LITERATURA: EM BUSCA DE UM CONCEITO.....	46
2.1 LEITURA, LITERATURA, PRÁTICAS DE LEITURA, PRÁTICAS DE LITERATURA	46
3. ESTUDANTES DE LETRAS E LEITURA LITERÁRIA: VARIAÇÕES DAS PRÁTICAS	60
3.1 O ESTUDANTE DE LETRAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	60
3.2 APRESENTAÇÃO GERAL E ANÁLISE DE ALGUNS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO	62
3.2.1 Perfil socioeconômico e cultural.....	62
3.2.2 Dados sobre trajetória escolar, trajetória no curso de Letras e currículo.....	64
3.2.3 Preferências.....	66
3.2.4 A distribuição social das preferências.....	68
3.2.5 A distribuição sexual das preferências.....	72
3.2.6 Algumas hipóteses	75

4. RETRATOS SOCIOLOGICOS DE LEITORES	78
4.1 CLARICE	78
4.2 PEDRO.....	96
4.3 EMÍLIA.....	113
4.4 ALENCAR.....	136
4.5 AMÉLIA	159
4.6 SIDNEY.....	177
4.7 FLORBELA.....	196
4.8 EUCLIDES	214
4.9 JANE	229
4.10 RAUL	249
4.11 ALICE	264
4.12 PAULO.....	284
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	302
REFERÊNCIAS	309
ANEXOS	314

AS RELAÇÕES DE ESTUDANTES DE LETRAS COM A LEITURA LITERÁRIA: ENTRE LEITURAS PROFISSIONAIS E COMUNS

INTRODUÇÃO

Breve percurso acerca da escolha do tema

Esta pesquisa visou investigar as relações de estudantes de Letras com a leitura literária, focalizando suas práticas de leitura profissionais e comuns. A opção por essa temática resulta de reflexões que marcaram minha trajetória pessoal e profissional. Sou oriunda de uma família cujos ascendentes imediatos alcançaram no máximo o nível de escolaridade correspondente à quarta-série do primeiro segmento do ensino fundamental, portanto, pertencem à primeira geração de minha família a alcançar o ensino superior.

Nesse sentido, o curso de Letras contribuiu para a aquisição de algumas competências relativas à leitura profissional, entre elas, a de distanciamento emocional do enredo de obras, como *Lucíola* (José de Alencar), cuja “historieta” passou a assumir significados distanciados da leitura patêmica, realizada, até então, no viés da leitura comum. Embora esse período de formação inicial tenha possibilitado o reconhecimento de um cânone literário (na época, constituído predominantemente por autores da literatura clássica), não me permitiu incorporar uma cultura literária mais ampla, característica associada ao leitor profissional.

O percurso profissional como professora de Literatura (no Ensino Médio da rede pública de Belo Horizonte) iniciou imediatamente após o término do curso de Letras. Os obstáculos advindos tanto da precariedade de minha formação quanto da resistência à leitura pela maioria dos estudantes me impeliram a diversas tentativas de afastamento dos esquemas tradicionais do trabalho pedagógico com a literatura, geralmente realizado a partir de fragmentos selecionados pelos autores de livros literários. Entre essas tentativas, destaco o *Cinelendo*, projeto interdisciplinar entre Cinema e Literatura, desenvolvido juntamente com alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de Belo Horizonte, visando incentivá-los à leitura de textos literários.

A iniciativa foi motivada principalmente pela minha constatação de que “grande parte dos alunos do Ensino Médio não demonstra interesse pela leitura de obras literárias. Segundo

alegam esses alunos, a linguagem dessas obras é arcaica, os livros são muito volumosos, cansativos e, na maioria das vezes, não tratam de um universo de referência conhecido por eles” (SANTOS, 2005).

Assim, essa pesquisa estabelece um diálogo entre questões advindas de minha trajetória pessoal, que remetem a uma história de envolvimento emocional com a leitura, confrontada em certo momento com a literatura adotada no curso de Letras, e as questões decorrentes de uma trajetória profissional, cujas tentativas de suprir as lacunas no processo de ensino-aprendizagem da literatura para estudantes do Ensino Médio, trouxeram mais perguntas do que respostas.

Essas reflexões, pois, instigaram-me a investigar as práticas de leitura perpassadas por valores, crenças e representações da leitura literária de indivíduos que, pela natureza do próprio curso, estão inelutavelmente implicados nessa problemática: os graduandos do curso de Letras sob o paradoxo de experiências de leitores comuns e a formação especializada de futuros formadores de leitores.

O objeto da pesquisa: problematização e delimitação

A democratização do acesso da população à escola, verificada no Brasil a partir da década de 1960, ocasionou a ampliação do debate sobre questões relacionadas com o ingresso de novos perfis de alunos nos diversos graus de ensino (ROJO, 2005:37). Nesse novo contexto, alguns cursos de nível superior menos demandados por alunos mais favorecidos socialmente passaram a ter de lidar com a presença de alunos oriundos de classes menos privilegiadas, cujas disposições e competências são percebidas como geralmente muito distanciadas daquelas que constituem o capital cultural responsável pelo sucesso escolar (cf. BOURDIEU, 2010).

As dificuldades advindas da distância cultural entre o novo alunado e suas experiências escolares tornam-se objeto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. Dentre as mais variadas questões focalizadas por estudiosos nesse novo cenário, como as que dizem respeito à relação entre sucesso escolar e origem social, destacamos aquelas ligadas à leitura, especialmente às relações entre práticas de leitura e propriedades sociais dos leitores.

Embora muitos estudiosos abordem essa problemática e os pontos de vista adotados focalizem aspectos diversos da leitura, interessou-nos sobremaneira o aprofundamento do conhecimento acerca da leitura literária daquele que consideramos um tipo especial de leitor: o estudante de Letras.

Apesar de ser pouco valorizado na hierarquia dos cursos de nível superior (BATISTA, 2007), esse curso supõe uma formação cultural intensamente associada às elites culturais, principalmente por exigir do estudante disposições como “a facilidade verbal e a cultura livre adquirida nas experiências extra-escolares” (BOURDIEU, 2010:44).

As mudanças já mencionadas no perfil dos estudantes a partir da crescente democratização do ensino no Brasil e o discurso institucional que a acompanha revelam relativo desconhecimento por parte de alguns professores do ensino superior acerca da relação dos novos graduandos com o conhecimento e a cultura legítima. O distanciamento desses alunos em relação ao perfil ideal do universitário que ainda predomina no imaginário dos docentes, a emergência de novos modos de produção e de recepção dos textos em decorrência do avanço tecnológico, os padrões contemporâneos de relação com a cultura legítima e de seu consumo (COULANGEON, 2004), bem como o paradoxo do modelo utilitarista que sustenta o pensamento dos bons alunos de meios privilegiados (CHARTIER, 2007), em oposição ao conservadorismo social de meios populares acerca da cultura, são fatores que nos colocam diante da necessidade de nos aprofundarmos no conhecimento de questões como o posicionamento dos estudantes de Letras em relação à cultura literária, as estratégias e esforços que eles realizam para ajustar suas condutas aos ideais organizados em torno do campo acadêmico e literário, as relações que efetivamente estabelecem com o cânone literário e com as formas legítimas de sua recepção, as disposições e competências que desenvolvem durante o processo de formação no curso e, finalmente, como de fato leem os textos em suas práticas de leitura.

Tendo em vista nosso pressuposto de que a leitura é um consumo cultural que se submete às mesmas normas válidas para outras práticas culturais pertencentes a diferentes domínios de prática da esfera social, consideramos o peso de sua apropriação desigual pelos membros pertencentes aos grupos sociais nos quais ela é considerada uma prática distintiva. Isso implica reconhecer a existência de práticas de leitura diversas realizadas por leitores cujos perfis podem ser delineados a partir de disposições individuais, culturais e sociais bastante heterogêneas.

Portanto, dada a relevância da aquisição do capital literário para o êxito dos graduandos no curso de Letras e das implicações da apropriação desse capital nas relações desses estudantes com a leitura literária legítima, propusemo-nos a investigar suas preferências e práticas de leitura no intuito de apreendê-las em sua diversidade e em sua relação com as propriedades sociais dos pesquisados.

Considerações acerca dos caminhos trilhados

Partindo do objetivo geral de analisar as práticas de leitura de estudantes de Letras, a fim de apreender suas relações com a literária legítima, reconhecida como tal, e realizada tradicionalmente pela instituição acadêmica, adotamos uma metodologia baseada em dois procedimentos combinados de coleta de dados: o questionário¹ e a entrevista, realizados em etapas distintas, a serem detalhadas no primeiro capítulo desta tese.

A primeira etapa resultou em um estudo exploratório realizado a partir da análise quantitativa de uma amostra composta por cento e sessenta e nove questionários. Em seguida, elaboramos uma caracterização sociológica mais geral da amostra e estabelecemos algumas correlações entre as interações desses graduandos com suas leituras (vinculadas ou não ao curso) e alguns dados relativos às suas propriedades sociais e disposições em relação ao curso, à escola, à cultura e à leitura.

Esses resultados salientaram: relativa adesão dos graduandos à literatura canônica sem, portanto, se restringir a ela; forte presença de práticas de leitura não controladas pela hierarquia cultural nos estudantes com maior capital cultural (indicado pela análise relacional do nível de escolaridade e ocupação dos pais dos pesquisados), predominantemente do sexo feminino; maior investimento do grupo masculino em leituras mais conformes às hierarquias culturais.

Diante dessas constatações, propusemo-nos as seguintes questões: que motivos levariam alguns graduandos, cujo capital cultural familiar nos autoriza a caracterizá-los como “herdeiros” (estudantes pertencentes a famílias mais dotadas de capital cultural e que tiveram acesso precoce ao universo literário), a persistirem em práticas de leitura geralmente associadas a leitores e leitoras menos capitalizados culturalmente? Que propriedades sociais (gênero sexual e idade, por exemplo) seriam fatores determinantes na permanência de certas preferências literárias não controladas pelo curso de Letras e permitiriam associar alguns graduandos, em final de curso, a leitores comuns? Que fatores (propriedades sociais, trajetórias, etc.) poderiam explicar os investimentos, ou sua ausência, na literatura literária de prestígio (exigida, ou não, pelo curso: poesia, literatura clássica e contemporânea)?

O segundo momento consistiu no aprofundamento dessas conclusões e baseou-se na coleta de dados por meio de entrevista aplicada aos graduandos selecionados conforme

¹ O questionário aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), no dia treze de janeiro de 2011, encontra-se no Anexo 1.

critérios estabelecidos na pesquisa. Nessa segunda etapa, ao realizarmos a revisão das transcrições e dos critérios, descartamos três das entrevistas e elaboramos doze retratos sociológicos, que nos possibilitaram captar variações de práticas de leitura desses estudantes, tendo em vista propriedades sociais, trajetórias, contextos e condições em que se estruturaram suas disposições culturais.

Nossas análises se fundamentaram principalmente nos estudos sociológicos de Pierre Bourdieu, os quais chamam a atenção para o fato de que a origem social e as propriedades associadas aos agentes, quer no estado objetivado (capital econômico e renda) quer no incorporado (disposições constitutivas do *habitus*), influenciam na relação dos indivíduos com a cultura.

Ademais, a fim de aprofundarmos as questões suscitadas na pesquisa, estudiosos como Philippe Coulangeon (2005) e Bernard Lahire (2004), que ampliaram a compreensão de diversos fatores explicativos das relações entre o gosto (ou do *habitus*) dos agentes sociais, as posições que eles ocupam em certos domínios da sociedade e suas práticas culturais, também complementaram nossa fundamentação teórica.

1. OS ESTUDANTES DE LETRAS E A LEITURA LITERÁRIA: UMA PESQUISA

1.1 JUSTIFICATIVA E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A compreensão das relações dos leitores com a leitura no-la revela como um fenômeno de natureza multidimensional. Por isso, seu estudo implica o desafio de estabelecer limites para a investigação, mas, ao mesmo tempo, considerar os aspectos da realidade mais ampla das dimensões da leitura, muitas vezes aprofundadas por estudiosos em diferentes áreas do conhecimento.

As decisões teóricas e metodológicas, a par das restrições que elas conseqüentemente impõem aos pesquisadores, conduzem a pesquisas que focalizam diferentes aspectos dessa problemática. São numerosos os trabalhos desenvolvidos por teóricos da leitura, da literatura, da comunicação, da recepção e da sociologia que tomam a leitura como objeto de estudo. Embora destaquemos a relevância de alguns desses trabalhos para o aprofundamento do tema de nossa pesquisa, por exemplo, os estudos dos historiadores Chartier (1990) e Darnton (1986) e as pesquisas dos sociólogos Coulangeon (2005), Lahire (2002, 2006, 2008), Horellou-Lafarge e Segré (2010), é principalmente no quadro da sociologia bourdieusiana que situamos o arcabouço conceitual e metodológico que nos permitiu desenvolver e refinar os instrumentos de pesquisa para nos aprofundarmos no conhecimento da realidade estudada: a leitura literária de estudantes de Letras.

Assim, nosso interesse em pesquisar graduandos em Letras se deve principalmente ao fato de serem esses os sujeitos que tendem a construir uma específica relação com a cultura, principalmente a cultura literária, modalidade que ocupa lugar central nas pesquisas de Bourdieu. De acordo com esse sociólogo (1964:19), “é no ensino literário que a influência da origem social se manifesta mais claramente”.² Por isso, “parece legítimo ver nas faculdades de Letras o campo por excelência para se estudar a ação de fatores culturais da desigualdade perante a Escola”³ (BOURDIEU, 1964:19).

As alterações no perfil de estudantes universitários, decorrentes das transformações ocorridas nas últimas décadas no sistema de ensino brasileiro, constituem fatores relevantes

² No original: “[...] c’est dans le enseignement littéraire que le influence de la origine sociale se manifeste le plus clairement.” (Ver : Bourdieu, 1964 :19).

³ No original : “ il semble légitime de voir dans les facultés des lettres le terrain par excellence pour étudier la action des facteurs culturels de la inégalité devant la école...” (BOURDIEU, 1964:19).

na compreensão dessas desigualdades. Um desses fatores diz respeito à presença de alunos de origem popular nos cursos menos valorizados socialmente. Esses cursos são:

[...] Os que oferecem baixas expectativas de profissionalização, já que levam a carreiras pouco valorizadas no mercado de trabalho. Com expectativa de baixos salários e estreitas oportunidades de empregabilidade em postos de prestígio, os estudantes desses cursos possuem uma característica em comum: são os mais habilitados a se dedicar ao magistério, carreira com baixo status social (Pedagogia, Biblioteconomia, Letras, Geografia, Filosofia, História e Ciências Sociais) (SETTON: 1999:469)

Esses cursos recrutam jovens oriundos de famílias com poucos recursos culturais e econômicos, que provavelmente não lhes proporcionaram experiências prévias de leitura que lhes tenham dotado de um capital literário compatível com as exigências acadêmicas. Diante desse novo alunado, o imaginário social que liga a identidade do professor de Português ao “universo de uma cultura literária mais ampla e menos amparada na tradição escolar”, à posse de “disposições estéticas” e “certa erudição” (BATISTA, 2010:44) torna o curso de Letras um campo fecundo para o estudo do tema aqui proposto, pois revela dimensões das relações desses alunos com a cultura passíveis de engendrar novas formas de desigualdades escolares e sociais.

Dentre os fatores que influenciam nas desigualdades entre os estudantes, Bourdieu destaca a origem social. Para o sociólogo (1964:22), dentre todos os fatores de diferenciação como, por exemplo, o sexo, a idade ou a filiação religiosa, a origem social é sem dúvida aquele cuja influência se exerce mais fortemente sobre a vida estudantil.

Tendo em vista a relevância da origem social e de algumas variáveis na caracterização desse “novo alunado” presente no curso de Letras, nosso estudo parte de uma amostra, coletada na primeira etapa desta pesquisa, composta por 76,9% (n=130) de estudantes do sexo feminino e 23,1% (n=39) do sexo masculino, com proporções equilibradas de três grupos diferenciados segundo o capital cultural familiar, como informado mais adiante, no capítulo 3 (Tabela 2).

Embora consideremos a relevância conferida pela sociologia bourdieusiana à influência da origem social na vida dos estudantes e essa tenha constituído nosso ponto de partida, algumas correlações encontradas no decorrer da primeira etapa desta pesquisa, como é o caso das diferentes preferências literárias segundo o sexo dos pesquisados, nos incitaram a buscar estudos que ampliassem nossos pontos de vista iniciais.

Nesse sentido, destacamos a contribuição de Lahire (2004: 323-324) que defende, por meio de estudos, o que nos parece constituir certa complementação⁴ da noção de *habitus* desenvolvida por Bourdieu⁵: o sociólogo (2004:223) recorre a Bakhtin, que considera cada ser humano como uma “mistura de estilos”, uma “heterogeneidade irreduzível”, para reforçar sua argumentação contrária à ideia, tão cara a Bourdieu, da existência da unidade de um sistema de disposições e, mais precisamente ainda, de princípio gerador ou de fórmula geradora das práticas.

Apesar de considerar o volume do capital cultural e econômico possuído e a tendência da trajetória como fatores centrais da constituição de uma parte das disposições dos patrimônios de cada indivíduo, Lahire (2004:324) defende que “em nenhum caso se pode dizer que sejam os únicos, nem mesmo que sejam ‘em geral’ os mais importantes”. Nessa direção, em sua pesquisa apresentada no livro “Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais”, o sociólogo (2004:324) mostra que cada um dos oito casos analisados nessa obra apresenta uma “amostra complexa de disposições (a agir e a crer) mais ou menos fortemente constituídas”.

Esse ponto de vista adotado por Lahire se mostra particularmente interessante para nossa pesquisa na medida em que vemos nessa “complementação” da noção de *habitus* uma maneira de matizarmos alguns perfis de leitores que foram esboçados a partir dos resultados da primeira etapa de nossos estudos.

Ao optarmos por analisar a leitura como prática social influenciada por fatores ligados às características dos grupos sociais nos quais estão inseridos esses leitores, visamos conhecer apropriações efetivas de textos, por meio das declarações de leitores concretos a respeito de seus modos de ler e dos sentidos que descobrem nos textos, atentando-nos aos condicionamentos e experiências prévias de leitura adquiridas no ambiente familiar e escolar.

Nessa perspectiva, consideramos que, além do capital cultural e econômico, outras variáveis são igualmente relevantes na constituição das disposições culturais e literárias dos sujeitos a fim de chegarmos “a imagens mais complexas dos ‘*habitus*’ de grupos e de indivíduos singulares” (LAHIRE, 2004: 318).

⁴ A respeito da reflexão empreendida por Lahire acerca da noção de *habitus* desenvolvida por Bourdieu, ver também Lahire (2002:11) (O Homem Plural).

⁵ No artigo intitulado *A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural*, Maria Alice Nogueira (1998) afirma que “as teses sobre a transmissão da herança cultural — formuladas por Bourdieu no início dos anos 1960 —, conquanto hoje revisadas em seu determinismo e em seu silêncio das mediações (Lahire, 1995; Singly, 1996b; 1996c; Charlot & Rochex, 1996), permanecem fundamentalmente válidas, com a condição de que saibamos fornecer a comprovação empírica de sua atuação”. (NOGUEIRA, M. A. Jan/Fev/Mar/Abr 1998 N ° 7 Revista Brasileira de Educação).

O fato de nossa amostra geral apresentar proporção inferior do grupo masculino (apenas 23,1% da amostra), seguindo característica marcante no curso de Letras, e da faixa etária acima de 40 anos (apenas 7,7% da amostra) reforçou a necessidade da realização das entrevistas, visto que, em regra, esse procedimento permite compensar os “dados ausentes do levantamento estatístico” (LAHIRE, 2006:26).

Ao sugerir que a sociologia aceite “o desafio de trazer à tona a produção social do indivíduo (e concepções às vezes ‘individualistas’ que temos disso)” e mostre “que o social não se reduz ao coletivo ou ao geral, mas que marca sua presença nos aspectos mais singulares de cada indivíduo”, Lahire (2004:323) descortina uma perspectiva de pesquisa mais ampla na medida em que essa possibilita a realização de “leituras possíveis dos mesmos dados de pesquisas” (LAHIRE:2006:22), eliminando, desse modo, certa “rotinização” provocada pela análise restrita dos dados quantitativos.

Ainda de acordo com essa abordagem qualitativa, o procedimento metodológico adotado em nossa pesquisa incluiu, a partir do levantamento dos dados que possibilitaram “ordenar as práticas e os produtos de acordo com seu grau de legitimidade cultural” e “reconstruir os perfis culturais mais ou menos matizados ou homogêneos do ponto de vista da legitimidade cultural” (LAHIRE, 2006:24), a elaboração de retratos sociológicos dos pesquisados selecionados conforme critérios estabelecidos neste estudo.

Essa perspectiva, além de permitir a investigação dos grupos minoritários da amostra, vai ao encontro de nossa opção por investigar também sujeitos submetidos a uma situação específica que os torna mais propensos que os leitores comuns a ajustarem suas práticas de leitura ao modelo de leitura idealizado pelas instituições literário-acadêmicas.

No ambiente acadêmico, são os códigos pertencentes à “alta literatura” que devem ser interiorizados por aqueles que terão um diploma em Letras. Por serem instituições oficiais, responsáveis pela transmissão do conhecimento desses códigos e de suas representações e, ainda, serem instâncias de autenticação desses saberes, as Faculdades de Letras exercem um controle maior sobre as práticas de leitura dos graduandos.

Esse controle a que está submetida a leitura acadêmica ocorre de várias maneiras, mas se manifesta sobretudo por meio de expectativas e prescrições em torno de modos de ler específicos e da tentativa de induzir o estudante ao reconhecimento de uma hierarquia de textos, quer dizer, da familiaridade e da capacidade relativamente autônoma de um cânone literário, ou seja, de uma hierarquia de textos considerados por leitores especializados (críticos literários, professores universitários, escritores) como “‘grandes’, ‘geniais’,

‘perenes’, comunicando valores humanos essenciais, por isso digno de ser estudado de geração em geração” (DUARTE:2005).

Portanto, o processo de formação leitora no curso de Letras fundamenta-se na oposição entre a “leitura comum”, que constitui um modo de leitura depreciado no qual o leitor investe interesses específicos, e a leitura das obras literárias que, assim como a criação literária, é gratuita, desinteressada, estética, desejada, sendo considerada a leitura dos “letrados”, reconhecida e legitimada pelas instâncias educacionais (HORELLOU-LAFARGE & SECRÉ, 2010:89).

1.1.1 Leitura literária especializada *versus* leitura comum

A leitura literária supõe o encontro entre as disposições de um leitor (construídas a partir de condições favoráveis que permitem a esse leitor se afastar das necessidades imediatas da existência) e as possibilidades objetivas que asseguram as condições de realização dessas disposições (BOURDIEU, 1996:148). Em outras palavras, a correspondência entre um leitor dotado de um capital literário previamente constituído que garanta ao seu detentor um alto grau de familiaridade com o universo literário e as obras literárias produzidas também sob condições favoráveis e que, por isso, visam um leitor dotado de competências específicas para objetivação dessa leitura.

Essa leitura denominada por Bourdieu (1996:272) como “pura” supõe um nível de exigência cujo limite “ideal” é o exercício escolástico de decifração ou recriação baseado na leitura reiterada do “romance puro”. Trata-se do romance destituído do “romanesco”, gênero que sofreu um processo histórico de purificação “de tudo que parece defini-lo, a intriga, a ação, o herói” (BOURDIEU, 1996:272). Nessa perspectiva, o “romance puro” é concebido como:

[...] produto de um campo no qual tende a abolir-se a fronteira entre o crítico e escritor que não faz tão bem a teoria de seus romances senão porque um pensamento reflexivo e crítico do romance e de sua história agem em seus romances, lembrando continuamente sua condição de ficção (BOURDIEU, 1996:272).

Assim, a concretização da leitura do romance puro somente se efetiva mediante coincidência entre as disposições do escritor, reveladas pela escrita cuja incorporação da expectativa de uma leitura tão exigente somente é possível pelo fato de se produzir em um

campo onde são realizadas as condições de felicidade dessa exigência, e das disposições do leitor capaz de identificar-se, por meio de uma leitura criativa, com o escritor.

Contrariamente ao leitor comum que se cansa ao ler um romance cuja proposta se inscreve numa visada puramente estética, a leitura pura do romance puro requer um tipo de leitor “ideal” dotado de um capital literário que lhe permita se apropriar das obras legitimadas pela academia.

Tendo em vista os diversos fatores envolvidos na formação desse leitor “ideal” e da probabilidade reduzida de sua existência nas classes menos favorecidas, a maioria dos jovens que ingressam no curso de Letras pertence às camadas menos elevadas da população e apresenta pouca ou nenhuma semelhança com esse tipo de leitor; ao contrário, suas preferências e modos de ler parecem muito mais relacionados com questões cotidianas e suas práticas se aproximam muito mais do que se define como leitura comum.

Diferentemente da leitura literária, a noção de leitura comum se vincula a um tipo de leitor que lê para resolver problemas da vida cotidiana, moral, pessoal ou familiar. Um exemplo típico desse leitor comum, que não lê com fins literários, pode ser encontrado nos estudos realizados por Robert Darnton (1986:308-322) acerca da história cultural francesa. Neles, o historiador analisa o modo como os leitores liam Rousseau, destacando Jean Ranson, a quem define como um leitor “exemplar (...) pelo fato de ser exatamente o ‘outro’ a quem se dirigiam os escritos de Rousseau”. Ele “não lia para gozar a literatura, mas para lidar com a vida e, especialmente, a vida familiar, exatamente como pretendia Rousseau”.

Essa oposição, que distingue o leitor comum do leitor profissional, evidencia a existência de um grande:

[...] contraste, de um lado, entre a imposição de normas escolares que em toda parte tendem a definir um ideal único, controlado e codificado, da leitura legítima e, de outro, a extrema diversidade das práticas próprias a cada comunidade de leitores, esteja ela desde muito familiarizada com o escrito, ou seja ela recém-chegada ao papel impresso (CAVALLO E CHARTIER, 1998:36).

Assim, ela permite-nos sustentar uma concepção da leitura como campo de disputa, espaço de poder (ABREU, 2007:15). Nessa perspectiva, a relação que estudantes de Letras mantêm com a leitura, suas preferências e práticas passam a integrar um “*ethos*” de leitor (uma imagem de si mesmo construída no e pelo discurso relativo às obras e à sua relação com elas) que poderá lhes trazer maiores ou menores benefícios, garantindo-lhes continuidade em cursos de pós-graduação, orientando-os para áreas mais nobres do curso ou, ao contrário, redirecionando-os para áreas mais pragmáticas, por exemplo.

Nesse contexto, a leitura, como revelado por uma de nossas entrevistadas na segunda etapa dessa pesquisa, pode não trazer os rendimentos simbólicos relacionados a uma leitura legítima. Ao falar sobre suas leituras, Amélia revela um modo de ler que pode ser relacionado às formas geralmente associadas aos leitores comuns:

[...] Eu acho que uma coisa que prende muito a gente aos livros é isso, que a gente sempre tenta se identificar com algum personagem ou com alguma situação que está dentro do livro pra você continuar lendo, pra criar esse interesse, essa expectativa... Eu acho que o livro, ele é uma fuga da realidade... Então, a partir do momento que você lê o livro, você se coloca no lugar de uma personagem, de uma situação, você meio que vê a solução pra aquele seu problema, então [...] isso sempre acontece comigo [...] (Amélia, 22 anos, pai com curso superior completo e a mãe com superior incompleto.)

A leitura é vista por Amélia como “fuga da realidade” e “solução para aquele seu problema”; a continuidade somente é possível por meio de uma identificação dela com alguma personagem do livro. E mesmo quando se trata da leitura de livros clássicos, o investimento na leitura parece ser determinado por disposições mais ligadas aos leitores comuns. Assim, ao ler Balzac ou Machado de Assis, Amélia parece reforçar essas disposições:

[...] Mas uma situação que eu lembro muito que aconteceu comigo foi lendo um livro do Balzac [...] que é, ah eu não lembro o nome, mas é sobre a mulher, que ele fala da mulher de 20 anos, da mulher de 30 e a mulher de 40, fala dos vários tipos de mulher, e aí não sei [...] eu percebi que realmente a mulher de 20 anos é assim, pensei numa mulher de 30 anos, também ela é assim. Eu vou ser assim e pensei na mulher de 40 e, falei, realmente também é assim. Eu estou lendo um agora, que estranho falar isso, é sobre a loucura, né? É o *Quincas Borba* que eu estou lendo, mas sei lá, é muito, esse negócio de loucura é um... eu acho que todo mundo tem um pouquinho de doido, então eu consigo me enxergar em algumas coisas ali... [...] (Amélia, 22 anos, pai com curso superior completo e a mãe com curso superior incompleto.)

Considerando a relevância da cultura literária como um capital específico do curso de Letras, um modo de ler como esse descrito por Amélia por si só não poderia trazer rendimentos para sua formação universitária, a qual implica, como veremos mais adiante nesta pesquisa, maior distanciamento do leitor em relação à obra, atento à forma e desinteressado do conteúdo (“historieta”), sem jamais confundir o “real” com “o ficcional” de uma obra literária.

Além disso, leitores cuja formação cultural se deu a partir de experiências sociais engendradas por itinerários escolares, familiares, afetivos e profissionais que os levaram a construir uma relação (ou relações?) com a leitura (e com a cultura) que os conduz a investir em modos de ler distanciados de uma leitura legítima, tendem a rejeitar “as preferências legítimas de seus professores”. É o que acontece com Amélia, por exemplo, em relação à

indicação das obras *Casa de Pensão* (Aluísio de Azevedo) e *A Morte de Ivan Ilitch* (Tolstói), cuja leitura ela declara ter interrompido, no primeiro caso, por falta de “interesse de continuar lendo” e, no segundo, por se tratar de um livro, em sua opinião, “muito chato”, “muito parado” e de linguagem “um pouco estranha”.

Portanto, ao exigir que todos os estudantes, independentemente das experiências previamente incorporadas e das disposições adquiridas, passem de uma condição de “leitores leigos”, exteriores às implicações do campo literário, simples consumidores e espectadores” à condição de “leitores profissionais, como agentes tomados nas lutas de concorrência do campo” (LAHIRE, 2002:93), o curso de Letras oferece uma formação desigual a esses diferentes estudantes: poucos (ou raros) graduandos terão adquirido as condições necessárias à continuidade de seu processo de formação, ingressando em um curso de pós-graduação visando, por exemplo, melhores chances no mercado de trabalho. Outros estudantes, porém, não terão os benefícios econômicos, sociais e culturais proporcionados por uma escolarização de longa duração, engrossando ainda mais as fileiras das ocupações menos prestigiosas e rentáveis como, por exemplo, a dos professores da educação básica da escola pública brasileira.

Esses diferentes destinos apontam para a existência de uma estreita relação entre a hierarquia das ocupações no mercado de trabalho e a formação profissional desigual no curso de Letras, a qual nos leva a refletir sobre as relações de estudantes com a leitura, pois, ao que tudo indica, o “amor” ou a “aversão” pelas obras consagradas desempenham papel relevante no contexto da formação acadêmica desses estudantes. É nesse sentido que:

O repúdio ou o estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos. (ABREU, 2007:15)

1.1.2 Leitura, leitores e capital cultural

A leitura literária legítima, dirigida a um público dotado da competência específica capaz de assegurar o reconhecimento que confere o valor à obra legítima, somente pode ser realizada plenamente por indivíduos pertencentes às classes sociais mais elevadas, nas quais “o estilo, o bom-gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a ‘cultura’ (...) dessa classe” (BOURDIEU, 2010:55).

A aquisição dessa competência específica ou capital literário está subordinada a uma longa e precoce familiarização com o livro e com a leitura. Por isso, os leitores das classes menos favorecidas, que não dispõem de meios que lhes possibilitem herdar tanto os bens culturais legítimos quanto a forma legítima de se apropriarem deles, acabam investindo em práticas de leitura distanciadas daquelas que poderiam ser convertidas em lucro simbólico no campo universitário. Raramente detentores de cabedal cultural e escolar, esses leitores pertencentes aos meios populares “quase não procuram uma atividade solitária que os afaste de suas redes sociais, salvo se a leitura for uma ocasião de troca” (HORELLOU-LAFARGE & SEGRÉ, 2010: 114).

Desse modo, as características de diferentes grupos sociais como gostar ou não de uma atividade solitária ou, ainda, preferir atividades esportivas em seu tempo livre, seriam responsáveis pelas distinções entre os grupos. Nesse sentido, os gostos funcionariam como “marcadores privilegiados da classe” (BOURDIEU, 2008).

É baseando-nos na distinção estabelecida por Bourdieu (2008:35-36) entre os três universos de gostos (legítimo, médio e popular) ou na dicotomia entre “o gosto puro” e “o gosto bárbaro”, bem como na associação desses universos de gostos com as características de produtores e de consumidores pertencentes a diferentes classes sociais, que podemos nos referir à existência de uma estética popular que, por se basear na afirmação da continuidade da arte e da vida, implica na subordinação da forma à função, ou seja, na recusa do corte radical entre as disposições comuns e a disposição propriamente estética, resultando em certa hostilidade das classes populares e das frações menos ricas em capital cultural das classes médias em relação a qualquer espécie de experimentação formal da obra de arte.

No campo literário, essa hostilidade se manifesta, por exemplo, nas disposições de certos leitores para concentrar seu interesse antes na “historieta” do que no estilo de um livro literário, levando-os a rejeitar obras que rompam com a narrativa linear, caso de alguns romances modernos, por exemplo.

Esse suposto distanciamento estético dos indivíduos das classes menos favorecidas social e culturalmente, baseado em uma forma de investimento emocional na obra de arte, se manifesta em disposições como o desejo do leitor ou espectador “de entrar na representação, identificando-se com as alegrias ou sofrimentos dos personagens, interessando-se por seu destino, desposando suas esperanças e causas, suas boas causas, vivendo sua vida” (BOURDIEU, 2008a: 36) e os levaria a se afastar ou até mesmo romper com práticas de leitura literária mais legítima.

Assim, enquanto nas classes dominantes a herança cultural garantiria ao indivíduo a sanção escolar de uma leitura legítima, porque próxima ao seu *ethos* de classe, resultado de suas inclinações em validar as práticas de leitura literária de um curso como o de Letras, nas classes dominadas e em frações das classes médias as relações poderiam consistir em: (i) recusar a leitura literária; (ii) afirmar modos de ler distintos; (iii) manifestar boa vontade cultural para a apropriação das práticas legítimas. O vínculo entre esta última postura e o pequeno volume de capital cultural das classes menos favorecidas é enfatizado por Bourdieu (2008:300) ao afirmar que:

Qualquer relação com a cultura da pequena burguesia pode se deduzir, de algum modo, da diferença, bastante marcante, entre conhecimento e reconhecimento, princípio da *boa vontade cultural* que assume formas diferentes segundo o grau de familiaridade com a cultura legítima, ou seja, segundo a origem social e o modo de aquisição da cultura que é seu correlato.

Esse vínculo pode ser exemplificado por alguns dos resultados⁶ encontrados na primeira etapa de nossa pesquisa: 68% dos pesquisados pertencentes a famílias de capital cultural médio manifestam preferência por gêneros literários de prestígio. Esse índice parece representativo da “boa vontade cultural” desses estudantes na medida em que contrasta com a preferência por gêneros menores que registra um percentual bem inferior (10%) nesse mesmo grupo de pesquisados. Visto que as respostas foram dadas com base em uma lista contendo várias indicações de gêneros literários classificados de acordo com a maior ou menor legitimidade atribuída a eles pelas instituições autorizadas a realizar esses julgamentos, a opção pela literatura clássica, ao significar a adesão desses estudantes menos capitalizados à literatura clássica, representa indício da boa vontade cultural desse grupo de pesquisados.

1.1.3 A relevância do capital literário no curso de Letras

De acordo com a abordagem bourdieusiana, na qual se baseia principalmente nossa pesquisa, é a disposição objetivamente exigida pelo consumo legítimo das obras legítimas que distingue verdadeiramente as diferentes classes, é ela que distingue os leitores. É ela também que constitui a medida do capital específico do campo literário e acadêmico. No curso de Letras, é esse capital específico que se precisa dominar (LAHIRE, 2006:483). O que prevalece e se distingue nesse curso é o capital específico ao campo literário (e acadêmico), o

⁶ Resultados baseados na questão de número 62 do questionário de pesquisa (Anexo1).

qual compreende um *habitus* literário propriamente dito e *habitus* escolástico do comentário dos *lectores*.

Mesmo que entre os leitores leigos a leitura tenha deixado de ser enquanto tal uma prática distintiva (HORELLOU-LAFARGE & SECRÉ, 2010:122) e que de modo geral possamos considerar “o gosto pelas ‘histórias verdadeiras’, ‘reais’, ‘pé no chão’, ou pelo menos escritas como se fossem verdadeiras ou reais”, como um “gosto relativamente universal entre os leigos (mesmo que ele não se expresse dessa forma em todos os meios sociais)” (LAHIRE, 2002:94), é a leitura estritamente estética que está em jogo para os estudantes de Letras.

Assim, numa dimensão temos um curso cujo sucesso depende da apropriação pelo estudante de um capital específico, o capital literário; noutra, temos estudantes pertencentes a grupos sociais diferenciados nos quais a incorporação desse capital ocorreu de maneira bastante desigual, engendrando disposições individuais, culturais e sociais bastante heterogêneas que se manifestam no percurso acadêmico deles.

Nesse sentido, a apropriação diferenciada do capital cultural que, juntamente com outros fatores, engendra essa diversificação, torna-se ainda mais decisiva entre os graduandos, na medida em que, nesse curso, o sucesso nos estudos literários está diretamente relacionado com os maiores rendimentos no mercado de bens simbólicos e inerentemente com maior prestígio na ocupação docente. Como demonstram Silva e Batista (2011), pelo fato de dependerem de competências mais raras, as disciplinas literárias são as mais capazes de trazer benefícios simbólicos aos estudantes, razão pela qual, segundo os dados de sua pesquisa, são aqueles estudantes de Letras mais capitalizados culturalmente que direcionam seus investimentos para a área de literatura.

Nesse contexto em que a leitura literária é também a leitura do estudante de Letras, futuro professor ou mediador da leitura de obras literárias, podemos formular algumas questões. De que maneira graduandos de diferentes origens sociais se relacionam com as leituras do curso de Letras? Qual a relevância de outras variáveis como gênero sexual e faixa etária na relação que os estudantes estabelecem com as leituras do curso? Como reagem esses graduandos frente às leituras de obras à luz de convenções e protocolos da instituição social denominada literatura?

Baseando-se no estudo de Bourdieu sobre as estratégias educativas e escolares das diferentes frações das classes médias francesas, Nogueira (1997:110) nos fornece elementos para aprofundarmos o conhecimento das relações entre os estudantes e a cultura. A autora retoma relações das classes médias com a cultura, destacando a distinção entre “convertidos”

e “oblatos”, ou seja, grupos pertencentes à pequena burguesia que, embora se diferenciem pela sua origem social, “não se distinguem com muita nitidez no plano de suas estratégias escolares, a saber: os convertidos, produtos da instituição escolar; e os oblatos, que nela depositam todas as suas expectativas de ascensão social”.

Segundo a pesquisadora, os convertidos, mais ricos em capital cultural, tendem a adotar estratégias de transmissão doméstica e precoce do capital cultural cujos efeitos seriam percebidos como aptidões naturais, enquanto os oblatos, dotados de um capital escolar mais limitado e mais recente, tenderiam a manter uma relação escolar esforçada, não natural, com a cultura.

Nessa perspectiva, os graduandos que possuem uma relação mais descontraída com a leitura literária tenderão, podemos supor, a realizar estratégias mais autônomas de leitura, ao contrário dos alunos que tiverem uma relação mais tensa com essa prática, os quais tenderão a buscar estratégias como, por exemplo, recorrer a indicações de obras validadas pela crítica literária, utilizar o estudo de resenhas críticas de livros publicadas em revistas especializadas ou, até mesmo, propor modos de ler distintos daqueles previstos pelos protocolos e convenções literárias, à maneira do leitor comum que, conforme afirma Todorov (2009:77), “continua a procurar nas obras que lê aquilo que dá sentido à sua vida...”.

Essa correlação entre estudantes com capital cultural mais alto e utilização de estratégias de leitura mais autônomas pode ser exemplificada através da fala de uma de nossas pesquisadas ao comentar a leitura do livro *Morte em Veneza* (Thomas Mann), para a realização de um trabalho final, demandado pela professora de Teoria I: “[...] eu não sei como é que eu fazia não, assim, eu ia, eu não estava muito preocupada na verdade com o que o professor ia achar não, eu estava mais preocupada com o que eu estava pensando do negócio.” (Alice, 22 anos, pai e mãe com curso superior completo nas áreas de Contabilidade e Estética, respectivamente).

Diferentemente, a fala de Euclides (32 anos, pai com primário incompleto e mãe com primário completo) é bastante representativa da correlação entre estudantes com baixo capital cultural e uma relação esforçada com a cultura (e a leitura). Ao comentar sobre suas estratégias para ter domínio do texto literário, Euclides afirma “procurar na *Internet* comentários sobre filmes e livros [...] informações sobre o autor, sobre o contexto, sobre o livro, sobre as formas em que ele foi publicado, o que inspirou o autor a compor aquele livro, acho que *Internet* eu uso muito”.

Embora essas considerações acerca do capital cultural e dos modos como este é apropriado pelas diferentes classes, definindo as relações que os agentes mantêm com a

cultura legítima, sejam o ponto de partida de nossas análises acerca das relações dos graduandos com a leitura literária, nossa pesquisa não se restringe a essas correlações, à medida que aprofunda os fatores explicativos em que se baseiam nossas análises.

Portanto, dada a importância da cultura literária dos estudantes (suas preferências e conhecimentos) para a apropriação do capital literário que constitui uma das principais bases do curso de Letras e da identidade dos docentes de Língua Portuguesa, uma das propostas de nossa pesquisa é examinar a distribuição desse capital em uma amostra de graduandos desse curso tendo em vista o capital cultural herdado e outras propriedades sociais relevantes (gênero sexual e faixa etária, por exemplo) da construção desse capital.

1.1.4 Considerações sobre o perfil social dos estudantes recrutados pelos cursos de Letras

Concebida por Bourdieu (2010:56) como instituição escolar encarregada de perpetuar e transmitir o saber erudito conferido aos herdeiros da cultura legítima da qual a linguagem constitui “a parte mais inatingível e a mais atuante da herança cultural”, a universidade recebe atualmente alunos pertencentes a classes sociais distintas, logo, detentores de capital cultural em níveis que podem ou não coincidir com o capital necessário para o sucesso no curso.

No Brasil, as licenciaturas, entre as quais se situa o curso de Letras, estão entre os cursos de menor prestígio social, atraindo geralmente estudantes pertencentes às camadas inferiores da sociedade, cujo perfil condensa elementos que configuram seu baixo capital cultural, conforme demonstra o estudo de Brito (2007:418), onde a autora nos fornece uma síntese das características predominantes dos estudantes de Licenciatura que participaram do ENADE 2005 (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes 2005), destacando, dentre outras: a jornada de trabalho semanal excessiva (de quarenta horas semanais); o conhecimento praticamente nulo em inglês e espanhol; a baixa frequência de leituras voluntárias (de 2 a 5 livros ao ano, excetuando-se os livros escolares) dos graduandos.

A pesquisadora destaca, ainda, em relação à formação geral desses estudantes por área e organização acadêmica da Instituição (Universidade, Centro Universitário, Faculdades Integradas, Faculdades, Escolas e Institutos Superiores e Centros de Educação Tecnológica) que o melhor desempenho de Licenciatura em História, Filosofia, Pedagogia e Letras é dos alunos matriculados nas Universidades.

Mesmo no interior de uma universidade bem reputada como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), verificam-se as hierarquias com maior prestígio dos cursos de

Medicina, Direito, Odontologia, Economia, Veterinária e alguns ramos da Engenharia do que os cursos de licenciaturas. De acordo com a pesquisa realizada por Braga e Peixoto (2006:70):

Cursos de baixo prestígio social, como os de licenciatura e a grande maioria dos cursos noturnos, admitem um alunado que pode ser classificado como de classe média baixa, com renda familiar média inferior a 10 SM, sendo mais de 2/3 egressos da rede pública do Ensino Médio, mais de 1/3 se declara negro e cerca da metade trabalha.

Há poucos dados disponíveis, no momento, sobre as características específicas do perfil social dos estudantes recrutados pelo curso de Letras no Brasil. De acordo, porém, com o mesmo estudo de Braga e Peixoto (2006), no caso da UFMG, esse recrutamento parece se dar tanto nas frações inferiores e superiores das classes médias, especialmente no turno diurno, quanto nas frações superiores das classes populares, especialmente no curso noturno. Conseqüentemente, é possível supor que o processo de formação leitora será vivenciado de modos distintos pelos graduandos, sendo que os mais familiarizados com o universo literário terão mais possibilidades de êxito, enquanto os mais distanciados desse universo buscarão formas de ajustar sua pouca ou nenhuma familiaridade às expectativas do curso.

É tendo em vista esses elementos mais gerais que nos propusemos aqui a realizar uma reflexão acerca dos fatores que influenciam as práticas de leitura literária dos estudantes de Letras. Diversas pesquisas mostram que os indivíduos menos capitalizados tendem a adquirir um “reconhecimento sem conhecimento” da cultura literária, interiorizando um sentimento de “blefe cultural” e desenvolvendo uma relação dominada, tensa e pouco autônoma com essa cultura, vista como um ideal inatingível (BATISTA, 2004 e 2007).

Pesquisas, porém, evidenciam também que outras propriedades sociais, como gênero, assim como processos e condições sociais organizados em torno das relações entre famílias e educação são determinantes seja na formação de leitores (GARBE, 1994), seja na longevidade escolar de indivíduos de meios populares (VIANA, 2009).

Há estudos em desenvolvimento que buscam extrapolar a constatação dos efeitos desiguais da formação universitária, concentrando-se na análise das estratégias que os agentes de grupos sociais desfavorecidos desenvolvem para a aquisição das diferentes espécies de capital cultural envolvidos nessa formação, de modo a agregar valor ao diploma (BATISTA, 2008, 2010).

Assim, cabe indagar: que estratégias e esforços os estudantes realizam para ajustar suas condutas aos ideais organizados em torno do campo acadêmico e literário? Que relações

estabelecem com o cânone literário e com as formas legítimas de sua recepção? Que disposições e competências desenvolvem nesse processo? Como leem os textos em suas práticas de leitura?

A reflexão realizada até aqui sobre essas experiências nos permite constatar que as práticas de leitura literária, ao exigirem do leitor certa familiaridade com um universo de significação baseado no próprio texto literário, em suas propriedades formais e em suas relações com todo um universo textual, afastam de si os leitores comuns, cujas leituras são geralmente ancoradas no próprio contexto da obra e do leitor, conforme observa Coulangeon (2005).

Portanto, a intenção de basear nosso estudo das relações dos estudantes de Letras nas suas apropriações da leitura literária, de preferência a outras práticas de leitura, fundamenta-se em nossa constatação de que há um afastamento entre as práticas de leitura dos leitores comuns e as validadas pela instituição denominada literatura.

Se a leitura, “por um lado, é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros”; por outro lado, ela postula um leitor que é sempre “pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada” (CHARTIER, 1990:123). Decorre daí uma tensão entre “a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la”. Essa tensão torna-se mais intensa no caso dos estudantes de Letras em decorrência da função mediadora entre graduandos e leitura literária atribuída à instituição universitária.

Tendo em vista que o sucesso ou o fracasso dessa mediação dependerá do volume de capital literário incorporado dos alunos, de suas relações com a cultura que podem ou não responder às exigências objetivamente inscritas nos textos e na instituição, e que a extração social de parte importante dos graduandos em Letras permite supor que possuam um baixo capital literário, um dos interesses deste estudo consiste na apreensão das relações que esses graduandos estabelecem com a leitura legítima, reveladas por meio de testemunhos de suas leituras efetivas e de seu processo de formação.

Portanto, o papel da universidade como mediadora das leituras literárias consideradas válidas no universo acadêmico e a assimetria entre o capital literário exigido na realização de leituras especializadas e a distribuição desigual de capital cultural dos alunos em face das configurações do curso justificam nosso estudo das relações dos graduandos em Letras com a leitura, na medida em que esses fatores os submetem a uma tensão maior do que aquela que se verifica nos leitores comuns.

Além disso, a seleção de graduandos em Letras como sujeitos de nossa pesquisa, ao confrontar leitores reais com as relações de poder exercidas nos campos acadêmico e literário, pode, a nosso ver, contribuir para o avanço das discussões acerca da lutas travadas nesses campos em torno da imposição (ou da manutenção) de uma definição da literatura legítima.

1.1.5 Relações entre processos de formação literária dos estudantes e leitura literária

Nossa opção por pesquisar os estudantes de Letras decorre concomitantemente de dois motivos.

O primeiro diz respeito ao fato de esses sujeitos empíricos nos fornecerem respostas de leitores reais sobre o que leem e a maneira como realizam suas leituras, ao contrário do que ocorre nas pesquisas que se valem de modelos baseados em destinatários idealizados. Estes últimos, a nosso ver, embora forneçam pistas de leitores visados, são insuficientes para sustentar descrições de leituras diversificadas, além de não nos possibilitarem a identificação de indicadores de maneiras como as pessoas se apropriam efetivamente de suas leituras.

O segundo motivo se coaduna com o primeiro em virtude da condição específica em que os estudantes se encontram diante das exigências do curso de Letras, o qual se caracteriza por visar à formação de leitores profissionais. Dessa maneira, os estudantes do curso de Letras são considerados um tipo especial de receptores de obras literárias pelo fato de suas leituras estarem mais diretamente submetidas ao controle imposto pelos agentes autorizados e instituições envolvidas em sua formação leitora, acadêmica e profissional.

Assim, ao “inculcar” ou “fortalecer” nos estudantes a crença na superioridade da leitura canônica, o processo de formação leitora no curso de Letras confronta os alunos com práticas da literatura legítima. Trata-se aqui da legitimidade no sentido weberiano de “crença na ‘conformidade à lei’” (WEBER, 1999:157-526), do reconhecimento da norma difundida entre os indivíduos de uma sociedade, cujo efeito é impor e manter a dominação, independentemente das razões que levam os dominados a aceitarem os privilégios concedidos aos dominantes na ordem social estabelecida. No caso do campo literário, a legitimidade se exerce com base na lei específica desse campo que permite distinguir de toda a produção literária, a partir de um conjunto de regras válidas na produção e recepção literárias, alguns textos e modos de ler como sendo representativos da alta literatura. Provavelmente, é essa crença na legitimidade do cânone que faz com que estudantes como Alencar, um de nossos pesquisados, deprecie sua maneira de ler anterior ao curso de Letras:

[...] Foi no curso de Letras que eu entendi porque, porque assim, em minha opinião, quando você lê o *Harry Potter*, você está lendo um entretenimento ali, gostoso, legal e tal, mas ele não traz questões mesmo humanas assim, o *Harry Potter* nunca está em dúvida se ele é do bem ou do mal, é o Elfo lá do Senhor dos Anéis, nunca está em dúvida se ele é do bem ou do mal, agora Raskólnikov lá do *Crime e Castigo*, lá o tempo inteiro faz maldade, faz bondade e fica aquela coisa... e tem aquela idoneidade humana, é esse tipo de literatura que eu acho que curso estuda que é interessante, essa porção mesmo do ser humano, isso que eu vi a diferença...” (Alencar, 25 anos, pai com curso superior incompleto na área engenharia civil e mãe graduada em Psicologia e pós-graduada na área de Educação)

Essa mesma crença faz com que alguns estudantes rejeitem o modo de ler acadêmico, como o faz Alice, outra aluna pertencente ao grupo pesquisado por nós, quando compara sua maneira atual de ler e o modo como lia “antes da Letras me estragar”:

[...] Às vezes a história não prendia, mas eu sabia que o cara tinha sido valioso para aquele período literário, para aquela escola e etc. Então eu acho que isso realmente tirou o prazer de ler [...] porque eu tento pegar sempre um livro que tenha qualidade e que a história me prenda, então às vezes é uma busca meio difícil. Tento pegar livros que são clássicos, que são já consagrados, mas que a história me prenda por causa de alguma coisa, porque não adianta eu pegar um *Guimarães Rosa* pra ler porque eu não vou gostar. Não adianta eu pegar poesia pra ler porque, por mais que poesia seja uma coisa válida, seja legal, a poesia não tem aquela história. Eu quero saber de história, eu quero saber dos épicos, eu quero saber de outras coisas. Então aí eu já vou pra algum outro caminho assim, o que eu quero ler? (Alice, 22 anos, pai e mãe com curso superior completo nas áreas de Contabilidade e Estética, respectivamente).

Assim, diante das fronteiras entre um alunado destituído das condições que facilitam acesso à apropriação do capital literário e de uma pequena, talvez ínfima, parcela de graduandos, cujas condições são mais propícias à constituição de disposições adequadas à certificação que recebem ao final do curso, é possível supor que as relações dos graduandos com a literatura constituem uma dimensão da própria relação que eles estabelecem com o diploma.

Nesse sentido, a “*noblesse oblige*” que “determina que os detentores de um certo título escolar, que funciona como título de nobreza, realizem as práticas (...) inscritas em sua definição social, (...) em sua ‘essência social’”(BOURDIEU, 2003:177) permitiu-nos formular a hipótese de que, por meio desse efeito de atribuição estatutária, os graduandos em Letras buscam se adequar ao ideal tácito do diploma do curso, fortemente apoiado numa relação desinteressada com a cultura e com a literatura. Essa busca, por sua vez, demandaria esforços por parte dos estudantes para aquisição da relação legítima com as obras literárias valorizadas no curso.

Essa hipótese nos incitou a investigar as práticas de leitura efetivas desses graduandos, partindo do seguinte questionamento: em que medida as interações entre as leituras

apreendidas e dados relativos às posições dos estudantes no espaço social, além de fatores como gênero, idade, disposições prévias em relação ao curso e à escola, à leitura e à cultura influenciam na utilização (ou não) das estratégias que visam à adequação ao modelo de leitura do curso, nos investimentos ou (des) investimentos no modelo oficial de leitura literária?

Tal adequação exige, para além das preferências legítimas e de modos de ler também legítimos, uma produção escrita a partir dessas práticas de leitura em conformidade com as regras da “produção ou escrita literária”. Essa, por sua vez, diz respeito à aquisição das competências de um “*lector*” com a finalidade de demonstrar conhecimento ao falar das obras de um “*auctor*”.

Considerando a oposição medieval entre *auctor* e *lector*, retomada por Bourdieu (1996:232), que define o primeiro como “aquele que produz, ele próprio, e cuja produção é autorizada pela *auctoritas*, a de *auctor*, o filho de suas obras, célebre por suas obras” e o segundo, o *lector*, como “alguém cuja produção consiste em falar das obras dos outros”, a separação entre os produtores de discursos novos (*auctores*) e os comentadores de discursos estabelecidos (*lectores*) torna-se relevante neste estudo pelo fato de nos centrarmos sobre as condições sociais de produção do leitor profissional, levando em conta alguns questionamentos que, ainda de acordo com Bourdieu (2009:135), devemos nos fazer acerca dos modos “como são produzidos os *lectores*, como são selecionados, como são formados, em que escolas, etc.”.

Os pressupostos de tal abordagem favorecem uma visão ampliada das relações do leitor, de um lado, com a leitura legítima associada à sua formação profissional, e, de outro, com suas práticas de leitura cotidianas, estejam elas desde muito familiarizadas com convenções e protocolos da literatura, ou sejam elas a expressão de uma “recém-conversão” à literatura legítima.

Nessa perspectiva, os estudantes devem se tornar *lectores*, cujas leituras serão reveladas por meio de seus comentários acerca das obras canônicas indicadas pelos professores do curso (também *lectores* que tendem a produzir um discurso crítico sobre as obras). Logo, essa leitura universitária, por meio de um jogo de reinterpretações realizadas pelos *lectores*, contribui para a manutenção da crença no valor da literatura legítima.

Nesse contexto, os leitores, na condição de estudantes de Letras, são confrontados com práticas de leitura literária e de escrita (comentários) conforme as expectativas do curso. Porém, a maior facilidade ou a dificuldade na realização dessas práticas decorre, entre outros fatores, de sua formação cultural anterior ao curso.

A leitura (e os mecanismos de legitimação que agem a partir de sanções ao longo do percurso escolar dos alunos por meio de elogios a uma “boa” interpretação e reprimendas ao que se considera uma “má” interpretação) constitui o foco principal durante os anos de escolaridade, assim como ocorre com os modos de ler que vão se alterando na medida em que os estudantes permanecem na escola e seu nível de escolaridade se eleva.

Assim, o efeito desses mecanismos tende a se acentuar no grau mais elevado da trajetória escolar. Por isso, parece-nos instigante estudar a graduação em Letras, por ser esse um nível de ensino em que se exige dos alunos a realização de práticas de leitura (e de escrita) situadas no topo da hierarquia da leitura literária e do conhecimento das obras legítimas; ou seja, no ponto em que os alunos ascendem ao estatuto de leitores (e comentadores) profissionais. Nesse estágio final, os alunos costumam se ver como leitores mais críticos, tendendo a desqualificar características de sua leitura anterior ao curso.

Essa perspectiva da leitura literária como produto do processo educativo possibilita apreender disposições e inclinações dos graduandos em face dela, considerando dois momentos do processo de sua realização: um relativo às práticas de leitura não diretamente controladas pelo curso e outro relativo às controladas por ele. Em ambos os casos, as relações dos leitores com os códigos eruditos dependem em regra de leis de transmissão de um capital linguístico, o qual constitui, nas palavras de Bourdieu (2008:49), “um caso particular das leis de transmissão legítima do capital cultural entre as gerações”, estando por isso submetido “a formas diferentes da combinação entre os dois principais fatores de produção da competência legítima, a família e o sistema escolar”.

Portanto, na lógica da sociologia bourdieusiana, que destaca a aquisição precoce do capital cultural como forma privilegiada de sua apropriação pelos “herdeiros” da cultura legítima (BOURDIEU, 2008:214), os graduandos em Letras cuja apropriação de capital literário tenha ocorrido de modo precoce, inconsciente, sem esforço, tenderiam a apresentar uma relação mais desenvolvida com a literatura legítima estando, assim, mais aptos a realizar comentários baseados em obras literárias, inclusive as obras em vias de legitimação, distanciadas da cultura escolar (por exemplo, obras cujo processo de canonização não esteja totalmente formalizado).

1.1.6 Disposições e perfis de leitores

A distinção entre um leitor familiarizado com convenções e protocolos de leitura que “literarizam” um texto e, por isso, é capaz de interpretações em conformidade com as

expectativas da instituição literária; e um outro, nada ou pouco familiarizado com essas convenções, e por isso, propenso (apenas sob o ponto de vista da instituição literária) a uma interpretação “ingênua”, supostamente menos complexa, porque dialogaria mera e preponderantemente com suas experiências emocionais (LAJOLO:2005), corresponde à distância entre um leitor iniciado, detentor de maior capital literário para realizar as leituras do curso, e um leitor comum, dotado de pouco capital literário.

Essa posse desigual de capital literário estabelece um contraste entre os leitores por herança, mais aptos à realização das práticas de leitura mais valorizadas no curso, e os não-herdeiros, leitores com maiores dificuldades de corresponder às expectativas das leituras visadas nele.

Embora a maioria dos estudantes de nossa amostra pertença a esse último grupo, o qual se encontra diante dos impasses ou conflitos gerados pela necessidade de realização das leituras literárias oficiais, nossas análises detectaram algumas “variações individuais” das disposições de leitura desses sujeitos (LAHIRE, 2004) que nos incitaram a considerar os casos em que os graduandos supostamente despossuídos se mostraram mais familiarizados com tais leituras, bem como os casos em que supostos herdeiros de capital literário mantiveram alguma preferência por literatura menos prestigiada socialmente.

Assim, foram considerados nas análises dados concernentes às relações entre as posições dos estudantes no espaço social e fatores como gênero, idade, disposições em relação ao curso e à escola, à leitura e à cultura, além das interações com as leituras apreendidas pelos graduandos, entendidos como sujeitos motivados por experiências e representações prévias de práticas de leitura literária distanciadas dos modelos oficiais, habituados a um modo de ler próprio da maioria dos leitores comuns, ou seja, os leitores não profissionais que tendem a ancorar suas leituras “menos no texto mesmo que no eco que ele reflete da experiência vivida do leitor, de seu ambiente” (COULANGEON, 2005: 54-55).⁷

Nessa direção, salientamos o contexto em que os graduandos são confrontados com modos de ler valorizados pela instituição escolar que, de modo geral, estabelece o primado da forma sobre o conteúdo, de maneira particular na universidade, onde “a leitura é vivenciada pelo leitor como um fim em si, ajustada sobre critérios de avaliação do texto em relação às

⁷ A expressão original é “moins dans le texte lui-même que dans l’écho qu’elle renvoie de l’expérience vécue du lecteur, de son environnement.” (Ver : Coulangeon, 2005:54-55).

suas propriedades literárias, às características do autor ou da história literária” (COULANGEON, 2005: 54-55)⁸.

Porém, de acordo com o ponto de vista adotado em nossa pesquisa, um livro não pode ser por si só considerado literário, estando essa classificação submetida às relações de força que organizam o campo literário e à leitura realizada por um leitor que, a seu turno, deve ser entendido como um indivíduo dependente de várias relações sociais que condicionam e determinam seus modos de ler, perceber os textos e até mesmo as apreciações que faz de suas leituras e de leituras alheias.

Nesse sentido, Coulangeon (2005:52) afirma:

A análise empírica de práticas de leitura revela assim leitores concretos que investem na leitura de textos, incluindo-se aí textos consagrados da literatura clássica, expectativas e disposições heterogêneas, às vezes bem distantes daqueles que postulam as leituras eruditas. Em particular, a leitura concreta é mais frequentemente desprovida de um projeto intelectual do conhecimento sistemático de um autor, de um período, ou de um estilo determinado⁹. (Tradução nossa).

Desse modo, ao propormos classificações dos gêneros literários, das obras e dos autores citados por nossos pesquisados, estamos considerando o contexto da crítica literária brasileira (e estrangeira), os imperativos das instituições escolares, das faculdades de Letras e dos demais agentes sociais encarregados da construção daquilo que se pode denominar “alta literatura”, “literatura clássica” ou “literatura legítima”.

Em nossa tentativa de caracterizar os pesquisados, partimos também de dois modelos culturais de leitura: o erudito, ou o modelo realizado por leitores cujas disposições culturais estão mais próximas dos textos consagrados da literatura legítima; o comum, realizado por leitores cujas disposições se distanciam das competências culturais requeridas pelo modelo oficial de leitura, ou seja, aquele imposto pelas instituições reconhecidas e autorizadas para legitimar tanto obras literárias como a maneira “correta” de lê-las. Conforme explica Coulangeon (2005:54):

A caracterização de modos de recepção se faz geralmente sobre uma escala que vai das leituras ‘internas’, auto-referenciadas e indexadas principalmente sobre o

⁸ O fragmento original é “la lecture est vécue par le lecteur comme une fin en soi, ajustée sur des critères d’évaluation du texte en référence à ses propriétés littéraires, aux caractéristiques de l’auteur ou à l’histoire littéraire.” (Ver : Coulangeon, 2005:54-55).

⁹ O trecho original é “L’analyse empirique des pratiques de lecture revele ainsi des lecteurs concrets qui important dans la lecture des textes, y compris des textes consacrés de la littérature classique, des attentes et des dispositions hétérogènes, parfois très éloignées de celles que postulent les lectures savantes. En particulier, la lecture concrète est le plus souvent dépourvre d’un projet intellectuel de connaissance systématique d’un auteur, d’une période, ou d’un style determine.” (Ver :Coulangeon, 2005 : 52).

próprio texto e sobre suas propriedades formais, às leituras ‘externas’, mais sensíveis ao contexto da obra e do leitor¹⁰. (Tradução nossa).

Coulangeon (2005:54-55), valendo-se da oposição bourdieusiana entre disposições estéticas e disposições éticas, afirma que essa distinção entre leituras internas e leituras externas:

[...] constitui assim um princípio de diferenciação social de práticas da leitura: leituras eruditas e cultivadas de um lado, leituras populares do outro. No primeiro caso, a leitura é vivenciada pelo leitor como um fim em si, ajustada sobre critérios de avaliação do texto em referência a suas propriedades literárias, às características do autor ou da história literária. No segundo, o ponto de ancoragem da leitura é menos no texto ele próprio que no eco que ele reflete da experiência vivida do leitor, de seu ambiente¹¹. (Tradução nossa).

Baseando-nos nesses modelos de variações de práticas de leitura, denominamos como leituras oficiais as leituras internas do conjunto de obras eleitas pela comunidade interpretativa oficial,¹² em oposição às leituras divergentes ou desviadas, considerando o contexto de exigência da “leitura-referência” ou “leitura estilística” que “caracteriza essencialmente os leitores profissionais; os leitores produtores e, particularmente, os que (...) colocam sociologicamente o estilo antes de qualquer coisa”. Para esses “leitores-críticos ‘pouco importa a história, contanto que haja estilo’” (LAHIRE: 2002:93).

¹⁰ O trecho original é “La caractérisation des modes de réception s’effectue généralement sur une échelle qui va des lectures ‘internes’, autoréférencées et indexées principalement sur le texte lui-même et sur ses propriétés formelles, aux lectures ‘externes’, plus sensibles au contexte de l’oeuvre et du lecteur.” (Ver :Coulangeon, 2005 : 54).

¹¹ O trecho original é “constitue aussi un principe de différenciation sociale des pratiques de la lecture: lectures savantes et cultivées d’un côté, lectures populaires de l’autre. Dans Le premier cas, la lecture est vécue par le lecteur comme une fin en soi, ajustée sur des critères d’évaluation du texte en référence à ses propriétés littéraires, aux caractéristiques de l’auteur ou à l’histoire littéraire. Dans le second, le point d’ancrage de la lecture est moins dans le texte lui-même que dans l’écho qu’elle renvoie de l’expérience vécue du lecteur, de son environnement.” (Ver :Coulangeon, 2005 : 54-55).

¹² A noção de “comunidade interpretativa oficial”, desenvolvida por Fish (1995), é utilizada por Lajolo (2005:95) para se referir aos membros de uma comunidade que partilha determinadas regras não escritas do jogo literário, do qual eles próprios fazem parte. A autora compara a atualização fonética, morfológica, sintática e semântica da língua, a qual se realiza por diferentes práticas em diferentes situações e entre diferentes segmentos da comunidade à atualização das práticas de leitura literária. Segundo Lajolo (2005:95) “à norma culta da língua, às suas modalidades dominantes corresponderiam os horizontes de expectativa responsáveis pelas e derivados das práticas de leitura literárias da comunidade interpretativa ‘oficial’”. Esta comunidade formada por indivíduos ligados direta ou indiretamente às instituições (dos cursos às Academias de Letras) constrói “o discurso modelar em que se fala da literatura”, sendo que é desse discurso que “derivam as convenções que, por mais naturalizadas que pareçam e por mais contraditórias que sejam entre si, balizam o campo semântico no qual se constrói a linguagem com a qual fala quem fala de literatura”. Na perspectiva da autora “a outros discursos, não cultos, porém perfeitamente eficientes em diferentes situações e relações autor/leitor entre os quais eles ocorrem, correspondem outros horizontes de expectativa que configuram, por sua vez, práticas de leitura literária divergente, que a comunidade interpretativa ‘oficial’ considera sublitteratura, literatura popular, literatura infantil, literatura de massa etc.”

Portanto, as práticas de leitura dos estudantes foram descritas e analisadas com base nos dois modelos de leituras: (i) oficiais ou profissionais, modelo oficial de apropriação da obra literária decorrente da autonomia do campo literário capaz de impor suas próprias normas, tanto na produção, quanto no consumo dos seus produtos; (ii) comuns, baseadas nos desvios ou nas leituras divergentes dos modelos oficiais. Ademais, as hipóteses explicativas das relações dos leitores com as leituras apreendidas consideraram os princípios de distinção subjacentes às classificações que tornaram possível o estabelecimento desses dois modelos.

1.2 OBJETIVOS E ASPECTOS METODOLÓGICOS

O objetivo geral desta pesquisa, analisar as práticas de leitura de estudantes de Letras e suas variações, se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- apreender as relações dos graduandos em Letras com leitura literária legítima tais como evidenciadas: (i) por suas práticas de leitura não controladas diretamente pela instituição; (ii) por suas práticas de leitura controladas diretamente pela instituição; (iii) por sua visão do processo de formação para a leitura literária a que estão submetidos na universidade (crenças, atitudes, disposições em relação à leitura literária legítima). Entendemos por “relações com leitura” o modo como estudantes, no contato com as formas legítimas de ler literatura, se posicionam em relação ao ideal de leitura literária do curso.

- estabelecer hipóteses explicativas através da análise das relações entre as interações com as leituras apreendidas e dados relativos às posições dos estudantes no espaço social e fatores como gênero, idade, disposições prévias em relação ao curso, à escola, à leitura e à cultura.

Bourdieu defende a liberdade de utilização combinada de métodos e de técnicas originários do conjunto das tradições intelectuais da disciplina e das disciplinas vizinhas desde que o pesquisador adote uma postura de extrema vigilância. Segundo Bourdieu (2007:26):

A pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história.

Coadunando com esse pensamento que flexibiliza a utilização de métodos conjugados de pesquisa e tendo em vista os objetivos de nossos estudos, optamos pela adoção de dois métodos combinados de pesquisa: um de ordem quantitativa e outro de natureza qualitativa: questionário e entrevista, respectivamente.

Construímos um questionário (ANEXO 1) de acordo com as referências da obra de Bourdieu (2008), visando a obtenção de dados que nos permitissem traçar o perfil social, cultural e econômico dos graduandos, o grau de envolvimento deles e de suas famílias em sua escolaridade e formação cultural, especialmente dos aspectos relativos à sua formação como leitores. Os dados socioeconômicos foram confrontados com os resultados da *Pesquisa sobre Padrões de Vida*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PPV/IBGE, 1998), para situar as famílias estudadas no quadro das famílias brasileiras. Além disso, os índices de leitura também foram confrontados com Pesquisas realizadas no contexto brasileiro, como a *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil* (2012:26) que considera “leitor” o pesquisado que “leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos 3 últimos meses” anteriores à pesquisa e “não-leitor” o pesquisado que “não leu nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12”.

Valemo-nos, no primeiro momento desta pesquisa, de uma investigação de caráter exploratório por meio da aplicação de questionário constituído por setenta e oito perguntas agrupadas de acordo com os seguintes eixos temáticos: (i) Perfil socioeconômico e cultural dos graduandos; (ii) Trajetória escolar; (iii) Trajetória no curso de Letras; (iv) Escolha e definição do currículo do curso de Letras (já que o curso frequentado pelos estudantes tem um caráter flexível); (v) Formação como leitor; (vi) Práticas de leitura; (vii) Práticas culturais e estilo de vida desses estudantes.

Para a aplicação desse questionário selecionamos onze turmas do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Foram selecionados pelo fato de estarem cursando disciplinas voltadas para o estágio na Faculdade de Educação ou de Letras no primeiro semestre de 2011: *Análise da Prática e Estágio de Português I*, *Análise da Prática e Estágio de Português II* e *Fundamentos Metodológicos do Ensino de Português*.

Esse critério intencionou a constituição de uma amostra formada por estudantes que já haviam cursado as disciplinas literárias obrigatórias do curso, considerando a possibilidade desses estudantes disporem, nessa etapa do curso, de condições para confrontarem suas preferências literárias com as obras estudadas nessas disciplinas. Esse primeiro momento de nossa pesquisa visou tanto à caracterização desses graduandos quanto ao seu perfil

econômico, cultural e social como à obtenção de dados acerca de suas experiências pessoais de leitura anteriores e concomitantes ao curso.

Os dados coletados por meio do questionário foram sistematizados com o aplicativo *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). As análises preliminares desse material resultaram num estudo exploratório, a partir do qual estabelecemos os seguintes critérios de seleção dos participantes da segunda etapa:

- (i) estudantes do sexo feminino pertencentes a famílias dotadas de capital cultural alto (e pais com ocupações de maior prestígio) e que continuam a manifestar interesse tanto pela literatura de prestígio quanto por uma suposta literatura “menor” (narrativas empáticas ou românticas; *best-sellers*, literatura infanto-juvenil e romances policiais);
- (ii) estudantes do sexo masculino pertencentes a famílias dotadas de capitais culturais diferenciados (médio e baixo) e que fazem grandes investimentos em leitura literária de prestígio (sendo ou não exigida pelo curso: poesia, literatura clássica e contemporânea).

Além desses critérios de seleção, a participação dos entrevistados foi condicionada por dois fatores:

- (i) o primeiro diz respeito ao fato de a seleção ter se baseado no conjunto dos estudantes que responderam ao questionário e concordaram em participar da segunda etapa da pesquisa, respondendo a uma ou mais entrevistas (se necessário).
- (ii) o segundo remete ao fato de esses estudantes terem sido contatados por meio do telefone ou do *e-mail* indicados por eles ao final do questionário (respondido na primeira fase da pesquisa) e terem reiterado a disposição de participar da(s) entrevista(s).

Assim, no segundo momento, empreendemos uma investigação qualitativa, tendo como principal procedimento de coleta de dados a entrevista semi-dirigida ou semi-estruturada (ANEXO 2) a estudantes que foram contatados por meio do telefone ou do *e-mail* e, mediante reiterada disposição em ser entrevistado, acordamos os agendamentos.

Nessas entrevistas, além de aprofundarmos alguns dados já levantados nos questionários, abordamos dados relativos às disposições prévias em relação ao curso e à escola, preferências culturais dos graduandos e de suas famílias, seu gosto literário e de seus familiares, sua trajetória de vida e escolar, as suas leituras espontâneas e as literárias do curso.

Essas entrevistas visaram ao aprofundamento da descrição e análise das práticas de leitura literária dos graduandos; a compreensão dos pontos de vista (crenças, representações, atitudes, disposições em relação a esse processo) dos estudantes acerca do processo de formação para a leitura literária antes de ingressarem no Curso de Letras e na fase final dele, depois de terem cursado as disciplinas literárias obrigatórias.

Além disso, as entrevistas foram relacionadas com os instrumentos anteriores, a fim de enriquecer o repertório e a análise do material coletado, com intuito de apreender nuances das relações dos estudantes de Letras com a leitura literária legítima. O trabalho de articulação desses procedimentos de coleta de dados a fim de cumprir os objetivos da pesquisa foi realizado em uma perspectiva metodológica que a considera como:

[...] um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas. Denota pois uma ideia um tanto delirante e pouco realista da pesquisa que se fique surpreendido por podermos passar tanto tempo a discutir pormenores aparentemente ínfimos – e até insignificantes –, tais como a questão de saber se o pesquisador deve declarar a sua qualidade de sociólogo ou apresentar-se com uma identidade mais aceitável [...] ou antes encobri-la completamente, ou ainda se é melhor incluir uma dada pergunta num questionário destinado à exploração estatística ou reservá-la para a interrogação de informadores, etc. (BOURDIEU, 2007:27)

Embora Bourdieu problematize a questão de ocultação, ou não, da identidade do pesquisador, não nos compete aqui desconsiderar as restrições impostas pelo Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), órgão que regulamenta a pesquisa na UFMG, tendo como uma de suas atribuições:

Avaliar todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos no âmbito da UFMG, inclusive os realizados em cooperação com outras instituições, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa, de modo a garantir e a resguardar a integridade e os direitos dos voluntários dela participantes. (RESOLUÇÃO Nº 27/2007, DE 13 DE DEZEMBRO DE 2007)

Entre as exigências para a aprovação do projeto de pesquisa por esse órgão consta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nele, os participantes da pesquisa devem ser previamente informados acerca do estudo de que estarão participando e de seus direitos como participantes, conforme anexo 3 desta pesquisa.

Planejamos o desdobramento desta pesquisa mediante realização de entrevistas, sendo quinze entrevistados¹³, sete do sexo feminino e oito do sexo masculino. Dessa amostra foram selecionados doze entrevistados para a descrição e análise dos perfis (seis do sexo feminino e seis do sexo masculino) conforme os critérios supracitados e distribuídos em dois grupos.

Em ambos os casos, nossa intenção foi aprofundar o conhecimento acerca desses estudantes, buscando compreender esses novos leitores e os modos como se inserem nessa nova realidade, pois o fato de termos um primeiro grupo formado por estudantes do sexo feminino, oriundas de famílias com maiores recursos culturais, não explicaria por si a diversidade de seu gosto literário, assim como, no segundo grupo, o capital cultural diferenciado dos estudantes do sexo masculino também não seria suficiente para explicar os investimentos desse grupo na literatura de prestígio.

Apesar de nosso planejamento inicial ter previsto a utilização das entrevistas dos quinze pesquisados na construção dos retratos, a revisão dos critérios nos forçou a desistir de três deles. Com base nessa revisão, verificamos que não se encaixavam nos critérios: (i) dois estudantes do sexo masculino pertencentes a famílias dotadas de capital cultural alto, portanto não representativos dos critérios estabelecidos para a segunda etapa deste estudo, que intencionou a constituição de uma amostra composta de indivíduos (no caso do grupo masculino) caracterizados pela diferença em relação aos resultados obtidos na primeira fase (casos não explicáveis por meio dos esquemas interpretativos fornecidos no quadro da sociologia bourdieusiana); (ii) uma estudante do sexo feminino, cuja comparação entre os dados do questionário e da transcrição da entrevista infirmou seu pertencimento à família de capital cultural alto, critério adotado na seleção do grupo feminino entrevistado na segunda fase.

Portanto, nossa proposta inicial foi retocada a fim de que pudéssemos captar, através dos retratos sociológicos desses entrevistados, “a forma como um conjunto de factores externos e internos a indivíduo combinam, de um modo regular, mas também inesperado, instituindo coeficiente de singularidade que em si mesmo espelha relacionalmente dimensões estruturais, institucionais e biográficas” (COSTA, A. F. ; LOPES, J. T. (Coord.), *et al*; 2008).

A eleição dessa metodologia, que incluiu a reconstrução das trajetórias de vida, e de leitores, desses pesquisados, e se valeu de relatos de experiências no desvendamento do leitor ou da leitora que eles se tornaram, não significa que se tratou de “procurar qualquer tipo de legitimação *a priori* para uma metodologia já amplamente testada na sociologia, nem,

¹³ Uma de nossas pesquisadas (Clarice) foi entrevistada duas vezes para fins de complementação dos dados do retrato sociológico.

tampouco, uma qualquer admissão de déficit de representatividade” (COSTA, A. F. ; LOPES, J. T. (Coord.), *et al*; 2008). Nesse caso, conforme sugere Olivier Donnat (2004: 74), “basta que [a amostra] seja significativa em relação às perguntas formuladas, ainda que não seja representativa como na abordagem quantitativa, que tenta obter uma medida exata dos fenômenos observados”¹⁴. O autor (2004:74) recomenda uma média de dez a trinta entrevistas, visto que “para além dessa quantidade, a informação torna-se redundante”.

Do mesmo modo como procederam Costa e Lopes (2008) no estudo dos trajetos de estudantes universitários, ao optarmos por essa metodologia, fizemos “questão de encarar cada retrato sociológico como um caso capaz, por si mesmo, de clarificar, densificar e questionar os quadros de referência da teoria sociológica”. Além de nossa tentativa de “incluir o máximo de variáveis possível para tornar cada caso – cada retrato – mais significativo no conjunto estudado, quer pela multiplicação de relações permitida, quer pela combinação de níveis e escalas de análise” (COSTA, A. F. ; LOPES, J. T. (Coord.), *et al*; 2008).

1.2.1 A estruturação do trabalho

O trabalho de escrita desta pesquisa passou por diversas reformulações antes de assumir o formato aqui proposto, cuja organização define e expressa a configuração de seu próprio objeto de estudo: a leitura literária de graduandos em Letras.

Assim, após a introdução passamos ao Capítulo 1 da pesquisa. Nele, apresentamos a pesquisa, a justificativa, os fundamentos teóricos, os objetivos, e detalhamos a metodologia adotada para esta investigação. No Capítulo 2, discutimos algumas abordagens acerca do conceito literatura e propusemos a ampliação desse conceito para além do cânone oficial. No capítulo 3 analisamos os dados do questionário e elaboramos, a partir desses resultados, algumas hipóteses explicativas das relações dos graduandos com a literatura, estabelecemos alguns critérios pertinentes na seleção do grupo de pesquisados entrevistados na etapa subsequente da pesquisa, propusemos uma reflexão acerca das hipóteses suscitadas no capítulo anterior e ao final resumizamos algumas considerações. No Capítulo 4 apresentamos os retratos sociológicos dos entrevistados e extraímos algumas interpretações baseadas nos seus relatos.

¹⁴ No texto original: “[...] basta que sea significativa en relación con las preguntas formuladas, aunque no sea representativa como en la aproximación cuantitativa, donde se trata de obtener una medida exacta de los fenómenos observados.” (Ver: Donnat, 2004:74)

Na Conclusão, retomamos as perguntas do trabalho (Quais as práticas de leitura dos graduandos? Como se tornaram os leitores que são ao final do curso? Quais os pontos de vista desses graduandos sobre suas práticas de leitura literária?) e elaboramos as algumas considerações finais.

2. LITERATURA: EM BUSCA DE UM CONCEITO

Neste capítulo, analisamos algumas possibilidades de abordagem da leitura literária, destacamos convergências e divergências entre os pontos de vista teóricos e metodológicos adotados nessas abordagens, focalizando os conceitos de leitura e de literatura presentes em cada uma delas, a fim de delimitarmos nosso posicionamento em relação a esses conceitos e suas noções correlatas. Refletimos, ainda, sobre as implicações teórico-metodológicas dessas concepções em nossa proposta de analisar as práticas de leitura literária de estudantes de Letras visando apreender as relações estabelecidas por eles com as práticas literárias consideradas legítimas pela instituição acadêmica.

2.1 LEITURA, LITERATURA, PRÁTICAS DE LEITURA, PRÁTICAS DE LITERATURA

A leitura constitui objeto amplamente teorizado no âmbito de múltiplas disciplinas que, embora não logrem abarcar toda a sua complexidade nem a das noções a elas vinculadas, por exemplo, o leitor e o texto, focalizam algumas de suas dimensões, destacando aspectos relevantes que podem contribuir para o aprofundamento de nosso estudo e reflexão nas maneiras de abordá-la. Pelo fato de estarmos lidando com um campo de estudo bastante explorado por pesquisadores de diferentes correntes teóricas, o desenvolvimento de nossa pesquisa, ao destacar a leitura literária de um campo tão amplo, incita-nos a nos questionarmos sobre a(s) concepção(ões) de literatura adotada(s) para referenciar e analisarmos a leitura literária dos estudantes de Letras.

Em primeiro lugar, é necessário destacar, entre outras, duas concepções de leitura nas quais se fundamentam boa parte das pesquisas sobre o tema em questão. A primeira é tributária das teorias da literatura que, ao postularem a existência de textos por si literários, elegem a literariedade como principal critério de seleção de um *corpus* de textos (ou obras) em pesquisas nessa área (LAJOLO, 2005).

Essa ênfase dada à literariedade implica um “recorte (os textos ditos mais literários) na massa de outros objetos semelhantes (o conjunto virtualmente infinito de textos) marcado pela interpretação” (LAJOLO, 2005:89), podendo o rigor metodológico da pesquisa somente se exercer num momento posterior à constituição do *corpus* sobre o qual se constrói a teoria.

Isso resulta em problemas de ordem metodológica e ideológica para essas teorias na medida em que todos seus esforços de teorização se concentram em objetos eleitos por elas próprias, exatamente por manifestarem os traços que, através de procedimentos analíticos delas derivados, as teorias (por tê-los formulado) estão aptas a reconhecer.

Ao fundamentarem seu constructo teórico em traços formulados e seletivamente apreendidos por elas mesmas, as teorias da literatura “fornecem critérios para a avaliação de textos como literariamente piores ou melhores e, no limite, como literários ou não-literários” (LAJOLO, 2005:89). Considerada por Abreu (2001) como elitista, essa concepção da leitura (e da cultura) valida somente a leitura silenciosa, de livros consagrados pela tradição e crítica literárias, realizada em ambientes confortáveis, por leitores caracterizados por um *ethos* de erudição.

Essa possibilidade de abordagem da leitura literária se afasta de nossos propósitos à medida que nossa pesquisa não focaliza as categorias que levam às análises de obras literárias conforme o fazem as teorias literárias, tampouco avalia como boas ou más as leituras declaradas dos graduandos ou as sugeridas no curso. Além disso, ao restringir a leitura às obras e às maneiras de ler legitimadas por um processo inspirado geralmente nas teorias literárias, essa primeira concepção exclui uma vasta gama de práticas de leitura cotidianas realizadas por leitores comuns com finalidades múltiplas.

A segunda concepção de leitura amplia essa visão por considerar válida a diversidade das leituras, dos livros, dos gêneros e das maneiras de ler dos grupos sociais variados, nos diferentes espaços sociais. Ela enriquece também o universo de possibilidades de abordagens dessa prática, permitindo, conforme afirmam Batista e Galvão (2005:12-13):

[...] não apenas buscar examinar o ato de ler em suas relações com a história, a sociedade e a cultura, mas também a fazer desse exame o lugar da integração do conjunto de estudos sobre a leitura – desde aqueles de caráter psicológico àqueles de caráter literário – e o espaço para a exploração das possibilidades e limitações de uma abordagem a fenômenos como a vida cotidiana, o universo mental e psicológico de indivíduos e grupos, a memória, objetos culturais e tecnologias de comunicação como a oralidade, a escrita, o livro impresso.

É nessa linha de abordagem que nos inspiramos para propor uma análise relacional da leitura literária dos estudantes de Letras, em outras palavras, admitindo, em primeiro lugar, que “a leitura não está inscrita no texto, sem uma distância pensável entre o sentido atribuído a este último (por seu autor, seu editor, pela crítica, pela tradição, etc. ...) e o uso ou a interpretação que dele pode ser feita por seus leitores”; em segundo, reconhecendo “que um

texto apenas existe porque há um leitor para dar-lhe significação” (CAVALLO; CHARTIER: 1998:5).

Embora coadunemos com esse modo relacional de abordar e conceber a leitura como “uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos que, por isso, não deve ser considerada como um invariante antropológico como ocorre na abordagem fenomenológica “que apaga as modalidades concretas da leitura” (CAVALLO; CHARTIER, 1998:6), não descartamos uma possível adesão a uma concepção mais restrita da literatura vinculada à imagem da leitura e do leitor idealizados pela tradição cultural, por parte de nossos pesquisados. O pressuposto dessa influência fundamenta-se na especificidade da condição dos graduandos em Letras que, como leitores especialistas, futuros formadores de leitores, imbuídos da transmissão da cultura hegemônica às futuras gerações de leitores, se vinculam às regras específicas do campo literário e acadêmico que, supostamente, os distinguirão dos leitores comuns.

Considerando que essas regras são engendradas na formulação de teorias literárias que constituem o apanágio das esferas especializadas da cultura dominante (LAJOLO, 2005), os paradoxos suscitados pela separação entre as representações de leitores especializados e as práticas dos estudantes de Letras, leitores comuns oriundos e participantes de formações culturais cujos valores em termos de cultura trazem configurações diferenciadas da cultura oficial, podem funcionar, para grande parte desses estudantes, como mecanismo de auto-exclusão de alguns rendimentos simbólicos de um curso de Letras que, segundo Lajolo (1986)¹⁵ permanece, ao longo dos anos, comprometido com o patrocínio “de novos e instigantes trabalhos sobre este ou aquele autor, sobre esta ou aquela obra, sobre este ou aquele gênero” em detrimento do compromisso com a literatura, único instrumento por meio do qual “se pode conhecer melhor um determinado tipo de discurso, de alta valorização social”.

Portanto, a assunção de uma concepção mais ampla da leitura permite abarcar o conjunto das leituras diversificadas, descritas por nossos pesquisados, analisando-as como prática de leitura literária quando assim referida por eles, como ocorre, por exemplo, com Emília, uma de nossas entrevistadas que, ao responder se houve algum livro mais marcante em sua vida, cita *Orgulho e Preconceito* (Jane Austen), *O Morro dos Ventos Uivantes* (Emily Bronte), *Diário de Suzana para Nicolas* (James Patterson), *A Última Música* (Nicholas

¹⁵ LAJOLO, M. O Vestibular e o Ensino da Literatura. (1986) <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/index.html>. (Acesso em novembro de 2012).

Sparks) e *Diário de uma Paixão* (Nicholas Sparks), seguidos do comentário “tem muitos livros que me marcam”; ou seja, ao lado de dois clássicos da literatura inglesa, Emília cita três *best sellers*.

Porém, a investigação dessas práticas de leitura realizadas por “leitores cuja subjetividade é fortemente marcada pela história de leituras de que cada texto foi objeto, e cuja criatividade se manifesta na interação de uma leitura nova com as outras que um texto já recebeu” (LAJOLO, 1986) exige a confrontação de discursos, baseados em diferentes concepções de leitura, situados numa constante luta pela imposição de um veredicto sobre a definição de literatura.

Esse confronto é percebido por alguns de nossos entrevistados, como podemos ver, por exemplo, em um dos trechos da entrevista de Alencar que, ao responder se houve alguma “mudança” em suas preferências em decorrência de seu ingresso no curso de Letras, cita *Harry Potter* (J. K. Rowling), *O Senhor dos Anéis* (J. R. R. Tolkien) e *Crime e Castigo* (Fiódor Dostoiévski), como detalharemos mais adiante em nossas análises.

Tardelli (2003), em estudo que objetiva entender a relação que a concepção canônica de leitura estabelece com outras concepções e representações de leitura, construídas ao longo das trajetórias de vida e escolar de professoras de Língua Portuguesa, reflete acerca do discurso da diversidade de práticas de leitura.

Ao adotar uma perspectiva histórico-cultural da leitura, a autora (2003) assume um ponto de vista oposto à visão tradicional, o que lhe possibilita ampliar a investigação de práticas de leitura para além da busca pela identificação e prescrição de uma leitura modelar e única que abrangeria tanto a seleção dos textos considerados legítimos como as maneiras adequadas de ler e de se constituir enquanto leitor ideal.

Assim, essa abordagem oferece condições para que a pesquisadora observe a convivência do grupo pesquisado com formas de leitura muito diversas e visões distintas em torno dessa prática cultural que, perpassada por lutas de poder, aponta para a diversidade. Esse aspecto, segundo ela, não pode ser mais ignorado, apesar do peso das prescrições familiares, escolares e curriculares que consagra uma prática em detrimento das demais.

Em trabalho mais recente, Vóvio (2007) investigou os sentidos, as identidades leitoras, os acervos e as práticas de leitura de alfabetizadores que atuam em programas voltados à promoção da alfabetização na população jovem e adulta no município de Itaquaquecetuba (São Paulo). Buscando produzir um conjunto de indicações voltadas ao delineamento de programas e estratégias de formação de educadores populares e contribuir para o estabelecimento de um quadro descritivo e analítico sobre as bases que fundamentam a ação

desses educadores, a pesquisadora parte do pressuposto de que a leitura é uma prática social plural que deve ser compreendida como:

[...] Atividade humana e cultural, intensamente afetada por condições sociais e históricas particulares, que configuram modos de ler, usos, sentidos e suas possíveis significações, bem como modos de aprender e ensinar a ler e os materiais legítimos e possíveis de serem lidos. (VÓVIO, 2007:281)

Essa abordagem da leitura como aprendizagem de fluxo contínuo permite à pesquisadora constatar que ao longo de suas trajetórias de vida, em seus processos formativos, os alfabetizadores constroem patrimônios culturais complexos e plurais e que as configurações desses patrimônios, em cada sujeito, são singulares e dotados de posicionamentos variados conforme os sentidos atribuídos, por eles próprios, às suas experiências, práticas de leitura e identidades leitoras. Além disso, as atualizações da alfabetização e da aprendizagem de leitura, como construções sociais, merecem ser consideradas e compreendidas no processo de formação assim como as especificidades desses processos para o grupo pesquisado.

Além de fornecer evidências de uma gama extensa de práticas de leitura, públicas e privadas, dos mais variados materiais e revelar uma grande variedade de significações subjacentes aos letramentos compartilhados pelos pesquisados em suas trajetórias, os resultados dessa pesquisa ofereceram subsídios para que Vóvio delineasse processos de formação desses agentes como leitores ou como alfabetizadores e, ainda, para a construção de seus perfis, cujas configurações relativamente singulares rompem com os pressupostos e expectativas sociais postas para o grupo social a que pertencem. Resumidamente, a partir desse estudo, Vóvio (2007:282-283) sugere que os processos formativos se orientem:

[...] para a promoção de disponibilização e ampliação de práticas de leitura para além daquelas identificadas como frequentes por esses educadores, propiciando a tomada de consciência sobre os processos sociais e seus condicionantes, assim como dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos nessas e em novas práticas.

Assim, ao adotarem concepções mais amplas de leitura, essas pesquisas contribuem para a evolução dos debates em torno dessa prática e se alinham com abordagens que rompem com o discurso estereotipado da inexistência da leitura em certos grupos sociais. Este discurso, forjado nas instituições em decorrência de interesses na obtenção ou manutenção do poder simbólico, acaba sendo assumido tanto por grupos de indivíduos em posições dominantes quanto dominadas, transformando-se em consenso social. Uma das manifestações

desse consenso ocorre por meio da “delimitação implícita de um certo conjunto de textos e de determinados modos de ler como válidos, e o desprezo aos demais” e constituem os fundamentos dos “discursos que proclamam a inexistência ou a precariedade da leitura no Brasil” (ABREU, 2001:154).

É, então, por meio desses discursos que circulam representações de determinados grupos sociais como não-leitores. As representações sociais de professores como não-leitores constituem objeto de reflexão de pesquisadores brasileiros; dentre eles, destacamos o estudo de Batista (1998) sobre práticas de leitura de professores de Português de 5ª a 8ª séries e do Ensino Médio que atuavam em Minas Gerais. Nele, o pesquisador (1998:29) “em vez de procurar marcar uma linha divisória que separe o que se reconhece ou não se reconhece como leitor” optou por “descrever e compreender esse leitor-professor”. Os resultados dessa pesquisa corroboram a ideia da existência de leitura nesse grupo, auxiliando no delineamento das características da leitura docente e possibilitando ao pesquisador caracterizar esses professores como leitores “escolares”.

As questões suscitadas pelas representações sociais de leitura que participam nos processos de *invisibilização* dessa prática em alguns grupos também se mostram presentes em pesquisas internacionais, como a que nos é apresentada no sexto capítulo do livro *Sociologia de la Lectura*, compilado por Lahire em 2004, no qual o sociólogo retoma um artigo escrito em 2002 e analisa formas de leitura estudantil e categorias escolares da compreensão da leitura, defendendo a relevância de se levar em conta, nos estudos sociológicos, a natureza (mais literária ou mais científica das formações) constitutiva de algumas das disposições culturais frequentemente muito poderosas no mundo social.

Ao analisar os resultados de pesquisas realizadas junto a estudantes franceses, o sociólogo constata uma forte influência da área de estudos nas práticas de leitura concretas desses estudantes, com a predominância da preferência pela leitura de gêneros de livros culturalmente mais legítimos (romances e *nouvelles*, ensaios e obras filosóficas, teatro e poesia, livros de arte, obras de ciências humanas) pelos estudantes dos cursos preparatórios literários, de Letras e Ciências Humanas. (LAHIRE, 2004).

Já os estudantes de formação científica, especialmente os dos cursos preparatórios, se apropriam dos produtos de menor grau de legitimidade cultural (romances policiais, de ficção científica ou histórias em quadrinhos), frequentando gêneros geralmente desprezados pelos estudantes de Letras. (LAHIRE, 2004).

A partir da observação dessas diferenças nas práticas de leitura dos estudantes de áreas distintas, o sociólogo (2004) constata que o grau menor de importância da leitura de livros,

geralmente atribuído aos estudantes, decorre da explosão da matrícula que resultou na multiplicação dos inscritos nas áreas técnicas e, até recentemente, nas formações científicas. Outro fator apontado por ele como responsável pelo baixo investimento de grande parte desses estudantes na leitura é a promoção da matemática, pela própria instituição escolar, como matéria fundamental em seu processo de seleção.

Ao relacionar essas transformações no sistema de ensino francês com a influência das áreas de estudo na leitura, Lahire (2004:160) analisa a situação paradoxal dos estudantes de formação científica. Pelo fato de optarem pelas áreas mais prestigiosas do ensino, esses estudantes se apropriam de bens culturais que têm valores muito diferentes, até mesmo antagônicos, na ordem da legitimidade cultural. Por isso, ao mesmo tempo em que lidam com produtos muito bem cotados na oferta da cultura acadêmica, de primeira ordem na legitimidade escolar, consomem igualmente gêneros de livros fora das exigências escolares, cuja legitimidade cultural é comparativamente menor em termos de valorização escolar. De acordo com o sociólogo:

Enquanto que um estudante de formação mais literária pode geralmente construir um sentido bastante sólido da legitimidade cultural e julgar certos tipos de material impresso como incompatíveis com sua alta dignidade cultural, um estudante de formação científica, que goza de uma dignidade escolar igualmente elevada (até mesmo superior em alguns casos), deles se apropria mais frequentemente e sem reticências. (LAHIRE, 2004:160) (Tradução nossa).¹⁶

Lahire (2004:161) situa as razões dessa diferença “no pobre lugar atribuído à cultura científica no domínio público: a alta legitimidade escolar da cultura não protege dos produtos culturais mais populares em um mundo social, todavia, amplamente dominado pelas definições literárias e artísticas da cultura”.

Na opinião do pesquisador, os perfis culturais gerados por essas diferenças despertam o interesse do sociólogo que se interroga sobre a possibilidade de transferência de esquemas culturais (nesse caso, de sentido de legitimidade) de um campo de práticas para outro (Lahire, 1998a e 2002). Desse modo, a utilização das categorias culturais que participam da dominação simbólica da cultura literária e artística na definição dos perfis gerados por essas diferenças resultariam na classificação dos estudantes de ciências como brilhantes do ponto de vista do micro universo escolar, mas quase bárbaros na perspectiva do espaço cultural global.

¹⁶ O trecho original é “Mientras que un estudiante de formación más literaria puede generalmente construir un sentido bastante sólido de la legitimidad cultural y juzga ciertos tipos de material impreso como incompatible con su alta dignidad cultural, un estudiante de formación científica, que goza de una dignidad escolar igualmente elevada (incluso superior en algunos casos), se los apropria más frecuentemente y sin reticências”. (Ver: Lahire, 2004:160).

Lahire (2004: 161) constata então que “nenhum sentido geral (a saber, independente dos campos estudados no universo escolar) da legitimidade cultural se constrói escolarmente: os estudantes de Ciências aparecem assim como uma espécie de monstros de duas cabeças, uma culta, a outra popular”.

Essas observações acerca das práticas de leitura, de acordo com Lahire (2004:162), são válidas também para “as saídas culturais (teatro, concertos, museus ou exposições) e para os entretenimentos (espetáculos desportivos), pois, assim como as práticas de leitura, elas estão essencialmente determinadas pelo tipo de estudos realizados, e sua análise permite concluir que “as classes preparatórias de Letras se destacam claramente do conjunto de outras formações por seus gostos culturais legítimos”. (LAHIRE, 2004:164).

É a partir da análise desses perfis de estudantes que Lahire (2004: 165) lança duas hipóteses acerca dessas transformações das práticas culturais de alguns estudantes. De acordo com a primeira, os novos herdeiros selecionados com base em seu nível de rendimento em matemática, ao contrário dos herdeiros da década de 1960, pesquisados por Bourdieu e Passeron (1964), seriam caracterizados por uma relativa debilidade das práticas de leitura e/ou da fé na cultura clássica legítima, o que evidenciaria uma mudança importante da hierarquia de valores no seio do sistema escolar francês.

Porém, conforme a segunda hipótese, essa transformação também pode ser interpretada como o indicador de certas modificações históricas das relações de força entre diferentes formas de capital cultural.

De todo modo, para Lahire (2004:166), “essas transformações não implicam a passagem de leitores a não-leitores. Os estudantes de formação científica leem, porém o material que leem e a maneira como o fazem dificultam que nas pesquisas ele seja objetivado e compatibilizado como ocorre com as leituras literárias”.

Com o intuito de melhor compreender essa situação, o sociólogo recomenda que a sociologia da leitura passe de uma sociologia do consumo cultural a uma sociologia do conhecimento que interroga as categorias históricas da compreensão da leitura. Nessa perspectiva, em lugar das perguntas “Quem lê? Como? O que se lê?”, o sociólogo buscará responder “O que é ler? Em que caso uma determinada categoria da população tem a impressão de ler de verdade? Que formas de leitura correspondem a determinado tipo de saber ou de apropriação desse saber?, etc”. (LAHIRE, 2004:166).

A partir dessa perspectiva que transita de uma sociologia a outra, Lahire observa, então, que as maneiras de ler dos estudantes indicam a existência de modos de ler específicos de leitura (mais documentais do que literários) que implicam fundamentalmente a busca de

informações precisas, atribuindo a dificuldade de declaração dessas leituras por parte dos estudantes nas pesquisas ao caráter específico delas.

Defendendo o argumento de que nem todas as leituras, ou maneiras de ler, são facilmente declaráveis, o sociólogo cita o exemplo dos romances sentimentais, policiais ou de ficção científica, das revistas em quadrinhos e dos livros práticos que estão destinados a desaparecer das pesquisas porque os objetos menos legítimos tendem a ser esquecidos ou subestimados pelos pesquisados, ao contrário do que acontece com o material impresso mais legítimo ou com a leitura integral de uma obra.

Além dessa vinculação entre a crença dos estudantes na menor legitimidade de uma leitura com o seu esquecimento ou desprezo, Lahire (2004) critica a sociologia da cultura (amparada pela teoria da legitimidade) devido ao desprezo frequente de outros aspectos que contribuem para dificultar ou tornar impossível a declaração das práticas: leituras curtas ou descontínuas; leituras realizadas para outras pessoas; textos que não podem ser identificados pelo nome do(a) autor(a) como, por exemplo, os manuais escolares; atos de leitura menos autônomos; todas as leituras que se inserem em atividades de outra ordem, que são meios para se chegar a outros fins (além do simples prazer de ler) e que são percebidas como atividades de segunda ordem com relação a outras.

Portanto, de acordo com o ponto de vista do sociólogo, a visibilidade de um ato de leitura não depende apenas de sua legitimidade cultural, mas de seu modo de inserção no curso da ação. Esse último supõe a necessidade, demonstrada pela sociologia das práticas cotidianas de escrita e de leitura, de se “combater os recortes habituais das atividades sociais que tendem a torná-las invisíveis até mesmo para aqueles que as praticam” (LAHIRE, 2004: 168).

É então que o sociólogo dirige sua crítica às pesquisas sobre as práticas de leitura que adotam um modelo implícito de leitura recordável e declarável, o qual se definiria por uma leitura autônoma, realizada para si mesmo, baseada em um texto legítimo, relativamente longo, lido do princípio ao fim e atribuído a um autor. Ao adotarem esse modelo, essas pesquisas favoreceriam a identificação das práticas de leitura relacionadas com as formações mais literárias na medida em que as leituras contempladas por esse modelo são as “que melhor se prestam a memorização da quantidade de horas destinadas a leitura em uma semana ou a quantidade de livros lidos em um mês ou ao longo dos últimos 12 meses”. (LAHIRE, 2004:169)

No contexto dessas pesquisas, as práticas de leitura mais relacionadas com as formações científicas e técnicas, as quais se baseiam em critérios diferentes do modelo ‘recordável e declarável’ de leitura (textos que carecem do nome do autor, leituras entrecortadas,

descontínuas, informativas, rápidas, técnicas, documentais, leituras inseridas no seio de atividades mais amplas e que são meios para chegar à realização de outros fins que não àqueles da leitura ou da escrita), não apareceriam nas pesquisas pelo fato de serem consideradas pela maioria dos especialistas (e para os representantes deste tipo de prática de leitura) como ‘não leituras’”. A não-correspondência deste modelo com o formato clássico coloca os leitores científicos, e aqueles semelhantes a eles, em uma posição inadequada para refletir nas pesquisas sobre a especificidade de suas práticas de leitura, tampouco são auxiliados pelos autores da pesquisas que “estão, sem sabê-lo, demansiado condicionados pelos formatos de leitura que correspondem a uma definição literária das práticas de leitura.”(LAHIRE, 2004:169)

A partir desses estudos, Lahire conclui que de acordo com as representações estudantis habituais, uma gama muito extensa de práticas de leitura e de escrita existentes atualmente não são percebidas como leitura. Dominados por representações literárias de leitura, distanciadas de suas práticas escolares, os estudantes de formações científicas não reconhecem suas práticas de leitura, as quais se enquadram no ensino da matemática, da química ou da tecnologia. Nesse contexto, o que poderia ser denominado como “leituras invisíveis” são, na verdade, práticas de leitura diferenciadas resultantes de apropriações essencialmente determinadas pelo tipo de estudos realizados pelos pesquisados.

Desse modo, Lahire contribui para a delimitação do que designamos como leitura literária e das categorias consideradas nas análises das práticas dos estudantes de Letras. Apesar das diferenças entre os sistemas de ensino universitário francês e brasileiro, a nosso ver, o fato de as disciplinas literárias fazerem parte do currículo dos cursos de Letras tanto num país quanto no outro implica fortemente os estudantes dessa área na prática da leitura literária. Assim, “tornar visível o invisível” assume um caráter diferenciado em nossa pesquisa, pois não se trata, em nosso caso, de uma reflexão em torno das práticas da leitura no âmbito das formações literárias, científicas e técnicas, como fez o sociólogo, mas de nos interrogarmos sobre as práticas da leitura no curso específico, a fim de compreendermos: o que é ler literatura? Em que caso os estudantes de Letras têm a impressão de estarem lendo literatura? Que formas de leitura correspondem ao saber literário, ou seja, ao saber ou apropriação desse saber literário assumido no curso de Letras?

O fato de levarmos em conta essas categorias, a nosso ver, pode evitar, conforme afirma Lahire (2004:172):

[...] A injustiça interpretativa que geralmente se comete com aqueles que não têm práticas de leitura reconhecíveis como tais a partir de esquemas culturais que definem ainda hoje (e apesar do retrocesso observado na crença na legitimidade da cultura letrada) o que significa ler¹⁷. (Tradução nossa)

Outro ponto que merece destaque é a nossa compreensão de que as declarações dos alunos sobre suas práticas estão condicionadas por categorias de percepção (e de designação) interiorizadas ao longo de sua socialização (familiar, escolar, midiática, etc.). Dessa compreensão decorre nossa consideração de que as representações sociais de leitura literária dos participantes da pesquisa podem resultar na omissão ou no esquecimento de práticas de leituras realizadas fora do ambiente escolar. Tal situação é exemplificada no relato da leitura considerada como não-literária por um de nossos pesquisados, cuja análise será desenvolvida mais adiante:

[...] Normalmente [...] biografia eu não conto muito como livro de literatura não, assim como livro que eu estou lendo, se for pra colocar mesmo o último livro que eu li de literatura, eu li *O Erotismo* lá que é aquele [...] esqueci o nome do cara [...] (Alencar, 25 anos, pai com curso superior incompleto na área engenharia civil e mãe graduada em Psicologia e pós-graduada na área de Educação)

A imagem negativa da leitura do gênero biografia talvez justifique a dificuldade do entrevistado em revelar boa parte de suas práticas de leitura assim como o esquecimento do nome do autor do livro citado.

Um último ponto que surge dessas reflexões remete ao compromisso do curso de Letras com a prática do comentário a partir da leitura literária. Nessa área, mais do que em outras do ensino superior, os estudantes são motivados a produzir comentários a partir da leitura deste ou aquele autor, desta ou daquela obra, sobre este ou aquele gênero. Nesse caso, também a imagem negativa de alguns gêneros poderia tornar não-declaráveis leituras segundo critérios próprios da crítica literária que compõem os repertórios de práticas literárias dos entrevistados. Assim, uma concepção restrita de literatura constituiria um filtro que impediria a investigação em sua totalidade das práticas reais de nossos pesquisados.

A fim de evitarmos esse risco, adotamos o conceito de literatura para além do cânone oficial, buscando romper em nossas análises com qualquer critério qualitativo que pudesse resultar na omissão das práticas de leitura reais do grupo pesquisado. Concomitantemente a esse rompimento, buscamos estabelecer algum recorte possível de análise desses repertórios

¹⁷ No original “[...] la injusticia interpretativa que generalmente se comete con aquellos que no tienen prácticas de lectura reconocibles en tanto tales a partir de esquemas culturales que definen aun hoy (y a pesar del retroceso observado en la creencia en la legitimidad de la cultura letrada) ‘lo que quiere decir leer’”. (Ver: Lahire, 2004:172).

em função do objetivo principal de nossa pesquisa que restringiu nosso estudo às leituras literárias. Isso implicou na concentração maior nessas leituras em detrimento das leituras pragmáticas, informativas ou outras tantas funções que podem ser assumidas pela leitura. Tendo em vista esse necessário recorte, valemo-nos ainda dos estudos de Escarpit (1986) e Zumthor (1993) a fim de esboçarmos uma concepção mais abrangente de literatura que nos possibilitasse dar visibilidade à diversidade das leituras literárias de nossos pesquisados.

O primeiro, ao “lutar contra os pesos sociais que limitam a cultura literária às elites” (CHARTIER, A-M.;1995:18) baseia-se na noção de gratuidade da leitura para definir como literária toda leitura não funcional, ou seja, voltada à satisfação de uma necessidade cultural não utilitária.

Sem nos atermos ao processo de desenvolvimento das noções que possibilitaram ao autor chegar a essa definição, ativemo-nos ao diálogo estabelecido por Escarpit (1986: 25;125-126) entre um conceito de literatura mal adaptado ao presente (originado do século XVIII sob a pressão das circunstâncias – adesão da burguesia à cultura literária, industrialização da biblioteca, surgimento do escritor profissional) e a necessária dessacralização desse conceito a fim de adaptá-lo às novas demandas sociais, as quais incluem a formação de novos públicos leitores, muitas vezes consumidores de uma literatura rotulada (de massa, popular, menor, etc.).

Tendo em vista essa necessidade de adaptação do conceito de literatura, valemo-nos também dos estudos do medievalista Zumthor (1993). Distanciando-se de abordagens mais tradicionais dos estudos acerca da literatura medieval, o “medievalista/poeta pretende arquivar os procedimentos de certa ‘arqueologia textual’, rotuladora e antiquada, e tenta avançar, no sentido de destruir os limites cristalizados, colocando por terra muitos dos preconceitos que sempre estiveram presentes na historiografia da literatura ocidental” (FERREIRA, 2007: 146), ressaltando a função da voz e dos aspectos extralinguísticos passíveis de delinear a literariedade além do escrito, de modo mais abrangente, entre o oral e o escrito. De acordo com esse ponto de vista:

A ‘literatura’ não existiu (como não existe ainda) senão como parte de um todo cronologicamente singular, reconhecível por diversas marcas (tais como a existência de disciplinas parasitárias, denominadas ‘crítica’ ou ‘história’ literárias), entretanto difícil de especificar em teoria. A literatura é parte de um ambiente cultural em que podemos nomeá-la; e nos interrogarmos sobre sua validade é, para nós, mais ou menos, distanciar-mo-nos de nós mesmos. Posicionada entre nós, depois de três ou quatro séculos de discurso dominante, ela certamente não parou de ser contestada em suas variações a partir do interior; ela não o foi, até nossos dias, em suas constantes. (ZUMTHOR, 1993:277)

Nessa perspectiva, a literatura se distingue da linguagem pelo fato de a primeira não pertencer à mesma ordem de valores da segunda. Enquanto a linguagem constitui um fato universal, definatório da humanidade, a literatura:

[...] pertence ao arsenal dos mitos que constituiu para si, pouco a pouco, na aurora dos tempos modernos, a sociedade burguesa em expansão; esta a conservou, contra tudo e contra todos, por tanto tempo que a animou um verdadeiro projeto, manifestação de seu dinamismo e recurso inesgotável de justificação. A literatura se terá mantido ao longo desse projeto; e, se sua legitimidade, sua existência mesmo são hoje postas em causa, é porque o projeto foi conservado em fogo lento enquanto nenhum outro assegurou a substituição. (ZUMTHOR, 1993:277)

A compreensão da literatura como fato histórico complexo, mas, na perspectiva das longas durações, necessariamente transitório, como propõe o medievalista, se harmoniza com uma definição de literatura que amplia o campo das manifestações possíveis de serem consideradas práticas de leitura literária.

À medida que adotamos essa definição de literatura, a qual permite a ampliação da investigação dos repertórios de práticas que escapam ao enquadramento tradicional de leitura literária, aderimos aos estudos de Lahire (2004:172) que enfatizam o papel do sociólogo como facilitador da retomada do controle pelos pesquisados, acerca da real leitura que apreciam e praticam, “anulando os efeitos dos enquadramentos inadequados, das representações parasitárias e dos recortes culturais comuns que impedem uma apropriada descrição das práticas”¹⁸, evitando, desse modo, o risco da assunção de uma postura subjetivista que inviabilizaria o justo dimensionamento dos efeitos da interiorização das categorias dominantes de percepção que contribuem para a eficácia social da dominação simbólica.

Assim, apesar de sermos respeitadores do sentido dado pelos atores às suas ações, não podemos ignorar os obstáculos culturais dessa tarefa enunciativa dos pesquisados ao elaborarem seu *ethos* de leitor. Nesse sentido, devemos considerar, em uma perspectiva bourdieusiana, que o dizer das narrativas de nossos pesquisados somente pode se constituir em uma *imagem de si* como leitores na “lógica da troca, e esta se dá por definição como uma interação social” (AMOSSY, 2005 citada por SANTOS, 2008:63-64) que implica as posições ocupadas pelos participantes no campo (pesquisadora e pesquisados) em que atuam.

Dessa maneira, a nosso ver, a posição do estudante de Letras no campo acadêmico constitui um fator, juntamente com outros, passível de provocar efeitos de esquecimento, cegueira, vigília, inibição ou redução ao silêncio exercido pelo mundo social sobre os atores,

¹⁸ No original: “[...] en anular los efectos de los ‘marcos inadecuados’, de las representaciones ‘parasitarias’, y de los recortes culturales ordinarios que impiden una apropiada descripción de las prácticas”. (Ver: Lahire, 2004:172).

frequentemente sem que os pesquisados os percebam. Primeiramente, embora nossa opção pela literatura (leitura literária) possa, de maneira equivocada, se vincular “à ideia da leitura intrinsecamente ligada a um único objeto (o livro de literatura) e a uma forma singular de ler (silenciosa e solitariamente)” (TARDELLI, 2003:27), o fato de lidarmos com práticas de leitura concretas, desenvolvidas por leitores reais, amplia nosso olhar em relação ao universo possível de práticas diversificadas e variadas.

Portanto, ao elegermos a leitura literária como objeto de pesquisa, não estamos negando “a diversidade das leituras decorrente das variantes (classe social, religião, sexo, idade, espaço físico, etc.)” (TARDELLI, 2003:26); tampouco ignoramos a necessidade de questionarmos e relativizarmos o caráter de universalidade e naturalidade de algumas práticas de leitura que, a nosso ver, persistem nos meios acadêmicos e constituem objeto de disputa pelo monopólio do campo literário.

Finalmente, nossa opção pelo estudo da leitura literária decorre de suas condições de existência específicas no curso de Letras, no qual ela surge como uma necessidade de um leitor, especializado ou em vias de especialização, cujas práticas de leitura no âmbito dos diversos domínios da atividade humana serão supostamente confrontadas com os novos modos de ler demandados por sua condição de leitor (em formação) acadêmica e profissional.

3. ESTUDANTES DE LETRAS E LEITURA LITERÁRIA: PRÁTICAS E VARIAÇÕES

3.1 O ESTUDANTE DE LETRAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Em face do objetivo geral de nossa pesquisa, analisar as práticas de leitura de estudantes de Letras e suas variações, tornou-se necessário que investigássemos a conjuntura social em que os pesquisados estavam inseridos. Para tal, partimos da seguinte indagação: qual é o perfil social, cultural e econômico dos estudantes de Letras da UFMG?

No intuito de investigar e melhor compreender sociologicamente essa questão, valemos de alguns estudos que, embora não tratem diretamente do tema de nossa pesquisa, fornecem elementos que auxiliam no delineamento do perfil desses estudantes. Schwartzman (1989:100), por exemplo, ao estudar a seletividade sócio-econômica do vestibular e suas implicações para a política universitária pública brasileira, destaca como ponto consensual entre os estudiosos que abordam essa temática que “os cursos da universidade que formam professores para o ensino de segundo grau são exatamente aqueles que recebem os alunos em piores condições de se aproveitarem dos ensinamentos proporcionados pela universidade”.

Esse autor (1989:103) considera, além da relação candidato/vaga como um indicador do prestígio social do curso, variáveis como a renda familiar e proporção de alunos que trabalham. Ele agrupa os cursos da UFMG (isso em 1988) em três grandes categorias, a saber: (i) cursos que possuem grandes concentrações de mulheres, baixas rendas familiares, elevada proporção de alunos que trabalham e de alunos em turnos noturnos, baixa relação candidato/vaga e desempenho abaixo da média; (ii) cursos nos quais há predominância de homens, de família com elevada renda e que não trabalham, altas notas na primeira etapa do vestibular, cursos majoritariamente diurnos e onde se concentram as mais disputadas vagas do vestibular; (iii) cursos que se situam entre os dois extremos nos quais não se pode encontrar o mesmo grau de homogeneidade em relação às variáveis analisadas. O curso de Letras aparece listado no primeiro grupo, o dos cursos de “baixo prestígio social”, à época da pesquisa, composto por 74% de pessoas do sexo feminino e 55,1% de alunos trabalhadores.

Nessa mesma direção, podemos citar o estudo de Braga *et al.* (2001) acerca das tendências da demanda pelo ensino superior na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na década de 90. Nesse estudo, os autores (2001:129), baseando-se em dados do perfil socioeconômico dos candidatos, nos fatores que influenciaram a demanda e as

preferências por áreas e cursos, no papel da oferta dos cursos noturnos sobre a demanda e nas diferenças existentes entre os cursos que oferecem, ou não, a habilitação licenciatura, constataram que o aumento exponencial da demanda pelos cursos da UFMG se deu de forma mais acentuada a partir de 1995.

De acordo com esses autores, esse crescimento, centrado em candidatos da escola pública e pertencentes a famílias de baixo poder aquisitivo, ocorreu de forma mais destacada nos “cursos de mais baixo prestígio social da área biológica e em todos os de licenciatura”, sendo a maioria dos concorrentes a uma vaga nos cursos de licenciaturas composta por jovens pertencentes a camadas sociais mais baixas. Considerando a relevância do aumento do número de concluintes do Ensino Médio na rede pública, muitas vezes em cursos noturnos, os autores apontam uma diferença acentuada no crescimento da procura entre cursos diurnos e noturnos. Enquanto a taxa de procura pelos primeiros cresceu 95%, a procura pelos cursos noturnos aumentou 177%. A comparação entre a concorrência nos cursos oferecidos em ambos os turnos apresenta diferenças expressivas do perfil socioeconômico dos candidatos, sendo que a concorrência para os cursos oferecidos no turno da noite apresenta perfil socioeconômico de estratos menos favorecidos das classes sociais (2001: 147). Em estudo mais recente sobre o sistema de ensino superior de diversas regiões do país, Brito (2007) reforça a ideia de que os cursos de licenciaturas são demandados por estudantes menos favorecidos econômica e socialmente.

Apesar de não abordarem especificamente o curso de Letras, de possuírem objetivos diferentes de pesquisa e de focalizarem aspectos diferentes do perfil dos estudantes universitários, em períodos distintos do sistema de ensino universitário brasileiro, esses estudos constituem exemplos de pesquisas que constatarem uma forte correlação entre cursos de baixo prestígio social e estudantes oriundos de estratos sociais inferiores, podendo, portanto, nos auxiliar na reflexão acerca da relevância de algumas categorias na definição do perfil atual dos estudantes da licenciatura em Letras. Zago (2006:229) atribui essa predominância de estudantes de classes menos favorecidas nos cursos de baixo prestígio social à “forte desigualdade de acesso ao ensino superior e à seletividade fundada na hierarquia dos cursos universitários”.

Os dados de nossa pesquisa confirmam parcialmente os estudos supracitados. Apesar de também indicarem uma predominância do grupo feminino (77,0%) e de alunos trabalhadores (75,7%), nossa amostra apresenta certo equilíbrio em relação aos percentuais de alunos segundo o capital cultural de suas famílias, conforme demonstrado mais adiante, na tabela 2.

Diferentemente dos estudos mencionados, que abordam de maneira geral os perfis dos estudantes dos cursos de licenciatura, relacionando-os aos perfis de universitários de cursos mais prestigiados, nossa abordagem se restringe ao estudo dos graduandos em Letras. Essa restrição nos coloca diante de um leitor situado no contexto específico de uma formação especializada. No intuito de aprofundarmos o conhecimento das relações entre as práticas de leitura literária desses “leitores especiais” e sua relação com a leitura visada no curso de Letras, analisamos essas práticas tendo em vista as características sociais dos graduandos de nossa amostra.

Assim, neste capítulo, apresentamos os resultados, seguindo a lógica da articulação entre os dados e da relevância dos reagrupamentos passíveis de auxiliar na descrição do grupo pesquisado, no conhecimento de suas práticas de leitura e de suas relações com a leitura literária. Por esse motivo, o ordenamento das questões pode coincidir ou não com a ordem em que aparecem no questionário (ANEXO 1).

3.2 APRESENTAÇÃO GERAL E ANÁLISE DE ALGUNS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

3.2.1 Perfil socioeconômico e cultural

Iniciamos nossas análises pelas questões referentes ao primeiro eixo do questionário, cujas respostas nos possibilitaram traçar um perfil socioeconômico e cultural dos pesquisados e fornecer uma caracterização mais geral dos estudantes de Letras, na qual baseamos nossa reflexão acerca das possíveis variações das práticas de leitura dos pesquisados, tendo em vista suas distintas propriedades sociais.

Tabela 1: Caracterização dos estudantes da amostra segundo sexo e faixa etária

<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>				<i>Total</i>
	19 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 55 anos	
<i>Feminino</i>	46,1% (n=59)	32,8% (n=42)	15,6% (n=20)	5,5% (n=7)	77,3% (n=128*)
<i>Masculino</i>	23,1% (n=9)	43,6% (n=17)	17,9% (n=7)	15,4% (n=6)	22,7% (n=39)
<i>Total</i>	40,7% (n=68)	35,3% (n=59)	16,2% (n=27)	7,8% (n=13)	100% (n=169)

* Dois pesquisados do sexo feminino não assinalaram a idade. Somando essas duas pesquisadas temos uma amostra constituída de 130 pessoas do sexo feminino (76,9%) e 39 do sexo masculino (23,1%).

Os dados da tabela 1 indicam um perfil de estudantes majoritariamente feminino (76,9%) e jovem (40,7% pertencentes à faixa etária de 19 a 24 anos).

Solicitamos aos pesquisados que informassem a escolaridade de seus avôs, de suas avós e de seus pais. Porém, grande parte deles não sabia a escolaridade do avô paterno (58,6%), do avô materno (55%), da avó paterna (57,4%), da avó materna (45%). Por isso, a fim de mensurarmos o capital cultural familiar dos pesquisados foram utilizados somente os dados sobre a escolaridade dos pais dos alunos, conforme apresentado na tabela 2:

Tabela 2: Graduandos segundo o capital cultural *

<i>Graduandos segundo o capital cultural familiar</i>	Frequência	Percentual
<i>Capital Cultural Baixo</i>	54	32,0%
<i>Capital Cultural Médio</i>	59	34,9%
<i>Capital Cultural Alto</i>	56	33,1%
Total	169	100%

*Capital cultural avaliado por meio do nível de escolaridade dos pais (ver, a respeito, BOURDIEU, 2008): alto, quando ambos os pais ou ao menos um deles possui escolaridade de nível superior completo ou acima; médio, se ambos os pais ou ao menos um deles possui nível médio completo ou superior incompleto; baixo, quando ambos os pais possuem nível de escolaridade inferior ao médio completo.

Além dos dados sobre o capital cultural, foram considerados os dados acerca da ocupação profissional dos pais dos graduandos na caracterização da amostra. Para tal, baseamo-nos nos agrupamentos adotados pela Comissão Permanente do Vestibular (COPEVE) ([HTTP://www.copeve.ufv.br](http://www.copeve.ufv.br)), cuja tabela serviu de orientação para os pesquisados responderem às questões do questionário (ANEXO 1). Assim, consideramos os seguintes graus: (i) alto, se ambos os pais ou ao menos um deles possui ocupação pertencente aos grupos 1 e 2, ou seja, ocupações de maior prestígio e que exigem maior nível de escolaridade; (ii) médio, quando ambos os pais ou ao menos um deles possui ocupação pertencente aos grupos 3 e 4, ou seja, ocupações que exigem nível médio de escolaridade; (iii) baixo, se ambos os pais possuem ocupação pertencente ao grupo 5, nível que engloba as ocupações de menor prestígio e que proporcionam os menores rendimentos sociais e econômicos. A título de exemplo, são ocupações dos grupos 1 e 2: banqueiro, profissional liberal de nível universitário, etc. Dos grupos 3 e 4: bancário, recepcionista, etc. Do grupo 5: operário (não-qualificado), servente, etc. Há ainda o grupo 6 (Do lar), que apresenta uma particularidade pelo fato de se tratar de uma ocupação geralmente associada às mães.

Esse último aspecto é relevante para nossa pesquisa visto que a socialização primária familiar na qual a mãe possui disponibilidade de tempo para se dedicar aos filhos é um elemento passível de alterar esse processo de socialização infantil, especialmente no que se

refere à leitura. Essa situação será tratada mais adiante no capítulo 4, onde os dados são analisados qualitativamente. A análise desses dados revelou um percentual predominante de pais com ocupações médias, conforme sistematizado na tabela 3:

Tabela 3 – Ocupação Profissional dos Pais dos Pesquisados

Ocupação dos pais	Pesquisados	Percentual
Baixa	18	10,7%
Média	108	63,9%
Alta	42	24,9%
Total	169	100,0

3.2.2 Dados sobre trajetória escolar, trajetória no curso de Letras e currículo

Embora tenhamos constatado elevada concentração de pesquisados oriundos das escolas públicas (74,6%), confirmando a opção pelos cursos de Licenciatura por indivíduos pertencentes à “classe média baixa” (BRAGA E PEIXOTO, 2006:70), a maioria dos pesquisados parece ter tido uma trajetória escolar sem grandes obstáculos tendo em vista que concluíram o Ensino Médio em tempo regular. Os dados analisados indicam que a grande maioria da amostra (88,2%) levou no máximo três anos para integralizar o Ensino Médio, não sofrendo, portanto, nenhuma reprovação nesse nível de Ensino. O fato de não ter sido reprovado no Ensino Médio indica uma trajetória de sucesso já que a aprovação contínua no decorrer dos três anos desse grau de ensino se apóia em princípio no domínio de um conjunto de saberes escolares mais complexos do que os do ensino fundamental.

A grande maioria dos estudantes de nossa amostra (94,7%) ingressou na FALE/UFMG a partir de 2006, tendo cursado o Currículo Novo¹⁹, ficando somente 5,3% desses estudantes vinculados ao Currículo Velho²⁰. De acordo com o item 3 do documento que trata da nova estruturação do currículo da FALE²¹, o núcleo comum é constituído de oito disciplinas (480 horas) comuns a todos os estudantes do Curso de Letras, independentemente da habilitação. Assim, o estudante que ingressou nesse curso a partir de 2006 teve de cursar Teoria Literária I no primeiro período, Teoria Literária II e Introdução à Literatura comparada II no segundo período. Mesmo na versão antiga, Teoria Literária I e Teoria Literária II faziam parte do núcleo

¹⁹ Alunos que ingressaram na UFMG a partir de 2006 (Matrizes Curriculares 2008/1 - Versão Nova)

²⁰ Alunos que ingressaram na UFMG até 2005 (Matrizes Curriculares 2001/2 - Versão Antiga)

²¹ De acordo com o documento que propõe nova estrutura para curso, as disciplinas que fazem parte do Núcleo Comum são: (i) 1o Período: Introdução aos Estudos Lingüísticos I; Teoria Literária I; Gramática Tradicional: morfo/sintaxe; Oficina de Língua Portuguesa: leitura e produção de textos; Disciplina específica de habilitação; (ii) 2o Período: Introdução aos Estudos Lingüísticos II; Teoria Literária II; Fundamentos de Linguística Comparada; Introdução à Literatura Comparada; Disciplina específica de habilitação.

comum e eram oferecidas no primeiro e segundo períodos do curso, respectivamente. Dessa maneira, a partir do 3º período, todos os alunos do curso de Letras, independentemente da habilitação escolhida, já teriam tido condições de confrontar suas práticas de leitura espontâneas com as leituras direcionadas pelos professores nos dois períodos iniciais do curso.

Em relação à opção por cursar Letras, solicitamos ao pesquisado que assinalasse, em uma lista contendo quatorze alternativas, sendo treze respostas sugeridas e uma livre, aquela(s) que melhor correspondesse(m) ao(s) motivo(s) que o levou/levaram a cursar uma graduação em Letras. Caso o pesquisado quisesse marcar mais de um motivo, solicitamos que os enumerasse em ordem de importância, sendo 1 a opção principal, 2 a segunda opção, e assim sucessivamente. A fim de facilitar a leitura dessa tabela, reagrupamos as respostas de acordo com os seguintes critérios: (i) respostas relativas ao interesse específico em uma das áreas do curso de Letras (Gosto e/ou interesse pela gramática/ Gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura/ Gosto e/ou interesse por língua estrangeira/ Gosto e/ou interesse pela escrita/ Interesse em saber como as línguas funcionam); (ii) respostas relacionadas com o interesse profissional (Interesse em ser professor/ Interesse profissional pelas áreas da Letras); (iii) respostas que se vinculam às experiências positivas no Ensino Básico (Influência de professores de português no ensino básico/ Bom desempenho nas disciplinas de português no ensino básico); (iv) respostas que revelam motivações pragmáticas independentes da área (Desejo de fazer um curso superior/ Necessidade de obter um diploma de nível superior/ Interesse em obter um diploma para conquistar melhores empregos ou tentar concursos públicos de nível superior); (v) respostas que remetem ao interesse cultural pelas áreas da Letras; (vi) outras respostas que não se encaixam nos agrupamentos anteriores (Influência dos pais ou familiares/ Ganhei uma bolsa na PUC e ingressei no curso). Os resultados obtidos foram sintetizados na tabela 4.

Tabela 4 – Motivo que levou o pesquisado a cursar uma graduação em Letras

Motivo principal de escolha do curso	Frequência	Percentual
Interesse específico em uma das áreas do curso de Letras	106	62,7%
Interesse profissional	19	11,3%
Experiências positivas no Ensino Básico	12	7,1%
Motivações pragmáticas independentes da área	18	10,6%
Interesse cultural pelas áreas da Letras	8	4,7%
Outros	2	1,2%
NR	2	1,2%
Total	167	98,8%

Embora os resultados sintetizados na tabela acima apresentem um percentual bastante significativo de graduandos que indicam como motivo principal que os levou a cursar essa licenciatura o “interesse específico em uma das áreas do curso de Letras” (62,7%), quando

decompomos esse interesse majoritário em subcategorias, constatamos que mais de um terço da amostra total, ou seja, 33,1% assinalaram o “gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura” como motivo principal que os levou a cursar uma graduação em Letras, conforme demonstrado na tabela 5.

Tabela 5 – Motivo que levou o pesquisado a cursar uma graduação em Letras: interesse específico em uma área do curso

Principal motivo de escolha do curso de graduação em Letras	Frequência	Percentual
Gosto e/ou interesse pela gramática	17	10,1%
Gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura	56	33,1%
Gosto e/ou interesse por língua estrangeira	21	12,4%
Gosto e/ou interesse pela escrita	12	7,1%
Total	106	62,7%

O percentual elevado de graduandos que afirmam o gosto pela leitura e pela literatura como sendo o motivo determinante na escolha do curso incitou a investigação de aspectos inerentes à opção, sobretudo relativos ao modo (práticas de leitura), aos meios (sugestões, iniciativa pessoal, indicações intra e extra-escolares) e aos objetos (gêneros e obras literárias) envolvidos nessa declaração (de gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura).

3.2.3 Preferências

Estimulados a escolher, com base numa lista, seus gêneros de leitura preferidos (Tabela 6), os estudantes de Letras convergem na eleição da “literatura clássica” (27,2%) e dos “romances contemporâneos” (22,5%) como objeto de sua predileção.²² Convergem também naquilo que, em alguma medida, rejeitam (e cujos percentuais de escolha se aproximam de zero e por isso não foram discriminados na tabela): livros práticos (como os de bricolagem, culinária, decoração e jardinagem), livros sobre esportes e obras de autoajuda.

Praticamente metade dos estudantes – se somadas as categorias “literatura clássica” e “romances contemporâneos” – declara, assim, preferências conformes à legitimidade literária e à instituição encarregada de inculcá-la. Essa conformidade, porém, parece opor dois grupos: aqueles que se declaram mais dispostos a um consumo literário predominantemente conservador e ligado a uma tradição já firmada e difundida pela escola (os que preferem a

²² Embora a categoria “literatura clássica” pareça vaga ou ambígua na listagem, por meio da relação com os outros gêneros elencados, seu sentido adquire precisão: designa fundamentalmente as obras consagradas pela tradição literária; em oposição aos “romances contemporâneos”, designa ainda as obras canônicas até meados do século XX (no questionário, para essa última categoria, se dava o exemplo de Clarice Lispector); em oposição, por fim, à categoria poesia, designa as obras em prosa.

“literatura clássica”) e aqueles que se declaram mais propensos a um consumo literário que justamente rompe com essas formas tradicionais de produção e apropriação literárias e que caracterizam, em grande parte, o “romance contemporâneo”, marcado pela experimentação e, em linhas gerais, pelo privilégio atribuído ao modo de representação sobre a representação mesma.

Tabela 6: Distribuição das preferências por gêneros de leitura por propriedades sociais

TABELA 6 – Distribuição das preferências por gêneros de leitura por propriedades sociais*

Propriedades sociais		Gêneros de leitura preferidos													
		Biografia/ Autobiografia	História e relatos históricos	Romances policiais	Política, economia e ciências hum.	Arte ou fotografia	Literatura clássica	Romances contemporâneos	Guias de viagem	Narrativas românticas	Poesia	Bíblia, livros sagrados ou relig.	Literatura infanto-juvenil	Outros	
Capital cultural**	alto (n=56)	7,1	5,4	3,6	5,4	3,6	26,8	16,1	3,6	10,7	5,4	5,4	1,8	5,4	
	médio (n=59)	0,0	6,8	0,0	5,1	0,0	32,2	32,2	0,0	5,1	3,4	6,8	5,1	3,4	
	baixo (n=54)	5,6	5,6	5,6	1,9	1,9	22,2	18,5	0,0	7,4	5,6	13,0	5,6	7,4	
Ocupação dos pais típica de classe***	alta (n=42)	7,1	2,4	4,8	7,1	0,0	28,6	14,3	4,8	11,9	7,1	4,8	0,0	7,1	
	média (n=108)	2,8	8,3	0,9	3,7	1,9	25,0	28,7	0,0	6,5	3,7	7,4	6,5	4,6	
	baixa (n=18)	5,6	0,0	11,1	0,0	5,6	33,3	5,6	0,0	5,6	5,6	22,2	0,0	5,6	
Total geral (n=169)		4,1	5,9	3,0	4,1	1,8	27,2	22,5	1,2	7,7	4,7	8,3	4,1	5,3	

* Algumas somas não totalizam 100% devido à ausência de respostas; pelo fato de terem sido inexpressivas, não foram incluídas na tabela.

**Capital cultural avaliado por meio do nível de escolaridade dos pais (ver, a respeito, BOURDIEU, 2008): alto, quando ambos os pais ou ao menos um deles possui escolaridade de nível superior completo ou acima; médio, se ambos os pais ou ao menos um deles possui nível médio completo ou superior incompleto; baixo, quando ambos os pais possuem nível de escolaridade inferior ao médio completo.

*** Categorização feita de acordo com os agrupamentos adotados pela COPEVE ([HTTP://www.copeve.ufv.br](http://www.copeve.ufv.br)) cuja tabela serviu de orientação para os pesquisados responderem às questões do questionário relativas à ocupação dos pais: alto, se ambos os pais ou ao menos um deles possui ocupação pertencente aos grupos 1 e 2; médio, quando ambos os pais ou ao menos um deles possui ocupação pertencente aos grupos 3 e 4; baixo, se ambos os pais possuem ocupação pertencente aos grupos 5. Exemplos de ocupações dos grupos 1 e 2: banqueiro, profissional liberal de nível universitário, etc. Dos grupos 3 e 4: bancário, recepcionista, etc. Do grupo 5: operário (não-qualificado), servente.

Chama a atenção, porém, a dispersão das preferências por outros gêneros. Se, com certeza, a preferência por “poesia” – ainda que em percentuais discretos (4,7%) possa se

somar à por obras literárias legítimas, um pouco menos da metade dos estudantes parece se guiar por outros padrões em matéria de gostos de leitura.

Em se tratando ainda de leitura literária, cerca de 19% se dividem entre gêneros literários tidos como “menores” na hierarquia cultural, fazendo sua predileção recair sobre “biografias e autobiografias” (4,1%), “romances policiais” (3%), “literatura infanto-juvenil” (4,1%) e, especialmente, sobre “narrativas românticas” (7,7%). Outra parcela dos estudantes dirige sua predileção para obras em que o estudo tende a assumir um papel central na leitura: cerca de 10% preferem ler livros de “História” (5,9%) e de “política, economia e ciências humanas” (4,1%). Outro grupo, por fim, encontra suas leituras prediletas na “Bíblia e em livros sagrados ou religiosos” (8,3%).

Em síntese, os dados parecem apontar para quatro padrões de predileção, de acordo com as declarações dadas pelos estudantes da amostra, que indicam, em ordem de importância, a preferência por: (i) obras de literatura canônica ou legítima, principal padrão de predileção, apesar de opor, em seu interior, dois grupos de estudantes: de um lado, aqueles que declaram preferir obras baseadas na tradição literária e com firme presença na escola básica; de outro, aqueles que declaram uma adesão ao romance contemporâneo e, supostamente, a obras que buscam na inovação e na experimentação uma renovação da linguagem literária; (ii) obras tidas como gêneros “menores” na hierarquia social dos gêneros literários, como os romances policiais, as narrativas românticas e biografias e autobiografias, assim como a literatura infanto-juvenil; (iii) livros destinados ao estudo, na área de Ciências Humanas e Sociais; (iv) Livros religiosos e sagrados.

3.2.4 A distribuição social das preferências

As regularidades apreendidas para o conjunto da amostra tendem a se alterar quando relacionadas ao capital cultural da família do estudante e à posição de sua família no espaço social, indicada – certamente de modo limitado – pela ocupação de seus pais (que, além de indicar prestígio, tende também a manifestar elementos do capital econômico e escolar).

A conclusão mais geral é a de que a adesão dos estudantes à literatura canônica (tradicional ou não) é mais forte junto aos estudantes cujo volume de capital cultural é médio, assim como é intermediária sua posição no espaço social. Se se somam os percentuais de preferência por “literatura clássica”, “romance contemporâneo” e “poesia”, os estudantes com volume médio de capital cultural alcançam uma concentração de 68%, contra cerca de 50% entre os estudantes com volume alto de capital cultural herdado e aproximadamente 46%

entre aqueles com baixo volume do mesmo capital. Regularidade semelhante se verifica na distribuição das preferências segundo a ocupação dos pais: os estudantes cujos pais exercem ocupações típicas de camadas médias tendem a declarar maior predileção pela literatura legítima (57,4%), seguidos por aqueles cujos pais têm ocupações típicas de classes privilegiadas (50%) e daqueles que exercem ocupações típicas das classes populares (44,5%).

A menor adesão dos estudantes com menor volume de capital cultural e das camadas populares à literatura legítima, um dos mais importantes valores que organizam o curso de Letras, é passível de explicação pela sociologia bourdieusiana. Sendo produto da educação, o gosto supõe a internalização de um conjunto de conhecimentos e disposições que permitem a apropriação de uma produção cultural e as condições de socialização de indivíduos das camadas populares tendem a desfavorecer a aquisição desses conhecimentos e disposições (BOURDIEU: 2008).

O mesmo esquema explicativo permite compreender a forte adesão dos estudantes de estratos médios: sua posição intermediária na estrutura social favorecerá a construção de uma “boa vontade cultural”, de uma “docilidade cultural” que os tornaria sensíveis aos efeitos da legitimidade cultural e dotados de uma forte disposição para se empenhar na aquisição da cultura legítima (BOURDIEU: 2008). É um importante indicador desse esforço e das possibilidades explicativas desse quadro teórico o dado de que, dentre os três grupos e considerando as duas propriedades sociais retidas (capital cultural herdado e ocupação dos pais), é entre os estudantes desses estratos que se encontram as mais altas preferências pelo “romance contemporâneo”. Nesse caso, elas alcançam os mesmos patamares da predileção pela “literatura clássica” (32,2% - tendo em vista o capital cultural) ou a suplantam (cerca de 29% e 25%, respectivamente - tendo em vista a ocupação dos pais), o que não ocorre nos demais grupos de estudantes, nos quais a preferência pelas obras mais experimentais se dá sempre em percentuais expressivamente mais baixos.

O mesmo esquema explicativo, porém, apresenta certa limitação para compreender a menor adesão ou preferência dos estudantes com maior volume de capital cultural herdado pela literatura de prestígio, especialmente por aquela mais rara e distintiva e mais valorizada pela própria instituição literária, que é resumida pela categoria “romance contemporâneo”, requerendo, nos desenvolvimentos posteriores da investigação, que dedicássemos mais a esse ponto.

Como já citamos, enquanto aproximadamente 68% dos estudantes com volume médio de capital cultural aderem à literatura legítima, apenas 50% com alto capital cultural o fazem. Além disso, desses 50%, apenas 16% declaram preferir “romances contemporâneos”,

justamente aqueles tipos de obras que mais dependem, para sua apropriação, do capital que, em regra, somente esses estudantes herdaram: dependem fortemente de um capital linguístico e de um conjunto de referências culturais não ensinadas diretamente pela escola. Mais ainda: os percentuais de preferências por uma suposta literatura “menor” (“literatura infanto-juvenil”, “narrativas românticas”, “romances policiais” e “biografias e autobiografias”), no caso desses estudantes, mais ricos em capital cultural, são superiores àqueles obtidos pelos romances “mais exigentes”, alcançando 23,2%, com destaque para a predileção por “narrativas sentimentais”, que apresenta percentuais de 10,7%.

Essa regularidade poderia ser explicada, dentro do próprio quadro bourdieusiano, por um suposto esteticismo dos estudantes mais capitalizados culturalmente que lhes permitiria “encontrar na mistura de gêneros e na subversão das hierarquias uma ocasião de manifestar a onipotência da disposição estética”, capaz de transformar quaisquer objetos em objetos de apreciação estética (BOURDIEU, 1983:111). O oposto se daria entre aqueles estudantes com volumes mais baixos de capital cultural, cuja escolha estaria condicionada ao modo tardio, metódico e esforçado de aquisição da cultura que os faria tender para escolhas “disparatadas” resultantes de um conflito entre “seus gostos de inclinação e seus gostos de vontade” (BOURDIEU, 1983:109). Os dados confirmam essa possibilidade de análise ao demonstrar, em relação a esses estudantes com menor capital cultural e cujos pais exercem ocupações típicas das classes populares, percentuais mais altos para a escolha de gêneros literários mais prestigiados (44,5%) ao lado de percentuais expressivos de escolha de gêneros literários considerados menores (22,3%) e de livros religiosos (22,2%).

Outra hipótese também familiar ao quadro bourdieusiano e que nos parece mais plausível para explicar o ecletismo dos estudantes com maior capital cultural diz respeito à possibilidade de esses estudantes pertencerem àquela fração das classes dominantes a que Bourdieu (2008) denomina “mundanos”, isto é, àqueles grupos que, tendo adquirido muito precocemente de modo legítimo os modos legítimos de apropriação legítima das obras legítimas, possuem uma segurança e certeza de suas escolhas culturais que lhes possibilitam viver num reino da liberdade e resistir a toda tentativa de sistematização e orientação explícitas de seu gosto: eles “formam o gosto”.

De acordo com esse ponto de vista, a imersão precoce em um ambiente no qual a leitura tenha sido sempre considerada uma prática natural resulta em uma obtenção máxima do prazer de ler. Trata-se de uma forma de prazer maior e mais raro obtido por meio da liberdade e da frequência a um repertório cultural diversificado e amplo. Dessa maneira, esses herdeiros, ou indivíduos precocemente socializados na cultura dominante, tendo, por esse

motivo, incorporado um alto capital cultural que resulta em certo domínio da linguagem e dos modos de expressão prestigiados socialmente se distinguem dos “pedantes” ou “doutos”, isto é, daqueles indivíduos que, não tendo as mesmas oportunidades dos “mundanos”, devem todo o aprendizado ao sistema escolar e por esse motivo não dispõem da mesma liberdade de escolha dos primeiros (BOURDIEU, 2008).

Em decorrência de sua aprendizagem precoce e de sua familiaridade com a cultura dominante, os mundanos conferem às suas escolhas a liberdade do profundo conhecedor de uma espécie de “código dos códigos” que os tornam capazes de sustentar escolhas menos legítimas por meio de um “ecletismo erudito”, que permite a eles desprezar os ditames dos supostos “pedantes” e das regras explícitas por eles ditadas. Como são, por esse motivo, mais imunes aos efeitos da legitimidade cultural das instituições, podem ousar, lançar regras (BOURDIEU, 2008).

Dessa maneira, é provável que, em nossa amostra, as proporções expressivas de estudantes com elevado capital cultural, oriundos de famílias cujos pais exercem uma ocupação de nível alto, que escolheram gêneros literários menos prestigiados e, ao mesmo tempo, manifestam menor adesão à literatura contemporânea, estejam ligadas ao fato de pertencerem a esse grupo específico que exerce amplamente a liberdade de escolha. Entretanto, à influência familiar e escolar convém acrescentar a influência midiática (televisão, *Internet*, cinema, etc.), sobretudo em relação aos gêneros menos prestigiados como alguns *best-sellers* ou adaptações filmicas.

Há também, por fim, uma hipótese ainda a ser considerada, fundamentada nos estudos de Coulangeon (2004) acerca das hierarquias culturais no mundo contemporâneo. Baseando-se em Richard Peterson (1992), o autor levanta a hipótese de que a adesão coerente à legitimidade cultural não é mais um fator distintivo entre as classes. Para ele, o que distingue as classes dominantes das populares é a variedade de práticas e gostos. Segundo esse modelo, os membros das classes superiores são caracterizados, sobretudo, pelo ecletismo de suas atitudes com relação à cultura (*omnivorousness*), enquanto os membros das classes populares manifestam hábitos e preferências exclusivos (*univorousness*).

Dessa maneira, enquanto a pertença às classes superiores se traduziria, segundo essa hipótese, por uma aptidão especial para a transgressão de fronteiras sociais e culturais entre os gêneros musicais, cinematográficos, literários, etc, como também entre as categorias de práticas (atividades culturais, no sentido estrito, mídia, esporte, bricolagem, jardinagem, turismo), a pertença às classes populares implicaria o encerramento em um repertório limitado

de práticas e produtos de uma cultura de massa segmentada por um conjunto de critérios de geração ou etnia.

Portanto, apesar da aparente divergência entre essas abordagens, elas têm em comum o fato de admitirem a diversidade das práticas culturais das classes mais favorecidas, embora a expliquem de modos diferentes. Assim, no próximo capítulo, refinaremos nossas análises, buscando aprofundar a compreensão desse fenômeno.

3.2.5 A distribuição sexual das preferências

A forte presença feminina em nossa amostra justifica que analisemos também as características desse grupo de leitoras. Apesar da presença masculina pouco expressiva (seguindo a proporção do alunado do curso de Letras) na amostra, que limita a possibilidade de tirar conclusões mais sólidas, os dados parecem sugerir que são os estudantes do sexo masculino que fazem escolhas de leitura mais conformes às hierarquias culturais (Tabela 7) e que mais tendem a ler anualmente um maior número de livros não demandados pela Faculdade (Tabela 8).

Tabela 7: Distribuição dos gêneros de livros preferidos por sexo

<i>Gêneros de livros</i>	<i>Sexo</i>		
	Fem.	Masc.	Total
<i>Gêneros literários menores</i>			
Biografia e autobiografia	5,4%	0,0%	4,1%
Romances policiais	2,3%	5,1%	3,0%
Narrativas românticas	10%	0,0%	7,7%
Literatura infanto-juvenil	3,8%	5,1%	4,1%
Subtotais	21,5%	10,2%	18,9%
<i>Gêneros para o estudo</i>			
História e relatos históricos	7,7%	0,0%	5,9%
Livros de política, economia ou de ciências humanas	3,8%	5,1%	4,1%
Subtotais	11,5%	5,1%	10,0%
<i>Gêneros literários de prestígio</i>			
Poesia	2,3%	12,8%	4,7%
Literatura clássica	25,4%	33,3%	27,2%
Romances contemporâneos	22,3%	23,1%	22,5%
Subtotais	50,0%	69,2%	54,4%
<i>Outros gêneros de livros</i>			
Bíblia, livros sagrados ou religiosos	9,2%	5,1%	8,3%
Livros de arte ou fotografia	2,3%	0,0%	1,8%
Guias de Viagem	1,5%	0,0%	1,2%
Outros	3,8%	10,0%	5,3%
Subtotais	16,8%	15,1%	16,6%
Total	100%	100%	100%

Os estudantes declaram preferir – mais que as estudantes – ler poesia (12,8% contra apenas 2,3% das estudantes), ler “literatura clássica” (33,3% contra 25,4%) e, ainda que mais discretamente, ler “romances contemporâneos” (23,1% contra 22,3%). Ainda que metade das estudantes da amostra, mesmo que em percentuais menores que os dos homens, prefira ler obras de prestígio, são elas, mais do que os homens, que manifestam uma predileção pela leitura de obras literárias “menores” (21,5% contra 10,2%), especialmente por “biografias e autobiografias” (5,4%) e, sobretudo, por “narrativas românticas” (10%), gêneros pelos quais os homens manifestam clara recusa – nenhum escolheu esse último gênero no questionário. Entre as obras “menores”, os estudantes revelam predileção superior à das mulheres apenas pelos “romances policiais” e, surpreendentemente – dada sua associação com a educação – com a “literatura infanto-juvenil”, com concentrações em torno de 5%.

Assim, tanto homens quanto mulheres se mostram sensíveis às hierarquias literárias. Os homens, porém, mais que as mulheres, declaram maior predileção pelas obras “maiores” e menor apego às obras “menores”. Outros dois padrões são revelados pela Tabela 7: primeiro, que um percentual maior de estudantes do sexo feminino declara uma predileção por obras destinadas ao estudo (11,5 % contra 5,1%); segundo, que são também elas que manifestam uma maior predileção pela leitura religiosa (9,2% contra 5,1%).

Estudos sobre leitura e gênero sustentam que jovens do sexo feminino desenvolvem uma relação mais emocional com a leitura enquanto que a escolha da maioria de jovens do sexo masculino é guiada por interesses profissionais e práticos (GARBE, 1993). As diferenças com relação à intensidade, às razões e às preferências de leitura de homens e de mulheres estariam associadas aos modos predominantes de socialização de ambos e se prolongariam na idade adulta. Segundo Horellou-Lafarge e Segré (2010), as moças leem mais do que os rapazes e preferem os romances sentimentais, os romances psicológicos, os documentários e as experiências vividas, enquanto os rapazes manifestam predileção por obras de ciências e de ficção científica, de história e romances policiais. Valendo-se dos estudos de Parmentier (1986), as autoras (2010:109) observam que essas diferenças desaparecem quando as mulheres chegam a um nível de instrução superior. Nesse nível de ensino “mulheres e homens têm, então, os mesmos gostos pela leitura de romances cultos, clássicos, ensaios” (PARMENTIER, 1986, citado por HORELLOU E SEGRÉ, 2010).

Embora os estudos de Garbe e de Horellou-Lafarge e Segré tenham sido realizados na França, observamos algumas semelhanças entre as questões suscitadas pelas autoras e alguns temas relacionados com a leitura no Brasil. Por esse motivo, acreditamos que os estudos

citados podem nos auxiliar na reflexão acerca dos leitores e de suas práticas de leitura também no contexto brasileiro.

Assim, nossa análise dos primeiros dados da pesquisa corrobora, em parte, os estudos dessas autoras. Por um lado, o fato de os percentuais mais altos terem indicado a predominância da literatura clássica e dos romances contemporâneos na preferência tanto dos homens quanto das mulheres da amostra pode revelar uma tendência para a homogeneização entre o gosto masculino e feminino no nível superior de ensino.

Porém, as variações nos percentuais de preferências literárias de homens e mulheres parecem indicar maior investimento dos homens na leitura dos gêneros diretamente relacionados com o interesse profissional nas áreas literárias. A diferença se torna mais expressiva se juntarmos aos gêneros (literatura clássica e romance contemporâneo) os percentuais indicados para a poesia, onde podemos verificar a opção de 69,2 % dos homens contra 50% das mulheres na soma dos percentuais das escolhas por esses três gêneros. A suposta preferência dos homens por romances policiais também pode ser ratificada pelos dados. O mesmo não ocorre com as obras de história, cujo percentual registrado foi de 0% por parte deles contra 7,7% entre elas, infirmando, em parte, o que dizem Horellou-Lafarge e Segré sobre as predisposições dos homens por esse gênero.

Ao contrário, a expressiva preferência de 10% das mulheres por narrativas românticas, terceiro maior percentual entre as pesquisadas, e as diferenças entre os percentuais femininos e masculinos para biografia, Bíblia e demais livros sagrados parecem reforçar o envolvimento emocional do feminino com a leitura.

Garbe (1993) defende que, no estudo empírico do leitorado, a distinção entre leitores e não-leitores, fortes e fracos leitores, apreciadores de literatura geral ou de literatura especializada, deve levar em conta as diferenças entre formação social masculina e feminina. Em nosso estudo essa diferença de comportamento verificada em relação às preferências de gêneros de livros pode ser verificada também em relação à frequência de leitura dos pesquisados, assim como a relação que eles estabelecem com as leituras mais diretamente controladas pelo curso e as leituras espontâneas ou cotidianas.

Como podemos observar na Tabela 8, no grupo masculino, 56,8% afirmam que leem anualmente mais de cinco livros, excetuando-se os livros obrigatórios do curso de Letras, enquanto no caso das mulheres esse percentual é de 42,9%. O segundo maior percentual registrado é de quatro livros por ano para os homens (21,6%) e de três para as mulheres (16,7%):

Tabela 8: Distribuição no número de livros lidos anualmente, excetuando os livros obrigatórios do curso de Letras por sexo

<i>Sexo</i>	<i>Nenhum livro</i>	<i>1 livro</i>	<i>2 livros</i>	<i>3 livros</i>	<i>4 livros</i>	<i>5 livros</i>	<i>Mais de 5 livros</i>	<i>Total</i>
Feminino	4,0%	7,1%	9,5%	16,7%	11,1%	8,7%	42,9%	77,3%
Masculino	5,4%	5,4%	2,7%	2,7%	21,6%	5,4%	56,8%	22,7%
Total	4,3%	6,7%	8,0%	13,5%	13,5%	8,0%	46,0%	100%

A interpretação dos dados parece indicar maior investimento por parte dos homens nas leituras não-controladas pelo curso de Letras. Tal interpretação pode ser confirmada pelo dado de que, no momento da pesquisa, cerca de 61% dos homens contra 56% das mulheres estavam lendo algum livro relacionado ao seu gosto pessoal.

O inverso ocorre quando passamos a considerar as leituras obrigatórias do curso, ou seja, quando se trata de livros sugeridos pelos professores, a maioria das mulheres (60%) contra 51% dos homens declararam estar lendo algum livro indicado pelos professores do curso de Letras.

A partir dessa constatação, levantamos a hipótese de que as pesquisadas tenderiam a investir mais nas leituras sugeridas pelos professores, enquanto os homens tenderiam a investir em leituras extra-escolares, fato que pode estar relacionado com maior “docilidade cultural” em relação àquilo que é proposto pela universidade (BOURDIEU, 2008:78) por parte do grupo feminino, o que, talvez, explique sua maior propensão – que os homens do curso – para as leituras voltadas para o estudo.

3.2.6 Algumas hipóteses

Este capítulo, cujo intuito foi refletir acerca das práticas de leitura dos estudantes de Letras, tendo em vista algumas de suas propriedades sociais, trouxe alguns dados que, ao afirmarem ou infirmarem os estudos teóricos e empíricos nos quais se fundamentou, permitiu a elaboração de hipóteses e o estabelecimento de direções de análise passíveis de nos auxiliar no desenvolvimento do próximo capítulo.

A síntese de algumas das propriedades sociais dos estudantes amostra, como capital cultural herdado e sexo, nos forneceu uma referência a partir da qual analisamos suas preferências literárias em matéria de gênero de obras e de sua frequência de leitura de livros, buscando identificar alguns perfis de leitores pertencentes ao grupo estudado.

Embora o perfil predominante da amostra tenha sido de estudantes do sexo feminino (76,9%), detentores de capital cultural médio (34,9%), pertencentes a famílias em que ao

menos um dos pais exerce ocupação típica das camadas médias da sociedade (63,9%), foi possível apreender regularidades para os demais grupos da amostra definidos pelos mesmos critérios.

Esses dados parecem indicar que a adesão dos estudantes à literatura canônica (tradicional ou não) é mais forte junto àqueles que se caracterizam pelo volume de capital cultural médio e por estarem em uma posição intermediária no espaço social. Enquanto mais da metade desses pesquisados se mostra mais sensível aos valores literários inculcados pela instituição escolar, outra parcela também expressiva manifesta preferências mais distanciadas desses valores.

Essa diversidade revelou outros perfis de leitores ou leitoras que nem sempre coincidiram totalmente com os pressupostos das teorias ou estudos que serviram de suporte para nossa análise. Dessa maneira, não foi possível explicar completamente algumas constatações como a menor adesão ou preferência dos estudantes com maior volume de capital cultural herdado pela literatura de prestígio representada em nosso estudo principalmente pelo romance contemporâneo, compelindo-nos a trabalhar esse ponto nos capítulos subsequentes deste estudo.

Detectamos entre os estudantes da amostra indícios de preferências por uma suposta literatura “menor” superiores àqueles revelados pelos romances “mais exigentes”. Além disso, um percentual expressivo de mulheres que declararam sua preferência por narrativas românticas nos remeteu ao quadro bourdieusiano no qual nos baseamos para propor algumas explicações. Porém, convém complementarmos nossas hipóteses explicativas, buscando responder à seguinte questão: que motivos levariam esses “herdeiros” a persistirem em práticas de leitura geralmente associadas a leitores e leitoras menos capitalizados culturalmente (ou a leitores comuns)?

Por fim, outro ponto que convém destacar refere-se à frequência de leitura dos estudantes. Enquanto os estudantes parecem investir mais nas leituras não-controladas pelo curso, as estudantes demonstram maior investimento nas leituras sugeridas pelos professores do curso. Embora tenhamos atribuído esse dado à suposta docilidade cultural por parte das mulheres em relação às normas da instituição escolar, ao confrontarmos essa hipótese com os resultados mencionados anteriormente (acerca da preferência majoritariamente masculina por gêneros mais legítimos) surge outra importante indagação: qual é o impacto das diferenças de gênero em uma possível relativização da influência de um capital cultural previamente incorporado ou herdado na formação literária no curso de Letras?

No intuito de respondermos aos questionamentos suscitados pelas análises e reflexões realizadas até este ponto da pesquisa, evitando o risco de “falar rapidamente demais a linguagem das ‘disposições’ substancializando realidades de interações” (LAHIRE, 2002:57), propomo-nos a refinar nossas análises por meio da elaboração de retratos sociológicos de leitores selecionados segundo critérios estabelecidos na pesquisa, os quais nos permitiram constituir um grupo feminino com capital cultural familiar elevado, que manifesta interesse tanto pela literatura de prestígio quanto por uma suposta literatura “menor” (seis entrevistadas), e um grupo masculino, pertencente a famílias dotadas de capitais culturais diferenciados (médio e baixo) e que investe em leitura literária de prestígio (seis entrevistados).

Esse procedimento metodológico, a nosso ver, nos permite levar em conta a “dimensão condicional (circunstancial, contextual...)” (LAHIRE, 2002:56) das disposições dos pesquisados. Nessa lógica, poderíamos pensar na escola como criadora de disposições de leitura que talvez nunca, ou raramente, se tornariam visíveis porque sua manifestação é bloqueada por fatores circunstanciais, contextuais, etc., como por exemplo, o caso de mulheres que, não dispendo dos meios para dar continuidade aos estudos secundários, permanecem boa parte de suas vidas emaranhadas em atividades voltadas para o ambiente doméstico, tendo bloqueadas suas disposições de leitura mais escolarizadas.

Portanto, sensíveis “tanto às diferenças quanto às constantes - de múltiplas pequenas contradições, de heterogeneidades comportamentais despercebidas pelos atores que amiúde tentam, ao contrário, manter a ilusão de coerência e da unidade de si mesmos”, no capítulo 4 apresentaremos os retratos sociológicos elaborados a partir das entrevistas que visaram captar matizes de alguns perfis de leitores esboçados a partir dos resultados das análises do material quantitativo, sumariamente explicitados no capítulo 3.

4. RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE LEITORES

Neste capítulo, apresentamos uma investigação qualitativa, apoiando-nos em entrevistas realizadas com doze entrevistados, sendo seis do sexo feminino e seis do masculino. Dentre os graduandos dos grupos selecionados, conforme os critérios supracitados, contatamos (através de telefone ou *e-mail*) todos aqueles que concordaram prévia e formalmente em participar das entrevistas.

À medida que os selecionados reiteravam a disponibilidade, acordamos os agendamentos. Todas as entrevistas tiveram duração aproximada de uma hora e seguiram um roteiro formulado previamente pela entrevistadora (ANEXO 2).

Os retratos foram construídos com base nos questionamentos suscitados na pesquisa e estruturados a partir dos seguintes eixos: resumo contendo a apresentação do pesquisado e os principais pontos abordados na entrevista, aspectos da estrutura social e familiar, elementos da trajetória escolar, social e no curso de Letras, condições de construção das disposições de leitura nos ambientes familiares, sociais e escolares, algumas hipóteses sobre a construção das disposições (e das variações das disposições) de leitor construídas ao longo da trajetória de vida do entrevistado.

Reconhecemos que os retratos aqui elaborados não abrangem a totalidade dos pontos de vista possíveis em sua abordagem, pois a subjetividade inerente ao processo de interpretação dos fatos das entrevistas permite-nos iluminar alguns aspectos (em detrimento de outros) das trajetórias dos estudantes a partir de seus relatos (por sua vez, também construídos a partir de suas subjetividades) na busca pelo aprofundamento das questões demandadas pela pesquisa, que visa a compreensão dos motivos que levam as mulheres mais capitalizadas a realizarem leituras menos controladas pelo curso e homens menos capitalizados a investirem nas leituras canônicas.

4.1 CLARICE

Clarice tem 24 anos, é branca, atéia, solteira e não tem filhos. É natural de Belo Horizonte e mora em um bairro próximo à região da Pampulha com os pais e o irmão caçula. Originária de uma família dotada de muitos recursos culturais que cultiva e valoriza a leitura, Clarice, sua irmã mais velha e seu irmão caçula foram crianças que tiveram acesso precoce aos livros e à leitura. Essa socialização familiar se deu em um contexto baseado na quantidade

e diversidade de obras e práticas culturais, com pouca ou nenhuma restrição em relação a tipos de textos, gêneros e práticas, em um ambiente predominantemente afetivo onde os pais incentivavam os filhos a lerem em voz alta uns para os outros e todos encenavam textos e compartilhavam preferências de leitura. Assim, mesmo tendo construído, ao longo de sua escolarização básica e da universidade, tanto um senso de legitimidade literária quanto uma série de saberes sobre a literatura e uma relação mais intelectual com as obras, Clarice continua frequentando obras e gêneros menos legítimos e mantendo muitas vezes uma relação afetiva com a leitura, atualizando disposições (e competências) interiorizadas em sua socialização familiar. Ela se apresenta como uma leitora que “lê de tudo”, de “*Crepúsculo a Cem Anos de Solidão*”, demonstrando não possuir um princípio de seleção de suas leituras, sobretudo em termos de critérios de legitimidade (gêneros nobres/gêneros comuns; leitura culta/leitura ilegítima) e, por vezes, até menosprezando esses critérios. A diversidade de interesses demonstrada por Clarice também em matéria de gêneros em domínios culturais como a música e o cinema reforça a ideia de uma relação bastante eclética com a cultura. Talvez se deva, em parte, ao ecletismo de Clarice e à sua valorização de obras não canônicas, o fato de essa leitora compulsiva, após concluir a licenciatura em Português, recusar a ideia de lecionar literatura e se considerar “muito mais da Linguística do que da Literatura”, tendo, por isso, optado por continuar os estudos em Bacharelado, direcionando seus estudos para a área de Libras, na qual pretende trabalhar.

Estrutura Social e Familiar

Os pais de Clarice cursaram biblioteconomia; o pai tem curso de especialização em Análise de Sistemas e a mãe possui Mestrado em Ontologia. Ambos se pós-graduaram na UFMG. Apesar de terem concluído o mesmo curso de graduação, Clarice diz que o pai é muito mais das “exatas” e a mãe da área de “humanas”. Ambos exercem cargos de nível superior na Universidade Federal de Minas Gerais, instituição onde Clarice cursa Letras. O avô materno de Clarice é graduado em História, disciplina que lecionava antes de se aposentar. O avô paterno, já falecido, cursou o Ensino Médio e exerceu a profissão de instrutor de auto-escola. Suas avós concluíram o Ensino Médio. Segundo Clarice, a avó materna, já falecida, foi “cabeleireira e “dona de casa” e a avó paterna é professora aposentada da Prefeitura de Belo Horizonte.

A irmã mais velha de Clarice tem 27 anos, iniciou um curso de Jornalismo em uma faculdade particular, mas o abandonou em detrimento do curso de Ciências Sociais na

UFMG, tendo interrompido também este último pelo fato de haver engravidado e não conseguir conciliar a gravidez e os estudos. Seu irmão caçula tem 18 anos e pretende tentar o vestibular, mas não quer revelar à família o curso escolhido, embora Clarice desconfie de que ele tentará um curso na área de exatas “só pra ficar diferente” dos demais familiares que são “da humanas”.

Clarice parece ter consciência do papel da família em sua formação como leitora, pois atribui a grande quantidade de livros que já havia lido antes de entrar na faculdade “à sua tradição familiar”:

[...] Eu tinha lido até muita coisa, eu acho isso coisa de tradição porque meu avô é professor, minha avó é professora também. Então assim, foi uma coisa familiar, eu já tinha muitos dos livros que pediram pra ler, de literatura, durante a faculdade eu já tinha lido... (Trecho transcrito da primeira entrevista)

Segundo Clarice, esse incentivo à leitura foi fundamental na formação literária dela e de seus irmãos, que continuam gostando muito de ler, inclusive destaca que atualmente o irmão lê mais do que ela. Ele não trabalha, mas “junta o dinheiro que mamãe dá pra lanche e investe em livros”. Ela não teve muita proximidade com os primos do lado materno, pois o fato de sua mãe ser a única filha a ter concluído um curso superior afastou um pouco a família. Clarice morou com a avó paterna durante dois anos em um bairro da região central de Belo Horizonte. Relata também que “seus pais trabalhavam e sua mãe não conseguiu matriculá-la na creche Alaíde Lisboa (UFMG)”. Por isso foi matriculada em uma creche no bairro onde a avó morava. Acrescenta que: “sempre teve muito livro na casa de minha avó também”. E ela sempre a incentivou “a estudar, a ler, porque ela achava super importante a leitura, e é, né? Então ela fazia a gente ler em voz alta, lê pra ela nem que seja livro de receita. Ela fazia a gente ficar lendo pra gostar de ler, pra criar o hábito”.

Seu pai lia bastante, agora lê menos: “Ele gosta de ler livros mais técnicos ou... ele tem muita coleção de quadrinhos e de conto.” Clarice se lembra de que o pai lia *Asterix e Obelix* e que até hoje ele tem essa coleção completa. Quando tinha menos de dez anos, ela e sua irmã “roubavam” livros dessa coleção do pai, liam escondido, depois colocavam lá de novo. Acerca dessa coleção, Clarice declara: “a coleção dele era de originais, antiga [...] eu gostava das figuras, minha irmã que tinha de ler pra mim porque eu não conseguia ler”. Clarice continuou lendo livros dessa coleção e lamenta que tenha tido sua publicação interrompida em decorrência da morte do desenhista. Salienta que a última publicação da coleção “não tinha figuras, só história” que, para ela, “não tem a mesma graça”.

Em relação à leitura da mãe, apesar de se referir a ela, em diversos trechos das duas entrevistas que fizemos, como alguém que “lê de tudo”, Clarice parece ter muita dificuldade em citar (ou de se lembrar?) os títulos de livros ou os gêneros de obras lidos pela mãe, pois quando indagada acerca do que a mãe lia e “o que quer dizer ‘de tudo?’”, Clarice respondeu: “Nossa! O que minha mãe... o que marcou, não sei! Porque na realidade [...] minha mãe lia tudo, livro, naquela época ela [...] é porque é muito livro, é muito difícil eu pensar...” Quando solicitada a citar exemplos de gêneros de livros lidos pela mãe, ela relatou:

[...] É, exatamente, a minha mãe lê de tudo, ela lê desde *A Game of Thrones*, *Guerra dos Tronos*, que ela está lendo agora, até Percy Jackson, que é infanto-juvenil, a *Marina*, um livro lindo que eu esqueci o nome do autor, lindo. Minha mãe inclusive tem um grupo via *e-mail* que todo mês tem um tema, aí eles fazem uma lista com dez livros sobre o tema [...] então assim, eu não consigo pensar num livro específico (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Clarice demonstra admiração pelo avô materno, visto por ela como um homem “culto” que tinha um “escritório fabuloso cheio de papel e de livro velho” e diz que quando criança ela “adorava ficar sentada lá, que achava o máximo ter aquele monte de papel, monte de livro, então despertava minha curiosidade”. Embora seu avô nunca tenha lhe falado abertamente sobre leitura, o fato de ele ser “uma pessoa que lia muito” era algo que a motivava a ler.

Na escola: o incentivo dos professores e o uso da biblioteca

Clarice realizou toda sua escolarização básica em escolas privadas sem ter sofrido nenhuma reprovação; o mesmo ocorreu com os irmãos que também terminaram sua escolarização básica sem terem sido reprovados. Entre as escolas em que estudou, ela destaca o Colégio [Nome do colégio], uma tradicional escola de Belo Horizonte, na qual ela estudou por mais tempo e sobre a qual afirma:

[...] [Nome do colégio X], a escola que me marcou, inclusive que os professores de Português e de Literatura me marcaram mais foi [Nome do Colégio X], [foi nela] que eu virei amiga da bibliotecária, ela deixava eu pegar livro emprestado sem ter feito cadastro do livro ainda. Eu sempre estudei em escola particular, sempre. [...] A primeira escola em que eu estudei foi [Nome da escola infantil A], que era o nome, nem existe mais, depois eu fui pro [Nome de outra escola infantil B], [...], ali [no mesmo bairro] também. Fiquei dois anos no [Nome da escola infantil B], fui pro [Nome do colégio Y], fiquei dois anos no [Nome do colégio Y], na Pampulha, quando existia, aí depois eu fui pro [Nome do colégio X], fiquei quatro anos no [Nome do colégio X], inclusive foi onde eu construí amizade, onde eu construí mais minha personalidade, eu acho que o [Nome do colégio X] foi o que mais fez diferença na minha vida e depois eu fui um ano pro [Nome do colégio Z], depois eu

fiquei dois anos num colégio lá perto de casa chamado W. (Trecho transcrito da segunda entrevista)

O ingresso no Ensino Fundamental, de acordo com o ponto de vista dela parece representar uma continuidade de sua formação como leitora. Assim, durante sua permanência no colégio X, escola em que cursou os quatro últimos anos do ensino fundamental, ela destaca o incentivo dos professores e o uso da biblioteca como lugar privilegiado para sua permanência na escola:

[...] E depois que eu entrei na escola eu empolguei com todos os meus professores de literatura, que eu gostava muito de ler, biblioteca sempre foi um dos lugares mais legais pra mim. Quando eu estava no ensino fundamental principalmente, no Ensino Médio, eu desanimei um pouco, mas no ensino fundamental eu achava a biblioteca o máximo nem que seja só pra ficar longe das pessoas... (Trecho transcrito da primeira entrevista).

Clarice atribuiu essa “empolgação” ao fato de os professores representarem para ela, durante sua adolescência, “guias”, pessoas com as quais poderia discutir suas leituras. Daí em diante, sua leitura ficou “mais guiada, ela não era mais aleatória, começou a ter mais discussão, a ter alguém que eu podia pedir opinião, podia tirar uma dúvida”.

A figura do professor é representada por Clarice “como alguém que já leu, que entendeu” e com quem ela poderia comentar o livro, já que seus pais trabalhavam muito e não tinham disponibilidade de tempo nessa época para a realização dessa prática. Ela queria, então, “um terceiro, alguém que não era [sua] mãe” e parece ter projetado nos professores essa função.

Além disso, Clarice atribui seu desejo de “ficar longe das pessoas” ao fato de ter sido uma adolescente “tímida” e com “baixa auto-estima”. Assim, a biblioteca também representava para ela um local de “refúgio”. Durante o Ensino Médio, ela diz ter desanimado e um dos motivos foi o fato de ter mudado para uma escola cuja biblioteca era “minúscula”, “era mais um laboratório de informática do que biblioteca” e “tinha pouca opção de livro”.

Outro motivo alegado por Clarice para justificar seu “desânimo” no Ensino Médio foi a forma fragmentada como era trabalhada a literatura, ou seja, por meio do ensino dos estilos de época:

[...] Eu nunca gostei de separar a literatura em pedacinhos assim não, eu acho chato [...] eu acho que limita, [...] no Ensino Médio, eu tinha que ler só aquilo, fazer só aquilo e tinha que ter só essa interpretação, você limita a leitura quando você fica falando ‘nessa época, os escritores falavam do Brasil, eles queriam dar ênfase ao índio’, limita a minha perspectiva. Eu vou ter que ler desse jeito. Então só posso ter essa interpretação? (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Num sentido geral, ela critica o modo como os professores do Ensino Médio lecionam literatura e acha que por isso não conseguiu dar aula de literatura ainda e se “mantém com gramática, português e produção de textos”, porque não conseguiu pensar em um jeito de “fugir dessa coisa do estilo de época”, “fugir dessa limitação porque toda vez que um professor dá um livro por causa do estilo de época”, ele “limita a interpretação do aluno àquilo dentro da época”, ele “não deixa o aluno viajar, extrapolar a leitura” e isso para Clarice é que “é o problema, de ver a literatura tão quadradinha”, ele acaba “limitando muito a perspectiva do leitor”.

E Clarice acrescenta que isso aconteceu muito com ela: “depois quando a gente pega um livro pra ler fora daquele contexto de sala de aula, o livro tem outra leitura, é outra coisa, porque você fugiu daquela regra do estilo [...] você pode ver além, extrapolar a leitura”.

Nesse mesmo período, Clarice destaca um professor de Literatura “*da oitava série, atualmente nono ano*” que, em suas palavras, “teve muita influência comigo vir pra Letras, um professor de literatura que pediu pra eu ler e eu nunca vou esquecer da arguição que ele fez sobre o *Lucíola*...”. Essa foi, segundo Clarice, a primeira vez em que ela teve “que fazer um trabalho sobre um livro que não era um trabalho picareta...”. E ela argumenta: “a primeira vez que eu tive que responder pergunta sobre o livro, então, lidar com o livro me mudou ali...”. Clarice se refere a esse professor como “genial” e, segundo ela, esse professor:

[...] Fazia pergunta cretina e você realmente tinha que ter lido o livro, por isso que não era picareta, você realmente tinha de ter lido o livro para conseguir responder, porque tem muito trabalho de literatura que você lê o resumo do livro na *Internet* e você consegue responder e tirar total nas questões, porque o professor não aprofunda. O [nome do professor] não, esse trabalho da *Lucíola* foi o primeiro livro de literatura que eu tive que ler pra escola, pelo menos, que exigiu que eu tivesse de fato lido o livro pra eu responder às questões. O professor fazia perguntas sobre o simbolismo de determinadas cenas, sobre o simbolismo, é... de comportamentos, então eu tinha que ter lido o livro pra conseguir pegar o que era aquilo. O resumo da *Internet* não ia dar conta de me falar. Então, assim, ninguém gostava do [nome do professor], todo mundo falava que o [nome do professor] era do mal por causa dos trabalhos dele, porque ele fazia, ele dividia a turma em grupo e cada grupo tinha de ficar sobre um, fazer uma redação respondendo questões sobre determinados aspectos. Então, por exemplo, tinha um grupo que tinha só que falar sobre o *Lucíola* mulher, um outro que ia falar *Lucíola* como a outra face da *Lucíola*, [...] a *Lucíola* é uma personagem que se divide. Não fazer o trabalho, uma falava de uma faceta, o outro falava sobre uma outra faceta, porque os dois são *Lucíola* mulher no final das contas, aí você tinha que falar sobre a construção de tempo da narrativa, como que o tempo passa e como que o tempo é construído. Como que um aluno de oitava série fazia isso sem ter lido o livro, entendeu? Então eu acho que pra mim foi na oitava série, foi no final do Ensino Médio, eu já estava no [Colégio X] tinha três anos, mas o [nome do professor] mudou a minha perspectiva de trabalho de escola, de literatura, né? Porque eu lia porque eu gostava de ler, eu não lia porque o professor tinha me pedido pra ler. (Trecho transcrito da segunda entrevista).

A ênfase dada por Clarice a essa experiência de leitura ao final do Ensino Fundamental, a que ela atribui valor positivo, talvez aponte para o fato de ter encontrado na escola, pelo menos no colégio X, a continuidade das disposições de leitura construídas na sua socialização familiar.

Assim, na opinião dela, enquanto alguns professores anteriores a esse do colégio X davam trabalhos que possibilitavam a seus colegas lerem resumos dos livros na *Internet*, fazerem uma prova e tirarem “até total”, esse trabalho com o livro *Lucíola* somente poderia ser realizado por alunos que realmente o tivessem lido.

As comparações entre essa experiência e experiências escolares anteriores indicam a disposição de Clarice para valorizar perguntas feitas por um professor que, na opinião dela, “aprofundavam o conhecimento do livro” e, ao contrário, depreciar a atitude de professores que avaliam seus alunos por meio de questões passíveis de serem respondidas sem que o aluno tenha lido o livro.

Essa experiência de ler um livro com a finalidade de responder a uma “arguição” parece apresentar semelhança com um ambiente familiar em que seus pais (ou avós, ou a irmã mais velha) tinham o hábito de formular perguntas a ela sobre o conteúdo de suas leituras. Quando indagada quanto a achar interessante “um professor cobrar um livro dessa forma”, Clarice explicou:

[...] Eu não sei se eu cobraria dessa forma, mas eu achei importante porque ele fazia os meninos, principalmente, eu já ia ler porque eu gostava, mas a minha turma de amigos, ninguém ia ler, todo mundo contava comigo pra ler e contar a história. Então assim, ele fazia todo mundo ler, por mais que fosse taxativo, chato, [...] por mais que fosse ruim [...] mas assim por mais que fosse taxativo, ele fazia as pessoas lerem e os livros, as perguntas, hoje eu percebo que faziam você refletir sobre a leitura e faziam talvez a leitura interessante pra quem tivesse disposto a achar a leitura interessante. Então eu achava legal as perguntas, eu achava legal ler e ficava naquela ansiedade de conseguir responder, nossa! , ele podia ter feito essa pergunta pra mim quando ele passava na arguição [...] (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Clarice comenta que não sabe se “cobraria igual” a esse professor. Sua explicação posterior parece contraditória na medida em que ela afirma que esse professor “foi forçando mesmo os meninos a ler livro de literatura, cânone, não *Harry Potter*, por exemplo.”

[...] Eu não sei se eu cobraria igual porque ele forçava a gente a ler e, por exemplo, pros meus amigos a leitura se tornava insuportável, pra mim teve um outro efeito, mas pra muita gente da turma a leitura podia se tornar insuportável, porque você lia por pressão, você lia pela avaliação. Eu acho que você fazer o livro se tornar interessante antes mesmo da leitura é legal também, hoje em dia tem tanto meio, tem

livro, pegaram *O Guarani* e fizeram HQ d'O *Guarani*, você já viu? É um trem lindo, é da Ática. Lindo, é lindo... (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Apesar de elogiar a arguição como um tipo de incentivo à leitura, Clarice termina revelando preferência por outro modo de incentivo, como ocorre, por exemplo, nas adaptações dos clássicos para as HQs, gênero de leitura preferido por seu pai. Destaca também o uso da biblioteca no Colégio X, onde cursou o ensino fundamental (até a oitava série). Ela afirma que a bibliotecária “mudou sua vida”:

Eu era amiga da bibliotecária [...] eu usava a biblioteca como escudo, eu ia pra biblioteca pra ficar longe de todo mundo, pra ter paz, pra ficar, me esconder, na realidade eu era muito tímida, tinha auto-estima baixa, então eu me escondia demais na biblioteca [...] aí eu fiquei amiga da bibliotecária... (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Embora acostumada a frequentar “todas as bibliotecas” porque seus pais a incentivavam. Clarice frisa sua preferência pela biblioteca do Colégio X, a respeito da qual comenta:

[...] Só que a biblioteca do [Colégio X] me marcou porque, não sei, também era uma época em que eu estava adolescente, sem auto-estima e querendo fugir do mundo, aí eu ia pra biblioteca, que ninguém entrava na biblioteca, aí eu comecei a frequentar demais e pegar um monte de livro e um dia [Nome da bibliotecária] comentou comigo que meu sobrenome parecia familiar. Ela estudou aqui na biblioteconomia [ela aponta para o prédio da Fafich na UFMG], nessa aí e conheceu meu pai. Aí ela de repente virou minha amiga porque ela é uma pessoa muito parecida com meu pai, aí eu fiquei amiga dela. ela deixava eu pegar livro, me indicava muito livro, ela comprava livro pra biblioteca que eu pedia, eu falava assim “Nossa, esse livro tem cara de ser super legal”, eu queria muito ler, ela ia lá e pedia o livro pra eu poder ler. Então assim, eu tinha um relacionamento muito legal e [...] eu acho que aprendi a respeitar, curtir mesmo a biblioteca e os bibliotecários, o papel daquela pessoa dentro da biblioteca, ela não está ali só pra organizar livro, ela pode inclusive te dar indicação de livro, eu aprendi a gostar mesmo com a [Nome da bibliotecária] no colégio X. (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Durante esse período, Clarice leu dois livros que “mudaram” sua vida, *Capitães de Areia* e *Os Meninos da Rua Paulo*: “até minha sétima série, eu fui muito certinha nessa coisa de literatura infantil, depois infanto-juvenil, foi tanto que na sexta ou sétima que eu li *Capitães de Areia* (Jorge Amado), minha vida mudou, li *Os Meninos da Rua Paulo* (Molnar Ferenc), minha vida mudou.” O primeiro ainda faz parte do acervo que tem em casa, o segundo ela encontrou na biblioteca, onde costumava escolher os livros “pela cara” ou “pela capa”.

Quando indagada sobre o motivo de esses livros terem mudado sua vida, Clarice explicou que “esses livros são livros de criança que não são para crianças” e que, pelo fato de

terem um conteúdo adulto, levaram-na a sentir forte emoção. Ela vê a leitura deles como “transição” de uma literatura infantil ou infanto-juvenil para uma literatura de “gente grande”:

[...] Antes eu lia *Marcelo, Marmelo, Martelo* e *O Menino do Dedo Verde*. Aí, eu li *Capitães de Areia* e ver aquelas crianças. *Capitães de Areia* é um livro muito tenso, uma história de criança que não é para criança e *Os Meninos da Rua Paulo* [...] nossa! É um lindo, eu choro até hoje, eu comprei ele outro dia pra ler de novo, eu choro até hoje quando eu leio o final daquele livro, é lindo, lindo [...] (Trecho transcrito da segunda entrevista)

Clarice dedica uma parte extensa de sua fala na segunda entrevista para explicar a diferença do colégio supracitado, descrever suas práticas de leitura na biblioteca e elogiar sua relação de amizade com a bibliotecária dessa escola que, segundo ela, era uma pessoa jovem, tinha “uns vinte cinco ou vinte e seis anos” (nessa época Clarice tinha “uns quinze anos”). Para Clarice, essa “foi uma relação quase assim de uma conselheira”:

[...] Então ela chegava, me indicava livro, ela deixava eu ficar passeando pela biblioteca, me emprestava livro, separava livro que ela achava que eu ia gostar, ela separava pra depois me indicar e falava assim: ‘Nossa! esse aqui é legal, pega’, me dava prazo maior pra se não desse tempo de eu ler, se eu falasse assim: ‘Não, eu tenho prova essa semana’, ‘não tem problema, você fica com ele duas...’. E tem a vantagem de ser amiga de bibliotecária é que eu conseguia pegar os livros que ninguém conseguia pegar, livro que não saía da biblioteca eu podia levar pra casa. (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Clarice parece valorizar essa amizade com a bibliotecária tanto pelo aspecto de “conselheira” quanto pelas vantagens que essa amizade lhe oferecia como, por exemplo, poder pegar livros que os demais usuários não poderiam “tomar emprestados”: “livros com mais ilustrativos, que são mais de referência”, “enciclopédia”, “dicionários”, “os que ficam na biblioteca”. Segundo Clarice, a bibliotecária a deixava levar esses livros para casa porque:

[...] juntava tanto o fator confiança porque ela sabia quem era meu pai, [...] então ela sabia que eu ia cuidar, sabia o valor do livro como material, né? E porque eu ia muito lá. Então ela já sabia, porque eu nunca atrasava, eu sempre fazia tudo certinho, eu era muito preocupada com livro, com a integridade física mesmo do livro, gostava de discutir. Ela percebeu que eu gostava mesmo do livro e muito do gostar do livro veio porque ela me ajudou a aprender a gostar fisicamente do livro. (Trecho transcrito da segunda entrevista).

Além da ênfase dada ao incentivo para leitura, advindo dessa amiga bibliotecária (ou bibliotecária amiga), Clarice faz alusão à influência dela em suas preferências literárias: “[...] depois que eu peguei *Moby Dick* (Herman Melville) e *E o vento levou* (Margaret Mitchell) pra ler lá na biblioteca, ela começou a me indicar James Joyce, Poe, a primeira vez que eu li foi que ela me indicou Poe...”.

Quando indagada quanto às indicações, Clarice respondeu que gostou, que inclusive hoje tem a coleção completa e que tem muita coisa de literatura brasileira. Além disso, foi ela (a bibliotecária) quem lhe deu a conhecer também Gabriel Garcia Marquez. E acrescentou: “Você não dá Gabriel Garcia Marquez para um menino de oitava série”.

Quanto ao entendimento, Clarice afirmou que leu *Cem Anos de Solidão* (Gabriel García Márquez) duas vezes e que atualmente releu e tem “praticamente a mesma interpretação”. Em sua opinião, isso ocorre porque ela começou a pegar livros não somente destinados à sua faixa etária: “[...] Na oitava série o que os meus colegas liam era *Harry Potter*, é porque na época estava inclusive soltando o segundo, o primeiro do *Harry Potter* saiu nessa época”.

Interrogada sobre sua capacidade de ler, naquela época, essa literatura mais direcionada para o público adulto, respondeu que “dava mais trabalho” e que “tinha que ler com mais cuidado”, que “tinha de ler duas vezes”, mas que a “desafiava mais” e que achava que era “por isso que gostava mais”: porque a fazia “prestar mais atenção na leitura”.

Quanto à participação da bibliotecária nesses momentos de dificuldades, Clarice disse que quando “estava com uma interpretação muito literal”, ela [a bibliotecária] “discutia o livro” com ela e lhe “fazia abrir mais o horizonte”. Clarice conclui que “era muito legal”, que essa bibliotecária “foi uma pessoa que, com certeza, eu não estaria na Letras, não teria feito Letras, não teria gostado tanto de ler se não fosse a [cita o nome da bibliotecária]. Eu gosto demais dela”.

Apesar de Clarice ter destacado essa influência na sua escolha pelo curso de Letras, a formação do gosto por essa área parece ter ocorrido ao longo de toda sua trajetória de vida, como revelam diversos trechos das entrevistas, a partir dos quais podemos deduzir tratar-se de “um aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a pequena infância no seio da família e prolongado pela aprendizagem escolar que o pressupõe e o completa” (BOURDIEU, 2008: 65). Sobretudo, a formação de seu gosto pela leitura parece ter se dado por meio de uma total “imersão” em um ambiente bastante propício à aquisição de capital literário (BOURDIEU, 2008), conforme ela mesma declara:

[...] Apesar de meu pai ser muito mais da Exatas do que da Humanas, a minha mãe é bem Humanas e minha mãe tem um problema com livro que eu herdei, que é comprar todos e quaisquer livros que ela vê pela frente. Aí, eu acabei que desde pequena eu tive essa cultura, tanto que assim, quando eu era ... tinha o quê? uns cinco anos, eu lembro de ler *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, a coleção inteira [...] mas a gente continuou nessa coisa de comprar livros lá em casa, então tem muito livro em casa... (Trecho transcrito da primeira entrevista).

Além do capital cultural objetivado da pesquisada e de sua família, representado aqui, principalmente, pela posse de livros decorrente da disposição da mãe de Clarice para comprar “todos e quaisquer livros que ela vê pela frente”, também o capital incorporado parece ter constituído um elemento relevante na disposição cultural da pesquisada, pois além do ambiente familiar cercado de livros, uma atitude familiar favorável à leitura também parece constituir um fator relevante na sua formação como leitora, visto que durante a infância, Clarice costumava ver os pais lendo livros literários, jornais e revistas, era frequentemente presenteada com livros e costumava frequentar biblioteca, principalmente por interesse pessoal, especialmente a biblioteca do colégio na qual mantinha uma “relação de amizade” com a bibliotecária.

Assim, o acesso ao livro e à leitura foi e continua sendo uma prática rotineira no seu ambiente familiar: “porque lá em casa sempre teve, sempre/ ainda tem, né... sempre têm muito livro... Então o que eu fazia? Eu chegava na estante do quarto da minha mãe, a estante da sala, pegava os três livros que eu queria ler e deixava no meu quarto...”

O capital incorporado transparece também no hábito que os irmãos tinham de ler em voz alta uns para os outros. Essa prática a beneficiou particularmente em decorrência de sua posição na fratria: pelo fato de ser a segunda filha, sua irmã mais velha já alfabetizada lia em voz alta para ela. Foi essa irmã que, segundo Clarice, iniciou seu processo de alfabetização. Ela evidencia a dedicação da irmã em relação ao seu processo de formação como leitora, em vários trechos das entrevistas, chegando a afirmar que “quem mais lia” para ela e “com quem mais lia” era a irmã. Assim, Clarice relata:

[...] A minha alfabetização foi muito minha irmã me ensinando, foi completamente minha irmã me ensinando. Por isso, assim, eu já era alfabetizada, mas eu ainda gostava muito das ilustrações, sempre gostei de desenho, mas a minha irmã que ia me ensinando, ela sentava do meu lado, minha irmã lia muito pra mim, que minha irmã é três anos mais velha que eu, acho que ela empolgou que ela estava aprendendo e queria me ensinar também. (Trecho da segunda entrevista)

Clarice se lembra de que a mãe também lia muito para ela, mas o pai, “nem tanto, o máximo que ele lia era quadrinhos”. Embora os pais trabalhassem durante o dia inteiro, “quando dava” ou “nos finais de semana” ora algum deles lia para ela e para os irmãos, ora uma babá de que se recorda o fazia. Ela se lembra de ter lido a coleção inteira do *Sítio do Pica-pau Amarelo* (Monteiro Lobato) com a irmã “na janela da cozinha”:

[...] A gente sentava numa escada que tinha do lado da janela da cozinha e ficava e minha irmã ficava lendo em voz alta pra mim, que eu não era alfabetizada, eu estava no início da alfabetização. Aí foi essa leitura sempre e minha mãe sempre

incentivava da gente ler juntos tipo eu e minha irmã sentadas, tanto que depois que meu irmão nasceu que tem uma diferença de idade grande, né? Seis anos pra mim e nove anos pra minha irmã. (Trecho transcrito da primeira entrevista)

Embora essa irmã com quem Clarice se identificava bastante tenha tido presença marcante na sua formação leitora, a mãe parece ter sido a figura que mais a influenciou não somente na formação do gosto pela atividade de leitura em si, mas também em suas preferências literárias e no seu modo de ler.

Assim como a mãe, Clarice “lê de tudo”, o que pode ser exemplificado pelo seguinte trecho de sua fala na entrevista: “Eu não gosto de ter favoritos, eu faço isso com música, com filme e com livro, eu não gosto de ter favoritos... eu gosto de ler de tudo um pouco...”.

Assim, Clarice escuta “desde a música brega, desde MPB até Rihanna”. Apesar de dizer que “hoje” ela “tem mais limitações” e não escuta *Funk* porque acha “que não é música, é poluição sonora”, afirma que isso não a impede de escutar esse tipo de música. Por exemplo, se estiver sentada e alguém começar a tocar, isso não a incomoda. Ela não gosta de escutar música com volume muito alto. Gosta também de “música nacional, internacional, anos 60, Johnny Cash, Mart’Nália, Djavan, Chico Buarque”.

Em relação a exemplos de filmes de que gosta, diz que vai de “*Ensaio Sobre a Cegueira*” (Fernando Meirelles) a “*Resident Evil*” (Paul W. S. Anderson). Aprecia também “*Comédia romântica da Meg Ryan*”, “clássicos”, “*Pulp Fiction*” (Tarantino), “*Curtindo a Vida Adoidado*” (John Hughes), além de “*Os Vingadores*” (Joss Whedon), “drama”, “filme sobre guerra, sobre luta”. Afirma que assiste a “tudo” e tem “muito pouca restrição com filme” e acha que é bom assistir a tudo mesmo que seja para “reclamar” ou “falar mal do filme depois”. O único filme de que não gosta mesmo é *Jogos Mortais* (James Wan) “porque é o mesmo filme sete vezes”.

Ela não costuma assistir a T.V., mas “baixa” várias séries televisivas no Computador, caso, por exemplo, de “*Once upon a time*” (“que é sobre contos de fadas e eu gosto muito de contos de fadas...”); “*Guerra dos Tronos*” (“que eu tenho todos os livros...”).

Quanto a seu gosto por cinema, Clarice afirma: “eu gosto, inclusive eu vou levar meus alunos pra assistir *Branca de Neve e o Caçador*”. Também em relação a essa prática, ela diz gostar “de tudo” e há filmes a que ela só não assiste no cinema porque não dispõe de muito tempo para o deslocamento inerente a esse tipo de prática. Como o namorado possui um telão, Clarice acha “mais fácil pegar o DVD e assistir no telão”. Ela conta que curte muito HQs e que foi assistir aos filmes: “*Os Vingadores*” e “*Homens de Preto*”.

Embora haja afirmado que não assiste a T.V., disse que gosta do programa de T. V. intitulado “*Bem Simples*” que “é ótimo, que ensina fazer as coisas, é tipo confeitaria...”. E acrescenta que assistia muito a desenhos e a séries de televisão quando era mais nova e que muito do seu conhecimento de língua inglesa adveio do hábito de assistir a filmes e a séries legendados na televisão.

Ao afirmar que lê de “*Crepúsculo*” a “*Cem Anos de Solidão*”, que leu a série toda de *Crepúsculo* e que também já leu Paulo Coelho, Clarice ressalva: “eu falo esses porque esses são os que as pessoas mais criticam, né? Gente da Letras só fala mal do Paulo Coelho, mas eu já li. Pelo menos pra eu falar mal eu tenho que ter lido, né?”. E reitera ao longo das entrevistas que “não tem preconceito em relação à leitura” e que, por isso “lê de tudo um pouco”. Gosta de literatura infanto-juvenil porque acha mais simples e porque esse tipo de leitura permite uma participação maior do leitor na história.

Durante a infância, além de comprar muitos livros para os filhos, a mãe de Clarice também costumava comprar discos de vinil para eles. Clarice se lembra de ter tido “uma coleção fenomenal da *Xuxa*, que não existe mais, que era justamente os contos de fadas narrados”. Ela e seus irmãos costumavam também escutar “muito vinil de historinha também”. Na infância, ela e os irmãos foram influenciados pelas práticas musicais, televisivas e filmicas dos pais. Detalha o gosto de cada um deles e esclarece que gosta muito de filmes de ficção por influência paterna.

A herança de uma “compulsão” cultural e de uma leitura emocional

Clarice parece ter herdado da mãe a compulsão pela leitura. Por isso, não gosta de interromper a leitura de um livro, preferindo lê-lo inteiro de uma só vez. A não ser por motivo de falta de tempo, ela não gosta de interromper a leitura de um livro, procurando sempre terminar de lê-lo mesmo quando ele não corresponde às suas expectativas, como afirma:

[...] Acho que nunca interrompi a leitura por outro motivo, eu sempre procuro terminar, principalmente porque eu fico aflita, eu não consigo, eu realmente não consigo, eu já vi, por exemplo, teve, quando eu tinha, acho que tinha o quê, uns treze, quatorze, minha mãe arranhou *O Senhor dos Anéis*, eu já tinha lido que eu tinha uma coleção [...] mas fazia muito tempo, eu nem me lembrava direito, minha mãe arranhou *O Senhor dos Anéis*, aquele que são três livros num volume único, eu li em menos de vinte e quatro horas porque eu não consegui parar. Então assim, eu com quatorze anos, um menino de quatorze anos fica mais de vinte e quatro horas lendo um livro, eu acho isso fenomenal, inclusive meu irmão faz isso também, de dezessete, eu acho lindo... (Trecho transcrito da primeira entrevista)

Admira a capacidade do irmão de permanecer muito tempo lendo, em vez de preferir o computador. A persistência na leitura é algo que Clarice valoriza bastante nas pessoas, por isso acha admirável “hoje em dia achar um menino de dezessete, de dezoito anos, que para de fazer tudo pra ler é muito diferente, é uma coisa fora do comum...”.

Mesmo quando um livro é ruim, Clarice afirma que não consegue parar de lê-lo. Essa atitude compulsiva em relação à leitura fez com ela lesse “*todos*” os livros da série *Crepúsculo* (Stephenie Meyer), apesar de atribuir a essa série um valor negativo, revelar preconceito em relação a esse tipo de livro e considerá-lo “*fraco*”:

[...] Nada me desanima de ler um livro. Inclusive eu tenho até um problema de que se eu começo a ler, eu não consigo parar. O livro pode ser inclusive, sei lá, *Crepúsculo*, que eu tenho um preconceito enorme porque eu li todos, porque eu não consigo pegar um livro, abrir o livro, falar assim, não, ele é ruim, vou parar de ler, não vou ler mais, eu tenho que ler, então assim, quando eu abri, esse foi também um dos aleatórios, antes de bombar, antes de ser essa coisa adolescente frenética que todos adolescentes leram, virou filme, etc, eu abri um pedacinho e eu achei fraco, sabe, eu achei. Bem, literatura não tem uma coisa que me chama atenção mais, tem umas coisas que eu leio, acho que é mais fácil falar assim, se eu estou numa biblioteca, se eu acho uma página aleatória, eu vou ler, independente de eu achar bom ou ruim [...] (Trecho transcrito da primeira entrevista).

Parece ter herdado da mãe também um modo de ler mais emocional: “chora até hoje” quando lê o livro *Os Meninos da Rua Paulo* (Ferenc Molnar) e se lembra de que a mãe não gosta desse livro porque ele a deixa “triste”.

No curso de Letras: leituras obrigatórias *versus* leituras espontâneas

Na época da entrevista, Clarice já havia concluído a licenciatura na habilitação Português e estava em continuidade de curso no Bacharelado, “com ênfase em estudos linguísticos” porque pretendia “trabalhar com libras, com línguas de sinais”. Declarou como motivo principal que a levou a cursar uma graduação em Letras a influência de professores de português no ensino básico. Ela também destaca que decidiu:

[...] ser professora, antes eu decidi que eu queria Letras, que eu acho que eu ficava muito ajudando os meus coleguinhas e aprendia tanto ajudando e dando aula particular quando eu estava no Ensino Médio. Eu decidi que eu ia ser professora antes de determinar o que eu queria, porque eu gostava mesmo de dar aula, de ensinar, de explicar as coisas [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Revela também na entrevista que a escolha pelo curso de Letras foi influenciada por aquela “amiga” e “quase conselheira” bibliotecária e que seus pais nunca interferiram em sua escolha profissional, mas que seus avôs queriam que ela cursasse Direito.

Clarice definiu o currículo do curso visando principalmente a cursar disciplinas necessárias para se formar, buscando compatibilizar as exigências com seu gosto. Apesar da “necessidade” de leitura revelada por Clarice e de ser uma leitora assídua de livros e ainda de ter cursado o maior número de disciplinas na área de Literatura, dentre as preferências declaradas por ela não consta a área de Literatura.

É isso que acontece, por exemplo, quando cita as áreas do curso de Letras de que mais gosta. A área de Libras aparece como primeira opção, Linguística, a segunda preferência, e Ensino, a terceira, sendo que Literatura nem entra na lista de suas preferências. Acerca desta última, Clarice declara que tem um grau de dificuldade razoável, apesar de considerar bom seu nível de conhecimento nessa área e de não ter encontrado nenhuma dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I.

Essa dificuldade declarada por Clarice talvez possa ser explicada pelo fato de haver entre ela e seus professores um distanciamento no que se refere a algumas preferências literárias em matéria de obras e autores. Em compensação, ela possui facilidade verbal para comentar as obras sugeridas pelos professores e garantir o “bom nível de conhecimento” na área de Literatura.

Assim, ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, Clarice julgou que seu gosto e preferências coincidiam “em parte” com os dos professores dessas disciplinas. Além disso, revela estranhamento em relação à cultura literária da faculdade de Letras, como podemos exemplificar com o seguinte trecho da entrevista, no qual ela se queixa de ter tido de interromper várias leituras que faria por prazer para ler obras dos autores indicados por seus professores:

[...] Depois que eu entrei na faculdade, tive que interromper várias leituras, inclusive a Letras tirou a minha leitura por prazer porque me tirou o tempo de ler por prazer, fazendo aula de literatura eu estava querendo ler o livro, sei lá, um livro qualquer, aí eu tinha que parar de ler aquele livro pra ler *Graciliano Ramos* pra fazer matéria, pra ler *Guimarães Rosa*, pra ler *Machado de Assis*, livros que inclusive já tinha lido, mas o nível de cobrança era diferente. Então, eu tive que interromper pra ler alguns livros que foram direcionados. E interromper porque eu resolvi interromper foi até recentemente, eu estava lendo *Guerra do Tronos*, eu tive que parar de ler *Guerra dos Tronos* porque o livro é e-nor-me, muito grande, mais de seiscentas páginas, eu não ia dar conta de terminar, de fazer tudo o que eu queria fazer e ler o livro, ou eu parava, tirava férias e lia o livro, ou eu trabalhava, estudava, fazia outras coisas, aí eu interrompi, inclusive não retornei [...] (Trecho da primeira entrevista)

Lamenta a falta de tempo para suas práticas espontâneas de leitura (não direcionadas pelo curso) e faz questão de enfatizar seu extremo desconforto em não concluir uma prática,

seja de leitura, de filme ou qualquer outra. Essa disposição de “não interromper uma prática” parece “mais forte do que ela” (LAHIRE, 2004:225).

Ao compararmos os autores citados por Clarice, indicados pela faculdade, e o livro “*Guerra dos Tronos*”, cuja leitura teve de interromper para se dedicar às leituras obrigatórias do curso, percebemos certo afastamento do cânone literário. Enquanto Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Machado de Assis fazem parte da tradição literária brasileira, George R. R. Martin, autor de *Guerra dos Tronos*, é um escritor estrangeiro, autor de uma série de livros de ficção fantasiosa ou fantasia épica (Veja, 21 de março de 2012). No caso das leituras indicadas pelos professores, Clarice não mencionou nenhum título de obras dos escritores citados, ao contrário do que faz em relação à leitura espontânea, da qual somente denomina *Guerra dos Tronos*, não se referindo ao nome do autor.

Assim, a tendência revelada por Clarice ao escolher suas leituras parece mais ancorada em “uma realidade diferente da realidade literária” (LAHIRE, 2002: 92), privilegiando o tema em detrimento dos elementos referenciais (como o nome do autor, por exemplo) ou formais (como o gênero, por exemplo) da obra, apesar de ter assinalado este último como o fator que mais influencia na sua escolha de um livro de literatura (juntamente com o tema e o título do livro), no questionário aplicado meses antes da primeira entrevista.

Ela evita ler “aqueles resuminhos atrás do livro” que considera “hor-rí-veis” e aponta outras maneiras que utiliza para escolher um livro literário: “então eu abro uma página aleatória, escolho um trecho, leio e falo assim: ‘não, esse é legal’”. Essa maneira de escolher o livro parece ter sido alterada depois que Clarice iniciou o curso de Letras, como ela mesma argumenta:

[...] Depois que eu entrei na faculdade de Letras, fazendo matéria de literatura, aí que eu comecei a ler não mais só porque eu achei legal o título, porque eu conheci o autor, porque eu achava legal, aí eu comecei a ler não porque eu tenho que fazer. Eu estou fazendo uma matéria de Graciliano Ramos, então eu tenho que ler todos os do Graciliano Ramos. Eu já mudei a minha perspectiva de leitura, mas foi só depois que eu entrei, antes [...] lembro que eu achava legal ler [...] (Trecho da primeira entrevista)

No trecho acima, as maneiras como escolhe um livro são delineadas por ela própria e parecem distintas em dois momentos de sua trajetória: o anterior ao curso de Letras em que predomina a leitura espontânea, sem compromisso com a legitimidade de uma obra literária, aquela que se pode escolher a partir da leitura de um trecho do livro selecionado aleatoriamente pela pesquisada, e o momento posterior ao seu ingresso nesse curso, cuja

leitura orientada pelos professores deve ser selecionada a partir de elementos referenciais como o nome do autor e o estilo, por exemplo.

Se em relação aos modos de escolher um livro de literatura, Clarice situa dois momentos (anterior e posterior ao curso, respectivamente), no que diz respeito às preferências literárias, a relação dela com as leituras obrigatórias do curso parece bem mais complexa e, apesar de considerar que o curso de Letras oferece boa formação cultural, intelectual e literária, quando solicitada a citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, a pesquisada não citou nenhum escritor nem no primeiro caso nem no segundo.

Também na ocasião da coleta de dados da primeira etapa da pesquisa, o livro que Clarice lia não havia sido indicado pelos professores do curso de Letras. Decorria de seu gosto pessoal: *Sandman e Stardust* (Neil Gaiman). A esse propósito, vale destacarmos que, além dos livros obrigatórios do curso de Letras, Clarice assinalou no questionário que lia mais de cinco livros anualmente.

Os vários momentos em que Clarice compara suas preferências literárias (e modos de ler) anteriores ao curso e a partir dele indicam uma disposição ambivalente em relação à leitura, pois mesmo criticando a literatura de livros pertencentes a gêneros bastante afastados da literatura canônica em conformidade com regras valoradas “dentro de um padrão estético operado pela teoria literária, pela cultura escolar e críticos de literatura” (VÓVIO, 2007: 255) e se mostrando conhecedora dos gêneros valorizados no universo acadêmico, ela se declara leitora tanto de uns quanto de outros.

Isso se torna evidente quando solicitada a responder “se acha que o curso de Letras proporcionou alguma alteração significativa na sua leitura ou em suas preferências literárias” e ela respondeu:

[...] Nas preferências nem tanto, continuo lendo de tudo, exceto auto-ajuda, inclusive literatura infanto-juvenil tipo *Harry Potter*, li todos os sete, se tivesse o oito eu ia ler o oito também. E teve outra série infantil, infanto-juvenil que é do Percy Jackson, *O ladrão de Raios* também, que eu li ela inteira... Em relação à preferência, eu continuo lendo do *Stephenie Meyer* até , não porque eu goste, assim, o leque está enorme aí, mas a minha leitura ficou diferente, hoje eu sou muito mais crítica com livro, eu já tenho também um embasamento muito maior pra ficar/ eu leio com o olhar crítico, muito diferente do que eu lia, inclusive, eu brinco de vez em quando que a Letras me tirou o prazer um pouco da leitura, porque eu comecei a ficar, quando eu estava fazendo só matéria da literatura, eu comecei a ficar meio bitolada, sem sentir tanto prazer, lendo por uma perspectiva muito mais teórica do que do ler por ler, então, mas eu só brincava, a Letras não tirou o meu prazer, eu continuo gostando muito de ler, mas eu, no início, até eu me adaptar com o que eu sabia, aprender que nem tudo que a gente usa na faculdade, a gente precisa usar o tempo todo, até eu aprender isso, eu fiquei, ah...ah... sem ter tanto prazer na leitura, tanto

que eu li menos durante o que, dos cinco anos que eu gastei pra formar, três deles eu li por prazer muito pouco, o início e o final que eu voltei a ler de verdade, assim o que eu queria ler, de ir na livraria, abrir um livro aleatório, comprar e ler, sabe? Mas hoje eu sou uma leitora mais crítica do que eu era antes, com certeza [...] (Trecho da primeira entrevista)

O fato de Clarice ter tido família dotada de recursos culturais que possibilitaram uma socialização familiar baseada na sua imersão precoce no universo literário, o incentivo dos professores do ensino fundamental, o valor positivo atribuído à biblioteca escolar que sentia prazer em frequentar no período da adolescência, tudo isso parece, por um lado, ter contribuído para a constituição de uma disposição leitora, mas, por outro, esses fatores parecem insuficientes para a produção de disposições estéticas “puras”. Ela teve acesso precoce a obras e autores canônicos que mencionou em alguns momentos da entrevista, como se verifica no trecho abaixo:

[...] Teve livros que me marcaram muito, de determinadas épocas, por exemplo, o primeiro livro não tão infanto-juvenil que eu li, por exemplo, foi *Capitães de Areia*, que fez toda diferença pra eu continuar gostando de ler, sabe, que mudou, foi aquele momento que a gente para de ler *Sítio do Pica-pau Amarelo* e começa a ler tipo Jorge Amado, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, José de Alencar. [...] (Trecho da primeira entrevista)

Porém, juntamente com os escritores canônicos que declara ter lido antes de entrar na Faculdade, ela também aprecia livros juvenis, chegando a ler até mesmo obras bastante distanciadas do cânone como, por exemplo, *Harry Potter* (J. K. Rowling), *O Ladrão de Raios* (Percy Jackson) e *Crepúsculo* (Stephenie Meyer). Ela manifesta preferência pela leitura de narrativas românticas, mas gosta de ler também literatura clássica e romances contemporâneos, ao mesmo tempo em que inclui na lista de suas preferências os livros de culinária, decoração, bricolagem, jardinagem e literatura infanto-juvenil.

Clarice costuma ler frequentemente jornais, livros digitais, gibis (HQs), textos de *Internet*. Em relação às leituras de jornais, prefere notícias nacionais, mas suas revistas preferidas são passatempos (palavras cruzadas, charadas, sudoku, etc.). Declara aversão pelo gênero de livros de auto-ajuda ou orientação pessoal, mas seus gêneros de filmes preferidos são “ficção científica, terror, ação e aventura”.

Portanto, esse “gosto” bastante “ecclético” de Clarice parece ter resultado das múltiplas influências das redes de socialização (familiar, escolar, acadêmica, etc.) a que foi submetida, mas sempre com um viés da herança materna que perpassa todas essas influências.

Quadro 1 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Clarice

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>Asterix e Obelix</i> (René Goscinny; Albert Uderzo)	<i>Capitães de Areia</i> (Jorge Amado)	-	<i>Moby Dick</i> (Herman Melville)
<i>O Sítio do Pica-pau Amarelo</i> (Monteiro Lobato)			<i>E o vento levou</i> (Margaret Mitchell)
<i>Lucíola</i> (José de Alencar)			<i>Cem Anos de Solidão</i> (Gabriel García Márquez)
<i>Capitães de Areia</i> (Jorge Amado)			<i>Crepúsculo</i> (Stephenie Meyer)
<i>Os Meninos da Rua Paulo</i> (Ferenc Molnar)			Paulo Coelho (não citou título)
<i>Marcelo, Marmelo, Martelo</i> (Ruth Rocha)			<i>Harry Potter</i> (J.K Rowling)
<i>O Menino do Dedo Verde</i> (Maurice Druon)			<i>O ladrão de Raios</i> (Percy Jackson)
<i>O Senhor dos Anéis</i> (J. R. R. Tolkien)			
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último(s) livro(s) lido(s) antes da entrevista	Livros não-literários
<i>Guerra dos Tronos</i> (George R.R. Martin)	-	-	-
Livros e autores citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
-	-	<i>Sandman e Stardust</i> (Neil Gaiman)	(i) Adorou: -
-	-		(ii) Detestou: -

4.2 PEDRO

Pedro tem 25 anos, é pardo, solteiro, não tem filhos e se declara homossexual. É natural de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais e atualmente mora em um bairro da região da Pampulha, em Belo Horizonte. Por sugestão dele, fizemos a entrevista no local onde ele cumpria atividades diversificadas de estágio durante quatro horas diárias na UFMG. Pedro demonstrou realizar grandes investimentos na carreira acadêmica, já havia concluído o curso

de Letras nas habilitações Inglês e Português/Alemão, além de ter sido aprovado no curso de Mestrado na área de estudos literários na mesma universidade, cujo ingresso se daria no primeiro semestre de 2012. O foco de interesse demonstrado por Pedro ao longo de toda a entrevista através dos títulos de livros que compõem seu repertório de obras literárias inclui o estudo de obras cuja temática está relacionada com os estudos judaicos. Oriundo de família católica, Pedro é ateu. Sua família possui poucos recursos culturais e financeiros. Ele tem um irmão adotivo oito anos mais novo do que ele e uma irmã um ano mais velha que, segundo Pedro, assim como o pai, “não gostam de ler”. Pedro parece ter “herdado” da mãe o gosto pela atividade de leitura e de escrita, se distinguindo dela, porém, no que se refere às preferências por títulos de obras e autores.

Estrutura social e familiar

Os pais de Pedro não concluíram o ensino fundamental. Os avôs paternos também não completaram esse grau de ensino e ele declara não conhecer a escolaridade dos avôs maternos. Pedro quase não menciona o pai na entrevista, mas as informações coletadas no questionário aplicado na sua turma alguns meses antes da entrevista nos informam que o pai exercia ocupação pertencente ao grupo médio, ou seja, o grupo de profissões que tem um mínimo de aprendizado profissional (como mecânico, gráfico, metalúrgico, ferramenteiro, pedreiro)²³. Durante a infância de Pedro, a mãe não exerceu nenhuma profissão, sempre se dedicou às atividades domésticas e cuidou dos filhos.

Embora oriundo de família caracterizada por Pedro como “muito humilde”, ele contou com uma socialização familiar capaz de lhe proporcionar uma sólida base para o desenvolvimento do gosto pela leitura, principalmente por intermédio da mãe que lhe ensinou a ler antes mesmo de seu ingresso na escola infantil, como ele mesmo lembra:

[...] Quando eu era bem novinho, talvez naquela transição do ensino pré-infantil [...] a minha mãe já ensinava a gente a ler, ela lia pra gente, ensinava a gente a ler e escrever. Então quando a gente já chegou, eu e minha irmã, quando a gente já chegou na escola, a gente já sabia ler e escrever [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Também no questionário aplicado meses antes da entrevista, Pedro declarou que durante a infância, costumava ver a mãe lendo. Na entrevista ele detalha a leitura da mãe, mas não cita nenhuma prática de leitura do pai. Ainda no questionário, indicou várias faixas etárias em que

²³ Classificação adotada pela COPEVE ([HTTP://www.copeve.ufv.br/docs/ManualCOLUNI2011.pdf](http://www.copeve.ufv.br/docs/ManualCOLUNI2011.pdf)) .

mais leu livros literários na vida, abrangendo um período que vai dos oito até os dezenove anos de idade e declarou que lia e costumava frequentar biblioteca principalmente por incentivo dos pais.

Na entrevista, Pedro citou vários exemplos do grande esforço da mãe para transmitir disposições de leitura e escrita aos filhos. Nesse sentido, a mãe de Pedro empreendeu ações pontuais na construção dessas disposições: lia para os filhos, incentiva-os a ler, auxiliava-os nos deveres de casa e mandava-os ler os textos dos livros didáticos. Esse esforço da mãe de Pedro se realiza plenamente em sua iniciativa de levar os filhos ao sebo para “trocar” livros, driblando de certa forma a falta de recursos para aquisição de livros, conforme nos é revelado no trecho seguinte:

[...] Só que aí então já sempre gostei de ler, a minha mãe incentivou a gente muito a ler [...] Eu lia muito, mas na minha casa a gente não tinha muito livro, a minha mãe fazia uma coisa que era legal, que era o seguinte, a gente tinha uma família muito humilde, né? Então ela levou a gente uma vez no sebo, quando era mais novo pra gente escolher o livro, e depois ela levava a gente pra trocar o livro e pegar outro, então a gente nunca teve acúmulo de livro em casa, mas a gente tinha essa troca, ela levava a gente, escolhia, levava o livro que a gente tinha e trocava por outro [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Quando indagado sobre o “que a mãe lia para si mesma”, Pedro respondeu que “geralmente ela lia os livros que a gente lia na escola” e dá exemplos de livros geralmente indicados por professores do ensino fundamental e médio das escolas que compõem o sistema oficial de ensino brasileiro:

[...] aqueles livros que eles pedem pra gente ler, tipo *Iracema*, na oitava série né? [...] ela gostava de ler esses romances da formação da literatura brasileira e ela lia muito também uns livros assim, ela lia, ela leu uma vez um que se chamava *No Fundo dos Teus Olhos*. Eu me lembro desse livro, mas não me lembro do autor. Era um livro que a gente tinha que ler na escola. Ela lia também algumas coisas da *Coleção Vaga-Lume* que ela gostava porque tinha a ver com as coisas de investigação e ela também sempre gostou muito de escrever, porque ela queria ser jornalista, então ela lia e escrevia assim com a gente, ajudava a gente a fazer o dever de casa, mandava a gente ler os textos que tinha nos livros didáticos, coisas muito legais assim [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Além de apresentar alguns exemplos de preferências literárias da mãe, esse trecho da entrevista de Pedro se mostra bastante significativo para a compreensão do processo de formação leitora a que foi submetido em um meio familiar dotado de poucos recursos econômicos, mas bastante revelador da boa vontade cultural da mãe de Pedro e de seu investimento na constituição das competências de leitura e de escrita dos filhos.

Ao revelar o desejo da mãe de ser jornalista e relacionar esse desejo ao fato de ela também ter sempre gostado de escrever, ele nos fornece indícios de que ela lia com a finalidade de adquirir competências de escrita de certo gênero de romance, ou seja, aquele que tem “a ver com coisas de investigação”. Esse modo de ler para adquirir competências de escrita parece ser também predominante em Pedro, o que ele deixa claro, ao destacar uma de suas preferências literárias atuais: “Eu leio pra aprender com Herberto Helder que é um escritor português. Com ele eu leio pra aprender, pra aprender a fazer poesia, pra aprender a fazer prosa, pra aprender a ser sintético, pra aprender fazer metáfora...”.

O papel da mãe no processo de formação leitora dos filhos parece ter surtido mais efeito em Pedro do que em seus dois irmãos. Acrescenta que a irmã mais velha “nunca gostou de ler”, mas que “tinha uma relação muito boa com artes”. Ele se distingue da irmã, de quem revela ter tido inveja quando criança pelo fato de ela demonstrar habilidades para as artes, principalmente para o desenho:

[...] Ela [a irmã mais velha] nunca gostou de ler, ela tinha uma relação muito boa com artes, ela gostava de desenhar, sabia colorir muito bem, assim, são coisas aptidões que eu nunca tive, eu sempre tive inveja dela, tá? Sempre se destacou muito mais porque tinha uma letra bonita, sabia desenhar, coloria bem. Aí isso sempre me deixou um pouco mal assim, porque eu sempre tentava e nunca conseguia fazer as coisas que ela fazia [...] (Trecho transcrito da primeira entrevista)

Essa “inveja” que sentia da irmã pode ter ocasionado uma disputa interna entre os irmãos e tê-lo motivado a se esforçar por se destacar no campo da leitura e da escrita. Assim, se as disposições artísticas relacionadas com o desenho estavam do lado da irmã; em compensação, as disposições de leitura e de escrita estariam de seu lado e parecem ter sido construídas tanto em sua socialização familiar (por meio do esforço da mãe que empreendia várias atividades de cunho pedagógico para os filhos) quanto em sua socialização escolar (através da iniciativa de uma professora que uma vez o levou para visitar a biblioteca) e, principalmente, pelo empenho de uma bibliotecária, Z., a quem ele faz referência em vários trechos da entrevista, ao nos relatar como se deu sua formação como leitor.

Na escola: o incentivo dos professores e um conjunto de práticas articuladas em prol da leitura

Essa socialização, bastante voltada para a formação do gosto pela leitura, iniciada e mantida pela mãe durante a infância de Pedro, prolongou-se durante a adolescência nas duas escolas em que cursou o ensino fundamental e médio (ambas pertencentes ao sistema público

de ensino) e na biblioteca municipal, localizada entre a escola e sua casa, “na pracinha da cidade”. Foi por intermédio de uma professora que ele conheceu e passou a frequentar essa biblioteca, onde conheceu a bibliotecária que o auxiliava em escolhas de livros:

[...] Eu sou do distrito de [Nome do distrito] e lá tinha, há muitos anos, uma biblioteca bem pequenininha, um cômodo bem pequeno com uma estante de livros, era uma biblioteca municipal e lá trabalhavam duas bibliotecárias que eram muito simpáticas, eram muito interessantes e gostavam que as pessoas fossem para biblioteca. Aí, uma vez, a professora levou a gente pra visitar essa biblioteca que era no caminho da minha casa, entre a escola e minha casa estava a biblioteca, na pracinha da cidade, e chegando lá, eu gostei, achei muito bonito o lugar, mas tinha muitos livros que eu não podia ler porque eram livros [...] muito grandes, não tinha livros pra crianças assim. Aí a Z. que era a bibliotecária, eu sempre passava lá, eu fiz uma fichazinha na biblioteca e ela sempre tentava separar alguns livros que eu podia ler. Aí quando eu estava um pouco mais velho [...] talvez na terceira série, com nove anos por aí, eu li um livro que chamava *Griffin e Sabine* [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Pedro conta que o livro *Griffin e Sabine* (Nick Bantock) chamou-lhe a atenção pelo fato de ser um “livro em formato de livro de artista”, contendo “envelopes com as cartinhas trocadas entre Griffin e Sabine”, um “livro de correspondências”, ilustrado com “fotografias de cartões postais” bastante “interativo”. O fato de poder “abrir e ler as cartas” e interagir com esse livro foi particularmente instigante para Pedro, que já frequentava essa biblioteca, mas pegava muitos livros que não lia.

Conforme o relato de Pedro, depois desse livro, cujo primeiro volume releu “várias vezes”, leu a Coleção *Vaga-Lume* “praticamente toda” e “quando estava ficando um pouco mais velho”, quando mudou para quinta série e teve vontade de ler um romance, Z. lhe indicou *A Escrava Isaura* (Bernardo Guimarães), livro que ela adorava, mas que ele achou “muito chato” e não conseguiu ler. A partir de então, Pedro passou a escolher seus próprios livros.

Apesar de dizer que ele mesmo começou a escolher os livros porque as leituras indicadas por Z. “não eram interessantes”, em diversos momentos da entrevista Pedro cita títulos de obras indicadas por ela que lhe agradaram, como podemos ver no seguinte trecho: “olha, quando a biblioteca fechou, ela me deu esse *Dom Quixote* e me deu *O Médico e o Monstro* de presente. Ela falou que *O Médico e o Monstro* é um dos livros mais lindos que ela tinha lido e esse eu adoro, eu gostei muito e o *Dom Quixote* que eu também gostei muito de ler”. Quando criança, era ela que “tentava separar alguns livros que eu podia ler”.

Portanto, o incentivo dessa bibliotecária parece ter constituído peça-chave na formação literária de Pedro. Ele continuou a frequentar esse ambiente, primeiramente contando com o

auxílio dela e, mais tarde, assumindo uma atitude mais autônoma em relação à escolha de livros:

[...] Eu já freqüentava essa biblioteca, [...] eu lia, chegava lá, pegava um livro, levava pra casa, mas muitos eu não lia. Aí lá tinha toda a *Coleção Vaga-Lume* que foi uma coleção que eu li praticamente toda. Aí quando eu já estava ficando um pouco mais velho assim, quando eu mudei pra quinta série, eu queria ler um romance. Só que pra mim, romance não era a concepção de romance que a gente tem, de uma narrativa extensa. Pra mim, romance era uma relação entre pessoas, tinha um alguém que é casado com outro alguém e que realmente poderia ter, na verdade o que eu estava buscando era que tivesse alguma coisa sobre sexo, alguma coisa assim mais picante, na leitura, e a Z. me indicou um texto que ela adorava muito. Ela falou assim: ‘Ah, lê esse que era a *Escrava Isaura*’, que eu achei muito chato e não consegui ler nada assim, e aí, a partir de então, eu falei assim, não, eu posso escolher os meus livros [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Ao que tudo indica essa tensão aparente entre a aquiescência pelas indicações de Z. e suas próprias escolhas de leituras está na base da afirmação de um eu autônomo que reage a essa transmissão do gosto de Z. e passa a focalizar sua atenção nas divergências entre suas leituras reais e as sugestões da bibliotecária. Tudo se passa como se Pedro esquecesse “o nível comparável dos investimentos [de Z.] (em termos de alcance) para se tranquilizar com relação a sua identidade pessoal. (SINGLY, 2009).

Pedro conta que frequentou “por muito tempo essa biblioteca” e lamenta o fechamento dela: “[...] só que um dia ela fechou e não tinha mais biblioteca na cidade, tinha só na escola.” Ele passou então a frequentar a biblioteca da escola sobre a qual comenta:

[...] Eu li muita coisa da biblioteca da escola, mas não tem muito título assim que é chamativo pros alunos, sabe, para os alunos novos, os leitores que estão começando agora. Mas, na minha época eu gostava, porque, na verdade, eu estava aprendendo e aprendendo bastante a ler. Aí, quando eu comecei a fazer teatro, isso foi mais ou menos assim em 99, é, 99, já fazia teatro de forma mais amadora na escola. A gente lia as peças, eu já lia, tinha essa coisa com a leitura [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Quanto ao período em que cursou o ensino fundamental, Pedro citou vários livros que leu na biblioteca da escola. *O Grande Mentecapto* (Fernando Sabino) e *O Menino no Espelho* (Fernando Sabino) são exemplos de livros lidos nessa fase e cuja leitura foi baseada em forte identificação com as personagens: “[...] eu sempre me identifiquei com *O Menino no Espelho*, mas depois, um pouco mais tarde, foi com *O Grande Mentecapto*. Foram personagens que eu fiquei muito identificado com eles”.

Mesmo depois do fechamento da biblioteca municipal, as fontes de leitura de Pedro não se restringiam somente ao uso da biblioteca da escola, pois quando a biblioteca fechou, Z. lhe

deu uns livros que ele “achava lindos”, além de uns livros muito antigos do *Dom Quixote* que ele “leu também durante esse tempo então”.

Até então, era Z. a pessoa que mais influenciava sua leitura. Depois desse período, Pedro se transferiu para uma escola de uma cidade próxima para cursar o Ensino Médio onde esteve durante três anos, sem nenhuma reprovação. Nela, ele fundou um grupo de teatro com duas professoras da própria escola. As atividades teatrais, iniciadas nessa escola, parecem ter dado um impulso maior ainda aos investimentos de Pedro na leitura e escrita, despertando o interesse dele para leituras direcionadas para um público mais adulto, como podemos deduzir pelos títulos citados no seguinte trecho da entrevista:

[...] Aí na adolescência, aí teve outras formações. Eu fui estudar numa escola numa outra cidade, [Nome da cidade] e lá a gente montou um grupo com uma professora de Filosofia e uma de Português e essas professoras sempre traziam coisas pra gente ler, que era um grupo de teatro também que a gente montou dentro da escola e ela trazia essas coisas, vários livros interessantes pra ler. Eu lembro que a gente lia muito Ruben Alves (risos) no grupo sabe, porque era uma coisa bem existencialista [...] M., que era de Português, passou uma vez uma lista de livros que a gente tinha que ler, daí estava dentro *Cem Anos de Solidão*, *Os Miseráveis*. Eu nunca li *Os Miseráveis* [...] Eu li *Cem Anos de Solidão* duas vezes, acho lindo até hoje, um dos livros mais lindos que eu já li[...] (Trecho transcrito da entrevista).

Segundo Pedro, foi nessa época que ele começou “a ter umas leituras de coisas mais teóricas que a V., que era da Filosofia, levava” para lerem em sala de aula ou indicava para lerem em casa. Algumas dessas indicações eram textos filosóficos e ele se lembra de que certa vez ela indicou um texto sobre Kierkegaard e que ele nunca o conseguiu obter na sua cidade. Porém, o interesse por esse texto o levou a tentativa de encontrá-lo na biblioteca dessa escola e a ler outro texto sobre o qual comenta:

[...] Só que aí uma vez eu achei um texto de um comentador do Kierkegaard, aí foi o primeiro texto, o primeiro livro que eu li mesmo, assim, de um teórico sobre um assunto que eu não entendi nada, mas era legal ler aquilo parecia... Eu me senti importante lendo um livro com citações, sabe? (Trecho transcrito da entrevista).

Foi nesse mesmo período da vida que Pedro começou a “fazer teatro”. Logo no início do Ensino Médio conheceu uma diretora com quem montou um grupo de teatro “que durou bastante tempo”. Essa diretora propôs que lessem *O Alienista* (Machado de Assis) e montassem uma peça de teatro. Pedro conta que ficou fascinado por esse livro, embora não se sentisse muito atraído pela obra de Machado de Assis. Acerca dessa obra, Pedro tece o seguinte comentário: “[...] engraçado que era um autor que não me chama muito atenção, mas

esse texto em específico é um texto muito importante pra mim [...] mas é um conto muito bonito, eu gosto do jeito que ele é escrito, as situações que passam nele...”.

Apesar de marcar certo distanciamento em relação à obra de Machado de Assis, Pedro a lê com intenção de montar uma peça de teatro. Essa disposição de ler com intuito de aprimorar a escrita revela um investimento, presente em outros momentos da entrevista, cuja origem pode estar na influência socializadora materna, pois a mãe também lia com essa finalidade.

Outro ponto forte dos investimentos de Pedro é a leitura como forma de descobrir novos universos e/ou ampliar os horizontes. Nesse sentido, Pedro parece opor a realidade de sua origem “humilde”, sua infância em uma pequena cidade do interior com pouco acesso à cultura, aos investimentos culturais direcionados para uma “expansão de si”.

Assim, da leitura, durante a infância, em “uma biblioteca bem pequenininha”; “um cômodo bem pequeno com uma estante de livro”, ele passa à leitura de obras teatrais “do teatro amador”, em seu período de adolescência. Posteriormente, já em fase adulta, se dedica à leitura de obras do “teatro mais profissional” e de obras clássicas para a “descoberta da literatura contemporânea”.

No curso de Letras: leituras obrigatórias *versus* leituras espontâneas

Na universidade Pedro parece “colher os frutos desses investimentos em leitura e em escrita”, sentindo menos necessidade de investimento de tempo nessas práticas. Ele analisa essa redução da necessidade de investimento de tempo em leitura e escrita da seguinte forma:

[...] Na faculdade é uma coisa assim, era pra ter mais tempo, mas chega um momento que você pega a coisa assim na Letras, não sei se nas outras são assim, mas na Letras tem um momento que você pega o jeito, que não é necessário que você estude tanto mais. Não é necessário morrer de estudar, isso acontece com tudo, com o escrever uma coisa [...] é mais fluente, é um gênero textual, é uma linguagem, é quase uma língua que você aprende. Aí chega um momento que você aprende, você aprende as discussões, você aprende somente com a discussão, assim com uma leitura muito rápida você consegue absorver muito destas teorias, quer dizer tudo, tudo repetido, não é que é repetido assim, mas você já ouviu em algum lugar, você já viu uma discussão, você não tem mais aquela coisa de quebrar a cabeça como era no início, você já consegue decodificar melhor, então não perco tanto tempo assim, mas assim, não é que eu tenha tanto tempo livre assim, tenho algum tempo livre e eu gosto de aproveitar ele bastante mesmo assim [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Embora atribua essa maior fluência nas práticas de leitura e de escrita à sua formação universitária, Pedro revela investimentos pessoais na formação anterior ao curso de Letras

como a participação em atividades teatrais, por exemplo. Aliás, seu ingresso no curso de Letras da UFMG, no ano de 2006, ocorreu após duas reprovações no vestibular para o curso de Teatro. No questionário, aplicado meses antes da entrevista, ele assinalou como motivo principal que o levou a cursar uma graduação em Letras o gosto ou o interesse pela escrita. Na entrevista, Pedro detalha melhor essa opção:

[...] Foi muito engraçado porque na verdade quando eu entrei na faculdade de Letras, eu queria escrever teatro, né? Eu fiz pra aprender a escrever teatro, eu tinha tentado faculdade de teatro duas vezes, aí depois eu vi... ‘ah... não, não é isso que eu tenho que fazer’, falei: ‘vou fazer Letras que eu consigo escrever teatro lá’. Nas Artes Cênicas eu não vou conseguir escrever, aí no curso de Teoria I, no curso de Teoria da Literária II, eu fiquei deslumbrado com aquilo e os professores que eram professores diferentes do I e do II me instigaram a fazer parte disso. Falaram ‘olha você é capaz de fazer, você consegue’. Então, logo nesse início eu já fui instigado. ‘Você lê bastante...’ [...] ‘Você tem pensamento crítico’. Então a professora de Teoria II me convidou pra trabalhar com ela depois, só que eu não trabalhei de fato, mas aí [...] teve essa instigação. Aí eu vi que era legal, dá pra ter esse trabalho. Aí com o tempo eu fui buscando mesmo os meus, fui buscando fui buscando por mim mesmo algumas coisas que me interessavam e... a literatura judaica já me interessava antes de entrar na faculdade [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Além da prática teatral anterior ao curso, Pedro realizou investimentos pontuais na leitura e escrita literárias. Foi assinante da revista Bravo: “[...] Então eu assinei [a revista Bravo] logo depois que eu entrei na universidade, logo depois mesmo, aí eu fiquei uns dois anos como assinante [...]”

Durante o curso, Pedro também trabalhou como professor de Literatura em um projeto, de caráter público, financiado pela Petrobrás, em uma cidade do interior de Minas Gerais, experiência vista de forma bastante positiva por ele: “[...] Foi uma experiência muito ótima, durou um ano, eu peguei alunos assim que não sabiam, que nunca tinham lido um livro no terceiro ano do segundo grau. [...] No final eles escreveram um livro, isso foi o mais legal sabe?”

Embora possuísse já na época da entrevista formação nas habilitações Inglês e Português/Alemão, profissionalmente, Pedro se define como professor de alemão. Morou durante o período de um ano na Alemanha e investiu no aprendizado dessa língua: “[...] Eu morei um ano na Alemanha, o ano passado”.

Entre todos os investimentos na leitura e na escrita, Pedro parece valorizar mais o período em que trabalhou na área de Edição do Curso de Letras com uma professora do curso. Para Pedro foi durante esse período que ele se tornou “mais fluente” em leitura e escrita. Acerca dessa experiência, relata o seguinte:

[...] Eu trabalhei lá em 2008, 2009 e um pouquinho de 2010, foi 2008, 2009 e 2010. Eu tinha trabalhado com suplemento literário, depois eu fui pra lá e trabalhei de voluntário, fiquei dois anos lá de voluntário e ela [a professora do curso de Letras] me ensinou muita coisa assim... sabe? E a gente trabalha o tempo todo com texto, lendo. O dia inteiro tinha que ler pra revisar, ler pra fazer revisões de provas, ai chega um momento que você pega a coisa, sabe? Que tem que escrever também, escrever trabalhos gigantes todo semestre, isso acontece assim, mas não é no início, é um pouco pra frente mesmo, depois de quatro períodos eu vi, nossa! Eu consigo agora, aí tem muitos problemas que a gente não consegue entender porque também tem esses problemas, é porque simplesmente a gente não volta, a gente não relê, então hoje em dia, por exemplo, quando eu estou escrevendo um trabalho acadêmico, por exemplo. Já quando eu vou reler eu tenho muitos problemas porque como eu estou muito mais atento na escrita do que antes, porque antes eu queria colocar tudo que estava na minha cabeça, não queria perder nada. Aí agora existe uma coisa muito mais objetiva [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de todas essas disposições legítimas e competências de leitura e escrita adquiridas ao longo de suas trajetórias de vida e escolar, por meio das socializações familiares e escolares, as observações de Pedro acerca de suas práticas de leitura na atualidade indicam uma relação ambivalente com a leitura.

Assim, quando indagado se “a seu ver, o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou no modo de você ler?”, Pedro respondeu que o curso de Letras influenciou no seu modo de ler: “[...] muito mais do que nas preferências assim, porque hoje eu leio com o olhar muito mais analítico [...] a partir também dessas leituras científicas que a gente lê [...] a gente lê alguma coisa mais investigativa, buscando alguma coisa no texto”. Porém, ao detalhar essas “influências” do curso de Letras em sua leitura, Pedro deixa transparecer alguns pontos conflituosos entre seus modos de ler anteriores ao curso e as maneiras atuais:

[...] Não sei se o ler por ler não existe mais ou se existe, mas sempre tem essa coisa de ler pra tirar alguma coisa do livro assim mais pra tirar a partir de um lado profissional, sabe? Ou pra fazer uma crítica ou pra situar o seu lugar de enunciação, pra pensar assim no mundo, pra trazer outras teorias pra pensar como que a literatura reflete no mundo, sempre tem essas coisas. Hoje em dia tem isso, porque eu acho que antes não tinha, antes tinha essa coisa de ler porque era um deleite, tinha prazer, tinha vontade de ler, hoje existe essa coisa meio viciosa, mas também tem essa coisa do ler com olhar analítico, que às vezes não é bom [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Esse conflito entre práticas de leitura anteriores (“antes”) e posteriores (“hoje”) ao curso de Letras parece ter sua origem em representações sociais do prazer de ler típicas dos leitores comuns ou dos leitores “leigos”, no sentido atribuído a esse termo por Lahire (2002: 93), em oposição aos leitores profissionais, ou seja, “aos leitores produtores e, particularmente, os que pertencem às vanguardas literárias, que colocam sociologicamente o estilo antes de

qualquer coisa; leitores-críticos que ritualmente lembram que ‘pouco importa a história, contanto que haja estilo’” (LAHIRE: 2002: 93).

Ao que tudo indica, a partir do curso de Letras, Pedro deixa de ser um leitor leigo abandonado pela teoria dos campos de produção cultural e passa à condição de leitor profissional, tornando-se um agente implicado nas lutas de concorrência do campo.

A partir desse ponto, podemos nos perguntar se Pedro adquiriu o “prazer puro” da “leitura pura” que exige ser “tratada como obra de arte, ao adotar como objetivo o próprio objeto da obra lida, isto é, o prazer culto [...] do prazer do amor pela arte [...] que é irreduzível à busca dos benefícios de distinção.” (BOURDIEU, 2008: 459). A resposta a essa questão nos é dada pelo entrevistado ao revelar seus sentimentos atuais em relação ao prazer de ler:

[...] É, o prazer está inibido, assim... está misturado, está bagunçado, está uma coisa meio que o analítico e o prazeroso, [...] está brigando assim... dividem, às vezes eu leio textos que eu, que me dá muito prazer, às vezes eu tenho que ler alguns textos, sou obrigado a ler porque eu preciso fazer algumas coisas com eles, mas eu tento sempre aliar assim os textos que eu vou trabalhar, que eu escolho como objeto. Eu tento partir de uma coisa, de ter gostado do livro e, por exemplo, o último, um dos últimos textos que eu escrevi foi sobre um uma escritora marroquina, que é um texto muito lindo e tem em espanhol, não tem tradução para o português. E eu resolvi escrever na verdade sobre esse texto, me fez dar vontade de escrever, e hoje o que é isso que me dá prazer, me dá vontade de fazer alguma coisa com ele, sabe? O prazer é mais. Olha, me engrandeci pela leitura, me fez muito bem naquele momento, mas parece assim, olha, fez muito bem, mas eu preciso dar uma contribuição agora [...]
(Trecho transcrito da entrevista)

Ainda em relação ao seu gosto literário, Pedro nos forneceu algumas informações no questionário respondido por ele alguns meses antes da entrevista: ele definiu seu currículo de graduação escolhendo as disciplinas de acordo com seu gosto, sendo que, entre todas as áreas do curso de Letras, a Literatura é a área de que mais gosta. Foi também na literatura que cursou o maior número de disciplinas, considerando bom seu nível de conhecimento nela.

Nas demais áreas citadas no questionário (Línguas estrangeiras, Linguística e Área voltada ao Ensino), o pesquisado considerou seu nível de conhecimento regular. Para ele, a área de Literatura é fácil e as demais apresentam um grau de dificuldade razoável. Declarou não ter encontrado dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I. Ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, julgou que seu gosto e suas preferências coincidiam em parte com as dos professores dessas disciplinas.

Assim, ao ser solicitado para citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que tenha adorado e um que tenha detestado, citou Jacques Derrida e Sérgio San’anna, respectivamente. Talvez essa coincidência apenas parcial entre seu gosto literário e as indicações de leitura de seus professores tenha provocado em Pedro a

sensação de uma prática de leitura literária mais intensa antes de ter cursado Letras. Assim, acerca de sua formação literária do curso de Letras, Pedro afirma:

[...] Eu lia mais literatura antes de entrar no curso. Na verdade, a impressão que eu tenho é de que eu lia mais textos literários mesmo. Depois que eu entrei na faculdade, a gente tem uma repetição muito grande de leitura. A gente lê o mesmo livro em várias disciplinas, a mesma proposta tanto teórico quanto literária, a gente sempre tem essa repetição, sabe? Essa coisa de nunca mudar. Então o que eu leio hoje em dia eu gosto muito de ler. Eu leio muito, mas mais por minha conta assim porque eu acho que a faculdade de Letras [...] não se importa tanto com a formação do leitor. Não sei se ela pressupõe que todo mundo que está lá na Letras é porque gosta; quer dizer, porque gosta, mas porque gosta de literatura; e às vezes não é... Às vezes tem literatura, línguas estrangeiras, várias outras coisas e o que a gente tem de literatura lá está muito mais tempo da teoria literária, ou quando é literatura brasileira é muito pontual, é sempre... é uma repetição de um mesmo livro, mesmos autores, mesmos livros. Não tem essa coisa de trazer textos novos. Então eu acho que existe esse problema na faculdade, essa presunção de formar cientistas literários é muito mais forte do que deixar a pessoa à vontade pra conhecer coisas novas, trazer textos contemporâneos ou trazer textos antigos, mais clássicos, menos clássicos, né? Então fica nessa tríade do clássico, teoria e crítica, textos clássicos, teóricos e críticos só... Isso é muito forte lá, e essa abertura pra textos contemporâneos é muito complicado. Poucos escritores, poucos autores e professores se preocupam em trazer uma abordagem mais contemporânea, e geralmente isso acontece com professores mais novos também. Eu fiz uma disciplina uma vez que era um Romance Contemporâneo que foi muito bom, que eu li coisas que eu nunca tinha visto [...] (Trecho transcrito da entrevista)

O que Pedro parece rejeitar é a ausência de indicações de textos que coadunem com suas preferências em matéria de literatura contemporânea, judaica e de textos filosóficos, embora faça uma ressalva em relação a uma professora que leciona (ou lecionou) a disciplina “Romance Contemporâneo” que lhe oportunizou conhecer “autores novos [...] autores que eu [Pedro] nunca ouvi falar, autores hebraicos, autores árabes, americano...”.

Apesar de ter avaliado a formação cultural, intelectual, profissional e literária do curso de Letras como “regular” por meio de uma declaração feita meses antes da entrevista, Pedro parece ter encontrado meios de atualizar suas disposições de escrita e de leitura na universidade. Isso nos é revelado em pelo menos dois momentos da entrevista: quando Pedro comentou o período em que trabalhou com uma professora da Letras, na Edição, conforme já mencionado em nossa análise; quando mencionou o vínculo entre a linha de estudos adotada pela professora da disciplina “Romance Contemporâneo” e sua aprovação no Mestrado na área de Literatura.

No questionário aplicado meses antes da entrevista, Pedro citou também seu interesse pela área da filosofia, afirmando ter cursado o maior número de disciplinas eletivas nela. Ainda no questionário, Pedro afirmou dedicar, em média, cinco ou seis horas semanalmente à leitura dos livros literários indicados ou não indicados pelos professores do curso de Letras.

Além disso, Pedro forneceu detalhes de sua leitura em outros suportes, assinalando as opções: costuma ler frequentemente revistas, jornais e textos de *Internet* ; nunca lê gibis (HQs) e raramente lê livros digitais.

Em relação às leituras de jornais, prefere: as notícias nacionais; as notícias internacionais/do mundo; arte/cultura/literatura (em ordem de importância, um, dois e três, respectivamente). Em relação à leitura de revistas, prefere: revistas e periódicos literários (Barkaça, Dezfaces, Mirante, Suplemento Literário de jornais, etc.); revistas de ensaios e literatura (Serrote, Cadernos de Literatura Brasileira, Granta, etc.); cultura (Bravo, Piauí, Cult, História Viva, Revista de Cinema, etc.) (em ordem de importância, um, dois e três, respectivamente). Quando utiliza *Internet* , os sítios que mais acessa são: e-mails; *sites* de relacionamento (Orkut, Facebook, twitter, etc); notícias/textos informativos.

Prazer ou gosto é o que mais o motiva a ler um livro de literatura. Tema, linguagem e autor são respectivamente os fatores que mais influenciam na sua escolha de um livro de literatura. Gosta de ler mais de um livro ao mesmo tempo. Os três escritores de sua maior preferência são Hilda Hilst; Herberto Helder e Virgínia Woolf (escolhidos por ele em uma lista de dezoito escritores sugeridos na pesquisa e uma opção de livre escolha). Desses três escritores preferidos, somente Herberto Helder correspondeu à opção “outro(s)” (Nome não indicado na lista-padrão).

Assinalou conhecer onze das dezessete obras citadas: *Finnegans Wake*, *A Metamorfose*; *A Paixão Segundo G. H.*, *Mrs. Dalloway*, *Rútilo Nada*, *Bagagem*, *Lisbela e o Prisioneiro*; *O Auto da Compadecida*; *Paulicéia Desvairada*, *Esau e Jacó*; *Romanceiro da Inconfidência* e *Mensagem*. Demonstrou ainda conhecer dez dos autores dessas onze obras citadas, deixando de citar Fernando Pessoa. O fato de não ter citado Fernando Pessoa parece à primeira vista contraditório com sua preferência por autores portugueses, declarada na entrevista, conforme trecho abaixo:

[...] Eu tenho uma relação muito boa com a literatura portuguesa. Eu leio muito a literatura portuguesa, eu gosto, eu acho que tem umas coisas assim que eles conseguiram chegar, de linguagem, de questionamentos, de criar situações muito específicas que eu vejo, por exemplo, que no Brasil a gente não tem muito isso ainda, mas está chegando lá, tem pessoas que estão... Eu acho que tem uma diferença, a diferença que eu vejo às vezes é que tem uma fórmula de fazer literatura contemporânea no Brasil que é meio uma coisa pré- fabricada, sabe? (Trecho transcrito da entrevista)

Entretanto, essa aparente contradição entre o fato de não ter citado o autor do livro *Mensagem* (Fernando Pessoa) e a declaração de sua preferência por autores portugueses na

entrevista pode ser esclarecida quando Pedro, primeiramente, assinala no questionário um dos julgamentos que mais se aproximam de sua opinião: “Toda literatura contemporânea de qualidade me interessa” e, em segundo lugar, declara na entrevista sua preferência por literatura contemporânea em detrimento dos clássicos: “[...] Eu sou muito mais ligado à literatura contemporânea do que aos clássicos”. Além disso, reitera essa preferência por meio da indicação do primeiro de seus três livros preferidos: *Os Passos em Volta* (Herberto Helder), um poeta português de ascendência judaica. Citou *O Último Cabalista de Lisboa* (Richard Zimler), em segundo lugar e *Nenhum Olhar* (José Luis Peixoto), em terceiro.

Tanto no questionário quanto na entrevista, paradoxalmente, Pedro declara que atualmente ninguém influencia sua leitura e que ele mesmo procura muitos livros que lhe interessam. Entretanto, em outros momentos da entrevista, menciona a influência de amigos e professores do curso de Letras em suas escolhas literárias atuais.

Assim, quando solicitado a responder como escolhe os livros que lê, ele respondeu: “olha, eu gosto de procurar por mim mesmo [...] Quero sempre ficar antenado no que está na literatura. Quando eu vejo algum escritor que ganhou algum prêmio eu procuro saber, ler o livro. Eu entro muito no *site* da *Companhia das Letras*. Sempre tem muitos livros novos lá e muitos livros por indicação também”.

Quando indagado sobre essa “indicação”, Pedro respondeu que segue indicação de amigos e de professores: “[...] professores que escuto assim, ah... ou quando por ementa das matérias também da Letras”. E comentou a maneira como escolhia suas leituras antes de cursar Letras: “[...] antes eu buscava mais ou menos na biblioteca, ia pelas prateleiras mesmo. Aí eu lembro, buscava pelo título, pelo autor; às vezes eu já ia com o autor na mente e buscava...”.

A influência de professores e principalmente dos amigos do curso parece abranger também outros domínios de atividades, como explicitado no questionário e detalhado na entrevista. Assim, as três atividades de lazer preferidas de Pedro, assinaladas no questionário, por ordem de importância, em uma lista contendo trinta e uma opções de resposta (Trinta delas dirigidas e a outra podendo ser pessoal) foram: (i) ir a bares/botecos; (ii) participar de festa em casa de amigos; (iii) assistir a *shows* e espetáculos.

Interessante observar que a décima opção (ler) não foi assinalada por Pedro no questionário, mas na entrevista, quando indagado sobre como utiliza seu tempo livre, Pedro riu e iniciou sua resposta com uma interjeição: “Nossa! Eu faço tanta coisa, eu saio com os meus amigos, eu fico conversando, é... eu saio muito, saio pra festas, pra bares...”.

Em seguida, ao ser solicitado que responda sobre o seu tempo livre para a leitura, Pedro fez o seguinte comentário: “Pois é, é uma coisa que as pessoas... é... é confuso assim porque eu tenho uma insônia crônica, que é... aí eu acordo à noite e leio, leio todos os dias antes de dormir...”

Quando na entrevista Pedro descreve suas saídas e os amigos preferidos, temos a impressão de “uma relação de continuidade” entre seu universo cultural e o ambiente social no qual convive com amigos, na maioria das vezes pessoas que conheceu na universidade, como relatado no seqüência:

[...] Pedro: Ah... Eu gosto de estar na mesa assim conversando com meus amigos, sabe? Conversando e bebendo e a gente fuma. Eu fumo também...

E.: Certo.

Pedro: Bebe e fuma, a gente come alguma coisa, ou cozinhar, tipo todos cozinham, ou sair pra fazer qualquer coisa, só pra sentar em qualquer lugar, ou pra dançar, eu gosto de dançar muito, quando sai dança um pouco...

E.: Esses amigos são do teatro, do grupo da Letras?

Pedro: A maior parte é da Letras, a maior parte é da Letras, mas eu conheço muita gente.

E.: Amigo de infância?

Pedro: Amigo de infância quase não tem nenhum aqui em Belo Horizonte.

E.: É?

Pedro: É mais amigo da Letras e pessoas que eu conheço, conheci depois que eu entrei na universidade, a gente sai, aí é isso assim... Eu consigo fazer uma dosagem bacana assim de tempo, apesar de que às vezes eu preciso de passar algumas madrugadas (risos) (Trechos transcritos da entrevista).

Pedro gosta também de cinema e seus gêneros de filmes preferidos são “drama”; documentário e comédia (por ordem de importância, um, dois e três respectivamente). Na época da aplicação do questionário ele estava lendo um livro indicado pelos professores do curso de Letras: *A Sogra* (Terêncio). Durante as entrevistas, deixou claro seu gosto e envolvimento com a prática do teatro. No momento da aplicação do questionário, estava lendo um livro de seu gosto pessoal: *Os Anagramas de Varsóvia* (Richard Zimler).

Porém, na entrevista, realizada meses depois, revela que tenta partir de seu gosto pessoal para produzir os textos solicitados pela universidade. Essa estratégia assume lugar central na trajetória de Pedro que se tornou um leitor profissional que consegue aliar o gosto pessoal à leitura, se não canônica, pelo menos em vias de consagração, a fim de obter bom rendimento dos usos dessa leitura por meio da escrita acadêmica. Tudo se passa como se a atitude de “ler para aprimorar a escrita”, herdada da mãe, tivesse se tornado o ponto forte de toda a trajetória de Pedro na medida em que é essa a disposição que norteia várias de suas ações e esforços na escola e na universidade.

A herança materna de uma leitura que visa o aprendizado da escrita

Embora considere que o prazer de ler esteja “inibido”, “misturado”, “bagunçado”, Pedro se vale de uma estratégia que consiste em basear a produção pessoal acadêmica na leitura de livros de sua preferência, aliando produção “obrigatória” e “gosto pessoal”. Difícil desconsiderar a influência socializadora materna na origem dessa estratégia que concilia as disposições de escrita com as leituras prescritas no curso; isso porque Pedro relata que a mãe dele gostava muito de escrever e lia “coisas investigativas” passíveis de auxiliá-la em suas práticas de escrita.

Com efeito, Pedro reconhece a influência do lado ‘literário’ da mãe, embora atribua preponderantemente sua disposição de “ler para aprender a escrever” aos conhecimentos adquiridos na universidade. Essa influência materna, ao que tudo indica, incide também sobre algumas preferências dele. A preferência por romances policiais, por exemplo, se destacou em suas respostas no questionário aplicado alguns meses antes da entrevista, no qual Pedro indica gêneros de livros preferidos (por ordem de importância): (i) teoria literária e filosofia da linguagem; (ii) romances contemporâneos; (iii) romances policiais.

Interessante observarmos que na época em que esse questionário foi aplicado, Pedro estava lendo livros com o objetivo de elaborar um projeto de Mestrado. Meses depois, quando já havia recebido o resultado da aprovação desse projeto, que coincidiu com o momento da entrevista, Pedro lia voluntariamente um romance policial, conforme expresso na sequência abaixo:

[...] E: Atualmente você está lendo algum livro, depois que você recebeu o resultado [do processo de seleção para o Mestrado na Literatura]?

Pedro: Sim.

E: Já pegou algum livro pra ler?

Pedro: Sim, estou lendo.

E: Qual?

Pedro: Eu estou lendo um livro de contos policiais, é em inglês, chama Mystery Midrash. Midrash é uma palavra hebraica, e outro livro que eu estou lendo é o... é o “Sequestro de Edgardo Mortara”, [...] É um romance histórico de um de um historiador sociólogo americano, que é um livro legal assim, não é... igual um livro surpreendente que eu estou lendo agora, é um livro que eu estou lendo agora e junto com este de contos policiais.

E: Você está lendo os dois ao mesmo tempo?

Pedro: Sim.

E: E gostando mais de qual? Preferindo algum?

Pedro: Eu prefiro o de contos policiais, eu acho mais...

E: Você gosta mais do de contos?

Pedro: Eu gosto mais de... Eu acho mais divertido, mas ele está em inglês, né?

Então...

E: Certo.

Pedro: A leitura do outro é muito mais, muito mais produtiva.

E: Ah... O outro que está em português?

Pedro: O que está em português.

E: Ah... Certo.

Pedro: É muito mais produtiva, a leitura é muito mais rápida, entender é muito mais fácil, porque no inglês assim... Eu tenho uma leitura boa, mas não é...

E: Fluente?

Pedro: É fluente, mas não é aquela coisa assim... Eu entendo todas as palavras que estão no livro. Aí, às vezes eu quero ler, às vezes eu fico confuso assim, porque que... “Será que eu entendi direito?” Eu releio: “Ah! então é isso mesmo que ele quis dizer”.

E: Certo.

Pedro: Aí tem essa dificuldade, que é uma dificuldade que eu não tenho, por exemplo, com o espanhol. Eu leio com fluência muito boa assim mesmo... (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, ele havia destacado sua aversão pelos gêneros de livros “história e relatos históricos” e livros de auto-ajuda ou orientação pessoal. A opção “literatura clássica”, um dos gêneros preferidos da mãe, não foi assinalado nem como gênero de aversão nem como de preferência. No transcurso da entrevista, Pedro afirma ser mais ligado à literatura contemporânea do que aos clássicos. Assim, à medida que demarca certo distanciamento em relação aos clássicos, Pedro parece convergir para o que SINGLY (2009:27) define como “distância intergeracional, mas sem ruptura, e uma afirmação de afiliação, porém acompanhada de sinais de autonomia”.

Quadro 2 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Pedro

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>No fundo dos teus olhos</i> (Giselda Laporta Nicolelis)	<i>Cem Anos de Solidão</i> (Gabriel García Márquez)	<i>O Grande Mentecapto</i> (Fernando Sabino)	<i>O Médico e o Monstro</i> (Robert Louis Stevenson)
<i>Coleção Vaga-Lume</i> (não citou nenhum título de obras dessa coleção)		<i>O Menino no Espelho</i> (Fernando Sabino)	
<i>Iracema</i> (José de Alencar)	<i>O Alienista</i> (Machado de Assis)		<i>Dom Quixote</i> (Cervantes)
<i>Griffin e Sabine</i> (Nick Bantock)			
<i>A Escrava Isaura</i> (Bernardo Guimarães)			
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista	Livros não-literários
-	-	<i>Mystery Midrash</i> (Raphael, Lawrence W.)	-
		<i>Sequestro de Edgardo Mortara</i> (Kertzer, David I.)	
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Os Passos em Volta</i> (Herberto Helder)	<i>A Sogra</i> (Terêncio)	<i>Os Anagramas de Varsóvia</i> (Richard Zimler)	(i) Adorou: Jacques Derrida
O Último Cabalista de Lisboa (Richard Zimler)			(ii) Detestou: Sérgio Sant'anna
Nenhum Olhar (José Luís Peixoto)			

4.3 EMÍLIA

Emília tem 31 anos. Ela se declara “católica não praticante” e de cor parda. É filha única, natural de Belo Horizonte, onde reside atualmente num bairro situado na região noroeste da cidade, juntamente com os pais (ambos aposentados) e o filho de 10 anos (fruto de um relacionamento que durou pouco mais de um ano do namoro ao tempo em que o pai da criança e ela viveram juntos). Oriunda de família cujos pais possuem capitais escolares

antigos, formações em áreas diferenciadas, práticas de leitura diversificadas e disposições heterogêneas no mais variado domínio de práticas. A mãe é definida por ela como uma “leitora compulsiva” que “lê de tudo, lê de *Julia* [...] até os cânones, aí ela passa por tudo, lê revista, livro, jornal” e sempre a incentivou a ler. O pai de Emília lê jornais e revista sobre eletrônica, “alguma coisa assim para dar uma atualizada”. Mesmo tendo tido acesso precoce à leitura de livros, principalmente por incentivo da mãe, Emília manifestava preferência pela leitura de revistas, assim como o pai, e não se interessava pela leitura de livros, vista por ela como leitura escolar obrigatória, no período anterior ao de seu ingresso na Faculdade de Letras. Atualmente ela se apresenta como uma leitora que “lê de tudo”, exceto livros de auto-ajuda, mas atribui ao curso de Letras o desenvolvimento do gosto pela leitura de obras canônicas, bem como alguns princípios de seleção que a levaram a “adquirir certo preconceito” em relação aos escritores e livros depreciados pela “maioria do pessoal do curso”, como “Paulo Coelho” e “Harry Potter”, recusando-se a lê-los. Entretanto, continua a manifestar preferência pela leitura de narrativas românticas (um de seus livros preferidos é *A Última Noite*, de Nicholas Sparks), percebidas por ela também como prática desvalorizada pelos professores e colegas de curso. Assim, ao lado da leitura canônica, ela declara uma diversidade de práticas ligadas à leitura de romances sentimentais e manifesta uma relação intensamente afetiva com a leitura que, em última instância, parece desempenhar uma função terapêutica em sua vida. Esta função se revela em outras práticas: quando está nervosa, Emília escreve para se acalmar; a natação a faz dormir melhor, ficar mais calma, mais relaxada.

Estrutura Social e Familiar

Conforme informações contidas no questionário aplicado em sua turma em abril de 2011 e, posteriormente detalhadas na entrevista em março de 2012, Emília é católica não-praticante, mas acredita em “bastantes coisas” da doutrina espírita. O pai é ateu e a mãe, kardecista. Da entrevista de Emília, podemos inferir certo ecumenismo religioso, conforme se constata no trecho abaixo:

[...] Lá em casa ninguém frequenta igreja nenhuma, [...] mas a minha mãe acredita muito na doutrina espírita, mas também é igual a mim: também tem certas coisas que ela acredita, tem outras que não; igual tem também umas coisas lá no catolicismo de que eu gosto, tem outras de que eu não gosto; na igreja evangélica também tem umas coisas que eu gosto, tem outras que eu já não gosto. (Trecho transcrito da entrevista)

Os pais possuem formação em áreas e graus diferentes. A mãe possui formação em Letras (Português e Francês) e Pedagogia; trabalhou primeiramente como professora de Língua Portuguesa na rede municipal de Belo Horizonte, depois como supervisora, e se aposentou nessa última profissão aos 45 anos de idade. Na época da entrevista, ela tinha 66 anos; o pai, 71 anos. Ele é formado em Técnico em Eletrônica, trabalhou como Assistente Administrativo do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e também já se aposentou.

Emília não conviveu com o avô materno nem com os avôs paternos, mas na infância teve um período maior de convivência com a avó materna. Ficava na casa desta avó (que era dona de casa) enquanto a mãe estava no trabalho. Embora declare desconhecer a escolaridade de seus avôs e avós paternos e maternos, revela algumas práticas de leitura da avó materna; por exemplo, a leitura de “bula de remédio” e de “receita médica”. Apesar da convivência com a avó, ela atribui sua formação como leitora ao incentivo da mãe que, além de lhe servir de exemplo por ser uma leitora assídua de “livros literários e revistas”, lia histórias ou livros para ela durante a infância e a presenteava com livros, como ela mesma declara:

[...] Desde que eu me entendo por gente eu me lembro dela lendo, eu lembro dela lá no quarto lendo e eu brincando com alguma coisa, assim, e sempre leu demais, demais, demais. Qualquer tempo que ela tem livre ela pega, na maioria das vezes, é um livro pra ler. Assim, raramente vê ela vendo televisão, fazendo outra coisa, ou ela está pintando [...] mas na maioria do tempo é lendo.

[...] A minha mãe incentivava muito, todo livro que tinha assim ela comprava e me dava aquele. Ela fala muito de *As Mais Belas Histórias*, ela falou que aquele livro é maravilhoso, [...] que você tinha, eu não lembro muito bem não, mas ela fala demais dele, aí ela ainda fica assim ‘não porque hoje em dia as histórias não são mais bonitas como antigamente’. Então sempre está tocando nesse ponto de *As Mais Belas Histórias* pra cá, *As Mais Belas Histórias* pra lá, vira e mexe ela fala, mas aí ela sempre, livro, feira que tinha ela sempre ia, me levava, comprava um livro. (Trechos transcritos da entrevista)

Embora Emília tenha inicialmente afirmado que o pai não lia “praticamente nada”, revela a leitura de jornal que se tornou mais frequente para o pai depois que ele se aposentou. Antes da aposentadoria, ela o via lendo “alguma revista de eletrônica, alguma coisa assim pra dar uma atualizada, mas era bem raro”; “usava o computador numa época em que ele estava fazendo curso na associação lá do bairro”. Ele lia também a revista esportiva *Cruzeiro*.

Por influência paterna, Emília torce pelo *Cruzeiro*, time de futebol de Minas Gerais, e “também lia bastante essa revista” que ela nem sabe se ainda existe. A leitura de revistas era a prática mais frequente de Emília até o período em que concluiu o Ensino Médio, embora lesse também os livros “obrigatórios” da escola: “a leitura literária, a minha leitura anterior foi o quê? Mais a obrigatória; agora, fora de escola eu li, era mais só revista mesmo, livro mesmo

não teve quase nenhum.” Além da revista *Cruzeiro*, ela lia outras revistas e materiais impressos sobre voleibol, esporte praticado por ela durante o período de adolescência:

[...] Revista. Ah, também era muito apegada ao voleibol, então tudo que saía de vôlei eu estava lendo, fosse no jornal, fosse em revista. Eu comprava as revistas especializadas que na época tinha, aí eu comprava e também comprava jornal porque às vezes eu folheava alguma coisa nas páginas de esportes. Não lia muito as outras páginas não, era a página de esportes; eu ia direto nela pra ver se tinha alguma coisa de vôlei porque eu tinha aquelas pastas e montava. (Trecho transcrito da entrevista)

Além do incentivo materno e da influência paterna em sua leitura, Emília passou a infância e adolescência rodeada por grande diversidade de materiais escritos. Além do acesso a vários tipos de revistas, a mãe possuía grande quantidade de livros, dos quais, alguns estão guardados na casa de uma tia que reside nos Estados Unidos da América há aproximadamente quarenta anos e vem pouco ao Brasil, mas mantém uma residência em uma cidade de Minas Gerais.

Dentre os membros da família ampliada de Emília, essa parece ser a única pessoa com quem compartilhou alguma prática cultural. Ela menciona que o avô tinha preferência pelos primos em decorrência de desavenças passadas entre ele e o pai dela.

Os primos, com quem praticamente não conviveu, “não tinham muito o hábito de leitura” “e também a mãe deles e os pais deles não incentivavam muito não”. Por outro lado, durante muito tempo, ela e a tia se corresponderam por carta e isso parece ter sido fundamental para que Emília desenvolvesse disposições de escrita, como demonstrado no seguinte trecho da entrevista:

[...] A escrita, eu sempre adorei escrever e eu tenho até um [...] às vezes eu vou mandar algum *e-mail* pro pessoal, o povo diz: ‘Nossa! Mas seus *e-mails* são muito grandes, dá preguiça de ler’. Carta, eu adoro escrever carta, não sei se é porque eu já tinha o hábito de escrever carta pra minha tia dos Estados Unidos. Então assim, eu adoro escrever carta, aí eu tenho mania, às vezes eu escrevo duas, três, quatro folhas, saio escrevendo tudo, aí o pessoal sempre fala: ‘Nossa! Você tem que simplificar esses *e-mails* seus porque pra gente nem dá tempo de ler, a gente abre no serviço, não dá tempo de ler porque você mandou aquele calhamaço [...] e como é que a gente vai ler tudo?’ [...] O pessoal até briga comigo, mas assim escrever eu sempre adorei, mas acho que era mais essa parte de carta também que eu escrevia pra minha tia [...] Eu também tinha diário... (Trecho transcrito da entrevista)

Além dessa troca de correspondência que mantinha com a tia, Emília começou a escrever um diário. Quando estava com aproximadamente dez anos, a tia lhe presenteou com um diário importado dos Estados Unidos, sobre o qual ela comenta: “eu tinha até dó de

escrever nele porque ele era tão bonito [...] Aí, depois que eu acabar, vou ficar sem minhas páginas tão bonitinhas pra escrever...”

Essa prática de escrita perdurou por algum tempo, até a sexta ou sétima série do ensino fundamental, quando trocou o uso do diário pela utilização da agenda. Segundo ela, “teve uma época em que o pessoal tinha mania [...] dar agenda pro colega escrever [...] isso eu tinha, tive umas três, quatro agendas disso, mais ou menos; às vezes no ano eu usava duas”.

No momento da entrevista, Emília afirmou que ainda mantinha esta prática, que parece ter assumido outra função em sua vida, a catártica, como podemos inferir do seguinte trecho da entrevista: “[...] Eu tenho uma agenda. Quando eu estou muito nervosa com alguma coisa, eu [...] escrevo, acho que me dá uma acalmada. Quando estou nervosa, eu gosto de escrever, ou eu como chocolate ou eu escrevo, ou então faço os dois”. Como comer chocolate tem lhe feito passar mal, ela tem preferido escrever.

Durante a infância, além do estímulo à prática da leitura e da escrita, a mãe de Emília também a incentivava à prática de esportes: “[...] Minha mãe sempre me incentivava, me levava pros treinos, tinha uns que ela me levava assim, eu nem queria, igual é...” E, se referindo ao balé:

[...] Só que balé eu não gostava muito não. [...] Eu gosto de coisa que eu faço mais individualmente. [...] Eu não gosto de atrapalhar ninguém, igual as coreografias pra apresentar, se você errar, você vai atrapalhar o grupo inteiro. Agora, se eu estou numa competição de natação, se eu errar, se eu for devagar, só vai prejudicar a mim; prejudicar em termos, né? Porque eu nunca fiz natação profissionalmente não, já participei de competição, mas coisa pequena, não era nada grande, não. [...] Eu queria sair do balé, ela [a mãe] dizia: ‘Só se você tiver um motivo fora’. Eu ficava pensando: ‘Aí meu Deus, mas que motivo fora?’ Pensando em inventar: ‘Que motivo eu vou inventar?’ (Trecho transcrito da entrevista).

Emília pratica natação desde os sete anos, alternando os períodos de maior ou menor intensidade com os de ausência dessa prática: “[...] Desde os sete anos eu faço natação, aí teve época que eu fazia, tinha época que eu parava. [...] Então natação pra mim, além de eu gostar, é algo que me é necessário até pra eu dormir melhor, eu fico melhor quando eu estou nadando...”

Tanto o balé quanto a natação foram práticas escolhidas pela mãe de Emília. Embora tenha gostado dessa última, a primeira nunca lhe agradou. Somente na adolescência Emília passou a escolher suas práticas esportivas e optou pela modalidade do vôlei.

Na escola: entre a prática da leitura obrigatória do cânone escolar e a preferência pela leitura de revistas

De acordo com informações obtidas no questionário e na entrevista, excetuando-se a pré-escola, Emília realizou a maior parte de sua escolarização básica na mesma escola destinada à classe média e pertencente à rede particular de Belo Horizonte, sem ter sofrido nenhuma reprovação. Posteriormente, cursou Técnico em Contabilidade durante um ano nessa mesma escola. Lá, ela conhecia praticamente todos os professores que, em suas palavras: “eram aqueles mesmos, a obrigatoriedade de livros, a maioria de autor canônico, assim, a maioria eu não gostava...”

Nessa fase, Emília vê a leitura como algo obrigatório e se recusa a ler qualquer livro além desses; porém, “fora da escola”, ela lê revistas esportivas; principalmente, *Cruzeiro* (revista do time para o qual torcia) e sobre vôlei (esporte que praticava naquela época); noutra modalidade, lia a revista feminina *Querida*.

Ela foi alfabetizada na pré-escola e conta que quando iniciou a primeira série “já sabia ler tudo” e sempre manteve bom relacionamento com os professores, como expressa no seguinte trecho da entrevista:

[...] Eu sempre fui boa aluna, professor nunca reclamou de nada não nem nunca dei trabalho não. Fui perder média a primeira vez [...] já era, eu acho, no 2º grau; tanto é que eu arranjei uma choradeira danada, a minha mãe perguntou: ‘O que aconteceu? Por que você está deste jeito? Você machucou e te fizeram alguma coisa?’ ‘Ah! Perdi média’. Ela falou assim: ‘Você está chorando por causa disso?’ Aí eu falei: ‘Ah! Mas eu estou te decepcionando’. Ela falou: ‘Não preocupa não, depois você recupera’. E foi até em literatura. Não, foi redação, foi redação mesmo. (Trecho transcrito da entrevista)

O trecho da entrevista ilustra uma atitude benevolente da mãe de Emília que não se importa muito com a nota baixa da filha. Esse tom complacente da mãe em relação aos estudos da filha perpassa toda a entrevista. Ela aconselha, sugere, mas não impõe nenhuma obrigatoriedade nas práticas da filha tanto em casa como na escola.

Durante a infância e adolescência, Emília não costumava frequentar biblioteca. Na entrevista, ela disse que tinha muitos livros em casa e que prefere comprar livros a tomá-los de empréstimo porque gosta de fazer anotações em seus livros, evidenciando mais uma vez suas disposições para praticar a escrita, bem como o investimento por parte da mãe na compra de livros:

[...] Eu sempre estudei em escola particular, assim, tudo que pedia eu levava, livro sempre comprei todos. [...] Eu nem gosto de ficar pegando muito livro em biblioteca não, porque eu tenho o hábito de anotar quando eu estou lendo. Então se você pega o livro em uma biblioteca, você não pode fazer isso, né? E eu tenho mania de ficar anotando, igual aula eu não gosto de ficar só ouvindo, eu gosto de anotar, então, eu adoro escrever, então tudo eu tenho mania de anotar. (Trecho transcrito da entrevista)

Habituada ao investimento materno na aquisição de livros e revistas, além do estímulo à leitura, no momento em que deparou com um ambiente de “cobrança” na escola de ensino fundamental e médio, Emília parece inibir suas disposições leitoras em decorrência das restrições de leitura com as quais passa a conviver, principalmente após a quinta-série:

[...] A minha mãe me estimulava a ler e ela lia muito pra mim também, só que aí depois até eu afastei um pouco de leitura, aí não lia muito não, só que aí, depois, com aquela obrigatoriedade que o pessoal tem na escola eu fiquei até, tomei até uma certa aversão a livro. Quando o povo falava comigo de José de Alencar eu já até arrepiava, eu falava assim: ‘Ah, não, ler mais um livro daqueles!’ ((risos)) (Trecho transcrito da entrevista)

O caráter obrigatório do trabalho com o cânone clássico da literatura brasileira foi a causa apontada por Emília para ter se afastado da leitura, levando-a a ter aversão por essa prática de leitura. Esse estranhamento parece ter ocorrido com maior intensidade a partir da quinta série, perdurando enquanto Emília tinha entre doze e dezoito anos “mais ou menos” e, segundo declara, pelo fato de ter passado a se sentir “mais obrigada” a ler.

Ela se lembra de que gostava muito dos livros que lia na escola antes da quinta série. E quando solicitada a dar exemplos de livros de que gostava de ler nessa época de sua vida na escola, citou vários livros, mas somente *O Barquinho Amarelo* (Ieda Dias da Silva), livro utilizado em sua alfabetização, foi associado por ela à escola. Os demais livros citados foram associados ao ambiente familiar, como podemos inferir do trecho abaixo:

[...] Minha mãe tinha *A Cinderela*, tinha umas coleções assim que saíam e ela sempre procurava comprar, às vezes vinham três livros ou quatro: *Gato de Botas*, *Rapunzel*, *A Bela Adormecida*, esses mais clássicos assim. Eu me lembro deles bem, *João e Maria*. (Trecho transcrito da entrevista)

Quando solicitada uma vez mais a dar exemplos de livros de que gostava de ler no ambiente escolar ou em decorrência dele, Emília declarou não se lembrar de nenhum título, mas relatou o seguinte episódio:

[...] Eu lembro de que o primeiro livro que eu peguei na biblioteca, tanto que eu estava toda empolgada, chamava *Jogando Conversa Fora*, mas tanto é que nem era pra minha faixa etária, não, tanto é que eu peguei, aí: ‘Nossa! Que livro chato, não

estou entendendo nada!’ [...] Achei chato porque [...] acho que a faixa etária dele era dois anos acima da que eu estava. [...] Não gostei, mas aí também eu continuei pegando, fui pegando outros. (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, até aproximadamente dez anos de idade, Emília não se lembra de nenhum título como livro tomado de empréstimo na biblioteca, nem indicado por professores ou lido no ambiente escolar de que tenha gostado. De modo semelhante ao que ocorre nas séries iniciais, depois dessa faixa etária, no período entre a quinta e a oitava série, ela não se lembra de ter algum livro indicado pelos professores e/ou colegas, e também tem dúvidas se “a literatura era junto ou separado com português” ou se “a redação é que era separada”.

Assim, as práticas de leitura associadas ao ambiente escolar são na maioria das vezes realizadas por obrigação, sobrando pouco espaço para a leitura fora do contexto escolar. É por meio da falta de tempo para se dedicar à leitura espontânea, associada ao prazer, que Emília justifica a dificuldade em citar algum livro lido até aquele período de sua vida.

Na feira de livros que ocorria anualmente na escola onde estudava, Emília não escolhia os livros que iria ler; em sua maioria os títulos eram selecionados pela mãe, que os comprava para a filha, cujo gosto coincidia (e coincide) com o dela:

[...] Ela que escolhia, mas assim a minha mãe tem muito gosto, bom gosto pra leitura, tanto é que hoje em dia se ela falar que tal livro é bom, aí eu já vou ler com outra expectativa, se ela já falar que é ruim, aí eu já vejo de uma outra forma: leio ou não leio. [...] Ela já sabe o meu gosto também, aí ela já pega tal livro que eu vou gostar. (Trecho transcrito da entrevista)

Embora enfatize afinidade com o gosto materno, Emília não cita outros livros, além dos infantis já mencionados, selecionados pela mãe e lidos por ela também nessa fase. Os estudos no Ensino Médio, realizados na mesma escola do Ensino Fundamental, a convivência com os mesmos professores, a continuidade do trabalho com obras de escritores pertencentes ao cânone escolar e a interiorização da representação da leitura escolar como obrigatória são fatores apontados por ela como determinantes para seu distanciamento da leitura de livros.

Dessa maneira, excetuando-se os “livros canônicos” lidos para colégio, as práticas de leitura se resumiam às revistas esportivas e algumas assinadas por sua mãe, pelo menos dos doze aos dezoito anos. Em relação às revistas de informação, *Veja* e *Istoé*, que também eram assinadas pela mãe, não eram lidas por Emília, que raramente as folheava.

Contudo, a leitura puramente obrigatória realizada até o fim do Ensino Médio lhe foi útil no vestibular, momento em que “já tinha lido a maioria” dos livros indicados.

A leitura: produto de aprendizagem em um ambiente familiar culturalmente heterogêneo ou a negação parcial e temporária de uma herança?

Em face dos dados, podemos nos perguntar até que ponto as contradições entre esses elementos do trabalho escolar e o trabalho de socialização familiar, realizado principalmente pela mãe, contribuíram para que Emília incorporasse disposições espontâneas (Emília recusa toda prática percebida como imposição), aversão aos clássicos (Emília passou a sentir aversão por José de Alencar e outros escritores tidos como clássicos por causa da obrigatoriedade escolar) e uma relação emocional com a leitura (relação que será detalhada mais adiante).

Alguns trechos da entrevista podem, se não nos dar uma resposta definitiva, ao menos nos auxiliar na compreensão dos motivos que levaram Emília a essas incorporações de disposições de leitura ainda que, posteriormente, algumas delas fossem colocadas em “estado de vigília” (LAHIRE, 2004:26).

Apesar do gosto eclético da mãe (que lê de tudo...), seu ideal de leitura é percebido pela filha como vinculado à “relação cognitiva com a cultura” (LAHIRE, 2004:38), conforme expresso no seguinte trecho da entrevista, no qual Emília se refere a uma amiga da faculdade de Letras como sendo o modelo de uma pessoa muito “cultu” que ela acredita corresponder ao ideal de leitora projetado nela pela mãe:

[...] Tenho uma amiga aqui que é super culta, eu falo assim: ‘Oh, [nome da amiga], você é a filha que a minha mãe queria ter. [...] Eu acho que ela sempre quis que eu fosse igual você é’. [...] Ela tem na casa dela uma prateleira que é só livro, ela tem uma prateleira de vidro lá, é só livro dela. [...] Aí eu falo assim: ‘Nossa! Você é a filha que minha mãe queria ter, que a vida inteira ela gostou de ler.’ [...] Eu tive um certo período de aversão à leitura, minha mãe ficou triste nesse período porque ela queria que eu estivesse lendo e eu não estava, só estava lendo coisa de escola, e ela [a amiga] não, sempre leu a vida dela inteira. [...] Eu falo assim: ‘Você é filha da minha mãe porque você é toda culta, gosta de tudo diferente e tal, e minha mãe ia ficar toda feliz’. Mas os livros que eu dou pra ela [a mãe] ler ela costuma gostar, também o que ela me recomenda eu gosto [...] (Trecho transcrito da entrevista)

As aparentes contradições reveladas nesses trechos da entrevista remetem aos estudos de François de Singly (2009). De acordo com esse pesquisador, contrariamente ao que ocorre em relação ao patrimônio econômico, cuja negação da herança pode ser interpretada como uma ruptura com a linhagem familiar, quando se trata de um patrimônio cultural como a leitura, “a herança deve ser, de preferência, encoberta para que o prazer possa surgir” (SINGLY, 2009:18).

O pesquisador lembra, citando Pennac (1992), que o modelo contemporâneo de leitura está centrado no prazer, na gratuidade e na autonomia, enfatizando a incompatibilidade desse

modelo com “o reconhecimento de uma dívida, de um vínculo de dependência” (SINGLY, 2009:18). Baseando-se nesse modelo, ele demonstra que os estudantes leitores cujos pais são leitores têm dificuldades de assumir uma herança direta, pois haveria uma contradição entre a herança e a afirmação de um eu autônomo que seria resolvida por uma distinção entre duas dimensões da transmissão:

[...] Aquela do gosto pela prática e aquela do gosto por este ou aquele tipo de livro. Então, basta, para o herdeiro, focalizar sua atenção nas divergências entre as leituras reais de seus pais e as suas, esquecer o nível comparável dos investimentos (em termos de alcance) para se tranquilizar com relação a sua identidade pessoal. (SINGLY, 2009:18).

Embora seja raro o reconhecimento explícito da herança, Emília afirma compartilhar o gosto pela prática da leitura com a mãe. Porém, ao confrontarmos essa declaração com o período em que ela afirma ter lido somente a leitura obrigatória (dos doze aos dezoito anos) e o ideal de leitura da mãe (vinculado ao prazer, à autonomia e à gratuidade) podemos supor, sem contradição, que se trata de um caso em que a herança não se concretizou totalmente, pelo menos no que se refere à leitura espontânea de livros conforme o desejo da mãe.

Outra possibilidade de análise surge quando verificamos as preferências de leitura de Emília que, apesar da aversão pelos livros canônicos obrigatórios, sempre incentivados pela mãe e pela escola, continuou no mesmo período a manifestar preferência pela leitura fragmentada de revistas:

[...] Revistas de vez em quando eu costumo folhear todas; folheio a *Crescer*, porque minha mãe tem cartão de crédito e recebe um tanto de revista lá [em casa]: *Pequenas Empresas Grandes Negócios*, *Crescer*, *Istoé*, *Quem*, esse tipo tem um tanto lá em casa e todas eu costumo dar uma folheada. Quando passa assim algo que eu gosto, alguma resenha, eu paro pra ler também, quando eu vejo alguma resenha, jornal também de vez em quando [...] Hoje em dia eu não faço mais lista, mais escrita fisicamente, mas assim se eu vir tal coisa que eu li, eu falo: ‘Ah, eu li isso, a resenha disso em tal lugar, deve ser bacana, eu vou comprar pra mim ler’. (Trecho transcrito da entrevista)

A citação indica que a leitura de Emília e os modos de praticá-la, em parte, apresentam alguma semelhança com as práticas de leitura paterna, embora não reconhecidas como leitura por Emília na afirmação de “que ele não lê praticamente nada”, como já analisado anteriormente.

Além disso, trata-se também de uma prática materna, porém não tão incentivada pela mãe e pela escola quanto a prática da leitura de livros. Diferentemente do que ocorre com a leitura literária, a de revistas parece ser vivenciada por Emília como não obrigatória, ligada ao

divertimento e à espontaneidade, característica preponderante na leitura paterna principalmente, mas também ligada à leitura materna que não se restringe à leitura de livros.

Ao pesquisar a interação de jovens de dez a quatorze anos com livros de literatura, em dois contextos socioculturais e econômicos distintos, Machado (2003:151) destaca, entre outros pontos, “o baixíssimo índice de leitores de literatura quando em relação com os outros tipos de letramento, em outros suportes que não sejam livros, nos dois grupos sociais”. Não é sem surpresa que essa pesquisadora constata que “dos seis pais e mães considerados bons leitores (leem muito) pelos filhos, a metade, ou seja, os pais, leem muito revistas e jornais, enquanto algumas poucas mães lêem literatura” (MACHADO, 2003:149).

Assim, um olhar mais atento de nossa parte identifica a existência de disposições muito heterogêneas construídas numa socialização familiar baseada em contrastes internos - do contexto familiar - (a mãe e o pai) e externos (o pai e a escola). Talvez isso explique, ou ajude a esclarecer, essa temporária inibição das práticas de leitura literárias de Emília que, depois desse período, tornar-se-ia uma leitora assídua de livros.

Esses contrastes internos na socialização de Emília parecem ter influenciado também em sua escolha do curso superior na medida em que, embora declare um desejo antigo de ser professora (manifesto pela expressão “desde que eu me conheço por gente”), o primeiro curso universitário realizado por ela foi Desenho Industrial, na UEMG:

[...] Foi pra ter um diploma, vamos dizer assim, eu gostava, eu queria fazer algo que tivesse a ver com desenho, aí minha mãe falou assim: ‘Ah se você for fazer Belas Artes, você vai morrer de fome’. E também eu não passei no teste de aptidão aqui [na UFMG] também não, tem esse detalhe, [...] você vai desenhar, desenhar não dá futuro, [...] tanto é que eu adorava desenhar e minha mãe sempre falou assim: ‘Ah, mas isso não dá futuro e você fica perdendo tempo com isso.’ (Trecho transcrito da entrevista)

Enquanto a mãe expressava o desejo de que Emília fizesse um curso superior, visando à estabilidade profissional, o pai parecia não manter expectativas muito claras com relação à escolaridade e ao futuro profissional da filha, o que nos é indicado nos trechos abaixo:

[...] Assim, a minha mãe sempre falou pra eu fazer concurso público porque que era garantido e tal, que tinha estabilidade etc. Só que quando eu tinha meus dezoito anos eu não me importava com estabilidade, nem ligava pra isso não, tanto é que eu fiz alguns, eu classificava, mas não era dentro daqueles que eles chegam a chamar, dentro das vagas que tem, mas aí também não esquentava cabeça não. Aí, depois eu tomei consciência disso e tal, porque eu também não sei por que eu formei primeiro em Desenho Industrial. Aqui a faculdade de Letras é o segundo curso que eu estou fazendo, aí como lá eu não consegui emprego [...]

[...] O meu pai não falava muito não, mas o meu pai diz que não esperava de eu fazer... Ele esperava de eu estar melhor, ele nunca me falou isso assim com todas as palavras diretamente não, mas assim, já me jogou umas indiretas que eu percebi isso

[...] ‘Ah! Não sei se ele esperava que eu fosse fazer Direito, essas profissões assim que têm mais *status*, Arquitetura, Medicina’. Não, ele nunca me falou assim diretamente não, mas... (Trecho transcrito da entrevista)

Essas diferentes disposições dos pais de Emília se manifestam em outros domínios de atividades como almoço nos finais de semana (que aconteciam sempre sem a presença do pai, que não compartilhava esses momentos de socialização com a esposa e a filha, preferindo sair sozinho e se envolver em atividades mais livres, o que confirma suas disposições mais espontaneístas):

[...] No final de semana, meu pai sempre foi muito de gostar de ir pra rua, pra boteco, então almoçava, mas até hoje ele nunca almoça no mesmo horário que a gente almoça. [...] Vamos supor: se pedirmos uma pizza, ele vai comer umas duas horas depois, porque ele vai beber a cerveja dele ou está no boteco, qualquer coisa. Então, mais almoçávamos só eu e minha mãe ou então eu sozinha, tanto é que eu não gosto de comer sozinha, tenho pavor, eu gosto de sentar com alguém, às vezes eu estou com fome, mas eu espero pra ter alguém pra comer comigo. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa socialização baseada em transmissão de disposições diferenciadas (a mãe mais presente no ambiente doméstico, se esforçando por criar disposições ascéticas na filha: inibindo a leitura por divertimento que ela própria pratica; manifestando o desejo de que a filha se tornasse uma pessoa “cultu”; aconselhando-a a escolher um curso superior economicamente mais rentável; o pai, caracterizado por disposições mais hedonistas e demonstrando menos envolvimento com as questões escolares de Emília) nos remete a um caso analisado por Lahire (2004:158) no livro *Retratos Sociológicos*, no qual podemos nos basear para supor que Emília oscile “entre momentos de racionalização das atividades e momentos de gestão mais flexível e espontânea” e que “essas variações são ligadas por um lado ao caráter mais ou menos obrigatório do contexto no qual se desenrola a atividade; por outro, ao grau de legitimidade ou de interesse que esses objetos ou áreas de atividades têm aos olhos de Emília”.

A relevância do contexto na ativação ou inibição dessas disposições construídas ao longo da trajetória de Emília se torna mais evidente quando ela inicia o curso de Letras e se torna leitora assídua de livros.

No curso de Letras: leituras obrigatórias *versus* leituras espontâneas

Na época do questionário (primeiro instrumento de coleta de dados), aplicado em abril de 2011, Emília cursava o oitavo período do curso de Letras, licenciatura na habilitação Português. Antes de prestar o vestibular para o curso de Letras, Ela já havia sido reprovada no

exame de aptidão para o curso de Belas Artes, que tentou contra a vontade materna, também na UFMG.

Havia declarado, nesse questionário, como motivo principal que a levou a cursar uma graduação em Letras, “a necessidade de renda, por exemplo, estágios”. Um ano depois da aplicação do questionário, na entrevista realizada em março de 2012, ela se lembra de que sempre pensou em ser professora, mas considera um obstáculo à realização desse desejo a dificuldade que tem para “falar em público”:

[...] É uma coisa muito estranha porque eu tenho uma certa dificuldade pra falar em público. Eu já até fiz um curso da empresa que era até facultativo; eu lembro que eu quis fazer pra melhorar isso. Assim eu aprendi técnicas lá e tal de respiração, [...] mas eu ainda tenho uma certa dificuldade [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Recorda-se de que essa dificuldade não existia quando ela estava no colégio, período em que “sempre era líder de grupo” e que ela somente se manifesta quando se trata de falar sobre “alguma coisa que não compreende muito” ou quando está “insegura”.

Ao detalhar o contexto em que se sente insegura, afirma: “quando é uma coisa que eu domino, que eu estou tranquila, eu vou e falo numa boa. É lógico que tem nervosismo e tal, mas é coisa que sai bem; mas se sai uma coisinha que eu estou meio insegura, aí complica um pouquinho”.

Assim, quando solicitada a responder se essa dificuldade seria a causa de ter evitado cursar Letras de não ter se mobilizado para ser professora, Emília respondeu que “Isso contribuiu um pouco sim”, mas se lembrou de que quando cursava a pré-escola gostava de “fingir” que era professora.

Ela ainda deseja ser professora, mas antes quer “fazer uns cursos de desinibição” porque acha que isso vai ajudá-la bastante. Atualmente, ela é funcionária pública, gosta do trabalho que realiza, embora o considere repetitivo. Avalia positivamente o salário que recebe (considera que está “acima do mercado”), acha positivo o baixo nível de exigência deste trabalho.

Entretanto deseja deixar o emprego atual por outro, público também, porém com regime de estatutária, principalmente por causa da estabilidade que esse último oferece. Essa necessidade de estabilidade profissional perpassa toda a entrevista de Emília.

No questionário, assinalou ter definido o currículo do curso de Letras, principalmente, escolhendo as disciplinas de acordo com seu gosto, indicando o ensino como a área de que mais gosta e na qual cursou o maior número de disciplinas e frisa, ainda, ser esta a única área

que considera fácil. Essas escolhas de Emília no curso de Letras parecem bastante coerentes com seu interesse profissional.

Emília indica a Literatura como segunda área de que mais gosta e a Linguística Aplicada ao ensino em terceiro, declarando possuir grau de dificuldade razoável nessas áreas. É na área de Línguas Estrangeiras que encontra maiores dificuldades e considera seu nível de conhecimento ruim tanto nesta área quanto em Linguística.

A situação de Emília em relação à Literatura é intermediária visto que assinala possuir grau de dificuldade razoável e nível de conhecimento regular nessa área. Apesar disso, nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I assinalou ter encontrado as seguintes dificuldades: (i) modos de ler, e de falar sobre a leitura, pouco familiares (realizar comentários sobre linguagem, atentar para princípios estéticos em detrimento do enredo, por exemplo); (ii) carga de leitura teórica excessiva; (iii) desconhecimento das obras e autores citados; (iv) campos teóricos desconhecidos (como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo); (v) horário. (respostas enumeradas no questionário de acordo com o nível de importância atribuído a cada uma dessas dificuldades na visão da pesquisada).

À primeira vista parece contraditório o fato de Emília assinalar a prática do comentário literário como primeira dificuldade encontrada nas aulas de Teoria Literária I visto que suas disposições de escrita (adquiridas precocemente no ambiente familiar) incluem o hábito de fazer anotações durante a leitura, o que, em princípio, facilita a retomada de detalhes da obra na produção do comentário vinculado ao ideal de *lector* (“alguém cuja produção consiste em falar das obras dos outros”) (BOURDIEU, 1996:232), ou seja, leitor profissional.

Mesmo já tendo percorrido amplamente sobre suas práticas de escrita na infância e na adolescência (cartas, anotações de aula, diários), ao responder se utiliza, ou não, estratégias para auxiliar a compreender o texto literário, Emília atribui à utilização de estratégias, que prefere denominar como “facilitador”, ao aprendizado no curso de Letras.

Além da “observação do tempo da narrativa com o objetivo de perceber recursos literários em livros e filmes”, Emília cita outras estratégias:

[...] Eu saio grifando e anoto dos lados o que eu não entendo, ponho interrogação que é pra eu depois voltar e perguntar. O que eu acho mais importante eu grifo e costumo anotar ainda. E tem certas páginas que eu não entendo, aí vou fazendo assim tipo, [...] puxando a setinha [...] fazendo uma setinha, puxando pra um lado, puxando pro outro e tal, até eu entender mais ou menos. (Trecho transcrito da entrevista) [...] Eu faço meus grifos, minhas anotações, gosto de marcar os personagens principais, algumas características deles, as ações deles. [...] Aí, na hora de escrever, eu acho que facilita porque eu já pego essas anotações que eu tenho, aí

já flui bem mais pra escrever, põe tipo eu organizo aquilo e vou assim, destrinchando [...](Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de que essas estratégias possam ter ajudado Emília a “sobreviver” no curso, apresentando um nível de conhecimento “razoável”, este aparente esforço parece não ter sido suficiente para uma adequação de suas disposições afetivas às disposições intelectuais inerentes ao capital específico ao campo literário (e acadêmico), o qual abrange um *habitus* literário propriamente dito e *habitus* escolástico do comentário dos *lectores*.

Assim, o que parece prevalecer é uma forte relação afetiva de Emília com a escrita que, como analisado anteriormente, parece se orientar mais para a “catarse” do que para “análise” literária, do ponto de vista do curso.

Embora estas observações possam valer também para as práticas de leitura de Emília, estas apresentam algumas especificidades ou até mesmo algumas transformações como ela mesma relata: “quando eu entrei na faculdade [...] a minha visão de leitura mudou totalmente, aí é que eu comecei a ler livro assim sem ser naquela obrigatoriedade e, mesmo tendo os obrigatórios, eu pego outros pra ler em paralelo”.

Talvez por isso a faixa etária em que mais leu livros literários tenha sido acima dos dezenove anos e, principalmente, durante o curso de Letras, em decorrência do esforço por se apropriar da cultura literária idealizada neste curso.

Se concordarmos com a ideia de Lahire (2002) de que as situações sociais nas quais vivem os indivíduos constituem verdadeiros ‘ativadores’ de resumos de experiências incorporados (esquemas de ação) e que a forte dependência dos agentes sociais em relação a esses contextos sociais ‘tiram’ deles certas experiências e deixam outras em estado de gestação; ou de vigília, podemos supor que o contexto acadêmico tenha alterado as forças que agiam sobre Emília, sem ter necessariamente promovido uma transformação radical em sua leitura.

Assim, no período em que foi feita a primeira coleta de dados, um ano antes da entrevista, Emília, ao mesmo tempo em que assinalava não estar se dedicando à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras e destinando menos de uma hora semanalmente às leituras voluntárias, apontou como atuais influenciadores de sua leitura os professores da Faculdade de Educação (e ela própria) em primeiro lugar; em segundo, os professores de outras áreas do curso de Letras e, em terceiro, o namorado.

Estas respostas parecem contraditórias, visto que foram enumeradas de acordo com o nível de importância atribuído a cada uma delas pela pesquisada. Porém essa aparente contradição é desfeita quando Emília afirma que, no momento da aplicação do questionário,

ela lia um livro indicado pelos professores do curso de Letras, intitulado “*Ler e Compreender*”, de Ingedore Kock, mas não estava lendo nenhum livro relacionado ao seu gosto pessoal.

Talvez naquele momento Emília visse a leitura deste livro como influenciada pelos professores, mas não como indicada por eles. Além disso, havia assinalado que nesse período não estava lendo nenhum livro de seu gosto pessoal.

De acordo com outras informações contidas no mesmo questionário, assinalou que, ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, seu gosto e suas preferências coincidiam parcialmente com as dos professores dessas disciplinas.

Os três gêneros de livros indicados por ordem de preferência são: romances românticos, narrativas românticas e guias de viagem. Prazer ou gosto é o que mais a motiva a ler um livro de literatura e ao ler um livro de literatura, se permitiria ler mais de um livro ao mesmo tempo. Tema, indicações de pessoas de seu entorno, críticas (resenhas em revistas especializadas da área de Literatura) e gênero são os quatro fatores principais que mais influenciam na sua escolha de um livro de literatura.

Diante de uma lista de dezoito escritores (dezessete nomes sugeridos pela pesquisa e um de livre escolha da pesquisada), Emília escolheu, por ordem de importância: (i) Jane Austen; (ii) Emily Brontë; (iii) Nicolas Sparks. Declarou que os três livros de sua preferência são: (i) *Orgulho e Preconceito* (Jane Austen); (ii) *O Morro dos Ventos Uivantes* (Emily Brontë); (iii) *A Última Música* (Nicolas Sparks).

E, quando solicitada a citar um (a) autor(a) estudado(a) em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, a pesquisada não citou nenhum autor específico no primeiro caso, afirmando apenas ter gostado dos “cronistas em geral”. No segundo caso, citou Baudelaire.

Todo esse conjunto de informações reforça a ideia de uma possível variação nas práticas de leitura de Emília que permite supor a ativação de disposições em decorrência do contexto universitário. Tudo se passa como se as disposições ascéticas que a mãe tentou lhe transmitir por meio de atitudes exemplares (professora concursada, leitora assídua, casamento estável) e através da crença nos valores (incentivo para que Emília “se tornasse uma pessoa culta”, “lesse livros mais canônicos”, “realizasse concurso público”, “adquirisse estabilidade profissional”, etc.), e que eram confrontadas com as disposições mais hedonistas de Emília (recusa de práticas de leitura vistas como obrigatórias durante o período escolar, adesão às práticas fragmentadas de leitura de revistas associadas ao esporte ou divertimento, divórcio,

etc.) somente tivessem sido ativadas no curso de Letras e encontrado neste curso suas condições de realização.

O caráter mais obrigatório e as representações mais tradicionais de leitura reforçadas pelo ingresso no curso de Letras parecem ter contribuído para ativar as disposições mais ascéticas de Emília, como podemos inferir da seguinte sequência da entrevista:

[...] E.: Agora que você está concluindo o curso de Letras, qual é a sua opinião sobre sua leitura literária anterior ao curso?

Emília.: Igual eu te falei, a leitura literária, a minha leitura anterior foi o quê? Mais obrigatória, agora fora de escola eu li, era mais só revista mesmo; livro mesmo não teve quase nenhum.

E.: A seu ver o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou no seu modo de ler? Ou nos dois?

Emília.: Nossa! Pra mim mudou bastante; tanto é que eu fico brincando com o pessoal, eu fico assim: ‘Nossa, gente! Eu nem gostava de ler. Depois que eu entrei pra Letras, hoje em dia, depois que eu entrei lá na Letras, hoje em dia eu adoro ler’. Não sei nem como é que era, assim me ocorreu, assim foi um processo que eu não vi acontecendo, mas eu acho que aquela coisa de estímulo à leitura que o pessoal fala, ‘ah, que leitura [...] você tem que estimular a pessoa a ler tal’. Você conta parte da história, a pessoa fica curiosa, vai atrás e procura. Eu acho que foi por aí também, aquela não obrigatoriedade mesmo. Mesmo os livros que eu li aqui obrigatórios a maioria eu gostei também, eu li também com prazer, não foi uma coisa maçante igual era pra mim antigamente. É, foi por aí. (Trecho transcrito da entrevista)

Do confronto entre a visão de leitura da mãe (e a sua própria) e a dos professores e colegas do curso de Letras, surgem princípios de seleção que passam a influenciar na leitura de Emília e no julgamento que faz da leitura de sua mãe como no trecho da entrevista em que diz: “[...] minha mãe, na maior boa vontade, não está nem aí se é Julia ou se é Sabrina, o que for ela quer ler, ler autor canônico, ler autor conhecido, desconhecido, ler revista, jornal...”.

Assim, Emília parece empreender esforços para construir um *ethos* de erudição por meio da adequação a uma visão elitista da leitura, que a seu turno valida somente a leitura de livros consagrados pela tradição e crítica literárias (ABREU, 2001), atribuindo esse novo ponto de vista à influência do “pessoal” do curso de Letras, como vemos nas sequências da entrevista a seguir:

E.: A seu ver, o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou no seu modo de ler? Ou nos dois?

Emília.: Nas preferências [...] também influenciou, tipo assim, Paulo Coelho o pessoal aqui, a maioria não gosta, mas assim eu nunca li pra eu falar, mas só de ver Paulo Coelho eu já olho: ‘Ah, não vou ler isso, não’. [...] Acho que não é certo, mas eu já tenho um certo preconceito. *Harry Potter* também eu não leio, nem filme eu assisto, porque o pessoal aqui fala assim: ‘Ah, que você está lendo *Harry Potter*, que não sei o quê... nhã... nhã... nhã...’ A grande maioria e aí não animo não, só de olhar assim, eu não animo muito não. Então eu acho que muito foi influência daqui sim.

E.: Aí você procura ler mais o que o pessoal acha que tem um conceito melhor aqui?

Emília: É, eu olho os mais, o que o pessoal aqui tipo já sugere mesmo, já falam que é bom e tal; os livros que têm conceito melhor aqui.

E.: Certo.

Emília: Mesmo assim ainda leio esses que eu leio, igual estou te falando, Nicholas Sparks e tal. Eu acho que eles não devem nem gostar muito não, porque é romance também, porque é publicado às vezes naquele jornal lá dos Estados Unidos, no *Time*, aquele jornal que é famoso lá, mas que tem essas coisas assim massificadas, porque a gente sabe que o pessoal gosta mais de coisa mais canônica, né? Então acho que se eu falar isso aqui, eles até vão me olhar assim com os olhos meio estranhos.

E.: Mas por causa do curso então você agora procura ler obras mais canônicas, é isso?

Emília: Não, eu leio de tudo.

E.: Continua lendo de tudo?

Emília: Eu leio de tudo, mas assim tem obras canônicas que antigamente eu não tinha uma visão pra ler e que eu... Vamos supor, antigamente se eu pegasse um autor tipo Machado de Assis para ler; eu já ia torcer meu nariz por causa de escola. Hoje em dia não, eu já leio tranqüilo.

E.: Entendi.

Emília: Eu já leio sem aquele preconceito, porque quando eu estava na escola e falava que eu tinha que ler Machado de Assis, eu quase tinha um filho. Agora, aqui, não: eu já pego com outra visão e leio tranquilamente. (Sequência extraída de entrevista)

Ao confrontar sua leitura com os pontos de vista de seus professores e colegas, Emília percebe que suas práticas de leitura são desvalorizadas por alguns deles que parecem aderir a uma concepção mais restrita de leitura. Embora inclua em suas preferências alguns autores canônicos (sugeridos por colegas e professores), que antes do curso não gostava de ler, ela não deixou de gostar dos livros considerados menos legítimos “pelo pessoal da Letras”.

Ressalta também que a ampliação de seu vocabulário durante o curso possibilitou a leitura de alguns clássicos, por exemplo, *A Divina Comédia* (Dante Alighieri) – “que antigamente tinha de ficar com o livro e com dicionário ao lado” –, que atualmente realiza seus trabalhos de literatura com facilidade e, segundo ela, “com imenso prazer”; tendo já cursado todas as disciplinas literárias, deixando somente disciplinas linguísticas “mais pesadinhas” para o final do curso.

Na entrevista, algumas leituras foram destacadas por Emília tendo em vista momentos de sua trajetória de vida, de seu percurso acadêmico, bem como das circunstâncias nas quais as obras foram lidas, ou mesmo, interrompidas. Assim, *Orgulho e Preconceito* (Jane Austen), por exemplo, foi um livro que marcou sua vida: “é, tanto é que eu tenho uma amiga que é psicóloga, que não me entendia. depois que leu o livro da Jane Austen ou viu o filme, não sei, ela fala assim: ‘Ah agora eu passei a te entender melhor’ ”. Emília parece “mergulhar” na leitura, identificando-se com a protagonista dessa obra:

[...] Eu acho que é mais o fato da menina não aceitar certas coisas que tem na sociedade, tem certas coisas que eu também não aceito. [...] A personagem é uma personagem que eu admiro também pela sagacidade dela, pelo modo como ela coloca as coisas, pelas posturas que ela tem, sabe? [...] pela irreverência dela. (Trecho transcrito da entrevista)

A Última música, Diário de uma Paixão (ambos escritos por Nicholas Sparks) e *Diário de Suzana para Nicolas* (James Patterson) são também exemplos de livros que marcaram a vida de Emília. Ao ler esses romances, Emília mergulha nas situações, identifica-se com os personagens, amando-os ou detestando-os, sente emoções, ri ou chora ao ler romances (LAHIRE, 2002). *Diário de Suzana para Nicolas* (James Patterson) foi também o último livro que leu voluntariamente (aproximadamente duas semanas antes da entrevista) e sobre o qual faz o seguinte comentário:

[...] Eu li o livro porque eu estava lá nas *Lojas Americanas* um dia, [...] estava escrito [...] a história de amor de duas mulheres pelo mesmo homem [...] me interessou. Aí eu fui embora. Depois eu voltei lá [...] comprei um, cheguei em casa, dei pra minha mãe ler [rindo]. Ela falou assim: ‘Esse livro aqui você vai adorar, igual você gosta, você vai chorar o tempo inteiro’. Aí eu falei: [...] ‘Hoje à noite que eu vou ler porque não dá pra ler em qualquer lugar porque depois vou chegar com o olho vermelho nos lugares, o povo vai começar’: ‘Você brigou com sua mãe? brigou com seu namorado? Brigou com seu pai? Brigou com seu filho?’ E não é nada disso, né? [...] Li ele realmente e adorei. Tanto é que depois eu comprei mais um, dei um pro meu namorado. [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Se de um lado não podemos negar a influência da mídia nas preferências de Emília, de outro a própria maneira como selecionou o livro *Diário de Suzana para Nicolas* (James Patterson) não nos autoriza a atribuir somente a essa influência as leituras de Emília, que muitas vezes indicam uma tendência para práticas de leitura distanciadas dos modos de ler especializados.

De acordo com Emília, seu namorado (que concluiu o Ensino Médio e trabalha como garçom em uma empresa mista) leu *Diário de Suzana para Nicolas*, gostou e passou a uma moça que também disse ter gostado deste livro que, nas palavras de Emília, é “facinho de ler [...] flui muito a leitura dele”.

Esse aspecto da partilha da leitura com a mãe, sempre muito predominante no decurso da entrevista, parece se estender ao amigos, colegas e namorado de Emília: “A gente divide, elas [as amigas] me falam o que elas leem, eu falo o que eu leio; assim, tem livros que a gente troca”.

Ela leu *O Homem* (Aluísio Azevedo) juntamente com a colega do curso (caracterizada por Emília como uma pessoa “cult”) e disse que ambas gostaram muito deste livro. Ela já leu

também livros espíritas, mas parou de lê-los porque não corresponderam às suas expectativas religiosas.

Além da leitura, o cinema também é uma prática que geralmente compartilha com o namorado e/ou com algumas amigas do curso. Apesar de ter assinalado no questionário a alternativa “Gosto mesmo é de cinema” como o julgamento que mais se aproxima de sua opinião, e ter marcado como gêneros de filmes preferidos o romance, em primeiro lugar, o drama, em segundo e as adaptações filmicas de livros literários, em terceiro, a última vez em que ela assistiu a um filme foi aproximadamente um mês antes da entrevista:

[...] Deve ter um mês mais ou menos; eu vi aquele *Cada um Tem a Gêmea que Merece*²⁴, que meu namorado estava querendo ver [...] ‘É comédia.’, aí a gente foi ver. Mas assim, cinema eu vou bastante porque eu tenho umas amigas aqui na FALE e a gente costuma ir; eu também vou muito com ele [namorado]; levo meu filho também. (Trecho transcrito da entrevista)

A última vez em que foi ao cinema em companhia de suas amigas da faculdade foi para assistir a um filme sobre Chico Xavier: “a gente foi ver, era um do Chico Xavier, era uma história do Chico era... como que é o nome? Nossa! Eu esqueci o nome”.

Assim, tanto a escolha do filme como a frequência em que a prática ocorre parecem fortemente dependentes dos indivíduos que a acompanham nessa prática; nas palavras de Lahire (2004:85), de seus “acompanhantes-incidentes”.

O mesmo ocorre em relação às três atividades de lazer preferidas de Emília: (i) ir ao campo/à praia; (ii) passear no *shopping*; (iii) fazer compras. Ela costuma ir com algumas amigas do curso a um *Shopping* próximo da Universidade para fazer compras e/ou “comer *sushi*”.

Embora goste também de teatro e de museu, não costuma frequentar estes locais. Também gosta de ir a bares com as amigas, principalmente um que fica próximo da universidade. Ao que tudo indica, as saídas culturais e os lazeres de Emília, bem como sua maior ou menor frequência a esses lugares, dependem do gosto e da disponibilidade de tempo das amigas e do namorado.

²⁴ **Jack & Jill**, (no Brasil: *Cada um tem a Gêmea que Merece*, em Portugal, *Jack e Jill*) é um filme de comédia americano de 2011, dirigido por Dennis Dugan e estrelado por Adam Sandler. Seu roteiro foi escrito por Ben Zook, Steve Koren e Robert Smigel. O filme foi produzido pela Happy Madison e distribuído pela Columbia Pictures. As filmagens começaram em Dezembro de 2010, tendo como locações a cidade de Los Angeles. Foi lançado em 11 de novembro de 2011^[2] nos EUA. Faturou bem, com \$148 mundialmente,^[3] mas foi massacrado pela crítica^[4] e se tornou recordista com 10 prêmios no Framboesa de Ouro.^[5] http://pt.wikipedia.org/wiki/Jack_and_Jill (Acesso em abril de 2013).

Na semana da entrevista, Emília declarou não estar lendo nenhum livro, mas afirmou que utiliza recorrentemente seu tempo livre nas práticas de leitura no computador. Emília assinalou no questionário que nunca lê livros digitais, que raramente lê textos na *Internet* e que os sítios acessados com maior frequência são *e-mails*; *Youtube*; *sites* de relacionamento (*Orkut*, *Facebook*, *twitter*, etc.); *MSN*; notícias/textos informativos; sítios de divulgação de pesquisas acadêmicas; conteúdo variado e jogos.

Porém, na entrevista enfatizou o uso do *Facebook*, do *e-mail*, de páginas de concursos e de pesquisas acadêmicas. Essa última forma de utilização é detalhada no seguinte trecho da entrevista:

[...] Ah! Tem vez que eu pesquisei na Internet, tem uns autores igual é... Emily Brontë. Ela eu pesquisei na *Internet*, tanto é que outro dia eu achei um livro dela que eu não tinha lido ainda, *Abadia de Northanger*. E eu já tinha visto e eu estava até conversando com minha mãe sobre uma revista literária que eu comprei outro dia e falava... Aliás, estou fazendo confusão, foi da Jane Austen. Desculpa! Da Emily Brontë eu também procurei por causa dela, do *Morro dos Ventos Uivantes*, que eu adorei também. Agora é Jane Austen que escreveu *Orgulho e Preconceito*. Aí eu estava lendo uns livros dela, lá tem *Persuasão* também é... tem esse *Abadia de Northanger* (não sei como é que pronuncia). Aí eu estava conversando com minha mãe, que ela tem outro livro e tal. [...] A minha prima deu um livro pra minha mãe que era a biografia dela, só que a gente estava lendo que eles falaram que era muito fantasiosa, [...] a vida dela não foi igual estava lá no livro. Aí falava desse outro livro dela também. Aí eu olhando aqui na biblioteca, desculpa, na livraria, eu achei o livro sem querer, aí eu comprei, eu falei a... se for um preço acessível eu vou comprar... aí era quatorze reais eu acho, comprei! cheguei à casa, falei: 'Mãe, trouxe presente pra você'. Ainda fiquei com uns créditos, né?

Esse detalhamento de pesquisa acerca de livros (e autores), o interesse por releituras, por adaptações de livros e pelo estudo de “intermídia (de influência de uma mídia na outra e tal)”, relatados por ela na entrevista, indicam aspectos da diversidade de práticas de leitura literária não declaradas no questionário.

Emília assinala no questionário que raramente lê textos em outros suportes como revistas, jornais e que nunca lê gibis (HQs). Em relação às leituras de jornais, prefere: (i) turismo/ viagens; (ii) saúde e comportamento; (iii) arte/ cultura/ literatura; (iv) televisão; (v) notícias locais; (vi) crônicas. (respostas enumeradas de acordo com o nível de importância atribuído a cada uma delas pela pesquisada).

Em relação ao tipo de revista, costuma ler principalmente as revistas sobre escola e turismo. Apesar de raras, as práticas de leitura de jornais e revistas auxiliam a compor o repertório da leitura literária de Emília que inclui textos sobre arte, cultura e literatura, além de crônicas.

Assim, tanto as leituras mencionadas no questionário quanto as descritas na entrevista nos levam a crer que a leitura do cânone e as demais leituras fora do universo escolar não são concorrentes, “elas acontecem ao mesmo tempo, atendendo às preferências, objetivos e gostos (TARDELLI, 2003:159) de Emília, recuperando sistemas de categorização diferenciados construídos a partir de um sistema de valoração textual particular a cada comunidade de leitores, assumindo, desse modo, diferentes significados. (TARDELLI, 2003:159).

Essa diversidade parece oscilar entre: (i) as representações da leitura literária profissional constituída na trajetória no curso de Letras; (ii) as imagens da leitura-prazer *versus* leitura-obrigação construídas ao longo da trajetória de leitora comum. No primeiro caso, Emília empreende vários esforços para se apropriar das práticas de leitura do curso, o que nem sempre é possível, como podemos inferir a partir das duas experiências relatadas abaixo:

[...] Interrompi (a leitura) de *O Idiota* ((risos)) [...] Ah! Estava muito maçante, estava, ah!, tipo, ele era muito grosso, aquele livro. Foi até na época que eu tinha acabado de ler *Noites Brancas*, eu falei: ‘Ah! Já que eu gostei, vou ler esse outro aqui, que eu devo gostar também’. E como eu tinha lido *O Jogador* aqui pra faculdade e tinha gostado, eu falei: ‘Ah! Vou ler mais um’. [...] o autor que você já tem uma referência, eu gosto de pegar mais livros dele e tal; aí eu peguei *O Idiota* pra ler, mas aí chegou uma parte lá e tal que ficava sempre a mesma coisa, não desenrolava daquilo. Aí eu falei: ‘Ah! Não dou conta mais de ler esse livro não’. Aí deixei lá. [...] É porque era o cara que era o príncipe, aí chegava, ficava sempre naquela coisa. Não ia nem pra frente nem pra trás, eu falei: ‘Ah, nem...’ [...] Cansei, eu também peguei pra ler uma vez *A Divina Comédia* e também não terminei não, porque ele estava lá em poesia. Aí eu comecei a ler e tal, mas aí tinha que ficar procurando, às vezes, toda hora uma coisinha no dicionário. Aí juntou que eu estava apertada com outras atividades minhas também, aí falei: ‘Ah! depois eu termino de ler’. Não era nem caso de gostar ou não gostar não; foi também mais por falta de tempo assim, tinha outras prioridades. (Trechos transcritos da entrevista)

O segundo caso, ou seja, a visão interiorizada e contraditória, da leitura-divertimento ou prazer, oposta à leitura-obrigação, parece perpetuar-se na transmissão familiar, como quando Emília discute com a mãe sobre a formação do filho/neto:

[...] Esse negócio de questão de leitura e escola que a minha mãe colocava leitura pro meu filho... Engraçado que comigo ela nunca fez isso. Não sei se é porque eu não precisava [...]. Acho até estranho que comigo ela nunca colocou leitura como dever e como um castigo. O meu filho teve uma época em que ela começou a falar: ‘Se você não fizer isso, você vai ler isso, você vai ficar lendo’. Aí eu chamei ela no canto e falei: ‘Mãe, não é por aí; se ele está de castigo, você deixa o menino à toa no canto, porque é muito melhor; porque se você colocar a escola como dever pra ele, como castigo, ele vai falar: ‘Poxa, escola é um castigo, é uma coisa que não me dá prazer, e quando eu estou fazendo algo bom, tem que parar’. Aí, depois disso, ela parou. Mas antigamente ela colocava ele assim, entendeu? Como algo ruim e assim eu fui ter essa concepção depois que eu entrei pra cá [Faculdade de Letras]. Se eu não tivesse vindo, eu também não ia ter. (Trecho da entrevista)

Portanto, esse “gosto” bastante “ecclético” de Emília parece resultar das socializações familiares (perpassadas por disposições heterogêneas, crenças e ambiguidades), e das redes de socialização (escolar, acadêmica...) a que foi submetida.

Quadro 3 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Emília

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>As Mais Belas Histórias</i> (não citou autoria)	<i>Orgulho e Preconceito</i> (Jane Austen)	<i>A Última Música</i> (Nicolas Sparks)	<i>O Homem</i> (Aluísio Azevedo)
<i>Gato de Botas</i> (Charles Perrault)			
<i>A Bela Adormecida</i> (Charles Perrault)			
<i>Rapunzel</i> (Irmãos Grimm)	<i>A Última música</i> (Nicholas Sparks)		<i>Noites Brancas</i> (Dostoiévski)
<i>João e Maria</i> (Irmãos Grimm)			
José de Alencar (não citou título)			
<i>O Barquinho Amarelo</i> (Iêda Dias da Silva)	<i>Diário de uma Paixão</i> (Nicholas Sparks)		<i>O Jogador</i> (Dostoiévski)
	Diário de Suzana para Nicolas (James Patterson)		
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista	Livros não-literários
<i>Jogando Conversa Fora</i> (Sylvia Orthof)	Machado de Assis (não citou título)	<i>Diário de Suzana para Nicolas</i> (James Patterson)	-
<i>O Idiota</i> (Dostoiévski)	<i>A Divina Comédia</i> (Dante Alighieri)		
<i>A Divina Comédia</i> (Dante Alighieri)			
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Orgulho e Preconceito</i> (Jane Austen)	<i>Ler e Compreender</i> (Ingedore Koch)	-	(i) Adorou: Os cronistas em geral
<i>O Morro dos Ventos Uivantes</i> (Emily Brontë)			(ii) Detestou: <i>Baudelaire</i>

4.4 ALENCAR

Alencar tem 25 anos, é solteiro, pardo, não tem filhos e não pratica nenhuma religião. Mora com os pais, a avó e um irmão mais novo num bairro de classe média de Belo Horizonte, cidade onde nasceu. No período em que fizemos a entrevista, participava como vocalista, guitarrista e letrista em uma banda de “*rock’n’roll*” popular denominada X²⁵, criada por ele, juntamente com um amigo, em 2009, alguns meses depois de ele ter deixado a banda de “metal pesado” da qual fazia parte, denominada Y²⁶. Oriundo de uma família com capital cultural médio, Alencar afirma que em sua família, “todo mundo é um pouco pro lado da arte”. Assim, decidiu cursar letras “visando crescimento pessoal pra área da música mesmo”. Embora pareça ter herdado da mãe o gosto pela prática da leitura literária, seu interesse central nessa prática está vinculado à escrita de letras de música. Por isso, quando começou a escrevê-las, foi “buscar na literatura as idéias” e acredita que seu gosto pela música foi fator decisivo em sua escolha pelo curso: “[...] Eu acho que a música nesse sentido foi muito forte para eu seguir pra literatura porque está muito junto, muito ligado”.

Estrutura social e familiar

De acordo com as informações coletadas no questionário e na entrevista, a mãe de Alencar completou o curso de Psicologia e cursou pós-graduação na área de Pedagogia. Ela foi professora durante muitos anos em uma escola privada, localizada na zona sul de Belo Horizonte, cujo alunado preponderantemente pertence à classe alta, e onde Alencar e o irmão estudaram “a vida inteira”. Atualmente exerce o cargo de coordenadora pedagógica nessa mesma escola.

O pai cursou engenharia civil até a metade do curso, mas teve de interromper por motivos financeiros. Trabalhou no Banco Rural durante o período de infância de Alencar e atualmente é “artesão”. Depois que foi demitido do Banco Rural, ele montou uma “serralheria artística”, conforme explica o entrevistado:

[...] Meu pai até eu ter assim uns dez anos, onze anos ele trabalhava no Banco Rural, depois que ele foi demitido, [...] aí primeiro, teve uma serralheria, aí trabalhou na serralheria, aí depois ele assumiu a serralheria, mas a serralheria artística, era só trabalho mais artístico mesmo [...] (Trecho transcrito da entrevista)

²⁵ O nome da Banda foi suprimido a fim de assegurar o anonimato do pesquisado.

²⁶ O nome da Banda foi suprimido a fim de assegurar o anonimato do pesquisado.

Alencar desconhece a escolaridade de seus avôs (paterno e materno) e da avó paterna, sabe apenas que a avó materna concluiu o primário. Durante a infância, seus pais trabalhavam fora e era essa avó que cuidava dele e do irmão:

[...] Minha avó é dona de casa, mas o que me marcou é que ela tinha aquela coleção do Monteiro Lobato inteira do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Ela comprou, ela lia pra mim e tal. Então acho que meu primeiro contato com a literatura mesmo, capa dura, aquela coisa toda, foi com o Monteiro Lobato [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Embora não saiba precisar o tipo de livro que a avó lia para si, Alencar insiste que a avó gostava de ler e continua demonstrando muito prazer com a prática da leitura. Ele atribui sua motivação inicial para a leitura ao fato de vê-la lendo desde a época em que era criança. Assim, ele declara na entrevista: “eu via ela lendo e queria ler também assim, às vezes ela lia pra mim, mas não era isso; mais era eu ver ela com o livro na mão, aí foi acontecendo...”

Além dessa motivação para a leitura, advinda da avó, Alencar e o irmão foram incentivados pela mãe que também gostava de ler e que lhes comprava livros como presentes durante sua infância e adolescência. Além disso, pelo fato de ser professora, a mãe de Alencar sempre ganhava das editoras, no início do ano letivo, catálogos de livros que escolhia para os filhos lerem. Indagado sobre o “que a mãe lia para si”, Alencar responde:

[...] Lá em casa a gente sempre assinou revista, né? *Istoé*, esse tipo, *Superinteressante*, meio que também... Eu tenho um irmão que pra forçar, pra forçar não, né, pra trazer a ele o gosto da leitura também. Minha mãe sempre gostou de ler muito literatura. Hoje, quem mais passa sou eu; passo mais pra ela. Ela gosta muito de ler livro assim. Não é autoajuda, mas livros de, não sei se você conhece, tem um da Leila Ferreira, ela tem feito alguns... Aquela jornalista da Rede Minas [...] (Transcrição da entrevista)

Alguns elementos dessa resposta de Alencar insinuam mais a preocupação da mãe em criar disposição de leitura no irmão (e nele) do que com suas práticas de leitura pessoal na época em que os filhos eram crianças. Porém, as disposições de leitura materna possuem outro aspecto não muito aceito por Alencar e, talvez por desejar “marcar alguma distância intergeracional” SINGLY (2009:27) em relação a essa dimensão da leitura materna, Alencar tenha declarado no questionário ter aversão pelos gêneros de livros de autoajuda ou orientação pessoal.

Assim, embora mencione um livro escrito pela jornalista e entrevistadora Leila Ferreira como exemplo das preferências de leitura atuais de sua mãe e de cujo título não se lembra, mas ressalva não se tratar de livro de autoajuda, declarando alguma rejeição por esse gênero

de livro, Alencar insiste em que não se lembra de ter visto a mãe lendo algum livro “específico” durante a infância.

Apesar de dizer que o pai não teve muito a ver com seu gosto pela prática da leitura, pois ele “não é muito íntimo assim de leitura não, o negócio dele é mais revista do gênero, assim, arquitetura e construção...”, Alencar declara na entrevista que durante a infância, “sempre via seu pai ler arquitetura e construção, jornal, essas coisas...”.

Além disso, descreve a leitura do irmão mais novo como uma leitura pragmática, bem próxima dessa descrição sucinta que faz da leitura paterna. Acerca da leitura do irmão que tinha, na época da entrevista, dezesseis anos e que acabara de sofrer uma reprovação na escola, declara o seguinte:

[...] Eu acho que leitura tem, na minha opinião, muito a ver com a pessoa, né? Assim, meu irmão é muito agitado, então pra ele é difícil parar com um livro na mão e ficar [...] Lá em casa, minha mãe comprou um livro pra ele que chama *Um Livro Perigoso para Crianças*, não sei se você conhece, pra crianças de nove a noventa anos²⁷. Aí é um livro grande assim, ensinando a fazer, ensinando um tanto de coisa, ensinando a fazer papagaio, ensinando a fazer peão, ensinando até como é que joga *poker*, várias coisas, então esse é o tipo de coisa. Minha mãe sempre buscou muito trazer o gosto de leitura pra ele. Hoje está mais na área técnica, mais na área técnica assim. Ele tem lido muita coisa de eletrônica porque ele gosta, a gente mexe com música lá em casa também. Então, ele está trabalhando com isso [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, Alencar utiliza os adjetivos “técnica” e “científica” para caracterizar a leitura do irmão em oposição à sua leitura que, em suas palavras, é “bem mais literária”.

Na escola: o choque cultural e a convivência com colegas de outra classe social

²⁷ De acordo com as informações obtidas na página da loja virtual Submarino, cujo endereço é: <http://www.submarino.com.br/produto/5734715/livros/juvenil/literaturajuvenil/livro-livro-perigoso-para-garotos-o>, *O Livro Perigoso para Garotos*, de autoria de Conn e Hal Iggulden, “é o livro perfeito para todos os garotos de oito a oitenta anos que resgata brincadeiras antigas, truques, jogos, revela curiosidades sobre o sistema solar, batalhas famosas e histórias de personagens que são exemplos de coragem e bravura. Com mais de 1 milhão de exemplares vendidos, é um *best seller* na Inglaterra e nos Estados Unidos e teve seus direitos para o cinema adquiridos pela Disney depois de uma acirrada disputada entre quatro grandes produtoras. O LIVRO PERIGOSO PARA GAROTOS é um dos primeiros livros da Galera Record, novo selo da Editora Record dedicado à literatura jovem. Uma mistura de almanaque, enciclopédia e manual de sobrevivência para meninos, é o primeiro livro de Conn Iggulden, autor do *best seller* *O Imperador*, escrito em parceria com seu irmão, Hal Iggulden. A obra é uma homenagem dos dois às longas tardes de verão de sua juventude, contendo informações vitais para pais e filhos, e homens de todas as idades. Ao longo da produção do livro, os autores reviveram esses momentos, refazendo todas as etapas das brincadeiras: montaram aviões de papel, lanternas de bolso, fizeram uma roupa à prova de fogo e até construíram uma casa na árvore.” <http://www.submarino.com.br/produto/5734715/livros/juvenil/literaturajuvenil/livro-livro-perigoso-para-garotos-o> (Acesso em 30 de julho de 2012).

Alencar realizou toda a escolarização básica no colégio onde a mãe trabalhou. Declara na entrevista que iniciou sua trajetória escolar nesse colégio aos três anos de idade, no maternal, e somente saiu de lá depois que concluiu o Ensino Médio, aos dezessete anos.

Na opinião de Alencar, “lá é um colégio assim mais classe alta, né? Apesar da gente não fazer parte da classe alta, minha mãe trabalhava lá, aí quem trabalha lá tem bolsa integral, né? Aí a gente pode estudar lá assim [...]”. Mesmo tendo estudado nesse colégio desde o maternal e possuindo recursos materiais e financeiros que lhe possibilitavam o cumprimento das exigências escolares, conta que sentiu “um choque cultural”.

[...] Graças a Deus, a gente tinha todos os recursos, tudo, mas é um choque cultural, porque eu estava acostumado a vida inteira [...] Eu sou do [Nome do bairro X] aqui, mas a vida inteira eu tive acostumado a... a maioria dos meus amigos é do *São Geraldo, Nova Vista, Novo Progresso*, o pessoal com quem eu convivi. Então é uma realidade completamente diferente da realidade do *Sion*, do *Belvedere* que são as pessoas que estudam lá. Então pra mim sempre foi um choque muito grande culturalmente. [...] Lá em casa sempre teve recurso pra tudo. Nunca, nunca me senti aquém deles em termos de recurso. A única coisa que a maioria dos meninos que formaram comigo na minha escola fizeram que eu não fiz foi intercâmbio pra fora do país [...] (Trecho transcrito da entrevista).

Essa situação de “bolsista, pertencendo a dois mundos ao mesmo tempo”, (LAHIRE,2002:45), convivendo com amigos em uma escola de classe alta e, ao mesmo tempo, com amigos percebidos como mais próximos de sua classe social, foi vivenciada por Alencar como um “choque cultural”, pelo menos a partir da quinta série do ensino fundamental, no período de adolescência.

Até a quarta série do ensino fundamental, ele não tinha consciência dessas diferenças. Adquiriu essa consciência das diferenças entre os grupos de amigos com quem mantinha contato quando se tornou adolescente: “da metade do ensino fundamental pra frente porque eu acho que vai ficando adolescente, aquela coisa toda, eu na escola, eu nunca tive coisa com menina nenhuma, sempre fui excluído dessa coisa toda”. Na entrevista, Alencar se distingue dos colegas em termos de valores:

[...] Ah! É meio pesado falar disso pra mim assim. Não sei, eu acho que o pessoal não se identifica muito com coisa, sei lá, com coisa mais simples, uma amizade mesmo. Você dar um abraço pode parecer bobeira, mas não é, em minha opinião, não é, é só mais questão de ter um relógio assim, um celular assado, um tênis assado, se você não está com a roupa tal, você não vai ser bem aceito, esse tipo de coisa. Na superfície é isso [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de se dizer “excluído” do grupo de amigos do colégio e afirmar, ao mesmo tempo, sua convivência com amigos oriundos de bairros mais populares, Alencar montou uma

banda de música juntamente com alguns amigos de sua escola e foi a partir daí que intensificou o contato com eles, vencendo os obstáculos relacionados com a distância espacial, por exemplo:

[...] Eu não tinha muito convívio fora da escola, com o pessoal da escola porque o pessoal da escola mora no entorno do *Sion* e eu moro aqui no [Nome do bairro], então criança, menino né? Não tem ônibus, essas coisas... É complicado. Aí eu tinha pouco contato. Aí quando eu estava com uns quatorze anos, montei uma banda com os meninos lá. Aí foi que eu comecei a ter mais contatos com eles porque aí eles vinham pra cá. A gente ensaiava e sempre tocou lá em casa e tal. Então o meu contato maior fora da escola com meus colegas de sala foi nessa época. Aí eu tive a banda até o 3º ano [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Ele conta que essa banda de música, denominada Y, composta somente por colegas do sexo masculino, foi mantida até ele completar dezessete anos de idade. Tratava-se de uma “banda de rock” que tocava “metal pesado”, “era rock mais pesadão e em inglês”. Alencar e o vocalista dessa banda lançaram um EP (*Extended play*) em 2007: “é, chegou a lançar um EP, um EP só com músicas próprias, cinco músicas, até circulou bem aí na revista do ramo, esse tipo de coisa e eram três minhas e duas deles; não, eram duas minhas, duas deles e uma em conjunto”. Ao longo da entrevista, Alencar enfatiza o fato de seu desejo de escrever letras de música em português tê-lo motivado a cursar Letras.

[...] Eu sempre toquei guitarra. Eu era guitarrista. Aí eu tocava. Acho que a minha questão com a literatura foi a partir daí também porque, a partir de um tempo, eu comecei a escrever, comecei a querer escrever letra, aí queria idéia, aí fui buscar na literatura as idéias e eu acho que a música nesse sentido foi muito forte para mim seguir pra literatura porque está muito junto, muito ligado [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de afirmar ter “ido buscar na literatura as idéias” de que precisava para compor músicas em português, essa “busca” de Alencar parece estar também relacionada à necessidade de romper com a escola onde talvez nunca tenha se sentido realmente “incluído”.

Assim, abandonou a banda Y, único elo que reconhecia entre ele e os colegas da escola. Rompeu, pois, com a banda, na qual escrevia músicas em inglês, para formar outra, cujas letras de música passou a escrever em português (essa nova banda, denominada X, foi composta por colegas do bairro e da universidade).

Em face dos dados, podemos nos perguntar se sua decisão de romper com a banda Y., no momento em que concluiu o Ensino Médio nessa escola, não estaria também relacionada a alguma necessidade sua de retorno aos valores familiares, mais arraigados nele, mesmo que inconscientemente, do que as disposições adquiridas durante sua trajetória escolar.

Alguns trechos da entrevista podem, se não nos dar uma resposta definitiva, ao menos nos auxiliar na compreensão dos motivos que levaram Alencar a romper com a banda Y e criar a banda X. Essa última foi criada em 2009 por ele, em parceria com um dos integrantes da banda anterior.

Alencar perdeu o contato com os demais integrantes da banda anterior, como explica na entrevista: “o baterista formou aqui, acho que formou aqui em Engenharia e sumiu, não tenho contato mais; o baixista é o baixista que está comigo... e o vocalista foi pro Canadá e virou cidadão canadense [...] não tenho contato não”. Mas são seus comentários acerca do trabalho que realiza na banda X que revelam seu grau de satisfação com o grupo do qual passou a fazer parte:

[...] Eu acabei de gravar um disco, nós acabamos de gravar um disco agora em dezembro [de 2011]. Aí são dez músicas, oito são minhas, uma é do... Z. R., você conhece? Z. R. e G.. E a outra foi o poema do Drummond que a gente musicou. [...] Eu até entrei em contato com o Drummond, com o Drummond não, [além (risos) com a família, né? [...] Tentei pra ver se eles liberavam a música e tal. É, aí a minha banda tenta fazer muito esse paralelo da música com literatura, literatura nacional, os heróis nacionais. Na maioria das nossas músicas a gente pega heróis da cultura que eu acho importantes, Lampião, Antônio Conselheiro, Santos Dumont, esse tipo de símbolo nacional, e tenta jogar dentro da música, [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, a banda X, constituída agora por em trio, e não em quarteto como na banda anterior, conta com a participação de um colega da Letras que se juntou à dupla, o próprio Alencar e o baixista da banda anterior, para a realização do que ele define como “nova proposta”, salientando que esse último integrante também “mexe com literatura”:

[...] É um trio, guitarra-voz, tem um baixista e tem um baterista. O baixista formou agora em Comunicação Social aqui na UFMG; é jornalista [...] do [Nome do bairro]. [...] Na época a gente formou a banda. Aí não tinha baixista mais lá do colégio. O menino saiu e a gente espalhou cartaz no bairro e ele apareceu e passou a conviver conosco na banda antiga [...] Aí ele permaneceu nessa nova proposta, e o baterista, eu espalhei cartaz aqui na Letras. Ah! Em junho, eu acho, no início do semestre passado, ele apareceu e assumiu a proposta, e a coisa foi [...] ele também mexe com literatura, o que também me ajuda demais [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Alencar parece valorizar o fato de o novo componente da banda ser da mesma área que ele e ter disposição de auxiliá-lo na realização de seu projeto musical, como podemos ver também na sequência abaixo:

[...] E: Ele é da Letras?
Alencar: Da Letras.
E: E ele te ajuda a compor as músicas?

Alencar: Essas agora não porque elas já estavam quase todas prontas, mas ele tem escrito muita coisa, ajuda compor, ajuda às vezes ‘ô cara, vamos tentar fazer assim, vamos tentar fazer assado’ [...] (Trecho transcrito da entrevista)

O contraste entre a realização de um trabalho de composição de músicas em português, juntamente com pessoas da mesma classe social, e um trabalho anterior de composição de músicas em inglês, em parceria com pessoas de classe social mais alta, parece simbolizar dois momentos da trajetória de Alencar, nos quais ele foi “sucessivamente, mas em parte também simultaneamente socializado em universos onde os hábitos de gosto são diferentes e até socialmente opostos” (LAHIRE, 2002: 42): de um lado uma socialização familiar que lhe transmitia alguns valores “de amizade, de anticonsumismo”, por exemplo; do outro, a escola com seus colegas “consumistas” e “superficiais”, na qual a maioria deles, “praticamente todo mundo” fez intercâmbio, exceto ele.

Essa situação descrita por Alencar parece se aproximar da situação do bolsista que “pertence, de fato, a dois mundos que não têm quase nada em comum, o da escola e o do lar” (LAHIRE, 2002:44). Quando percebeu que seus valores familiares e sociais eram diferentes dos valores de seus colegas, Alencar quis mudar para o “COLTEC ou CEFET”, mas sua “mãe não deixou”: “ah, eu me lembro que eu queria fazer a prova, estudar. Ela falou: ‘você pode fazer a prova, mas você não vai mudar não’ ”.

Contudo, Alencar avalia como positiva a dimensão pedagógica dessa escola. Para ele o “choque cultural” causado pela diferença de valores entre ele e seus colegas mais ricos não o impediu de adquirir conhecimentos necessários a uma boa formação escolar e é por isso que ele acha estranho o fato de uma amiga dele não conhecer *Sherlock Holmes*, famoso personagem de ficção criado pelo escritor Arthur Conan Doyle:

[...] Ah, eu posso falar assim: na minha escola, eu tive sempre um choque cultural muito grande porque assim [eu tinha] uns valores que não eram os valores que eles têm. É a sensação que eu tive, mas como conteúdo, como recurso, como didática, esse tempo todo foi muito bom, às vezes tenho contato com o pessoal, igual é eu estava conversando com amiga minha, ela não conhecia *Sherlock Holmes*. Pra mim, tipo assim, todo mundo conhece *Sherlock Holmes* e ela não conhecia, nunca tinha ouvido falar [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de atualmente manter “pouco contato” com os amigos de infância, oriundos dos bairros populares que frequentou, ele afirma que uma amiga, filha de um casal amigo de seus pais, que costumava frequentar sua casa quando criança, formada em jornalismo, mas que atua na área da moda, pensa em ajudá-los com a produção da banda.

Excetuando-se essa amiga e um amigo que cursa *Marketing* em uma Faculdade particular, que toca músicas de MPB (Música Popular Brasileira) em bares e que ele vê “de vez em quando”, seu “contato mesmo é com o pessoal da banda” e amigos do trabalho.

O curso de Letras: da UFOP para a UFMG

Na entrevista, Alencar disse que na escola onde realizou toda sua educação básica, sempre teve contato com a literatura “clássica” que, segundo seu ponto de vista, “toda escola dá”: “nada que me chamasse muita atenção”. Afirma que depois de sua saída da escola, lidou com a literatura no cursinho de pré-vestibular, avaliando positivamente essa fase: “[...] eu vi que era o que eu gostava mesmo, trabalhar com [literatura]. Aí que eu aprofundi mais em literatura brasileira, poesia...”

Apesar de gostar da área de Letras, na entrevista ele relata que o primeiro vestibular que tentou na UFMG foi para Comunicação Social, juntamente com o vestibular para Letras na UFOP. Como não obteve aprovação na UFMG, foi estudar na UFOP, onde estudou durante um ano e se empolga ao se lembrar de um professor que conheceu lá e que o “marcou muito”: “O D. M. mexe muito com poesia e tal, e aí eu comecei a ler poesia cada vez mais”.

Nesse período da vida, mesmo tendo decidido voltar para Belo Horizonte e iniciado um curso de inglês, Alencar chega à seguinte conclusão: “mas aí eu vi que meu prazer mesmo estava com a literatura, principalmente a poesia”. Ao longo da entrevista, enfatiza a influência desse professor na formação de seu gosto literário, principalmente por poesia, como podemos constatar no seguinte trecho da entrevista:

[...] [D. M.] era uma pessoa que eu não conhecia, conhecia nome e tudo, e aí eu comecei a ter aula. No início puxou e eu fiz Teoria I, Teoria II da Literatura com ele. Teoria I é romance, esse tipo de coisa e Teoria II era poesia. No início do curso me chocou porque ele era muito rígido na sala; Não pode conversar e tal. As respostas têm que ser do jeito que ele quer, aquela coisa toda, mas com o tempo eu fui tomando... eu fui pegando carinho com a pessoa dele e vendo a paixão que ele tem pela literatura assim, e é isso que acaba deixando a gente envolvido também. Coincidiu que lá na UFOP, na época estava tendo um uma reforma curricular, ele era contra uma série de questões da reforma; nós, eu era do D. A. [Diretório Acadêmico]; eu também era contra. Então estreitou mais, e ele tem a relação com a música também. Como ele tinha uma relação muito forte, ele chegou a me dar um CD. Eu tenho um livro dele lá em casa. As poesias dele, que inclusive eu gosto bastante, são bem bonitas. Chama é *Crescente* o livro dele, [...] Aí estreitou bastante assim. Eu me lembro de frases assim da aula, coisas que eu peguei e ficou mesmo, é... *Lolita*... que ele falava muito sobre o erotismo, o que é o erotismo, o que é ser erótico e tal [...]

Quando indagado sobre alguma mudança em sua leitura a partir do curso de Letras, Alencar primeiramente fez uma descrição bastante detalhada de uma aula do professor D. M. acerca da narrativa de um conto de Joseph Conrad e se esforçou por demonstrar o conhecimento adquirido a partir de então:

[...] Então, é esse tipo de coisa que eu achei interessante, sabe? Como é que o autor coloca isso de forma tão sutil que assim na primeira leitura passa despercebido, às vezes você pode ler várias vezes e você não vai perceber que, às vezes, ele está falando ‘Olha, tem alguém ali’, mas se você não ler olhando, observando, você não vai ver que tem alguém ali, esse tipo de coisa [...] (Trecho transcrito de entrevista)

Em seguida, Alencar comenta o romance *Grande Sertão: Veredas* (Guimarães Rosa), ainda explicitando as mudanças provocadas pelo curso nos seus modos de ler. Mas a mesma clareza das transformações em suas maneiras de ler provocadas pelo curso (especialmente pelo professor D. M) não é reconhecida em relação às suas preferências literárias. Talvez por isso tenha declarado no questionário que, ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, julgou que suas preferências coincidiam apenas parcialmente com as dos professores dessas disciplinas.

Essa coincidência “parcial” entre suas preferências parece ligada ao fato de ele ter continuado a ler “todos os tipos de livro” (inclusive livros de literatura infanto-juvenil). Assim, quando solicitado a responder se houve alguma “mudança” em suas preferências (após o curso), evoca um discurso estético, comparando livros de gêneros populares a obras legítimas:

[...] Mudou, o curso de Letras [...] Eu sempre me perguntei por que eles não estudam nunca o *Senhor dos Anéis*, esse tipo de literatura que é o tipo de literatura que existe; que existe não, [...] que vende, que vende, que compra [...] Aí, eu fui perceber que realmente, foi no curso de Letras que eu entendi por quê, porque assim... Em minha opinião, quando você lê o *Harry Potter*, [...] você está lendo um entretenimento ali, gostoso, legal e tal. Mas ele não traz questões mesmo humanas assim... *O Harry Potter* nunca está em dúvida se ele é do bem ou do mal, é... O Elfo lá do *Senhor dos Anéis* nunca está em dúvida se ele é do bem ou do mal. Agora, Raskólnikov, lá do *Crime e Castigo*, lá o tempo inteiro faz maldade, faz bondade e fica aquela coisa e tem aquela, dualidade humana... E é esse tipo de literatura que eu acho que o curso estuda; que é interessante; essa porção mesmo do ser humano. Isso que eu vi a diferença, eu fiz uma conclusão minha [...] (Trecho transcrito da entrevista).

Embora o trecho evoque um discurso estético que descreve uma possível alteração nas categorias de percepção das obras literárias (“trazer, ou não, questões humanas”, “haver, ou não, conflito”, etc.), ou mesmo no reconhecimento ou valorização delas, para Alencar não são somente os elementos estéticos que “o prendem ou o ligam nas histórias que lê” (LAHIRE, 2002:93).

Assim, quando solicitado a responder se tende mais para um lado ou para o outro, ou se continua lendo os livros mais ligados às suas preferências anteriores ao curso, Alencar responde:

[...] Eu continuo lendo, [...] eu gosto de ler, assim, eu pego pra ler clássico. Aí quando aparece esse tipo de livro assim igual eu li, tem pouco tempo que eu li do Ariano Suassuna aquele... *Fernando e Isaura*²⁸, que ele pega uma história antiga, né, da inglesa, e faz um negócio. Eu leio sabendo que é passatempo mesmo, por prazer [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de dizer que o saber universitário influencia sua leitura “com certeza”, ele faz as seguintes observações sobre suas preferências atuais: “eu acho que pra crescimento pessoal eu prefiro os clássicos; pra entretenimento, pra curtir lá, ler e passar o tempo eu prefiro esses mesmo...”

Assim, a última obra literária que leu voluntariamente “foi a biografia de Kurt Cobain²⁹, que já terminei tem três dias”. Embora biografia seja um gênero que ele sente prazer em ler, Alencar faz as seguintes considerações acerca dessa prática de leitura, comparando-a a outras práticas de leitura que lhes parecem mais legítimas:

[...] Eu faço distinção muito grande também de biografia, autobiografia e texto literário. [...] Eu leio porque eu gosto de música. Então sempre tem uma referência, sempre tem um negócio. Então é mais pro lado da música, menos pro lado da literatura, apesar que este último que eu li, tem muita coisa da forma que o cara escreveu a vida de outro cara, mas assim, eu faço essa distinção... Normalmente [...] biografia eu não conto muito como livro de literatura não, assim como livro que eu estou lendo, se for pra colocar mesmo o último livro que eu li de literatura, eu li *O Erotismo* lá que é o aquele [...] esqueci o nome do cara [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Essa preocupação com a legitimidade das obras nos é revelada também por outras vias. Assim, o fato de ter assinalado no questionário “Aprecio a literatura contemporânea, mas não a conheço bem” parece confirmar sua submissão aos efeitos da legitimidade cultural, ao reconhecer a legitimidade da literatura contemporânea por meio de um julgamento acompanhado de “uma confissão de ignorância” (BOURDIEU, 1983:108).

²⁸De acordo com informações obtidas na página da loja virtual Submarino, cujo endereço é : <http://www.submarino.com.br/produto/5559227/livros/literaturanacional/literaturanacional/livro-a-historia-do-amor-de-fernando-e-isaura> página (Acesso em 05 de agosto de 2012), “O romance ‘A história do amor de Fernando e Isaura’ foi a primeira experiência de Ariano Suassuna no campo da prosa de ficção. Apesar de datar de 1956, permaneceu inédito até 1994, quando foi publicado por uma pequena editora de Recife. Somente agora, meio século depois de escrito, é objeto de uma edição de dimensão nacional através da Editora José Olympio. A história do amor de Fernando e Isaura é uma espécie de versão brasileira de Tristão e Isolda (história imortalizada pela obra de Joseph Bédier) e, como o próprio autor declarou, lhe serviu para avaliar e exercitar as forças de que dispunha para escrever o grande romance com que vinha sonhando - o clássico Romance d'A Pedra do Reino, escrito entre 1958 e 1970. <http://www.submarino.com.br/produto/5559227/livros/literaturanacional/literaturanacional/livro-a-historia-do-amor-de-fernando-e-isaura> página (Acesso em 05 de agosto de 2012).

²⁹ O título do livro a que Alencar se refere é *Mais Pesado que o Céu - Uma Biografia de Kurt Cobain* (Charles R. Cross)

Depois de citar a biografia de Kurt Cobain como exemplo de livro lido espontaneamente, ele se recorda de ter lido também *Os Passos em Volta* (Herberto Hélder), que “foi voluntário porque ela [uma professora do curso de Letras] não pediu, mas, assim, foi por causa da poesia que eu [...]”. Alencar diz que a professora de Literatura citou esse livro durante a aula, mas como “ela não ia cobrar em prova nem nada”, ele considera que tenha realizado uma leitura espontaneamente.

Porém, quando relacionamos as respostas de Alencar, registradas no questionário, percebemos uma coerência muito grande entre suas preferências literárias e o tempo de investimento nessas práticas de leitura. Assim, no questionário ele havia declarado que seus gêneros preferidos (indicados por ordem de importância) são: (i) poesia, (ii) biografia e autobiografia; (iii) literatura clássica; (iv) romances contemporâneos. Dedicava, em média, três a quatro horas semanalmente à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras e cinco a seis horas semanalmente, em média, à leitura de livros literários, não indicados pelos professores do curso de Letras. A intensa dedicação às leituras voluntárias e pertencentes aos gêneros de sua preferência é confirmada pela leitura da biografia de Kurt Cobain e da poesia de Herberto Hélder.

No momento da aplicação do questionário, o pesquisado estava lendo dois livros indicados pelos professores do curso de Letras: *Os Passos em Volta*, de Herberto Hélder e *Claro Enigma*, de Drummond. Lia também um livro de seu gosto pessoal: *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Além dos livros obrigatórios do curso de Letras, declarou ler mais de cinco livros anualmente.

Nesse mesmo questionário, Alencar assinalou vários motivos que o levam a ler um livro de literatura: prazer ou gosto, ampliação do universo cultural/conhecimentos gerais, exigência do trabalho, auto-aprimoramento, cultivo de valores. Já na entrevista, evidenciou a relevância da literatura para a prática musical (um dos motivos alegados por ele para retornar a Belo Horizonte). Sua permanência na UFOP e o contato com o professor D. M. parecem tê-lo influenciado em sua permanência no curso de Letras.

Assim, nos motivos alegados para justificar o retorno para Belo Horizonte, seu projeto de vida parece incluir a mudança para a UFMG, mas não a de curso. Assim, em 2007 tentou o vestibular para Letras na UFMG, alegando os seguintes motivos para essa mudança de universidade:

[...] Ah, primeiro, eu moro aqui e segundo eu namorava a menina. Então ela falou pra eu ficar aqui... Aí foi. Era complicado manter o namoro e realmente [...] eu gostava muito dela. E terceiro foi a banda que eu sempre tive assim...

Profissionalmente, eu quero viver de música. Então a banda nessa época era o meu...
Era um dos meus focos [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Ao longo da entrevista, Alencar reitera o que parece ser o “motor” que está por trás de todos os seus investimentos culturais, sociais, profissionais, ou seja, a música. Profissionalmente ele deseja viver da música e parece se esforçar bastante para alcançar esse objetivo. Atualmente trabalha como guia em uma instituição pública de Belo Horizonte durante aproximadamente trinta horas por semana. Na entrevista, Alencar afirmou que o ingresso nesse trabalho se deu por meio de concurso público há cinco anos e que esse trabalho lhe proporciona muito tempo livre.

Alencar cursava o oitavo período do curso de Letras na UFMG na época em que respondeu ao questionário. Nele, Alencar assinalou como motivo principal que o levou a cursar uma graduação em Letras o gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura e que definiu o currículo de graduação escolhendo as disciplinas de acordo com seu gosto, sendo a literatura a área do curso de Letras de que mais gosta e na qual cursou o maior número de disciplinas.

Considera razoável seu grau de dificuldade nas disciplinas das áreas de Ensino, Línguas estrangeiras, Linguística e Literatura e acha seu nível de conhecimento regular em todas essas áreas. Apesar de manifestar maior interesse pela literatura, revelando na entrevista que “cursa Letras visando, não o mercado de trabalho, mas seu crescimento pessoal na área da música”, Alencar, mesmo não se considerando um aluno de destaque na área de literatura, declarou, no questionário, não ter encontrado dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I.

Quando proposto que citasse um autor estudado em alguma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que haja adorado e o outro que haja detestado, mencionou Baudelaire no primeiro caso e não citou nenhum no segundo.

Na época em que o questionário foi aplicado, ele não estava cursando disciplinas eletivas, mas declarou que gostaria de cursar o maior número delas nos seguintes cursos: (i) Música; (ii) História; (iii) Biologia. Mais uma vez, a música aparece em primeiro lugar nas metas de Alencar. De acordo com seu ponto de vista, ainda segundo o questionário, o curso de Letras oferece boa formação cultural, intelectual, e literária e formação profissional “regular”. Na entrevista, ao ser indagado quanto a haver conflito de valores entre ele e os colegas na faculdade, Alencar nos fornece outras informações sobre sua visão do curso de Letras:

[...] Na faculdade não, porque aqui tem muita gente diferente. Na faculdade, eu confesso que eu também nunca me relacionei com muita gente aqui não. Não tenho grandes amigos, não formei grandes amigos. Eu tenho mais amigos na Biologia por causa do meu trabalho, o pessoal que eu convivo mais, que eu viajo e tudo mais. Mas a faculdade não, eu acho que a faculdade é bem diferente assim... São muitas cabeças, tem gente bem diferente. Tem gente que é bem da arte e coisa e tal. Tem gente que está aqui pra dar aula mesmo e tal [...] Na faculdade eu me relaciono bem. Eu prefiro esse ICHS lá de Mariana, que lá é menor e você tem contato o tempo inteiro com o professor, você tem contato o tempo inteiro com os alunos. Aqui é muito grande. Aqui é difícil encontrar com as pessoas. Eu acho que a gente acaba aprendendo mais fora de sala, na faculdade, do que dentro. Na minha opinião, lá na UFOP com certeza eu aprendi muito mais coisa fora de sala do que, quer dizer, eu não estou falando mal de dentro de sala não, porque é ótimo dentro de sala, mas o contato de você discutir uma matéria assim com um amigo e procurar os dois juntos, aqui na Letras eu não tive na UFMG. Lá em Mariana eu tive [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, quando chamado a esclarecer se a seu ver “essa socialização que tem fora com os colegas da Letras, por exemplo, é mais válida em termos de aprendizagem do que dentro de sala”, Alencar responde que, “no mínimo”, uma é tão válida quanto a outra, demonstrando sua tendência de valorizar a socialização com os colegas (a convivência com os amigos), além do conhecimento formal adquirido em sala de aula.

A leitura como produto de aprendizagem em ambientes e socializações distintas: a família e a escola

Em vários momentos da entrevista, Alencar menciona a mãe e a avó como principais responsáveis pela formação de seu gosto pela prática da leitura, durante sua infância e adolescência. A primeira lhe comprava muitos livros, coleções, quadrinhos, revistas, etc.; a segunda era admirada pela disposição à leitura e, conforme já mencionado no tópico que trata de sua estrutura social e familiar, o fato de ver a avó lendo o motivava a ler. Ao longo da entrevista, ao comentar sua relação com leitura durante a infância, Alencar enfatiza o incentivo da mãe para a prática da leitura, como expresso no trecho abaixo:

[...] Então sempre tive, sempre tive uma relação muito próxima com livro lá em casa o tempo inteiro. E sempre foi do meu gosto mesmo, eu sempre tive prazer em ler. Lá em casa sempre teve muita... essas coleções, é, eu me lembro das primeiras coisas que eu peguei pra ler foram quadrinhos, revistas esse tipo de literatura era, sabe?, quando o pessoal faz coleção de, por exemplo, a Odisséia; esse tipo de livro pra criança, pra edição reduzida e tudo mais, é Literatura nórdica, lá em casa tinha muitas coleções. Aí comecei lendo isso. Gostei! Minha mãe sempre influenciou muito, sempre pôs a gente pra ler [...]

À primeira vista, tanto a mãe quanto a avó incentivam o gosto pela leitura por meio principalmente do exemplo. Porém, quando atentamos para a descrição das práticas de leitura de ambas, constatamos que somente no caso da avó o fato de ler influenciava Alencar. No caso da mãe, esse incentivo parece ter sido mais o resultado de uma intenção de “inculcar” a prática da leitura nos filhos do que um incentivo por meio do exemplo.

Assim, a mãe utiliza livros direcionados ao público adolescente que geralmente constam nos catálogos das editoras para incentivar Alencar a ler, mas busca livros mais instigantes para “forçar” o irmão mais novo e mais resistente a essa prática, como “*O Livro Perigoso para Garotos*” (de Conn e Hal Iggulden). No desenvolvimento da entrevista, Alencar enfatiza a “liberdade” como princípio adotado pelos pais em sua socialização e do irmão.

Por isso, quando percebe haver declarado que a mãe comprava alguns tipos de livros e revistas “pra forçar” o irmão a ler, sente-se incomodado e se apressa em retificar a fala: “pra forçar, não, né, pra trazer a ele o gosto da leitura”. A afirmação desse princípio de liberdade que fundamenta a socialização familiar é expressa também em outro trecho da entrevista quando Alencar comenta a atitude dos pais diante da reprovação de seu irmão: “[os pais] entenderam que a questão dele era muito mais falta de maturidade do que falta de conteúdo”. Alencar evoca também o fato de a mãe “estar dentro” da escola como elemento na compreensão da reprovação do irmão que é visto por ele e pela família como “meio enrolado, mas inteligente”.

No questionário, Alencar havia declarado que durante a infância via os pais e a avó lendo livros literários, jornais e revistas, e raramente os via lendo a Bíblia. Já na entrevista não conseguiu se lembrar de nenhum título de obra lida pela mãe ou pelo pai nesse mesmo período. No caso das revistas, ele lembra que os pais eram assinantes das revistas *Istoé* e *Superinteressante*, embora nesse último caso, faça a ressalva de que ela foi assinada com intuito de “forçar” o irmão a ler.

Já os livros que via a avó ler pertencem à literatura infanto-juvenil. É somente quando fala da leitura atual da família que cita um livro escrito pela jornalista e apresentadora Leila Ferreira, mas também nesse caso não se lembra do título. Além disso, ao considerar a capacidade atual da leitura da avó, na ocasião da entrevista com idade de 87 anos, apesar de não se lembrar do título do livro lido recentemente por ela, Alencar menciona a predominância de leitura religiosa (missa) e revela a admiração que tem pelo fato de ela manter a prática da leitura, apesar da idade avançada:

[...] Hoje em dia ela lê mais é missa, essas coisas. Literatura mesmo, ela não lê muito mais não, mas ela gosta. Quando às vezes eu levo pra ela uns livros assim, ela gosta. Teve um livro que ela pegou um tempo atrás pra ler; eu não lembro qual que eu levei, deixei lá. Ela gosta realmente. Eu acho legal porque ela tem 87 anos; não é comum, né? (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, ele declara que a faixa etária em que mais leu livros literários foi “acima dos dezenove anos”, principalmente por interesse pessoal. Por esse mesmo motivo, durante a infância e adolescência costumava frequentar biblioteca. Na entrevista, reitera a frequência às bibliotecas do colégio e de seu local de trabalho (mas sem demonstrar entusiasmo pelo uso desse local para prática da leitura).

Apesar de ter salientado a relevância em si da qualidade do ensino ofertado pela escola onde realizou toda sua escolarização básica, quando indagado sobre a influência de professores do ensino básico em sua leitura, Alencar descreveu suas práticas de leitura escolares da seguinte forma: “ah, na escola eu não me lembro de professor ter me influenciado a ler qualquer coisa não [...] na escola eles mandavam ler o livro, eu lia e fazia prova, assim, não tinha nada além disso não”. E reitera o fato de que na escola nenhum professor ou professora indicou algum livro que lhe tenha chamado a atenção.

À primeira vista parece contraditório o fato de avaliar como positivo o ensino de uma escola sem reconhecer que nela tenha havido professores que o incentivassem a ler. Entretanto, algumas declarações de Alencar ao longo da entrevista sugerem a existência de uma intencionalidade mais pragmática no seu investimento em toda a trajetória escolar, como parecem indicar, por exemplo, os seguintes trechos da entrevista: (i) “o curso de Letras foi um curso que eu fiz, não visando mercado de trabalho; fiz visando crescimento pessoal pra área da música mesmo”; (ii) “profissionalmente, eu quero viver de música” e (iii) “e aí eu encaro a banda, a música como uma empresa como qualquer outra, a marca que tem que ser vendida, tem que ser espalhada e pra viver disso, fomentando isso”.

O curso de Letras representa para ele a ocasião de fazer a síntese entre suas disposições mais ascéticas (herdadas da leitura desinteressada da avó) e suas disposições mais pragmáticas (um conhecimento orientado em direção à ação) possivelmente herdadas do pai. Os pontos de vista assumidos nas declarações supracitadas também indicam uma oscilação entre os valores de liberdade e de compromisso.

Tudo se passa como se Alencar quisesse “unir o útil ao agradável”, ou seja, aliar tudo aquilo que é percebido por ele como pertencente à ordem do esforço visando alcançar e conectar seus objetivos (ter uma profissão, vender e divulgar uma “marca”) às suas tendências mais hedonistas (tocar guitarra, compor letras de músicas, alguns gêneros de livros, etc.).

Assim, a existência de disposições muito heterogêneas construídas numa socialização familiar baseada em contrastes internos - do contexto familiar - (a avó e o pai) e externos (lar e escola) talvez explique essa ambivalência em relação à cultura, que provoca nele pelo menos dois sentimentos paradoxais. Ao mesmo tempo em que “vê a música como uma empresa qualquer” e busca no curso de Letras “idéias para compor letras de música”, demonstrando certo pragmatismo em relação ao curso, Alencar é capaz de fazer declarações contraditórias como as que seguem:

[...] A gente passa a ler. Eu nunca me imaginei como escritor né? Eu acho que você lê o livro mais tentando analisar a forma que foi escrita, [...] mas quando você está com essa ideia na cabeça. Eu nunca me atrevi a escrever mesmo alguma coisa, algum romance e tal. Então eu nunca li muito tentando analisar o que está sendo feito ali, que tipo de foco narrativo, que está dando. Realmente essa parte teórica assim nunca foi meu foco não, mas minha coisa sempre foi ler pra um crescimento pessoal meu. [...] Eu não pego, igual, é Machado de Assis, aquela coisa dentro do leitor, é interessante, mas eu não leio o livro pra isso, pra delinear, diagnosticar essas ferramentas que cada autor usa; isso assim eu não faço não [...] (Trecho transcrito da entrevista)

No trecho transcrito acima, contrariamente à visão de uma leitura visando “buscar idéias” para a escrita de letras de música, como analisado anteriormente, Alencar declara uma prática de leitura sem compromisso com a aprendizagem da escrita, pois, nesse caso, como não se imagina escritor de romance, não lê buscando aprimorar a forma e sim o “crescimento pessoal”.

No questionário, Alencar declarou que título do livro e autor são os fatores que mais o influenciam na sua escolha de um livro de literatura e que gosta de ler, principalmente, o mesmo livro mais de uma vez e, em segundo lugar, mais de um livro ao mesmo tempo.

Diante de uma lista de dezoito escritores (dezessete nomes sugeridos pela pesquisa e um de livre escolha do pesquisado), Alencar escolheu, por ordem de importância: (i) Machado de Assis; (ii) Fernando Pessoa; (iii) James Joyce. Na questão seguinte do questionário, assinalou que os três livros de sua preferência são: (i) *D. Quixote* (Cervantes); (ii) *Crime e Castigo* (Dostoiévski); (iii) *Ensaio Sobre a Cegueira* (Saramago).

Na entrevista, algumas dessas obras foram destacadas por Alencar tendo em vista momentos de sua trajetória de vida, de seu percurso escolar, bem como das circunstâncias nas quais as obras foram lidas, ou mesmo, interrompidas. Assim, *Grande Sertão: veredas* (Guimarães Rosa), por exemplo, foi um livro que marcou um período de sua vida carregado de afetividade: “pode ser meio *clichê* assim, mas eu me identifiquei muito com o Riobaldo lá

do *Grande Sertão*, [...] tive uma namorada, a gente leu o livro junto pro vestibular, então meio que a gente adotou o livro na nossa relação.”

A obra de Dostoiévski, *Crime e Castigo*, marcou sua fase inicial na universidade: “[...] lá em Ouro Preto, eu li *Crime e Castigo* também que me marcou muito, o personagem Raskólnikov foi um personagem que marcou [...]”.

Em vez de citar um título de Carlos Drummond de Andrade e de Fernando Pessoa, Alencar evoca a poesia desses dois escritores: “[...] a poesia do Drummond eu acho que marcou muito. Eu procurei fazer o máximo que eu dei conta sobre o Drummond porque ele tem essa coisa do mineiro meio soturno, aquela coisa que a gente se identifica [...] Há aqui esse pessoal clássico; do Pessoa também foi um cara que eu li há pouco tempo; também está na música [...]”.

Alencar elenca também alguns livros que lhe marcaram a adolescência:

[...] Ó, na adolescência o que me marcou muito foram os escritores de música [...] foi Raul, me marcou demais; o Kurt Cobain lá do *Nirvana*, também eu li há pouco tempo, foi o último livro que eu li. Inclusive foi a biografia dele, e ele também tinha um relação muito próxima com literatura, e ele era fã de William Burroughs [...], poeta, escritor antigo e tal. Eu fui procurar o Burroughs por causa dele [...] é, eu li algum/ bastante biografia, talvez umas oito ou dez assim nestes/ destes seis meses pra cá [...] (Trecho transcrito da entrevista).

Tendo em vista os motivos apontados por Alencar pelos quais essas obras o marcaram, incluindo-se aí clássicos infanto-juvenis nos períodos de sua infância e adolescência, *O Gênio do Crime* (João Carlos Marinho), por exemplo, poderíamos traçar uma trajetória bem “escolar”, caso Alencar não houvesse se referido a outras práticas de leitura que, talvez por um efeito de legitimidade, não haviam sido declaradas anteriormente. Assim, ao ser solicitado que opinasse sobre sua leitura literária antes do curso de Letras, responde:

[...] Antes do [curso] eu não tinha tanto... aqui você está o tempo inteiro escutando falar, o tempo inteiro movimentando, está o tempo inteiro falando “o autor é isso, o autor é aquilo, o livro é isso, o livro é aquilo”. Você tem [...] um diálogo maior, né? Quando eu estava só dentro de casa assim, ou não convivia com quem não lia, a minha literatura era mais... igual, por exemplo, *Senhor dos Anéis*, que estourou, aquela coisa toda. Li os livros... Harry Potter eu acho que li todos. Era mais esse tipo de literatura e agora eu fui mais pro clássico, mais literatura. Machado de Assis também foi um autor que eu tentei ler na escola, não entendi nada e fui ler agora e fiquei apaixonado com *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas*, todos eles por conta própria, não por causa do curso, mas porque eles estavam sendo citados no curso o tempo todo. Ninguém me cobrou aqui no curso não, mas eu fui procurar por conta própria [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Na sequência da entrevista, Alencar contou que leu *Harry Potter e O Senhor dos Anéis* voluntariamente. Acrescenta que esses livros eram objeto de permuta entre colegas de sua idade e que:

[...] Trocava com colega, *Harry Potter estourou na época* que eu estava na sétima série. Aí o filme saiu primeiro, aí estourou, aí eu acompanhei. Como sempre gostei de ler, aí, eu acompanhei, li todos e tal. Inclusive eu li o último agora, antes do... Saiu o filme. Eu estava lendo o último, mas assim por prazer mesmo porque estava de férias, dentro de casa, aí vou ler alguma coisa [...] *O Senhor dos Anéis* também foi nessa época. Foi quando, antes de sair o filme. Eu queria ter, eu queria ler, todo mundo fala ‘ah, tem que ler antes de sair o filme, não sei o quê’, aí eu li antes do primeiro filme [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Esse último trecho revela uma prática de leitura até então ausente de seu discurso, ou seja, a leitura por “prazer mesmo”, quando não se tem nada pra fazer, podendo estar associada a uma necessidade de distração. Nesse sentido, “a leitura é o que aparece espontaneamente quando se vai ter tempo para não fazer nada, quando se vai ficar fechado sozinho em algum lugar. Esta necessidade de distração é talvez a única necessidade não social que o sociólogo pode reconhecer.” (BOURDIEU, 1996:238).

Ao mesmo tempo, essa busca pela distração parece fortemente influenciada pela mídia. Além de se tratar de um livro que “estourou na época de sua adolescência”, ele “acompanhou” as publicações da série, “leu todos” e “todo mundo dizia para ler antes de sair o filme”.

Porém, mesmo entre as preferências declaradas no questionário, há também alguns livros cuja leitura interrompeu, como é o caso de *Dom Quixote* (Cervantes). Esse foi o primeiro livro citado na sua lista de preferências. Apesar disso, alega que o considerou “maçante”, “pesado” e que:

[...] Outro livro também que eu tentei ler tem pouco tempo, estou tentando, foi o *Dom Quixote* também. Eu tentei ler, mas eu acho que, eu tenho [...] aquela versão [...] original, aquela coisa toda. Então aquela linguagem, apesar de [...] ser maçante pela linguagem, eu gostei muito da história, coisa que eu adorei, tipo assim, eu contando pra essa minha namorada, essa menina que eu namorei. Eu contava pra ela o caso do livro. Aí a gente ria porque era muito engraçado. Mas eu achei muito maçante de ler assim, é um livro também que eu quero ler pra mim, eu tenho que ler aos poucos [...] Aí eu tentei ler, eu confesso que eu não consegui chegar até o final. Mas eu queria ver como que era porque eu fiquei sabendo que era um livro onde o protagonista [...] era deficiente mental, aquela coisa toda, e eu queria ver como que o autor fazia isso, como é que ele trabalhava com isso e eu achei muito difícil de digerir, muito difícil de digerir. Chegou a um ponto que eu não estava entendendo mais nada. Aí peguei e pus o livro de lado. É um livro que eu quero ter pra ler, pra, ah! sei lá [...] (Trecho transcrito da entrevista)

[...] Não sei se define bem, mas é quando você não consegue entrar na história assim e aí vai ficando, aquilo ali vai te incomodando, incomodando a ponto que você, ah! [...] é mais por causa da linguagem [...] Dom Quixote eu não falo que eu parei de ler não. Então tipo assim, estou lendo, mas tem uns dois anos (risos) [...] que eu estou lendo, inclusive ele fica lá no serviço e o dia que eu não tenho nada, eu pego e leio duas páginas [...] Ah, é prazeroso mesmo o livro. Ele é muito engraçado, e assim *Dom Quixote* é muito doido. Já até comentei com o professor outro dia sobre o livro e tal. Então ele falou que *Dom Quixote* é o herói moderno, aquela coisa do herói que não é herói. Eu relaciono com isso, mas é muito hilário, as coisas, as situações são engraçadas. O problema é a linguagem que é pesada, é lenta, existe uma crítica imensa também à literatura cavaleiresca, né, que eu acho interessante o cara ter feito, porque tipo assim, é como se você escrevesse um livro agora falando, criticando o *Harry Potter*, criticando o *Crepúsculo* e por aí vai... E daqui a seiscentos anos alguém vai estar lendo esse livro da crítica e não o *Harry Potter*, *Crepúsculo* e isso vai ficar. Então é essa relação que eu faço, mas o *Dom Quixote* eu estou lendo [...] (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar das dificuldades reveladas nesse trecho da entrevista, Alencar persiste na leitura de *Dom Quixote* (Cervantes). Além desse, fala de dois outros livros que não fazem parte de suas preferências declaradas e cuja leitura interrompeu. Um deles é *O Som e a Fúria* (Faulkner), sobre o qual comenta: “o Faulkner realmente eu não entendi nada [...] parei”. Suas dificuldades na leitura desse livro são explicitadas na sequência da entrevista:

[...] Alencar: É porque em Faulkner o protagonista é um deficiente mental. Então, assim, as cenas vão sendo colocadas de forma que não tem julgamento de valor nenhum. Então você não sabe o que está acontecendo, o tempo inteiro assim, então tem uma hora que você fica completamente sem amarras. Você não consegue amarrar a história em nada. Aí eu não continuei lendo. Talvez se eu continuasse lendo eu ia conseguir amarrar, [...] era alugado, aquela coisa toda. Devolvi e não peguei mais. Mas eu pretendo ler ele de novo, tentar ler [...]

E: E por que você pretende tentar ler? Com qual objetivo?

Alencar: Ah, a literatura que todo mundo fala muito bem, né? Esse é um dos livros mais importantes dele.

E: Então qual é o seu objetivo?

Alencar: Ah! Meu objetivo é conhecer mesmo.

Tanto no caso de *Dom Quixote* como no caso de *O Som e Fúria*, apesar das dificuldades com o código literário, planeja continuar a leitura visando adquirir “conhecimento”. O outro livro, cuja leitura interrompeu é *Junky*, de autoria de Burroughs (autor de outro livro a que leu completamente, intitulado *Almoço Nu*):

[...] *Junky* eu li até em inglês. Foi um livro também que eu não cheguei até o final porque é um livro muito tenso, muito pesado. A própria biografia do Kurt Cobain parece que o cara, o autor bebeu pra fazer aquela biografia pesada que também está muito relacionado à droga, relacionado ao submundo mesmo [...] (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, havia declarado que ninguém influencia sua leitura e que ele mesmo procura muitos livros que lhe interessam. Apesar disso, na entrevista, citou professores da

área de literatura e grupo de amigos como pessoas que exercem alguma influência em sua leitura. Ainda na entrevista, disse que leu voluntariamente um livro indicado por uma professora do curso de Letras, no semestre passado: *Os Passos em Volta*, de Herberto Hélder.

Além dos livros, Alencar costuma ler frequentemente textos em revistas. Raramente lê jornais e textos de *Internet* e nunca lê gibis (HQs) e livros digitais, conforme declarado no questionário. Em relação às leituras de jornais, prefere editorial/opinião do jornal e Arte/cultura/literatura. Em relação à leitura de revistas, prefere revistas de informação semanal (*Veja*, *Época* e *Istoé*, etc.), além de *Superinteressante* e *Rolling Stone*. Aqui também nos é revelada uma leitura mais ligada à aquisição de “conhecimento”.

Práticas de culturais e estilo de vida

De acordo com as respostas do questionário, suas atividades de lazer preferidas são: ir a bares/botecos; participar de festa em casa de amigos e assistir a shows e espetáculos; ler; ouvir música (CDs, rádio, *Internet*, MP3, etc.); sair com amigos e escrever. Ele não gosta muito de cinema. A propósito, comenta: “não costumo ir ao cinema não, eu gosto de filme, mas não costumo ir ao cinema não; aí normalmente eu baixo da *Internet* os filmes que eu quero ver”. Nos tempos livres, gosta de ficar tocando guitarra, fazendo música e lendo”. Atualmente estuda para concurso: “tem concurso também, eu estou querendo olhar uns outros concursos, então tenho dedicado a isso”.

No questionário, Alencar havia declarado que seus gêneros de filmes preferidos são documentário, adaptações filmicas de livros literários e policiais. Na semana anterior à entrevista, Alencar havia assistido aos filmes *Drive*; *A Invenção de Hugo Cabret* (Scorsese) e *Os Descendentes* (George Clooney) sobre os quais comenta: “*Drive* que é o filme de que não gostei muito não, o outro foi aquele *Hugo Cabret*, *A Invenção de Hugo Cabret* que foi legal que meu irmão tem o livro lá [...] e eu assisti aquele que eu achei maravilhoso, aquele *Os Descendentes*, com George Clooney”.

Além desses três, pretende ver o filme sobre a biografia de Raul Seixas no cinema: “eu estou querendo ir ver o do Raul Seixas, ver se eu consigo ver no cinema”.

Alencar aprecia sair com os amigos e assistir a espetáculos: “toda sexta-feira é show”. No final de semana que antecedeu à entrevista, foi ao *Show do Crioulo*. Gosta também de caminhar à beira da Lagoa da Pampulha: “ah, eu tentava dar uma caminhada lá na lagoa, lá porque eu chegava mais cedo [a UFMG], mas tem muito tempo que eu não...”

Tendo em vista essas preferências por filmes, declaradas por Alencar, podemos afirmar que suas disposições estéticas, em matéria de leitura literária, formadas principalmente por uma escolarização prolongada, por meio de um processo de inculcação de um cânone (legítimo), o que ele valoriza e esforça por apropriar, não se manifestam no domínio da arte cinematográfica.

Alencar se interessa pelo conhecimento de escritores como Faulkner, por exemplo, e pela leitura de gêneros mais legítimos como poesia; o mesmo não ocorre com suas preferências cinematográficas, em que predomina a preferência por gêneros menos nobres como “filmes policiais”, “ação”, “aventura” e “comédia dramática”, por exemplo.

Apesar de declarar que não gosta muito de televisão, gosta muito de *Internet* e a utiliza para reproduzir filmes, conforme declarado na entrevista. Utiliza-a também para outras finalidades e, conforme declarado no questionário, os sítios que mais acessa são: (i) *e-mails*; (ii) *Youtube*; (iii) *sites* de relacionamento (*Orkut*, *Facebook*, *twitter*, etc); (iv) notícias/textos informativos e (v) *sites* de divulgação de pesquisas acadêmicas.

Nas práticas culturais e de lazer, declaradas também no questionário, se manifestam disposições heterogêneas, demonstrando ascetismo e preocupação com a saúde por meio da “caminhada à beira da lagoa”, atividade que ele interrompeu (“não consegue ir”), mas que tem “que voltar a fazer”.

Assim, o que parece “mais forte do que ele” (LAHIRE: 2004:330) que caracteriza as disposições que o inclinam a estar na maior parte do tempo em companhia de amigos (grupos de ensaio musical, pessoas do trabalho nos saraus que realiza em sua casa, etc.) parece ser mesmo um investimento nas atividades coletivas, como indicado ao longo da entrevista como, por exemplo, no seguinte trecho, ao se referir aos colegas de trabalho: “[...] A gente costuma até fazer [...] levar livro lá em casa, ficar lendo, fazer um sarau de poesia, festa nossa; juntam cinco, seis pessoas, levamos as namoradas” [...]

Portanto, para Alencar estar em grupo constitui uma condição de ativação de suas disposições culturais (e talvez profissionais, visto que ele “pretende viver da música”) e valoriza o fato de estar sempre acompanhado por amigos, rejeitando muitas vezes ambientes em que o contexto não favorece boa socialização (a escola particular, por exemplo; a sala de aula na universidade sobre a qual afirma que se aprende melhor “fora”, etc.) e preferindo ambientes externos, onde essas atividades possam ser compartilhadas com amigos, como exemplificado no seguinte trecho da entrevista: “mas a gente sempre está trocando figurinha, trocando música, trocando literatura, às vezes eles leem uma coisa legal e falam ‘ô velho, lê isso aqui’, esse amigo meu... ele leu há pouco tempo...”.

Quadro 4 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Alencar

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>Sítio do Pica-Pau Amarelo</i> (Monteiro Lobato)	A poesia de Drummond (não citou título)	-	<i>A história do amor de Fernando e Isaura</i> (Ariano Suassuna)
<i>Sherlock Holmes</i> (famoso personagem de ficção criado pelo escritor Arthur Conan Doyle)			<i>Almoço Nu</i> (Burroughs)
<i>Harry Potter</i> (J.K. Rowling)			
<i>O Senhor dos Anéis</i> (J. R. R. Tolkien)	A poesia de Pessoa (não citou título)		
<i>Odisséia</i> (Homero)			
<i>O Gênio do Crime</i> (João Carlos Marinho)			
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista	Livros não-literários
<i>Dom Quixote</i> (Cervantes)	<i>Crescente</i> (Carlos Eduardo Lima Machado)	<i>Mais Pesado que o Céu - Uma Biografia de Kurt Cobain</i> (Charles R. Cross)	-
<i>O Som e a Fúria</i> (Faulkner)		<i>Os Passos em Volta</i> (Herberto Hélder)	
<i>Junky</i> (Burroughs)		<i>O Erotismo</i> (Francesco Alberoni)	
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Dom Quixote</i> (Cervantes)	<i>Os Passos em Volta</i> (Herberto Helder)	<i>Morte e Vida Severina</i> (João Cabral de Melo Neto)	(i) Adorou: Baudelaire
<i>Crime e Castigo</i> (Dostoiévski)	<i>Claro Enigma</i> (Carlos Drummond de Andrade)		(ii) Detestou: -
<i>Ensaio sobre a Cegueira</i> (Saramago)			

4.5 AMÉLIA

Amélia tem 22 anos, é parda, evangélica, solteira e não tem filhos. É natural de Belo Horizonte e mora em um bairro situado na região norte da cidade, juntamente com os pais e a única irmã, aproximadamente três anos mais jovem que ela, [irmã] que cursa Ciências Biológicas e possui uma cultura livresca direcionada para sua área de estudo. Originária de família dotada de recursos culturais, que valoriza a cultura escrita e possui forte envolvimento moral em uma cultura religiosa, Amélia se apresenta inicialmente como uma leitora cuja “área de conforto é essa literatura voltada para religião tanto católica quanto evangélica e essa literatura mais infanto-juvenil”, mas, em seguida, indica transformações desse gosto em decorrência da influência de um ex-namorado que cursava Filosofia e, posteriormente, dos professores do curso de Letras. Dedicase ao estudo da música, especialmente à prática do violino, buscando ampliar seu repertório cultural principalmente nesta área e na literatura. Dotada de intenso ascetismo e crença na legitimidade cultural das obras literárias, Amélia empreende esforços para apropriar-se das leituras indicadas, primeiramente por um ex-namorado com maior capital cultural do que ela; em seguida, por seus professores do curso de Letras, tentando mais ou menos conscientemente inibir nos modos de ler livros pertencentes a cânones consagrados com os quais já mantinha uma relação de relativa familiaridade as fortes disposições morais e estéticas construídas em sua socialização familiar.

Estrutura social e familiar

De acordo com informações contidas no questionário³⁰ o pai de Amélia é formado em Administração de Empresas e exerce a profissão de supervisor na mesma área. A mãe não completou o curso de Serviço Social e não exerce nenhuma profissão. Na entrevista, a pesquisada afirmou que durante a infância, a mãe trabalhou como professora “infantil”. Amélia desconhece a escolaridade do avô paterno, da avó paterna e da avó materna; o avô materno possui primário completo (ou fundamental incompleto).

Antes de se converterem à religião evangélica, há aproximadamente cinco anos, os pais de Amélia eram católicos. Assim como os pais, a família ampliada de Amélia é

³⁰ As informações relativas ao curso de graduação e à ocupação dos pais de Emília, à diferença de idade entre ela e a irmã e, se mais alguém da família estuda música foram obtidas por contato telefônico em 15 de março de 2013.

caracterizada por forte envolvimento na cultura religiosa, como demonstrado pelo seguinte trecho da entrevista:

[...] Minha família é católica apostólica romana, eu tenho tia que é freira, tio que quase foi padre... A gente tem, conhece o pessoal assim, tem um seminário em frente à minha casa. E também isso é uma coisa que me ajudou muito. Como minha mãe era muito atuante dentro da Igreja é Católica, assim como ela é dentro da Igreja Evangélica, dentro desse seminário tem uma biblioteca in-crível. Não dá pra você acreditar na biblioteca que tem lá, tem umas coisas lá, igual um dos padres que moram lá, ele participou da ditadura, ele foi perseguido na ditadura. Então tem muita coisa lá assim escondida, que foi escondido naquela época e está lá até hoje. E como minha mãe conhecia muito eles, conhecia muito as freiras, a gente sempre ficava lá, a gente teve muito acesso a esses livros, essas coisas, documentos. Então é por isso que eu acho que deu esse interesse assim. (Trecho transcrito da entrevista)

A mãe é descrita como uma pessoa atuante na igreja, e o pai, como alguém que “gosta de ler, mas que não tem muito tempo”. Contudo, ambos têm predileção pela leitura religiosa, especialmente da Bíblia, como fica claro em excertos da entrevista:

[...] Esse mundo evangélico tem muito livro, então meus pais lêem muito essas coisas. [...] Lá em casa eles lêem muito, assim, Bíblia, essas coisas, isso é uma coisa que eles lêem muito. Meu pai lê todos os dias, e outros livros, outros tipos de literatura, é mais difícil. Minha mãe lê mais outros tipos de literatura.

De acordo com o ponto de vista de Amélia, o fato de a mãe ter sido professora influenciou na socialização precoce das filhas: “lá em casa sempre a gente tinha que ler. Ela sempre fazia um exercício de leitura com a gente, então a gente lia muito, mas não tanto quanto ela gostaria, quanto meu pai também gostaria.” Ela [a mãe] também costumava comprar livros para as filhas ora selecionando por si, ora de acordo com o gosto delas. A esse respeito, Amélia se lembra de ter escolhido “um livro de fábulas de Esopo”, sobre o qual faz a seguinte observação: “é de um livro de fábulas que nós escolhemos porque ele era grande”.

Salientando que os presentes eram “sempre dados para ambas conjuntamente”, lembra-se também, durante a entrevista, de outro livro que escolheu junto com a irmã: “[...] São duas [irmãs], aí eu lembro que a gente ganhou a fita³¹ do *Rei Leão* e a gente foi à *Leitura* [livraria] e tinha o livro do *Rei Leão* e a gente pediu pra comprar o livro pra ler, pra ver se era igualzinho a história [...] eu devia ter uns oito anos [...] então ela tinha cinco”.

³¹ Dispositivo de armazenamento no qual os dados são registrados pela magnetização seletiva de porções de sua superfície; *teipe*. (AURÉLIO SÉC. XXI). A fita de vídeo era largamente usada tanto na indústria do entretenimento quanto nas residências, para armazenar filmes e vídeos a serem assistidos no videocassete, equipamento que antecedeu ao DVD.

A opção por adquirir um livro infantil amplamente utilizado pelo sistema escolar, *O Rei Leão*, com a finalidade de compará-lo a um filme de grande público infantil parece se vincular à influência do universo midiático na socialização familiar e indica claramente a atual “interdependência dos sujeitos entre si e entre eles e as instituições em que circulam” (SETTON, 2008:24).

De acordo com informações do questionário, aplicado seis meses antes da entrevista durante a infância, ela costumava ver os pais lendo frequentemente a Bíblia e jornais e raramente os via lendo livros literários e revistas. Embora tenha assinalado no questionário que, no período de infância, raramente era presenteada com livros, na entrevista, relatou que o fato de a mãe ter lhe presenteado com o livro *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry), e tê-lo lido para ela quando ainda não era alfabetizada, fora marcante porque a incentivou a aprender a ler, despertando-lhe o desejo pela leitura individual.

[...] Na infância, que é uma coisa que eu guardo até hoje, quando eu tinha uns cinco anos de idade, a minha mãe comprou aquele livro *O Pequeno Príncipe* pra mim e aí ela leu. Depois que ela leu esse livro pra mim eu falei: ‘Não, eu quero ler’; porque foi a partir dali que eu vi que a leitura ia me ajudar, me ajudar a crescer, ser uma pessoa diferente, diferenciada, porque os meus pais sempre falaram muito com a gente que pra você alcançar alguma coisa você tem que ter o conhecimento, para você ter conhecimento você tem que ler, tem que pesquisar, buscar esse conhecimento. E foi assim. (Trecho transcrito da entrevista)

Como se infere de algumas declarações dela, o modelo de leitura privilegiado pela família de Amélia se aproxima do modelo de leitura de formação “que é forjado em torno da leitura dos textos sagrados, leitura de meditação espiritual que procura pacientemente tirar da palavra divina algo que esclareça sua inteligência, fortifique sua vontade, alargue seu coração.” (A-M CHARTIER, 2003: 39). A leitura do livro *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry) parece bastante representativa dessa função:

[...] *O Pequeno Príncipe* foi o livro que iniciou minha vida de leitora porque foi por causa dele que eu quis começar a ler, falei: ‘Mãe, quero aprender a ler, quero ler sozinha’. [...] Ela [a mãe] leu pra mim [...] Ela lia sempre [...] Nossa! Apaixonei porque aquele livro é lindo. [...] Eu tenho até a tatuagem do *Pequeno Príncipe* (risos). (Trechos transcritos da entrevista)

Portanto, a relevância da leitura, que consiste tanto na busca de “conhecimento” quando de “crescimento pessoal”, é perpassada por um grande envolvimento afetivo a partir da socialização familiar e marcada pela leitura do livro *O Pequeno Príncipe*, cuja forte visada

patêmica decorre, entre outros fatores, do tratamento moral de grandes questões humanas como a amizade e a pureza infantil.

Baseando-se nessas diferentes perspectivas de leitura, Amélia indica algumas diferenças entre ela e a irmã em termos de leitura:

[...] Ela [a irmã] lê muito, mas não assim, não esses livros de... não literatura. Ela lê mais essas coisas dessa área mesmo biológica, ensaios, estudos, essas coisas assim [...] Eu sempre fui a primeira que ganhava [livros] porque eu sempre gostei muito dessa Área Humana [...] então os meus pais já perceberam isso desde o começo. (Trechos transcritos da entrevista).

Assim, diferentemente de Amélia, o modelo de leitura da irmã se aproxima do modelo da cultura científica, visto que suas práticas de leitura estão mais relacionadas com sua área de estudo, a biologia, e afastadas da cultura literária (LAHIRE, 2004).

Algumas práticas de escrita, que também participam da socialização familiar de Amélia, foram incentivadas precocemente pela mãe, apresentam semelhanças com as formas escolares de apropriação do universo da cultura escrita e continuam a fazer parte de seu cotidiano até então, conforme podemos depreender, por exemplo, das seguintes declarações:

[...] Eu tinha um caderno que foi uma coisa que minha mãe me ensinou, que eu sempre vi minha mãe fazendo. O que minha mãe faz? Ela lê um livro, ela assiste a um filme, ela está com um caderno na frente anotando tudo que ela entendeu e aí ela deixa um asterisco lá pra assistir de novo. Então ela assiste a um filme, por exemplo, ela assiste, no mínimo, três vezes e faz anotações. Então eu sempre aprendi a fazer isto, fazer anotação daquilo que eu estava lendo. Então meus livros são sempre rabiscados. Eu tenho cadernos, agendas, diários (risos) de quando eu era mais nova contando aquilo que eu tinha entendido do livro, do filme, por exemplo, do livro, ahm música, o que eu sentia quando eu tocava, porque eu toco violino, o que eu senti quando eu toquei aquela música, então eu sempre tive essa perspectiva de guardar essas coisas, assim, mesmo fazendo umas memórias da minha leitura. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa disposição de Amélia para a escrita foi atualizada tanto na escola de ensino fundamental quanto de Ensino Médio, conforme veremos no próximo tópico.

Na escola, o envolvimento com práticas culturais legítimas: a escrita e a música

De acordo com informações do questionário, Amélia realizou a maior parte de sua escolarização básica em uma escola católica privada de Belo Horizonte. Durante a infância e adolescência, costumava frequentar biblioteca principalmente para realizar pesquisa escolar, acessar livros indicados pelos seus professores e, ainda, por incentivos destes.

Nos últimos anos do ensino fundamental, teve forte envolvimento com as práticas de escrita e da música, vencendo um concurso literário realizado na escola onde estudava:

[...] Quando eu era novinha, eu estava na oitava série, quatorze pra quinze anos, eu participei, eu ganhei [...] era um livro, tipo assim, era pra se escrever um romance [...] Aí eu escrevi um livro que era a história da música [...] foi um romance, é um romance, mas acho que deram vinte páginas só; bem pequenininho, e eu ganhei. (Trechos transcritos da entrevista)

Com esse romance³², cuja narrativa acerca da história da música se inspira em um fato semelhante a um acontecimento bíblico, a pesquisada ficou em primeiro lugar no concurso promovido pela escola.

Depois desse período, já cursando o Ensino Médio em outra escola particular, cuja proposta pedagógica difere da primeira pelo fato de estar mais voltada para o público ligado às atividades industriais, Amélia participou de outro concurso literário:

[...] Eu participei de um outro também quando eu estava no segundo, não, no primeiro ano, da *Itambé*. Um concurso literário da *Itambé* que você tinha que escrever contos. Mas aí não foi só eu, eu estava no X [nome da escola]. Aí, a professora escolheu os sete melhores alunos e aí a gente se encontrava uma vez por semana durante seis meses e nós fizemos um livro, mas aí nesse nós não ganhamos não. Mas nós ficamos bem classificados, que nós ganhamos vários prêmios; a gente conseguiu, ganhou computador pro colégio, livro pra biblioteca, e tal. (Trecho transcrito da entrevista)

Amélia afirma também na entrevista que “gosta muito dessa parte de literatura infantil” e que já escreveu outro livro desse gênero, mas acha “tão difícil publicar um livro hoje em dia”.

Assinala no questionário que costuma ler frequentemente textos em outros suportes como *Internet*, raramente lê revistas e jornais e nunca lê gibis (HQs) e livros digitais. Quando utiliza *Internet*, os sítios que mais acessa são *e-mails*; *sites* de relacionamento (*Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, etc.) e notícias/ textos informativos, respectivamente. Apesar dessa familiaridade com o universo digital, atualmente Amélia “não tem coragem de publicar” seus textos literários na *Internet*, como fazia antes no seu *blog*:

[...] porque sei lá, vai que o negócio ficou bom e alguém rouba (risos) [...] é, eu tinha até um *blog* em que eu publicava muitas coisas assim que eu gostava de escrever, contos, essas coisinhas assim e aí eu deletei ele por causa disso. Mas você acredita que eu escrevi um poema [...] Eu até mostrei ele pro professor e ele falou: ‘Ah, ficou bom por ser o primeiro poema que você escreve’. Aí eu entrei, um dia estava mexendo no *Orkut* assim, entrei no *Orkut* do amigo do amigo do amigo do amigo...

³² Optamos por suprimir o conteúdo do romance a fim de não comprometer o anonimato da pesquisada.

estava lá o poema que eu escrevi [...] sem meu nome [...] Aí eu deletei tudo [...] Eu apaguei tudo [...] falei: ‘blog é muito perigoso’ [...] não vou pôr mais não (risos) [...] Aí eu deletei, aí falei ‘Ah, não coloco mais nada na *Internet*’. (Trecho transcrito da entrevista)

Concomitantemente ao período em que cursou o Ensino Médio, Amélia se dedicava à prática do violino: “Toco violino desde os quinze anos [...] aí agora como eu estou fazendo faculdade, eu tocava numa orquestra, tive que sair da orquestra.” Assim que iniciou a faculdade, Amélia teve de abandonar a orquestra em que tocava porque não dispôs mais de tempo para se dedicar aos ensaios e apresentações em uma cidade do interior de Minas Gerais, da qual a orquestra faz parte, mas continuou participando de apresentações em casamentos:

[...] Agora que eu estou na faculdade não mais, só que antes [...] antes eu me dedicava muito, só que eu ainda trabalho com isso [...] tenho grupo de casamento [...] porque na verdade, não foi pra me dedicar ao curso de Letras. Foi porque não estava tendo tempo de dedicar à música, porque quando eu tocava na orquestra eu ficava em na cidade de X, eu ia pra lá na quinta-feira e voltava na segunda, agora não dá mais pra fazer isso. [...] Nós já tocamos no *Palácio das Artes* [...] e nós já tocamos, eu tenho até um DVD gravado... (Trechos transcritos da entrevista)

Assim, o fato de ter abandonado essa orquestra e continuado com o grupo de músicos que se apresenta em casamentos permite-nos afirmar que o violino se estabelece como mais uma prática legítima de Amélia que, de algum modo, atualiza tanto suas disposições culturais quanto espirituais.

Além disso, as atividades de lazer assinaladas por ordem de preferência no questionário, alguns meses antes da entrevista (ir a concertos de música erudita, participar de festas em casa de amigos e ir ao cinema de *Shopping*), permite-nos reiterar a relevância da música na vida de Amélia e o quanto essa atividade foi predominante em sua trajetória de vida, concorrendo principalmente com seu tempo de dedicação escolar no período em que cursava o Ensino Médio. Nos dois casos, leitura e música, trata-se do desenvolvimento de disposições ascéticas fortemente estruturadas na vida de Amélia, originadas no ambiente de socialização familiar.

O confronto entre a socialização de leitura familiar e a socialização literário-afetiva com o ex-namorado

Apesar de se apresentar como uma leitora cuja leitura está mais próxima do modelo familiar de cunho predominantemente religioso e da literatura infanto-juvenil, Amélia relata um processo de “transformação do gosto” causado pela influência de um ex-namorado:

[...] Aí, há uns três anos atrás, mas eu sempre li muito, aí há uns três anos atrás eu comecei a namorar uma pessoa que ele lia assim muito, muito mesmo. Aí, ele foi me influenciando; ele começava a ler, aí me contava dos livros que ele lia, aí ficava interessada e comecei a ler e chegou num ponto que eu passei dele; comecei a ler mais do que ele lia. Foi assim. (Trecho transcrito da entrevista)

De acordo com o relato de Emília, essa influência do ex-namorado pesou mais em suas preferências de leitura do que a influência familiar. E quando confronta os modelos de leitura familiar e desse rapaz, Emília parece considerar a primeira como uma leitura “menor”, conforme se verifica nos seguintes trechos da entrevista:

[...] é, [há três anos] que eu comecei a ler mesmo, a procurar uma literatura fora da minha área de conforto [...] A literatura da minha área de conforto é essa literatura voltada pra religião, tanto católica quanto evangélica, e essa literatura mais infanto-juvenil, que eram os livros que eu mais tinha acesso. Depois que eu conheci esse menino, ele faz Filosofia, então ele abriu o mundo assim pra mim, um leque de opções muito grande, ele me mostrou que tinha coisas além daquilo. Na verdade eu não ia fazer Letras. Tudo começou aí, eu não ia fazer Letras, eu não tinha nada a ver com a Letras. Então eu não entendia muito esse lado da literatura, o que a gente chama de literatura, sei lá, brasileira e literatura internacional, todos esses grandes nomes renomados, né? Mas depois que eu conheci esse menino, aí ele me mostrou que tinha uma coisa além daquilo que eu já conhecia e aí eu gostei (risos).

Essa nova socialização literário-afetiva, construída por meio da relação com o ex-namorado detentor de maior capital cultural iniciou Amélia na literatura definida por ela como “literatura fora se sua zona de conforto:

[...] Porque é o seguinte: eu achava que, como eu sou brasileira, tenho que gostar só de literatura brasileira, ficava com aquele pensamentinho pequeno. Aí, ele gosta muito da literatura russa, essas coisas assim. Então ele me mostrou que tinha outros escritores além dos escritores brasileiros, pelos quais eu era apaixonada, que também escreviam muito bem, às vezes até melhor, não sei se pode dizer isto (risos) [...] (risos) Acho que escreviam até melhor. Então ele me influenciou a procurar coisas diferentes, procurar, por exemplo, escritores que eu não conhecia e dar uma chance, entendeu? Para eu tentar ler e ver o que eu achava. E o bom foi que eu parei de ler com a aquele olhar inocente que a gente lê achando tudo bonito e comecei a reler aquilo que eu já tinha lido e ler as coisas novas com olhar mais crítico. (Trecho transcrito da entrevista)

A partir de então, Amélia busca ampliar seu repertório de leituras e se lembra de livros que o ex-namorado lhe indicou e que foram marcantes em sua vida, como as duas obras indicadas na entrevista: *A Metamorfose* (Kafka) e *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (Goethe). Este último, juntamente com *A Divina Comédia* (Dante) e *Obras Completas* (Machado de Assis), foram os indicados no questionário como os três livros de sua

preferência. Esse cânone preferencial de Amélia se harmoniza com seu investimento nos modos de apropriação legítimos:

[...] Tem um que eu li pra entender a forma épica, o gênero épico que é a narrativa, só que em forma de poesias, de estrofes que foi [...] a *Divina Comédia*, do Dante. Eu li, não porque [estava] pensando assim: ‘Nó, vai ser um livro legal’, não; eu li pra estudar a forma; só que aí não, depois que eu li eu falei ‘Nossa! que livro bom’. E realmente entendi mais a forma. [...] Eu amei. (Trecho transcrito da entrevista)

Tal investimento em uma leitura de “gêneros, obras e autores valorados dentro de um padrão estético operado pela teoria literária, pela cultura escolar e críticos de literatura” (VÓVIO, 2007: 255), também presente no curso de Letras, como veremos no próximo tópico, passa a coexistir com modos de ler construídos em sua socialização familiar, como podemos ver no trecho da entrevista em que Amélia comenta *A Divina Comédia*, de Dante, obra italiana cuja leitura mantém grau alto de intertextualidade com a Bíblia e as epopéias homéricas³³, permitindo, entre outras, tanto a apropriação cultural e literária como a espiritual, conforme seu repertório nesses domínios:

[...] Porque ele narra uma história, é a viagem pro inferno, purgatório e pro céu, é uma coisa sublime, meio espetacular e meio impossível. Só que se você prestar bem atenção você consegue trazer ela pro mundo sem pensar em céu inferno e purgatório; pensando em mundo, em realidade eu acho que dá pra você transferir tudo aquilo pra agora, entendeu? Ele vai mostrando os vários tipos de pessoas, várias camadas que estão acontecendo. Então eu acho que é um estudo... além de ser algo sublime, algo, é, sei lá, muito ficcional. Ele consegue ser um estudo da humanidade porque ele mostra todos os aspectos da humanidade. Então é um estudo das pessoas. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa disposição de se envolver moralmente com a obra literária talvez esteja entre os motivos que possam explicar a interrupção, na época da entrevista, da leitura de *Casa de Pensão* (Aluísio Azevedo). Por isso, ao compará-lo ao livro *O Cortiço*, de autoria do mesmo escritor, Amélia alega que não gostou do conteúdo por achá-lo “repetitivo”, relatando também:

[...] Eu interrompi... o livro era muito interessante, só que eu já li *O Cortiço*, [...] Assim, tem umas coisas meio parecidas [...] Eu não senti interesse de continuar lendo ele, por enquanto, Eu quero esquecer *O Cortiço* primeiro pra depois ler ele [Aluisio de Azevedo] de novo, sabe? Porque eu ainda estou com *O Cortiço* na cabeça [...] Eu achei *O Cortiço* muito melhor do que *Casa de Pensão*. Não posso falar isso porque não terminei de ler o *Casa de Pensão*, é até errado eu falar isso, mas sabe aquele livro que não te interessa, não está te interessando, quando você

³³ De acordo como informações obtidas no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homero> “Homero (em grego: Όμηρος, transl. *Hómēros*) foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*”. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homero> (Acesso em março de 2013).

começa a ler... e todo mundo fica assim: ‘Nossa, mas é o Aluísio Azevedo, você tem que ler, que não sei o quê’. Sinto muito, não quero ler esse livro, por enquanto.
(Transcrição da entrevista)

Assim, apesar de ter se referido inicialmente ao livro *O Cortiço* como “interessante”, a interrupção do livro *Casa de Pensão* e o fato de “querer esquecer” *O Cortiço* indicam uma rejeição que parece advir de uma disposição mais moral do que estética, visto tratar-se em ambos os casos de livros literários que privilegiam um recorte científico da sociedade às vezes rejeitado por categorias de apreciação de indivíduos com fortes disposições morais e religiosas.

Nesse sentido, parece contraditório que Amélia tenha avaliado positivamente a leitura dos livros *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *Viagem ao Centro da Terra*, ambos escritos por Júlio Verne. Entretanto, a perspectiva de leitura nesses dois casos é a de uma leitura com a finalidade de estudo para a aquisição de conhecimento, portanto, não há nenhuma contradição nessas preferências declaradas visto que se trata de leituras cujo objetivo se harmoniza com as disposições ascéticas de Amélia:

[...] Já li *Vinte Mil Léguas Submarinas*, A... só esqueci o nome do autor, eu sou péssima com nome, péssima, não liga não. Eu li *Vinte Mil Léguas Submarinas* porque ele tem um olhar bem científico assim pra esses negócios de peixe, essas coisas, E eu acho muito interessante o fundo do mar. Eu não entendo nada disso, e lá tem muita descrição, muitas coisas assim, então eu li porque eu li um texto crítico sobre ele, falando exatamente isso, que ele descrevia muito os peixes, ele descrevia muito o fundo do mar, explicava muitas coisas, aí eu falei: ‘eu vou ler pra aprender alguma coisa’. Eu li, e aí também desse mesmo autor tem *Viagem ao Fundo da Terra*, que também vai falando sobre a Terra, sobre a composição dela. Então eu li também pra aprender mesmo. (Trecho transcrito da entrevista)

Embora as leituras de consulta ou de trabalho tenham “pouca coisa a ver com a leitura do acontecimento cultural e da formação pessoal que continua sendo o credo dos professores de letras” (A-M CHARTIER, 2003: 44), nesse caso, a referência à leitura de um texto crítico como motivação para a leitura constitui uma prática bastante valorizada no campo literário e acadêmico.

Essa prática se coaduna com as preferências de Amélia em termos de revistas, cujas modalidades assinaladas por ela no questionário são de revistas acadêmicas e universitárias. Na entrevista, afirmou consultar eventualmente o *Caderno de Cultura* do jornal *Estado de Minas* e a revista *Nova Escola*. Apesar de ter marcado as “notícias internacionais/do mundo” como sua preferência em termos da leitura de jornais, na entrevista ela afirmou: “[...] às vezes

vem numa revista, por exemplo, aquela parte crítica lá [...] No jornal vem naquela página de cultura, lançou o livro, e tal; aí conta o que vai aparecer no livro, aí eu já peguei assim.”

Outro exemplo de leitura interrompida por Amélia foi do livro *A Morte de Ivan Ilitch* (de Tolstoi) por não ter gostado da linguagem e sobre o qual comenta na entrevista: “e teve um [livro] também [...] que eu comecei a ler, [...] *Ivan Ilitch* [...] mas o livro é muito chato, eu não gostei dele também. Aí eu parei de ler na metade”.

Se, no primeiro caso, a interrupção da leitura se deve ao desgosto pelo conteúdo do livro *Casa de Pensão* (Aluísio Azevedo), no segundo, *A Morte de Ivan Ilitch* (de Tolstoi), é a linguagem que não lhe agrada:

[...] É muito parado, apesar de que eu gosto dessas coisas meio paradas igual *Senhora*, em que é tudo muito descritivo. Só que a linguagem dele é um pouco, sei lá. Ela é um pouco estranha, difícil. Acho que por ser traduzido do russo, eu acho que é do russo, sei lá, a linguagem fica meio esquisita de vez em quando. Ah, eu não tive interesse de continuar lendo [...] é... eu achei muito pesada. (Trecho transcrito da entrevista)

Se na primeira obra, *Casa de Pensão* (Aluísio Azevedo), a interrupção parece decorrente das fortes disposições morais e religiosas de Amélia; na segunda, *A Morte de Ivan Ilitch* (de Tolstoi), a justificativa para a interrupção da leitura indica que o distanciamento de Amélia em relação a alguns critérios vinculados à leitura especializada dos leitores profissionais dificultou a continuidade da leitura.

Desse modo, apesar do esforço para se apropriar de obras legítimas, denominadas por ela como “leitura fora de sua área de conforto”, a utilização de critérios de apreciação nem sempre compatíveis com a leitura especializada constitui obstáculo à continuidade da leitura de leitores pouco ou nada especializados ou, ainda, no caso de Amélia, em formação.

Porém, algumas dessas maneiras de ler reveladas por ela na entrevista, associadas a formas de ler geralmente relacionadas aos leitores comuns, possibilitaram a leitura integral dos clássicos *A Mulher de Trinta Anos* (Balzac) e *Quincas Borba* (Machado de Assis). Em ambos os casos foi a leitura por identificação com personagens dos livros que tornou possível sua aproximação com essa literatura clássica, conforme já analisado no primeiro capítulo desta tese.

Assim como o gosto literário, outras práticas culturais de Amélia também variam conforme a época e as amizades. É o caso do cinema sobre o qual ela afirma na entrevista: “gosto muito de ir ao cinema, minha grande paixão (risos)”. Conforme assinalado no questionário, seus gêneros de filmes preferidos são: (i) comédia romântica; (ii) comédia; (iii)

romance. Essa prática é compartilhada com o namorado de então. Assistiu com ele, na semana anterior à entrevista, ao filme *O Palhaço* (Selton Mello) e “que achou lindo”. Apesar da ligação, Amélia descreve este namorado, que é cinegrafista, como uma pessoa “meio distante” de sua realidade:

[...] Ele é completamente oposto de mim [...] Não gosta de ler [...] é, mas lê. Ele não gosta de ler muito, não. (risos) [...] Mas você acredita que eu já fiz ele ler algumas coisinhas assim? [...] Eu emprestei pra ele esse meu livro do Edgar Allan Poe com os contos, que são coisas mais macabras, assim, pra ver se ele interessa. Ele falou que está gostando [...] ele está gostando dessa literatura escura, mais pesada. (Trechos transcritos da entrevista).

A indicação do livro de contos de Edgar Allan Poe parece aproximar o namorado de sua realidade e é bastante representativa da relação dócil de Amélia com a leitura obrigatória do curso de Letras, visto que, no questionário, ao ser solicitado a citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária a que tenha adorado, citou Allan Poe. Essa mesma “docilidade cultural” (BOURDIEU: 2008) se manifesta na utilização do tempo livre, como afirma no seguinte trecho da entrevista:

[...] Porque, na verdade, eu não tenho muito tempo livre, mas o meu tempo livre, hoje em dia, quando eu não estou lendo alguma coisa que não seja pra faculdade, eu uso ele pra tocar [violino] porque eu preciso estudar música em algum horário [...] Ah, eu gosto de dormir (risos) [...] viajar, gosto muito de viajar [...] Viajo, viajo muito, gosto muito de viajar. Aí quando eu viajo de vez em quando, eu até preciso tirar umas férias de tudo, assim do mundo, aí eu gosto de ir pra longe. Gosto de ir pra roça, essas coisas assim [...]

Portanto, em diversos domínios de atividade há uma mistura de ascetismo com docilidade cultural que resulta em escolhas, ora mais, ora menos legítimas. Assim, ao mesmo tempo em que marca no questionário a preferência por música erudita, no domínio do cinema indica a preferência por comédia romântica. Outro paradoxo é que, embora destaque no questionário o interesse por “toda literatura contemporânea de qualidade”, não cita nenhum autor contemporâneo, como analisaremos no próximo tópico.

No curso de Letras: entre a atualização de suas disposições mais legítimas e o esforço permanente por modos de apropriações também legítimos

As disposições ascéticas, juntamente com a boa vontade cultural de Amélia, parecem estar no fundamento de sua opção pelo curso de Letras e dos investimentos que empreende na

apropriação legítima de obras legítimas, com boa parte das quais já estava amplamente familiarizada quando iniciou o curso. Assim, no questionário, destacou como motivo principal que a levou a cursar uma graduação em Letras “gosto ou interesse pela leitura e pela literatura”. Ela definiu o currículo procurando principalmente cursar as disciplinas necessárias para se formar e compatíveis com seu gosto. A área do curso de Letras de que mais gosta é a Literatura. Foi também nessa área que cursou o maior número de disciplinas, considerando bom seu nível de conhecimento nesta, como nas demais áreas do curso.

Embora considere seu nível de conhecimento bom em todas as áreas (Área voltada ao Ensino; Línguas estrangeiras; Linguística; Literatura) reconheceu possuir um grau razoável de dificuldade em todas elas. Além disso, teve dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I, mas não marcou nenhum dos itens propostos (Desconhecimento das obras e autores citados; Carga de leitura teórica excessiva; Campos teóricos desconhecidos — como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo; Modos de ler e falar sobre a leitura pouco familiares...), nem citou outra dificuldade. Quanto às experiências nas primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, avaliou que seu gosto e suas preferências coincidiam em parte com as dos professores dessas disciplinas.

Na entrevista, relatou que a familiaridade com as obras de Machado de Assis motivou a escolha de uma disciplina optativa da área de literatura brasileira, conforme explicitado no seguinte trecho: “[...] É uma optativa da literatura brasileira, aí eu interessei porque é romance do século XIX; por que o século XIX? Sei lá... é o Machado de Assis... todo mundo fala que eu vou ser especialista em Machado de Assis”.

Porém, na sequência ela afirma que apesar de não ter lido muitos dos romances desse escritor, já leu “todos os contos e todos os poemas”: “eu acho que eu li uma coisa assim que ninguém quase nunca lê, porque é igual poesia do *Machado de Assis*, você não ouve falar muito e elas eu já li todas. Gosto muito dessa parte assim de poesias, essas coisas”. Na época da entrevista, Amélia estava relendo um dos livros desse escritor, *Quincas Borba* (Machado de Assis), sobre o qual comenta:

[...] Eu estou relendo ele, porque eu li, eu tinha quinze anos. Eu faço uma matéria aqui que chama *Romance do Século XIX*, então a gente lê os seis romances do século XIX. Então eu estou relendo agora, eu percebi assim que algumas coisas realmente são corriqueiras na nossa vida, [...] Toda situação que acontece com o Rubião, em torno dele, você percebe que às vezes você não ficou rico, mas como tem gente interesseira ao seu redor, aí você começa a prestar atenção nas atitudes das pessoas a partir das atitudes das personagens do livro. (Trechos transcritos da entrevista)

A primeira vez em que leu esse livro foi “por causa da escola”. Em relação à releitura de *Quincas Borba* (Machado de Assis) foi por indicação da faculdade: “essa segunda [leitura] porque eu faço aqui na faculdade [...] porque toda matéria que tem o Machado de Assis eu faço, então eu tenho todos os livros do Machado de Assis e aí eu estou relendo todos, aí [...] a professora aqui também pediu pra ler”. Acerca dessa releitura de *Quincas Borba* (Machado de Assis), ela comenta:

[...] Eu acho ele muito interessante por causa disso, porque ele conta, a partir das personagens você entende [...] que ele é um estudo da sociedade e um estudo de personalidades e o que eu acho interessante nesse livro é que, apesar dele ser do século XIX, você consegue trazer ele pro século XXI, toda essa parte de interesses, todas essas personalidades se misturando, esse processo de loucura [...] A história é antiga, mas o tema é muito atual. (Trecho transcrito da entrevista)

Contudo, Amélia atribui sua familiaridade com obras mais legítimas à socialização literário-afetiva com o ex-namorado, ao expressar sua opinião sobre sua leitura literária anterior ao curso, como podemos constatar no seguinte trecho da entrevista:

[...] Eu já lia bastante porque, igual eu te falei, que é por causa do namorado que eu tive. Mas eu acho que depois que eu fiz literatura I e II eu comecei a ler e criticar, não ler e achar, ‘ai que historinha bonita, ai que não sei quê, não’. Comecei a ler e perceber o que estava acontecendo na história, principalmente Teoria da Literatura II, que é poesia, esses negócios. Então, antes eu lia e falava assim ‘ah... legal, poema’, tudo era poema. Hoje em dia não, ‘olha, esse aqui é um decassílabo, esse aqui é, sei lá ... um dístico’; então você já lê criticando, você já lê entendendo mais a teoria e não pensando só no enredo, não pensando só na personagem, mas pensando na construção da história; não pensar no que o autor fez, mas como ele fez. Essa foi a diferença; agora, agora eu leio pensando no como e não no “o quê”.

Assim, aos seus modos de ler anteriores ao curso, Amélia acrescenta maneiras de ler mais profissionais, adquiridas à medida que atualiza suas disposições ascéticas no contexto do curso de Letras. Dessa nova apropriação decorre o confronto entre seus modos de ler de antes e de durante o curso. Se antes ela lia “pensando no que vai acontecer, o que o autor fez aqui”, atualmente pensa: “[...] por que ele [o autor] fez, qual foi a intenção dele; por exemplo, um poema, qual foi a intenção do autor em fazer a estrofe desse jeito e não do outro jeito, se ele poderia ter feito de um outro jeito [...] pensar mais nessas coisas, na parte técnica”. Na opinião de Amélia:

[...] Esse processo de leitura é igual o processo de você crescer e envelhecer. Cada fase é um jeito diferente [...] Cada um é na sua época mesmo, [cada leitura] tem seu tempo [...] e elas, com certeza, podem se confundir, se conciliar. Não vai ser tudo que eu vou ler que eu vou ler com esse olhar crítico. Eu ainda tenho aquele pensamento lá da menina, de fazer Letras, que lia pensando que tudo era bonito.

Ainda leio assim, só que aí você tem um a mais, acho que vai somando as coisas.
(Trecho transcrito da entrevista)

Na opinião da pesquisada, segundo seu questionário, o curso de Letras oferece boa formação cultural, intelectual e literária, mas a formação profissional é regular e, apesar de ter feito mais disciplinas eletivas nos cursos de Letras e Pedagogia, gostaria de cursar o maior número de disciplinas eletivas nos cursos de Filosofia, Música e Pedagogia. Estes três cursos parecem bastante presentes na vida de Amélia, mesmo antes de ela ter feito a opção pelo curso de Letras, como comenta na entrevista. Desse modo, ante a indagação de haver optado pelo curso de Letras na época em que conheceu o namorado que lhe apresentou leituras “fora de sua zona de conforto”, ela responde:

[...] Não. Eu optei antes, eu viajei, fui pra fora do país estudar. Eu estudava música, fui pra fora do país estudar música. Só que chegou lá, eu trabalhei num projeto educacional que ajudava crianças estrangeiras aprenderem inglês e aí eles usavam os alunos dessa escola onde eu estudava pra ensinar. Então eu fui pra sala de aula. Aí, quando eu fui pra sala de aula apaixonei, gostei [...] Eu fiquei lá seis meses só [...] Lá, as crianças tinham de três a cinco anos [...] Eles eram do mundo inteiro, tinha até árabe [...] A diferença lá, que assim., nós também éramos estudantes; então o projeto tinha a seguinte opção: você, o estudante internacional, ensinar pro estrangeiro que foi pro país; um ajudava o outro e aí a professora dentro de sala trabalhava, dava os livrinhos, lia pras crianças e depois a gente repetia., Na verdade, as crianças aprendem lá pelo processo de repetição, igual papagaio, vai repetindo. Então eu tenho muito livro que eu trouxe dos Estados Unidos, muito livrinho em inglês infantil. (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de ter marcado no questionário que a faixa etária em que mais leu livros literários foi aos dezenove anos, motivada principalmente por interesse pessoal, essa informação é relativizada, visto que foi essa a mesma época em que namorou o rapaz que a incitou a ampliar seu repertório de leituras, conforme analisado no tópico anterior deste retrato sociológico.

Quando solicitada a responder se “a seu ver o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou no modo como lê”, Amélia respondeu: “no modo como eu leio sim, que eu comecei a ler mais crítica, agora, minhas preferências de leitura acredito que não [...] eu continuo lendo aquilo que eu gosto. E o que eu não gosto, só porque o professor falou que é bom eu não vou achar bom; não é bem assim”.

No questionário, em uma questão acerca da preferência por gêneros de livros contendo dezessete sugestões de respostas a serem enumeradas por ordem de importância para o pesquisado, sendo uma delas de livre escolha, Amélia selecionou respectivamente: (i) narrativas românticas; (ii) literatura clássica; (iii) romances contemporâneos; (iv) poesia; (v)

Bíblia, livros sagrados ou religiosos. Prazer ou gosto é o que mais a motiva a ler um livro de literatura. Autor, tema e gênero do livro são respectivamente os fatores que mais a influenciam na sua escolha de um livro de literatura. Gosta de ler o livro inteiro de uma só vez. Os três escritores de sua preferência são: (i) Cecília Meireles; (ii) Clarice Lispector; (iii) Kafka (enumerados em ordem de importância).

Na entrevista, Amélia reiterou suas preferências, com exceção do gosto pelo conto:

[...] Continuo, continuo com os mesmos gêneros. Uma coisa: um dos gêneros que a faculdade de Letras introduziu mais assim na minha vida de leitora foram os contos que antes eu não lia muito, achava os contos muito assim, ‘ah... é muito pouca coisa pra você ler’; não, não ler no sentido de ler, mas pra você ler uma coisa muito, uma narrativa muito curta, você tem que pensar em muita coisa. Hoje em dia eu já consigo ver mais que os contos. Eles transmitem mais que aquilo que eu pensava que eles transmitiam. Então esse foi um gênero que a faculdade de Letras introduziu na minha vida. (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar das várias menções na entrevista ao gosto pela escrita e pela leitura de contos durante a infância e adolescência, Amélia afirma que seu primeiro contato com o gênero ocorreu nas aulas de Teoria da Literatura I, através da leitura do conto *O Outro* (de Borges), acerca do qual faz o seguinte comentário:

[...] Aí eu li o conto, foi no primeiro período, eu li o conto e falei: ‘ah, legalzinho, né, historinha bonitinha’. Aí, depois que eu tive a aula sobre o conto eu falei ‘Meu Deus, como eu não pensei nessas coisas’. Aí, porque o professor, ele foi falando aquilo que estava nas entrelinhas, e ele mostrou que o conto ia além daquilo, além daquelas duas páginas. Foi aí que eu percebi [...] Foi, foi a partir dele que eu percebi assim falei ‘não, deixe-me começar a ler os contos porque eles são muito interessantes’, e até comprei um livrinho. Foi até influência do professor de Literatura I, um livrinho do Poe, do Edgar Allan Poe, são, acho que doze contos que tem lá, aí eu falei: ‘Não, realmente são muitos bons os contos.’ [...] Li todos. [...] Eu peguei o livro e li ele inteiro do jeito que ele estava. [...] É, eu tentei ler pensando naquele a mais que o conto traz, mas também a gente não pode pensar que ele vai trazer sempre a mais, né? Você tem que tomar cuidado senão você vai ficar imaginando coisa demais e às vezes o conto não está querendo falar tudo isso. Então eu li e aí eu procurei se tinha alguma crítica, algum estudo sobre isso, sobre os contos, entendeu? (Trechos transcritos da entrevista).

De acordo com o relato de Amélia, a partir do curso ela começa a incorporar os modos de ler adquiridos às suas leituras, considerando, portanto, que o saber universitário: “não influencia nas preferências, mas no meu modo de ler influencia, e muito, porque se eu não fizesse faculdade de Letras eu tenho certeza que eu não estaria lendo do jeito que eu leio hoje em dia”.

Poderíamos encerrar com esse relato dela sobre a influência do saber universitário em suas práticas de leitura, pois, a nosso ver, ele resume o processo de formação leitora dessa

pesquisada. Porém, outras aquisições/incorporações, apesar de atribuídas por ela a seu processo de formação no curso, resultam de suas socializações anteriores ou estão em relação de complementaridade com estas, por exemplo, a descoberta de que a poetisa Cecília Meireles escrevia também para adultos: “[...] Eu gosto muito da Cecília Meireles porque quando eu era mais nova, ela tem muitos livros assim pra criança, eu lia muito Cecília Meireles e no dia que eu descobri ‘Nossa! Cecília Meireles escreve coisas além de coisa pra criança, falei, tem que ler’ ”.

Outro exemplo é a releitura do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis), indicado por ela como última obra literária lida voluntariamente e que escolheu porque gosta do autor:

[...] Ele é muito bom, esse livro [...] É porque é do Machado (risos) [...] (risos) É o meu amor por ele, mas não é porque eu estava lendo, como eu estou lendo o *Quincas Borba*, e aí no *Memórias Póstumas* fala um pouquinho do *Quincas Borba*, aquele negócio que o *humanitas*, da história dele como *humanitas*. Aí eu falei: ‘ah, vou ler ele de novo pra entender melhor’. (Trechos transcritos da entrevista)

Ao citar esse exemplo, Amélia reitera e justifica o gosto pela prática da releitura: “mas são livros assim que chamam muita... eu gosto muito de ler”. E acaba se lembrando da leitura de um livro de contos de Lygia Fagundes Telles, cuja leitura foi feita também voluntariamente: “[...] e eu tenho um outro, ah, eu não lembro agora, que eu li esses dias, deixa pra lá (risos) [...] Eu estou pensando, não, eu estou pensando aqui na minha estante, assim, qual que está assim... ah! lembrei... lembrei, é *Pomba Enamorada*”.

O último exemplo de livro lido voluntariamente foi *Romanceiro da Inconfidência* (Cecília Meireles) que ela alegou ter escolhido também por causa da autora.

Quando indagada quanto a utilizar ou não alguma estratégia para ter domínio do texto literário, ela respondeu:

[...] Tenho, sabe o que eu faço? Eu procuro ler pelo menos dois textos críticos de alguém que já leu esse texto, ensaio, essas coisas, porque aí eu vou ler com outra visão, focando em alguma coisa e não vou só ler por ler, entendeu? Então essa é a minha estratégia: procurar, mas também tem que ser de alguém que você conheça. Por exemplo, vou procurar ler alguma coisa que o Antônio Cândido escreveu sobre... sei lá, sobre, vamos dizer, o Machado de Assis que é o que eu estou lendo agora, alguma coisa que o Antônio Cândido escreveu sobre o Machado de Assis. Aí eu vou ler o que o Antônio Cândido escreveu, e aí a partir da minha leitura do texto crítico do Antônio Cândido eu vou ler o Machado de Assis com um outro pensamento [...] procurando alguma coisa [...] e ler sempre tentando prestar atenção nos detalhes [...] anotando alguma coisa, sempre que alguma coisa me chama atenção, o que, às vezes, sabe quando você lê um livro, aí você lê uma frase e fala assim: ‘nossa, essa frase está interessante’. Eu marco porque se ela está te chamando

atenção é porque alguma coisa ela tem pra te dizer. Então aí depois que você termina de ler o livro, se você tem isso marcado você pode voltar lá e falar: ‘nó, realmente’ ou então, não, ‘não tem nada a ver, pra que eu marquei essa frase’, entendeu? Então eu gosto de fazer isso. (Trechos transcritos da entrevista)

De acordo com informações no questionário, Amélia dedica, em média, mais de seis horas semanais à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras e de três a quatro horas semanais, em média, à de livros literários não indicados pelos professores do curso de Letras; tem aversão pelo gênero de livros de política, economia e de ciências humanas.

Na época da aplicação do questionário, estava lendo um livro indicado pelos professores do curso de Letras, *Poesias Completas de Machado de Assis*, e também um livro de seu gosto pessoal, *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Quando solicitada a citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que tenha detestado, escreveu “não tem”. Além dos livros obrigatórios do curso de Letras, declarou ler mais de cinco livros anualmente.

Todo esse conjunto de informações reforça a ideia de uma possível variação nas práticas de leitura de Amélia, o que permite supor a ativação de disposições ascéticas em decorrência do contexto universitário. Ao que parece, a familiaridade dela com o repertório de obras literárias consagradas (e a forte crença na legitimidade destas obras e autores) e o contexto favorável do curso de Letras à ativação de suas disposições ascéticas, embora permeadas por forte socialização moral, resultam em investimentos mais ou menos conscientes na apropriação do capital específico ao campo literário (e acadêmico), o qual abrange um *habitus* literário propriamente dito e um *habitus* escolástico do comentário dos *lectores*.

Esses investimentos em sua formação como leitora tornaram seu processo bastante dinâmico, dando-nos a impressão de que Amélia não cessa de se distinguir de si, o que pode ser constatado com o cruzamento de dados do questionário e da entrevista, na qual ela própria reconhece suas transformações. No questionário assinalou “autor” como principal fator de influência na escolha de um livro de literatura. Na entrevista, Amélia afirma que “gosta de gastar dinheiro com livro”, entrar na livraria e selecionar o livro pela capa, pelo tema, pelo “resuminho lá que tem sempre nas capas”. Assim, distingue períodos de gosto e formação: “antes eu ia pelo nome do autor, mas aí agora eu estou indo pelo título do livro e pela resenha do livro”. E, em seguida, reivindicando a perspectiva de uma transformação contínua desse processo. Assim, afirma que mudou o modo de selecionar suas leituras “porque senão você fica muito presa a só alguns autores e aí você não conhece o resto, fica muito especialista

(risos) [...] fica muito bitolado”. Talvez possamos acrescentar que Amélia possui acima de tudo, uma forte disposição para a inovação, responsável, seja por ativar, seja por inibir disposições quando se depara com contextos ligados a crenças e valores “fora da sua zona de conforto”; em outras palavras, de suas socializações iniciais.

Quadro 5 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Amélia

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>O Pequeno Príncipe</i> (Antoine de Saint-Exupéry)	<i>O Pequeno Príncipe</i> (Antoine de Saint-Exupéry)	<i>O Pequeno Príncipe</i> (Antoine de Saint-Exupéry)	<i>A Mulher de Trinta Anos</i> (Balzac) <i>Senhora</i> (José de Alencar)
<i>Fábulas</i> (Esopo)	<i>A Metamorfose</i> (Kafka)		<i>Quincas Borba</i> (Machado de Assis) <i>Vinte Mil Léguas Submarinas</i> (Júlio Verne)
<i>O Rei Leão</i>	<i>Os Sofrimentos do Jovem Werther</i> (Goethe)		<i>Viagem ao Centro da Terra</i> (Júlio Verne)
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista	Livros não-literários
<i>Casa de Pensão</i> (Aluísio Azevedo)	<i>O Outro</i> (Borges) (Conto)	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)	-
<i>A Morte de Ivan Ilitch</i> (de Tolstoi)	(Contos) Edgar Allan Poe	<i>Pomba Enamorada</i> (Lygia Fagundes Telles)	
		<i>Romanceiro da Inconfidência</i> (Cecília Meireles)	
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Os sofrimentos do Jovem Werther</i> (Goethe)	<i>Poesias Completas</i> (Machado de Assis)	<i>Romanceiro da Inconfidência</i> (Cecília Meireles)	(i) Adorou: Edgar Allan Poe
<i>A Divina Comédia</i> (Dante)			(ii) Detestou: -
<i>Poesias Completas</i> (Machado de Assis)			

4.6 SIDNEY

Sidney tem 51 anos, é branco, divorciado, tem três filhos que atualmente não moram com ele. Declarou não pertencer a nenhuma religião. É o primogênito de uma família de três irmãos. O irmão caçula de Sidney é definido por ele como não-leitor e a irmã descrita como alguém que gosta de ler. Ele nasceu em uma cidade litorânea do Rio de Janeiro, mas mora em Belo Horizonte desde 1974 com a família. Atualmente, mora em um bairro localizado na região da Pampulha, com os pais e a irmã. Oriundo de uma família com poucos recursos culturais e financeiros, que valoriza o conhecimento escolar e a leitura, Sidney se apresenta como um leitor motivado principalmente por seu “interesse focado em livros consagrados”. A prática da leitura é vista por ele como “uma das atividades mais agradáveis”.

Estrutura Social e Familiar

De acordo com informações contidas no questionário aplicado em sua turma em abril de 2011 e na entrevista realizada onze meses depois, o pai de Sidney exerceu profissões de pedreiro e de balconista; a mãe foi doméstica e costureira. Ambos nasceram em cidades do interior de Minas Gerais e cursaram somente o nível fundamental incompleto. Seus avôs e sua avó paterna cursaram o primário incompleto e ele desconhece a escolaridade da avó materna.

No questionário, Sidney assinalou que durante a infância ninguém lia histórias ou livros de literatura infantil para ele e que o pai foi a pessoa que mais o incentivou a ler (durante sua formação como leitor). Nessa época, em casa, costumava ver o pai lendo jornais e revistas, mas nunca via ninguém lendo livros literários nem a Bíblia. Durante a infância, era frequentemente presenteado com livros.

Na entrevista, Sidney relatou que, pelo fato de não terem tido a oportunidade de estudar, os pais tinham expectativa de que ele “estudasse mesmo”, que se “formasse pra poder ficar diferente deles”. Eles projetavam profissões prestigiosas para ele e investiam nas práticas escolares, principalmente na leitura, prática a que aderiu precocemente, como expresso no seguinte trecho da entrevista:

[...] Na época até tinha aqueles livrinhos que quando a criança nasce, aí coloca lá se quer alguma coisa dos pais. Aí meu pai falava lá que achava que eu ia ser aviador [...] e a minha mãe que achava que eu ia ser médico, mas aí toda mãe achava que o filho ia ser médico. Mas aí depois com essa coisa do estímulo da leitura que eu recebi deles e sempre com aquele gosto. Quando eu vinha passar férias aqui em Belo Horizonte e eu ficava na casa de uma tia, e com os meus primos, muito amigos meus

até hoje. Aí eles iam soltar papagaio, iam andar de carrinho de rolimã, andar de bicicleta e se eu tivesse livro ou revista dentro da casa, eu preferia ir ler a ir soltar papagaio, carrinho de rolimã, entendeu?

Embora proveniente de família caracterizada por Sidney como “muito humilde mesmo”, ele teve uma socialização familiar estimuladora do gosto pela leitura. Além do incentivo que recebia em seu entorno, o pai também lhe comprava muitos livros:

[...] Meu pai comprava, se eu visse... passava... Na época tinha muito negócio de passar vendedor de livro na porta de casa, né? E pelo menos uma coleção eles compravam. Na época de Natal eu ganhava outras coleções. Então, presente meu de Natal, de aniversário, de não sei o quê, é, de dia da criança, sempre, sempre tinha um livro, alguma coisa assim. (Trecho transcrito da entrevista)

Na entrevista, Sidney detalha o envolvimento do pai em intensa prática de leitura de revistinhas em quadrinhos:

[...] Meu pai gostava muito de ler e comprava revista em quadrinho todo fim de semana e gostava de (risos) revista em quadrinho. Trabalhava de servente de pedreiro no Rio de Janeiro e lá ele fazia o serviço dele mais depressa pra acabar logo, que era, tinha uma tarefa para fazer no dia; então ele fazia mais depressa pra comprar gibi na banca de jornal. Comprava gibi usado pra poder ficar lendo à tarde, revista em quadrinho, mas de livro mesmo assim ele nunca foi muito... Nunca foi estimulado, assim, a ler, não... Sempre gostou muito disso, revista em quadrinho. (Trecho transcrito da entrevista)

A mãe de Sidney foi alfabetizada aproximadamente quando tinha dez anos de idade numa cidade do interior de Minas, onde morava com a família. Segundo Sidney, “ela tem frustração por não ter estudado até hoje”. Indagado sobre a mãe ter ou não ter lido para ele na infância, respondeu:

[...] Não, minha mãe me contava algumas histórias quando eu era bem menino mesmo, que ela era costureira também. Aí, então, enquanto ela costurava, eu ficava perto dela. Ela contava algumas histórias pra mim. Agora, pra ela ler história pra mim, eu não lembro disso não. (Trecho transcrito da entrevista)

Depois desse período, Sidney morou durante um período de tempo na casa dos avôs e tias:

[...] Cresci lá [no Rio de Janeiro]. Meu pai foi trabalhar na companhia de lá, que tem lá até hoje, que é a companhia nacional X. E a escola lá, nesse lugar lá, nessa época, ela não era uma escola muito boa. Então eu vim morar com os meus avôs em [cidade do interior de Minas], em 1968, e as minhas tias eram todas professoras. Eu tenho três tias professoras, então uma ficou tomando conta de mim na casa de meu avô. E foi tranquilo. (Trecho transcrito da entrevista).

Acerca da convivência com esses familiares, Sidney afirma “não ter recebido influências dessas tias na questão da leitura” e atribui o gosto pela leitura ao fato de ter tido muitos livros em casa:

[...] A questão familiar que eu, que ficou pra mim, que ficou mais marcado, foi o fato de eu ter acabado de me alfabetizar e ter os livros em casa. Entravam livrão grossão e tal, várias histórias, dezenas e dezenas de histórias. Dali eu comecei, aí eu ficava, passava a tarde inteira lendo. Mas num período do ano de 1968, que eu estava meio coisa, eu, pelo menos que eu me lembre, era só lição mesmo, que eu não era de ficar lendo. Eu devo ter feito isso, mas eu não, eu não me lembro. (Trecho transcrito da entrevista)

Porém, na época em que foi alfabetizado, Sidney se dedicava à prática da leitura de revistinhas, que era vista por ele como um lazer. Ele não se lembrou de nenhum trabalho com livros realizado pela escola nesse período. O trabalho mais sistematizado com a leitura iniciou na quinta série:

[...] Até o quarto ano eu não me lembro assim de ficar lendo livros não: era revista em quadrinho mesmo. E aí, a partir da, da quinta série, que na minha época tinha que fazer uma tal de admissão... Você ia até o quarto ano, que era o primário, aí tinha um ano de admissão, quinta série...; que depois é que tinha a quinta série. Então, assim, é... os livros que eu li eram os livros que eu tinha em casa, né? Eu não me lembro da escola recomendar que a gente lesse alguma coisa nesse período, até a minha quarta série e a partir da quinta série eu tinha que ler periodicamente. De dois em dois meses eu tinha que ler algum livro, aí era Monteiro Lobato, é, aquele negócio do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Emília*, *Narizinho*, aquele pessoal todo. Aí eu lia muito esses livros, mas era isso, o meu gosto pela literatura. Eu não sei se vou estar te respondendo, mas o meu gosto pela literatura, ele não foi formado dentro da escola; foi formado fora. (Trecho transcrito da entrevista)

Sidney, os principais fatores que contribuíram para formar seu gosto pela literatura foram a socialização de leitura no ambiente familiar, a valorização da posse de livros “grossos”, desvinculada da obrigatoriedade da leitura, e a leitura das revistinhas como fonte de lazer. Ele rejeita a ideia de que o trabalho com leitura realizado na escola a partir da quinta série tenha constituído um desses fatores de influência em suas disposições de leitura. Assim, é enfático ao descartar qualquer vinculação entre gosto pela leitura e socialização escolar: “o estímulo maior que eu tive veio de fora da escola, não veio de dentro da escola [...] de eu ter à disposição aquele livro”.

Desse modo, o ambiente familiar repleto de objetos de leitura foi, na opinião de Sidney, fundamental na sua formação leitora: “mas sempre lendo algum livro de histórias, sempre, sempre em contato com revista em quadrinhos, sempre em contato com jornal também, né?”.

Tendo em vista que os pais não cultivavam a prática da leitura de livros, esse investimento intenso na aquisição de bens culturais parece relacionado ao projeto educativo destinado aos filhos, escolhendo livros em conformidade com a faixa etária e deles dos filhos, até mesmo antes de o filho aprender a ler:

[...] Bom, antes de me alfabetizar eu ganhava livro de história, daquele do Andersen, Grimm, esse pessoal que já é, são os cânones da história, da história juvenil, história infanto-juvenil, aquela coisa toda... Então eu ganhava, e meu pai, minha mãe, eles guardavam, até que eu me alfabetizei e terminando de me alfabetizar já fui direto a esses livros. (Trecho transcrito da entrevista).

Talvez por isso, ao ser indagado acerca de como escolhia os livros durante a infância, tenha respondido:

[...] Ah, eu, eu assim, eu lia o que tinha em casa, né? Então, como eles [os pais] compravam livros de histórias e tinha livros de histórias, então eu lia aquele livro ali. Então, agora, escolher assim, eu não escolhia muito não. Eu lia o que aparecia, o livro que aparecia na minha frente. Não tinha muito esse critério de escolha não. (Trecho transcrito da entrevista)

Sidney tem um irmão dez anos mais novo e uma irmã três anos e meio mais nova que ele, ambos manifestam comportamentos distintos no que se refere às práticas de leitura:

[...] Eu tenho um irmão que não é leitor, não. Ele é mais agitado, eu sou mais parado, mais tranquilo, mais contemplativo. Esse meu irmão era mais agitado, e eu fui criado mais preso. Eu era o filho mais velho, fui filho único durante uns quatro anos e a minha mãe com aquela super-proteção e aquele negócio todo. E aí depois as coisas mudaram um pouco, minha mãe teve que participar mais trabalhando fora, e meu irmão nasceu. Mudamos para Belo Horizonte. Trabalhava com comércio. Então esse meu irmão foi criado assim mais largado, né? Mas, então, nessa questão aí de leitura ele não terminou nem o segundo grau. Ele está com quarenta anos hoje, eu tenho cinquenta, a minha irmã tem quarenta e sete. Esse meu irmão, ele trabalha, até trabalha no Espírito Santo hoje, na área de comércio e tal. Ele é chefe de cozinha. Mas ele não é leitor e a minha irmã, ela é uma artista. Ela trabalha, é artista plástica, ela é formada, formou há pouco tempo em prótese dentária. Gosta muito de ler, mas o trabalho que ela faz toma muito o tempo dela. Então sempre ela tem mais hábito de leitura do que esse meu irmão. Mas assim, comparando nós três, igual a mim não tem nenhum. (Trecho transcrito da entrevista)

Sidney se distinguiu dos irmãos pelo fato de ter sido um menino que, em suas palavras, “não podia ver um livro na frente (risos) que preferia ler a fazer qualquer outro tipo de coisa”. Apesar da pouca diferença de idade entre ele e a irmã, ele relata que, durante a infância e a adolescência, não havia muita proximidade entre eles nem partilha de leitura:

[...] A aproximação maior que houve com a minha irmã foi numa fase mais adulta mesmo. Tanto é que hoje nós moramos numa casa, meu pai, minha mãe, eu, minha

irmã e o filho dela. Eu tenho três filhos, mas moram fora porque eu sou divorciado, mas assim hoje, nessa época de que você está falando, não havia essa troca não. (Trecho transcrito da entrevista)

Também não havia troca com outras pessoas da família. A leitura de Sidney era uma prática solitária, realizada individualmente, e os livros eram comprados ou tomados por empréstimo em biblioteca.

Na escola: a leitura obrigatória

De acordo com informações do questionário, Sidney realizou parte de sua escolarização básica em escola pública e parte em escola privada. Na época em que estudou, havia o exame de admissão³⁴ e Sidney afirmou que foi aprovado nele sem problemas. Na entrevista relata que seu desempenho escolar foi muito bom e compara o nível dessas duas escolas onde estudou:

[...] Foi, foi bem tranquilo. Eu estudava na escola pública, aí depois nos dois últimos meses. Aí eu fui para uma escola paroquial. Era uma escola particular, mas que pertencia à igreja católica. O padre lá tinha que instituir uma escola. É, escola paroquial X, se não me engano; acho que é isso mesmo; a gente chamava escola Padre A. [...] Então nesses dois ou três meses eu fui, frequentei essa escola, e fui bem sim, porque tinha colocação assim dos alunos, os primeiros colocados, nos dois meses que eu estive lá, eu fiquei em terceiro lugar nos dois meses, [...] Eu fiquei em terceiro lugar nas duas vezes, a minha colocação na escola nesses dois meses; então foi tranquilo, não teve muito problema não. (Trecho transcrito da entrevista)

Conforme o relato de Sidney, o trabalho escolar com a leitura não acrescentou nada ao seu comportamento como leitor: “na escola a professora falava: ‘oh, esse semestre nós vamos ler livro tal, então vocês leem esse livro porque vai ter a prova’ Então eu lia, né? Por sorte, eu gostava de ler, gostava dos livros, aí a coisa ia”.

³⁴ De acordo com informações obtidas no *site* da wikipédia, “até 1971, no Brasil, o ginásio constituía o estágio educacional que se seguia ao ensino primário e que antecedia o ensino colegial. Corresponhia aos quatro anos finais do atual ensino fundamental. Para aceder ao ensino ginásial, era necessária a realização de um exame de admissão, depois de finalizado o ensino primário. O ginásio tinha uma duração de quatro anos, findos os quais, o aluno poderia aceder ao colégio, que constituía o terceiro ciclo de estudos. Em 1971, o ginásio foi fundido com o ensino primário, dando origem ao ensino de 1º grau. Na sequência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o ensino de 1º grau foi substituído pelo ensino fundamental”. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Gin%C3%A1sio_\(escola\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gin%C3%A1sio_(escola))). (Acesso em abril de 2013)..

O acesso precoce ao universo da leitura (a leitura paterna por prazer, as histórias orais que a mãe costumava narrar, os livros ‘consagrados’ que Sidney era estimulado a ler) parece ter favorecido a construção das disposições de leitura de Sidney.

Essas disposições de ler por prazer (revistinhas, no primeiro momento, e livros consagrados, logo em seguida) parecem ter encontrado pelo menos parcialmente suas condições de atualização na escola, constituindo-se num dos motivos, talvez o principal, dos bons rendimentos escolares de Sidney: “[...] eu já ganhei concurso de redação na escola, [...] a professora, ela fazia lá as redações e tal, aí tirava lá as melhores. E aí eu estava sempre no meio, mas era só aquela coisa pontual, ali, dentro de sala de aula”.

No questionário, Sidney assinalou que, durante a infância e adolescência, costumava frequentar biblioteca, principalmente para procurar livros indicados pelos professores e realizar pesquisa escolar. Na entrevista, quando indagado acerca de sua frequência na biblioteca escolar, ele respondeu:

[...] Que eu me lembro assim de ficar frequentando biblioteca foi só a partir da quinta série. Quando eu saí da minha cidade e fui morar e estudar outra vez [...] eu tive duas oportunidades de sair da minha cidade pra poder estudar na cidade X. Aí, lá em X tinha uma escola, isso em 1973, a escola que eu estudei lá é uma escola muito boa, com a biblioteca fantástica, assim, grande, com muitos livros, mas eu não era muito de ir lá à biblioteca pra pegar livro pra ler não. Eu ia lá pra fazer trabalho. Então juntava os grupos de colegas, [...] a gente ia pra biblioteca e ia lá, e fazia lá os trabalhos ou pegava o livro que tinha que ler, só pra dar conta da leitura que a professora indicava, pra fazer as provas, os exercícios. (Trecho transcrito da entrevista)

No Ensino Médio, o trabalho com a leitura obrigatória foi vivenciado por Sidney como uma atividade destinada à avaliação, o que parece constituir obstáculo à atualização de sua disposição de leitura-prazer:

[...] Aí depois que eu entrei pro Ensino Médio, aí era ler os livros que a professora mandava, aquelas fichas de livro que a gente fazia. [...] Nessa época, já lia Machado de Assis, já lia Jorge Amado, já lia alguns desses, desses escritores mais famosos aqui, brasileiro. E aí foi sempre assim. (Trechos transcritos da entrevista)

Somente depois desse período é que socializações amistosas (fora da escola), acompanhadas da mudança de foco (da leitura com finalidade avaliativa na escola para a leitura que visa à melhor interação com os amigos), parece ter criado as condições necessárias à atualização da leitura-prazer:

[...] Depois, por influência de amigos e já na fase adulta (tenho amigos que são muito chegados à literatura também) então estavam sempre me indicando um livro e eu achava aquilo muito bacana. Então pra acompanhá-los na conversa. Então eu lia também aqueles livros que eles me indicavam. E aí, por conta dessa vontade que eu tive, que eu tenho, gosto de leitura, né? Uma das atividades que eu acho mais agradáveis. Aí então eu resolvi fazer um curso de Letras porque eu fiquei... não sei se eu estou saindo do assunto, mas enfim... (Trechos transcritos da entrevista)

A relação do trabalho escolar com a leitura durante o ensino fundamental, a partir da quinta série até o fim do Ensino Médio, depreendida da entrevista, remete à prática da leitura obrigatória com fins avaliativos. Talvez, por isso, ele não se lembre de nenhum livro que tenha sido marcante em sua trajetória escolar:

[...] Eu num lembro não. Eu não tive assim nenhum livro marcante não, mas eu gosto muito de Machado de Assis, porque Machado de Assis tem um componente de ironia que é bem característico em minha opinião, bem característico da escrita dele e eu sou uma pessoa, muitas vezes eu sou muito irônico. Então, eu faço as minhas brincadeiras, faço os meus trocadilhos. Eu sou conhecido entre os meus amigos como aquela pessoa de mais trocadilhos. Então, eu gosto de Machado de Assis por conta dessa ironia, mas é... já li livros ótimos e coisa e tal... mas, identificação... nada de especial, pelo menos que eu esteja lembrando aqui agora. (Trecho transcrito da entrevista)

Portanto, embora houvesse alguma coincidência, no que se refere às indicações de leitura canônica, entre livros indicados na escola e os títulos de livros lidos por Sidney em casa, no geral, a escola parece não ter constituído um contexto de atualização da disposição de leitura adquirida em seu ambiente familiar.

Assim, Sidney afirma que a “sorte de gostar de ler” favoreceu seu bom desempenho escolar, mas a prática da leitura nesse ambiente não representou mais que uma obrigação com fins avaliativos, como podemos inferir do seguinte trecho da entrevista: “lia para fazer as provas, os exercícios”.

Nessa perspectiva, o modo de leitura praticado por Sidney na escola diverge radicalmente da leitura por gosto a que se habituou em seu ambiente familiar: na escola, uma obrigação; em casa, um lazer: “Então... meu lazer que eu tinha, apesar de eu morar em litoral, aquela coisa toda, uma grande parte era ler esses livros de história e depois passei por revista em quadrinhos, mas sempre lendo algum livro de histórias”.

Um gosto predominante pelos clássicos da literatura brasileira formado “fora de escola”

No questionário, Sidney assinalou que costuma ler frequentemente textos de *Internet*, mas raramente lê revistas, jornais e gibis (HQs) e nunca lê livros digitais. Seus gêneros de

livros preferidos (indicados por ordem de importância) são: (i) literatura clássica; (ii) livros de política, economia ou de ciências humanas; (iii) poesia. Assinalou ter aversão somente por livros de auto-ajuda ou orientação pessoal. Prazer ou gosto é o que mais o motiva a ler um livro de literatura.

Enquanto a prática da leitura de gibis (HQs), predominante na infância, se tornou rara na idade adulta, o investimento na leitura da literatura clássica foi intensificado por Sidney, que afirmou na entrevista utilizar seu tempo livre “mais é com leitura mesmo [...] basicamente com leitura”, geralmente de livros clássicos:

[...] Hoje eu tenho uma coleção quase completa, que eu comprei na banca também, mas isso tem, coisa de dois anos pra cá. São trinta e dois livros da literatura. Aí nesses dois anos desses clássicos, aí são trinta e dois, e eu devo ter lido uns onze ou doze, enfim. (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, a última obra lida voluntariamente por ele foi *O Primo Basílio* (Eça de Queirós). No mês anterior à entrevista, durante as férias, havia lido *Mensagem* (Fernando Pessoa), ambos da supracitada coleção de clássicos da literatura universal: “[...] É da coleção que eu tenho em casa. [...] primeiro eu vou lendo os mais fininhos, mas depois eu li *Os Sertões* também, do Euclides da Cunha, também tem pouco tempo”. Sidney afirma ter gostado desses livros e citou outros títulos lidos e comenta:

[...] Sidney: Ah! é, *O Falecido Mattia Pascal*, do Pirandello. Eu li também tem pouco tempo. É, *Os Malavoglia*, que é do outro italiano.
E.: E você gostou?
Sidney: Gostei. *Os Malavoglia* eu não gostei muito não, mas o *O Falecido Mattia Pascal* eu gostei muito porque tem um componente de humor que é muito interessante no livro. Então se tiver ironia, se tiver humor, já é meio caminho andado para dizer que eu vou gostar (risos) do livro. Do Euclides da Cunha eu gostei muito do livro *Dois* que é o que conta realmente como é a questão da guerra, os fatos que se passaram na guerra. E o livro *Um* já é mais chato porque ele fica com muita descrição, de... uma coisa mais científica, né? Ele era engenheiro, aquela coisa toda, então fica descrevendo muito, descrevendo muito a paisagem, mas só que usando de termos científicos, de termos que eram muito usados só na Geologia ou só na Engenharia e que eu não tenho conhecimento. Então, é meio maçante o livro *Um*, mas vale a pena você prosseguir que aí você entra no livro *Dois*, aí já é, já fica mais, mais interessante, que aí já entra naquele componente emocional do que ele viu, né? Fazendo aquela descrição mesmo do aperto que o pessoal passava, aquelas coisas lá, tudo que a guerra provoca de ruim ele estava mostrando ali. Aí essa parte foi, foi bacana, essa eu gostei. (Sequência transcrita da entrevista)

Além dessa prática da leitura de livros consagrados, Sidney assinalou no questionário outras práticas também legítimas do ponto de vista acadêmico: autor é o fator que mais o influencia na sua escolha de um livro de literatura; ao ler um livro de literatura, ele admitiria ler o livro inteiro de uma só vez e o mesmo livro mais de uma vez.

A propósito, essa última prática, ou seja, a releitura, somente é realizada por ele no contexto do curso de Letras e se a finalidade da leitura for a produção de um trabalho escrito: “Ah! pois é, então, isso eu faço. Tanto é que eu estou com uma matéria aqui, estou relendo *Dom Casmurro*. Então estou fazendo essa releitura, mas eu li *Dom Casmurro* quando eu era adolescente”:

[...] Eu li o *Dom Casmurro* aí no fim de semana e vou ler de novo porque essa matéria que eu estou fazendo está fazendo um paralelo entre Machado de Assis e aquele John Milton, o inglês, do Século XVII, se não me engano. Então tem alguns elementos da obra do Milton que o Machado utilizou para escrever o *Dom Casmurro*. E eles dizem que são várias passagens do livro que têm, que o Milton está ali presente na obra do Machado. E eu só consegui localizar uma. Então eu vou ler de novo pra ver se eu consigo ler mais alguma coisa do Milton, do *Paraíso Perdido*, ler mais alguma coisa pra ver se eu consigo também identificar mais alguma coisa. Então tem que ir fazendo esse [...] garimpo no *Dom Casmurro* pra poder ver se eu encontro alguma pedra preciosa aí do Milton. (Trecho transcrito da entrevista)

Já quando se trata das práticas de leituras mais autônomas, Sidney não possui o hábito de reler os livros: “[...] eu posso reler livros depois de passados anos, mas, assim, ler e depois reler de novo, não. Eu li; li, acabou; posso voltar a ler, mas...”.

Também não reconhece uso de estratégias para ter domínio do texto literário:

[...] Não, eu não tenho não, eu entro completamente desarmado nas minhas leituras. Eu vou assim, na medida em que a leitura vai passando, eu mudo de conhecimento que eu tenho guardado, porque muita coisa eu aprendo, mas eu esqueço também, [...] Pra eu relembrar eu vou ter que voltar a ler sobre aquilo, pesquisar e tal. Mas eu não tenho estratégia nenhuma não. Eu vou lendo, naquela de aproveitar ou de me deleitar com a leitura, com aquela atividade ali, mas aí se eu tiver algum conhecimento que está guardado ali e for acionado por algum trecho, aí aparece. (Trecho transcrito da entrevista)

Sidney indicou, no questionário, Machado de Assis, Jorge Amado e Fernando Pessoa (escolhidos por ele em uma lista de dezoito escritores sugeridos na pesquisa e uma opção de livre escolha) como respectivamente os três escritores de sua maior preferência. E os três livros de que mais gosta (citados por ordem de preferência) são: *Contos – Obra Completa* (Machado de Assis); todos os livros que leu de Jorge Amado e *O Retrato de Dorian Gray* (Oscar Wilde).

Essas práticas de leitura declaradas por Sidney, juntamente com o fato de ter assinalado “Aprecio a literatura contemporânea, mas não a conheço bem” como um dos julgamentos que mais se aproximam de sua opinião, indicam uma cultura literária bastante submissa à cultura

consagrada pela escola, evidenciando as disposições de Sidney “para a escolha de produtos seguros e certificados” nesse domínio de prática. (BOURDIEU, 2008:310).

A esse conjunto de preferências clássicas, acrescentamos que os modos de ler revelados por Sidney na entrevista denotam pouco ou nenhum envolvimento emocional com os textos: “Eu gostava das histórias assim, mas era um deleite mesmo, um usufruir daquela... mas, questão d’eu me identificar, não estou me lembrando de nada que tenha me chamado a atenção não. Eu me lembro que eu gostava muito das histórias”.

Porém, os modos de ler indicados por Sidney parecem bastante ligados à familiaridade com o enredo. Talvez por esse motivo, ele tenha interrompido a leitura de um livro de literatura estrangeira, *O Verão Antes da Queda* (Doris Lessing):

[...] Sidney: Era porque o livro era muito chato, muito chato.

E: Lembra o autor?

Sidney: Não, não lembro não, mas não é autor brasileiro, é estrangeiro; um livro extremamente chato. Eu disse: ‘ah! não vou dar conta não!’. Ai eu desisti, muito, muito esquisito. Da mesma forma que teve outros livros que são muito famosos que eu comecei a ler, eu terminei de ler, mas eu [...] só não parei pra poder não vamos dizer assim ‘ah bom, já comecei, então vou terminar’. Então eu, aí, fui, terminei, não foram todos os livros que eu li que eu gostei não, inclusive dessa coleção agora aí que eu estou fazendo agora, tem uns que são clássicos, mas eu li e não gostei muito, mas... é... d’eu ter começado e não ter terminado, que eu estou lembrado foi só; só esse que eu lhe falei (*O Verão Antes da Queda*).

E: E a chatice dele consistia no quê, por exemplo?

Sidney: Ah! Consistia talvez no enredo confuso, desinteressante, que não trazia nenhum tipo de expectativa com relação ao que ia acontecer, a questão do suspense, né? Talvez o diálogo travado [...] O diálogo que se fazia e que não se desenvolvia da maneira que eu pudesse achar interessante. Então basicamente foi isso.

Porém, as disposições ascéticas de Sidney foram ativadas em um período de vida anterior quando há aproximadamente sete anos, antes de entrar na faculdade de Letras, ele terminou de ler um livro de que não gostou, *O Grande Gatsby* (Scott Fitzgerald):

[...] Eu li *O Grande Gatsby* do... ah!, esqueci o nome. [...] Não consigo guardar muito, mas é um livro famoso. Agora nem tanto, mas na época, o pessoal falava muito e tal. [...] Muita gente leu, fez muito sucesso, até fizeram filme com esse livro, mas que eu não, é, eu estava esperando uma coisa assim, mais emocionante. E, no entanto, [...] o livro foi acontecendo, os fatos foram se sucedendo e não trouxe absolutamente nenhum tipo de surpresa, vamos dizer assim. Aí eu achei ele bem monótono, [...] pela expectativa que eu tinha do livro ele me pareceu ser um livro muito, muito monótono. (Trecho transcrito da entrevista)

Em relação às leituras de jornais, prefere ler: (i) notícias internacionais/do mundo; (ii) notícias nacionais; (iii) notícias locais; (iv) política; (v) saúde e comportamento; (vi) negócios e economia; (vii) esportes (“quando o Galo ganha”) (respostas numeradas no questionário de

acordo com a ordem de relevância atribuída a elas pelo pesquisado). Em relação à leitura de revistas, prefere as de informação semanal (*Veja, Época, Isto É*, etc.).

As seis atividades de lazer preferidas (por ordem de predileção) são: (i) ir a bares/botecos; (ii) participar de festa em casa de amigos; (iii) ler; (iv) ir ao cinema (em *Shopping*); (v) navegar na *Internet*; (vi) praticar esporte e assistir a vídeos. Quando utiliza *Internet*, os sítios que mais acessa são *e-mails* e notícias (textos informativos).

Apesar de ter assinalado que, na época do questionário, ninguém especialmente influenciava suas leituras, na entrevista, ao detalhar suas práticas de lazer e tendo afirmado também que utiliza seu tempo livre “mais com a leitura mesmo”, Sidney fez referência a um grupo de amigos com que convive há mais ou menos uma década:

[...] Tem um grande amigo meu, apesar de ter outros grandes amigos, que [...] é o da Filosofia, o outro da história e tem outro que inclusive ele é professor aqui da Odontologia e tem outro que está sempre estudando aqui, mas está sempre saindo. Um cara com a cabeça fenomenal, já fez Matemática, já começou, não terminou; depois passou pra Estatística. Ele vai fazendo vestibular, vai passando e [...] E esses da Filosofia, da História, eles são professores. (Trecho transcrito da entrevista)

Nesse grupo, Sidney destaca um amigo que realizava estudos na área de Filosofia e com quem compartilhava suas leituras na época da entrevista: “[...] o da Filosofia, ele não exerce a profissão de professor, ele trabalha na área de Arqueologia [...] eu empresto meus livros pra ele, ele já me emprestou vários, vários livros [...] e ele é o cara da literatura [...]”.

Quando indagamos sobre algum livro indicado por esse amigo de que tivesse gostado mais, Sidney citou *O Perfume* (Süskind) e acrescentou que esse amigo havia lhe emprestado diversos livros. Além disso, relatou a influência dele na sua decisão de cursar Letras:

[...] Ele é um dos caras que me estimulou a voltar a estudar, entendeu? Porque eu parei de estudar, eu terminei o meu, eu terminei o curso médio com os dezenove anos. Aí logo depois eu fiz o Vestibular, entrei pra PUC pra fazer Ciências Econômicas. Aí fiquei lá um tempo, vi que não era a minha, que eu gostava de História, mas não gostava de Matemática. E aí eu desisti. Aí desse meio-tempo, passaram-se vinte anos, eu me casei, meus filhos nasceram, eu me separei. Quando foi em 2006, muito por insistência da minha mãe e por uma vontade que eu tinha também de voltar a estudar, mas eu não, não tinha coragem, aí a minha mãe que pegou no meu pé e que insistiu, insistiu. Aí eu voltei, resolvi voltar a estudar, mas eles também tiveram assim uma influência porque eu achava muito bacana poder compartilhar esses conhecimentos que eles tinham muito e eu não tinha nenhum. É aquela história: ‘ah! eu, quando eu crescer eu quero ser igual a você, entendeu?’ Então, assim, é o exemplo. eu voltei a estudar muito, muito por esta insistência da minha mãe, por uma vontade minha e pelo exemplo que eu tinha nesses meus amigos. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa partilha de leituras incluiu a indicação de Sidney do livro *Crime e Castigo* (Dostoiévski) ao amigo: “[...] então ele dentro do ônibus, e ele leu *Crime e Castigo* lá, os dois, os dois volumes que eu não li ainda, mas ele sabe que é bom, que ele tem um conhecimento literário que é acima da média, superior ao meu; o meu é quase nada.”

Quanto ao que o amigo teria comentado sobre o livro indicado, Sidney respondeu vagamente: “ah! é, comenta, faz alguns comentários. A gente não fica muito tempo comentando sobre isso não, mas a gente faz alguns comentários sim”.

Essa constelação de amigos parece determinante nas atualizações das disposições de leitura de Sidney que durante o tempo em que foi casado ficaram em estado de vigília. Ele relata que se casou aos vinte e cinco anos e que parou de estudar:

[...] Depois que eu me casei, um tempinho depois eu tentei voltar a estudar, mas pra PUC, fazer Economia e tal, mas aí não deu não. Mas aí não foi culpa, não é questão de culpar, mas é porque eu vi que não ia dar mesmo, que não estava gostando mesmo. Aí eu desisti de vez, mas é essa lacuna, esse hiato no meu período de casamento foi a época que eu estive menos voltado pra questão da leitura. [...] Então nessa época era só trabalhar mesmo. [...] É, meus meninos começaram a nascer, então o tempo livre que eu tinha eu dedicava muito pra eles, então saía muito com eles [...] Aí eu levava em clube, eu levava em parque, enfim, essas coisas em que a gente leva criança, né? (Trechos transcritos da entrevista)

Sidney relata que, durante a infância dos filhos, “abandonou os estudos” e lia “muito pouco”. Quanto ao período subsequente, acrescenta que continuou:

[...] Trabalhando bastante, praticamente do mesmo jeito, até um ano e meio atrás quando eu tive que deixar esse trabalho [...] mas continuava trabalhando o dia inteiro, então a leitura que eu fazia era aquela do curso mesmo, então a leitura que eu fazia era nas férias, nas férias é que eu colocava mais ou menos essa leitura que eu gosto de fazer, essa leitura descompromissada para usufruto, que eu colocava em dia. Da época em que eu me separei, em 2000, até 2006, nesses cinco anos eu ainda continuei trabalhando bastante e sem a questão da leitura, ela ficou bem afastada. (Trechos transcritos da entrevista)

Assim, o desencadeamento do desejo de ler (e a contingência de estudar) engendrou comportamentos diferentes, alternantes, até antagônicos, conforme o contexto: suspensão da leitura durante o casamento e o período de infância dos filhos ou retomada dos estudos; somente as leituras do curso durante o tempo em que teve de conciliar trabalho e estudos ou leitura por prazer nas férias: “[...] Agora que eu estou em aula, então eu não tenho muito essa leitura de lazer, é a leitura que eu preciso pro curso. Então tenho que aproveitar os fins de semana pra ler o material do curso, mas nas férias é, bem, bastante coisa mesmo”.

Em outros domínios de práticas, os comportamentos de Sidney também variam conforme os contextos. É o que acontece, por exemplo, em relação ao costume de sair com os

amigos: “eu tenho uma turma de amigos que a gente costuma reunir; agora, esses dias, ultimamente a gente não tem feito isso mais”.

Também em relação ao hábito de ir ao cinema, prática contumaz na vida de Sidney no período de adolescência, declara:

[...] mas aí eu já cheguei aqui com quatorze anos e aí eu tive condição, a quantidade de cinemas que tinha em Belo Horizonte, chegava época de eu ir em cinema todos os dias [...] Mas eu gosto muito de cinema também, mas vou pouco porque eu estava com um aparelho lá em casa de passar filme, é *USB* que chama, tem um tipo um *pen-drive* gigante, tem dezenas e dezenas de filmes. Então eu ficava vendo filme, é mais à base de filme mesmo, cinema eu gosto, mas eu vou pouco. (Trecho transcrito da entrevista)

Diferentemente do que ocorre em relação ao domínio da leitura, na qual Sidney investe nos valores mais legítimos e abandona as leituras mais comuns, no que se refere ao gosto cinematográfico que depende da “cultura livre adquirida nas experiências extra-escolares” (BOURDIEU, 2010:44) Sidney parece atualizar uma disposição adquirida no universo familiar, por influência da leitura paterna. Assim, Sidney passou a ler gibis (HQs) raramente; em compensação, suas preferências de filmes continuaram relacionadas ao universo temático desse gênero de leitura, como *O Homem de Ferro* (Jon Favreau), último filme a que assistiu no cinema até então:

[...] Eu gosto muito de filme de super-herói, porque quando eu era menino, eu lia muita, muita história em quadrinho, muita história de super-herói. Eu gostava mais e aí eu ficava imaginando, vendo a fotografia e imaginando os movimentos, aquela coisa toda que hoje nos filmes tem uma tecnologia que permite mostrar no filme aquilo que eu imaginava quando era menino. Aí então a possibilidade que eu via, que eu imaginava antes, é que me atrai, que me atrai a assistir a esse tipo de filme, né? *Quarteto Fantástico, Batman, Homem-Aranha, né?* (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, Sidney havia assinalado “Gosto mesmo é de cinema”, como um dos julgamentos mais próximos de sua opinião, e os seguintes gêneros de filmes de sua preferência, enumerando-os por ordem decrescente de importância: (i) ficção científica; (ii) drama; (iii) documentário; (iv) filmes históricos; (v) romance; (vi) ação e aventura; (vii) comédia; (viii) policial; (ix) arte; (x) adaptações filmicas de livros literários; (xi) terror.

No domínio das práticas esportivas, Sidney segue o mesmo padrão das atividades culturais, variando a frequência ou a suspensão dessas práticas de acordo com as circunstâncias e contingências de sua vida:

[...] Bom... Quando eu era menino, a gente ia muito à praia, andava de bicicleta. Eu não diria que eu gostava muito, mas eu gostava de jogar bola, andar de bicicleta; só negócio de papagaio, carrinho de rolimã, esse negócio que eu não tinha. Eu tinha bicicleta, tinha a própria praia e tinha um quintal muito grande na minha casa, gramado... Então toda sexta-feira à noite, todo sábado de tarde, todo sábado, domingo, tinha lá as peladinhos com os colegas e tal. Eu não era um menino ativo. Assim, eu brincava, eu lia, eu me associava, mas com os meus pais, era mais ir à praia mesmo e quando jogava bola meu pai estava no meio lá da garotada também. Mas depois que nós mudamos pra cá, o meu pai e minha mãe trabalhando muito, né? Trabalhando, eles eram comerciantes, aí assim eu não tive muito, não. Mas aí eu já cheguei aqui com quatorze anos e aí eu tive condição, a quantidade de cinemas que tinha em Belo Horizonte, chegava época de eu ir em cinema todos os dias, certo? [...] Fiquei um bom tempo [...] dos quatorze até dezessete, dezoito anos. Depois eu ia muito ao cinema. [...] Quando eu estudava lá na PUC, eu ia pra lá, nadava, corria. Sábado jogava bola, aquela coisa toda. Aí eu parei com esse negócio todo, com essa questão de, esse tipo de lazer voltado para atividade física assim. Eu parei quando conheci a minha ex-mulher. (Trechos transcritos da entrevista)

Apesar de haver suspenso as atividades físicas por um período de tempo, ele não deixou de gostar de algumas práticas que indicam certo grau de ascetismo: “Eu gosto muito de fazer uma caminhada, gosto muito de nadar”. E arremata: “a questão da caminhada, agora ela é praticamente diária”.

No curso de Letras: entre práticas comuns de leitura e familiaridade com os clássicos e a busca pela apropriação de modos de ler especializados

No questionário, Sidney assinalou diversos motivos que o levaram a cursar Letras sem, portanto, indicar nenhuma prioridade entre eles: gosto e/ou interesse pela gramática, leitura, literatura e escrita; interesse em ser professor; interesse profissional e cultural pelas áreas de Letras; bom desempenho nas disciplinas de português do ensino básico; desejo de fazer um curso superior; interesse em obter um diploma para conquistar melhores empregos ou tentar concursos públicos de nível superior. Na entrevista, ele detalhou algumas dessas motivações como o gosto precoce pela leitura:

[...] A minha escolha pelo curso de letras foi por conta desse gosto meu com a leitura, mas voltado mais para a área de linguística. E a literatura mais como um prazer, mas o estudo da literatura, ele me deu um subsídio que pra mim foi importante para melhorar a minha qualidade como leitor, entendeu? Então assim, eu não penso em trabalhar com literatura, mas a literatura, ela me ajuda na minha qualidade como leitor. A partir do momento em que eu adquiri alguns conhecimentos sobre literatura, a minha leitura ficou mais proveitosa, vamos dizer assim. Mas resumindo, não fugindo muito do assunto, minha formatura (sic!), minha formação como leitor, ela vem desde muito cedo. Teve alguns momentos de interrupção, né? Eu, na época eu ter me casado... não pelo fato de ser casado, mas pela circunstância em si, eu lia pouco e aí depois eu retomei e resolvi voltar a estudar, e por aí... (Trecho transcrito da entrevista)

De acordo com informações do questionário, Sidney definiu o currículo de graduação, procurando aliar as disciplinas necessárias para se formar ao seu gosto. cursou o maior número de disciplinas na área de Linguística, considera seu nível de conhecimento bom e acha seu grau de dificuldade razoável nessa área. Acha difíceis as áreas de Ensino e de Línguas estrangeiras, e considera a área de Literatura razoável. Ele julga seu nível de conhecimento regular na área de Ensino e de Literatura e se acha ruim em Línguas estrangeiras.

De acordo com suas respostas no questionário, teve algumas dificuldades nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I, sendo a principal delas o desconhecimento das obras e autores citados. A princípio, os dados da entrevista parecem ir de encontro a essa afirmação, pois ao comentar a influência do saber universitário em sua leitura, Sidney reforça a ideia, que perpassa toda a entrevista, da predominância de um cânone escolar em suas preferências literárias:

[...] Não é que ele [o saber universitário] tenha influenciado na minha leitura; ele melhorou a qualidade da minha leitura [...] entendeu? Eu vou ler os mesmos livros que eu li antes, mas eu vou enxergar outras coisas dentro do livro, vai ser uma leitura, um aprofundamento daquilo que eu li, entendeu? Eu vou dar conta de me aprofundar mais naquele livro. [...] entendeu? É, foi isso, ele influenciou nesse sentido, de ter melhorado a minha qualidade como leitor. (Trechos transcritos da entrevista)

Porém, essa aparente contradição pode ser esclarecida a partir da análise das demais dificuldades assinaladas no questionário: a segunda maior dificuldade foi o desconhecimento de campos teóricos como a psicanálise, a filosofia e os estudos culturais, por exemplo; a terceira foi em relação aos modos de ler e falar sobre a leitura, pouco familiares (realizar comentários sobre linguagem, atentar para princípios estéticos em detrimento do enredo, por exemplo); a quarta foi com a carga de leitura teórica excessiva.

Tendo em vista que todas essas dificuldades encontradas por Sidney remetem ao capital específico ao campo literário (e acadêmico), o qual compreende um *habitus* literário propriamente dito e *habitus* escolástico do comentário dos *lectores*, podemos levantar a hipótese de que, pelo fato de estarem destituídas da prática do comentário crítico, que deve ser realizado em conformidade com regras valoradas “dentro de um padrão estético operado pela teoria literária, pela cultura escolar e críticos de literatura” (VÓVIO, 2007: 255), as disposições de leitura de Sidney (ler por prazer e para interagir com os amigos, ler os clássicos) não encontraram no curso de Letras um contexto correspondente aos seus modos prévios de leitura e interpretação.

Desse modo, apesar de suas preferências literárias terem coincidido na maior parte das vezes com o cânone acadêmico, Sidney afirmou que o desconhecimento de autores e obras constituiu uma dificuldade inicial no curso.

Além disso, temos que considerar o grande volume de leituras teóricas do curso, muitas vezes vinculadas à necessidade da prática do comentário, como um fator de distanciamento do leitor comum em relação à formação do leitor especializado. Assim, quando solicitado a opinar sobre sua leitura anterior ao curso, Sidney parece consciente desses distanciamentos:

[...] Ah! Era uma leitura totalmente descompromissada. Assim, era só ler aquilo que estava escrito mesmo [...] Hoje eu tenho mais, a minha leitura era uma leitura que não tinha muita, não analisava muito. Eu só lia pra passar o tempo ou pra me deleitar ali com a história, pra rir ou pra chorar. Então a diferença é essa. Hoje já é um pouco diferente. Eu continuo muitas vezes me emocionando, rindo com a história, mas aí eu já tenho outros elementos que me ajudam a aproveitar, a enxergar mais coisas dentro daquela história. Eu li Machado de Assis há muito, quando era criança; lia de um jeito, tanto é que eu não lembrava quase nada. Agora, hoje, eu estou lendo Machado de Assis de novo, aí já é outra [...] é outro aproveitamento que a gente tem da leitura. Então apesar de eu gostar muito do estudo de literatura, que eu também já falei, me trouxe subsídios que melhorou muito a minha qualidade de leitor hoje. Então a opinião que eu tenho de minha leitura antes, é que é uma leitura totalmente descompromissada e só me servia mesmo pra poder passar o tempo. [...] descompromissada com algum tipo de aprendizado, ou às vezes o livro, ele quer te mostrar alguma coisa e você não consegue enxergar. Eu não conseguia enxergar aquele algo mais que o livro queria mostrar, era simplesmente uma história. Então descompromissada com esse algo mais que o livro tem pra mostrar. (Trechos transcritos da entrevista)

Esses trechos da entrevista são, a nosso ver, bastante elucidativos da relação subjugada de Sidney com a literatura, indicada principalmente pela familiaridade e pelo investimento na leitura de obras e autores clássicos. Apesar de suas disposições de recusa da leitura que é percebida como obrigatória, tal qual ocorria durante o ensino fundamental e o médio, Sidney aceita com “boa vontade” as indicações de leitura de seus professores do curso de Letras e rejeita a leitura de livros considerados menos legítimos como os *best-sellers*, indicados por sua filha.

Assim, no questionário, quando solicitamos que citasse um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, citou Fernando Pessoa no primeiro caso e escreveu “nenhum” no segundo. E na entrevista, revelou sua resistência em ler literatura menos legítima (de *best-sellers*), embora admita também a leitura com finalidade pragmática:

[...] Eu sempre gostei de ler alguma coisa que me ensinasse algo. Pode ser qualquer coisa, aquela leitura mais pragmática, né? Então, o que tivesse a ver com a literatura, literatura brasileira, eu, como sou brasileiro, eu acho importante eu ler alguma coisa

dos escritores brasileiros. Ou então alguma coisa que me ensinasse alguma coisa, nem que fosse algum manual de alguma coisa, entendeu? Então é alguma coisa pragmática assim, pra aprender com aquilo, é... Outro dia, eu não entendo nada do mercado de ações, mas outro dia estava lá *Como Entender o Mercado de Ações*. Comecei a ler aquela coisa pra entender como é que é, assim, aquela leitura pragmática. Não me atrai, por exemplo, aquela leitura, igual eu tenho uma filha que é uma leitora também que lê. E eu acho que ela lê muito mais do que eu, mas ela não lê literatura brasileira: Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Monteiro Lobato, ela não lê muito esse negócio. Ela lê esses livros que são os *best-sellers*.[...] Que é vendido aí, que é originalmente estrangeiro, que conta a história. é... Então ela lê por conta, esse tipo de livro não me atrai muito não, a menos que tenha sido um livro já mais antigo, que tenha sido muito indicado, que muita gente leu, gostou, eu vou lá, vou conferir pra ver se é bom mesmo. (Trechos transcritos da entrevista)

Mesmo dando provas de boa vontade cultural, lendo predominantemente obras e autores clássicos, indicados por amigos dotados de maior capital cultural (o amigo da Filosofia, por exemplo) ou por professores, Sidney atualiza sob certas circunstâncias ou em certos contextos suas disposições pragmáticas em termos de leitura.

E nessa luta interna entre a relação hedonista com a leitura e a relação cognitiva com a cultura, parece que a primeira predomina quando Sidney está sozinho diante das obras e que a segunda é mobilizada apenas quando sustentada por uma necessidade ou mesmo por uma curiosidade. Não há, a nosso ver, contradição entre essas disposições de leitura visto que na socialização familiar de Sidney, além da forte presença dos clássicos (já analisada neste retrato) e da compulsão paterna pela leitura de gibis (já mencionada), ele relatou que durante a adolescência fez “coleções de enciclopédia”:

[...] Essas coisas que vendia em fascículo nas bancas. E toda semana eu ia lá e comprava, por exemplo, aquela [...] *Novo Conhecer*. Eu tinha uns quatorze anos quando eu fiz aquela coleção toda [...] *Como Funciona*, sabe aquela coleção *Como Funciona?* Eu fiz aquela coleção toda, comprando em banca, é, *Amar*, uma que falava sobre sexo. Tudo da década de setenta, que vendia os fascículos também. Eu devia ter os meus quinze, dezesseis anos, tudo coleção feita comprando nas bancas. (Trechos transcritos da entrevista)

Enquanto a familiaridade com o cânone consagrado aproxima Sidney das práticas de leitura do curso, suas disposições de leitor comum, caracterizadas pela ausência de compromisso com a prática do comentário e focadas apenas na “historieta”, apesar de baseadas no cânone literário valorado no ambiente acadêmico, o distanciam da leitura especializada do curso. Talvez por esse motivo, ao ser indagado se, “a seu ver, o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências, no seu modo de ler?”, ele respondeu:

[...] Não, muito pouco, porque eu foquei o meu curso muito na área de Linguística. Então precepei mais com estudo de morfologia, semântica, é, sintaxe, gramática, aquela coisa toda, é, o núcleo duro como eles chamam [...] da linguística. E a literatura pra mim foi só um complemento. Então assim, as coisas que eu li antes, que eu gostaria de ler, que eu cheguei a ler, o curso não trouxe muita influência, não. Não é pelo fato de eu ter hoje um curso de Letras que eu mudei ou que eu vou mudar o meu gosto por determinadas leituras. Continuo mais ou menos a mesma coisa. (Trechos transcritos da entrevista)

O fato de ter considerado que o saber universitário influenciou sua leitura “em seu proveito”, mas não profissionalmente, pois não pretende trabalhar com literatura e de ter assinalado que o curso de Letras oferece boa formação cultural (e intelectual) e literária, mas formação profissional regular, reforça a ideia de uma disposição de leitura-prazer que referencia toda a entrevista:

[...] A minha leitura sempre foi leitura de usufruto mesmo. [...] porque, ainda mais agora que, depois que eu entrei pra faculdade, que a gente tem que ler muitos textos teóricos, um negócio meio pesado. Você sabe perfeitamente disso. Então, às vezes eu pego outra leitura, uma coisa mais que eu não tenha tantas preocupações de analisar nada, simplesmente curtir a história. Então eu nunca procurei... Não teve nenhum livro que me estimulou assim de fazer nada, sabe? Ah! Eu vou querer fazer... Eu só recebi indicação, ‘Oh, esse livro é muito bom’. Eu ia lá e lia os livros. (Trecho transcrito da entrevista)

Contudo, o que Sidney mantém é essa disposição de leitura vinculada ao interesse pessoal de “ler por ler”, dedicando maior quantidade de tempo a essa prática e menos tempo às leituras do curso: no questionário, ele assinalou que dedica menos de uma hora semanalmente à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras e de uma a duas horas semanalmente à leitura de livros literários não indicados por esses professores. Além disso, excetuando-se os livros obrigatórios do curso de Letras, assinalou ler mais de cinco livros anualmente.

Confrontados, alguns trechos isolados das declarações de Sidney revelam clara contradição em relação ao valor que ele atribui ao curso de Letras para sua formação como leitor.

Às vezes subestima a influência, (“o curso não trouxe muita influência, não. Não é pelo fato de eu ter hoje um curso de Letras que eu mudei ou que eu vou mudar o meu gosto por determinadas leituras, continuo mais ou menos a mesma coisa”), às vezes a enaltece (“é outro aproveitamento que a gente tem da leitura”; “que eu também já falei, me trouxe subsídios que melhorou muito a minha qualidade de leitor hoje”; “Então a opinião que eu tenho de minha leitura antes é que era uma leitura totalmente descompromissada e só me servia mesmo pra poder passar o tempo”).

Os paradoxos das declarações prevalecem não apenas nos modos de ler, mas também relativamente à convivência entre os gostos legítimos e comuns nos demais domínios de práticas, como o cinema. Há uma interação, uma alternância, uma emergência, ora de uma, ora de outra tendência.

Essa diversidade, ao invés de desabonar, enriquece o perfil delineado do pesquisado sob as variações intra-individuais das disposições constituídas em sua trajetória de vida: ou seja, no domínio da leitura sua tendência é mais clássica; no domínio do cinema prevalece a influência paterna por personagens pertencentes ao universo dos quadrinhos.

Quadro 6 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Sidney

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>Contos</i> (Andersen)	-	-	<i>O Perfume</i> (Süskind)
			<i>Dom Casmurro</i> (Machado de Assis)
<i>Contos</i> (Grimm)			<i>Crime e Castigo</i> (Dostoiévski)
<i>Sítio do Pica-Pau Amarelo</i> (Monteiro Lobato)			Paraíso Perdido (<i>John Milton</i>)
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista (voluntariamente)	Livros não-literários
<i>O Verão antes da Queda</i> (Doris Lessing) (Achou extremamente chato)	-	<i>O Primo Basílio</i> (Eça de Queirós)	Coleções de enciclopédia, vendidas em fascículos nas bancas de revista: <i>Novo Conhecer</i> ; <i>Como Funciona?</i> ; <i>Amar</i> ;
		<i>Inocência</i> (Visconde de Taunay)	
<i>O Grande Gatsby</i> (Scott Fitzgerald) (Achou muito monótono)		<i>Mensagem</i> (Fernando Pessoa)	<i>Como entender o mercado de ações</i>
		<i>O Falecido Mattia Pascal</i> (Luigi Pirandello)	
		<i>Os Malavoglia</i> (Giovanni Verga)	
		<i>Os Sertões</i> (Euclides da Cunha)	
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Contos – Obra Completa</i> (Machado de Assis)	-	-	(i) Adorou: Fernando Pessoa
Obra de Jorge Amado			(ii) Detestou: nenhum
<i>O Retrato de Dorian Gray</i> (Oscar Wilde)			

4.7 FLORBELA

Florbela tem 22 anos e, embora tenha se declarado parda, tem pele clara. É solteira e se declara “cristã-protestante”. É natural de Belo Horizonte e mora em um bairro situado na região sul da cidade, juntamente com os pais e a única irmã, seis anos mais jovem que ela, que “tem pânico de leitura”, “não lê nada”, “detesta ler”, está cursando o Ensino Médio e

“possui uma escrita muito ruim”. Originária de família dotada de expressivos capitais escolares e culturais, que manifesta e valoriza uma relação positiva com desenvolvimento escolar dos filhos, Florbela e a irmã tiveram acesso precoce a livros e um forte investimento na sua formação escolar, porém sem muita ênfase na formação literária. Assim, Florbela se define como uma leitora que possui uma “relação assim muito íntima com o livro” e acredita que “o *tablet* não vai convencê-la”. É dotada de evidente facilidade verbal, da qual parece estar consciente: “eu sempre tive um discurso muito bom pra convencer...”. Embora afirme que “nasceu gostando de ler”, atribui ao curso de Letras o desenvolvimento do gosto pela leitura de algumas obras canônicas desconhecidas por ela até o ingresso no curso, como *A Divina Comédia* (Dante Alighieri), bem como a valorização e intensificação do gosto por outras obras conhecidas dela, por exemplo, *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes). Entretanto, Florbela manifesta preferência pela literatura juvenil e indica *O Pequeno Príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry) como livro mais marcante de sua vida e sobre o qual se disporia a escrever, revelando antes uma disposição moral do que estética em suas preferências. Essa mesma disposição é ativada em outro domínio cultural, o cinema, em que prevalece o gosto por filmes/animações mais voltados para o público juvenil. De modo geral, as diversas influências socializadoras a que Florbela esteve submetida, inclusive o curso de Letras, resultaram na construção de “um gosto entre leituras comuns e profissionais”.

Estrutura Social e Familiar

De acordo com informações contidas no questionário aplicado em sua turma em abril de 2011, onze meses antes da entrevista, o pai de Florbela é católico e a mãe protestante. Os pais são naturais de Belo Horizonte e antes de morarem em um bairro situado na região sul da cidade, residiram em outro bairro nobre da capital. O avô materno concluiu o Ensino Médio e trabalhou na área administrativa da Superintendência de Limpeza Urbana em Belo Horizonte. A avó materna possui o mesmo nível de escolaridade do avô e é “dona de casa”. Florbela não conheceu o avô paterno e conviveu pouco com a avó paterna, que cursou o primário e também era “dona de casa”.

O pai de Florbela cursou Administração e Comunicação Social, a mãe cursou o Secretariado, sendo ambos funcionários de uma empresa estatal de Minas Gerais. Na entrevista, Florbela afirma que:

[...] Os meus pais são muito bons em português, então têm alguma... Por exemplo, minha mãe é muito boa em gramática; meu pai, na adolescência dele leu muitos livros, inclusive em francês. Então o que eu tenho deles mais, essa bagagem literária, são assim memórias ou então as regras gramaticais, em relação ao português. A minha mãe, a leitura dela é mais de revista e eu nunca gostei, é... e meu pai lê muito pouco, nem jornal assim ele tem costume de ler não. Eu já vi ele trazendo pra casa é... folha de... panfletinho de... do sindicato da [Nome da empresa onde trabalha]³⁵ Ai eu já vi ele trazendo e tal... (Trecho transcrito da entrevista).

No questionário, Florbela declara que ninguém particularmente a incentivou a ler e que durante a infância ninguém lia histórias ou livros de literatura infantil para ela. Também não costumava ver ninguém lendo em casa durante a infância, mas era frequentemente presenteada com livros e costumava frequentar biblioteca, principalmente por interesse pessoal. Na entrevista emergem de sua fala dados que confirmam apenas parcialmente essas informações. Se, por um lado, afirma “nasci gostando de ler”; por outro, indica a figura de um tio, administrador em uma empresa financeira e que gostava muito de ler, como incentivador de sua leitura: “a minha referência de literatura é de um tio meu que sempre me presenteava com livro, então ele dava uma roupa, um brinquedo e um livro, era sempre assim.” Também os pais lhe presenteavam com livros durante o período de infância e adolescência, como podemos ver no seguinte trecho da entrevista:

[...] Aí, o que eu lembro assim, tem muito tempo que meu pai me deu, mas eu não era tão novinha, *O Menino do Pijama Listrado*, que ele é recente. Não tem tanto tempo. Nossa! Eu tinha tanto livro, eram mais assim de conto de fadas, que vinham naqueles estojinhos, tinha uma coletânea, ganhei um que se chamava *O Tesouro de Contos de Fada* que é um livro assim grosso com capa dura; é... ganhei alguns livros de parábola da Bíblia Ilustrada. (Trecho transcrito da entrevista).

Assim, o incentivo à leitura parece ter ocorrido de uma forma tão “natural”, por meio do contato com livros que recebia de presente do pai, do tio e da mãe, que o gosto por leitura é percebido por Florbela como algo inato e não como uma aquisição, permitindo-lhe pensar que nasceu gostando de ler.

A mãe de Florbela “lê por gosto livros religiosos e revista feminina”. Em relação a essa última preferência, Florbela parece se distanciar da mãe, ao declarar na entrevista que “odeia revista feminina”.

[...] Minha mãe lê mais que meu pai, eu vejo minha mãe lendo. Ela sempre lê muito a Bíblia e revista feminina.

[...] Ela assinava *Marie Claire* e eu odeio revista feminina [...] livro não [...] Eu já via ela lendo muita literatura evangélica, assim, de pastor que escreve [...] Lê Bíblia com uma frequência forte. (Trecho transcrito da entrevista).

³⁵ O nome da empresa foi suprimido a fim de garantir o anonimato da entrevistada.

Porém, quando cruzamos esses dados da entrevista com as informações do questionário, o distanciamento não se confirma e deparamo-nos com práticas de leitura próximas da leitura materna. No momento da aplicação do questionário, Florbela estava lendo *Senhora* (José de Alencar), livro indicado pelos professores do curso de Letras, juntamente com a Bíblia, leitura realizada para satisfazer seu gosto pessoal.

Além disso, apesar de assinalar que raramente lê revistas, jornais, gibis (HQs) e livros digitais, quando lê revistas, costuma ler: (i) de informação semanal (*Veja, Época e Isto É*, etc.); (ii) Especializadas (saúde, esportes, *games*, informática, *hobbies*, etc.); (iii) Femininas (*Cláudia, Elle, Marie Claire* e *Criativa*, etc.). Desse modo, ao destacar suas práticas de leitura, Florbela revela práticas muito próximas do gosto da mãe, como a leitura da Bíblia e a leitura de revistas. Essas últimas foram escolhidas por ela em uma lista de quatorze tipos de revistas sugeridas na pesquisa e uma opção de livre escolha.

Apesar de afirmar, na entrevista, que tem “pânico de ler na tela do computador”, no questionário havia assinalado que costuma ler frequentemente textos de *Internet*, acessando principalmente os sítios: (i) *sites* de relacionamento (*Orkut, Facebook, twitter*); (ii) *e-mails*, (iii) *youtube*. Em relação às leituras de jornais, prefere: (i) notícias nacionais; (ii) notícias internacionais; (iii) política.

Na entrevista Florbela declara que seus pais acompanham “só um pouquinho” o desenvolvimento escolar da filhas, porém destaca o auxílio do pai nas tarefas escolares durante o período de infância, quando estava no “maternal”, antes de passar a fazer “tudo sozinha”. Ela se lembra também de que a irmã teve problemas na escola que demandaram maior envolvimento dos pais: “minha irmã [...] eles acompanharam mais porque ela teve problema”. Nessa época, a irmã de Florbela cursava a terceira série do ensino fundamental e ficou para recuperação em Matemática, o que redundou em acompanhamento com psicopedagogo durante algum tempo. Atualmente, ela está com dezesseis anos e já praticou “todos os esportes possíveis”, mas teve de parar em decorrência da demanda de estudos no Ensino Médio. Pretende continuar os estudos, pois, apesar de os pais serem atletas e incentivarem as filhas a praticar esportes, no ambiente familiar não se cogita a interrupção dos estudos, ou mesmo a prática de atividades que possam desviá-las desse objetivo. Assim, apesar de não ter definido o curso superior que deseja cursar, Florbela afirma que “ela tem uma inclinação pra exatas” e faz o seguinte comentário:

[...] Ela lê assim o que a escola manda e ela até já tentou ter esse gosto. Ela comprou alguns livros assim mais da idade dela. Uma coisa assim mais de livro que se passam na escola para as meninas da idade dela, mas ela não tem esse hábito. [...] Ela é da geração do computador, do videogame; então ela passa horas no *play station*, se deixar; na televisão, no *twitter*, *facebook*, mas ler... [...] E ela escreve muito mal, muito mal; tipo, ela está com dezesseis anos e a escrita dela é péssima. (Trecho transcrito da entrevista)

Florbela costumava passar os finais de semana no sítio da família ou na casa dos avôs maternos. No sítio, ela convivia com três primos mais velhos e três mais novos que ela. Sendo a única menina do grupo, era “protegida”, “mimada por todo mundo” e, ao mesmo tempo, excluída das brincadeiras entre primos. Essa convivência em um meio masculino parece não ter lhe constituído problema pois ela conseguia se impor por meio de uma boa argumentação, como expõe no trecho seguinte: “Ah, eu brincava, era engraçado que eu sempre tive um discurso muito bom pra convencer, então [...] eu acabava entrando”.

A socialização de Florbela é influenciada também por pessoas não pertencentes à sua “constelação familiar”³⁶, especialmente por um vizinho, a quem conhece desde que tinha doze anos e cursava a sexta série do ensino fundamental, acerca de quem ela comenta:

[...] É, uns 12 anos. Então assim tem um tempo, tem um bocado de tempo já, mas é... eu lembro que é uma pessoa por quem eu tenho muita admiração porque aos 80 anos ele consegue conversar de tudo. Ele escreve também, ou escrevia; escreve até hoje, se eu não me engano, artigo pra algum jornal, mas eu não sei qual é [...] Ah, a gente sempre conversou muito assim, ele me chamava pra ir à casa dele, já lá em casa. A gente ficava conversando porque ele também viajou muito, então nessa curiosidade a gente ficava perguntando pra ele. Ele ficava contando história [...] passava livro, já me passou muito livro de viagem, livro de fotografia também, livro de política. Ele me passou um artigo que ele escreveu sobre economia. (Trecho transcrito da entrevista)

Embora Florbela não tenha assinalado no questionário a influência desse vizinho na sua formação como leitora, a influência do senhor S. não deve ser descartada da análise da pluralidade das preferências por gêneros de obras destacadas pela pesquisada no questionário: (i) literatura clássica; (ii) narrativas românticas; (iii) livros de política, economia ou de ciências humanas. No mesmo questionário, ela assinala ter aversão pelos gêneros: (i) biografia e autobiografia; (ii) poesia; (iii) livros de auto-ajuda ou orientação pessoal. Assinala, ainda, que “prazer ou gosto é o que mais a motiva a ler um livro de literatura” e “gênero é o fator que mais a influencia na sua escolha de um livro de literatura”. Tendo em vista que, na entrevista, ela declara sua preferência por literatura juvenil, suas práticas de

³⁶ Expressão utilizada por Lahire no livro: *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997: 17.

leitura assinaladas ou declaradas parecem marcadas pela “pluralidade das influências socializadoras dos contextos e dos tempos da prática”. (LAHIRE, 2007:799-800).

Na escola: o trabalho sistemático com a leitura

Florbela realizou toda sua escolarização básica (“desde o pré até o 3º ano do Ensino Médio”) em uma escola tradicional da rede particular de Belo Horizonte sem ter sofrido nenhuma reprovação: “Eu não fui alfabetizada em casa, mas eu me lembro que foi um processo rápido, que quando eu entrei no colégio X, eu acho que eu não era [alfabetizada], mas foi rapidinho”. Durante a trajetória escolar, ela não percebia nenhuma expectativa dos pais em relação à sua escolaridade, chegando a afirmar que: “eles eram muito participativos, mas eles também eram muito tranquilos em relação a mim; eles não acompanhavam, assim, de nota, ‘ah você tem que ser isso, aquilo’, não”.

Ao falar de sua trajetória nessa escola, Florbela reconhece a relevância social de ter estudado em uma escola de renome: “como referência, eu gostei muito de ter estudado lá, isso assim pro meu currículo é bacana, eu vejo as pessoas valorizando isso”. Porém, faz uma ressalva: “mas eu não sei se eu colocaria os meus filhos lá, porque é um colégio muito tradicional, que muitas vezes não aceita idéias novas e...”. Além disso, ela teve de enfrentar problemas em decorrência das diferenças entre seu nível sócio-econômico e o de seus colegas, conforme explicita no seguinte trecho da entrevista:

[...] Eu sofri *bullying* lá numa época da minha vida porque... por causa disso mesmo, dessa diferença, que eu sempre gostei muito de ler e tal; e assim, lá as pessoas têm que ter muito dinheiro pra ter amigos e eu acho isso totalmente errado numa escola. Por lá ter um nível social maior, quer dizer que todo mundo tem que ter o mesmo nível. Eu não concordo com isso. [...](Trecho transcrito da entrevista)

Florbela indica dois períodos de ocorrência do *bullying* nessa escola e atribui uma motivação diferente a cada época. Assim, ela afirma:

[...] Então, quando eu era mais criança, porque eu sempre gostava de ficar na biblioteca lendo, e meus amigos: ‘Ah, vamos jogar bola, vamos jogar bola!’ E eu: ‘Não, não, não, não’. E aí, a partir disso, eu vi que eu tinha um pouco de rejeição, mas conforme eu fui crescendo foi acabando. Assim que é mais coisa de criança, eu via que o *bullying* acontecia mais quando eu era nova. Depois foi por causa dessa situação assim mais chata de ter que ter aquele tênis, aquela roupa. (Trecho transcrito da entrevista)

Talvez a mudança para um bairro mais próximo da escola onde estudava possa explicar a redução do *bullying* sofrido na escola, como podemos inferir do seguinte trecho da entrevista: “Quando eu entrei no colégio X eu morava no Y, aí, distante, então não tinha muito contato com vizinho e era longe, só que quando eu estava na 7ª série, eu mudei pro bairro e daí, sim, os meus colegas de classe se tornaram meus amigos e eram alguns vizinhos”.

Apesar de ter se sentido discriminada nessa escola, Florbela teve vários amigos lá, entre elas, F. e B. com quem ainda mantém amizade. Atualmente uma está cursando Nutrição e a outra, Ciências Biológicas, na mesma universidade em que Florbela estuda. Florbela costumava jogar bola com F. e assistir a filme toda quarta-feira com B. na casa dela [de B.] ou na sua [Florbela].

No questionário, Florbela havia assinalado que a faixa etária em que mais leu livros literários foi dos doze aos quinze anos, por interesse pessoal. E declara na entrevista que foi nessa época que leu *A Dama das Camélias* (Alexandre Dumas), mas não sabe explicar o motivo pelo qual “se lembra muito nitidamente” desse livro, acerca do qual comenta:

[...] Eu lembro da história, eu lembro assim de eu lendo, não sei, mas eu acho que eu fiquei assim... Eu não esperava que a história acontecesse do jeito que aconteceu não sei, ou eu gostei da trama, gostei dos personagens, [...] Eu achei interessante. Eu acho que foi a primeira leitura que eu fiz assim de algo que se passou assim num contexto muito diferente do meu, pode ter sido isso.

[...] Eu lembro que tinha um uma caixa assim na biblioteca com esse tipo de literatura clássica tipo Shakespeare. Enfim, aí eu peguei: ‘ah vou ler’. (Trecho transcrito da entrevista)

A biblioteca a que se refere Florbela nesse trecho da entrevista é a biblioteca da escola na qual ela estudou durante “a vida inteira” sobre a qual ela faz o seguinte comentário:

[...] E biblioteca pública assim eu nunca fui, mas eu sempre gostei muito da biblioteca de lá, porque assim, tem, é muito aconchegante, tem uma estrutura muito boa, tem muito livro. Tanto assim de literatura infantil a infanto-juvenil, literatura clássica, você encontra muitos livros lá, eu já vi meu pai recorrendo inclusive à biblioteca do meu colégio pra ele. (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, Florbela havia assinalado que, durante sua infância e adolescência, costumava frequentar biblioteca por interesse pessoal. Porém, é possível associar a prática do pai ao recorrer à biblioteca da escola onde a filha estuda a esse interesse. Tampouco podemos menosprezar o trabalho realizado na escola em relação aos livros como forma de incentivo à sua leitura, como ela nos relata no trecho abaixo:

[...] Lembro, engraçado isso porque lá no colégio X, uma coisa interessante é que desde o mais básico assim até o 3º ano sempre tem reforço literário, sempre tem assim incentivo pra gente ler. A gente tem na aula de português, visita à biblioteca, onde a gente tem que escolher um livro de qualquer gênero, qualquer tipo e ler durante a semana e daí fazer um resumo, uma resenha, fichar o livro. Isso assim. Eu me lembro que foi durante todo tempo que eu que eu estudei lá. E desde pequenininha lá a gente tinha uma mini-biblioteca dentro da sala; então assim, por exemplo, na hora de fazer a matrícula, tinha que comprar o material didático pedido pela professora. Os livros e mais uns três, quatro livros literários. E aí colocar nessa bibliotecazinha da sala e dividir com os colegas, entendeu? Assim, então ser uma, fazer uma espécie de troca com os livros. Ah, meu pai comprou esses quatro livros aqui, coloca na biblioteca. Aí o colega leu o que o meu pai comprou; eu leio o que o pai dele comprou, e a gente fazia essa troca dentro da nossa sala. [...] Isso foi mais assim até o 3º período, a partir da 1ª série a gente começava a frequentar a biblioteca da escola. (Trecho transcrito da entrevista)

Além da prática dessa leitura literária obrigatória, Florbela atribui a leitura intensa de livros didáticos, de materiais escritos destinados ao estudo e de textos de *Internet*, à demanda escolar que de certo modo ativava suas disposições de leitura com a finalidade de estudar: “[...] por causa da carga do estudo, então eu não [lia espontaneamente muitos livros literários], eu tinha tempo livre, sim, mas eu preferia estudar, fazer outra coisa, estudar em casa”.

Portanto, o interesse de Florbela, mais concentrado em leituras ligadas ao estudo, talvez explique o gosto por “ler o mesmo livro mais de uma vez” (a leitura reiterada de determinado texto é uma das características da leitura para estudo) e, ainda, o fato de, “excetuando-se os livros obrigatórios do curso de Letras, ler mais de três livros anualmente” (as leituras com finalidade de estudo tendem a ser esquecidas pelos entrevistados).

A “relação muito íntima com o livro”: a apropriação de uma cultura livresca e o gosto pela literatura infanto-juvenil

Florbela parece ter adquirido “uma relação muito íntima” com o livro através de uma longa e precoce familiarização com o livro e com a leitura. Decorre daí um sentimento de pertencimento ao universo da cultura escrita que é vista por ela como algo natural, que faz parte da constituição de seu ser, e o livro ocupa a intimidade de seu quarto, como ela revela no seguinte trecho da entrevista:

[...] O lugar que tem mais livro até hoje lá em casa é no meu quarto. É tipo lotado, tem em todos os lugares, tem, tipo na minha janela, livro, não tem onde botar, e minha mãe fica falando: ‘Ah, mas não tem que ter tanto livro assim que dá mofo’. Mas é porque eu não consigo ler pelo computador, eu tenho pânico de ler na tela de computador. Eu detesto. Eu preciso do livro. Pode até parecer bobo, mas assim, de cheirar, de passar página, eu faço isso assim de marcar, de escrever.

Durante a infância e adolescência, Florbela mantinha um diário no qual anotava as suas intenções de leitura e/ou de filmes:

[...] Eu sempre tinha um diário, eu tive diário da minha primeira série até meu primeiro ano. Sempre tive diário e lá eu aproveitava e anotava ‘ver esses filmes e tal’. Eu tinha aula de artes e de música lá colégio X, então sempre que as professoras recomendavam algum livro, mesmo que eu não lesse, depois eu anotava pra ler nas férias. [...] Anoto até hoje; anoto filme, livro, música anoto; adoro. (Trecho transcrito da entrevista)

Talvez por se tratar de uma leitura não-declarável (LAHIRE, 2004), Florbela afirma na entrevista que não se lembra do último livro que leu voluntariamente: “Foi um... ah, eu não vou me lembrar o nome, não vou me lembrar mesmo, mas era sobre o contexto histórico de criação do das expressões populares, tipo porque se fala ‘bateu as botas’”. Trata-se de um livro de contos, cujo tema explora o surgimento das expressões populares, que ela leu aproximadamente quatro meses antes da entrevista e que lhe foi dado de presente pelo vizinho (já mencionado no tópico em que analisamos algumas influências socializadoras da leitura de Florbela).

[...] Então eu tive muita sorte porque um vizinho meu, assim de porta da frente, ele é mais velho; ele deve ter uns oitenta anos e ele tem uma coleção fantástica de vinil e de livro. E daí ele decidiu doar [...] Aí os meus pais pegaram os vinis porque lá em casa tem vitrola e eu peguei os livros e daí esse livro estava l. Aí eu li. (Trecho transcrito da entrevista).

Portanto, alguns elementos dos processos de construção desse sentimento, demonstrado por frases como “Nasci gostando de ler”; “[...] “Eu sempre tive um discurso muito bom pra convencer...”; “Eu sempre gostei muito de ler” e “Porque eu sempre gostava de ficar na biblioteca lendo”, emergem de sua trajetória de vida e escolar e indicam antes a apropriação de uma cultura livresca do que a incorporação de uma cultura literária. Assim, de suas práticas de leitura emergem distintos interesses. Enquanto a leitura de *Iracema* (José de Alencar) se insere em um contexto mais voltado para a literatura no qual é compartilhada com colegas, a leitura do livro *O Homem que Confundiu sua Mulher com um Chapéu* (Oliver Sacks) apresenta motivação diferente:

[...] *Oliver Sacks* é uma literatura mais difícil, é da psicologia. Mas eu queria. Eu fui nessa função porque ele descreve algumas doenças, e esse autor é conhecido no mundo assim dos surdos e é uma área que eu me interesso. Assim, eu gosto de mexer com isso, então eu li assim pra... Eu achei legal porque ele é médico, estuda as doenças e as descreve em histórias literárias. Então achei bacana, embora não seja o meu gosto assim, minha preferência. (Trecho transcrito da entrevista)

Ainda que a leitura de Florbela possa ser definida por interesses e motivações heterogêneos, ela manifesta preferência pela literatura infanto-juvenil, conforme explicitado no seguinte trecho da entrevista:

[...] Engraçado que eu gosto muito de literatura infantil, não sei se eu posso falar isso, mas, por exemplo, eu estou lendo *Desventuras em Série* que é uma coletânea de treze livros e tal; eu adoro, assim, adoro. Eu li o livro infantil do Jorge Amado também, um que ele fez, é alguma coisa como *Andorinha Sinhá* e adorei. *O Pequeno Príncipe* eu amo. Eu adoro esse tipo de literatura.

Aliás, *O Pequeno Príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry) foi indicado por Florbela como um dos livros mais marcantes de sua vida. Quando solicitada a comentar as razões dessa predileção, ela revelou que:

[...] Eu adoro os grandes ensinamentos que tem dentro dele; os grandes ensinamentos filosóficos de uma maneira muito sutil, muito simples, contada assim que só quem tem uma grande sensibilidade consegue enxergar. Então eu gosto muito dele por esse lado assim, por ter esse jogo.

[...] Quando eu era pequena, eu vi o desenho, e eu odiei o filme e eu pensei assim... Aí, ele estava lá em casa, eu acho que alguém deu pra gente, acho que deu pra minha irmã de aniversário e eu: ‘Quer saber? Vou ler.’ E eu fiquei assim apaixonada pelo livro [...] (Trechos transcritos da entrevista)

Outro livro, *A Cidade do Sol* (Khaled Hosseini), também foi indicado por ela como livro que lhe foi especial: “mas um que me marcou também que era até assim *Best Sellers* foi o... *A Cidade do Sol*”. Acerca dele, ela tece o seguinte comentário:

[...] Eu gostei porque contou um pouco da cultura árabe e contou assim a situação que a mulher passa nesse mundo, eu achei bem interessante. Como que a gente tem sorte assim porque elas são muito oprimidas dentro dessa cultura e eu não tinha muito contato assim. Eu sabia que elas eram muito oprimidas. Só o fato da roupa e tal, mas eu não sabia como que elas viam isso. E elas passam por maus bocados lá, assim. É claro que a gente também não pode pegar isso numa base que é exatamente assim a realidade, porque é literário, mas mesmo assim deve dar umas pinceladas; retrata guerra e tudo pela visão de duas mulheres no livro. Eu gostei assim dele [o autor] ter dado voz a essas mulheres. (Trecho transcrito da entrevista)

A mãe de Florbela foi presenteada com esse livro, mas não quis lê-lo e passou a Florbela, que leu também outro livro desse mesmo autor, *O Caçador de Pipas*, preferindo o primeiro.

Mesmo não sendo possível atribuir essas preferências a uma única influência socializadora, tampouco apontar apenas um motivo que as explique, o estabelecimento de algumas hipóteses baseadas no cruzamento dos dados que emergem dos comentários acima e

das informações coletadas no questionário podem auxiliar na compreensão da diversidade de práticas de leitura de Florbela, bem como da prevalência do seu gosto pela literatura juvenil.

Assim, de acordo com informações obtidas no questionário, os três livros de que Florbela mais gosta, indicados por ordem preferência são: (i) *Grande Sertão: Veredas* (Guimarães Rosa); (ii) *A Divina Comédia* (Dante); (iii) *Sertões* (Euclides da Cunha). Os três escritores de sua maior preferência são Machado de Assis, Clarice Lispector e Virgínia Woolf (escolhidos por ela em uma lista de dezoito escritores sugeridos na pesquisa e uma opção de livre escolha).

Ao cruzarmos esses dados com as informações sobre as práticas de leitura baseadas dos trechos destacados da entrevista, percebemos a diferença em termos de legitimidade das obras citadas no primeiro [questionário] em relação à segunda [entrevista]. Enquanto os dados do questionário nos fornecem uma lista de obras e autores clássicos, as práticas e preferências de leitura indicadas na entrevista se mostram bastante diversificadas. Talvez a entrevista, caracterizada por maior flexibilidade das respostas (e comentários) dos entrevistados, tenha sido mais eficaz para evitar os “recortes habituais das atividades sociais que tendem a torná-las invisíveis até mesmo para aqueles que as praticam”. (LAHIRE, 2004: 168), permitindo pois, uma investigação de práticas de leitura anteriormente não declaradas por Florbela.

Temos de considerar também o possível efeito de legitimidade cultural sobre alguns estudantes dotados de uma forte disposição para se empenhar na aquisição da cultura legítima (BOURDIEU: 2008) que os torna sensíveis às classificações hierarquizadas dos livros e das obras e que inculcam neles princípios de seleção ligados a uma visão mais tradicional da leitura. Talvez por isso, Florbela tenha ressaltado sua preferência pelo *best seller A Cidade do Sol* (Khaled Hosseini), em vez de somente citá-lo.

Portanto, a diversidade de interesses e motivações das práticas de leitura de Florbela parece definida tanto pelas interações com os seres sociais e com outros leitores quanto pela interferência da concepção de leitura vinculada ao ideal de leitor profissional “formado pela faculdade de Letras”.

No curso de Letras: leituras obrigatórias versus leituras espontâneas

De acordo com os dados do questionário, Florbela ingressou no curso de Letras da UFMG em 2009 por meio de Vestibular, o qual tentou uma única vez, e já havia concluído a habilitação Português/Francês. Ela declarou como motivo principal que a levou a cursar uma

graduação em Letras o interesse em ser professora e definiu o currículo principalmente escolhendo as disciplinas de acordo com seu gosto.

Embora os pais de Florbela sejam vistos por ela como “participativos”, seus valores educacionais parecem se harmonizar com o modelo atual de família contemporânea, “preconizando o respeito pela individualidade e pela autonomia juvenis, o liberalismo nas relações entre pais e filhos, que agora devem se pautar não mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo” (NOGUEIRA, 2005).

É na perspectiva desse novo modelo que devemos entender a influência dos pais de Florbela em sua educação. Assim, na entrevista, Florbela afirma que os pais não queriam que ela cursasse Letras “de jeito nenhum”, pois gostariam que optasse por Engenharia ou Medicina, porém foi sua escolha que prevaleceu, como comenta:

[...] É o meu futuro, eu não ia deixar assim, [...] Dei muita sorte porque quando sai do 3º ano, eu já tinha certeza que era Letras que eu queria fazer, que eu queria dar aula,. Eu percebi que já era uma coisa, assim, mais vocacional mês. que eu amava, que eu não ia abrir mão por pensar diferente deles, porque eu amadureci. Eu pesquisei muito na época do Ensino Médio o que era a profissão. Eu li muitos livros, porque eu também pensei em fazer Ciências Sociais. Eu lembro que no 3º ano eu fui na biblioteca e peguei um livro sobre sociologia pra conhecer o curso e tal, e também eu me deparei com a situação de que se você é boa naquilo que você faz não vai ficar desempregado. Hoje no Brasil está desempregado quem quer; pelo menos essa é minha visão. Então, é realmente uma profissão difícil, tem muitas dificuldades. Mas é o que eu gosto de fazer. Então eu fui atrás disso; bati de frente que com eles, entendeu? E hoje eu não me arrependo de ter feito isso em momento nenhum. (Trecho transcrito da entrevista)

Ao rejeitar os cursos almejados pelos pais, Florbela insiste nos cursos de sua preferência. Assim, no questionário, ela havia assinalado que Ciências Sociais foi o curso no qual realizou o maior número de disciplinas eletivas (justamente onde gostaria de cursar o maior número de eletivas, juntamente com Filosofia).

A área do curso de Letras de que mais gosta é Linguística e foi também nessa área que cursou mais disciplinas. Embora tenha assinalado no questionário que possui grau de dificuldade razoável nas disciplinas de todas as áreas do curso de Letras, considera bom seu nível de conhecimento nas áreas voltadas ao Ensino e em Linguística e regular nas áreas de Línguas estrangeiras e de Literatura.

Apesar do nível regular dessa última e da não-coincidência entre suas preferências de leitura e as dos professores de disciplinas dessa área (literatura ou teoria literária), Florbela registra que não encontrou dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I.

Se por um lado o gosto e as preferências (de leitura) de Florbela não coincidem com as dos professores das disciplinas literárias, por outro seu capital linguístico e suas disposições culturais mais livrescas que literárias constituídas ao longo de sua trajetória de vida e escolar são fundamentais para explicar a possível incorporação de um capital literário aos seus repertórios de práticas de leitura pré-existentes ao curso, como explicitado no seguinte trecho da entrevista:

[...] Então eu já tinha escutado sobre Guimarães Rosa na escola, mas como eles nunca abordaram esse livro lá, eu nunca li. Mas assim hoje eu sou apaixonada. Machado eu gosto muito mais do que na época da escola também, hum... Eu gosto de alguns que eu conheci aqui [na faculdade de Letras], do Dante. O Dante Alighieri, eu adorei *A Divina Comédia*. *Dom Quixote* eu já gostava na época de escola, mas aqui eu tive assim um reforço ainda mais pela valorização assim pela análise e aqui também eu conheci sobre a literatura grega e latina, que eu também gosto. Hoje [...] se me perguntarem eu vou falar mais desses, embora eu também goste assim desse tipo de literatura mais infantil.

Além dessa provável ampliação do seu repertório de leituras por meio da incorporação de práticas de leitura valorizadas na universidade, surge também uma nova maneira de ver a leitura, como podemos inferir do seguinte trecho da entrevista, no qual Florbela opina sobre sua leitura anterior ao curso:

[...] Ah, ela era boa, mas eu lia mais assim por prazer, sem estudar, sem ficar pensando em personagem, no narrador, no enredo, por que ele fez isso, o que tem por trás, qual é o contexto histórico. Não fazia avaliação de nada, eu estava com aquele livro só de poder entrar na história e ponto final. Essa análise literária, assim, veio muito porque eu estou na Letras e até em um outro tipo de literatura.

Esse trecho parece bastante revelador da maneira como Florbela (e alguns de nossos entrevistados) percebe a diferença entre a leitura comum construída por meio da participação do indivíduo em universos socializadores diferenciados e a leitura profissional visada no curso de Letras. Talvez a tentativa de se adequar ao processo formador da universidade ocorra por meio de uma possível conciliação entre o gosto pelas práticas de leitura comuns e as profissionais. Assim, na entrevista, ela afirma: “mas eu também não deixei de gostar do que eu gostava antes”. E no questionário, quando solicitada a citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, a pesquisada citou Franz Kafka como autor que adorou e Manuel Bandeira, que detestou.

Essas observações parecem valer também para outras práticas culturais como o cinema, que Florbela passou a ver de modo diferente:

[...] Mudou muito, engraçado que a literatura assim ela está em tudo. Ela está no cinema também. Então mudou o meu modo de ver o filme, mudou no modo de eu ler assim completamente, porque agora eu estou dentro da história. Mas eu também fico pensando [...] Eu já faço assim uma análise simultânea sem eu ver eu estou fazendo sabe? É engraçado isso. (Trecho transcrito da entrevista)

De acordo com o ponto de vista de Florbela, o curso de Letras tornou sua leitura “mais crítica”: “Oh, mas isso não está bacana, a narrativa seria mais bem construída assim... Eu estou mais crítica.”

Mas tais ampliações de pontos de vista em relação à leitura (e à cultura) parecem constituir muito mais a adesão de Florbela ao curso, como podemos inferir de algumas informações coletadas no questionário. Assim, ela informa que atualmente quem mais influencia sua leitura são os professores da área de literatura; dedica-se, em média, de três a quatro horas semanais à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras e de uma a duas horas semanais, em média, à de livros literários não indicados pelos professores do curso de Letras. Além disso, na opinião de Florbela, o curso de Letras oferece boa formação cultural, intelectual, literária e, ainda, boa formação profissional. Na entrevista, ela comenta: “eu gosto que aqui na Federal a gente tem esse espaço pra discutir o que ensinar pros meninos, eu acho que o MEC tinha que fazer um a revolução do Português nas escolas”.

Na entrevista, ao comentar sobre a influência do saber universitário em sua leitura, Florbela ressalta alguns aspectos dessa adesão:

[...] Eu gosto muito desse ambiente universitário assim. Na verdade, eu adoro a Letras. Eu tenho vários amigos que querem formar logo pra sair daqui, mas eu adoro poder discutir, ter esse contato, estar no meu dia a dia e começar uma discussão com um amigo meu, com meu namorado e poder chegar aqui pro professor e poder perguntar: ‘Ah, professor, mas por que ninguém daqui gosta do Paulo Coelho?’ Por que vocês são diferentes? Eu gosto assim de... Não que os professores daqui estejam no pedestal, mas eu vejo assim a diferença dos professores daqui pros cidadãos comuns. Eu acho que o grande problema é que aqui os professores são mais pesquisadores do que professores, então às vezes pra gente pegar algum conhecimento deles, a gente tem que sugar muito, a gente tem que correr mais atrás. Eles não dão assim de mão beijada e eu vejo que alguns sabem muito, assim, têm muito tempo de experiência e tal, e eu quero passar pros meus filhos isso deles, da necessidade de se ter hoje um curso superior não só pro mercado, mas por todo esse intelectual. A minha bagagem literária aumentou muito, até eu comecei... Já li artigo, já li tese, as coisas que eu não me interessava; o cinema, o meu gosto de cinema também mudou muito. Antes eu ficava naquela coisa americanizada. Hoje eu amo o cinema francês e eu sei porque que eu amo francês, alemão. Então assim, teve todo esse deslocamento de gosto; não que eu tenha deixado de gostar, mas aumentou assim todo o meu gosto sobre vários assuntos; aumentou, expandiu, e isso é muito bom pra todo mundo, pra uma pessoa não ficar vazia, pra ela ter capacidade de discutir e até a questão política também aumentou. Assim de eu estar mais interessada e tal. Eu achei que [...] a minha consciência política, literária, econômica foi totalmente modificada, eu amadureci muito aqui. (Trecho transcrito da entrevista)

Por um lado, a valorização desse universo acadêmico, e principalmente da cultura literária, conduz Florbela a incorporar outras práticas de leitura cuja legitimidade está vinculada a esse universo; por outro, ela continua a manifestar preferência pela literatura juvenil. Essa última também se inscreve em contexto de ampliação, visto que atualmente suas práticas culturais e de leitura são influenciadas pelo namorado (formado em Arquitetura, quatro anos mais velho do que ela e que adora ler revistas em quadrinhos e cinema):

[...] Eu gostei dele justamente por isso: porque a gente sai pro cinema, a gente comenta sobre cinema, ele já leu muita coisa, às vezes até mais que eu, ele lê sem parar, o tempo livre dele é pra ler e ele lê muito quadrinhos. [...] E ele lê livro, ele comprou um livro super interessante que é uma versão de *Machado em quadrinhos*. Muito legal. Ele gosta também de uns livros assim bem grossos, em quadrinhos também, de capa dura, até caros, mas ele já leu tudo também, assim, *Dom Quixote*, Machado. [...] Então eu lembro que eu indiquei esse *Desventuras em Série*, mas ele leu o primeiro e não gostou. Ele me indicou também esse em quadrinhos que eu comentei com você, do Machado, que eu gostei. (Trechos transcritos da entrevista).

Assim, Florbela parece compartilhar algumas leituras e filmes com o namorado, atualizando suas disposições de leitura mais ligadas à literatura juvenil. E parecem ser essas disposições que a impedem de compartilhar as leituras com um grupo de amigas do trabalho. Esse, por sua vez, inscreve-se em um contexto propício à atualização das disposições livrescas de Florbela. O ingresso no mercado de trabalho ocorreu quando ela estava com dezoito anos (conforme dados do questionário); atualmente, trabalha em uma escola particular de Belo Horizonte, onde leciona Português para jovens do Ensino Médio. Este trabalho é detalhado por ela no seguinte trecho da entrevista:

[...] Português e Redação, [...] eu acho que as escolas deveriam dar uma valorização pra Redação. É uma coisa bem importante pro vestibular, eles não dão, é... é muita redação pra corrigir e lá não paga a correção por redação, é uma correção muito pesada, muito difícil. Você tem que fazer ela em dez dias, então assim, são trezentos alunos, você tem que preparar a aula pro outro dia, você tem que dar aula de Português junto; então assim eu acho que eles não fazem nada pra otimizar o tempo do professor. O professor vive em função da escola [...] Assim, além do professor ter que ser o pai, ter que ser psicólogo e aí você corrige com maior carinho a atividade e aí você vê a prova em cima do seu coordenador: 'Ah, porque o pai veio aqui e trouxe a prova, falou que tinha muita tinta vermelha na prova'. Então assim o professor hoje não está valorizado por ninguém; não está valorizado pela escola, não está valorizado pelos pais, pelos alunos. Se você não ama mesmo a profissão você sai.

Ao comentar a natureza de seu trabalho, Florbela reitera suas disposições mais associadas à cultura livresca do que à literária. Sua relação com o grupo de cinco amigas dessa escola é baseada na troca de experiências, mas não na partilha da leitura literária, e se apóia na confiança mútua entre elas. Entre as três atividades de lazer preferidas de Florbela,

ou seja, participar de festas em casa de amigos; ir ao cinema (em Shopping); ir a bares e botecos (conforme dados do questionário), essa última é mais frequentemente compartilhada entre ela e esse grupo de amigas, conforme ela comenta na entrevista: “a gente ia muito pra bar, a gente não podia fazer nenhum programa que envolvesse... que tirasse a nossa atenção porque a gente não parava de falar, a gente tinha que falar...”. Essas conversas às vezes incluíam assuntos sobre leitura:

[...] Solange, eu lembro que ela recomendou pra gente alguns quadrinhos em francês, porque ela estava fazendo uma matéria aqui na faculdade. Eu lembro dela falando, a Rose falou do espanhol, mas não como indicação, ela disse assim: ‘Nossa, a literatura espanhola é difícil e tal. Não gostei’ [...] E a Alcione recomendou os livros do Chico que eu me lembro. [...] Hoje quem trabalha comigo, a Maria, que recomendou um da... Marian Keyes, uma coisa assim... (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de se lembrar das práticas de leitura das amigas, Florbela não leu nenhum dos livros mencionados por elas nem lhes indicou nenhuma leitura, provavelmente por se tratar de gêneros pouco apreciados por ela. Em relação às indicações de filmes ela gostou “bastante” de “*Mary & Max*” (animação) e odiou *Pulp Fiction*. Acerca deste, comenta:

[...] Odiei, eu estou no encaço até hoje para descobri porque esse filme é bom, ((risos)) Porque eu odiei as falas, os personagens, a história; sério, eu não gostei de nada, eu não entendi porque que a galera fala que esse filme é bom. Não entendi. [...] Quando eu perguntei pro meu namorado, ele disse que era porque tinha uma ação, violência. Aí eu falei: ‘Tá, mas o que você achou da fala, dos personagens?’ Porque eu achei a fala péssima, nossa!, muito doida e tal, e falei assim: ‘Gente, mas não tem nada mais *clichê* do que a fala e os acontecimentos, e tal’. [...] Até ele que sempre conseguiu me esclarecer muita coisa não conseguiu desse filme. Eu não entendo, parece que ele tem um renome muito grande e as pessoas falam que ele é bom.

Quanto a *Mary & Max*, compara-o ao filme *Pulp Fiction*: “gostei, ah, é diferente do *Pulp Fiction*, o diálogo dele, a história, totalmente simples, mas o diálogo é muito forte, assim, as perguntas que se criam e a história também. O enredo como que se passa, tipo começa meio assim, fantástico e...” Acerca do enredo de *Mary & Max*, Florbela comenta:

[...] É uma menininha de oito anos que mora na Austrália e daí ela começa a corresponder por carta com um homem de por volta de quarenta anos. Ele é autista, mora em Nova York. Se eu não me engano, mora numa cidade grande dessas dos Estados Unidos e daí eles começam a se corresponder por carta e dentro dessas cartas existem perguntas, começando por “de onde vêm os bebês” até “o que é o amor”. E dentro disso aí vai mostrando a diferença deles e eles viram grandes amigos. O filme é muito bom. (Trecho transcrito da entrevista)

Algumas características desse filme como a temática, por exemplo, permitem a aproximação com o livro *O Pequeno Príncipe*, marcante na vida de Florbela. Ela não se lembra dos dois filmes franceses indicados por Solange e não comenta outros filmes mais existencialistas como *Amor* (filme brasileiro) e *Amelie (Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain* é um filme francês dirigido por Jean-Pierre Jeunet em 2001).

No questionário, ela havia assinalado documentário, ação, aventura e ficção científica como gêneros de filmes preferidos, mas sua relação com esses dois últimos parece antes o resultado da influência do namorado do que uma disposição, como parece se confirmar por meio do seguinte episódio relatado por ela.

Florbela declara que foi cinema na semana anterior à entrevista, em companhia do namorado, assistir a outro filme também destinado ao público juvenil: *Hugo Cabret*³⁷, mas ficou com raiva do namorado porque acabou assistindo a outro filme: *John Carter: Entre Dois Mundos*: “eu fui com meu namorado, mas eu fiquei com raiva porque eu achava que eu ia ver *Hugo Cabret*, aí eu estou lá sentada esperando começar *Hugo Cabret* e começa esse filme ((risos)); mas é bacana, é bom, é gostosinho”.

O fato de a influência da cultura literária de Florbela ser, muito mais que o cinema, influenciada pelos professores e colegas do curso de Letras, permite-nos concluir que, apesar do esforço de Florbela para se adequar aos ideais de leitora profissional, por meio das incorporações de um repertório de leituras legítimas ao lado de suas leituras juvenis (comuns), o que parece predominar em suas práticas são disposições morais, baseadas em valores e crenças familiares herdadas da cultura (ou leitura) religiosa da mãe, e atualizadas por meio da reconversão de práticas de leitura da Bíblia, por exemplo, em práticas de leitura (e cinema) cujos temas se traduzem por princípios morais como amizade e amor.

Portanto, o peso da valorização da escola, bem como a adesão aos saberes escolares, entre eles, a cultura literária (atualmente, quem mais influencia sua leitura são os professores da área de literatura), a força da socialização familiar (baseada mais nos saberes livrescos e religiosos), a influência do namorado (ela declara odiar ler gibis, mas gostou de *Machado em Quadrinhos*, livro indicado pelo namorado) e a influência de algumas amigas do trabalho (ela não leu os livros indicados pelas amigas, mas gostou da animação indicada por elas, cujo

³⁷ De acordo com informações obtidas na página <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-136181/> Hugo Cabret é um filme dirigido por Martin Scorsese: (Paris, anos 30. Hugo Cabret (Asa Butterfield) é um órfão que vive escondido nas paredes da estação de trem. Ele guarda consigo um robô quebrado, deixado por seu pai (Jude Law). Um dia, ao fugir do inspetor (Sacha Baron Cohen), ele conhece Isabelle (Chloe Moretz), uma jovem com quem faz amizade. Logo Hugo descobre que ela tem uma chave com o fecho em forma de coração, exatamente do mesmo tamanho da fechadura existente no robô. O robô volta então a funcionar, levando a dupla a tentar resolver um mistério mágico) (Acesso em fevereiro de 2013).

tema é a amizade) parecem constituir fatores determinantes no gosto e nas preferências de leitura de Florbela que, em última instância, pode ser considerado “um gosto entre leituras comuns e profissionais”.

Quadro 7 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Florbela

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>O Menino do Pijama Listrado</i> (John Boyne)	<i>A Dama das Camélias</i> (Alexandre Dumas)	<i>Desventuras em Série</i> (Lemony Snicket)	<i>Iracema</i> (José de Alencar)
<i>Contos de Fada</i> (O Tesouro de Contos de Fada)	<i>O Pequeno Príncipe</i> (Antoine de Saint-Exupéry)	<i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> (Jorge Amado)	<i>Quincas Borba</i> (Machado de Assis)
			<i>Dom Casmurro</i> (Machado de Assis)
<i>Religiosos</i> (Livros de parábola da Bíblia Ilustrada)	<i>A Cidade do Sol</i> (Khaled Hosseini)	<i>O Pequeno Príncipe</i> (Antoine de Saint-Exupéry)	<i>O Caçador de Pipas</i> (Khaled Hosseini)
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista	Livros não-literários
<i>A Pérola</i> (John Steinbeck)	Guimarães Rosa (não citou título)	(Livro sobre o contexto histórico de criação do das expressões populares) (Florbela não se lembra o título desse livro).	<i>O Homem que Confundiu sua Mulher com um Chapéu</i> (Oliver Sacks) (Psicologia)
<i>A Menina que Roubava Livros</i> (Markus Zusak) (Literatura estrangeira)	Machado de Assis (não citou título)		
	<i>A Divina Comédia</i> (Dante Alighieri)		
	<i>Dom Quixote</i> (Cervantes)		
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Grande Sertão: Veredas</i> (Guimarães Rosa)	<i>Senhora</i> (José de Alencar)	<i>Bíblia</i>	(i) Adorou: Franz Kafka
<i>A Divina Comédia</i> (Dante)			(ii) Detestou: Manuel Bandeira
<i>Sertões</i> (Euclides da Cunha)			

4.7 EUCLIDES

Euclides tem 32 anos, é solteiro, não tem filhos, é natural de uma cidade do interior da Bahia e mora com a família em um bairro da região metropolitana de Belo Horizonte desde 1995. Embora não tenha declarado a cor, tem pele parda. Oriundo de família católica, Euclides não declarou nenhum pertencimento religioso. Sua família possui poucos recursos culturais e financeiros. É o sexto de sete irmãos: quatro homens e três mulheres. O acesso de Euclides ao universo da leitura e da escrita durante a infância e adolescência foi alterado a partir dos quinze anos, principalmente, por meio do acesso à biblioteca pública. Ele se apresenta como um leitor que investe predominantemente nas práticas de leitura do curso, manifesta acentuada crença na legitimidade cultural das obras e dos escritores consagrados e se esforça por se apropriar da cultura legitimada no ambiente acadêmico. Pretende continuar os estudos, cursando o mestrado, abandonar a profissão atual, de que não gosta, tornar-se professor de literatura, em qualquer nível de ensino, a fim de conciliar o gosto e a atividade profissional.

Estrutura Social e Familiar

De acordo com informações contidas no questionário e na entrevista, os pais de Euclides procedem de uma cidade do interior de Minas Gerais. O pai, falecido há aproximadamente dezoito anos, cursou o primário incompleto e era mestre de obras. A mãe completou o curso primário e nunca trabalhou formalmente fora de casa. O avô paterno concluiu o curso primário. Ele [Euclides] desconhece a escolaridade de suas avós (paterna e materna) e do avô materno. Na entrevista, afirmou que não chegou a conhecer a avó e o avô maternos, pois eles moravam em outro estado brasileiro. Acrescentou que a avó e o avô paternos foram seus vizinhos e que não os via lendo.

Euclides afirma que “por acaso” nasceu no interior da Bahia, onde os pais moraram durante alguns anos e veio morar na região metropolitana de Belo Horizonte quando ainda era recém-nascido. Quando o pai faleceu, ele estava com dezessete anos de idade; aos dezoito ingressou no mercado de trabalho e atualmente trabalha como funcionário de uma empresa estatal, cumprindo uma jornada de trabalho de mais de trinta horas semanais. Relata na entrevista que teve uma infância difícil, sem acesso a material escrito no seu ambiente familiar:

[...] Difícil porque na minha casa não havia muito incentivo à leitura não, [...] Havia alguns livros que eu lia esporadicamente. Na minha infância eu não li muito, não fui aquela criança que estava sempre lendo não. Aí na escola tinha a leitura dos textos da escola, dos livros didáticos, [...] mas foram leituras esporádicas, alguns livros que tinham assim em casa que eu lia, eu gostava, mas não se tornou [...] um hábito. Esporadicamente eu tinha acesso, mas aí quando eu tinha quinze anos, que eu fiz uma ficha na biblioteca, é biblioteca pública, aí eu comecei a ler vários livros, que eu comecei achar vários livros que eu gostava, [...] Aí, comecei a ler. Assim se tornou um hábito ler todo dia mesmo... (Trecho transcrito da entrevista)

Nesse período, Euclides se lembra de que o “pai já estava muito mais brando do que na fase dos irmãos mais velhos” e que a atividade mais frequente era assistir a televisão: “na infância eram mais filmes que passavam na televisão, filme de ação”.

Apesar da escassez de livro em casa, durante a infância, conforme assinalou no questionário, ele costumava ver pessoas lendo na casa dele, frequentemente livros literários, jornais, revistas e a Bíblia. Além disso, teve contato com a leitura em outros suportes, como relata:

[...] É, eu acho que eu estou lendo mais, recentemente. Mas assim, eu lembro que na minha infância eu assistia muito desenho animado, [...] Mas ler histórias em quadrinhos é... uma ou outra que aparecia lá em casa, eu lia, gostava. assim, *Tio Patinhas*. Mas, assim, ler com o hábito assim de colecionar, não cheguei a fazer não. (Trecho transcrito da entrevista)

Essas revistinhas eram levadas pelas irmãs, porém seu acesso [às revistinhas], segundo Euclides, também era escasso.

Ao cruzarmos os dados da entrevista com as informações do questionário percebemos que o fato de ter assinalado no questionário a faixa etária de dezesseis a dezenove anos como período em que mais leu livros literários e que nesse período de adolescência costumava frequentar biblioteca, principalmente, por interesse pessoal, reforça a ideia de que o acesso de Euclides ao universo escrito ocorreu especialmente por meio do uso da biblioteca pública, a partir dos quinze anos:

[...] Foi o primeiro contato [...] Eu já tinha terminado a oitava série. Eu já tinha quinze anos. Aí foi até essa minha irmã que formou primeiro que me levou na biblioteca de [nome da cidade] no centro [nome da cidade]. Aí fez uma ficha. [...] Não foi a biblioteca da escola, foi biblioteca municipal pública. Aí foi lá que eu comecei a ler frequentemente, mas antes da quinta a oitava mesmo. [...] Muito incentivo à leitura, eu acho que não tinha não. (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, foi através de uma das irmãs, cujo capital escolar era maior, que Euclides teve acesso à leitura. Ele relata que essa irmã, mais velha do que ele, “gostava de ler” e costumava pegar livros literários na biblioteca; de Clarice Lispector, por exemplo. Ela se formou em

Pedagogia após os trinta anos de idade, é professora “das séries iniciais”, concursada para as escolas das prefeituras de Belo Horizonte e região metropolitana.

Os outros irmãos, ou melhor, alguns deles, segundo Euclides, “não é que eles não gostavam, não tinham acesso, não havia muito jornal, revista, não tinha muito essa coisa circulando em casa, não, esses suportes assim tipo...”. Acrescenta que havia poucos livros em casa, somente aqueles que “esporadicamente alguém comprava, pegava na biblioteca”.

Outro irmão de Euclides, também mais velho do que ele, porém com idade mais próxima, se “formou no ano passado em Geografia” e é professor da rede estadual.

Euclides assinalou no questionário que durante a infância ninguém lia histórias ou livros de literatura infantil para ele; nunca era presenteado com livros e a irmã foi a pessoa que, em sua formação como leitor, especialmente o incentivou a ler. Na entrevista, Euclides relatou que, apesar de valorizarem a escola e incentivarem os filhos ao estudo, seus pais não tinham expectativa da longevidade escolar deles [os filhos]. Em seu meio social, as pessoas não costumavam ter expectativas em relação à continuidade de estudos nem ao futuro profissional dos filhos:

[...] Tinha um incentivo porque eles achavam que estudar era bom. Só que eles não tinham [...] naquela época as pessoas [...] que moravam no mesmo bairro que eu, que tinham as mesmas coisas que eu, não tinham essa... esse... porque hoje em dia mudou muito, porque hoje em dia está quase todo mundo entrando na faculdade. Naquela época não tinha essa expectativa: se você mora num lugar pobre você vai chegar a faculdade, formar, essas coisas assim [...] Faculdade era uma coisa muito mais restrita do que é hoje, eu acho. Aí, não tinha assim expectativa de vida: ‘ah meu filho vai ser advogado’. Não tinha essa expectativa, entendeu? (Trechos transcritos da entrevista)

De acordo com o relato de Euclides, a expectativa dos pais era de que tanto ele quanto os irmãos completassem o “2º grau e arrumassem emprego; não seria chegar à faculdade e formar”. Quando a primeira irmã conseguiu concluir o ensino superior, o pai já havia falecido; a mãe: “deve ter se sentido orgulhosa, só que ela não expressa muito assim não, mas acho que ela deve ter se sentido orgulhosa”. Acerca de sua reação diante da formatura da irmã, Euclides comenta:

[...] É, foi bom, foi a primeira, assim; aí quando ela formou [...] mesmo assim eu continuei achando que não era pra mim e eu demorei a entrar na faculdade um pouco mais [...] que era uma coisa que parecia tão distante, apesar de minha irmã ter formado, mesmo assim ficava parecendo uma coisa distante. (Trechos transcritos da entrevista)

Euclides não citou o envolvimento em práticas de escrita durante a infância e descreveu seu entorno como um ambiente caracterizado pela ausência de socializações leitoras, no qual colegas, amigos, vizinhos, primos e parentes não costumavam praticar a leitura. Mesmo no ambiente familiar predominava o hábito de assistir a televisão: “desenho animado, novelas, seriados”.

Contudo, podemos dizer que Euclides foi socializado em um ambiente onde predominavam os valores éticos acima de tudo: “Ah, valores do trabalho, do respeito aos mais velhos e tudo, assim de uma forma de educar das mulheres, [...] recato, não sei se é essa palavra, das mulheres. Seria isso”.

Na escola: precariedade das bibliotecas e ausência do trabalho com a leitura literária

De acordo com informações do questionário, Euclides realizou a maior parte de sua escolarização básica em escola pública da rede estadual, onde iniciou seu processo de alfabetização: “a pré-escola que eu me lembro [...] já alfabetizavam a gente na pré-escola naquele tempo e aí depois, aí tinha algumas leituras, tipo assim, alguns textos simples que tinham nos livros didáticos”.

Na escola, Euclides gostava de ler e de escrever: “é, sempre gostei, até de escrever eu gostava; de ler e escrever”. Nesse período, ele se lembra de dois fatores negativos em relação à escola onde estudou até a oitava série:

[...] Porque eu estudei em escola estadual; na escola estadual até hoje em dia, biblioteca é uma coisa muito precária assim na maioria delas. Aí [...] tinha depósito de livro, mas não tinha assim incentivo pra você ir lá, o aluno ir lá. E, assim, até quando eu estudei da primeira a oitava série [...] tinha uma biblioteca, mas a gente não frequentava, não lembro de nenhum aluno frequentando assim biblioteca, pegando livro na biblioteca. E eu também não ia não. [...] os professores de Português, acho que a aula era mais baseada na gramática, livro didático, coisa bem básica. Não tinha professor que incentivasse a leitura mesmo, que promovesse a leitura mesmo não tinha não, não lembro de ter tido não. (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, a precariedade das bibliotecas escolares (classificadas por ele como sendo depósitos de livros) e a ausência de um trabalho pedagógico de incentivo à leitura foram indicadas por Euclides como os principais fatores que o mantiveram afastado da leitura literária durante o ensino fundamental. Até então, na escola ele não se lembra de ter havido indicações de livros (paradidáticos, literários) por parte dos professores: “todo mundo fala que leu aqueles livros da série *Vaga-lume*, que eu nunca li nenhum deles”.

Foi somente depois de concluir esse nível de ensino que Euclides passou a frequentar a biblioteca pública e “passou a ler frequentemente”. Em relação ao Ensino Médio, relata que:

[...] No Ensino Médio eu já gostava de ler, eu já tinha o hábito de ler, que eu já frequentava bibliotecas. Eu me lembro de professores assim... Aí entravam aquela coisa dos estudos de época, aí tinha a literatura [...] já tinha alguns professores de Português que indicavam, falavam de livros que eles gostavam e acho que aí já teve coisas assim nesse sentido. (Trecho transcrito da entrevista)

Entre a crença na leitura de “grandes obras” e “grandes escritores” como “uma grande forma de viver” e as leituras comuns

O fato de ter tido maior contato com livros a partir dos quinze anos, por meio de biblioteca pública e sob a orientação da irmã mais velha, dotada de maior capital escolar, indica um processo tardio de socialização de leitura e mais focado na literatura direcionada ao público adulto, o que pode ter sido o motivo do impacto relatado por Euclides na recepção do livro *Noites Brancas* (Dostoiévski):

[...] Uma vez na biblioteca tinha *Noites Brancas* de Dostoiévski, eu peguei. Aí, naquela época foi uma coisa tão forte que eu achei que o personagem que estava sendo descrito era eu. Foi uma coisa assim. Aí, depois quando eu li esse livro, mais velho, eu não senti esse impacto, mas naquela época assim, acho que eu tinha uns dezoito, dezenove anos. Eu senti identificar assim, eu pensando que estava descrevendo o personagem parecido comigo. (Trechos transcritos de entrevista)

Ele relata que leu esse livro porque “não é muito grande, o *Noites Brancas*, e foi uma coisa assim, que eu não conseguia parar de ler”. Acrescenta que em sua primeira leitura se identificou com o protagonista desse livro pelo fato de “ele ser deslocado da sociedade”. Sete anos depois optou por comprá-lo e o releu por se tratar de “um livro que tinha me marcado tanto que eu queria ler de novo”. Ele avaliou essa releitura da seguinte forma: “[...] a reação que eu tive é que é... não que estava falando do indivíduo deslocado na sociedade, mas [...] talvez porque eu estava lendo de novo, não teve aquele impacto, assim, aquela coisa assim que batia forte”.

Ultimamente passou a investir na aquisição de livros e em leituras com a finalidade de ampliar seu repertório cultural, utilizando critérios de apreciação mais ligados aos aspectos formais das obras:

[...] Acho que com os livros do Romantismo, porque eu achava os personagens muito irrealis, [...] Só que eu admirava, assim, a composição das frases, [...] aquela poesia que no diálogo que o cara falava assim como poesia, [...] se expressava como

uma coisa muito diferente do cotidiano, uma coisa muito mais elaborada... (Trecho transcrito da entrevista)

O exemplo que dá de livro pertencente ao Romantismo cuja leitura realizou a partir desses critérios é *Eurico, o Presbítero* (Alexandre Herculano), mas não faz nenhum comentário sobre a leitura dele.

Numa linha de leitura diferente das anteriores, Euclides comenta seu gosto pelos livros de Agatha Christie: “[...] talvez em outras situações sejam os livros de Agatha Christie: você lê ele porque você quer... Eu acho que eu nem queria saber quem era o assassino. Eu gostava porque era uma leitura que fluía bem. [...] É um livro que você pega e é uma leitura fluente”.

Quando lhe propusemos destacar algum livro de que tenha gostado dessa autora, Euclides cita o livro *O Assassinato de Roger Ackroyd* (Agatha Christie):

[...] Tem um que eu gostei muito do final. Foi *O Assassinato de Roger*, não sei nem se pronuncia assim, *Ackroyd* [...] Final surpreendente! O que eu mais gostei dele foi do final porque [foi] o único final assim que eu achei realmente surpreendente dos livros dela. É, gostei do desfecho. (Trechos transcritos da entrevista)

Embora tenha relatado na entrevista algumas práticas comuns, o investimento de Euclides na prática da leitura está mais direcionado à leitura de obras literárias. Assim, se considerarmos que “prazer ou gosto é o que mais o motiva a ler um livro de literatura” e que “autor é o fator que mais influencia na sua escolha de um livro literário”, com base no questionário, podemos afirmar que o gosto de Euclides por gêneros, obras e autores se harmoniza com o “padrão estético operado pela teoria literária, pela cultura escolar e críticos de literatura” (VÓVIO, 2007: 255), também presente no curso de Letras que, na opinião de Euclides, oferece boa formação cultural, intelectual, literária e profissional:

[...] Eu me lembro alguém que me disse que sem ler não dá pra ser feliz. Ah, não sei se é verdade, mas eu acho que ler acaba se tornando um vício também. Mas assim, o que eu acho da leitura é que às vezes você pode ler um livro ou ler uma reportagem de jornal, aprender alguma coisa, reter informações, mas eu acho que com a leitura literária é diferente, porque a leitura literária, às vezes, os melhores, é tipo assim, você pode ter ali naquelas páginas, lendo aquelas páginas do livro você pode ter os momentos mais, igual você falou, os momentos mais marcantes da sua vida. [...] Eu acho que às vezes ler um livro é tão marcante quanto você ir numa cidade assim bonita, é uma grande experiência de vida, às vezes, ler um livro de conhecido escritor, um grande escritor é como você conhecer o mar, conhecer, coisa assim, é uma coisa assim, é uma grande experiência que às vezes o pessoal acha que quem está lendo está só estudando, está só perdendo tempo, não está vivendo, mas acho que ler é uma grande forma de viver também. É o grande momento da vida, assim, quando você encontra aquelas grandes obras. (Trecho transcrito da entrevista)

O curso de Letras: a atualização de disposições cognitivas e o investimento em obras legítimas

No questionário, Euclides destacou como motivo principal que o levou a cursar uma graduação em Letras o gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura. Ele definiu o currículo de graduação procurando conciliar as disciplinas necessárias para se formar e o seu gosto. A área do curso de Letras de que declara mais gostar é a de Literatura e foi também nela que cursou o maior número de disciplinas. Considera razoável seu grau de dificuldade nas disciplinas das áreas de Ensino e de Literatura e acha as áreas de Línguas estrangeiras e de Linguística difíceis. Avalia como regular o seu nível de conhecimento nas áreas de Ensino, de Linguística e de Literatura, mas o considera ruim na área de Línguas estrangeiras.

Na entrevista, declarou que nunca utilizou catálogos com resenhas para escolher suas leituras, mas afirmou que teve “acesso a alguns editores universitários” e que costuma recorrer a eles para escolher livros da área de Letras: “eu procuro aqueles que têm mais a ver com a Linguística Aplicada, com a Educação e com o fazer em sala de aula”. Euclides parece investir grande parte seu tempo no curso em leituras teóricas.

Assim, no questionário, onde solicitamos que citasse um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, citou Antônio Cândido no primeiro caso e não citou nenhum no segundo.

Ainda de acordo com o questionário, o pesquisado lidou com dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I. Essa dificuldade se referia aos campos teóricos desconhecidos (como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo). E ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, julgou que seu gosto e suas preferências coincidiam em parte com as dos professores dessas disciplinas.

Essas dificuldades e a não-coincidência de parte das leituras com seu gosto parecem ter constituído obstáculos para a realização de parte das leituras do curso. Assim, quando lhe perguntamos se alguma vez havia interrompido a leitura de algum livro, respondeu:

[...] Deixa eu ver... Ah, já. Inclusive uns aqui na faculdade, por tempo assim. Eu me lembro que quando eu fiz Vestibular, *Glaura* foi um livro assim, é um livro do período classicismo, neoclassicismo, se não me engano e é um livro que eu achava a linguagem tão distante de mim, [...] Aí eu abandonei. Eu passei a ler os resumos, aquelas coisas e textos sobre ele. Eu não li o livro todo, *Glaura*. Esqueci até o nome do poeta que é o autor. [...] Eu achava que eu lendo o texto não estava sendo proveitoso, que eu não estava conseguindo compreender [...] Aí eu tinha que ter conhecimento a respeito daquele livro, daquele período literário. Só que, lendo o livro, eu não conseguia decifrar aquelas informações, não conseguia, e eu preferi ler os resumos, os textos; tanto que eram cinco livros: você tinha que ler cinco livros,

you had to reflect on the five books and *Glaura* was the most difficult. I ended leaving *Glaura* aside. The others I read, but *Glaura* I left aside. (Excerpts transcribed from the interview)

Difficulties with language and style were, according to the researcher, factors that led to interrupting the reading of *Glaura* (Silva Alvarenga). Euclides commented on another book, whose reading he interrupted, but he did not remember the title or the author:

[...] Mais recentemente, eu fazendo uma matéria de literatura espanhola, é muita coisa pra ler, o último livro, do século XX, da literatura espanhola e é uma obra pós moderna complexa que aí [...] Deixa eu ver se eu me lembro o nome... é um livro espanhol sobre a guerra civil, só que agora eu não vou lembrar o nome [...] O autor também eu não vou me lembrar. É um autor espanhol que agora eu não vou lembrar. Eu interrompi também e eu preferi ficar mais com [...] as aulas da professora e dali eu conseguir... Eu fazia a prova baseado no que ela dissertou sobre o livro, porque a leitura, por questão de tempo, por questão de complexidade do livro, eu preferi abandonar. (Excerpts transcribed from the interview)

From the analysis of these data, we can suppose that the course of Letters has constituted a context favorable to the updating of the cognitive dispositions of Euclides that, in the face of the difficulties in relation to “language and style” of a part of the works indicated in the Vestibular and in the course, passed to read summaries and theoretical texts to subsidize his practices of compulsory readings.

In addition to having passed to realize a greater investment in theoretical reading, Euclides passed to dedicate more time to the readings indicated by his professors and, despite having marked in the questionnaire that on the occasion no one influences his reading, the time dedicated by him to the reading of literary books indicated by the professors of the course of Letters (on average, from one to two hours weekly) was greater than the time spent with the reading of literary books not indicated by them (on average, less than one hour weekly).

It also seems to confirm this influence the fact that the researcher, at the moment of the application of the questionnaire, was reading a book indicated by the professors of the course of Letters, *Poesias Completas* (Machado de Assis), and was not reading any book related to his personal taste; in the week in which we interviewed him, he was also reading a book attending to the faculty, *El Cid* (Anonymous).

Another indication of the influence of the professors on the reading of Euclides is his role of preferences. First, by the choice of three names in a list of eight writers suggested in the research and a free choice option: (i) Machado de Assis; (ii) Clarice Lispector; (iii) Cecília Meireles. Second, by the indication of the books of his preference:

Memórias Póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis); *Morte e Vida Severina* (João Cabral de Melo Neto); *Papéis Avulsos* (Machado de Assis).

Tendo em vista a ausência quase total de experiências de leitura até os quinze anos e o incentivo da irmã nas fases posteriores, a preferência por um cânone harmonizado com o universo acadêmico-literário parece resultar de uma relação cognitiva com a cultura que o impele a práticas de leitura voltadas para seu “aprimoramento como leitor”:

[...] Eu peguei García Lorca na biblioteca é porque eu tinha lido pra fazer a matéria *Panoramas da Literatura Espanhola*. Eu tinha lido o livro dele que era *Bodas de Sangue*, em português, porque quando eu peguei o *A Casa de Bernarda Alba*, nas férias, eu peguei porque eu gostei do autor, que era uma coisa que a professora indicou, pela matéria dela e uma forma de eu conhecer melhor a literatura espanhola; conhecer melhor aquele autor que eu tinha gostado do primeiro livro, de me aprimorar como leitor. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa relação cognitiva parece subjacente às disposições ascéticas demonstradas por Euclides à medida que investe nas práticas de leitura legítimas do curso. Apesar da predominância da influência do modelo de leitura do curso nas escolhas de Euclides, a permanência de algumas de suas leituras espontâneas parece fortemente influenciada pelo contexto midiático:

[...] Eu continuo lendo os que eu aprendi a gostar, mas, por exemplo, quando eu estava de férias da faculdade, em fevereiro, eu assisti ao filme *Millennium - Os Homens Que Não Amavam as Mulheres*. Aí, pelo filme eu peguei, eu comprei o livro. Aí, eu gostei do primeiro livro. Depois eu comprei os outros dois; são três volumes. Aí, nesse caso o filme influenciou eu a ler esses livros. Mas assim, basicamente, eu leio [...] porque tem muito escritor que você houve falar. Por exemplo, no semestre passado, [...] nas últimas férias, eu peguei o livro do Murilo Rubião [...] porque eu ouvia falar dele [...] Eu nunca tinha lido [...] Uma vez teve a exposição dele no *hall* da biblioteca e eu ouvi falar dele [...] Uma vez eu peguei um suplemento literário que falava dele, mas eu nunca tinha lido; eu peguei por esse desejo de conhecer e ter ouvido falar dele [...] nesse contexto acadêmico aqui; aí eu peguei e gostei. (Trecho transcrito da entrevista)

Ainda conforme as opções marcadas no questionário, ele costuma ler frequentemente textos em outros suportes como jornais e textos de *Internet*. Nela [internet], os sítios que mais acessa são: (i) *e-mails*; (ii) *Youtube*; (iii) conteúdo variado; (iv) livros ou capítulos de livros eletrônicos.

Em relação às leituras de jornais, prefere: (i) esportes; (ii) editorial/opinião do jornal; (iii) quadrinhos; (iv) horóscopo; (v) Arte/ cultura/ literatura. Em relação à leitura de revistas, prefere revistas de informação semanal (*Veja*, *Época* e *Istoé*, etc.).

Na entrevista, quando lhe perguntamos sobre ele utilizar, ou não, estratégia para ter domínio do texto literário, Euclides revela forte influência da socialização midiática também em suas leituras de estudo:

[...] Acho que eu faço mais com filme, procurar na *Internet* algumas resenhas interessantes. Você acaba encontrando muita coisa boa, assim, na *Internet*, de comentários sobre o filme. Mas acho que com o livro eu faço também. Às vezes eu não encontro um texto que ilustra vários pontos, um texto que ilumine aquela leitura, mas encontro informações sobre o autor, sobre o contexto, sobre o livro, sobre as formas que ele foi publicado, [...] o que inspirou o autor a compor aquele livro, assim, na *Internet*. Acho que a *Internet* eu uso muito (Trecho transcrito da entrevista)

Quanto à relação com a televisão, Euclides parece ter desenvolvido estratégias mais exigentes culturalmente e mesmo quando cita programas televisivos, os programas que menciona fazem parte do rol mais legítimo: “eu, assistia [a programas literários].” Apesar de gostar dessa programação, ele relata a suspensão dessa prática em decorrência de contingências:

[...] Eu não tenho TV a cabo. Aí eu fiquei um tempo morando num lugar que não tem [TV a cabo], o sinal é muito ruim, da televisão. Aí só pega um ou dois canais, só a *Globo* e a *Record*. Aí não tinha acesso, só o da televisão aberta que passa programas assim sobre literatura, é o *TVE*, *TV Cultura* [...] Aí eu fiquei, eu me lembro, ah, eu fiquei muito tempo sem ter acesso, aí eu já não assistia mais. (Trecho transcrito da entrevista)

Contudo, o cânone selecionado por Euclides permanece predominantemente composto por obras pertencentes ao cânone escolar. Na entrevista, relatou que o livro mais marcante em sua vida foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis) e que a primeira vez em que leu esse livro tinha “mais ou menos vinte anos de idade”. Sobre alguém haver indicado esse livro a ele, Euclides respondeu: “Não, assim, indicar não, mas Machado de Assis aparece na escola, né? E você sempre acaba tendo informação...”

Euclides acrescentou que fez várias releituras desse livro e comenta:

[...] Eu acho que eu já li ele umas três vezes, [...] Eu lembro que uma vez eu li quando eu estava fazendo a matéria *Introdução a Literatura Brasileira*; agora, as outras vezes é porque que ele me marcou, [...] aquela ironia, humor, que tem ali e a questão do cara pegar e subverter a linguagem, subverter a forma de escrever um livro, um romance, toda aquela subversão, aquela liberdade ali, aquela coisa assim que [...] Se esse livro surgisse hoje ele seria considerado pós-moderno. Também o *Brás Cubas* é uma coisa que impacta mesmo, assim, é muito criativo que eu acho, a palavra é criativo, extremamente criativo. (Trecho transcrito da entrevista)

Outro livro marcante na sua vida foi *Morte e Vida Severina* (João Cabral de Melo Neto):

[...] Marcou mesmo [...] marcou muito [...] porque ao mesmo tempo de eu achar a linguagem muito bonita, muito bela, ele trata de questões assim fundamentais para o ser humano, né? Basicamente, trata do sentido da vida, essa questão de você estar aqui, isso vale a pena ou não vale? Por que vale? Por que não vale? Trata dessas questões muito [...] existenciais mesmo; você está vivo, eu estou vivo, mas eu vejo tanta coisa ruim, será que vale a pena? E o livro fala que vale, mas de uma forma interessante. (Trecho transcrito da entrevista)

Também nesse caso, Euclides afirma que não se trata de uma indicação: “não indicaram, assim. Você vai conhecendo pelos livros didáticos, é, às vezes você liga a televisão, está passando documentário sobre João Cabral de Melo Neto, é mais assim”.

O fato de ter assinalado no questionário “Aprecio a literatura contemporânea, mas não a conheço bem” parece confirmar sua submissão aos efeitos da legitimidade cultural, ao reconhecer a legitimidade da literatura contemporânea por meio de um julgamento acompanhado de “uma confissão de ignorância” (BOURDIEU, 1983:108).

Essa submissão à cultura literária dominante e aos seus modos de apropriação foi evidenciada também por práticas como gostar de ler, principalmente, o livro inteiro de uma só vez. Além disso, registrou que tem aversão pelos gêneros de livros de auto-ajuda ou orientação pessoal. E, apesar de ter sinalizado no questionário que os gêneros de livros de sua preferência são romances contemporâneos e Bíblia (livros sagrados ou religiosos), na entrevista Euclides não comentou essa última prática.

As disposições mais ascéticas de Euclides são ativadas em contextos avaliativos nos quais ele se vale de estratégias que lhe permitem ter domínio do texto literário: “[...] Eu gosto de ler e ir anotando, pego um pedaço de papel e leio. Anoto o trecho e anoto minha apreciação daquele trecho. Aí eu vou tentando juntar tudo e ter uma visão geral, pelo menos uma visão, algo assim estruturado pra poder falar porque que ele fez...”

Essas disposições e a forte crença no valor da leitura literária fundamentam o esforço de Euclides pela apropriação das leituras obrigatórias do curso. Assim, quando perguntamos se “a seu ver o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou no seu modo de ler”, ele respondeu:

[...] Com relação às preferências tem, não sei se chegava a ser preferências, mas, tipo assim, muitos autores que eu conheci aqui, que eu gostei muito da obra deles tipo García Lorca [...] Eu sei que conheci coisas que talvez que se eu não tivesse entrado talvez eu não ia conhecer autores [...] o modo de ler é interessante porque pra você ler, quando você é estudante, você tem que fazer uma leitura complexa,

you tem que pegar um autor, saber relacionar ele com teorias, saber relacionar ele com outros textos, saber, por exemplo... já respondi questões da Literatura Espanhola fazendo o que a professora queria, umas associações de Bakhtin e um texto, um livro do *Lazarillo de Tormes*; fazia uma referência teórica entre o texto do Bakhtin e o *Lazarillo de Tormes*. (Trecho transcrito da entrevista)

As disposições cognitivas de Euclides perpassaram vários momentos da entrevista; por exemplo, quando solicitamos sua opinião acerca de sua leitura literária anterior ao curso de Letras, ele respondeu:

[...] Eu acho que ela era mais desordenada, se pensar, lia várias coisas sem.. Agora o curso de Letras te dá um direcionamento [...] Você estuda os períodos ordenados, você tem aquela coisa da didática que você relaciona com textos. Você tem muito mais o contexto das obras, você tem muito mais assim informações é... porque eu estou pensando assim no impacto que o professor tem porque você lê um livro da matéria do professor e as explicações dele te acrescentam muito na hora de você ler esse livro, mas quando eu lia antes, eu pegava o livro e fazia minha interpretação pessoal; não tinha uma visão assim de um estudioso, numa forma assim pra orientar. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa relação cognitiva com a leitura se revelou também quando Euclides respondeu se o saber universitário lhe influenciou a leitura:

[...] Ah, acho que sim, principalmente [...] quando você está na licenciatura, você não pensa a literatura somente pra você saber, né? Você pensar que você vai trabalhar leitura, que outras pessoas também progridam, é tipo assim, você pensar: 'ah, eu posso pegar esse filme aqui e usar ele na sala de aula'. Eu posso pensar como é que eu vou fazer uma atividade, pensar nessa coisa mais da interlocução, assim, no conhecimento da interação com os outros, eu acho que a universidade da licenciatura traz isso, você pensar no saber, não no saber pra você, você ter a informação, você ter o conhecimento, mas saber para se socializar. (Trecho transcrito da entrevista)

Conforme esse ponto de vista, Euclides parece priorizar a dimensão utilitarista do saber universitário, percebendo a leitura especializada como um instrumento de trabalho em sala de aula. Dessa maneira, a relação cognitiva dele com a cultura favorece suas disposições pragmáticas e planejadoras:

[...] Gostei [do curso de Letras] e minha intenção é fazer continuidade de espanhol. Aí eu quero estar trabalhando como professor, que é o que dá mais, que é o que tem mais emprego. E aí eu pretendo fazer uma especialização de Letras mesmo e talvez, depois, se eu conseguir fazer o mestrado; mas eu não sei se vou chegar... (Trecho transcrito da entrevista)

Enquanto o curso lhe oferece as condições de ativação das disposições cognitivas, ele parece associar as práticas de leitura do curso ao ideal de leitura especializada, os contextos

diferenciados, a influência da namorada, inclusive, podem ativar as disposições de leitor comum que aprecia a leitura do *best-seller Millennium* ou mesmo deixa suspensas suas disposições ascéticas por não se dispor à utilização das categorias de análise sugeridas no curso:

[...] Mas agora eu não sei se, por exemplo, eu lendo assim, se fora da faculdade eu vou querer fazer todas essas explicações, vou ter essas preocupações, não sei, [...] Por exemplo, igual agora eu li os livros do *Millennium*, que é um *best seller*, só que é um *best seller* que eu acho que tem muita coisa interessante assim e ela [a namorada] está lendo agora, o que eu li já... (Trecho transcrito da entrevista)

A namorada de Euclides possui formação em Biblioteconomia e trabalha em uma biblioteca da rede pública de Belo Horizonte e, embora ele afirme que há uma partilha em termos de leitura e se lembre de que a namorada leu *Millennium* (Stieg Larsson) por indicação dele, ele não se lembrou de nenhuma leitura que realizou por indicação dela.

Porém, o domínio da escrita parece inibir as disposições ascéticas de Euclides que, apesar do desejo de escrever, não consegue levar adiante esse projeto:

[...] Pensei em participar do concurso do Estado, [...] Mas aí eu tinha que escrever uma coisa imensa ((rs)) com setenta páginas. Aí eu não dei conta de fazer, com setenta páginas, um romance de não sei quantas páginas. Aí eu tentei fazer, mas aí acabei não dando conta não [...] Acho que é uma coisa muito complexa você pegar e escrever um conto de oitenta páginas, eu acho, complexo [...] Comecei, mas aí não terminei. Também eu já escrevo, eu escrevo muita coisa, muita coisa eu começo a escrever, mas não termino, não consigo terminar [...] (Trechos transcritos da entrevista)

De acordo com o questionário, suas atividades de lazer preferidas são: (i) ir ao cinema (no Cine Belas Artes, por exemplo); (ii) ir a cinema (em *Shopping*); (iii) ir a teatro; (iv) ir a concertos de música erudita; (v) assistir a *shows* e espetáculos; (vi) ouvir música (CDs, rádio, *Internet*, MP3, etc.), (vii) ir a museus; (viii) ler. Assinalou também “Gosto mesmo é de cinema” como um dos julgamentos que mais se aproximam de sua opinião e que seus gêneros de filmes preferidos são: (i) drama; (ii) comédia; (iii) arte.

Apesar dessa diversidade de práticas culturais e de lazer, na entrevista afirmou que utiliza o tempo livre predominantemente “assistindo a filmes no cinema ou então em DVD” e que “gosta de ler também nas férias, que pega livro na biblioteca e lê”. A última vez em que foi ao cinema assistiu a “*Mostra de Irmãos Coen*, que teve no Palácio das Artes”, acompanhado pela namorada. Assistiram a seis dos quinze filmes dessa Mostra.

Em relação ao cinema, quando indagamos quanto à possível influência do curso sobre suas preferências ou nos modos como assiste aos filmes, Euclides respondeu:

[...] Não sei. Talvez pensasse as coisas com mais intertextualidade [...] Às vezes eu vejo um filme, por exemplo, que trata de questões assim que eu estudei. Por exemplo, a professora da [nome da disciplina] passou o filme *Pai Patrão* que trabalha com a questão da Itália, falando dum povo lá que falava um dialeto [...] Por exemplo, se eu fosse assistir a esse filme assim sem fazer Letras, acho que minha leitura seria diferente ou talvez poderia pensar mais assim na questão geral do Estado, [...] mas não nessa perspectiva linguística assim de achar que [...] a liberdade entre o dialeto também é importante, as pessoas se expressarem nos seus próprios dialetos também é importante, eu não teria essa visão. (Trecho transcrito da entrevista)

Conforme o ponto de vista do pesquisado, o curso de Letras “ampliou, mas não mudou” suas preferências em termos de cinema. Ele continuou a manifestar preferência por filmes variados de “cineastas europeus, americanos, Woody Allen, Scorsese, Tarantino”. Ele se lembra de “vários” filmes interessantes a que assistiu e, quando solicitamos que desse um exemplo, citou *Ladrões de Bicicletas* (Vittorio de Sica), sobre o qual comentou:

[...] Ah, que exemplifica a minha preferência? Pode ser *Ladrões de Bicicletas*, que é um filme italiano, que é do pós-guerra, que tem a questão do homem lá que dependia da bicicleta pra trabalhar. Aí quando ele tem a bicicleta roubada, o filme é o trabalho, o processo de ele recuperar a bicicleta juntamente com o filho dele, a relação dele e do filho se estreita mais, ficam mais próximos dentro desse processo de ele tentar recuperar a bicicleta. (Trecho transcrito da entrevista)

Porém, se as preferências não se alteraram com o curso, as mudanças em relação aos modos de apropriação dos filmes ficaram evidenciadas nos comentários dele ainda sobre *Ladrões de Bicicletas*, do qual gostou “tanto pelo tema quanto pela linguagem”:

[...] Porque é um filme que é dentro do que eles chamam de neo-realismo italiano, que buscava ir à rua e filmar, tipo assim, sem aquela coisa do estúdio, não que eu não goste de filme, assim, grandes produções de estúdio; eu gosto também, mas eu acho interessante essa coisa de você pegar uma câmera, filmar nas ruas e tentar trazer aquele realismo ali da rua mesmo. (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, se por um lado o curso de Letras apresenta um contexto favorável à atualização das disposições cognitivas e culturais de Euclides (que realiza fortes investimentos para se apropriar da cultura legítima, principalmente da leitura especializada), por outro, o trabalho de Euclides em uma estatal é visto por ele como um local “muito desgastante, tanto fisicamente, quanto psicologicamente”:

[...] Eu acho que o desgaste psicológico é muito o fato de ser uma coisa que não tem a ver com minhas preferências, assim; por exemplo, eu estava fazendo estágio, aí eu vi a professora, ela pediu até pra eu ir escrevendo no quadro um poema do [...] Augusto dos Anjos. Aí eu escrevi aquele poema e eu falei assim: ‘Nossa! Esse

poema é bacana!’ Aí eu pensei: ‘Nossa! Se eu pudesse trabalhar com poesia, eu acho que isso que é o bom de você trabalhar, porque eu sei que as condições da escola, principalmente escola pública não é assim; você chega lá e trabalha com literatura e todo mundo presta atenção, aquela coisa assim bonitinha; não é assim. Mas só do fato de você poder trabalhar com aquilo, eu acho que é gratificante e o fato de eu trabalhar com [nome da função que exerce] que é uma coisa que não tem nada a ver com as coisas que eu gosto. Eu acho que é o que traz um desgaste psicológico. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa angústia em relação à natureza do trabalho atual que “não tem nada a ver com suas preferências” e as expectativas do trabalho em sala de aula, principalmente com literatura, conduzem Euclides na busca pela continuidade de estudos e pelo prosseguimento dos investimentos acadêmicos (cogita um mestrado em literatura ou em linguística). Caso opte pela segunda, pretende investir em linguística com ênfase em ensino, mas se optar por literatura: “não sei, talvez fosse sobre um escritor ou literatura pro ensino, uma coisa assim.”

A fim de encontrar um meio de trabalhar com o que gosta, pretende abandonar a profissão e prestar concurso para a área de Educação: “todos que estão saindo que posso fazer eu vou fazer [...] eu trabalho no [nome da profissão], mas minha intenção esse ano é entrar pra Educação”. Conforme o ponto de vista de Euclides:

[...] O curso de Letras, assim, uma das coisas que mudou eu acho que é ele poder oferecer a possibilidade de eu trabalhar com o que eu gosto, que é literatura, leitura, e a minha intenção é trabalhar com o que eu gosto porque quando você trabalha no que gosta... Todo tipo de trabalho tem seus problemas, as suas dificuldades, mas quando você trabalha com o que você gosta, eu acho que é muito mais fácil. Então, por isso que eu queria é mudar de carreira mesmo, de trabalho. (Trecho transcrito da entrevista)

Portanto, apesar das dificuldades de apropriação das disposições estéticas da leitura, da realização do comentário do *lector*, Euclides segue atualizando suas disposições cognitivas, convertendo a necessidade da leitura e do estudo no prazer de praticá-los, vendo a leitura ora como “forma de aprendizagem”, ora como “vício”, ora ainda como “uma grande forma de viver”. E, finalmente, enquanto aprimora os seus domínios, idealiza conseguir um trabalho que lhe seja mais rentável (“trabalho de professor eu acho que posso ganhar mais que lá”) e que ao mesmo tempo lhe possibilite trabalhar no que gosta, atualizando também suas disposições culturais.

Quadro 8 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Euclides

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>Tio Patinhas</i> (Carl Barks) (HQs da Editora Abril)	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)	Livros do Romantismo <i>Eurico, o Presbítero</i> (Alexandre Herculano)	<i>Contos de Murilo Rubião</i>
	Noites Brancas (Dostoiévski)	Livros de Agatha Christie <i>O Assassinato de Roger Ackroyd</i> (Agatha Christie)	<i>A Casa de Bernarda Alba</i> (García Lorca) <i>El Cid</i> (Anônimo)
	<i>Morte e Vida Severina</i> (João Cabral de Melo Neto)		
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista (voluntariamente)	Livros não-literários
Livro de um autor espanhol (não se lembrou do nome)	<i>Bodas de Sangue</i> (García Lorca)	<i>Millennium - Os Homens que não amavam as mulheres; A menina que brincava com fogo; A rainha do castelo de ar</i> (Stieg Larsson)	Texto de Bakhtin sobre carnavalização (não citou título)
<i>Glaura</i> (Silva Alvarenga)	Lazarillo de Tormes (Anônimo)		<i>Bíblia</i>
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)	-	-	(i) Adorou: Antônio Cândido
<i>Morte e Vida Severina</i> (João Cabral de Melo Neto)			(ii) Detestou: -
<i>Papéis Avulsos</i> (Machado de Assis)			

4.9 JANE

Jane tem 25 anos, é branca, católica, solteira e não tem filhos. É natural de Belo Horizonte. Já morou em uma cidade do interior de Minas Gerais e em outros estados brasileiros. Seus pais são divorciados e atualmente ela mora com a mãe em um bairro situado na região sul de Belo Horizonte. Sua única irmã, dois anos e meio mais velha do que ela, é

engenheira e mora em outro estado. Originária de família dotada de muitos recursos escolares e culturais, Jane e a irmã tiveram acesso precoce ao universo da escrita e um forte investimento paterno na sua formação escolar com ênfase na cultura científica. Apresenta-se como uma leitora eclética, adepta da liberdade de escolha, principalmente com relação à prática da leitura literária, como também em relação às preferências de filmes. Apesar de ter desenvolvido em sua socialização familiar uma disposição para a autonomia individual e para a iniciativa pessoal, o que a levou a “tomar as rédeas” na vida, e na leitura, rejeitando inicialmente as prescrições de leitura dos professores, o desejo de apropriação do capital literário e a crença em seu valor parecem fatores determinantes na adesão de Jane ao curso de Letras.

Estrutura Social e Familiar

De acordo com informações contidas no questionário aplicado em sua turma em abril de 2011 e na entrevista realizada um ano mais tarde, o pai de Jane é formado em Engenharia Mecânica e pós-graduado na área de exatas. Atualmente cursa Direito e trabalha como engenheiro em uma “mineradora global com sede no Brasil”. A mãe é formada em psicologia, exerceu a profissão de psicóloga até o nascimento de Jane e, atualmente, é corretora de imóveis. Ambos são católicos e se divorciaram quando Jane tinha quinze anos. Ela desconhece a escolaridade dos avôs e avós paternos e maternos, não tendo convivido com os primeiros e teve pouco contato com os últimos, durante a infância e a adolescência. O avô paterno morreu quando Jane tinha aproximadamente dez anos e a avó alguns anos depois: “justamente na época em que meus pais separaram, era essa faixa assim de quinze anos quando minha avó morreu.”

Na entrevista, Jane lembra as idas a museus e o incentivo dos pais para a dança: “meu pai, minha mãe, eles sempre levavam a gente nessas coisas, museu...”; “dos dois até os quinze eu fiz aula de dança”; “eu fiz balé quando eu era pequenininha, depois entrei pro jazz, aí fiz jazz até os 15 anos...”.

No questionário, Jane assinala que durante a infância costumava ver os pais lendo frequentemente livros literários, jornais e revistas em casa, e que era frequentemente presenteada com livros. Assinala também que não houve nenhuma faixa etária (em particular) em que mais leu livros literários durante sua vida e acrescenta que durante a infância e a adolescência não costumava frequentar biblioteca. Acerca dessa última, relata:

[...] A gente não chama de biblioteca, a gente tem uma seleção de livros [...] sempre teve uma seleção de livros, mas era assim uma estante, uma coisa assim [...] na sala ou num quarto específico pra isso, que era o escritório. Hoje a gente tem um escritório [...] Eu adoro comprar livro, eu falo que mesmo em sebo, essas coisas, eu prefiro comprar que pegar na biblioteca porque quando eu compro, eu posso voltar, eu posso ler de novo eu posso [...] eu tenho aquele livro o tempo todo, então se eu tiver uma curiosidade... Eu lembro de um livro que li no ensino fundamental que chama *Comédias para se ler na escola* do Veríssimo, Luís Fernando Veríssimo [...] É um livro muito interessante pra ensino fundamental porque ele trabalha com a linguagem, sabe? Ele é um livro muito legal e a gente não comprou esse livro. E a minha tristeza era não ter esse livro em casa porque às vezes eu queria voltar, olhar que é um livro de crônicas, de contos, então, às vezes eu queria voltar, olhar alguma coisa e a gente não tinha esse livro em casa e por fim acabou que eu comprei ((risos)). [...] Ficava com vontade de consultar e não tinha o livro. Então eu gosto muito de ter, então agora hoje eu já faço a minha biblioteca particular que já está separada da biblioteca da casa, tem a que era do meu pai, que era da minha mãe, que era da minha irmã e tem os meus que são separados, mas sempre teve, sempre teve um bom número de livros... (Trechos transcritos da entrevista)

Ainda na entrevista, afirma que a mãe “detesta ler, só lê auto-ajuda e, mesmo assim, empurrada”. Ao contrário, o pai é um homem “muito culto, que sempre gostou muito de ler”, “ele é muito encantado com essas coisas de literatura”, “ele é louco por Fernando Pessoa, adora Pessoa”: “[...] Meu pai lê muito Nietzsche, Platão. Ele estava lendo um livro de Platão esses dias, lê assim mais filosofia...”. Na opinião de Jane, ele teve uma trajetória de vida “bem interessante”, conforme relata:

[...] Na verdade, a história do meu pai é uma história bem interessante. De onze irmãos ele foi o único que fez faculdade, foi o único que estudou. A minha avó sabia escrever, mas eu não via ela escrevendo muito. Ela sabia ler, mas ela só lia assim o extremo necessário que era lista de compras pra levar pro supermercado, mas era muito restrito e, na verdade, meu pai que lutou muito mesmo porque todos os irmãos tiveram a mesma condição, mas o meu pai era o único que trabalhava o dia inteiro e estudava a noite. Todos os outros trabalhavam o dia inteiro e iam pra casa dormir, fazer alguma coisa e eles até estudaram. Eu acho que alguns se formaram em técnico de alguma coisa, mas ninguém chegou a fazer faculdade. Foi meu pai que fez a faculdade mesmo. (Trecho transcrito da entrevista)

Num momento da entrevista, Jane pareceu tomar consciência de que a figura paterna é sua referência em termos de formação cultural e leitora:

[...] Só que eu sempre tive uma proximidade muito grande com meu pai, inclusive em gênio. É interessante isso de pensar como que a gente tenta seguir as pessoas, né? E meu pai sempre foi muito inteligente, sempre leu muito, ele passou em 1º lugar no vestibular quando ele fez e tudo. Então eu sempre tinha ele como referência. (Trecho transcrito da entrevista)

De acordo com Jane, “para ser alguma coisa na vida, você tinha que escolher um dos três cursos, Engenharia, Medicina ou Direito”. Este último é também o curso almejado pelo

pai para as filhas Lembra-se de que o sonho do pai “sempre foi fazer Direito” e que, em conversa com as filhas, ele disse que só cursou Engenharia por ter sido esse o único dos três cursos mais prestigiosos da compatível com sua disponibilidade de tempo:

[...] Então ele escolheu engenharia por causa do horário de disponibilidade e tudo, mas o sonho dele sempre foi fazer Direito, ele sempre, inclusive, falava com a gente pra gente fazer Direito, que Direito era muito bom, que isso, que aquilo. Eu nunca pensei em fazer Direito na minha vida ((risos)) Então eu acho que a tristeza dele era que eu e minha irmã nunca pensamos em fazer Direito ((risos)) e ele tinha esse sonho. E agora ele passou no vestibular e está fazendo, e está super feliz. Eu acho ótimo porque aí ele está realizando o sonho dele, eu não preciso realizar, né? ((risos)) (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de parecer aliviada pelo fato de não haver mais expectativa de que realize o sonho acadêmico do pai, Jane parece aderir à influência paterna em sua formação cultural e leitora, buscando imitar-lhe o modelo, conforme declara:

[...] Mas sempre gostei muito, muito, muito, de ler, e por ver meu pai lendo também, eu via ele lendo e queria ler o que ele estava lendo. Eu queria entender o que ele estava lendo. Então às vezes a escola me passava um livro pra ler e aí meu pai lia pra gente conversar depois sobre o livro, e tudo então era sempre, foi muito gostoso assim... (Trecho transcrito da entrevista)

Ao comentar as semelhanças entre os processos de formação leitora dela e da irmã, Jane cita e exalta alguns elementos que fazem parte da cultura do pai:

[...] É interessante porque minha irmã também teve esse processo de leitura tão bom quando o meu e ela hoje é engenheira e adora ler, sabe? Assim, ela não lê os clássicos. Quando ela pega um Machado de Assis ela fica com um pouco de preguiça e tudo, mas ela lê muito, eu nunca vejo a minha irmã sem um livro, sabe? Eu acho muito interessante; e é engenheira e foi na mesma linha que eu: era vendo o pai, querendo conversar com nosso pai, que tem que ter assunto pra conversar com ele, às vezes a gente lia pra ter assunto porque ele sempre foi muito culto, só escutava Chico Buarque. Ele fez parte do movimento estudantil do CEFET, então ele é muito politizado, da época da ditadura, então ele é muito politizado, essas coisas. Então, ele só escutava Chico Buarque, Vandrê, essas coisas... E a gente ia na onda dele, assim, achava legal. (Trecho transcrito da entrevista)

Ao mesmo tempo em que “tem preguiça de ler os clássicos”, a irmã de Jane nos é apresentada como alguém que possui uma relação de proximidade com o livro e com a prática da leitura, pois, além de ler muito, nunca é vista sem um livro. Em outro momento da entrevista, Jane indica Marian Keyes³⁸ como escritora preferida da irmã. Esse discurso de

³⁸ De acordo com informações obtidas na página http://pt.wikipedia.org/wiki/Chick_Lit, Marian Keyes é autora de vários *best sellers* do gênero *Chick Lit* e seus livros exploram o universo feminino com muito humor e leveza.

valorização da cultura do pai e da irmã se aproxima bastante do discurso contemporâneo sobre a leitura, fundamentado na luta contra a invasão do audiovisual, o qual difunde um novo modelo de leitura (forjado pelos bibliotecários, aos quais se juntaram documentaristas e jornalistas) de modo que “ler, antes de toda consideração, suportes e conteúdos, deve ser julgado como um gesto incondicionalmente positivo”. (A-M. CHARTIER, 2003:46-47).

Essa perspectiva do ato de ler como valor universal permeia toda a entrevista de Jane, como demonstrado no trecho em que afirma: “eu prefiro abrir um livro do que ligar televisão”. Mesmo quando assiste a televisão, Jane seleciona a programação: “eu não sou aquele tipo de pessoa que liga pra deixar a televisão falando não, sabe?”.

Ainda de acordo com esse ponto de vista sobre a leitura, ela classifica o pai e a irmã como grandes leitores e atribui seu gosto pelo ato de ler a Maurício de Sousa, cartunista brasileiro, criador da *Turma da Mônica* e de diversos personagens de história em quadrinhos:

[...] Eu comecei a ler muito cedo. Eu brinco que eu tenho que agradecer muito o Maurício de Sousa, porque eu comecei lendo Maurício de Sousa. Eu acho que todo mundo tem que começar por algum lugar, eu não gosto quando o professor fala ‘ah, isso não é literatura’, porque eu acho que todo mundo tem que começar de algum lugar. Quando aprendi a ler eu já estava lendo Maurício de Sousa, já estava assim... Meu primo brincava comigo que eu comia a revistinha: eu não lia, eu comia. A gente tirava férias, meu primo assinava, a gente não assinava, então a gente ia pra casa dele. Eu ficava lendo nas férias e ele querendo brincar, jogar *videogame*, não sei que lá, e eu lendo. Então, assim, sempre gostei muito, muito, muito de ler. Eu tive muita sorte também com os meus professores. Sempre foram professores muito bons que incentivaram muito a minha leitura, que graças a Deus, nunca falaram ‘Isso não é literatura, isso não pode ler’. Então eu já li de tudo que você imaginar. Quando eu comecei a ler *Harry Potter*, algumas pessoas: ‘Ah, mas você tem que ler melhor e tal, coisas melhores e tudo. E eu adorava *Harry Potter*. Eu li todos e li até o final. Até quando eu já estava mais velha eu estava lendo *Harry Potter* ainda. (Trecho transcrito da entrevista)

Porém, Jane parece basear-se em um modelo de leitura distinto desse quando menciona um tio escritor que, segundo ela, influenciou seu interesse pelo processo da escrita e pelo gosto da leitura de livros:

Seus temas centrais no entanto levam a tona muitos assuntos delicados, tais como luto, depressão pós-parto e violência doméstica. As personagens criadas pela escritora possuem perfis realistas, que permitem com que o leitor se identifique com a trajetória de vida narrada. Ainda, de acordo com a mesma página, "*Chick lit* é um gênero ficção dentro da ficção feminina, que aborda as questões das mulheres modernas. *Chick-Lits* são romances leves, divertidos e charmosos, que são o retrato da mulher moderna, independente, culta e audaciosa".^[1] O gênero vende bem, apesar de ainda estar em crescimento no Brasil, algumas editoras já dedicam selos diferenciados para esse gênero. Ele geralmente lida com as questões das mulheres modernas, humor de ânimo leve. Apesar de algumas vezes que inclui elementos românticos, a literatura feminina (incluindo *chick lit*) geralmente não é considerada uma subcategoria direta do gênero romance, porque, no *Chick lit* a relação da heroína com sua família ou amigos pode ser tão importante quanto a seus relacionamentos românticos.^[2] Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. (Acesso em março de 2013).

[...] Meu tio faleceu ano passado, ele era escritor. Então eu ia pra casa dele, ficava vendo o processo de escrita daquele tanto de livro. Eu sempre gostei de literatura, sempre gostei de livro velho, que é um problema porque eu tenho alergia e livro velho (risos); tem aquela poeira, aquela coisa... (Trecho transcrito da entrevista).

Ao gosto pela leitura de livros antigos e ao interesse pelo processo de escrita de livros podemos acrescentar outros elementos que demonstram a coexistência de concepções aparentemente contraditórias, nas quais Jane baseia os julgamentos sobre suas próprias leituras e as práticas de leitura dos outros. Assim, ela afirma: “A minha irmã e as meninas trocam muito esses livros que eu falo [...] é uma escritora que se chama *Marian Keyes* que escreve esses livros de menininha, então elas trocam entre elas sempre.” Jane afirma que tentou ler os livros dessa autora, mas não gostou, “não quis entrar nessa troca delas não”. E comenta os motivos que a fizeram desistir dessas leituras indicadas pela irmã:

[...] Ah, eu acho a história muito superficial, sabe? A história da menina que quer conquistar o cara, a outra vai ajudar, a outra é amiga, a outra é perdida na vida, e só balada, só não sei o quê, não sei o quê, histórias que assim não me acrescentam muito, sabe? Eu acho que se eu estivesse na adolescência talvez eu gostasse mais desse tipo de livro, hoje eu já tenho uma, assim, não gosto, eu gosto de outro tipo de literatura, outro tipo de linguagem do livro não me atrai; o jeito que a narrativa é feita não fica nada com mistério, sabe? (Trecho transcrito da entrevista)

Ainda de acordo com esse ponto de vista ela comenta a leitura do último livro que leu voluntariamente, conforme trecho abaixo:

[...] Eu estou tentando lembrar o livro, foi um livro que eu ganhei de presente de aniversário, um livro chato pra caramba, mas eu li porque eu ganhei de aniversário. Aí eu falei: ‘Ah, vou ler, acho que é *Como Falar com Viúvo*, um negócio assim’. Eu tenho uma amiga que é jornalista que nem eu, só que ela gosta de uma literatura muito diferente da literatura que eu gosto, eu brinco que é ‘literatura de menininha’, sabe? Esses livros assim bobinhos ((risos)) Nossa, mas o livro é chato... não tem muita história, mas eu li porque eu ganhei de presente, falei: ‘Ah, vou ler ((risos))’. (Trecho transcrito da entrevista)

Contudo, Jane parece oscilar em relação a essas duas concepções opostas de leitura, ora admitindo a diversidade de suportes e gêneros, que varia em termos de legitimidade cultural (livros velhos, revistas de HQs, literatura infanto-juvenil, literatura para estudo, literatura clássica), principalmente quando se trata de defender sua liberdade de leitora, ora rejeitando alguns gêneros que menospreza como a “literatura para menininha” e, ainda, alguns *best Sellers*, como no caso do livro *O Caçador de Pipas*, de Khaled Hosseini (indicado por uma amiga), mas cuja leitura não lhe agradou:

[...] Tem uma outra amiga que é médica também, que lê bastante. Então a gente às vezes conversa, aí ela indica uns livros. *O Caçador de Pipas* foi indicação dela. Quando eu li, porque eu estava meio com medo que esses *best sellers* demais, eu sempre tenho medo, né? Eu sempre leio pra poder falar, nem que seja falar mal, mas eu estava com um pouquinho de medo e ela falou: ‘Não, lê que é bom e tal’ [...] Eu não gostei da história dele, achei a história meio trágica, meio triste, sei lá... (Trechos transcritos da entrevista)

Se, por um lado, a liberdade reivindicada por Jane para selecionar suas práticas de leitura, sem se importar com critérios preestabelecidos, parece fundamentada na “concepção moderna da leitura útil e agradável” (CHARTIER A-M., 2003:48), a dificuldade de se lembrar da leitura da mãe é influenciada por uma concepção tradicional da leitura que não considera a leitura fora de sua ancoragem literária. Talvez por isso, embora tenha afirmado no início da entrevista que a mãe “detesta ler”, esse fato não se confirma totalmente e os traços da leitura materna podem ser inferidos de alguns trechos da entrevista:

[...] Revista minha mãe lê, mas assim, né? *Caras* ((risos)), essas revistas mais de fofoca [...] Ela gostava daquela *Superinteressante* quando a gente era mais nova, ela lia e mostrava pra gente. Eu não sei se ela gostava pra mostrar pra gente ou se ela realmente gostava ((risos)) que aí que é difícil de perceber, mas a *Superinteressante* ela lia. Agora jornal muito pouco, ela lia quando acontecia alguma coisa, aí ela lia. [...] religiosa meu pai não [lia], assim, minha mãe lia um pouquinho da *Bíblia*.

Na escola: o auxílio da família, a rotatividade de escolas, a autonomia do trabalho escolar, da leitura e a valorização da escrita

De acordo com informações do questionário e da entrevista, Jane realizou a maior parte de sua escolarização básica em escola privada no Brasil. Como o pai era engenheiro de uma empresa com área de atuação em várias cidades brasileiras, Jane e a família mudavam muito de cidade para acompanhá-lo em suas empreitadas.

Ela ingressou na escola quando tinha um ano e meio de idade e, durante seu processo de escolarização, esteve matriculada em estabelecimentos de ensino em diferentes cidades brasileiras, permanecendo por um período de no máximo dois anos em cada uma dessas escolas: “[...] Aqui que eu formei [...] antes eu tinha estudado no Y aqui em Belo Horizonte, mesmo lá em B; eu estudei no X [...]; estudei no Z, que é no Sobradinho; eu estudei no W, estudei em P...”. Apesar dessa rotatividade, Jane sempre estudou em escolas destinadas às camadas sociais médias e altas da sociedade e afirma ter superado as dificuldades decorrentes dessas mudanças, apresentando uma avaliação positiva desse período de sua trajetória escolar:

[...] Era difícil, mas ao mesmo tempo ela [essa rotatividade] me exigia mais assim questão de estudo, de recuperar matéria, porque às vezes eu mudava no meio do ano. Às vezes eu chegava no meio do ano, eles tinham visto uma coisa que eu não tinha visto e iam ver alguma coisa que eu já tinha visto porque muda muito principalmente de Estado pra Estado. Quando eu mudei de B pra cá eu senti uma diferença e-nor-me, porque lá em B eles estavam muito mais adiantados do que aqui. Eu vim pro colégio X na metade da 8ª série, e assim tudo que o X estava vendo, eu já tinha visto há muito tempo e eu não cheguei a ver nada até me formar no Ensino Médio, não cheguei a ver nada que eu não tivesse visto na 8ª série lá em B. Então eu senti muita diferença também de quando eu mudei de P pra S, que é uma cidade-satélite de B. Eu também senti essa diferença porque em P o ensino era melhor do que o de S, mas aí quando a gente saiu de S, deu uma equiparada [...] Era muito difícil assim porque tinha que recuperar matéria ou então, por exemplo, quando eu cheguei aqui no X [...] que a matéria toda já era uma matéria repetida eu acabava ficando assim meio com preguiça de acompanhar a aula porque eu já tinha visto aquilo, já sabia aquilo, já estava fazendo os exercícios, já estava fazendo todos os exercícios sem precisar de orientação nem nada. Então era difícil nesse ponto, mas eu acho que em questão de amadurecimento era muito bom, porque eu tinha outras preocupações, eu brinco que os meninos de ensino fundamental têm a preocupação assim: ‘Ah, eu quero um lápis dessa cor, quero não sei que lá, eu quero caderno dessa cor’, e eu já tava criando uma maturidade maior de saber falar: ‘Ó, tenho que dar tchau pro coleguinha porque a gente está indo embora. A gente está indo pra outra cidade porque tem questões mais importantes na vida que não só a sua vontade né?’. Então eu aprendi muito, assim, crescimento pessoal dessas mudanças pra mim foi excelente. Eu amadureci muito cedo, não de uma forma ruim: eu fui criança, eu brinquei demais, mas eu tinha aquele amadurecimento de pensar: ‘Olha, papai tem que ir embora e todo mundo tem que ir junto porque a gente quer ficar perto do papai, então a gente vai ter que abrir mão de todo mundo que está aqui por causa do papai, e... Isso foi muito bom pra mim porque hoje eu tenho uma maturidade muito maior pra encarar as coisas do que talvez pessoas da minha idade teriam naquela época. (Trecho transcrito da entrevista)

O entorno de Jane se harmonizava com o processo educativo de tal modo que o reforço escolar dado pelos pais parece ter sido decisivo no sucesso escolar das filhas, minimizando os problemas decorrentes das mudanças constantes de estabelecimentos escolares:

[...] Ham... é, quem me ajudava no dever de casa sempre foi minha mãe. Meu pai nunca teve muito tempo, sabe? Ele trabalhava muito. Eu lembro dele chegar lá em casa assim dez, onze horas da noite todo dia. Ele levava a gente à escola às sete horas da manhã e chegava do trabalho dez, onze horas da noite todo dia. Então, quando ele chegava, ele chegava morto e não tinha fim de semana, não tinha feriado, não tinha férias, não tinha nada. Então meu pai era um pai presente do jeito que dava ((risos)) porque ele trabalhava muito, então quem ficou com essa parte de estudo mesmo foi minha mãe, até porque a minha mãe parou de trabalhar quando eu nasci. Ela ficou um tempo trabalhando meio horário e tudo, mas assim, com psicologia, por exemplo, ela não trabalhou mais. (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de salientar a falta de tempo do pai para auxiliá-la nos deveres de casa, o envolvimento paterno no processo educativo de Jane (e da irmã) parece intensificar-se ao menos no período de adolescência das filhas. Ao que tudo indica, o investimento familiar nesse processo contou com a presença forte do mãe durante a infância das filhas, ficando a cargo do pai após esse período, como podemos ver na sequência da entrevista:

[...] É isso, ela parou. Chegou até a trabalhar como psicóloga numa escola e tal, mas aí depois ela parou pra ficar dando mais atenção pra gente. Então era minha mãe que ajudava a gente nos deveres de casa mesmo. É, e lia muita história pra gente quando a gente era pequena, todo dia na hora de dormir tinha historinha. Tem até hoje lá em casa os livrinhos da gente quando a gente era pequenininha, eu lembro do *Pão Quente e Cenouras Frescas*, que a gente lia era quase toda noite, que a gente adorava a historinha do *Pão Quente e Cenouras Frescas*. E meu pai começou ajudar mais quando a gente ficou mais adolescente, que eu comecei a ter Física na escola Química, essas coisas que pra mim eram, assim, uma aberração e aconteceu que eu estudava numa escola em B, eu estudava no X, e aí eu mudei pra uma escola que era melhor, e mudei na 8ª série. Aí como a escola era muito exigente, eu não estava no nível que eles estavam, eu mudei na 8ª série, né? Então eu não estava, eles estavam já vendo Física e Química há um tempo e eu não tinha base, então eu estudei muito com meu pai. Eu lembro de estudar muito com meu pai [...] Então eu estudava muito com ele. Física e Química eu tinha que estudar com ele porque só a aula não supria a minha necessidade. Graças a Deus eu nunca perdi uma média na escola, então, assim, eu sei que essa parte de Exatas foi total responsabilidade ((risos)) dele. Ele chegava dez horas da noite em casa falava 'filha vamos estudar!'; às vezes nem eu queria, já estava quase dormindo, ele não: 'vamos estudar, você tem que estudar tem que saber isso'. É, Matemática, Física e Química eu só estudei com ele, até minha irmã começar a ter uma noção, que aí ela era mais acessível, né? Como meu pai trabalhava muito minha irmã me ajudou muito também, mas a questão da leitura foi muito minha mãe até porque é a gente depois de um certo tempo eu não... (Trecho transcrito da entrevista)

Jane afirma que depois desse período não necessitou mais do auxílio dos familiares, passando a realizar suas tarefas escolares com maior autonomia. Assim, ela valoriza a responsabilidade, a organização, a iniciativa e principalmente a liberdade de escolher suas leituras:

[...] Eu acho muito interessante porque eu sempre fui muito responsável. Eu não sei de onde isso veio, mas desde muito pequena eu já tive a minha organização, inclusive pra leitura, das coisas que eu queria ler [...] Eu lembro que tinha um livro na escola que era um livro que a gente escolhia o final da história; a gente escolhia pra onde a história ia, então chegava, por exemplo, na página quarenta, aí dava assim: 'se você quer que o personagem entre na caverna vá pra página quarenta e três, se você quer que ele continue não sei aonde vá pra página tal'. E eu devorava esse livro, era assim, uns dois por semana que a gente lia. Eram livros grossos, tinham umas duzentas páginas, trezentas páginas. A gente ia pulando, mas mesmo assim né?

[...] Tinha dez, onze anos, eram umas histórias bem... Eu tenho tanta curiosidade de saber onde foram parar esses livros porque eu achava tão gostoso e essa coisa de eu poder interagir com os textos pra mim era excelente; quer dizer, o personagem fazia o que eu queria e era muito legal. Eu lembro que era uma febre na época na escola, todo mundo lia e minha mãe nem sabia, mas nessa fase eu já me organizava sozinha: prova, livro, tudo eu me organizava sozinha. Então, é até interessante que eu tenho um amigo que a mãe dele é até muito amiga da minha mãe e ela ligava pra minha mãe e falava: 'Ah, tem prova de não sei que lá amanhã' e minha mãe falava: 'E não estou nem sabendo'. E isso já com dez, onze anos, já tomei as rédeas mesmo. (Trecho transcrito da entrevista).

Portanto, a matriz socializadora de Jane teve, de um lado, o pai, dotado de capital cultural e admirado pela filha, mas com pouco tempo disponível para a transmissão desse

capital; de outro, a mãe, menos capitalizada e com maior disponibilidade para se dedicar à educação das filhas, porém descartada por Jane como modelo cultural a ser seguido. No ambiente familiar ela teve que lidar com as constantes mudanças de cidades e de escola e, ainda, com a separação dos pais. Nesse contexto, Jane parece ter desenvolvido uma disposição para a autonomia individual e para a iniciativa pessoal, o que a levou a “tomar as rédeas” na vida e, por extensão, na leitura. Talvez por isso, o livro no qual ela podia decidir o destino das personagens tenha sido destacado como o livro marcante em sua adolescência.

A socialização de Jane foi influenciada também por pessoas não pertencentes à sua “constelação familiar”, mas presentes nesse ambiente, entre elas, uma ‘babá’, sobre a qual ela comenta:

[...] Até meu pai sair de casa [...] a gente teve babá [...] a gente teve empregada até meus pais se separarem porque nosso padrão de vida caiu um pouco. Na verdade, depois que os meus pais separaram e aí ficou inviável [...] Ela lia, ela estudava muito também. Eu lembro que ela cuidava da gente de dia e à noite ela estudava. Então ela lia, ela tinha muito interesse em mostrar pra gente livros, essas coisas assim. Eu sempre estive nesse meio, assim, de livro, de coisas assim, sempre que todo mundo estava em volta de mim estava [...] tentando me incentivar.

Outra influência externa ao meio familiar citada por Jane foi da esposa do chefe de seu pai (e mãe de seu atual namorado), a quem conhece desde os seis anos de idade e pela qual nutria grande admiração:

[...] A mãe dele [do namorado] teve muita influência na minha vida. [...] Ela era professora de português e eu achava o máximo. Eu tinha uma admiração por ela que era uma coisa assim, eu era apaixonada por ela. Ela tinha uma biblioteca enorme em casa porque o irmão dela é escritor, todo mundo da família é professor, inclusive a mãe dela. Então a biblioteca da casa dela era enorme, o pessoal de Itabira, então, era Drummond o dia inteiro ((risos)). Ela brinca que aqui tem o *Café com Drummond*, lá eram ((risos)) todas as refeições com Drummond ((risos)). E a gente fazia muito teatrinho na escola e ela ajudava a escrever o teatrinho, e tal, e organizava. [...] Quando eu era criança eu era louca com ela. [...] Eu ia pra casa dela ficava o dia inteiro no meio dos livros dela e achava o máximo. Nossa! Eu queria ser ela quando eu crescesse ((risos)) Nossa! Era minha maior referência. Na verdade, acho que foi ela nessa época, nessa coisa da licenciatura, de dar aula e tudo. Eu era muito, muito encantada com a casa dela, com as coisas dela, com o que ela lia, tudo que ela lia eu queria ler, tudo. [...] Ela leu muito Drummond pra gente. [...] mas, assim, ela lia aquela coisa... porque o Drummond tem duas vertentes. Ele tem a vertente mais complexa e ele tem a literatura mais simples. Então, ela lia demais pra gente, lia demais e a gente... Nossa! Eu viajava no Drummond. (Trecho transcrito da entrevista)

A ideia de uma cultura familiar muito associada à escolar perpassa toda a entrevista de Jane, ilustrada pela imagem do pai-professor e modelo de cultura a ser seguido pelas filhas, pela apresentação da mãe como alguém que, mesmo detestando ler, busca embasamento nos

livros infantis e nas revistas científicas como a *Superintessante* para incentivar a leitura das filhas, e ainda pela “babá”, cujo envolvimento com a escola é destacado por Jane.

Dessa forma, a interação de família e escola talvez tenha amenizado os percalços (sobretudo de ordem cognitiva) de uma trajetória escolar marcada por mudanças contínuas de cidade, estado e escola. Além disso, parece ter possibilitado a construção de uma relação de familiaridade entre Jane e o universo da escrita, de modo que a leitura estivesse presente nos dois espaços ao mesmo tempo e sem uma distinção muito clara entre as práticas estipuladas na escola e as leituras espontâneas ligadas ao universo pessoal e familiar.

Assim, as percepções de Jane em relação à trajetória escolar são constantemente apresentadas em universos tão imbricados que as influências do pai e dos professores nas práticas de leitura e de escrita se misturam aos dados sobre o valor da escrita no âmbito familiar e às práticas de leitura-lazer durante as férias, como relata:

[...] A leitura que era influenciada muito por ele [o pai] e pelos professores. Minha escrita também foi muito influenciada pelos meus professores desde pequena. Eu tive um conto que eu escrevi na 7ª série, uma crônica, na verdade, que eu escrevi na 7ª série, que minha professora me elogiou tanto, rodou a família inteira a crônica, a escola inteira ficou sabendo da minha crônica e tudo. Então assim, sempre fui muito incentivada. Então minha relação com a literatura é muito, assim, eu não consigo tirar férias e não ler. Se eu estou de férias e eu não leio três ou quatro livros pelo menos eu sinto que eu não tirei férias. Engraçado que tem gente que é assim por viagem, né ((risos))? Assim, se tirar férias tem que viajar, eu é se eu não leio. Nas férias de julho do ano passado eu não consegui ler um livro inteiro porque eu estava trabalhando na época e organizando material e então literatura eu não consegui ler. Li as outras coisas que eu precisava ler, mas pra mim eu não tive férias. Eu não tive férias porque eu não li, e aí é muito... Todo mundo ri da minha cara porque eu falo isso, aí. Se eu vou pra praia tenho que levar um livro pra praia. Eu acho a coisa mais sem sentido do mundo você ficar na praia sem fazer nada; então eu só vou pra praia se eu tiver um livro pra eu ler na praia. Aí eu fico o dia inteiro lendo. Aí tem um sentido pra eu ficar lá na praia, até paro, tomo água de coco, vou no mar e tal, mas eu tenho que estar lendo alguma coisa senão não vejo sentido de ficar na praia parada, sem fazer nada ((risos)) (Trecho transcrito da entrevista)

A leitura literária como alimento que deve ser consumido em grandes quantidades e em todos os lugares

Jane passou da avidez pela leitura das revistinhas de Maurício de Sousa, que durante a infância “não lia, mas comia”, para o prazer de poder escolher os finais dos livros juvenis que “ela devorava”, chegando a não se sentir bem quando não está lendo. Essa necessidade de leitura, reiterada por ela em diversos momentos da entrevista, é movida tanto pela liberdade de escolher o que ler, quando ler, como ler e onde ler quanto pela permanência do desejo de partilha dessa prática com o pai, conforme expresso no seguinte trecho da entrevista:

[...] Então eu fazendo a literatura portuguesa [...] quando eu comecei a estudar Pessoa, o olho dele [do pai] brilhava, falando comigo, sabe? E eu sempre gostei muito disso porque eu me achava tão importante. Eu falava assim: ‘Nossa! Eu estou falando uma coisa que meu pai sabe ((risos)); assim, não estou falando besteira, sabe? Estou no universo dele, no mundo dele.

Tudo se passa como se a disposição para a autonomia individual e para a iniciativa pessoal, construída por Jane em sua socialização familiar e entrelaçada por influências de constelações específicas de indivíduos (família ampliada, mãe do namorado, por exemplo), resultasse em um ecletismo de gostos em termos de práticas culturais e de leitura.

Assim, conforme informações do questionário, ela costuma ler, frequentemente, revistas, jornais, gibis (HQs) e textos de *Internet*. Em relação às leituras de jornais, prefere, (em todo o rol de escolhas prevalece a ordem decrescente): (i) notícias locais; (ii) notícias nacionais; (iii) notícias internacionais; (iv) esportes; (v) polícia; (vi) arte/cultura/literatura; (vii) televisão; (viii) turismo, viagens; (ix) moda/estilo/decoração; (x) saúde e comportamento. As revistas que costuma ler são: (i) de informação semanal (*Veja, Época e Isto É*, etc.); (ii) revistas acadêmicas e universitárias; (iii) HQ (mangás e quadrinhos, etc.).

Seus gêneros de livros preferidos são: (i) romances contemporâneos; (ii) narrativas românticas; (iii) literatura clássica; (iv) guias de viagem; (v) livros de culinária, decoração, bricolagem, jardinagem; (vi) livros de arte ou fotografia; (vii) história e relatos históricos; (viii) biografia e autobiografias; (ix) poesia; (x) literatura infanto-juvenil.

Os livros de culinária se destacaram na leitura de Jane, talvez isso se deva ao fato de estarem relacionados aos jantares que costuma realizar mensalmente em casa, dos quais participam um grupo de “amigos do jornalismo”: “[...] mas eu gosto mais de culinária brasileira, assim, eu tenho até livro disso, eu compro. Teve um almanaque de cozinha mineira que a *Abril* lançou, aí eu comprei [...] Tem um da minha bisavó lá em casa.”

Prazer ou gosto é o que mais a motiva a ler um livro de literatura e o título do livro é o fator que mais a influencia na escolha de um livro de literatura. Na entrevista, Jane detalha esse modo de seleção de sua leitura:

[...] Primeiro pela biblioteca dos outros. ((risos)) Quando eu vou à casa de alguém que vejo que a pessoa está lendo alguma coisa ou tem algum livro com título legal, aí eu já pego e já leio atrás... Eu gosto muito de entrar nessas livrarias e ficar olhando *best Sellers*, depois eu dou uma olhada nas outras coisas, eu adoro ficar na livraria, pra mim é uma terapia, [...] Vou pra ficar na livraria e eu fico, me divirto, acho um livro interessante, aí compro, aí leio. Então eu comecei a ler Shakespeare assim, eu estava numa livraria aí eu vi um livro [...] Aí eu comprei, levei o primeiro pra casa. Aí depois que eu levei o primeiro, aí viciiei [...] É mais assim que eu pego minhas referências de leitura; é muito pelos outros, pelo o que o outro está lendo,

pelo que indica; escritor novo, escritores novos, principalmente, eu pego muito de indicação porque...(Trecho transcrito da entrevista)

Ao ler um livro de literatura, se permitiria: (i) ler o mesmo livro mais de uma vez; (ii) o livro inteiro de uma só vez; (iii) mais de um livro ao mesmo tempo. Os três escritores de sua preferência são: (i) J. K. Rowling; (ii) Machado de Assis; (iii) Fernando Pessoa (títulos escolhidos, e enumerados por ordem de preferência da pesquisada, a partir de uma lista contendo os nomes de dezessete autores indicados pela pesquisadora, além de uma opção de livre escolha da pesquisada).

Seus três livros preferidos são: (i) *O Alienista* (Machado de Assis); (ii) *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis); e *Harry Potter* (J. K. Rowling). As três atividades de lazer preferidas de F. são: (i) navegar na *Internet* ; (ii) fazer compras; (iii) escrever. Declara ter aversão pelos gêneros: (i) livros de auto-ajuda ou orientação pessoal; (ii) livros de política, economia ou de ciências humanas.

Quando utiliza *Internet* , os sites que mais acessa são: (i) seus *e-mails*; (ii) notícias/textos informativos; (iii) *sites* de relacionamento (*Orkut, Facebook, twitter*, etc.). Os julgamentos mais próximos de sua opinião são: “Toda literatura contemporânea de qualidade me interessa” e “Adoro dança contemporânea”. Os gêneros de filmes preferidos são: (i) adaptações fílmicas de livros literários; (ii) romances; (iii) filmes históricos.

Na entrevista, Jane afirmou que *O Gato de Botas* foi o último filme a que assistiu no cinema, acompanhada da irmã há, aproximadamente, três meses. Relatou que frequentava pouco cinema, assistia a filme mais em casa e havia assistido *Narradores de Javé* na semana anterior à entrevista, avaliando-o como “muito bom”: “[...] há muito tempo atrás uma professora minha tinha comentado que esse filme era interessante. Aí eu faço isso, eu entro na locadora, aí eu vou perguntando pelas indicações que eu tenho. Então eu fui nesse e adorei, foi muito legal ((risos)), é brasileiro...”. Esse gosto eclético coincide parcialmente com o de seu namorado:

[...] Eu gosto de filme clássico também. Eu gosto desses filmes americanos e tal, *Hollywood* e tal. Aí, coincide, a gente assiste, a gente ri junto e tal, é gostoso. Mas Aí, quando está passando, lá na TV Cultura, *Chaplin*, que eu adoro ((risos)). aí eu vou assistir e ele [o namorado] já olha pra minha cara assim: ‘Ah, pelo amor de Deus, você vai assistir isso?’ ((risos)) Filme preto e branco, ninguém fala nada ((risos)) e eu gosto, eu acho legal. Então o meu gosto é muito diferente do das outras pessoas, na verdade. (Trecho transcrito da entrevista)

Portanto, esse ecletismo de seus gostos em termos de práticas culturais, de lazer e de leitura permite que misture, naturalmente, leitura, práticas, modos de ler e julgamentos de alto

grau de legitimidade cultural com leituras, práticas e modos de ler menos legítimos, como podemos ver nos relatos extraídos da entrevista, nos quais Jane cita exemplos de livros que marcaram sua vida, dos períodos em que leu esses livros e das mudanças de perspectiva nas releituras deles:

[...] Muito marcante que é um livro bobo, mas é muito marcante é o *Harry Potter*; é um livro que assim... Eu cresci lendo *Maurício de Sousa* e *Harry Potter* e foi ele que me levou para os outros, sabe? Então não tem como eu falar de literatura sem falar deles. Esse que eu já citei várias vezes que é o do Veríssimo, que é a minha vida, é esse livro *Comédias pra se ler na Escola*, ele é, muito, muito, muito marcante. *O Alienista* foi o meu primeiro clássico, foi o meu primeiro Machado de Assis. Então hoje eu leio Machado depois de ter lido *O Alienista* e... Achei muito feliz a escolha. Foi escolha de uma professora. Ela deu como sugestão e não era obrigatório, mas eu peguei pra ler e li. Eu acho que eu não teria chegado a gostar de Machado de Assis antes de entrar na faculdade se não fosse *O Alienista*, porque é um livro fácil, é um livro pequeno e tem muita gente que começa a ler Machado por *Dom Casmurro*, e aí pega um trauma danado porque *Dom Casmurro* não é livro pra você começar a ler Machado de Assis ((risos)). Então os livros que me marcaram muito foram esses assim [...] Eu li ele bem novinha porque ele é um livrinho pequenininho. Eu li ele bem novinha, e apesar da idade eu tive interesse no *Alienista* [...] Até hoje, uns dos meus livros favoritos é *O Alienista* porque ele é gostoso demais, a literatura dele é gostosa... (Trechos transcritos da entrevista)

Jane salientou a necessidade de reler alguns livros e como exemplo desse modo legítimo (profissional) de se apropriar das obras literárias, ou seja, por meio de releituras, citou *O Alienista*:

[...] Eu sempre descubro alguma coisa diferente naquele livro quando eu releio [...] Machado de Assis é muito interessante de ler porque toda vez que a gente lê a gente vai ver que ele fez uma virada na história que você não tinha percebido bem e talvez aquilo faça toda diferença na compreensão final [...] Então assim a última vez que eu li já tem uns três anos [...] Acho isso muito legal. Acho que uma das coisas mais gostosas da literatura. Eu não consigo ler um livro e depois não reler. Talvez por isso minha necessidade de comprar o livro, de ter o livro comigo, sabe? (Trecho transcrito da entrevista)

De qualquer forma, ao lado desse modo de ler legítimo (uma obra também legitimada do ponto de vista dos padrões estabelecidos para uma leitura mais especializada) persistem maneiras comuns de ler obras menos legítimas. Nesse sentido, é interessante notar como Jane analisa dois livros igualmente tidos pela crítica literária como gêneros menores, *Crepúsculo* e *Harry Potter*, recusando a leitura do primeiro, porém validando a leitura do segundo, baseando-se em esquemas de apreciação geralmente utilizados por leitores comuns, buscando pontos de contato entre a realidade social, externa aos textos, e a narrativa ficcional. Assim, ao comentar os motivos que a levaram a não gostar da leitura do livro *Crepúsculo*, ela afirma:

[...] O *Crepúsculo* foi pela história, na minha época vampiro não brilhava no escuro ((risos)) pra mim isso é muita modernidade ((risos)). Então eu li, mas eu achei que ela [a autora] deturpou muito, assim, porque, igual o Harry Potter que eu gosto, ele tem, por exemplo, a figura do centauro. Você vai ler o que é a figura do centauro no Harry Potter, você vai ler o que é a figura do centauro. Em qualquer outra literatura o centauro é o mesmo, ele é aquele cavalo com cabeça de homem, não sei o que lá, ele é o mesmo. Você lê o *Crepúsculo*, você fala: ‘mas o lobisomem desse jeito!’ Isso não é um lobisomem, sabe? Ou que ela inventasse um personagem não fosse um lobisomem fosse outra coisa uma coisa que nunca tivesse sido inventada, sabe? [...] Achei forçado [...] Acho que podia ter criado um hibridismo [...] Esse contrato de veracidade que a gente tem com o livro é uma coisa complicada porque a veracidade do vampiro cresce com a gente, vampiro é tal coisa. Aí quando você lê que é outra coisa você fala: ‘não é’ ((risos)) (Trecho transcrito da entrevista)

Outro exemplo também distanciado dos padrões da leitura tradicional validada na academia é a leitura do *best Seller*, *Código de Da Vinci*, escrito por Dan Brown: “[...] teve uma literatura mais recente, Dan Brown que escreveu *O Código de Da Vinci* e tal, eu li todos. Alguns eu gostei, alguns eu não gostei, mas aí como eu já li todos. Aí eu começo a ter mais envolvimento, aí eu procuro saber mais...”.

Portanto, esse ecletismo cultural de Jane, produzido em um contexto familiar marcado por uma tensão entre o desejo de se apropriar do capital cultural do pai, nem sempre disponível no ambiente familiar, e a liberdade como tônica do projeto educativo da mãe, menos voltada para a leitura literária, parece refletir também nas suas escolhas profissionais, como analisaremos no próximo tópico deste retrato.

No curso de Letras: entre a busca pela apropriação do capital literário conforme os padrões estéticos acadêmicos e a permanência de uma forte disposição para a autonomia individual nas escolhas literárias

De acordo com informações do questionário, antes de cursar Letras, Jane cursou jornalismo, opção que comenta na entrevista: “foi por uma escolha minha. Na verdade eu quis a PUC [Pontifícia Universidade Católica] porque o curso daqui era muito teórico na época [...] Eu queria Jornalismo mesmo e na PUC o curso era mais prático. Não me arrependo; foi muito bom o curso que eu fiz lá.”

[...] E aí quando eu me formei, eu trabalhava assim fazendo mais coisas pro meu *blog*, mantendo meu *blog*, mas aí depois de um tempo eu parei porque todo mundo falava comigo que minha escrita era muito narrativa, que eu ((risos)) que eu tinha que ser mais prática, mais objetiva pro jornalismo e eu não conseguia alcançar essa objetividade do jornalismo. Então eu preferi fazer Letras, eu praticamente emendei um curso no outro. Eu preferi fazer Letras e deixar o Jornalismo um pouco de lado, até pra eu poder amadurecer mais o que eu queria, o que eu sabia fazer, que não adianta a gente querer e não conseguir... (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de ter assinalado, no questionário, como motivo principal que a levou a cursar uma graduação em Letras o gosto e/ou interesse pela escrita e de ter reiterado essa ideia na entrevista, “o sonho de ser professora” parece ter concorrido também para seu ingresso no curso de Letras:

[...] Eu sei que na verdade eu tive um desvio na minha história porque eu sempre quis ser professora [...] Quando eu era criança, era apaixonada. Eu sempre tive um quadro lá em casa, que eu brincava de ser professora. Eu passava exercício no meu quadro. Todo dia eu brincava que eu era professora; todo dia, e eu admirava meus professores como se eles fossem deuses. (Trecho transcrito da entrevista).

É possível também que tanto a opção pelo curso de Letras seja resultado da interiorização do desejo do pai que, de acordo com a afirmação de Jane, “é muito encantado com essas coisas de literatura”, assim como o “sonho” de ser professora seja o produto de outra interiorização, dessa vez, da mãe que, mesmo deixando a filha livre para escolher o curso que a “fizesse feliz”, previa que ela faria algum curso na área de Línguas: “a minha mãe percebia [...] ela sabia que o meu lado inevitavelmente eu ia pra alguma coisa ligada ao português. Ela sabia que eu ia acabar na Letras. Ela sabia disso, mas ela não falava muito, sabe?”

Tudo se passa como se os pais de Jane em decorrência de sua própria divisão interna “enfrentassem ambivalências e tensões entre o desejo de ver a filha competitiva e bem sucedida escolarmente, ao mesmo tempo que desejavam vê-la feliz e realizada quando isso se dá em detrimento do êxito escolar” (Singly, 1995, 1996b e 1997; Dubet e Martuccelli, 1996a e 1996b) (NOGUEIRA, 2005:568).

Na época da aplicação do questionário de pesquisa, Jane não trabalhava. Aproximadamente um ano depois, na entrevista, Jane afirmou que passou a trabalhar como professora em um curso de Inglês e em uma escola da rede particular de Belo Horizonte.

No questionário, definiu o currículo principalmente procurando cursar as disciplinas necessárias para se formar, buscando aliá-las a seu gosto. A área do curso de Letras de que mais gosta é Linguística e foi também nessa área que ela cursou mais disciplinas. Declara possuir grau de dificuldade razoável nas disciplinas das áreas de Ensino e de Literatura, considera fácil a área de Línguas estrangeiras e difícil a de Linguística. Considera seu nível de conhecimento bom em todas as áreas do curso de Letras. Não encontrou dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I e ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, julgou que seu gosto e suas preferências coincidiam parcialmente com as dos

professores dessas disciplinas. O fato de já ter lido parte dos livros prescritos antes de seu ingresso no curso ativou uma disposição sempre presente em suas práticas: a releitura, acerca da qual ela comenta:

[...] Isso aconteceu demais na minha vida, de pegar livro pra ler que eu já tinha lido umas duas ou três vezes porque o professor pedia pra ler. Está acontecendo de novo, porque a professora de uma disciplina que eu estou fazendo pediu pra gente ler *O Encontro Marcado*. Eu falei: ‘Ah, meu pai sabe o *Encontro Marcado* até de cor’ ((risos)) não, mas vou ler de novo porque toda vez que a gente lê a gente acha alguma coisa diferente, então vou ler de novo. (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar dessa coincidência parcial dos gostos, Jane demonstra inquietação, não em relação às leituras do curso, mas sim pelo fato de terem sido obrigatórias, como podemos inferir do seguinte trecho da entrevista, no qual ao responder se o saber universitário influencia sua leitura, ela comenta:

[...] Eu acho que a nossa leitura é uma coisa tão subjetiva, porque ela depende de diversos fatores: se aquele dia você está cansada, você vai ler mais rápido, se no dia você está sem ter nada pra fazer você vai mastigar cada página com calma pra você ver o que está acontecendo. Então, acho que a leitura depende muito... Uma coisa que eu percebi é que [...] quando mandam a gente ler um livro a nossa reação é completamente diferente de quando a gente pega um livro pra ler porque a gente quer. E isso eu senti muito aqui na faculdade de Letras, às vezes o professor virava e falava assim: ‘Você tem que ler esse livro’. A gente já ia com preconceito assim do livro ((rs)). Às vezes o livro era ótimo, mas já tinha preconceito. Agora, essas questões de teoria da literatura são interessantes quando tem um diálogo entre os textos, porque às vezes você lê um livro que está fazendo referência a uma outra coisa e que se você talvez não tivesse feito essa faculdade, essa coisa assim você não teria percebido, aquilo não atrapalharia a sua leitura, mas você percebendo fica bem mais legal [...] Então você já vai fazendo umas associações que você não tinha essas associações mentais antes [do curso de Letras] e aquilo te ajuda inclusive a compreender porque a *Emma* lá do conto *Murilo Rubião* fez tal coisa, porque não era qualquer Emma. Então acho que influencia nisso.

Se por um lado essa rejeição de Jane quanto à prescrição de leituras no curso é bastante coerente com sua disposição para a autonomia individual e para a iniciativa pessoal, por outro sua aceitação posterior dos conhecimentos teóricos da literatura parece harmonizar-se com o desejo de apropriação do capital literário e da crença em seu valor. Assim, no questionário, quando solicitada a citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, a pesquisada citou Borges no primeiro caso e nenhum no segundo.

Tudo se passa como se o fato de não ter encontrado no curso de Letras um contexto favorável para a atualização de sua disposição para autonomia individual e para a iniciativa

pessoal tornasse possível a mobilização de disposições para a leitura de estudo, menos voltada para escolhas baseadas no gosto pessoal, como podemos inferir no seguinte depoimento:

[...] Acho que talvez os livros de Vestibular, eu estou com um na cabeça agora que foi um da Henriqueta Lisboa, aquele a *Flor da Morte* que a escola mandou. Eu jamais leria um livro daquele porque no começo... Nossa! Que livro depressivo, que coisa triste, porque Henriqueta tem uma fase que, Nossa Senhora!... mas depois eu acabei gostando assim, depois que eu comecei a trabalhar mais com ele, eu até aqui na faculdade de Letras eu comecei a gostar. Eu tinha um preconceito com ele, você falava *Flor da Morte* comigo, eu falava *cruz credo!* ((risos)) (Trecho transcrito da entrevista)

A adesão relativa de Jane ao curso pode ser confirmada também por meio de sua opinião, assinalada no questionário, segundo a qual o curso de Letras oferece formação cultural, intelectual e literária regular e boa formação profissional, e ainda pelo fato de ela dedicar, em média, de três a quatro horas semanais à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras, e menos de uma hora semanal, em média, às leituras espontâneas.

Assim, no momento da aplicação do questionário, Jane estava lendo quatro livros indicados pelos professores do curso de Letras: *O Primo Basílio* (Eça de Queirós); *Madame Bovary* (Flaubert); *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis) e *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo), sendo que *O Primo Basílio* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, segundo ela, coincidem com seu gosto pessoal.

Essa relativa adesão às práticas de leitura e de escrita baseadas no saber literário especializado parece ter ocorrido de modo gradativo e com esforço de superação de si ao aceitar as leituras prescritas, o que pode ser inferido dos trechos da entrevista em que Jane comenta a influência do curso de Letras em suas preferências literárias e nos seus modos de ler literatura:

[...] Eu acho que a minha leitura sempre foi boa, eu nunca tive resistência com a literatura igual as pessoas têm, porque, na verdade, quando a gente começa a ler, a gente tem muito daquela coisa que o professor que manda você tem que ler por causa da escola e tudo. [...] Porque quando eu fazia Jornalismo eu tinha medo de gostar de literatura, dessa literatura fantástica, dessa literatura que não está no nosso cotidiano, não está no nosso dia a dia e eu me sentia muito culpada por isso, porque eu achava que eu tinha que ler, eu tinha que gostar era da biografia, não era da literatura fantástica, da coisa diferente. Aí quando eu cheguei na Letras eu descobri que tem um mundo paralelo porque ((risos)) você pode ler uma coisa por prazer por gosto e aquilo pode ser seu objeto de trabalho, sabe? Esse livro mesmo que eu te falei no começo, que eu li quando eu era mais nova esse *Comédias pra se Ler na Escola*, eu jamais imaginei que eu fosse trabalhar com um livro desse tipo e hoje eu estou trabalhando com ele [...] Quando a gente lê só por prazer sem nenhum conhecimento teórico, sem nada, a gente lê só por prazer. Quando a gente tem algumas noções teóricas de estruturas narrativas e tudo mais. Eu fico pensando

nisso: ‘Nossa! Que legal! Ele usou tal coisa aqui pra dar esse sentido...’, eu já consigo pensar nisso, essa questão que eu não tinha antes. Então, pra isso me ajudou muito [...] diferenciou na verdade porque eu continuei lendo, lendo, mas hoje eu leio com um olhar mais crítico, percebendo mais as coisas que eu não percebia. Antes eu lia porque eu queria ler. Aí, hoje mesmo lendo por querer ler, eu falo: ‘Olha, que legal, acabou esse capítulo aqui e começou outro...’ Machado tem muito disso, que acabou o capítulo aqui, começa outro que não tem nada a ver, mas na verdade tem tudo a ver ((risos)) Aí, você para pra pensar na estrutura narrativa que faz aquele capítulo ter tudo a ver com o outro que era uma coisa que eu não pensava antes e eu comecei a pensar depois da faculdade de Letras. (Trechos transcritos da entrevista).

Excetuando-se os livros obrigatórios do curso de Letras, Jane assinalou, no questionário, que lê mais de cinco livros anualmente. Embora tenha assinalado que nunca participou de nenhum grupo de organização cultural, educacional, esportiva, religiosa ou política, declarou na entrevista, realizada meses depois do questionário, que participou do grupo jovem da Igreja Católica do bairro onde mora.

O pai, a mãe do namorado e um grupo de amigos continuam a influenciar seu gosto pela leitura. Apesar da heterogeneidade, este último influencia minimamente a leitura de Jane, que se mostra mais propensa à influência dos professores do curso:

[...] Então assim meu ciclo de amizade é totalmente heterogêneo. Tem gente da igreja, tem gente que era amigo da minha irmã e ficou meu amigo, tem gente que ficou mais meu amigo do que da minha irmã, e estudava com minha irmã, e tem o pessoal do Jornalismo. [...] Às vezes a gente escuta algum professor falar: ‘Ah, tem um livro que é bacana, e tal, acho que vocês deviam ler.’ Aí, eu já pego e leio, às vezes não naquele semestre, mas eu anoto e aí logo depois ou quando eu entro de férias eu lembro daquilo e pego pra ler. (Trecho transcrito da entrevista)

Jane afirma que atualmente seu gosto coincide mais com o dos professores “porque não tem quem lê em volta de mim que lê até as mesmas coisas que eu”. Recentemente, indicou o livro *1984* (George Orwell) para seu chefe: “aquele *1984*, aquele livro do George Orwell que é muito legal, aí ele estava falando não sei de quê, aí eu falei: ‘Ah, você está me lembrando um livro que eu li e tal, aí ele leu, gostou, comentou comigo que tinha gostado”.

Contudo, do conjunto de afirmações, sejam escritas, sejam faladas, o que se defere é que Jane parece transitar entre as leituras do curso e as leituras comuns, ora esforçando-se por incorporar as práticas de leitura especializadas, ora “mergulhando nas situações, identificando-se como os personagens” (LAHIRE, 2003:93), como relata:

[...] Quando leio eu sempre relaciono ou com alguém que eu conheço ou comigo até pra eu dar um quê de veracidade na história, sabe? Eu acho que fica mais gostoso de ler quando você, por exemplo, lê uma descrição no livro [...] Aí tudo que você imagina do livro, você já dá aquele corpo pro personagem, eu sempre fiz isso. (Trecho transcrito da entrevista)

Quadro 9 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Jane

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>Pão Quente e Cenouras Frescas</i> (<u>Elza Cesar Sallut</u>)	<i>Turma da Mônica</i> (Maurício de Sousa)	<i>O Alienista</i> (Machado de Assis)	<i>Chatô – O Rei do Brasil</i> (Fernando Morais)
			1984 (George Orwell)
<i>Turma da Mônica</i> (Maurício de Sousa)	<i>Harry Potter</i> (J. K. Rowling)	<i>Shakespeare</i> (não citou livro)	<i>Capitães de Areia</i> (Jorge Amado)
	<i>Comédias pra se ler na Escola</i> (Luís Fernando Veríssimo)		<i>O Encontro Marcado</i> (Fernando Sabino)
	<i>O Alienista</i> (Machado de Assis)		<i>Código de Da Vinci</i> (Dan Brown)
			<i>Dom Casmurro</i> (Machado de Assis)
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido voluntariamente antes da entrevista	Livros não-literários
<i>Caçador de Pipas</i> (Khaled Hosseini); <i>Crepúsculo</i> (Stephenie Meyer)	<i>Flor da Morte</i> (Henriqueta Lisboa)	<i>Como falar com um viúvo</i> (Jonathan Tropper)	-
Livros da autora Marian Keyes	Murilo Rubião (não citou título)		
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>O Alienista</i> (Machado de Assis)	<i>O Primo Basílio</i> (Eça de Queirós)	<i>O Primo Basílio</i> (Eça de Queirós)	(i) Adorou: Borges
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)	<i>Madame Bovary</i> (Flaubert)	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)	(ii) Detestou: -
<i>Harry Potter</i> (J. K. Rowling)	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)		
	<i>O Cortiço</i> (Aluísio Azevedo)		

4. 10 RAUL

Raul tem 23 anos, é branco, solteiro, não tem filhos e declara não pertencer a nenhuma religião. Nasceu em uma cidade do interior de Minas Gerais, onde morou com a família até completar dezessete anos. Atualmente mora com a tia em um bairro da região centro-sul de Belo Horizonte. Raul demonstrou realizar grandes investimentos na carreira acadêmica. No período de tempo transcorrido entre o questionário e a entrevista, foi aprovado no Vestibular para o curso de Direito da UFMG. Optou por conciliar o curso de Direito nessa universidade com o término do curso de Letras em uma faculdade particular. Oriundo de família dotada de capital cultural mediano, que, por valorizar o conhecimento escolar e a formação acadêmica, incentivava os filhos a estudar: “eu cresci com ele [o pai] falando que a gente tinha que estudar”. Raul tem dois irmãos que residem nas cidades do interior onde morou em períodos alternados de sua vida. O seu irmão mais velho é formado em Direito, não exerce a profissão, e alega que gostaria de ter cursado Educação Física; a irmã mais nova trabalha em uma loja durante o dia e cursa Direito à noite. A mãe é formada em Pedagogia, mas não exerce a profissão, é vendedora. O pai abandonou o curso de Direito da UFMG e o de Administração da PUC, trabalhou em uma biblioteca da cidade do interior onde morava e se aposentou. Socializado inicialmente em um ambiente distanciado da cultura literária, Raul se apresenta como um leitor mais escolar do que literário, para quem a leitura parece representar mais uma obrigação escolar do que um gosto. Assim, seu gosto por obras consagradas está tão vinculado à crença na necessidade da leitura como investimento cultural que ele afirma: “gostava ao mesmo tempo de ler, mas ao mesmo tempo também por necessidade; não sei se eu leria se não fosse obrigado, entre aspas”.

Estrutura Familiar

De acordo com informações contidas no questionário aplicado em sua turma em abril de 2011 e na entrevista realizada aproximadamente um ano mais tarde, a mãe de Raul possui graduação em Pedagogia, mas exerceu essa profissão por pouco tempo. Atualmente, ela é vendedora de roupas em uma loja. Conforme o ponto de vista de Raul, a mãe “lê pouco”, “ela fala que queria estudar, mas a mãe dela nunca deixou ela estudar fora. Então acabou não podendo estudar. Vontade também ela tinha”.

O pai iniciou dois cursos, Direito na UFMG e Administração na PUC Minas, mas não chegou a concluir nenhum deles porque, segundo Raul, gostaria de ter cursado História e desejava ser professor:

[...] Ele falava que podia ter feito outro curso, um curso que ele gostasse.
 [...] Ele abandonou [Direito e Administração]. Ele matava muita aula, morava aqui em BH e foi pra minha cidade. Lá, conheceu minha mãe e casou e tal e não terminou o curso. [...] Ele falava que ele não gostava de estudar mesmo e não gostava do curso. [...] Meu pai até morava com a tia que eu moro hoje, aí ela falava que fica até com dó porque ele estudou dois anos, matando aula dois anos, e ela até pensava que pra ele foi muito ruim porque ele não estudava e também dois anos sem fazer nada e aí quando ele quis voltar, ela não se opôs muito porque ficou mais pensado por esse lado de ter sido ruim pra ele. Meus avós, pelo que eu lembro, eles não gostaram muito, não, mas, aí também não forçaram ele a voltar. Minha tia até fala que comigo ela não deixaria fazer isso. Não deixaria eu voltar pra lá assim tão facilmente.
 (Transcrição da entrevista)

O pai de Raul trabalhou na biblioteca do SESI (Serviço Social da Indústria) em uma cidade do interior de Minas; atualmente é aposentado e se encarrega da administração das terras do avô.

Raul desconhece a escolaridade de seus avôs e avós paternos e maternos, teve pouco contato com estes últimos, mas quando criança costumava passar alguns finais de semana com os avôs paternos, que demonstravam grande afeto por ele.

Conforme afirmou na entrevista, costumava ver a avó lendo livros religiosos, de auto-ajuda, a Bíblia e, ainda, livros de Sidney Sheldon, sendo esta última leitura amplamente compartilhada pelo pai dele. Porém, havia assinalado no questionário, alguns meses antes da entrevista, que durante a infância não costumava ver ninguém lendo em sua casa.

Diante dessa contradição, podemos levantar a hipótese de que, na época em que respondeu ao questionário, Raul tenha se baseado na concepção tradicional de leitura, a qual não consideraria os gêneros de livros lidos pela avó e pelo pai como leitura, mas talvez a entrevista, pelo fato de possibilitar maior flexibilidade das respostas (e comentários), tenha sido mais eficaz para evitar os “recortes habituais das atividades sociais que tendem a torná-las invisíveis até mesmo para aqueles que as praticam” (LAHIRE, 2004: 168), possibilitando a investigação de práticas de leitura vistas por Raul como não- leitura.

Essa hipótese é reforçada pela seguinte afirmação do entrevistado: “[...] se bem que ela [a avó] lia, sim, Sidney Sheldon ela lia bastante; meu pai também”. Além disso, ele se lembra de que “lia gibí, quando criança”, “muita revista em quadrinho da *Turma da Mônica*”, o irmão possuía muitas revistinhas, das quais o “pai tinha coleção”.

Assim, apesar de reiterar na entrevista que seus “pais não têm hábito de leitura” e de ter assinalado no questionário que, durante a infância, ninguém lia histórias ou livros de literatura infantil para ele, tampouco era presenteado com livros e, ainda, que, na sua formação como leitor, ninguém especialmente o incentivou a ler, Raul revela na entrevista a presença da leitura e de leitores em seu ambiente familiar, como podemos ver em alguns trechos da entrevista, destacados e comentados adiante:

[...] Eu lembro que lá em casa tinha muito livro, eu acho que meu pai pegava na biblioteca, acho que ele ganhava lá no SESI ou então a gente pegava emprestado. A biblioteca era perto da nossa casa, mas como presente nunca teve esse hábito não.
 [...] Eu lembro de ter lido o livro do *Pequeno Príncipe* várias vezes quando criança e não ter entendido nada, entendeu?

Embora o exemplar do livro *O Pequeno Príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry) pertencesse à mãe de Raul, ele nega que o tenha lido por sugestão dela e afirma que sua leitura fora motivada por curiosidade: “Li várias vezes [...] Eu tive curiosidade [...] Acho que a minha mãe tem esse livro, deve estar lá em casa até hoje e eu lia muito quando criança. Aí eu lembro, li até mais de uma vez [...] Eu não entendi [...] não tinha idade”.

Em outro trecho da entrevista, depois de relatar a relação da família com os livros, Raul parece tomar consciência do tempo de sua permanência na biblioteca em que o pai trabalhava e dos significados construídos nesse ambiente no período da infância:

[...] Nessa época, eu não sei por quê, olhando hoje eu não sei como que era um livro: hoje eu sei que ele é caro, [...] que não é de primeira necessidade. Na época eu não sei como que era essa referência, mas como eu disse livro como presente não era, não tinha esse costume. [...] Então, ele [o pai] trabalhava lá [na biblioteca] e então, depois da aula, eu sempre ficava com ele esperando dar o horário pra gente ir embora. Então ele levava muito livro pra casa e eu pegava alguns pra ler, mas uns de criança mesmo. Então eu passava lendo... É, pensando hoje, eu passava muito tempo na biblioteca com ele. [...] Ah, a tranquilidade, o silêncio, assim e tal. (Trechos transcritos da entrevista)

No contexto dessa socialização familiar, a leitura surge também como incentivo do pai que “fazia questão que os filhos estudassem”. Raul morou com os pais e os irmãos até os treze anos de idade. Depois da separação dos pais, morou até os dezessete com a mãe e o irmão. Então veio para Belo Horizonte morar com a tia.

Atualmente, a irmã reside com o pai, trabalha durante o dia em uma loja e à noite cursa Direito. O irmão continuou morando com a mãe na cidade do interior de Minas Gerais, é formado em Direito, mas não exerce a profissão; é funcionário público, ocupa o cargo de assistente administrativo da prefeitura da cidade onde mora e, segundo Raul, seu irmão “até

faz concurso, faz cursinho pra concurso e tudo, mas ele faz mais pra tentar melhorar de vida, não porque ele gosta mesmo”.

Raul relata na entrevista que os pais tinham uma relação “sempre bem aberta mesmo” no que diz respeito à escolha acadêmica e profissional dos filhos:

[...] Eu cresci querendo Direito. Aí, no 2º ano, quis Comunicação, fiz vestibular pra Comunicação e não passei. Aí, no cursinho, eu mudei pra Letras, [os pais] não foram contra, aí fiz e passei. Quando eu fiz Direito também apoiaram; sempre a decisão que eu tomei, nunca influenciaram não. (Transcrição da entrevista)

Essa atitude “aberta” dos pais é criticada por Raul, pois considera que a interferência dos pais poderia ter auxiliado o irmão a ter optado pelo curso de Educação Física em vez do de Direito, do qual ele não gostava.

[...] Não sei se acho até que eles pecaram por meu irmão não exercer, não ter gostado do curso e por gostar mais de esporte; assim, acho que deveria ter feito Educação Física, mas aí na época não falaram nada. Hoje meu irmão pensa isso também, às vezes um pouco. Mas aí tem até esse lado de deixar a pessoa tomar a atitude dela, mas também não, mais pra frente isso pode ser negativo, como no caso do meu irmão. (Transcrição da entrevista)

Excetuando-se a tia, com quem mora atualmente, Raul afirma ter tido pouco convívio com a família ampliada: “não tem primo da minha idade; são todos da idade do meu irmão pra cima”. Mesmo com essa tia, o contato não era tão frequente: “ela ia lá [em casa] de vez em quando”. Ela, assim como os pais, não possui muita cultura literária: “ela lê, mas ela lê jornal, revista [...] ela lê de vez em quando livros, ela até tem uma cultura boa, mas ela não é de ler assim não”.

Assim, ao se referir à tia, que é funcionária pública aposentada do Tribunal do Trabalho, Raul indica o reconhecimento do valor de uma “cultura” geral, fora do contexto literário.

No contexto familiar, a presença dessa tia é marcante na socialização de Raul. Quando mudou de curso, ela continuou pagando faculdade particular para que ele concluísse o curso de Letras (simultaneamente ele passou a cursar Direito). Ao contrário dos pais, a tia de Raul é vista por ele como alguém que o orienta e se preocupa com ele: “[...] Até como eu moro com minha tia, então ela preocupa com minha saúde, então até que eu me alimento bem. [...] Por ela ser mais velha, ela fala da preocupação que ela está passando pra mim, basicamente isso.”

Raul não cita exemplos de seu envolvimento em práticas de escrita no período de infância e adolescência. Ao contrário, parece se afastar dessas práticas, valorizando a troca de informações imediatas sobre autores e obras com o irmão, os professores, os colegas e a

mídia. Assim, indagado quanto a, durante a infância ou adolescência, ter mantido algum caderno, alguma agenda onde anotava as suas intenções de leitura e/ou de filmes, Raul respondeu:

[...] Eu ia pela cabeça mesmo, pelo ouvir falar. Até hoje, assim, eu guardo na cabeça, assim, às vezes eu anoto [...] ou então quando eu vou na biblioteca eu vou por autor, já sei quais que são os mais famosos, quais que o pessoal gosta, aqueles que a crítica não gosta e etc. (Trecho transcrito da entrevista)

Ao relatar o convívio com os irmãos e os vizinhos no período da infância, Raul menciona predominantemente o envolvimento com atividades de lazer no ambiente familiar:

[...] Ah, jogava *vídeo-game*, eu mais com meu irmão, mais, jogava bola com ele na rua, às vezes ia pra casa de amigos, [...] Jogos de tabuleiro também. [...] É, tinha dia, é, eu ia muito pro clube quando criança, não com vizinho, mas com pessoal que ia pro clube mesmo, amigo de jogar futebol, nadar, aí outros esportes, peteca. (Trechos transcritos da entrevista)

O entorno de Raul, embora não estivesse cercado por produtos culturais legítimos, proporcionou-lhe a vivência de algumas formas de leitura, dentre elas, a literatura infantil ligada ao período de início escolar e, posteriormente, a leitura mais pragmática, para realizar as provas da escola, por exemplo: “eu lia porque gostava de ler, mas eu lia mais pela necessidade mesmo, de que era indicação que ia cair em prova e coisa assim”.

Na escola: a crítica ao trabalho escolar e à precariedade das bibliotecas

Conforme dados da entrevista, Raul realizou parte de sua escolarização básica na escola do SESI no interior de Minas onde o pai trabalhou como bibliotecário. Posteriormente, passou por diversas escolas situadas em outra cidade do interior de Minas, onde passou a morar com a mãe e cursou o último ano do Ensino Médio em uma escola pública de Belo Horizonte. Afirmou não se lembrar de nenhuma dificuldade decorrente dessa rotatividade de escolas.

No período de seu início escolar ele se lembra de que a mãe ajudava a irmã nos deveres de casa, mas não se lembra se ela auxiliava também ao irmão mais velho e afirma que aos seis anos de idade fazia os deveres de casa “sozinho”. Atribui sua formação leitora à escola, indicando períodos de maior ou menor intensidade dessa prática:

[...] Quando criança eu tinha muito costume de ler, até lembrando assim, eu tinha mesmo costume de ler. Tinha aquela coleção *Vaga-lume*, aqueles livros pequeninhos, tinha uma série de livros, lembro de ter lido vários. Quando fui

crecendo, eu fui perdendo esse hábito de leitura, até ficar mais velho em relação à infância, meus interesses eram outros, era mais diversão mesmo. E depois, no Ensino Médio, eu lembro que não tinha o hábito de leitura. Também assim na sétima, oitava série, eu lia os livros que eram indicados, os que eu gostava de ler, lia os indicados. No Ensino Médio já não tive tanto o hábito, fui perdendo mais ainda e não lia os livros. Conseguia resumo na *Internet* e não gostava de literatura. E aí, quando eu mudei pra BH, formei, aí fiz outro cursinho e no cursinho eu passei a ter de novo o hábito, o gosto pela literatura. E aí foi até onde que eu gostei de dois professores, que eu gostei muito da aula deles, pela influência, e aí que decidi fazer Letras. Na faculdade, no começo eu estava muito feliz, assim, pelo curso, gosto até hoje dele, que eu estudo no [nome da faculdade] e gosto da leitura. No começo eu lia mais também, lia mais nas férias, não lia tanto, assim, lia nas férias como lazer que era até texto, mas texto teórico a gente teve mais contato. (Trecho transcrito da entrevista).

Raul relata que na época em que cursava a sétima ou oitava série havia uma professora de Português que era amiga da mãe dele: “ela me emprestava os livros que ela indicava, aí eu lia os livros, eram até mais livros mais pra aquela idade”. Ele afirma que gostava desses livros, embora tenha se lembrado somente de um título lido, sobre o qual comenta: “eu me lembro de um que era de contos *O Vendedor de Queijos*, eu acho, mas era de contos curtos. [...] Daí, eu não sei, olhando hoje eu o acho imaturo, mas na época eu não sei como que era”.

Raul afirma também que, nessa época, não tinha expectativa de ler esses livros emprestados pela professora, que “não tinha idade” para apreciar essas leituras e que suas preferências “na adolescência era mais diversão mesmo” (“ia pra casa de amigos, saía, jogava bola também na escola”).

No recapitulação de sua trajetória escolar, Raul critica as escolas onde estudou e revela que a universidade Federal não fazia parte do “universo dos possíveis³⁹” (BOURDIEU, 2008:216) para os estudantes do interior:

[...] Ah, eu vejo que hoje a escola do interior da minha cidade está muito pra trás, acho que o interior de uma forma em geral, está o muito pra trás em relação a Belo Horizonte, em relação a outras coisas, [...] Por exemplo, os professores nem sempre têm curso superior. Às vezes, eu lembro disso, no ensino fundamental rolava um boato de uma professora nossa que não era nem formada, não com comparação assim com a formação do professor. [...] Vestibular, por exemplo, pra nós virmos pra Federal é assim muito longe, que hoje eu moro em BH, eu passei a ver de perto isso, pra quem é do interior é uma coisa bem distante também do objetivo prático. (Trecho transcrito da entrevista)

Raul salienta diferentes visões e posturas suas em relação ao seu uso da biblioteca. Conforme a época, mudavam-se as perspectivas e expectativas sobre aquele espaço. Se no período da infância ele passou boa parte do tempo na biblioteca em que o pai trabalhava,

³⁹ O sistema dos possíveis “é, sem dúvida, uma dimensão essencial do que faz a historicidade das maneiras de pensar e das visões do mundo, assim como a contemporaneidade dos indivíduos e dos grupos associados a mesma época e ao mesmo lugar.”(BOURDIEU, 2008: 524).

apreciando o ambiente silencioso e tranquilo, na fase da adolescência os motivos que o levavam a frequentar biblioteca variavam e também a visão que passou a ter sobre esse ambiente alterou-se drasticamente:

[...] Em todas as escolas [as bibliotecas] eram nuas, assim, não tinha o hábito, não tinha a referência, não tinha estrutura, mesmo a particular não era boa a biblioteca. Pensando como eu vejo hoje uma biblioteca, a gente tinha pouco hábito de ir na biblioteca, estudar lá, de pegar livro emprestado como eu pego nas duas faculdades em que eu estudo; eu pego, se eu precisar de livros, tendo a estrutura que tem. Eu vejo que, mesmo assim na particular, não tem essa cultura, assim, de biblioteca, de ir lá pra estudar, ela era pequena, tinha poucos livros, era um lugar que a gente ia pra matar aula, pra quando era expulso de sala, quando não tinha aula; o lugar não era assim pra estudo, pra leitura. (Trecho transcrito da entrevista).

A leitura: entre disposições pragmáticas e hedonistas

A socialização familiar baseada em relações relativamente liberais, às vezes interpretadas por Raul como de omissão dos pais na orientação do futuro escolar dos filhos (conforme analisado em um dos tópicos anteriores deste retrato), parece ter contribuído para a constituição de disposições tanto pragmáticas quanto hedonistas de Raul. Essas, por sua vez, parecem variar de acordo com as mudanças de contexto.

Assim, conforme a fase da vida, o nível de exigência da instituição escolar, a percepção que tem naquele momento acerca da necessidade de leitura na vida ou na instituição, as relações com outros indivíduos, Raul ativa ou coloca em estado de vigília suas disposições de leitura (assim, intensifica a leitura na infância, a reduz na adolescência, volta a ler mais no cursinho) ou altera seus modos de uso da biblioteca (ora permanece muito tempo e escolhe livro na biblioteca, ora frequenta pouco e “mata aula” na biblioteca, etc.), por exemplo.

Uma dessas maneiras de selecionar suas leituras foi relatada por Raul da seguinte forma: “ah, eu escolhia aqueles que eram o que a gente tinha que ler; então não era uma escolha, né?” Na sequência, afirma que nesse período não havia outras práticas de leitura além dessas obrigatórias.

Menciona um época em que parou de escolher livros na biblioteca e passou a selecionar suas leituras de outro modo: “Ah, como eu estava no ambiente da Letras, lá tem muita indicação o tempo todo de professor, de amigos aí era por isso mesmo”.

A partir de então, Raul passou a investir na leitura como forma de descobrir novos universos e ampliar os horizontes. Nesse sentido, parece opor a realidade de sua origem interiorana (provinciana), sua infância e adolescência nas cidades do interior com pouco acesso à cultura, aos investimentos culturais direcionados para uma “expansão de si”,

deflagrada pelo cursinho de pré-vestibular, seguida pela aprovação no vestibular para Letras e culminada pela aprovação no vestibular para Direito.

Tudo se passa como se a mudança do interior para Belo Horizonte e o projeto de cursar uma faculdade constituíssem as condições necessárias à ativação das disposições mais ascéticas de Raul provavelmente adquiridas na sua socialização paterna (Raul ficava na biblioteca esperando pelo término da jornada de trabalho do pai; o pai fazia questão que ele estudasse bastante) e por meio da influência socializadora da tia.

Em Belo Horizonte, então, ele passa a realizar esforços e investimentos em práticas culturais e literárias em conformidade com o ambiente acadêmico, dedicando-se à leitura literária de prestígio: “isso até porque era mais novo, então, pelo ambiente que eu estava, eu não tinha muito assunto em comum, então eu passei mais a ler por esse motivo”.

As leituras de *Dom Quixote* (Cervantes), *O Processo* (Kafka) e *A Metamorfose* (Kafka) são exemplos citados de leitura nesses períodos de sua vida. As justificativas para a leitura das obras de Kafka reforçam essa disposição de se adaptar ao novo ambiente:

[...] Eu lembro que quando eu entrei na Letras eu não conhecia alguns autores, Franz Kafka eu não sabia, nunca tinha ouvido falar. Aí eu li os dois mais famosos: *A Metamorfose* e *O Processo*. *O Processo* eu lembro pouco dele, mas *A Metamorfose* como é mais conhecido também eu me lembro mais. Aí eu entrei mais pra me inteirar mesmo do ambiente que eu estava, porque eu vim do interior e lá não tem muita cultura de leitura. O pessoal na Letras, o pessoal mais velho (eu estudava de noite), meu amigo mais próximo era mais velho, mais de trinta anos. Então culturalmente eu me enriqueci muito com ele, aí eu conheci mais autores Borges, muito legal também. [...] o livro *O Processo*, por exemplo, do Kafka, eu lembro pouco dele. Eu lembro do livro em geral, eu lembro que ele tinha muito detalhe, é um livro muito rico, e eu lembro pouco. (Trechos transcritos da entrevista).

E, finalmente, a leitura teórica do curso de Direito segue essa mesma lógica da ativação das disposições ascéticas em que o ambiente exige novas leituras. Quando indagado sobre estar lendo algum livro na semana da entrevista, respondeu: “*O que é Direito, Teoria da Norma Jurídica*, [...] *Código Penal, Teoria, Constituição*, textos assim”.

No curso de Letras: a atualização de disposições ascéticas, o investimento na leitura literária e nos filmes mais legítimos

Na época da entrevista, Raul estava concluindo o curso de Letras, iniciado na UFMG e continuado em uma faculdade particular, e já havia iniciado o curso de Direito na mesma universidade de origem. Acerca de sua opção pelo primeiro curso, afirmou:

[...] Eu vim fazer Letras, mas não sabia muito bem o porquê. Aí eu fui tendo mais segurança, eu agarrei nos professores [...] então fui tendo segurança. Embora eu tivesse a intenção de formar, mas aí por acaso eu fiz [...] minha ex-namorada, ela me sugeriu fazer outro vestibular, de Direito, e eu fiz. Não achei que ia passar, mas fui passando, passei a 1ª etapa, aí passei pra 2ª etapa, aí fiz a prova; fiquei em 4º excedente e no 2º semestre fui chamado. Aí como eu tive essa chance pra mudar de curso, eu mudei, e hoje no Direito eu ainda leio/literatura agora eu leio menos. (Trecho transcrito da entrevista)

Alguns meses antes, no questionário, havia assinalado como motivo principal que o levou a cursar uma graduação em Letras o gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura e frisa que definiu o currículo de graduação escolhendo as disciplinas de seu gosto.

Raul considera que o curso de Letras oferece boa formação cultural, intelectual, e literária e formação profissional “regular” e, ainda na opinião dele, apresenta grau de dificuldade razoável nas disciplinas das áreas de Ensino, Línguas estrangeiras e Linguística, além de nível de conhecimento bom em Línguas estrangeiras e regular nas áreas de Ensino e de Linguística.

Citou as seguintes dificuldades com que deparou nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I: desconhecimento das obras e autores citados; carga de leitura teórica excessiva; campos teóricos desconhecidos (como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo); modos de ler e falar sobre a leitura pouco familiares (realizar comentários sobre linguagem, atentar para princípios estéticos em detrimento do enredo, por exemplo). Apesar das dificuldades citadas, a área do curso de Letras de que mais gosta é a de Literatura. Foi nela que cursou o maior número de disciplinas, considerando-a fácil, e classificou como bom o seu nível de conhecimento nela.

Embora tenha assinalado no questionário que, ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, seu gosto e preferências coincidiam em parte com as dos professores dessas disciplinas, afirmou na entrevista que durante a infância e a adolescência não realizava escolhas literárias: “na infância, eu lia aqueles que estavam na minha mão, assim, que tinham lá em casa. Hoje eu já seleciono mais. [...] [Na adolescência] lia mais pela necessidade de ler o livro acadêmico na fase escolar e hoje eu não, é preferência, ah, sei lá, cultural”.

Esses dados da entrevista e do questionário corroboram a ideia de que Raul mantém uma relação pragmática com a cultura e com a leitura. Lê para adquirir conhecimento, para ampliar seu repertório cultural: “[...] gostei muito de estudar lá [na UFMG] por isso, porque lá tem a cultura literária muito boa, acho muito enriquecedora, hoje eu sei criticar, hoje eu sei aquela história de saber comentar sem ler o livro, né?”

Nesse contexto, parece-nos plausível a hipótese de que Raul tenha realizado investimentos seguros mais ou menos conscientes na apropriação do capital específico, no campo literário (e acadêmico), o qual abrange um *habitus* literário propriamente dito e um *habitus* escolástico do comentário dos *lectores*.

Ainda no questionário, quando solicitado a citar um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, o pesquisado citou Machado de Assis e Saramago, respectivamente. Acrescenta que “prazer ou gosto” é o que mais o motiva a ler um livro de literatura, e que “autor” é o fator que mais o influencia na escolha de um livro de literatura. Afirma também que gosta de ler o mesmo livro mais de uma vez.

Além da releitura para aprofundamento do texto, Raul indicou, na entrevista, as seguintes estratégias para obter domínios dos textos literários: “anoto ou a idéia que eu pensei na hora ou o trecho pra saber o que eu vou querer utilizar depois, [...] anoto a página, faço uma anotação em uma folha à parte da página e do trecho [...] quando o livro é meu eu o grifo”.

Os três escritores de sua preferência indicados, no questionário, por ordem de importância são: (i) Machado de Assis; (ii) Fernando Pessoa; (iii) Mário de Andrade (escolhidos por ele em uma lista de dezoito escritores sugeridos na pesquisa e uma opção de livre escolha). Declarou que os três livros de sua preferência são: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis), *Quincas Borba* (Machado de Assis) e *Macunaíma* (Mário de Andrade).

Na entrevista, reiterou o investimento na leitura dos clássicos e o esforço para não interromper a leitura dos livros:

[...] Interrompi agora a do *Memórias Póstumas dos Brás Cubas* porque eu estava lendo nas férias em fevereiro. Mas aí, como voltou a aula no Direito, então tem muita coisa pra ler; aí eu deixei um pouco de lado, mas eu vou terminar a quarta leitura. [...] Ah, eu gosto sempre de terminar de ler porque mesmo que eu não esteja gostando, mas eu terminei o livro, e aí posso opinar melhor. [...] (Trechos transcritos da entrevista)

A leitura literária, vivenciada por Raul como uma necessidade de “enriquecimento cultural” e que parece estar no fundamento dos esforços que empreende na apropriação das obras indicadas principalmente por aqueles indivíduos que a seus olhos estão aptos a fazer essas indicações, por exemplo, os professores, se transforma em um gosto:

[...] Machado de Assis mesmo é... quem/ sei lá, tanto a maturidade etária, quanto cultural, abaixo do ensino fundamental e do médio é uma leitura que o pessoal, que a gente não gosta, né? E ninguém gosta e ninguém entende, nunca acha um final pro livro; chega ao final, fala: ‘Ah acabou?’ E hoje eu leio com muito prazer, eu tenho uma visão um pouco mais crítica de quando eu tinha... *Macunaíma* também o pessoal não gosta muito; *Iracema*, que é tão criticado, a leitura realmente é chata, mas tem um valor histórico-cultural dele muito grande que é relevante. Então eu acho que na Faculdade de Letras meu senso crítico pra livro melhorou bastante. (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, diferentemente da maioria de nossos entrevistados, Raul atribui ao curso de Letras a apropriação do gosto pela leitura de obras canônicas, principalmente o gosto pela obra de Machado de Assis:

[...] Machado de Assis, passei a gostar, eu li todos, gostei de todos, leio Contos até hoje, é meu preferido, o estilo um pouco erudito de escrever eu gosto, palavras num estilo diferente. [...] Fiz matéria com Machado de Assis, que eu li todos os romances num semestre só, que é o que eu mais gosto. (Trechos transcritos da entrevista)

Conforme o ponto de vista de Raul, quando cursava o ensino fundamental e o médio ele “não tinha muita preferência não”; depois do curso de Letras: “Ah, hoje eu tenho preferência [...] é mais ou menos isso. Antes eu não tinha preferência, hoje eu tenho”.

Essa afirmação coaduna com dados do questionário, segundo os quais não houve nenhuma faixa etária em particular na vida de Raul anterior ao curso de Letras em que leu mais livros literários. As práticas de leitura de Raul são intensificadas somente a partir de seu ingresso no curso. Assim, na época do questionário assinalou que quem passou a influenciar mais sua leitura foi a professora da área de literatura; que seu [Raul] gênero de livro preferido é literatura clássica e que dedicava, em média, menos de uma hora semanalmente à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras e, à exceção desses, não lia livros literários.

Em relação às leituras de jornais, preferia: (i) Esportes; (ii) Arte/ cultura/ literatura; (iii) notícias nacionais; (iv) música. E tinha aversão pelos seguintes gêneros de livros: (i) de culinária, decoração, bricolagem, jardinagem; (ii) guias de viagem; (iii) livros de auto-ajuda ou orientação pessoal. No uso da *Internet*, os sítios que mais acessava eram: (i) *sites* de relacionamento (*Orkut, Facebook, twitter, etc.*); (ii) *e-mails*; (iii) notícias/textos informativos; (iv) conteúdo variado.

Raul também assinalou que costumava ler frequentemente textos em outros suportes, como *Internet*, mas nunca lia jornais, revistas, gibis (HQs) e livros digitais. Porém, meses depois, na entrevista, declarou que estava lendo o livro digital intitulado *Livro do Desassossego* (Fernando Pessoa). Na época da aplicação do questionário, estava lendo um

livro indicado pelos professores do curso de Letras: *Macunaíma* (Mário de Andrade), que afirmou coincidir com seu gosto pessoal. Na entrevista, afirmou ter sido esta a última obra literária que leu voluntariamente:

[...] *Macunaíma*, ele foi voluntário, mas ao mesmo tempo não era. Eu deveria entregar um artigo pra bolsa que eu tinha e acabei não entregando. Foi voluntário, mas não foi também, embora eu estivesse lendo de novo, mas voluntário. [...] É, acabou que [...] eu fui atrasando, atrasando, aí eu sai da UFMG, [...] sai da Letras. [...] É, eu até li ele depois que eu sai da UFMG porque eu ainda tinha o interesse de entregar o artigo, mas acabou que [...] eu não consegui. (Trechos transcritos da entrevista)

Livro do Desassossego (Fernando Pessoa) também foi citado por ele como uma leitura voluntária que optou por fazer durante as férias: “eu gostei de ler, mas, como estava nas férias, não tinha muito horário, eu estava fazendo outras coisas e acabei não terminando”. No momento da entrevista, Raul cursava Letras e Direito simultaneamente. Isso, segundo ele, dificultava seu tempo da leitura.

Essas práticas de leitura declaradas por Raul, juntamente com o fato de ter assinalado “Aprecio a literatura contemporânea, mas não a conheço bem” como um dos julgamentos que mais se aproximam de sua opinião, indicam que, apesar do pouco conhecimento cultural adquirido em suas trajetórias de vida e escolar, Raul se mostra bastante submisso à cultura consagrada pela escola.

Corroborando essa ideia a constatação de que em momento algum do questionário ou da entrevista citou gêneros, obras e autores valorados fora do padrão estético operado pela cultura escolar. Na entrevista, indicou *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis) como livro mais marcante de sua vida:

[...] Ah, mais marcante é *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o que eu mais gosto, sempre que eu leio, eu leio de uma forma diferente, eu descubro coisas novas, eu rio de coisas diferentes, é, anoto passagens interessantes, passagens românticas, passagens críticas, passagens cínicas, irônicas, anoto. (Trecho transcrito da entrevista)

Relatou que teve seu primeiro contato com esse livro quando ainda cursava o primeiro ano na faculdade de Letras e que gostou dele [do livro]. Quando indagado sobre algum contato com a obra de Machado de Assis antes do curso, e se já havia lido outro livro dele, respondeu:

[...] *Dom Casmurro*, no 2º ano eu acho [...] Ia cair na prova [...] Na época, eu não gostei e hoje eu gosto [...] É, eu não gostei. Achei o final triste, melancólico [...] Quando tem essa leitura mais nova, a gente quer um final diferente. Mas hoje eu vejo que o final em Machado de Assis, o final é o menos importante; eu acho, acho que o meio justifica o fim. (Trechos transcritos da entrevista)

Essas observações valem também para domínios de práticas menos reconhecidos escolarmente, como o de cinema, de que Raul afirma gostar bastante e sobre o qual comenta:

[...] Eu vejo mais em casa, mas aí também a faculdade de Letras influenciou bastante porque os filmes que eu gosto de ver não são os que passam em *Shopping*, por exemplo, [...] Até fica parecendo até pessoa chata, que não vê todo filme e tal, mas eu acabo gostando disso, assim. Como meu amigo era mais velho, então culturalmente eu cresci muito com ele, as indicações, assim. Então, eu gosto de filmes mais clássicos, filmes mais tradicionais, que não são os *blockbuster*, né? (Trecho transcrito da entrevista)

Além dessa preferência por gêneros de filmes clássicos, Raul indica também o gosto pelo drama e pelo documentário e cita períodos em que seu gosto cinematográfico passou por transformações: “ah, eu acho que na minha adolescência eu não tinha muito senso crítico não [...] ah, era o que estava passando no cinema lá na cidade [...] os mais famosos, assim, que o *Oscar* premia [...]”.

Quando solicitado a citar algum exemplo de filmes a que assistia antes de seu ingresso no curso de Letras, Raul responde:

[...] Ah... não lembro, mas era [...] o que era famoso assim, os [filmes] que meu irmão falava, mas hoje eu vejo que nosso gosto é diferente também. [...] Ah, ele gosta de filme que, meio que popular assim, filme que todo mundo gosta, que todo mundo está vendo, o que está na moda. E eu já tenho um senso crítico maior, talvez; sei lá, uma seleção maior. (Trecho transcrito da entrevista)

Raul afirma que assiste a filmes com frequência e cita Alfred Hitchcock como um dos diretores⁴⁰ de quem passou a gostar por influência dos professores e colegas do curso de Letras:

[...] Influenciou bastante, eu não sei se porque eu fiz noturno, se foi eu convivendo com o ambiente de pessoal mais velho, pessoal mais culto, que eu vejo muito a diferença hoje na Letras daqui e do pessoal da minha cidade, é muito grande. Por isso que eu não me vejo voltando pra lá, morando lá [...] pensando futuramente criar meus filhos aqui mesmo, sabe? Acho que a cultura é muito maior, influenciou na minha leitura, nas músicas, muito em música também.

⁴⁰ O outro nome de diretor (a) citado(a) ficou inaudível na gravação da entrevista.

Ao comentar as diferenças entre suas preferências e as de uma ex-namorada, estudante de Medicina, a quem namorou durante três anos, Raul marca seu afastamento em relação aos filmes de romance, fazendo o seguinte comentário sobre o filme do gênero *P. S. Eu te Amo* (Richard LaGravenese): “Ah, é bem vazio, meio sem, ah, como eu posso dizer? Água com açúcar, de chorar assim, mas que não, de vez em quando é bom, mas essa linha de filme só eu não gosto não”. Por sua vez, ele indicou um filme de sua preferência, *Cidadão Kane* (Orson Welles), cujo gosto não foi compartilhado por sua ex-namorada: “Ah, eu aluguei *Cidadão Kane* pra gente ver e ela não gostou muito não [...] Ela dormiu [((risos))”.

Também no domínio musical, as preferências de Raul apresentaram mudanças: “Antigamente eu escutava mais música [...] mas as mais famosas de banda, assim, *clichê*. E hoje também escuto umas músicas mais clássicas, música erudita de vez em quando, bem de vez em quando, mas eu gosto; *rock* clássico também, *jazz*, *blues*”.

Acerca dessa mudança em relação às preferências musicais, Raul relatou na entrevista a influência do pai da ex-namorada:

[...] Afinidade em música porque o pai dela gosta de músicas antigas, até então tem muita influencia, influenciou muito na música. Ela gosta de *blues*, *jazz*, MPB. Então é o que, entre aspas, o povo da Letras gosta. Então, a gente batia muito nisso, de programas culturais, *jazz* na praça a gente ia; em Ouro Preto tem muita coisa assim. A gente também gostava de ir, que a família dela era de lá. Agora, pra filmes, rolava muita divergência porque o que eu escolhia, ela não gostava e o que ela queria ver eu não via. (Trecho da entrevista)

Portanto, em diversos domínios de atividades passou a predominar a mistura de disposições ascéticas (a busca por atividades que exigem mais esforço para sua apropriação) com boa vontade cultural (a busca por obras clássicas na literatura e no cinema) que resultou em escolhas mais legítimas, apropriadas por modos ora tradicionais, ora por tecnologias mais modernas, como é o caso dos filmes a que ele assiste pelo computador: “tenho vários e sempre que dá eu vejo”.

Raul passou a investir também na escrita e além de um *blog*, no qual publicava “alguns contos, alguns poemas bem pequenos, alguns textos críticos, críticos, assim, de crítica mesmo não”, ele chegou a publicar um artigo na revista acadêmica *Literafro*, da Faculdade de Letras.

No questionário, Raul assinalou que suas atividades de lazer preferidas são: (i) ir à balada; (ii) ir ao cinema (no Cine Belas Artes); (iii) ir ao cinema (em Shopping); (iv) participar de festa em casa de amigos; (v) assistir a shows e a espetáculos; (vi) ir a concertos de música erudita; (vii) ir a bares/botecos; (viii) ler; (ix) ouvir música (CDs, rádio, *Internet* ,

MP3, etc.); (x) sair com amigos; (xi) assistir a vídeos; (xii) navegar na *Internet* . (respostas numeradas de acordo com a ordem de relevância atribuída a cada uma delas pelo pesquisado).

Apesar dessa diversidade de práticas culturais e de lazer, na entrevista, afirmou que utiliza o tempo livre para ir ao clube (jogar futebol), assistir a seriado e navegar na *Internet* , dentre outras ocupações cotidianas. Essa diferença entre a grande quantidade de preferências assinaladas e as poucas práticas efetivadas, talvez possa ser explicada em primeiro lugar pelo fato de, no momento, Raul conciliar dois cursos de graduação (o que lhe deixaria pouco tempo para se dedicar a outras atividades) e o segundo fator é pessoal, decorre do próprio modo de ser e se organizar do entrevistado conforme se depreende, por exemplo, das seguintes declarações:

[...] Ah, o problema que eu tenho, às vezes, com datas, eu sempre deixo pra última hora, falto com os compromissos às vezes nisso. Não fumo, bebo pouco, bebo de vez em quando; com vestuário me preocupo. Eu gosto de vestir; às vezes, vestir bem, não necessariamente roupa de marca, mas vestir bem. [...] O que eu não gosto em mim é que às vezes eu tenho mais sono do que eu queria ter. Brigo comigo por causa disso: queria dormir menos, queria dedicar a outras coisas como ler mais, rever mais filmes. (Trechos transcritos da entrevista)

Portanto, apesar da suposta dificuldade com o tempo, Raul segue em sua “briga” para inibir suas disposições mais hedonistas em benefício das disposições mais ascéticas e às vezes tentando conciliar tudo isso. Essa conciliação é bem representativa de sua perspectiva em relação aos cursos, sintetizada da seguinte forma: “Letras por prazer, Direito por profissão”.

Quadro 10 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Raul

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
Revistinhas da <i>Turma da Mônica</i>	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)		<i>Dom Quixote</i> (Cervantes)
			<i>O Processo</i> (Kafka)
Livros da Coleção Vaga-Lume (não citou nenhum título de obras dessa coleção)			<i>A Metamorfose</i> (Kafka)
			<i>Borges</i> (não citou título)
<i>O Pequeno Príncipe</i> (Antoine de Saint-Exupéry)			<i>Dom Casmurro</i> (Machado de Assis)
O Vendedor de Queijos e Outras Crônicas (Alexandre Azevedo)			
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista (voluntariamente)	Livros não-literários
	<i>Iracema</i> (José de Alencar)	<i>Livro do Desassossego</i> (Fernando Pessoa)	<i>O que é Direito</i>
	Livros de Machado de Assis		<i>Código Penal</i>
	<i>Macunaíma</i> (Mário de Andrade)		<i>Teoria da Norma Jurídica</i>
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)	<i>Macunaíma</i> (Mário de Andrade)	<i>Macunaíma</i> (Mário de Andrade)	(i) Adorou: Machado de Assis
<i>Quincas Borba</i> (Machado de Assis)			(ii) Detestou: Saramago
<i>Macunaíma</i> (Mário de Andrade)			

4.11 ALICE

Alice tem 22 anos, é branca, solteira, não tem filhos e se declara “espírita/budista”. É natural de Belo Horizonte e mora em um bairro situado na região sul da cidade, juntamente com os pais e a única irmã (dois anos mais jovem que ela e que “até hoje lê bastantes livros infanto-juvenis”). Originária de família dotada de recursos sociais e econômicos, cujos

membros, apesar de valorizarem a cultura literária, “nunca foram grandes leitores”, Alice e a irmã tiveram acesso precoce aos livros e à leitura, bem como um forte investimento na formação escolar e na prática da leitura como lazer e divertimento. É dotada de grande capital escolar e cultural, o que lhe permite “resistir a toda tentativa de sistematização e orientação explícitas de seu gosto” (BOURDIEU, 2008). Desse modo, confronta critérios da definição tradicional de literatura e, por extensão, os professores que os defendem, e critérios engendrados por sua visão de literatura e escolhas literárias: “como é que alguém chega pra mim e fala que a minha série de livros que me acompanhou desde sempre não é literatura?” Apesar de afirmar que “desde pequena minha vocação era pra Letras mesmo”, Alice relata que esse curso lhe “tirou o prazer de ler”. Entretanto, ela valoriza a ampliação de seu repertório de leituras, além dos modos profissionais de ler, privilegiando o gosto pessoal pela literatura juvenil e a disposição mais hedonista em relação às práticas culturais e de leitura.

Estrutura social e familiar

Conforme as informações contidas no questionário aplicado na turma de Alice em maio de 2011, dez meses antes da entrevista, o pai de Alice é católico e a mãe, espírita. Ainda na entrevista, Alice relata que o pai é natural de Blumenau (Santa Catarina) e a mãe de Campina Grande (Paraíba), ambos moraram no Rio de Janeiro, cidade onde se conheceram. O pai de Alice morou também nos Estados Unidos da América, mas desde que foi transferido de empresa mora em Belo Horizonte, cidade onde Alice e a irmã nasceram. Antes de morarem em um bairro situado na região sul da cidade, a família de Alice residiu em um bairro também nobre da capital.

Ela desconhece a escolaridade de seus avôs e avós paternos e maternos e possui pouca informação sobre as profissões ou ocupações que exerceram. Sabe apenas que “eram pessoas simples” e que “nunca tiveram nenhuma profissão acadêmica”. O pai dela possui formação na área de Contabilidade e a mãe, na área de Estética, sendo que ambos têm pós-graduação no nível de especialização. O pai é auditor fiscal e a mãe, empresária. De acordo com o relato de Alice, “eles sempre foram muito práticos e leram coisas do dia a dia”. Além disso: “nunca foram grandes leitores mesmo, eles vieram de uma geração que eu acho que é muito mais prática do que acadêmica [...] nunca realmente tiveram contato com literatura, mas quiseram que eu tivesse...”.

Apesar de pertencerem a um grupo sociocultural privilegiado, que valoriza a cultura literária, e de desejarem que as filhas desenvolvessem o gosto pela leitura, os pais de Alice

não liam muito literatura e suas práticas de leitura estão mais ligadas à religiosidade, no caso da mãe, e ao pragmatismo, no caso do pai, como descreve Alice no trecho da entrevista:

[...] É, eu acho que eles gostam [de ler], mas eles não leem muito não, minha mãe gosta muito de livros espíritas, assim, ela lê bastante livros espíritas agora, porque ela se converteu há pouco tempo. Então ela lê bastante esse tipo de livro. O meu pai lê pouquíssimo, assim, ele lê muito livro de contabilidade, coisas de relatório e tal, mas acho que literatura mesmo é pouquíssimo. Eu lembro uma vez que ele pegou *O Código da Vinci* pra ler e parou no último capítulo, ele nunca terminou o livro porque parou no último capítulo, então eu falei: ‘Oh, pai, como que você conseguiu fazer isso, faltava um capítulo, o que custava você terminar de ler o livro?’ Eles não são grandes leitores não.

Caracterizada por Alice como distanciada das práticas de leitura literária, sua família é descrita por ela como voltada para uma cultura mais hedonista, na qual o livro somente assume valor diante de circunstâncias específicas, como quando não concorre com outras práticas familiares e/ou coletivas, conforme é revelado pelo seguinte trecho da entrevista:

[...] É, a minha família é muito mais de festa do que de leitura. Eles gostam muito de se reunir pra beber, comer, conversar e dançar, e essa era a parte engraçada, assim, porque eu sempre era a diferente da família. Às vezes eu estava lendo e todo mundo festejando, aí meu pai chegava, pegava meu livro e falava assim: ‘Não, você não vai ler isso aqui não, vamos lá pra fora porque está na hora de ficar junto com a gente, não está na hora de ficar lendo isso aqui não; se você não for lá, eu vou jogar seu livro na piscina’. É mais assim, ninguém da minha família é grande leitor não.

Alice havia assinalado no questionário que durante a infância ninguém costumava ler histórias ou livros para ela. Também em sua formação como leitora, não houve ninguém especialmente que a incentivou a ler. Durante a infância e adolescência não costumava ver ninguém lendo em sua casa. Esses dados indicam a escassez de situações em que as práticas de leitura dos pais, especificamente a literária, puderam contribuir para que Alice e a irmã interiorizassem disposições de leitura. Porém, assinalou que durante a infância era frequentemente presenteada com livros, informação reiterada na entrevista:

[...] Então eles compravam livro pra mim e eu gostava assim. Eu aprendi a ler com esses livrinhos e minha mãe comprava aqueles livrinhos de caligrafia, pra aprender a escrever, e tal, esde pequenininha. Então eu tinha um dicionário que eu não saía de casa sem ele, um Aurélio infantil. Aí, tive muito contato com literatura infanto-juvenil quando eu fui crescendo um pouco mais, *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, esses livros assim de adolescente.

Além do incentivo por meio da posse de livros (capital cultural em estado objetivado), Alice pôde contar também com o acesso precoce à educação institucionalizada. Ela ingressou na escola aos dois anos de idade, sempre estudou em escolas destinadas às camadas sociais

mais altas de Belo Horizonte, podendo se dedicar exclusivamente aos estudos durante toda a trajetória escolar. Declarou no questionário que nunca exerceu nem exerce atividade formal ou informal no mercado de trabalho e na época da entrevista havia concluído um intercâmbio cultural na Alemanha. Esses dados indicam que os pais de Alice fizeram um grande investimento em sua formação sem, portanto, se restringirem à prática da leitura literária. Essa, por sua vez, era vivenciada por ela como divertimento, juntamente com outras práticas de leitura mais instrumentais (dicionário, livrinhos de caligrafia) incentivadas pelos familiares durante o período de infância e, ainda, o costume de frequentar biblioteca principalmente por interesse pessoal, conforme registra no questionário.

A ideia de que o entorno familiar previa o sucesso escolar de Alice e considerava “naturais” seus bons resultados escolares perpassa toda a entrevista. Por ser vista pelos pais como “naturalmente boa”, não os surpreendia quando se destacava sobremaneira em atividades da rotina escolar e/ou familiar:

[...] Eles nunca foram muito entusiastas não, na verdade, muito enfáticos, quer dizer, eles meio que esperavam as coisas. Eles sabiam que eu era boa nas coisas, eles falavam: ‘Está... Ah... E aí, de novo, e aí, ela é boa e daí?’ Com minha irmã não, com minha irmã, quando ela ganhava alguma coisa, quando ela fazia alguma coisa, era um alarde lá em casa; comigo era tipo: ‘ah, está bom’. (Transcrição da entrevista)

Talvez por isso, os familiares projetavam nela expectativas e desejos de que optasse por um curso de maior prestígio social, conforme ela relata:

[...] É, todo mundo tinha uma expectativa em relação a mim, na verdade, que eu ia ser boa no que eu fizesse porque eu era boa na escola e aí quando eu resolvi fazer Letras, eles acharam um desperdício. Todo mundo achava um desperdício ‘Por que você vai fazer Letras? Você pode fazer outra coisa melhor. Você pode fazer medicina; você pode fazer engenharia’. Meu pai queria que eu fosse agrônoma, que era o sonho da vida dele que ele não realizou e cada um queria uma coisa, que eu fizesse uma coisa. Só que desde pequena minha vocação era pra Letras mesmo. Então tinha que ser. (Trecho transcrito da entrevista)

Ao contrário de Alice, sua irmã teve uma trajetória escolar marcada por interrupção e obstáculos que fizeram com que sua família não tivesse grandes expectativas em relação a seu futuro escolar. Apesar disso, acabou surpreendendo os pais e passando no vestibular para Ciências Contábeis na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), conforme relatado por Alice no seguinte trecho da entrevista:

[...] A minha irmã já foi o contrário, a minha irmã é muito insegura com essa parte acadêmica porque eu... Ao mesmo tempo em que eu era muito boa, ela era

considerada ruim. Assim, ela tomou bomba uma vez, então ela não era boa, ela tomava recuperação sempre. Todo mundo falava pra ela: ‘Ah, não, porque a sua irmã é muito inteligente, e você não’. Não diretamente assim, mas era assim que ela se sentia e aí com ela foi assim: ‘Ah, faz o que você quiser, se você passar numa universidade está bom’. Só que ela foi super bem no vestibular, ela surpreendeu todo mundo e está estudando na PUC, está fazendo contábeis lá também (Trecho transcrito da entrevista)

Embora as expectativas dos pais fossem grandes em relação a Alice, que teve uma história de sucessos na trajetória escolar, e ínfimas em relação à irmã, que experimentou uma série de fracassos escolares antes de ter sido aprovada no vestibular da PUC, de modo geral, os pais facultavam a ambas a realização de escolhas culturais e escolares que lhes possibilitavam “viver num reino da liberdade” (BOURDIEU, 2008), resultando em escolhas acadêmicas motivadas pela “vocação” de cada uma delas. Assim, quando solicitado a responder como descobriu a vocação que orientou sua escolha, Alice relata o seguinte:

[...] Eu sabia que eu gostava de português e de inglês. Eu comecei estudar inglês bem pequenininha e eu gostava, era meu grande hobby, assim que nem eu falei, eu tinha aquele dicionário que eu andava pra cima e pra baixo e ficava preocupada com o significado das palavras. Eu criava minhas próprias teorias linguísticas; claro que, assim, teoria infantil de como as coisas podiam funcionar e eu gostava muito. [...] Sempre foi a matéria que eu mais gostei, sempre foi a matéria que eu mais me destacava e eu gostava de escrever. Eu gostava de ler, eu gostava de tudo que tinha a ver com isso. E isso, sei lá, essa coisa com a Letras me fazia bem. Assim, eu gostava de declamar, eu declamava um poema pro meu tio todo dia de manhã. Assim, quando ele acordava, aí eu falava com ele do poema que eu tinha aprendido na escola, aí quando eu fui fazer Letras não foi surpresa pra ninguém não. Mas eu tentei várias alternativas antes assim, alternativas que dessem mais dinheiro, mas eu falei: ‘Ah, não tem jeito não, eu gosto é de Letras, vou ter que ir pra Letras’. (Trecho transcrito da entrevista)

Alice parece ter se apropriado de um forte capital linguístico por meio de uma longa e precoce familiarização com o universo da escrita, chegando a “criar suas próprias teorias linguísticas”, quando criança. A declaração “não tem jeito não, eu gosto é de Letras, vou ter que ir pra Letras” é bastante reveladora de uma forte disposição associada ao processo de aquisição de capital linguístico por Alice.

Assim, a formação do “gosto” de Alice ocorreu no contexto familiar de incentivo à participação em práticas culturais pertencentes a domínios diferenciados, conforme expresso no seguinte trecho da entrevista:

[...] Quando eu era criança eles me levavam pra algum lugar, não era muito comum, não, mas eles me levavam às vezes à gruta. Museu a gente ia sempre que viajava pra algum lugar e tinha um museu, assim... Cinema, minha mãe sempre me levava pra assistir os desenhos da Disney. Na verdade, eu cresci com os filmes da Disney bem presentes, eu sei todas as falas, todas as músicas [...] Foi isso que influenciou

também, eu acho, o meu comportamento literário porque sempre quando tinha um livro dos desenhos, às vezes saía uns livrinhos, aí eu tinha, gostava de histórias assim, de contos de fada, queria saber o que significava uma palavra: tem uma música do *Aladim* que fala de privilégio, eu me lembro de eu perguntando minha mãe: ‘Mãe, o que é privilégio?’ E minha mãe: ‘Não sei como é que eu explico isso, privilégio é... Sei lá, vai procurar no dicionário’. Então era sempre uma coisa assim, é mais assim, cinema era isso. Minha mãe me levava pra ver desenho, teatro raramente, mais quando tinha teatro infantil, às vezes tinha dança de rua, essas coisas assim, ela também me levava pra ver, mas era isso.

Na escola: o trabalho contínuo de familiarização precoce e de formação do gosto pela cultura escrita

Alice realizou toda a escolarização básica em escolas da rede privada de Belo Horizonte, em grande parte destinada a alunos oriundos das camadas socialmente privilegiadas da sociedade.

[...] Eu entrei acho que com dois anos na escola. Eu estudava na escola X, ficava no bairro Y. Eu acho que a escola nem existe mais, era uma escola pequena assim e era muito boa, a gente tinha muito contato com tudo desde muito pequeno. Eu lembro quando eu tinha seis anos e estava no 3º período, a gente teve que escrever uma biografia, claro que não era uma biografia elaborada, mas era uma biografiazinha do Villa Lobos. [...] A gente aprendia sobre, sei lá, Galileu e os Romanos, e as coisas que a gente escrevia sobre isso, a gente lia sobre isso. Assim sempre livrinhos de criança e tal, mas muitas das coisas que eu sei sobre muitas coisas eu aprendi nessa época, nunca mais esqueci. Acho que meu contato com livro foi aí; foi aí que eu realmente me interessei por esse tipo de coisa. Aí depois eu fui pro colégio Z e lá no Z a gente tinha contato com livro também, mas nunca igual o X, mas é tipo... (Trecho transcrito da entrevista)

Alice foi alfabetizada na escola X, onde estudou até os nove anos de idade, e da qual declara ter gostado bastante. Nessa escola, ela se lembra de ter participado de um festival de música e poesia: “[...] quando eu era criança, quando eu estava na 1ª série [...] eu ganhei com uma poesia de Belo Horizonte ((risos)), dos 100 anos de Belo Horizonte, 97, eu acho.”

Apesar de ter tido uma trajetória escolar positiva do ponto de vista pedagógico, quando mudou da escola X para o colégio Z, Alice começou a sofrer *bullying*, segundo ela, em decorrência de ter sido “uma criança gordinha”:

[...] É, na escola X era bem legal, todo mundo morava no mesmo bairro que era no Y e era uma escolinha pequena. Então todo mundo morava ali perto. Então era bem legal, eu sempre estava junto com os meninos e tal. Quando eu mudei pro Z eu já não achei tão legal assim não, comecei a ter uns problemas com *bullying*. Então não foi tão divertido assim não. (Trecho transcrito da entrevista)

No colégio Z, Alice estudou desde o terceiro ano da escola primária até se formar no terceiro ano do Ensino Médio e, embora tivesse comentado o problema com os pais, eles optaram por não transferi-la de escola a fim de evitar que ela “fugisse do problema”, como ela relata:

[...] Era horrível na verdade, é uma coisa que pra ser bem honesta eu ainda não superei totalmente. Assim, eu tenho grandes problemas em relação a isso ainda, mas foi um período difícil, meus pais não me tiraram da escola. Eles sabiam o que acontecia, mas eles acharam que isso era meio que fugir do problema, então eles nunca me tiraram da escola não. Eu formei no Z; cheguei no 3º ano lá... (Trecho transcrito da entrevista)

De acordo com o relato de Alice, sua irmã teve de enfrentar o mesmo problema. Porém, o fato de ter sabido lidar com isso de outro modo acentuou as diferenças entre as duas:

[...] [Minha irmã] estudou lá também, teve o mesmo tipo de problema, mas ela lidou com isso de uma forma um pouco melhor, assim, ela não é tão tímida, não é tão insegura quanto eu, eu acho, mas isso na verdade até serviu pra acentuar esse tipo de característica. Eu era melhor intelectualmente do que os meus colegas, então eu me refugiava meio que nisso. E até o final eu era conhecida na escola como a menina que não era bonita, que era tipo gorda, mas que era muito inteligente. Então eu reforçava essa característica minha de certa forma, eu acho.

Alice permaneceu nessa escola desde os nove anos até a conclusão do Ensino Médio, alternando períodos de maior e de menor intensidade em relação ao *bullying* e, apesar da alternância entre fases de maior ou menor sofrimento, ela teve de lidar com essa situação até o fim do curso secundário, como revela no seguinte trecho da entrevista:

[...] Eu odiava a minha escola. Eu sai de lá, assim, quando acabou, no último dia de aula, eu já joguei meu uniforme fora porque eu não aguentava mais lá. Mas melhorou bastante, até porque teve uma época que eu comecei a emagrecer também. [...] Depois da oitava série, aí foi parando, mas as pessoas tinham aquela visão sobre mim. Como eu estudei com elas a vida inteira, essa visão chegou até o final. Mas aí já era diferente, já tinha mais amigos e era outra coisa. Mas não era o melhor ambiente do mundo não, entendeu?

Ao contrário do que ocorria entre ela e os colegas, Alice mantinha bom relacionamento com os professores:

[...] Ah! Eles costumavam gostar muito de mim porque eu era boa nas matérias e isso era bom pra mim, porque alguém gostava de mim ali. Então, os professores sempre elogiavam o meu desempenho, eu ia bem em todas as matérias e geralmente as pessoas que iam mal nas matérias eram as pessoas que praticavam o *bullying*; então era bom, porque era uma espécie de vingança. (Trecho transcrito da entrevista).

O projeto educativo dos pais de Alice que, embora estivessem conscientes dos problemas da filha, optaram pela sua permanência na escola a fim de que ela pudesse aprender a lidar com essa situação, parece ter tido sucesso, pois, apesar de seu desagrado, Alice conseguiu encontrar seu espaço no ambiente escolar se aproximando de colegas com características intelectuais semelhantes às suas. Acerca do relacionamento com esses colegas da escola, ela relata:

[...] Eu não combinava no início com as meninas, porque eu sempre fui uma criança *nerd*. Então eu ficava muito com os meninos, ficava jogando *video game* com eles, *Pokemon*, *Game Boy* e isso, na verdade, foi o que faltou na minha relação social até o final da escola. Eu era do grupo *nerd* da escola, mas aí dentro do grupo *nerd* da escola eu era bem aceita e era ótimo. Assim, os meus colegas *nerds* eram excelentes, a maioria era meninos, não tinha muitas meninas *nerds* na escola, e era ótimo. A gente jogava *video game* bastante e isso ajudava muito meu inglês. [...] Inclusive, porque a gente jogava todos os jogos em inglês e a gente tinha um vocabulário próprio que era desses jogos que as pessoas não entendiam muito. É, Internet sempre foi uma coisa que a gente usou muito desde a época da Internet discada, que quase ninguém usava pra nada, a gente usava bastante já, filme, livro, essas coisas assim, era bem típico da gente assim, a gente conversava sobre essas coisas, era bem legal até o final.[...] O grupo todo era bem legal, mas a pessoa mais especial, eu acho, é a pessoa que é minha melhor amiga até hoje. Eu a conheci na 5ª série e a gente desenvolveu uma relação que é assim: eu não consigo viver sem ela e ela não consegue viver sem mim, é assim: o mundo pode desabar, mas eu preciso ligar pra ela pra contar o que aconteceu no meu dia e ela me conta também tudo que acontece com ela, sabe? Ela é o tipo de pessoa que me conhece melhor do que eu mesma, que eu posso contar tudo que ela fala assim: ‘Oh, mas, você lembra que aconteceu tal coisa com você antes?’ Eu falo assim: ‘Nossa! Não me lembrava disso’. E ela sabe. Ela conhece a minha trajetória inteirinha. Ela sabe como é que eu penso, como é que eu ajo; é, ela é mais especial (Trecho transcrito da entrevista)

Atualmente, essa amiga de Alice cursa Administração na Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), depois de ter desistido de dois cursos: Pedagogia (UFMG) e Ciências Contábeis (FUMEC). Quando solicitada a responder se compartilha leituras com essa amiga, Alice relatou o seguinte:

[...] Leitura, pouco, porque ela não é uma pessoa de grandes leituras não, mas sempre que eu leio um livro eu conto pra ela o que é, como se eu estivesse contando um caso [...] Quando na época que eu estava empolgada com a série do *Harry Potter*, foi desde o início assim, eu comecei a ler o primeiro *Harry Potter* bem criança e li o último quando o livro saiu, aí saía o livro e eu contava pra ela [...] E ela sabia de tudo que acontecia no livro, mesmo sem ter lido, porque eu contava pra ela. (Trecho transcrito da entrevista)

A relação com a leitura: a liberdade de escolha acima de tudo

Alice parece ter adquirido uma relação hedonista com a cultura e com as atividades de lazer como decorrência principalmente de sua socialização familiar, o que pode ser inferido pelas preferências assinaladas no questionário e enumeradas por ordem de prioridade: (i) reunir-se com a família ou os amigos em casa; (ii) ouvir música (CDs, rádio, *Internet*, MP3, etc.); (iii) navegar na *Internet*.

De acordo com os dados da entrevista, a leitura também não era, do ponto de vista de seus pais, uma atividade obrigatória. Ao contrário, quando criança, em alguns momentos, Alice era “obrigada” a deixar de ler para participar nas festas familiares. Embora houvesse um investimento alto na escolaridade das filhas, o repertório de práticas culturais proporcionado pela família (viagens, cinema, etc.) era bastante diversificado. Ela era considerada “mais inteligente do que sua irmã” e, do ponto de vista familiar, não havia nenhuma restrição à sua continuidade e sucesso escolar e profissional, pois seu entorno previa que ela seria “boa no que eu fizesse”.

Apesar de ter sofrido *bullying* na escola, isso não impediu, talvez tenha até reforçado, seu ingresso no grupo dos “nerds” da escola. A influência desse grupo, majoritariamente masculino, parece ter sido decisiva no seu gosto pela literatura juvenil. Durante a infância havia, juntamente com o trabalho de socialização familiar (os pais lhe presenteavam com livros, dicionário infantil, livrinhos de caligrafia, a mãe a levava para assistir aos filmes da Disney), a referência do trabalho escolar com a escrita (“biografiazinha de Villa Lobos”, por exemplo), realizado precocemente (ela iniciou na escola aos dois anos), o que propiciou o gosto pelas práticas de leitura e de escrita. Ao que parece, foi durante a adolescência que esse gosto se configurou predominantemente em pelo menos duas direções: uma na perspectiva de ajudá-la a resolver problemas da vida pessoal (especialmente a crise provocada pelo *bullying*) através da leitura identificatória de livros onde há personagens que sofrem algum tipo de preconceito; outra, que se refere à leitura do grupo no qual era bem aceita, a dos “nerds” (dos jogos na *Internet* lidos em inglês, por exemplo). Esta última parece ter se constituído em um ambiente propício à atualização de disposições adquiridas através da familiarização precoce com a linguagem da *Internet* e do cinema: “eu cresci com os filmes da *Disney* bem presentes, eu sei todas as falas, todas as músicas...”. Um exemplo do contexto de atualização dessa disposição pode ser visto no seguinte trecho da entrevista:

[...] Eu ganhei o concurso na *Internet* uma vez, de uma redação sobre um filme que era, tipo assim, o que você faria se você fosse personagem de tal filme? Eu devia ter uns 11 anos. Aí eu ganhei uns negócios lá, aí [...] chegou na minha casa, do nada assim, uns negócios do filme, uns negócios promocionais do filme, *pôster*, camiseta essas coisas assim...

As disposições de leitura incorporadas na longa convivência com esse grupo parecem encontrar um contexto favorável de atualização também nas trocas de Alice com o noivo e, apesar de ter assinalado no questionário “que raramente lê gibis (HQs)”, meses depois, na entrevista, ela revela essa influência do noivo na atualização de algumas dessas disposições de leitura:

[...] Ele gosta de ler. Eu geralmente empresto livro pra ele e tal, mas ele gosta de ler as mesmas coisas que eu gostava de ler antes da Letras me estragar: essas literaturas infanto-juvenis e tal. Eu emprestei pra ele outro dia *O Hobbit*, que vai sair o filme agora no final do ano, aí ele falou que queria ler, eu falei, não, eu já li, é legal. [...] Aí ele leu achou legal e ele fez um livro pra mim no *Ipad* [...] Como ele é *designer*, trabalha com editoração, aí ele fez um livro pra mim de uma revistinha que ele tinha achado, uns quadrinhos, ele gosta de quadrinhos. Aí, ele me mostrou que era das *Mil e Uma Noites*, era legal também, ele falou: ‘Não, você tem que ler isso e tal’. A gente troca experiência. (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, Alice assinala as seguintes preferências no uso de *Internet*, acessando, por ordem de prioridade: (i) *sites* de relacionamento (*Orkut*, *Facebook*, *twitter*, etc.); (ii) *e-mails*; (iii) *Youtube*; (iv) Notícias/textos informativos; (v) *Blogs*; (vi) conteúdo variado; (vii) *sites* de divulgação de pesquisas acadêmicas; (viii) Livros ou capítulos de livros eletrônicos; (ix) Jogos.

No mesmo questionário, Alice assinalou que lê frequentemente textos em outros suportes como revistas, jornais, textos de *Internet* e *blogs*. Este último é mantido por ela desde os doze anos até a atualidade, conforme expresso nos seguintes trechos da entrevista:

[...] Eu tinha um *blog* que eu escrevia minhas coisas, assim, coisas do dia a dia. Aí, acabava que quando eu via alguma coisa que eu gostava muito eu acabava escrevendo [...] Começou quando eu era bem pequena, assim, comparativamente, eu devia ter uns doze anos, eu fiz um *blog* sobre o *Harry Potter*, era de notícias do *Harry Potter*, e aí ficou famoso e tal, assim relativamente famoso, saiu numa revista uma vez e ele tinha um grande número de acessos e tal. Era legal, eu postava lá sobre *Harry Potter* só notícias, livros que estavam saindo. Teve uma época que eu até fiz tradução, quando saíam os livros em inglês, até sair a tradução, eu traduzia antes pro pessoal ler. Eram essas coisas, só que depois fui crescendo um pouco mais, fiquei *de saco cheio* e resolvi abandonar o *blog* e fui pro *blog* pessoal. Aí, eu comecei a escrever coisa da minha vida e não parei, até, agora eu tenho um *blog*. [...] Se eu vejo uma coisa que me deixa assim impressionada, aí eu preciso falar sobre aquilo, eu falo: ‘Nossa! Eu li isso aqui, é muito interessante. Vi esse filme, é ótimo’. Aí eu falo essas coisas assim... (Trecho transcrito da entrevista)

Em relação às leituras de jornais, Alice marcou no questionário que prefere os cadernos de “Arte/Cultura/Literatura”, “Moda/Estilo/Decoração”, “Informática e computadores”, “Notícias Nacionais”, “Notícias internacionais/do mundo”, “Notícias locais”, “Saúde e comportamento”, “Política”, “Negócios/economia”, “Automóveis”. Os tipos de revista que costuma ler são: “Informação semanal (*Veja, Época, Istoé, etc.*)”, “Femininas (*Claudia, Elle, Marie Claire, Criativa, etc.*)” e “Especializadas (saúde, esportes, games, informática, hobbies, etc.).

No momento da aplicação do questionário, Alice citou que estava lendo um livro indicado pelos professores do curso de Letras, intitulado *Os Cantares de Leitura* (Maria Gabriela Ilansol). Estava lendo também um livro relacionado ao seu gosto, cujo título é *Divagações* (Mallarmé). Ela não respondeu quantos livros, excetuando-se os obrigatórios do curso de Letras, ela lê anualmente. Em vez disso, escreveu: “Não há livros obrigatórios. Lemos trechos.”

Alice assinalou, ainda no questionário, oito gêneros de livros (em uma lista contendo dezessete alternativas, sendo uma delas de livre escolha, enumerando-os por ordem de preferência): (i) narrativas românticas; (ii) literatura clássica; (iii) história e relatos históricos; (iv) livros sobre vegetarianismo e o direito dos animais; (v) livros de política, economia ou de ciências humanas; (vi) livros de culinária, decoração, bricolagem, jardinagem; (vii) poesia; (viii) literatura infanto-juvenil. Indicou prazer ou gosto como o que mais a motiva a ler um livro de literatura. Selecionou autor, gênero e tema como fatores que mais influenciam na sua escolha de um livro de literatura. Ainda em relação a livro de literatura, Alice assinalou que se permitiria lê-lo(s) inteiro(s) de uma só vez.

Indicou *Orgulho e Preconceito* (Jane Austen) como seu livro preferido e Jane Austen, Fernando Pessoa e J. K. Rowling (escolhidos por ela em uma lista de dezoito escritores sugeridos na pesquisa e uma opção de livre escolha) respectivamente como os três escritores de sua maior preferência. Essa diversidade das práticas da leitura de Alice não inclui gêneros de livros de auto-ajuda ou orientação pessoal, biografia e autobiografia, pelos quais declarou ter aversão.

Os dados da entrevista esclarecem alguns pontos dessa diversidade, pois, ao mesmo tempo em que reitera essa multiplicidade de práticas de leitura, Alice nos revela pelo menos dois processos de formação de seu gosto literário, no qual predominam a relação hedonista com a leitura comum e o gosto pela literatura infanto-juvenil: (i) um processo no qual se construiu uma relação ambivalente com a leitura da literatura canônica do curso de Letras, cujo aspecto da obrigatoriedade ela rejeita, sem recusar, portanto, a ampliação de seu

repertório de leituras; (ii) um processo no qual se constituiu a disposição de submeter as leituras indicadas, impostas ou selecionadas a critérios de avaliação dos textos criados por si e para si mesma, o que demonstra a atualização de disposição para “criar suas próprias teorias”, como fazia na infância com as normas linguísticas.

Um exemplo dessa disposição pode ser inferido do seguinte trecho da entrevista, no qual Alice rejeita a utilização de catálogos com resenhas de livros na escolha de suas leituras:

[...] Não [uso catálogos], porque, eu acho que, a opinião é uma coisa, tipo assim, a pessoa pode dar uma opinião sobre aquilo, fazer uma crítica sobre um livro e eu falar “não quero ler”, e no fim das contas ser uma coisa fantástica pra mim e não pro crítico. Talvez não tenha uma grande qualidade literária e eles põem isso na crítica e isso me desanima. Mas aí eu perco uma coisa incrível que vai fazer uma grande diferença pra mim mesma que não seja de grande valor artístico. Então eu sempre prefiro ouvir opinião de outras pessoas, assim, de gente que convive comigo.

Assim, Alice registrou no questionário que a faixa etária em que mais leu livros literários foi dos doze até os quinze anos, principalmente porque, nessa fase, tinha mais tempo livre para se dedicar à leitura. Ao atribuir a leitura intensa nesse período ao fato de ter tido mais tempo livre, Alice parece não ter consciência de que as conturbações vividas por ela na adolescência (problemas com *bullying* na escola) podem ter desencadeado um momento propício ao tipo de leitura que realizou na época. Assim, quando solicitada a responder se algum livro havia marcado sua vida, ela respondeu:

[...] Eu acho que essas coisas que eu li na adolescência marcaram bastante, assim, *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, porque eram livros que não eram só livros. Eles eram livros que faziam parte de um contexto social, assim todos os meus amigos liam, todos meus amigos conversavam sobre isso e a gente conversava como se a gente conhecesse aquelas pessoas. [...] Era uma relação assim, o livro fazia parte da vida e era como se os personagens daqueles livros, fossem colegas nossos, o *Harry Potter* principalmente porque eu comecei a ler eu tinha onze anos e ele também; o último livro saiu e ele tinha dezessete e eu também. Então a gente cresceu junto, digamos assim, então, [...] era um livro que realmente fazia parte de um contexto social assim, era outra coisa.

[...] mas assim de livros que eu lia sozinha mesmo eu acho que eu gosto muito de *Alice no País das Maravilhas*, eu acho bem, bem legal [...] O jeito que eu me identifico muito com ela assim, é que ela está naquele mundo, naquela confusão e tal e na minha cabeça de vez em quando é assim também. Assim, a minha cabeça é um grande país das maravilhas, que todo mundo é doido, que todo mundo faz as coisas e aí tipo não faz sentido, depois passa a fazer, depois deixa de fazer de novo e aí é uma coisa mais minha comigo mesmo.

[...] E *Orgulho e Preconceito* é o grande livro da vida [...] É aquela coisa assim, isso, essa eu também compartilhei com algumas amigas, assim, todas as meninas queriam o Mr. Darcy pra elas porque o Mr. Darcy era o homem perfeito que todo mundo queria pra si [...] Então era um livro que era o grande exemplo que você queria ser, é tipo isso, Alice é o que é, o *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis* é aquela coisa social assim, é o que você mostra pras pessoas e o *Orgulho e Preconceito* é o que você almeja assim, o que você quer ser, você quer chegar nesse patamar um dia; é tipo isso.

Ao citar esses livros *Harry Potter* (J.K. Rowling); *Orgulho e Preconceito* (Jane Austen); *O Senhor dos Anéis* (J. R. R. Tolkien) e *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll), Alice aponta alguns livros que marcaram especialmente o período de sua adolescência, indicando motivações associadas à leitura, conforme o trecho abaixo:

[...] Eu me identificava bastante com Hermione na época do Harry Potter, gostava muito dela, mas eu acho que no fim das contas o livro me prende quando eu me identifico com personagem. Quando eu não identifico nada, aquilo não faz sentido pra mim, aí eu acabo deixando de lado, mas sempre tem personagens femininos, de modo geral, eu gosto muito de *Orgulho e Preconceito*, eu acho que das personagens, *Elizabeth* também que eu me identifico bastante [...] Eu sempre me identifiquei com personagens que sofriam preconceitos, de modo geral, também assim que ninguém gostava porque era feio ou porque era de outro lugar ou porque que se sentiam [...] deslocados no lugar, na escola que eles estavam, é, bastante... (Trecho transcrito da entrevista).

Se concordarmos com a ideia de que as situações sociais de crise e grandes momentos no ciclo da vida (período de adolescência, por exemplo) são circunstâncias favoráveis ao aparecimento de leituras que permitem um trabalho simbólico de elaboração-reelaboração dos esquemas de experiências e das identidades (LAHIRE, 2002: 94-95), podemos supor que os investimentos de Alice na leitura desses livros decorre do fato de apresentarem situações análogas às vivenciadas por ela, ou seja, a situação de *bullying* pela qual passou durante todo o período de adolescência.

Além desse tipo de literatura e desses modos de ler, Alice indicou também como leitura preferencial o livro *Maíra* (Darcy Ribeiro), que leu para o Vestibular, sobre o qual afirma: “era interessante a forma que a cultura era exposta ali, que eu fiquei interessada mesmo assim e aí eu comecei a gostar. Assim foi o meu primeiro contato com Darcy Ribeiro. Depois eu comecei a ler mais coisa dele achei legal”.

E na sequência da entrevista Alice cita outro livro desse autor, *O Povo Brasileiro*, sobre o qual comenta: “eu não sei se *O Povo Brasileiro* podia ser chamado de literário, porque é mais um ensaio, é mais uma outra coisa, eu acho, mas isso acontece na verdade com outros livros, que não são literários [...] já tem um outro caráter...”

Alice menciona a leitura de um livro, cuja motivação mais pragmática decorreu de sua adesão à proposta do autor:

[...] Eu sou vegetariana, aí eu li um livro de um cara que era carnívoro [...] Mas a proposta dele era muito interessante, o que ele queria fazer no final das contas era muito interessante, [...] É uma proposta que ultrapassa minhas próprias crenças. Aí não interessa o que eu acredito, o que eu me identifico; aquela proposta eu quero

saber o que aconteceu com ela, qual foi o resultado assim, é, acho que é isso. (Trecho transcrito da entrevista)

Esse hibridismo das práticas de leitura se releva também em outros domínios de prática como o cinema, cujos três gêneros preferidos são romances, adaptações filmicas de livros literários e filmes históricos. Acerca dessa prática, ela declara:

[...] Eu gosto muito de cinema, mas às vezes fica difícil, às vezes não tem nada passando. Ultimamente eu estou achando que não tem nada de bom passando, aí eu baixo muita coisa da *Internet*. [...] Um filme que a gente viu há pouco tempo que é muito bonitinho que chama *O Mágico*. É uma animação e é lindo assim, o filme, é quase todo mudo assim, pouquíssimas falas [...] É um filme pra adulto; não é uma animação infantil não. É lindíssimo o filme. Eu gosto muito de animação. Acho que é uma, uma das coisas que eu mais gosto de ver. Eu choro igual um bebê vendo *A Bela e a Fera* até hoje. [...] Mas a gente sempre tenta ver alguma coisa, assim, mini-série a gente viu *Os Três Mosqueteiros* agora também. (Trechos transcritos da entrevista)

Na Alemanha ela foi ao teatro assistir ao “monólogo chamado *Carta de uma Desconhecida*”, cujo texto original é de autoria de Stefan Zweig, autor do livro *Brasil, Um País do Futuro*. Acerca deste, ela comenta:

[...] Que eu li também e achei engraçadíssimo. Não que é engraçado de verdade mesmo, é porque ele fala do Brasil assim e tem umas visões muito gringas assim do Brasil. Aí era um monólogo dele assim que era que foi bem interessante. (Trecho transcrito da entrevista)

Ao cruzarmos os dados do questionário com as informações sobre as práticas culturais baseadas nos trechos destacados da entrevista, percebemos um hibridismo muito acentuado nas escolhas de Alice, bem como no seu modo de seleção dessas práticas, conforme atesta o seguinte trecho da entrevista, no qual ela descreve o modo como seleciona filmes e livros:

[...] É de acordo com meu humor na verdade, é pelo gênero. Se tem dia que eu acordo assim: ‘Nossa! Estou a fim de ver um filme de romance’. Então eu vou à locadora ou então vou à *Internet* e procuro um filme de romance que tenha uma história parecida com a que eu queira ver naquele momento. Livro é um pouco diferente porque aí já é uma coisa um pouco maior assim, eu fico pensando, eu vejo o livro na verdade e falo assim: ‘Quero ler.’ E aí eu pego mais porque eu tive contato com ele do que por uma escolha anterior. [...] Eu tenho que ter o contato e aí eu falo: ‘Não, esse aqui me interessou; quero muito ler’.

Assim, diferentemente do modo como seleciona os filmes a serem assistidos, a escolha de um livro exige o contato ou, ainda, uma indicação “do namorado, dos “amigos *nerds*” ou de “colegas da Letras”.

Porém, ao contrário das leituras identificatórias, que parecem tê-la auxiliado na resolução de problemas das crises relatadas nesse período, e do ambiente de troca de um tipo de prática de leitura marcada pelo hibridismo entre leitura e elementos oriundos das inovações tecnológicas que engendram novos modos de ocorrência dessa prática, principalmente entre os indivíduos mais jovens, Alice encontra no curso de Letras um contexto que parece contribuir para “a inibição de seus patrimônios de disposições individuais” (LAHIRE: 2004:26) de leitura, construídos até então, ocasionando, desse modo, a redução “drástica” de suas práticas de leitura, como ela expressa no seguinte trecho da entrevista:

[...] Aí eu entrei pra Letras e meu número de leituras assim por ano caiu drasticamente porque, por incrível que pareça, acho que a literatura estragou a literatura pra mim. Assim, eu passei a ler sempre com olhos tipo, ‘ah, será que esse livro está sendo bem escrito?; será que está bem feito?; será que esse livro é de qualidade?’. Isso estragou muitas histórias pra mim. Assim, eu parei de ter preocupação em ler por causa das histórias e passei ter preocupação com as estéticas, isso estragou a literatura pra sempre, assim, pra mim. Então, hoje eu leio muito menos assim, e quando eu pego alguma coisa pra ler, eu faço questão que seja alguma coisa de qualidade baixa pra ver se a história é um pouco melhor. Eu acho que isso.

No curso de Letras: o peso dos critérios próprios a uma disposição puramente estética da leitura e a redução das leituras comuns e espontâneas

De acordo com os dados do questionário, Alice ingressou no curso de Letras da UFMG em 2008 por meio de Vestibular, o qual tentou uma única vez. Na época, cursava o sétimo período da licenciatura Português/Alemão e já havia concluído a habilitação Latim/Português. Ela marcou como motivo principal que a levou a cursar uma graduação em Letras “o interesse em saber como as línguas funcionam” e definiu o currículo do curso procurando principalmente cursar as disciplinas necessárias para se formar, buscando conciliá-las com seu gosto. Declarou gostar de todas as áreas do curso de Letras e cursou o maior número de disciplinas na área de Linguística, considerando bom seu nível de conhecimento nesta última e na área de Línguas estrangeiras. Considera fáceis as áreas voltadas ao Ensino e às de Línguas estrangeiras e razoáveis as áreas de Linguística e de Literatura, classificando como regular seu nível de conhecimento nas áreas voltadas ao Ensino e à Literatura.

Alice declarou ter encontrado dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I, principalmente nos seguintes itens: desconhecimento das obras e autores citados; modos de ler e falar, sobre a leitura, pouco familiares (realizar comentários, sobre linguagem, atentar para princípios estéticos em detrimento do enredo, por exemplo); carga de leitura teórica

excessiva e campos teóricos desconhecidos (como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo).

O fato de essas respostas terem sido dadas de acordo com o nível de importância atribuído a cada uma dessas dificuldades, na visão da entrevistada, permite-nos afirmar que a dificuldade mais relevante de Alice decorre da distância entre o cânone tradicional do curso e a predominância de sua preferência pela literatura infanto-juvenil. Além disso, o caráter hedonista de sua leitura perpassa toda a entrevista, a busca pelo prazer parece constituir o centro de toda prática, inclusive a da leitura. Alice parece rejeitar a imposição de princípios estéticos apropriados às práticas profissionalizantes da leitura literária. Ao que parece, as disposições de leitura constituídas até o momento de seu ingresso no curso de Letras foram inibidas a partir de então, pois a seu ver o curso cerceia a liberdade na qual ela baseia suas práticas de leitura.

Assim, ela indicou no questionário que, ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, seu gosto e suas preferências não coincidiam com as dos professores dessas disciplinas. Também afirmou na entrevista que “não gosta de literatura clássica”. E, no questionário, quando solicitada a citar um(a) autor(a) estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que adorou e outro que detestou, a pesquisada citou Flaubert (que adorou) e Guimarães Rosa (que detestou).

Na entrevista, ao ser demandado que respondesse se alguma vez havia interrompido a leitura de um livro e se poderia explicitar, no caso, o motivo da interrupção, Alice citou Guimarães Rosa. E quando foi solicitado que citasse o título do livro cuja leitura fora interrompida, respondeu:

[...] Pode escolher ((risos)), todos que eu peguei dele, na verdade eu [...] Era sempre o mesmo motivo, eu tinha que ler muita coisa dele pra escola, assim, e eu até tentei ler, peguei pra ler e tal, mas eu não conseguia nenhum dele, eu li, eu tive que ler *Recado do Morro*, *O Grande Sertão* e aí... Como que é o nome do outro? *Manuelzão e Miguilim*? [...] Comecei os três, li o *Manuelzão e Miguilim*, na verdade são dois, né? Tem o do *Manuelzão* e tem o do *Miguilim*, eu não conseguia. Era muito pra minha cabeça; assim, eu achava o livro, eu sabia: aí é que está, eu sabia que ele tinha um grande valor literário e que a forma dele era muito interessante, mas o conteúdo não me prendia; assim, era uma realidade que não era a minha, um mundo diferente que não era o meu, e eu não me interessava, o que aquelas pessoas estavam fazendo, assim. A história pra mim é mais importante do que a forma no fim das contas e eu não conseguia porque a história não me prendeu nunca e desculpa, Guimarães Rosa, mas é isso aí. (Trecho transcrito da entrevista).

À primeira vista parece contraditório o fato de ter afirmado na entrevista que não gosta de literatura clássica, mas ter afirmado no questionário que adorou a leitura de Flaubert; assinalado no questionário que um dos julgamentos que mais se aproximam de sua opinião é

“Toda literatura contemporânea de qualidade me interessa”, mas ter declarado na entrevista que interrompeu a leitura dos livros de Guimarães Rosa por priorizar o enredo em detrimento da forma textual.

Entretanto, algumas declarações de Alice ao longo da entrevista sugerem a existência de uma tensão muito forte entre sua relação com o livro e com a leitura e a “profissionalização” da leitura suposta no curso, como indicam, por exemplo, os seguintes trechos da entrevista, onde ela comenta outro livro cuja leitura interrompeu:

[...] Ah, teve uns que eu comecei assim, minha irmã depois começou a ler bastante esses livros infanto-juvenis também, que é o que ela gosta de ler até hoje. Aí ela indicou um do Percy Jackson que é *O Ladrão de Raios* e eu comecei a ler. Isso foi depois que a Letras me estragou, talvez se eu tivesse lido antes eu teria gostado, mas eu falei: ‘Nossa! Não, é muito comercial, muito. Não dá pra ler isso aqui não. Aí comecei a ler e parei. (Trecho transcrito da entrevista).

E, ao confrontar seus modos de ler em dois momentos, antes de iniciar o curso e ao final dela, Alice demonstra um ponto de vista sobre o livro como algo pertencente ao terreno do sagrado, como se verifica nos seguintes trechos da entrevista:

[...] É, eu gostava mais de como era antes, na verdade, eu lia por prazer, por pegar um livro e saber a história, o livro pra mim era contar a história, era um negócio que contava história e eu estava interessada em saber. Então, eu pegava pelo conhecimento, eu pegava pela viagem, eu pegava pela imaginação, eu pegava pela coisa toda, então tinha uma coisa meio mágica, assim, o livro pra mim era uma coisa mágica. Então, eu gostava disso, inclusive um professor de Literatura meu estava falando isso na aula passada, que ele fala da diferença entre poético e o prosaico e o livro pra mim era poético, ele era um mistério, ele era uma coisa mística, era um coisa incrível. Quando eu entrei pra Letras, na aula de Teoria da Literatura I, no 1º período, a professora falou: ‘eu nunca mais li um... Eu não leio nada por prazer, eu leio pela forma’, eu ficava: ‘como que essa pessoa consegue ser assim, isso não é bom, isso está errado’, e ela falava: ‘não, mas é isso, vocês têm que ler assim’. E tudo que eu achava de livro, ela falava que estava errado: ‘não, isso não é bom o bastante, isso aqui não é forma, o autor, não interessa, isso aqui não interessa, o que interessa é o que está aqui, o que interessa é mimese, o que interessa...’. E isso me estragou mesmo porque eu fiquei com isso na cabeça, não porque eu fiquei com isso na cabeça que eu tinha que ser assim, mas a Letras me moldou pra ser assim. Eu nunca mais li um livro pela história, ninguém na Letras me indicou um livro pela história, acho que nenhum professor chegou assim e falou assim: ‘Gente, hoje nós vamos ler esse livro aqui porque ele é muito bom, porque a história que ele conta é excelente’. Nunca mais foi assim, era sempre assim: ‘Você vai ler esse livro aqui porque esse autor foi um grande expoente da escola tal’. ‘Então tá’. Às vezes a história não prendia, mas eu sabia que o cara tinha sido valioso para aquele período literário, para aquela escola e etc. Então eu acho que isso realmente tirou o prazer de ler, eu pego o livro e eu fico assim; às vezes não é de grande valor artístico, mas tem uma história excelente e eu não consigo me apegar a história mais, eu só fico assim: ‘Nossa! Mas essa forma, mas isso aqui não está bem feito; mas isso aqui não está bom; isso aqui não é de grande qualidade [...] e aí me estragou, nunca mais consegui pegar um livro só pela história.

Na sequência da entrevista, percebemos o esforço de Alice para resolver a tensão entre as leituras do curso, as quais propõem uma prática baseada na visão tradicional de leitura profissional, e as leituras comuns, que muitas vezes não se prestam à análise especializada, como ela explicita nos trechos abaixo:

[...] Eu tento pegar sempre um livro que tenha qualidade e que a história me prenda, então às vezes é uma busca meio difícil [...] Eu quero ler uma história interessante, eu quero ler uma história de conflito, eu quero ler uma história épica, sei lá, e aí eu caio nos livros tipo *A Letra Escarlate*, de vez em quando. Aí, caio para uns épicos assim, nunca li não, mas eu tenho muita vontade assim *Homero*, tenho vontade de pegar pra ler pra saber o que rolou com o pessoal lá. Aí eu caio nessas coisas assim, tento pegar umas coisas alternativas...

Entretanto, diante da dificuldade de conciliar a “qualidade” das obras literárias baseadas em critérios puramente estéticos e seus modos de ler engendrados por disposições ético-práticas⁴¹ constituídas ao longo de suas trajetórias de vida e escolar, Alice tenta buscar nas obras consagradas a satisfação de seus interesses ético-práticos, aplicando critérios pouco legítimos às obras que aprendeu, mesmo com declarada resistência, a reconhecer como legítimas. Além disso, ela passa a conviver com a desvalorização explícita de suas práticas comuns de leitura que visam a outros fins, conforme expresso abaixo:

[...] Claro que dentro da Letras cada professor tem uma preferência, mas tem coisa que é geral assim, eu acho que poucos professores vão chegar pra mim e vão falar: ‘Ah, vai lá ler *Crepúsculo* porque é de grande valor literário’. Ninguém vai falar isso, eu [...] lembro que essa professora mesmo que falou que ela nunca lia por prazer [...] Ela vivia falando de um crítico que ela conhecia que falava que *Harry Potter* não era literatura, aquilo acabava comigo na época porque eu era eu era muito fã de *Harry Potter*; então assim, como é que alguém chega pra mim e fala que a minha série de livros que me acompanhou pra sempre ‘não é literatura; isso não é bom o bastante’. (Trecho transcrito da entrevista).

Portanto, apesar da resistência e das críticas em relação ao distanciamento entre suas práticas de leitura comuns e das práticas de leitura especializadas incentivadas no curso, Alice acaba por aderir ao curso que, de acordo com sua opinião, constante no questionário, “oferece boa formação cultural, intelectual, profissional e literária”. A equivalência entre o tempo

⁴¹ De acordo com Lahire (2002:91-91) “Sob formas variadas, esta dicotomia encontra-se tanto nas análises de crítica estética de Mikhail Bakhtine como na sociologia da produção e do consumo cultural de Pierre Bourdieu. A disposição estética supõe que a forma artística (O estilo, a maneira, a representação) seja privilegiada em relação ao conteúdo ou à sua função e nisso se oporia a disposição ético-prática que rejeita a dissociação forma/função, forma/contéudo, modo de representa ao/contéudo representado, etc. Mikhail Bakhtine descrevia o modo de ver ético-prático como o ponto de vista daqueles que se orientam no mundo social através de "categorias cognitivas micas e práticas (as do bem, do verdadeiro e das finalidades práticas)" (Bakhtine 1984: 109) e que, por isso, *vivem* mais as histórias (ouvidas, lidas ou produzidas) do que iniciam uma relação propriamente estética”.

dedicado, de uma a duas horas semanais, à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras, e o tempo despendido com a leitura de livros literários excetuando-se os indicados pelos professores do curso de Letras demonstram certo equilíbrio entre as práticas de leitura voluntárias e as obrigatórias. Porém, talvez em decorrência da relevância destas últimas, Alice passou a utilizar estratégias para ter domínio do texto literário, conforme explicitado no seguinte trecho da entrevista:

[...] Eu acho que agora eu procuro mais coisa que tenha mais essa literatura passiva sobre o tema, literatura passiva tem isso em português? Eu li isso na Alemanha quando eu fiz intercambio lá, não sei se existe isso em português não, que era quando você ia citar uma obra, você ia citar, você estava fazendo um trabalho de literatura, você ia citar uma obra, tinha a literatura ativa, que era o livro mesmo que você leu, e a literatura passiva era o que foi escrito sobre ele. Aí eu sempre eu pegava alguma coisa, acho legal isso, quando eu pego um livro pra ler, depois vejo o que as outras pessoas falaram sobre ele, que diversos teóricos falaram sobre ele, é aí eu acho que isso serve meio que de muleta, eu acho às vezes, porque eu fico assim: ‘Ah, eu achei isso aqui desse livro, será que essa pessoa também achou? Deixa eu ver se essa pessoa também achou’ e às vezes é, às vezes não, acabou que minha leitura ficou assim, porque diminui bastante, mas eu acho que aumenta em qualidade também. É uma leitura um pouco mais crítica, mas perde a questão da história porque nunca mais consigo ler um livro que tem uma história contada. [...]

Apesar dessa relativa adesão às práticas de leitura e de escrita baseadas no saber literário especializado, podemos inferir do relato de Alice a permanência de uma disposição para “criar suas próprias regras”, definindo a validade de suas leituras de modo autônomo, independente dos critérios de legitimidade das leituras praticadas no curso. Assim, ao ser indagada sobre as estratégias que utiliza para ter domínio das leituras do curso, Alice responde:

[...] Eu não sei como é que eu fazia não. Assim, eu ia, eu não estava muito preocupada na verdade com o que o professor ia achar não. Eu estava mais preocupado com o que eu estava pensando do negócio. Aí, na minha Teoria I, inclusive, o trabalho final, eu falei, eu estava lendo [...] Thomas Mann, era *Morte em Veneza*, era o livro da literatura final, eu adorei o livro, achei o máximo porque eu gostei da história, achei interessante [...] Mas Introdução à Literatura eu fiz recentemente, assim, eu fiquei enrolando, não queria fazer isso de jeito nenhum. Aí tinha uma hora que eu tive que fazer, mas assim foi mais tranquilo, o professor era mais aberto, assim, e o meu trabalho final foi sobre o Machado de Assis, foi exatamente sobre isso. Eu lembro que era um livro que eu tinha lido na escola que era *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Aí eu peguei a leitura que eu fiz na escola e a leitura que eu fiz na faculdade e comparei, meu trabalho final foi sobre isso, o professor gostou e eu tirei total. Então, eu sempre tento conciliar as coisas que eu gosto de fazer e o que o professor quer que eu faça assim. (Trecho transcrito da entrevista)

Embora não estivesse preocupada com a opinião do professor sobre sua leitura, Alice parece encontrar respaldo no capital cultural incorporado, através das socializações em que

participou (família, trabalho escolar, grupo de amigos “nerds”, professores e colegas do curso de Letras), para realizar as leituras obrigatórias do curso com facilidade, alcançando a nota máxima em um trabalho de literatura.

Portanto, as disposições de Alice permitem caracterizá-la como detentora de um conjunto heterogêneo de práticas culturais de leitura cuja ativação ocorre em função de alguns contextos específicos: na família, o divertimento, uma disposição hedonista, a liberdade para criar suas próprias teorias linguísticas; na escola, a mobilização de disposições de escrita; na adolescência, o trabalho simbólico de elaboração-reelaboração dos esquemas de experiências e das identidades; no curso de Letras, a tensão entre a resistência aos critérios pré-estabelecidos da leitura literária e a liberdade de criar seus próprios critérios e, ainda, perpassando todos esses contextos, a existência de uma disposição ético-prática que pretende “formar gente melhor pro mundo”: “eu quero fazer uma coisa que me dê a certeza de que eu estou fazendo alguma coisa positiva pelo mundo, que aquelas pessoas que estão tendo aula comigo vão ter uma visão melhor das coisas”.

Quadro 11 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Alice

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>Harry Potter</i> (J.K. Rowling)	Harry Potter (J.K. Rowling)		<i>A Letra Escarlate</i> (Nathaniel Hawthorne)
<i>O Senhor dos Anéis</i> (J. R. R. Tolkien)	<i>O Senhor dos Anéis</i> (J. R. R. Tolkien)		<i>Homero</i> (não leu, mas gostaria de ler)
	<i>Alice no País das Maravilhas</i> (Lewis Carroll)		<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis) (leu na escola, depois na faculdade para fazer trabalho e tirou o total)
	<i>Orgulho e Preconceito</i> (Jane Austen)		<i>Brasil, Um País do Futuro</i> (Stefan Zweig)
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido voluntariamente antes da entrevista	Livros não-literários
<i>O Recado do Morro</i> (Guimarães Rosa)	<i>Maíra</i> (Darcy Ribeiro)*	<i>A Princesinha</i> (Frances Hodgson Burnett)	<i>O Povo Brasileiro</i> (Darcy Ribeiro)
<i>Grande Sertão: Veredas</i> (Guimarães Rosa)	<i>Morte em Veneza</i> (Thomas Mann)		
<i>Manuelzão e Miguilim</i> (Guimarães Rosa)			
<i>Ladrão de Raios</i> (Percy Jackson)			
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Orgulho e Preconceito</i> (Jane Austen)	<i>Os Cantores de Leitura</i> (Maria Gabriela Llansol)	<i>Divagações</i> (Mallarmé)	(i) Adorou: Flaubert
			(ii) Detestou: Guimarães Rosa

4.12 PAULO

Paulo tem 24 anos, é branco, filho único, solteiro, não tem filhos e se declara homossexual e agnóstico. É natural de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais e atualmente mora em um bairro situado na região da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte, em uma residência universitária. Por conveniência dele, fizemos a entrevista na residência da pesquisadora. Antes de iniciarmos a entrevista, Paulo disse que não gostaria de trabalhar em

escola pública, criticou o Estado e falou sobre sua experiência em um cursinho particular de Belo Horizonte, onde, conforme seu ponto de vista, a expectativa dos alunos é de terem “aula-espetáculo”, professores que toquem violão, por exemplo, e atribuiu seu desinteresse em trabalhar nesses cursinhos particulares ao fato de não possuir “habilidades artísticas”. Na época da entrevista trabalhava como revisor em uma editora e afirmou que, como trabalha com leitura durante a maior parte do dia, para descansar, ele gosta de ler “esse tipo de narrativa que não tem muita reflexão”. Oriundo de família católica, com poucos recursos culturais e financeiros, teve acesso ao universo escrito predominantemente por meio da escola. Apresenta-se como um leitor que mobiliza suas disposições ascéticas a fim de realizar grande investimento na aquisição de capital literário específico do curso de Letras.

Estrutura social e familiar

De acordo com informações contidas no questionário aplicado em sua turma em abril de 2011 e na entrevista realizada oito meses mais tarde, a mãe de Paulo é graduada em Pedagogia, “mas trabalhava virando plantões e plantões no hospital, como faxineira”. O pai “não tem nem o Ensino Médio completo ainda e [...] trabalhava como autônomo em oficina [...] Ele era meio daqueles meninos criados junto com o cara da oficina e aprendeu ali na prática, foi levando, levando e ainda é hoje assim”.

No questionário, Paulo assinalou que em sua formação como leitor “ninguém especialmente o incentivou a ler”, que durante a infância não costumava ver os pais lendo e nunca foi presenteado com livros. Na entrevista, reitera essas informações:

[...] Meus pais, eles nunca foram de incentivar muito o meu estudo, porque minha mãe ela sempre trabalhou fora, meu pai também trabalhava como autônomo, fora, Então, na maioria das vezes eu ficava em casa com os meus avós. E como eu sou de uma cidade do interior, você é meio que encaminhado pela família de onde você nasceu, pela forma de como seus pais se portam na sociedade ou são na sociedade. Então, realmente, o incentivo dos meus pais em relação a estudo eu não tive nenhum não, assim, foi mais por conta própria. Agora, os primeiros livros que eu lembro de ter lido foi sem dúvida assim na escola, na escola ou que levava pra casa; lia em casa, alguma coisa assim do gênero. Eu não tive muito do que muitas vezes a gente vê na televisão. Muitas vezes a gente vê discursos falando de pai chegar, ler pro filho, mostrar o livro, essas coisas assim eu não tive nada, nada disso; foi mais que uma exceção em relação à posição social em que eu me encontrava na minha cidade. (Trecho transcrito da entrevista)

Apesar de relatar o pouco ou quase nenhum envolvimento dos pais em sua socialização de leitura, Paulo se lembra de que, na época em que era criança, “tinha muita dificuldade na

dicção oral, mesmo; então gostava de ler sempre à noite. Lia em voz alta, meus pais escutavam do quarto ao lado, e achavam bonitinho e tudo mais”.

Se coadunarmos com Lahire (1997:21) que “o texto escrito, o livro, para a criança faz parte dos instrumentos, das ferramentas cotidianas através das quais recebe o afeto de seus pais” e, ainda, que “isto significa que, para ela, afeto e livros não são duas coisas separadas, mas que estão bem associadas”, não veremos neutralidade na atitude dos pais, percebida por Paulo, ao apreciarem sua leitura em voz alta. Essa pode ter sido uma das ações de socialização familiar responsáveis pela estruturação de uma relação afetiva de Paulo com os pais, reinvestida posteriormente em suas práticas de leitura ou mesmo na construção da disposição de praticar a leitura.

Conforme o ponto de vista de Paulo, o pertencimento a uma família tradicional, oriunda de pequena cidade do interior (com quinze mil habitantes, aproximadamente), onde “todo mundo conhece todo mundo” e “as relações são muito estratificadas, são muito separadas, segmentadas mesmo”, e a baixa escolaridade de seus pais constituíram dificuldades à sua longevidade escolar, ao acesso a uma profissão de maior prestígio e à perspectiva de mobilidade social:

[...] Se você nasceu naquela família você vai ser isso; se você nasceu naquela família, você vai ser aquilo, entendeu? É mais ou menos esse tipo de coisa e, por exemplo, a escolaridade dos meus pais, por aí a gente já tem uma noção de qual seria o meu possível papel se por acaso eu continuasse naquela sociedade e não encontrasse o prazer nos estudos [...] Então já por aí eu já vejo que eu não tinha muito futuro, até mesmo na escolinha, tipo, ninguém olhava tanto pra mim assim, ninguém dava muita coisa por mim. Eu fico brincando até mesmo com meus colegas, quando eu vejo meu vídeo de formatura do terceiro período, que eu deveria ter o que, cinco, seis anos, né? Hoje eu vejo como é que os papéis eram muito vinculados mesmo, já determinados por aquela sociedade tão pequena, mas que já tem todos os seus preconceitos. Eu não lembro, por exemplo, de ter feito nenhuma leitura na frente da sala de aula, de ter lido pros meus colegas, de ter tido um papel de destaque nas festinhas que tem na escola; por quê? Quem fazia esse tipo de coisa eram sempre os filhos dos advogados, os filhos dos médicos, os filhos do dentista, era tudo muito assim, entendeu? Era o loirinho, o branquinho, o pretinho nunca fez nada. Então, talvez as pessoas, os professores, a escola, a sociedade como um todo nem enxerguem isso de uma maneira tão clara, tal como eu estou vendo e consigo falar agora, mas eu acho que quando você nasce nesse tipo de sociedade, se você realmente não tem outras oportunidades, se você realmente não cria uma vontade própria, sabe se lá de onde, você acaba sendo determinado a seguir aquelas funções que seus pais tiveram e conseqüentemente eu seria, por exemplo, um aprendiz de oficinairo, entendeu? (Trecho transcrito da entrevista)

Essa perspectiva do papel da escola (e da leitura) na sociedade nos remete ao pensamento de Bourdieu (2008:166) acerca da “necessidade tornada virtude”. Assim, do ponto de vista de Paulo, encontrar “prazer nos estudos” é uma condição essencial para romper com o determinismo social vinculado a seu pertencimento de classe. O confronto entre a

crença no valor da posse de capital cultural (e escolar) como maneira de se destacar na sociedade e a consciência de sua baixa condição social engendram as ambições escolares e culturais de Paulo, que passa a realizar grandes investimentos em sua formação escolar e cultural.

Na entrevista, Paulo relata que seus avôs maternos são analfabetos e os paternos possuem um grau mais alto de estudos. Ao indicar o nível de escolaridade destes, Paulo reforça sua crença na relevância dos níveis mais altos de estudos para o reconhecimento social: “meu avô chegou a fazer até curso de enfermagem e teve certa representatividade dentro da cidade, mas minha avó só ficou até a oitava série, o ginásio deles lá, o segundo segmento [...] do ensino fundamental”.

Se, por um lado, Paulo relaciona a posse de capital escolar à relevância social de um de seus familiares; por outro, ele reitera, na entrevista, a indisponibilidade desse capital. Ele não se lembra, por exemplo, das práticas de leitura ou escrita de seus avôs e avós: “eu não me lembro de eles falarem, mostrarem, emprestarem alguma coisa assim do gênero não”. Também não se lembra de, durante a infância, ter sido incentivado a ler por outras pessoas de sua família ampliada:

[...] Nessa época eu acho que tinha alguns livros lá em casa, eu acho que um dos primeiros livros que li foi a *Patota da Pipoca*, alguma coisa assim. Livrinho pequeno, infantil, e tudo mais. Eu acho que esse livro veio dos meus primos, pra falar a verdade. Só que eu não tinha muita relação com eles, porque eles, nessa época, moravam longe da minha casa, ou moravam em [Nome da cidade], alguma coisa assim, e iam pouco. Mas esse livro apareceu. Esse foi o primeiro livro que eu li, li com dificuldade, mas eu não lembro, por exemplo, de ter lido isso pros meus pais, lido isso pra minha mãe, de ver meus pais lendo pra mim ou meus avós... (Trecho transcrito de entrevista)

Mesmo diante da ausência de incentivo aos estudos e da escassez de práticas de leitura e de escrita no entorno familiar, é nesse ambiente que Paulo encontra o que parece ser o impulso da “boa vontade cultural” que caracteriza seus investimentos escolares. Assim, impulsionado pela “vontade de se destacar em relação aos primos mais velhos”, Paulo se empenha intensamente nos estudos:

[...] Eu tinha cinco anos, [...] já estava alfabetizado, eu já sabia ler razoavelmente e escrever, mas eu me preocupava só em fazer o dever de casa mesmo, e fazer bem, com letra bonita [...] Talvez, eu fico pensando, volto atrás me analisando, talvez seja porque realmente eu queira chamar a atenção por esse lado, já que ninguém da minha família dava tanta importância para isso; talvez por ver meus primos mais velhos do que eu, que dentre os primos eu sou o mais novo, já indo pro colégio diferente, já indo pra uma escola diferente; talvez por causa disso, e talvez até mesmo pra me destacar em relação a eles porque, apesar de vê-los estudando em

outro colégio, eles nunca foram tão aplicados quanto eu. Até hoje, por exemplo, eles nunca foram tão aplicados quanto eu. (Trecho transcrito de entrevista)

Na escola: a descoberta do universo escolar como um mundo relativamente novo

Ao contrário da familiaridade, em relação ao sistema escolar, das “crianças cujos pais, avós, e às vezes várias gerações anteriores, não só são ou foram alfabetizadas, como conheceram longos percursos escolares” (LAHIRE, 2011:190), Paulo descobriu o universo escolar como um mundo relativamente novo e estranho, do qual dependeu completamente para se apropriar dos elementos de uma cultura escrita conforme expressa no seguinte relato, auto-explicativo de sua relação com a escola:

[...] Eu comecei a ler mesmo, de fato, primeiro no primeiro grau [...] No primeiro segmento do primeiro grau, eu lia aqueles livros mais infantis do cantinho da escola mesmo, que tinha lá então. Era aquele aluno que pegava sempre os menores pra andar mais rápido e o problema que os menores eram de poesia (rs).. A gente não entendia essas coisas todas, mas isso foi mais tipo segunda, terceira, quarta série. Na quinta série eu já comecei a frequentar mais a biblioteca do meu colégio; foi a partir da quinta série. Eu sempre fui um aluno mais aplicado, assim, sempre gostei de estudar, estudar, mas realmente pra livro literário [...] Eu comecei a de fato ler livro literário a partir da quinta série. Comecei a frequentar o colégio, a biblioteca do colégio... Aí, na biblioteca, eu pegava os livros; por exemplo, *O Diário de Anne Frank*, nessa época eu li isso; *Diário de Maria Carolina de Jesus*, que tinha esses cunhos mais sociais mesmo. Eu gostava de ler essas coisas, gostava muito de ler Monteiro Lobato; não li a coleção toda, mas eu li alguns livros.

[...] Já que eu estava numa sociedade que não valorizava nada relacionado a estudo em mim, eu não via muito incentivo por parte dessa sociedade em me fazer ler. Eu só lembro que, ah!, uma coisa muito interessante: eu lembro que meus colegas, com quem eu andava no colégio, eles sempre me disseram que os pais deles faziam o dever de casa com eles, entendeu? E isso, de certa forma, me deixava um tanto entristecido porque minha mãe não tinha esse tempo. Eu lembro até hoje, que eu era muito caprichoso, eu sempre fui muito caprichoso com as minhas coisas, que às vezes minha mãe chegava do plantão cansadíssima, etc., Eu colocava ela lá: ‘você vai fazer o dever de casa comigo, sim’. Aí eu ficava lá, já tinha lido o dever, já sabia fazer tudo, ia fazendo o dever. Se por acaso a letra não saía bonita, que pelo menos no conceito de bonito da época, você é criança, você tem tipo cinco, seis anos, então você não tem muita maestria, pra escrever, mas se a letra passasse da linha ou ficasse feia, eu apagava tudo e fazia de novo, arrancava folha, chorava e minha mãe: ‘Paulo, está ótimo, está ótimo, vão embora’. Nunca teve esse tipo de incentivo: ‘Ó, vamos, eu vou te ajudar’ e etc. Foi mais alguma coisa mesmo que é, eu forçando, e talvez de uma forma até rebelde pra tentar ser valorizado naquilo que meus outros colegas, esses que se destacavam na cidade também tinham, entendeu? (Trechos transcritos da entrevista)

Apesar de atribuir toda a sua formação leitora à instituição escolar, a descrição das leituras praticadas durante a adolescência é perpassada por forte influência midiática:

[...] Depois dessa época [a infância], mais assim quando eu estava na sétima série, aí eu consegui, porque eu estava lendo mais esporadicamente, eu comecei a ler *Harry Potter*, que saiu mais ou menos na minha idade, ele era da minha idade e eu fiquei

extremamente empolgado com isso e comecei a ler livros digamos assim maiores, assim, e gostava muito disso. Então acho que foi a partir dessa fase mesmo que eu, não sei se essa palavra é adequada, eu me proficentizei na leitura mesmo, gostando realmente de ler e a partir daí pegando outras coisas. Bom, no Ensino Médio, eu fiz CEFET⁴², que privilegia muito mais as Exatas do que a Humanas, então minha leitura realmente deu uma decaída muito grande. Eu lembro que no final do ensino fundamental eu ainda li a coleção de *Harry Potter*, a coleção de *Brumas de Avalon*, toda essa literatura, Agatha Christie, Sidney Sheldon, essas coisas assim. Tudo eu lia nessa época, mas aí, durante o CEFET realmente eu não tive muito espaço pra leitura e por aí. Foi só mais no meio do segundo ano assim que começamos a ver Romantismo na literatura, que aí de fato eu voltei a ler esse tipo de coisa literária e tal e tal. (Trecho transcrito da entrevista)

No questionário, meses antes da entrevista, Paulo assinalou que a faixa etária em que mais leu livros literários foi a de doze a quinze anos, motivado principalmente “por interesse pessoal” e que durante a infância e adolescência costumava frequentar biblioteca também por interesse pessoal.

Confrontando esses dados com as informações contidas em trechos transcritos da entrevista, percebemos as influências escolares e midiáticas nas preferências e nas frequências das práticas de leitura de Paulo no período da adolescência.

A redução das práticas de leitura literária no Ensino Médio em uma escola que privilegiava “muito mais as Exatas do que as Humanas” remete ao estudo de Lahire (2004), acerca das formas de leitura estudantil e categorias escolares da compreensão da leitura, no qual o sociólogo defende a relevância de se levar em conta, nos estudos sociológicos, a natureza (mais literária ou mais científica das formações) constitutiva de algumas das disposições culturais frequentemente muito poderosas no mundo social.

As disposições ascéticas de Paulo podem ser verificadas também no domínio da escrita, cujas práticas foram também incentivadas pela escola, especialmente no período em que cursou o Ensino Médio:

[...] Quando eu estava no segundo ano, fizeram um concurso literário pros alunos de lá. A eu fui e escrevi uma crônica de uma história que eu sempre quis escrever e tudo mais e coloquei lá. Pedi pro meu primo, que nessa época já fazia Letras, pra dar uma olhada; mas mudei algumas coisas só. Mas o resto da história estava ótimo. Mas eu não conquistei nada com isso, nada, enfim, dos primeiros colocados nem nada. Mas eu nunca fui de desenvolver meu lado artístico e isso eu me refiro, não simplesmente em relação à escrita, mas também em relação a música, pintura, artes plásticas, artes cênicas. Eu nunca fui de desenvolver muito esse meu lado. [...] Quando eu era criança, eu adorava assim, achava um luxo, por exemplo, tocar piano, entendeu? [...] Eu nunca tive muita propensão realmente pra desenvolver meu lado artístico [...] nem mesmo na literatura. Sempre fui um leitor, simplesmente,. Smpre gostei de criticar; sei escrever tranquilamente pra falar sobre isso, mas de produzir literatura nunca fui assim não. (Trechos transcritos da entrevista)

⁴² CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica)

Paulo parece consciente do seu distanciamento em relação à “cultura livre adquirida nas experiências extra-escolares” (BOURDIEU, 2010:44), dedicando maior energia aos investimentos em práticas vinculadas às aquisições escolares: a leitura e o comentário oral ou escrito:

[...] Quando eu era criança, eu sempre sonhei em tocar piano. Só que na minha cidade não tinha isso; tinha teclado, eu queria piano; não queria teclado, queria piano. Então acabou que eu não fiz nada relacionado a isso, entendeu? É, mas só isso, só isso que tinha, mas isso ficou na infância mesmo. Eu não me sinto traumatizado por não ter feito isso, sabe? Eu encontrei talvez outras coisas pra me dedicar, sobretudo hoje, realmente, apesar de eu me considerar um grande apreciador em relação à arte, eu não sinto incitado a produzir arte, ou seja, de que espécie for, né? (Trecho transcrito da entrevista)

Contudo, ao que parece, durante a adolescência, a partir dessas socializações heterogêneas, o gosto de Paulo se configurou predominantemente em pelo menos duas direções: uma delas, talvez a principal, na perspectiva da boa vontade cultural caracterizada principalmente pela crença na legitimidade dos produtos culturais, escolares, pela dedicação aos estudos e pela intensificação progressiva das práticas de leitura oficiais; outra, que se refere, ao mesmo tempo, à disposição de ler compulsivamente, “livros maiores”, sem preocupação com hierarquias dos gêneros e sob influência da mídia. Entre a seleção de livros, provavelmente influenciada pela mídia, Paulo destaca a leitura de *Harry Potter* (J.K. Rowling), analisada no próximo tópico deste retrato.

O gosto pela leitura: entre leituras comuns e leituras especializadas

Coadunando com a tese de Bourdieu (1983:109-111), segundo a qual os estudantes mais capitalizados culturalmente seriam dotados de um esteticismo “que lhes permitiria encontrar na mistura de gêneros e na subversão das hierarquias uma ocasião de manifestar a onipotência da disposição estética”, capaz de transformar quaisquer objetos em objetos de apreciação estética e que, o oposto se daria entre aqueles estudantes com volumes mais baixos de capital cultural, cuja escolha estaria condicionada ao modo tardio, metódico e esforçado de aquisição da cultura que os faria tender para escolhas “disparatadas” resultantes de um conflito entre “seus gostos de inclinação e seus gostos de vontade”, poderíamos supor que o ecletismo cultural de Paulo advém das condições desfavoráveis nas quais ocorreu sua formação como leitor.

Porém, a nosso ver, os comentários tecidos por Paulo acerca da leitura de *Harry Potter* (J.K Rowling) indicam mais uma situação de crise no período de adolescência (na época dessa leitura, Paulo tinha treze anos de idade) do que o resultado da influência midiática ou do ecletismo do gosto. No momento da entrevista, Paulo parece tomar consciência desse momento de crise, vivenciado por ele na adolescência:

[...] *Harry Potter* é a história lá de um bruxo que nasceu, 'Nossa, agora que eu estou analisando as coisas', *Harry Potter* é uma história de um bruxo que nasceu marcado já pela tragédia com outro bruxo, [...] Ele cresceu com os tios dele que não davam nada por ele, 'Nossa! Olha como, (rs) viu como as coisas estão juntando?', que não davam nada pra ele e depois de um determinado tempo ele se descobre bruxo, vai pra uma escola, tem aventuras, esse tipo de coisa. Aí eu acho que meio que me senti assim nessa época, talvez um *Harry Potter*, não só talvez por essa questão social, mesmo familiar, mas até mesmo em relação à escola, por exemplo. Eu sempre fui uma criança gordinha, feia, emburrada, mais quieta comigo mesmo. Eu nunca tive turma, eu nunca fui o mais representativo da turma, o mais carismático possível. Nessa época, assim, ao longo de toda a minha formação, eu acho, eu não me vejo nesse papel, entendeu? (Trecho transcrito da entrevista)

Assim, se concordarmos com a ideia de que as situações sociais de crise e grandes momentos no ciclo da vida (período de adolescência, por exemplo) são circunstâncias favoráveis ao aparecimento de leituras que permitem um trabalho simbólico de elaboração-reelaboração dos esquemas de experiências e das identidades (LAHIRE, 2002: 94-95), podemos supor que os investimentos de Paulo na leitura do livro *Harry Potter* decorrem do fato de este livro apresentar situações análogas às vivenciadas (ou percebidas dessa maneira) por ele, ou seja, a situação de discriminação decorrente de suas propriedades físicas e sociais.

Os relatos de Paulo acerca da leitura de *Campo Geral* (Guimarães Rosa), indicado como o livro mais marcante de sua vida, requisitada pela faculdade, passados alguns anos, indicam os efeitos da busca pela apropriação de modos legítimos de ler as obras consagradas. Antes de lê-lo, Paulo relatou que teve seu primeiro contato com a obra de Guimarães Rosa quando se preparava para o Vestibular da UFMG:

[...] Quando estava fazendo vestibular, eu me deparei com uma coisa muito estranha, porque até então eu tinha que estudar um monte de Matemática, Química, essas coisas assim que eu tinha certa facilidade, porque o CEFET dava isso muito bem pra gente. Mas como a escola estava em greve, eu precisava estudar, avançar mais essa matéria, porque Português, Literatura, apesar de eu ter tido uma certa dificuldade no CEFET, eu sempre gostava e dava conta. mas eu me peguei, tipo há uns dois meses antes do Vestibular, eu consegui pegar os livros pra ler pra Federal, eram cinco livros, lembro de todos eles até hoje, foi a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, *Contos Amazônicos*, *Um Certo Capitão Rodrigo*, *Patativa do Assaré* e *Grande Sertão: Veredas*. Foi meu primeiro contato com Guimarães Rosa. Adorei o livro, amei o livro demais e já fui pra Letras pensando em fazer alguma coisa relacionada a isso, fazer uma disciplina. Eu acho que eu nunca quis ser professor de Literatura, mas eu gostei muito do livro, gostei muito da escrita Roseana [...] Sempre gostei muito

disso e com isso, quando eu estava no terceiro semestre, eu fiz uma disciplina chamada *Corpo de Baile*, com uma professora chamada [nome da professora], que é uma das referências lá na Federal pra esse tipo de literatura, Guimarães Rosa ou literatura dessa época. E eu li *Campo Geral*, a história de Miguilim; amei Miguilim; tanto que eu coloquei esse Miguilim no meu convite de formatura, né? (Trecho transcrito da entrevista)

Conforme o relato de Paulo, o fato de ter “gostado muito da escrita Roseana” motivou-o a ler outros livros de Guimarães Rosa. Foi então que leu o livro que considera o mais marcante de sua vida:

[...] Então, é um livro que realmente marcou, não só pela questão da linguagem, mas também pela história do menino que está sendo posta ali e por todas as intertextualidades possíveis em relação a tudo ali, por todas as camadas que ele tem [...] E camadas que não se esgotam, você vai lendo e cada vez que você lê, você tem uma outra leitura. Nossa! Isso me apaixonou demais e isso me faz o colocar como melhor livro assim pra mim. E rola uma identificação muito grande. (Trecho transcrito da entrevista)

O modo de apropriação dessa leitura parece atualizar as disposições de Paulo na perspectiva estética, do leitor especializado, construída no processo de formação escolar (através dos esforços pela apropriação legítima de obras legítimas). Porém, o comentário dele acerca dessa leitura deixa entrever algum alinhamento com a leitura identificatória, voltada para a resolução de problemas da vida pessoal, geralmente vinculada ao leitor comum.

Dessa maneira, se por um lado, aprecia “a linguagem”, “a escrita Roseana”; por outro, a situação do protagonista, talvez percebida por Paulo como um tanto análoga à vivenciada por ele, é o fator que chama sua atenção no livro *Campo Geral* (Guimarães Rosa):

[...] Talvez por essa questão mesmo que eu estou analisando agora e tem um pouco a ver, primeiro a questão da linguagem que sempre me apaixonou demais em Rosa e, segundo, a questão da própria história de Miguilim; ele é sempre um menino que estava naquele lugar e talvez não pertencesse àquele lugar, estava numa família que provavelmente seria totalmente desestruturada ou acabaria tal como aqueles finais extremamente tristes de Graciliano Ramos, mas que no final das contas encontra um cara que chega lá e coloca os óculos pra ele, aí ele começa a ver um mundo, né? Achei isso belíssimo, eu me encantei com aquilo e hoje eu tenho, por exemplo, o *Campo Geral* como meu livro de cabeceira; não que eu leia ele recorrentemente. Já li duas vezes, mas é meu livro de referência; é o livro com o que eu mais me identifico; é o livro de que eu mais gosto, entendeu? (Trechos transcritos da entrevista)

A partir de então, Paulo passa a investir progressivamente nas leituras consagradas e nos modos de ler profissionais. No curso de Letras, ele parece encontrar um contexto favorável à atualização de suas disposições para a leitura literária, geralmente coincidindo com o gosto formado predominantemente no universo escolar, porém, em alguns momentos,

influenciado pelas práticas comuns de leitura de sua adolescência, como podemos inferir do seguinte trecho da entrevista:

[...] Quando estava no primeiro ano, eu nunca fui, em toda minha trajetória, de pegar muito livro pra ler sem as pessoas pedirem, a não ser esses que eu te falei, que eu realmente leio. Me dá Guimarães Rosa, eu leio; me dá Clarice, eu leio; me dá Ligia, eu leio; me dá *Harry Potter* (rs), ainda de vez em quando eu leio, entendeu? Mas a maior parte dos livros sempre foi tipo assim, ‘ ah! vai ter uma prova a respeito disso e a gente vai precisar ler’. Aí eu li um livro que, por exemplo, que eu li até mesmo em partes, é, e não foi necessariamente pra fazer uma prova, mas também pra conhecer sobre temas e outras coisas mais. Você me falando de sonetos, de poesias, eu lembrei: quando eu estava no primeiro ano, no final do ano, caiu o livro *Sonetos de Luís de Camões* pra prova do PASES, primeira etapa que é o vestibular filiado lá de Viçosa. Bom, eu precisava conhecer a escrita do cara, precisava conhecer Luís de Camões; já conhecia *Os Lusíadas*, né? Em versão adaptada, em alguns versos, mas eu precisava entender sobre que tema que ele fala em geral; precisava entender como que ele se estrutura. Aí, de fato, eu cheguei a ler. Praticamente li o livro todo pra ter uma noção disso. Mas não um ou outro, não pelo assunto, nem nada, porque eu não interessei muito pela escrita dele; não é uma coisa que estabiliza, que me estabiliza, que me causa um gosto estético, entendeu?

Portanto, se por um lado, Paulo se permite uma leitura em consonância com suas disposições mais hedonistas (“me dá *Harry Potter* (rs), ainda de vez em quando eu leio, entendeu?”); por outro, as circunstâncias de uma leitura mais controlada do curso de Letras, por exemplo, parecem ativar suas disposições ascéticas que bloqueiam a leitura mais descompromissada do leitor comum:

[...] Eu gosto muito de ficar sabendo da linguagem. Talvez isso explica porque eu sou apaixonado ainda hoje pelo Romantismo; apesar das histórias serem lindas, feito contos de fadas, tem uma questão da linguagem empolada, trabalhada e tudo mais, que isso me encanta muito, isso que me faz gostar de ler e avançar na leitura. Talvez seja esse também o meu interesse maior por Guimarães Rosa que, sei lá, a linguagem está a todo momento ali sendo feita e eu não gosto muito das histórias que não têm esse tipo de coisa, sabe? Pra mim, a literatura que me encanta, ela tem que ter um quê de poesia, ela tem que ter um quê de trabalho lírico mesmo; não essas questões de paixonite aguda, de romance, balela, não é isso que eu estou querendo dizer, mas as coisas não podem estar extremamente claras. Eu quero debulhar um livro literário, se precisar ficar mais de uma vez numa mesma página, num mesmo parágrafo, eu fico, porque eu gosto é disso, entendeu? Guimarães Rosa me faz isso, Clarice me faz isso, Cecília me faz refletir demais quando leio os poemas dela, entendeu? Mas quando, por exemplo, eu pego qualquer livro desses, *Caçador de Pipas*, *Quem mexeu no meu queijo*, Augusto Cury em geral e tudo mais, não tem isso; isso realmente me desgosta porque é uma leitura rápida e eu passei um pouco dessa fase. Eu dou uma importância muito grande a essa fase que eu tive, por exemplo, no ensino fundamental em que eu me apaixonei por *Harry Potter*, em que eu achava o máximo conseguir ler um livro de quinhentas páginas em duas semanas, uma semana, virando a noite. Achava isso o máximo, mas eu acho que hoje não é isso; literatura pra mim não é isso, simplesmente isso. Eu acho que essa literatura cumpre o seu papel, é por causa dessa literatura que de certa forma a gente tem mais leitores no mundo, mas depois de eu ter passado pelo curso de Letras e já dando continuidade e podendo perceber mais coisas dentro do livro, eu vou buscar essas coisas e se eu não encontro essas coisas que me causam essa coisa estética eu não volto no livro e deixo ele pra lá. (Trecho transcrito da entrevista)

No curso de Letras: as condições necessárias à ativação de disposições ascéticas e ao investimento em práticas de leitura literária especializadas

De acordo com os dados do questionário, Paulo ingressou no curso de Letras da UFMG em 2006. Assinalou como motivo principal que o levou a cursar essa graduação em Letras o gosto ou o interesse pela gramática. Definiu o currículo procurando aliar as disciplinas necessárias para se formar ao seu gosto.

Apesar de ter afirmado na entrevista que “nunca quis ser professor”, Paulo assinalou no questionário que a área do curso de Letras de que mais gosta é a área voltada ao Ensino, considerada fácil por ele, e na qual apresenta bom nível de conhecimento. Foi também nessa área que cursou o maior número de disciplinas. Nas demais áreas citadas (Línguas estrangeiras, Linguística e Literatura), Paulo se atribui grau de dificuldade razoável e considera seu nível de conhecimento regular nas três.

No mesmo questionário, assinalou ter encontrado, em parte, dificuldade nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I, marcando como principal motivo dessa dificuldade o desconhecimento dos campos teóricos (como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo) e, em segundo lugar, a pouca familiaridade com os modos de ler e de falar sobre a leitura (realizar comentários sobre linguagem, atentar para princípios estéticos em detrimento de enredo, por exemplo).

Diante das dificuldades na apropriação do capital específico no campo literário (e acadêmico), o qual abrange um *habitus* literário propriamente dito e um *habitus* escolástico do comentário dos *lectores*, Paulo se vale de estratégias consideradas por ele como pouco legítimas do ponto de vista da cultura literária valorada no curso:

[...] Muitas vezes eu já me senti impulsionado a ler primeiro a bibliografia crítica pra depois ir para o livro. Só que eu não gosto muito disso não, porque nada, nada melhor do que você ler o livro e depois você ir pra teoria, olha, eu pensei nisso, [...] mas existe esse tipo de coisa, sim. Eu cheguei a fazer esse tipo de coisa; por exemplo, esse semestre, pra ler o romance da Virgínia Woolf que eu precisava apresentar de qualquer forma, entendeu? Eu estava, nossa!, ocupadíssimo. Li ele de um dia pra noite; não consegui ler o livro todo. Foi realmente leitura dinâmica. Morro de vergonha de dizer isso, mas eu tinha que fazer isso. Já tinha lido mais ou menos o que eu precisava apresentar, já tinha lido um texto teórico e precisava encontrar no livro aquele texto teórico, entendeu? Você vai assim, com esse objetivo: ‘dá pra fazer isso’; dá, mas você mata o livro, você mata a leitura, e uma vez já lido não tem como você ler de novo, [...] É a mesma coisa, você ir pra Guimarães Rosa sabendo que Diadorim é de fato uma mulher, não é um homem; é uma mulher; acaba com tudo. (Trecho transcrito da entrevista)

Na entrevista, quando solicitado a opinar sobre sua leitura anterior ao curso, Paulo reitera essas dificuldades:

[...] Bom, ela era ingênua, ingênua, porque, enfim, eu nunca tinha trabalhado com teoria da literatura. Eu nunca tinha trabalhado com concepção de personagem, romance, de verossimilhança, todas estas questões que afloram e, imediatamente, dão aquele baque quando a gente está em Teoria I. Eu nunca tinha visto isso na vida, entendeu? Então ela era ingênua, eu gostava de ler, eu me sentia apaixonado por determinado tipo de livro, mas eu não entendia aquela paixão, digamos assim [...] Eu achava que esgotava a minha leitura, mas na verdade eu não estava esgotando nada, entendeu? É mais ou menos isso. Então eu acho que a melhor palavra pra definir meu tipo de leitura antes do curso superior é a ingenuidade. (Trecho transcrito da entrevista)

Como explicitado no trecho acima, o “baque” sentido por Paulo nas aulas de Teoria da Literatura I decorre não apenas das dificuldades de apropriação dos modos de ler especializados como também do confronto entre a crença na leitura-prazer e as práticas obrigatórias do curso. Em relação a essas últimas, quando lhe solicitamos que citasse um autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que tenha adorado e outro que tenha detestado, Paulo citou Guimarães Rosa no primeiro caso e “todos os naturalistas”, no segundo.

Se considerarmos que, ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, Paulo julgou que seu gosto e suas preferências coincidiam em parte com as dos professores dessas disciplinas, podemos supor que, nos casos em que essa coincidência não se aplica, a “paixão” pela atividade da leitura inibe as disposições ascéticas de Paulo, resultando na interrupção de algumas leituras, quando essas não são motivadas pelo prazer:

[...] Tem um que eu não consegui ler até hoje, que foi *O Cortiço*. Na época que eu comecei a ler *O Cortiço*, apesar de eu já ter conhecido Guimarães Rosa e etc, apesar de, por exemplo, no colégio, eles pedirem pra gente ler um dos livros do naturalismo e realismo, eu escolhi *O Mulato* pra ler e não li *O Cortiço*, e fui ler *O Cortiço* na faculdade [...] E assim, não consegui ler, nunca consegui ler *O Cortiço*. Todo mundo fala: ‘Gente, mas é história’ [...] Eu consegui enxergar isso tudo, ver nitidamente, mas não é uma escrita que me apaixonou, sabe? A esse tipo de leitura, por exemplo, eu prefiro mil vezes ler José de Alencar, ler *Iracema* [...], que tem uma pompa muito grande (rs) com a linguagem, que realmente de certa forma me encanta, entendeu? É, então pra mim o livro que eu nunca consegui ler, de chegar até o fim, que li mais ou menos pela metade pra fazer uma prova final de curso da universidade, foi *O Cortiço*; sem dúvida, esse sem dúvida foi assim. (Trechos transcritos da entrevista)

Na mesma linha que o levou à interrupção da leitura do livro *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), Paulo comenta a interrupção do livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Lima Barreto):

[...] Realmente não estava me interessando mais, entendeu? [...] Cheguei na metade do livro, ‘Ah, já deu o que tinha que dar’, eu já entendi qual que é a moral da história, entendeu? Ah! não vou ler esse de novo não. Aí eu fui lá, li o resumo (rs) e vi como é que terminava. Mas é realmente por causa disso, na maior parte das vezes ultimamente eu interrompo a leitura do livro muito mais por uma questão de tempo, uma questão de trabalho, do que uma questão de gosto mesmo. (Trecho transcrito da entrevista)

Esse último argumento de Paulo, ou seja, a falta de tempo, é utilizado para a interrupção de “vários livros”, entre eles, *A Paixão Segundo G. H.* (Clarice Lispector), sobre o qual comenta: “[...] Maravilhoso, fenomenal, mas, entretanto, porém, eu não tive tempo porque geralmente quando eu leio é quando eu estou tranquilo no trabalho, não tem muito serviço pra mim, aí eu vou lendo, vou lendo, vou lendo...”.

Apesar de revelar pontos, ora de aproximação, ora de distanciamento, em relação às leituras obrigatórias do curso, Paulo adere aos princípios de seleção da leitura literária especializada, rejeitando os modos de seleção dos leitores comuns:

[...] Raramente eu vejo um livro na *Veja* que, embora eu não tenha lido, eu vá gostar de ler, porque os livros da *Veja* geralmente são *best sellers*, né? Aquelas listas lá dos dez melhores, dez mais lidos etc... e nenhum daqueles livros ali geralmente me interessa, entendeu? Porque são livros extremamente comerciais, são livros para serem vendidos, vendidos, vendidos... auto-ajuda ou história de um drama muito intenso, né? Ou um romance ou a guerra, né? Eles adoram escrever sobre guerra, essas coisas assim. Eu sei que não tem muito trabalho, experimentando folhear algum tipo de livro assim... Não tem trabalho com a linguagem, então não me interessa, entendeu? É mais ou menos por aí... (Trecho transcrito da entrevista)

Mesmo quando se trata de um presente ou de uma ocasião de troca, Paulo recusa basear-se em critérios comuns de seleção dos escritores e obras, prevalecendo em suas escolhas os critérios de seleção da leitura literária próprios da leitura especializada e a crença na leitura literária validada e inculcada pela escola:

[...] teve um ano que eu namorei um cara lá de [nome da cidade] [...] ele me deu um desse tipo de livro, chamado [...] *Como escrever como os escritores*, não, *Como... Aprenda a ler como os escritores* [...], que aí colocava todo aquele cânone mesmo da literatura mundial que, com alguns depoimentos adaptados, que eu não duvido nada deles terem inventado aquilo. Eu não li o livro, porque eu realmente não acredito nesse tipo de coisa e no final tinha uma lista dos, sei lá, dez mil livros ou não, dos cem melhores livros de toda a literatura mundial, entendeu? E nessa lista, lembro até hoje, eles citaram Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa; brasileiros é só, o resto é tudo estrangeiro. Então assim esse livro está lá em casa. Eu nunca abri, eu nunca li, folheei só [...] Mas realmente eu acho que esse tipo de coisa não me pega muito; essas questões, ‘Ah! Você tem que ler isso’, não assim. Eu acho que tem certas coisas, livros clássicos que precisam ser lidos sim, com certeza. Mas é, e isso a gente tem na nossa memória pela própria questão da educação mesmo. tipo educação escolar coloca isso. Mas daí simplesmente ler por causa disso, não. Eu leio assim, ‘Ah! gostei desse autor, vou procurar mais coisa dele’, ‘Ah! Eu gostei desse, vou procurar mais coisa dele’, ‘um colega me falou que está lendo um livro muito legal e eu confio nesse colega, no gosto dele, eu acho que vou gostar’, então

eu vou ler também, esse tipo de coisa. Eu vou mais assim. Agora, confiar nessas listas, aí eu acho que isso não é legal, não... (Trecho transcrito da entrevista)

De acordo com dados do questionário, na opinião de Paulo, o curso de Letras oferece formação cultural, intelectual, profissional e literária “regular”. Atualmente quem mais influencia sua leitura é uma professora da área de literatura. Assinalou como gêneros preferidos (indicados por ordem de importância): (i) literatura clássica; (ii) romances contemporâneos; (iii) poesia. Prazer ou gosto é o que mais o motiva a ler um livro de literatura. Autor, gênero e tema do livro são respectivamente os fatores que mais influenciam na sua escolha de um livro de literatura. Gosta de ler mais de um livro ao mesmo tempo. E tem aversão, seja pelos gêneros de livros de auto-ajuda ou orientação pessoal, seja pelos livros sobre culinária, decoração, bricolagem, jardinagem e esporte.

Assinalou também que os três escritores de sua preferência são: Machado de Assis, Fernando Pessoa e Cecília Meireles; os três livros de sua preferência são: (i) *Campo Geral* (Guimarães Rosa); (ii) *Grande Sertão: Veredas*, (Guimarães Rosa); (iii) *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis).

Esses dados do questionário indicam uma quase total adesão de Paulo ao cânone formador do leitor especializado, aproximando-o cada vez mais do leitor idealizado no curso de Letras, o que pode ser confirmado pela resposta de Paulo à pergunta “A seu ver o curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou em seus modos de ler?”:

[...] Sim, sem dúvida, porque logo depois que eu entrei para o curso de Letras e comecei a conhecer mais o cânone, digamos assim, e a lê-lo à luz de teorias que eu aprendia, que eu estudava, eu comecei a aprofundar mais nas camadas dos livros literários. Eu comecei a descamá-lo mais, a me aprofundar realmente. Eu não ficava naquela camada superficial simplesmente, do enredo, que é onde, pra mim, eu acho, a maior parte das pessoas ficam, né? Eu aprendi a entender isso. Eu aprendi a ver o que é uma construção bela e que causa inúmeros sentidos: é polissêmica, é metafórica, é lírica. E aprendi a reconhecer que tem construções que não têm nada a ver, que não têm nada, são simplesmente superficiais. Então isso me influenciou sim. Eu, por exemplo, tem alguns autores que eu leio com recorrência, que me causam esse prazer estético. Agora, outros, em geral que a sociedade, talvez a massa goste mais, que consuma mais, que são os *blockbusters*, que são os *best Sellers*, não me atraem. Se antes eu lia alguns destes, simplesmente, ‘Ah! vou ler pra entender sobre o que as pessoas estão falando, ler porque alguém realmente falou pra eu ler, e/ou porque eu sou professor de português, eu gostava de letras e precisava ler’, se eu tinha esse tipo de coisa, hoje em dia eu já tenho identificado muito melhor o que eu gosto e que não gosto. (Trecho transcrito da entrevista)

Além disso, O fato de ter destacado no questionário “Aprecio a literatura contemporânea, mas não a conheço bem” parece confirmar sua submissão aos efeitos da

legitimidade cultural, ao reconhecer a legitimidade da literatura contemporânea por meio de um julgamento acompanhado de “uma confissão de ignorância” (BOURDIEU, 1983:108). Essa submissão à cultura literária dominante e aos seus modos de apropriação foi evidenciada também pelas estratégias que Paulo afirma utilizar para ter domínio do texto literário:

[...] Eu procuro identificar primeiro a história. Tem que ser muito boa, e segundo o embasamento dessa história, com seus personagens, com o tempo, com o espaço, todos esses elementos, eu coloco, eu tenho uma visão, claro, tradicional, de como essas coisas são colocadas em um livro literário, em uma história literária. Mas eu sempre busco nesses livros, pra eu me apaixonar, alguma coisa de outra ordem, uma coisa que foge a esse tradicional, que foge a, por exemplo, a personagem plana, que foge ao espaço que não interfere em nada, que foge a esse tipo de narrativa tradicional e consegue me encantar. É isso que eu procuro realmente, é, perceber no livro, e é isso que realmente me apaixona. Então eu tenho essa estratégia sim: eu vou começando um livro pra ver [se] a linguagem é poética, [se] a linguagem é lírica. [...] Leio mais de uma vez, leio enquanto eu puder ler aquele livro e conseguir... Digamos que pra mim a obra literária tem sempre que te desestabilizar; não chocar necessariamente, mas sempre romper com aquilo que você tem de puramente tradicional. Eu acho que por aí que você consegue um gosto estético e é por aí que vem um gosto estético. Mas muitas vezes você simplesmente está lendo aquilo ali e você gosta daquilo, mas não consegue entranhar-se naquilo. *G. H.* me proporcionou isso; *G. H.*, nas duas primeiras páginas eu fiquei, assim, dias, né? É, nas primeiras páginas, por que isso? Porque eu acho que é esse tipo de leitura que está sendo cobrada, é esse tipo de pacto que está sendo posto ali e isso me apaixona demais. Eu não tenho problema com esse tipo de coisa; muito pelo contrário, eu detesto aquela leitura de passar página. Acho que história por história você conta pra alguém (risos), entendeu? É mais ou menos isso. (Trecho transcrito da entrevista)

Essa adesão aos ideais e representações de leitura especializada do curso implica um forte investimento e resulta na ampliação de capital literário através da mobilização das disposições mais ascéticas de Paulo. Essas últimas, por sua vez, são inibidas em outros domínios de práticas (o cinema, por exemplo) e sob certas injunções como na utilização que Paulo faz do seu tempo livre depois de um dia de “trabalho cansativo”:

[...] Hoje em dia eu utilizo meu tempo livre ou pra ir pro cinema, pro shopping, pra essas coisas assim, ou então pra ver séries de blockbuster norte americanas. Porque ficar pensando o dia inteiro (rs) também é um tanto cansativo. Então tem essas duas coisas, né? É, como eu, por exemplo, eu trabalho com leitura o dia inteiro. Apesar de eu gostar disso, eu preciso ter um momento de fuga e meus momentos de fuga geralmente são pra esse tipo de narrativa que não tem muita reflexão, que são tranquilas, que você vai injetando, tem corpos bonitos pra te distrair e tudo mais. De vez em quando eu gosto, assim, de fazer esse tipo de coisa. Mas eu adoro ir pro cinema. Eu vou ao cinema, não como uma obrigação, mas como necessidade mesmo de preencher o que eu sinto que eu preciso. Porque ultimamente eu tenho percebido que eu tenho tido muito mais gosto até mesmo pra sentir esse gosto estético numa tela de cinema, num filme, do que num romance ou às vezes até mesmo num conto, porque eu não tenho mais esse tempo e o pacto que se dá pelo filme é diferente, é de outra ordem e de certa forma mais tranquilo; mais tranquilo não: mais rápido, mais veloz; porque você tem a imagem e hoje com essa rapidez toda, imagem sendo extremamente importante, eu acho que é um gênero que tem me ajudado a continuar

desenvolvendo esse gosto pela arte, continuar desenvolvendo esse gosto pelo gosto estético. (Trecho transcrito da entrevista)

O gênero *blockbuster*, termo que se refere a filme ou livro que alcança um grande público consumidor, é rejeitado por Paulo no domínio literário, porém admitido em práticas culturais, como o cinema.

Além disso, nas demais práticas de leitura e de lazer, Paulo também revela grande ecletismo do gosto:

[...] Eu, de vez em quando eu [...] tenho de ir pro *shopping*, eu preciso esperar alguém, primeira coisa que eu vou é pra [Livraria] *Leitura*. Fico lá, pego um livro, geralmente um livro de crônica que dá pra ser lido rápido, um livro de contos, dependendo do tempo que eu tenho; nunca um romance, porque eu sei que não vai dar tempo pra terminar. A primeira coisa que eu faço é virar o livro ao contrário, ler o que está ali, ler mais ou menos a crítica que tem nas orelhas e ver se eu vou me interessar. Ver o que tem ali e tudo mais. Eu sempre faço esse tipo de coisa, mas esse tipo de leitura pode até ser, sim, considerada uma estratégia. Mas ela não mata a leitura, porque ela está feita ali, está colocada ali pra justamente chamar a atenção do leitor e convidá-lo à leitura, diferente do decifrar o romance do leitor. (Trecho transcrito da entrevista)

Nessa mesma direção, conforme assinalou no questionário, ele costuma ler frequentemente textos em outros suportes como revistas, jornais e textos de *Internet*. Quando utiliza essa última, os sítios que mais acessa são: *e-mails*; notícias/textos informativos; conteúdo variado. Acrescenta que nunca lê gibis (HQs) e raramente lê livros digitais.

Em relação às leituras de jornais, prefere: editorial/opinião do jornal; quadrinhos; arte/cultura/literatura. Em relação à leitura de revistas: informação semanal (*Veja*, *Época* e *Isto é*, etc.); Cultura (*Bravo*, *Piauí*...); Celebidades e T.V. (*Caras*, *Quem* e *Contigo*, etc.).

As três atividades de lazer preferidas são: sair com amigos, ir ao cinema (em *Shopping*) e ir ao cinema (no cine Belas Artes, por exemplo). Assinalou drama, romance e adaptações fílmicas de livros literários como gêneros de filmes preferidos. Na entrevista afirmou que essa prática é bastante influenciada por amigos.

Contudo, apesar da predominância de um gosto modelado pelos padrões estéticos em conformidade com as normas acadêmico-literárias que legitimam alguns modos e práticas literárias, em detrimento da diversidade de práticas de leitura possíveis, Paulo mantém algumas disposições de leitura, vinculadas ao seu gosto de leitor comum.

Talvez por isso, na época da aplicação do questionário, não estava lendo nenhum livro indicado pelos professores do curso de Letras; lia naquela ocasião um livro de seu gosto pessoal, *A Eternidade e o Desejo* (Inês Pedrosa). Meses depois, na semana da entrevista,

apesar de estar “lendo texto literário e textos críticos para a prova de sexta-feira (rs)”, não deixou de comentar as últimas leituras que fizera espontaneamente:

[...] Foi o livro de uma escritora chamada Inês Pedrosa, que é uma escritora portuguesa [...] que um colega meu que está no mestrado [...] me deu, de presente, esse livro. Aí eu fui, peguei pra eu ler. Ele se chama [...] *A Instrução dos Amantes* [...] Eu li dois livros dessa escritora: *A Eternidade e o Desejo*, que é o mais conhecido dela, e *A Instrução dos Amantes*. Gostei dos dois. Não é pra mim o melhor livro de todos, mas os dois foram fenomenais também, e todos os dois livros eu li por conta própria, assim como G. H., que eu estou lendo também por conta própria. (Trecho transcrito da entrevista)

Do comentário de Paulo sobre a leitura do livro *Instrução dos Amantes* (Inês Pedrosa), podemos inferir alguns traços de uma leitura mais comum, identificatória:

[...] Eu gostei muito do livro; fala sobre amor. A história é de adolescentes que amam. É assim o enredo, simples; simplesmente é o seguinte, é uma adolescente que digamos é a *pop star* da escola [...], que tem o namorado perfeito, meio que aquela imagem americanizada mesmo: ela é loira, bonita, todos os meninos desejam ela e tem um namorado perfeito. Mas ela não se sente feliz com esse tipo de vida. Ela começa a se interessar por um irmão de uma amiga dela que, aliás, nem era tão amiga assim, mas que ela começa a se aproximar dele. Ela também era meio que excluída, digamos, dessa turminha eleita dentro da escola por causa do irmão, que era totalmente o avesso. Era um menino muito inteligente que, ah!, tinha muita paixão literária, tinha discussões políticas e tudo mais, tinha ideais políticos e isso era muito marcante, mas que ao mesmo tempo... Aí o conflito do livro está entre ela gostar disso, ela largar essa vida cheia de prazeres que a sociedade lhe proporcionou pra ficar com esse menino que estaria, digamos, que poderia manchar a imagem dela dentro da escola, entendeu? Aí, no final das contas, ela prefere o amor. Só que, como o amor tem sempre um final muito triste em grandes literaturas, em geral eu sempre vejo isso acontecendo, esse menino no final das contas vai para um outro caminho [...] Nunca foi um romance muito bem definido, justamente por causa das incertezas todas dessas pessoas que são [...] de uma outra ordem na sociedade. Elas não sentem prazer pelas coisas ordinárias de época, de epocazinha do colégio [...] Um livro assim, muito legal, muito bom em relação a isso: escolheu um público [...] jovem que realmente estão sempre aí nas desilusões amorosas da vida, tipo assim. Gostei muito do livro, da reflexão que ela fez a respeito disso. (Trecho transcrito da entrevista)

Portanto, apesar de toda recusa dos modos de ler anteriores ao curso de Letras e dos fortes investimentos que resultaram em apropriações da ordem da leitura especializada, podemos identificar que, em condições específicas, a leitura voluntária de Paulo se baseia nos critérios de leitura comum.

Quadro 12 - Quadro sinóptico do repertório de leitura de Paulo

Livros e autores citados na entrevista			
Infância/Adolescência	Livro/livros que marcou/marcaram	Livro preferido/livros preferidos	Outras leituras citadas
<i>A Patota da Pipoca</i> (Lúcia Pimentel Góes)	<i>Campo Geral</i> (Guimarães Rosa)		<i>As Brumas de Avalon</i> (Marion Zimmer)
Coleção do livro de Monteiro Lobato			Agatha Christie (não citou título)
<i>Diário de Anne Frank</i> (Organizador: Otto H. Frank) (Autor: Mirjam Pressler)			Sidney Sheldon (não citou título)
<i>O Mulato</i> (Aluísio Azevedo) (Ensino médio)			Carta de Pero Vaz de Caminha
			<i>Contos Amazônicos</i> (Inglês de Sousa)
			<i>Um Certo Capitão Rodrigo</i> (Érico Veríssimo)
			Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste (Patativa do Assaré)
<i>Grande Sertão: Veredas</i> (Guimarães Rosa)			
<i>Harry Potter</i> (J.K. Rowling)			<i>Sonetos</i> (Luís de Camões)
<i>Diário de Maria Carolina de Jesus</i> (O título é <i>Quarto de Despejo – Diário de uma favelada</i>) (Maria Carolina de Jesus)			<i>Os Lusíadas</i> (Luís de Camões)
			<i>Tracema</i> (José de Alencar)
Livros cuja leitura foi interrompida	Livros ou autores de que passou a gostar por causa do curso de Letras (ou no curso de Letras) (ou do Vestibular*)	Último livro lido antes da entrevista	Livros não-literários
<i>O Cortiço</i> (Aluísio Azevedo)		<i>A Instrução dos Amantes</i> (Inês Pedrosa)	<i>Para ler como um escritor</i> (Jorge Zahar)
<i>A Paixão Segundo G. H.</i> (Clarice Lispector)			
<i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> (Lima Barreto)			
Livros citados no questionário			
Preferidos	Livros lidos na época da aplicação do questionário (indicação dos professores do curso de Letras)	Livros lidos na época da aplicação do questionário (gosto pessoal)	Autor estudado em uma das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:
<i>Campo Geral</i> (Guimarães Rosa)	-	<i>A Eternidade e o Desejo</i> (Inês Pedrosa)	(i) Adorou: Guimarães Rosa
<i>Grande Sertão: Veredas</i> (Guimarães Rosa)			(ii) Detestou: todos os escritores naturalistas
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis)			

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consideração mais geral a que nossa pesquisa nos conduziu é a de que as relações do estudante de Letras com a leitura devem ser entendidas como universo muito amplo de possibilidades baseadas na identificação de um *continuum* entre as representações de leitores profissionais e as práticas de leitores comuns.

Porém, salientamos alguns limites dessa perspectiva, que se referem principalmente ao próprio percurso da pesquisa. Inicialmente, a adoção da sociologia bourdieusiana nos permitiu constatar que os estudantes tendem a aderir à leitura do cânone tradicional, apesar de não se restringirem a ele.

Por um lado, os esquemas explicativos dessa sociologia constituíram nosso ponto de partida para as observações em uma escala macro, confirmando alguns de seus pressupostos, tais como a forte correlação entre a distribuição do capital cultural familiar dos estudantes e a validação da leitura literária valorada no contexto do curso de Letras; por outro, apontou para variações nas práticas de leitura desses estudantes em decorrência de outras propriedades sociais; sexo, por exemplo.

Assim, variáveis demandaram a agregação de estudos que ampliassem nossa visão acerca da complexidade dos conceitos com que lidávamos no tratamento dos dados empíricos da pesquisa. O conceito de legitimidade cultural, por exemplo, foi considerado na perspectiva do contexto brasileiro, que mantém diferenças significativas em comparação com os países mais desenvolvidos, a se configurarem nos determinantes sociais de acesso à escola e na distribuição dos produtos culturais e tecnológicos entre os estratos sociais da população brasileira. Decerto que se trata de uma sociedade bem diversa do contexto francês da década de sessenta a que se refere Bourdieu.

No transcurso da pesquisa surgiram diferentes possibilidades de abordagens das análises do material empírico. Por exemplo, em alguns momentos nos sentimos inclinados a analisar os discursos dos entrevistados em uma perspectiva da Análise do Discurso (Patrick Charaudeau) ou da Argumentação (Ruth Amossy).

Mesmo cientes de que essas abordagens teriam nos possibilitado um aprofundamento na compreensão das maneiras como os estudantes representam a leitura, a literatura e seus modos de apreensão, optamos por abandonar essas vertentes no sentido geral (embora reconheçamos algumas “marcas” dessas disciplinas), a fim de nos atermos aos instrumentos metodológicos testados por pesquisadores da Sociologia.

A nosso ver, essa opção não reduziu a pesquisa, pois diante de um *corpus* tão extenso, as análises dos discursos de nossos pesquisados em uma abordagem discursiva resultariam em desdobramentos que ampliariam a pesquisa demasiadamente.

Nesse sentido, diversas possibilidades de análise foram descartadas, especialmente a investigação: da leitura *patêmica* (que revela adesão passional aos textos lidos) de alguns dos pesquisados; do *ethos* (uma imagem de si mesmo construída no e pelo discurso relativo às obras e à sua relação com elas); do *logos* (processo que envolve questionamentos e problematização em relação às práticas dos comentários críticos das obras) presentes no discurso dos pesquisados⁴³.

Apesar de termos dedicado um capítulo desta tese às abordagens acerca do conceito literatura e termos proposto a ampliação desse conceito para além do cânone oficial, não nos detivemos ao aprofundamento dos discursos das teorias literárias, tampouco aos conflitos travados no campo literário entre aqueles que disputam a posse da derradeira e universal definição de literatura. Também não travamos aqui discussão acerca dos fundamentos dos discursos que participam na construção da crença nos critérios validados no campo literário para elevar um texto ao estatuto de literatura.

Assim, nos distanciamos de qualquer pretensão de julgar as práticas de leitura dos pesquisados como ‘piores’ ou ‘melhores’ leituras. Se a noção de legitimidade cultural é amplamente utilizada em nosso trabalho isso se deve ao fato de ser essa noção consagrada no contexto acadêmico de um curso que visa, entre outros objetivos, a formação do leitor especializado, profissional.

Concentramos nossa busca nos estudos que nos auxiliassem no aprofundamento da compreensão das relações dos estudantes de Letras com a leitura literária, possibilitando responder às questões formuladas com base nas análises dos dados quantitativos da pesquisa, que passou, a partir de então, a focalizar: as motivações de alguns graduandos, pertencentes a famílias mais dotadas de capital cultural e que tiveram acesso precoce ao universo literário, para persistirem em práticas de leitura geralmente associadas a leitores e leitoras menos capitalizados culturalmente; as propriedades sociais, como sexo e faixa etária, que constituiriam fatores de determinação na permanência de algumas preferências literárias não controladas pelo curso de Letras e que permitiriam associar alguns graduandos, em final de curso, a leitores comuns; os fatores (propriedades sociais, trajetórias, etc.) que poderiam

⁴³ Possibilidades de análise na perspectiva da Análise do Discurso foram apresentadas por Santos (2008).

explicar os investimentos, ou sua ausência, na literatura literária de prestígio (exigida, ou não, pelo curso: poesia, literatura clássica e contemporânea).

O objetivo de responder a esses questionamentos nos instigou a buscar esquemas explicativos, além da sociologia bourdieusiana, na qual baseou nosso trabalho quantitativo e resultou no estabelecimento das primeiras hipóteses da pesquisa. Iniciamos, então, a segunda etapa, numa perspectiva qualitativa, buscando resolver empiricamente as questões suscitadas pelas análises da etapa anterior, em vez de tentar regulamentá-las na ordem meramente teórica e retórica (LAHIRE, 2004).

Assim, nessa etapa qualitativa, fizemos o percurso inverso, partindo do material empírico das entrevistas para construir os retratos sociológicos de leitores, apoiando-nos em estudos de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema da leitura. Baseando-nos, principalmente, nos trabalhos de Bourdieu (1983), Coulangeon (2005), Horellou-Lafarge & Secr  (2010) e Lahire (2003), resumimos a seguir alguns traços que caracterizam as principais categorias de leitores com as quais trabalhamos no decorrer da investigação:

Quadro 13 - Características de leitores comuns

Leitores Comuns	Leitores	Leitores	Leitores que	“Leitores que
	“com volumes mais baixos de capital cultural, cuja escolha estaria condicionada ao modo tardio, metódico e esforçado de aquisição da cultura que os propenderia a escolhas “disparatadas” resultantes de um conflito entre “seus gostos de inclinação e seus gostos de vontade.” (BOURDIEU, 1983:109)	motivados por experiências e representações prévias de práticas de leitura literária distanciadas dos modelos oficiais, habituados a modos de ler caracterizados pela tendência a ancorar suas leituras “menos no próprio texto do que no eco que ele reflete da experiência vivida do leitor, de seu ambiente.” (COULANGEON, 2005)	investem interesses específicos na leitura (HORELLOU-LAFARGE & SECR�, 2010:89)	baseiam seus esquemas de apreciação na busca pelos pontos de contato entre a realidade social, externa aos textos, e a narrativa ficcional; leitores que mergulham nas situações, identificando-se com os personagens” da narrativa. (LAHIRE, 2003:93)

Quadro 14 - Características de leitores profissionais

Leitores Profissionais	Leitores capazes de “encontrar na mistura de gêneros e na subversão das hierarquias uma ocasião de manifestar a onipotência da disposição estética”, capaz de transformar quaisquer objetos em objetos de apreciação estética (BOURDIEU, 1983:111)	Leitores que vivenciam a leitura como um fim em si, ajustada sobre critérios de avaliação do texto em referência a suas propriedades literárias, às características do autor ou da história literária. (COULANGEON, 2005)	Leitores que realizam a leitura gratuita, desinteressada, estética das obras literárias, a leitura dos “letrados”, reconhecida e legitimada pelas instâncias educacionais. (HORELLOU-LAFARGE & SECRÉ, 2010:89)	Leitores dotados do capital específico ao campo literário (e acadêmico), o qual compreende um <i>habitus</i> literário propriamente dito e <i>habitus</i> escolástico do comentário dos <i>lectores</i> . (LAHIRE, 2006) Leitores que se caracterizam por realizar uma “leitura estilística”; “leitores produtores e, particularmente, os que (...) colocam sociologicamente o estilo antes de qualquer coisa”. Para esses “leitores-críticos ‘pouco importa a história, contanto que haja estilo.’” (LAHIRE: 2002:93).
-------------------------------	--	---	--	--

Embora tenhamos consciência da amplitude das categorias de leitor, ou seja, da necessidade de reunirmos uma quantidade muito maior de categorias do que as mencionadas neste trabalho, a fim de chegarmos a uma definição mais abrangente das noções de leitor comum e de leitor profissional, restringimo-nos às categorias gerais garimpadas nos retratos sociológicos dos leitores e sustentadas pelos estudos dos pesquisadores supracitados.

Tendo em vista que os relatos de nossos pesquisados constituíram a principal fonte no estabelecimento do que denominamos leitores comuns e profissionais, passamos aos apontamentos de itinerários e disposições comuns entre eles e/ou de suas variações intra-individuais de comportamento, no domínio da leitura, ou das variações desse domínio de prática a outros domínios como a escrita, o cinema, as saídas culturais e o lazer.

O primeiro desses apontamentos refere-se a nossa observação de que os estudantes pesquisados não se fixaram em nenhuma dessas definições estanques de leitor. Eles não “colocam sociologicamente o estilo antes de qualquer coisa” (LAHIRE: 2002:93).

Clarice, por exemplo, demonstra um amplo repertório de práticas de leitura, manifesta domínio dos princípios implicados nos comentários dos *lectores*, sem, portanto, submeter

suas leituras (e comentários) às práticas de leitura (e de escrita) situadas no topo da hierarquia da leitura literária e do conhecimento das obras legítimas, admitindo tanto a diversidade de suportes e gêneros, que varia em termos de legitimidade cultural (livros, revistas de HQs, literatura infanto-juvenil, literatura para estudo, literatura clássica, etc.) e quanto aos modos de se apropriar desses produtos culturais.

Com algumas variações nas preferências e nos modos de ler, Emília, Amélia, Florbela, Jane e Alice também não se enquadram em uma definição rigorosa de leitoras profissionais, sobretudo quando manifestam ecletismo do gosto e relativo desprezo pelas hierarquias culturais revelados em suas leituras muitas vezes divergentes dos modelos oficiais.

Pedro reúne as características de leitor profissional, cursa o Mestrado em Literatura, realiza fortes investimentos na leitura literária legítima, sem, portanto, abandonar o gosto pela leitura de romances policiais (disposição de leitura provavelmente influenciada pela leitura materna).

O gosto de Alencar pela leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Fernando Pessoa é orientado para os investimentos no domínio musical que, por sua vez, é influenciado pela leitura de biografias de cantores populares como *Kurt Cobain* e *Raul Seixas*; Sidney, Euclides e Raul manifestam preferências predominantemente legítimas em termos de leitura, mas os comentários tecidos por eles acerca de suas leituras nos autorizam a situá-los na posição intermediária, entre leitores comuns e leitores profissionais.

Paulo, por sua vez, também realiza fortes investimentos nas leituras do curso e, apesar da facilidade verbal demonstrada na entrevista e de possuir amplo repertório de leituras legítimas, afirmou que tem dificuldades para comentar as obras lidas, valendo-se de estratégias de leitura consideradas por ele como pouco legítimas do ponto de vista da cultura literária valorada no curso.

Apesar de realizarem fortes investimentos nas práticas de leitura do curso, Pedro, Alencar, Sidney, Euclides, Raul e Paulo oscilam entre práticas mais ou menos escolarizadas, mais ou menos legítimas, que variam conforme os contextos e as circunstâncias em que ocorrem, atualizando disposições, ora pragmáticas, ora hedonistas, adquiridas nas múltiplas redes de socialização (familiar, escolar, acadêmica, midiática, etc.).

Em todo caso, o curso de Letras parece ter constituído um contexto favorável a atualização das disposições de escrita de Pedro (comentário crítico), Alencar (música) e Raul (comentário crítico) e ascéticas nos casos de Sidney, Euclides e Paulo.

Um segundo apontamento refere-se à percepção dos pesquisados em relação à incompatibilidade de suas experiências de leitura (vivenciadas como modalidade comum)

anteriores ao curso e as práticas de leitura literária requisitadas no ambiente acadêmico. Todos os entrevistados avaliaram sua leitura anterior ao curso como ingênua ou menos crítica, apesar de afirmarem que suas preferências por autores e obras coincidiram parcialmente com as indicações de leituras dos professores das disciplinas literárias.

Emília, Florbela, Clarice, Alencar, Alice, Jane, Paulo, por exemplo, levantam alguns questionamentos acerca da rejeição por livros do escritor Paulo Coelho e de livros da literatura juvenil como *Harry Potter* (J. L. Rowling) e *Crepúsculo* (Stephenie Meyer).

Emília salienta o fato de que somente uma parte de suas leituras pode ser revelada aos professores e colegas do curso, a fim de evitar o constrangimento cultural; Florbela busca o entendimento dos critérios subtendidos nessa separação entre as obras dignas de serem lidas por um estudante de Letras e os livros depreciados por seus professores e muitos de seus colegas, mas acaba aderindo ao gosto legítimo desses últimos; Alencar demonstra sua adesão aos valores do curso, por meio de um comentário comparativo dos pactos de leitura de *Crime e Castigo* (Dostoiévski) e *Harry Potter* (J. L. Rowling), mas defende a leitura de livros fora do cânone nos casos em que a finalidade é o entretenimento; Clarice persiste na busca pela liberdade do ecletismo cultural se permitindo ler “tudo” e “assistir a tudo” “pelo menos pra eu falar mal eu tenho que ter lido”; Alice critica as restrições de leitura impostas pelo curso, valorizando a liberdade de escolha acima de toda imposição de normas e critérios; Jane também persiste na busca pela liberdade de ler qualquer gênero e tipo de livro “nem que seja para falar mal”; Paulo realiza fortes investimentos na leitura da literatura legítima, mas manifesta preferência por “esse tipo de narrativa que não tem muita reflexão” nos seus momentos de descanso.

Um terceiro apontamento nos remete a um conjunto de fatores que podem, se não explicar, ao menos esclarecer alguns pontos da permanência da preferência das pesquisadas pertencentes a famílias com capital cultural alto por leituras menos valorizadas no curso.

Assim, as leituras de Florbela e de Amélia são perpassadas pela influência de socializações familiares marcadas por valores religiosos; Clarice, Emília, Alice e Jane revelaram situações de sua trajetória de vida nas quais a prática da leitura alternou diversas funções; entre elas, de catarse e de evasão.

O ecletismo de gostos das pesquisadas em termos de práticas culturais, de lazer e de leitura, o qual permite a elas misturarem, naturalmente, leituras, práticas, modos de ler e julgamentos de alto grau de legitimidade cultural com leituras, práticas e modos de ler menos legítimos, a nosso ver, resultou de suas disposições e crenças construídas na participação em múltiplas redes de socialização (familiar, escolar, acadêmica, midiática, etc.).

Por um lado, o curso de Letras parece não ter constituído um contexto apropriado para ativar as disposições de autonomia de Clarice, Emília, Alice e Jane, que manifestam seu constrangimento em relação ao caráter restritivo das práticas de leitura do curso. Por outro lado, acreditam que o curso influenciou positivamente seus modos de ler, embora mantenham suas preferências em termos de títulos de livros.

No quarto, e último apontamento, confirmamos parcialmente a influência da variável sexo nas disposições de leitura dos pesquisados, visto que, durante o curso, os homens pesquisados passaram a orientar suas práticas de leitura para agregar valor a atividades profissionais (Pedro/Mestrado; Alencar/Música; Sidney/Interação com amigos que agregam capital social; Euclides/Professor de Literatura/Intenção de cursar o Mestrado; Raul/Direito/Repertório cultural; Paulo/Trabalho Editorial/ Intenção de cursar o Mestrado); três das mulheres pesquisadas mantiveram uma leitura identificatória (Emília, Alice e Amélia), sendo que nos demais casos o ecletismo do gosto literário parece se vincular muito mais ao gosto pela literatura infanto-juvenil, coincidindo com o interesse das pesquisadas (Clarice, Jane e Florbela) de se tornarem professoras.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, M. Prefácio: Percursos da Leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras/ALB: São Paulo: Fapesp, 2007.
- BATISTA, A. A. G. *Saber fazer com o diploma: estratégias de rentabilização, efeitos e benefícios de diplomas de licenciatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2010.
- BATISTA, A. A. G. Professoras de Português, formação superior, matrimônio e leitura: um caso de estudo. In: Lea Pinheiro Paixão; Nadir Zago. (Org.). *Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2007a, v. , p. 79-109.
- BATISTA, A. A. G. *As “invasões bárbaras”: professoras e professores de Português da geração 1970*. Projeto de pesquisa. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2007b.
- BATISTA, A. A. G. *O texto escolar: uma história*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BATISTA, A. A. G. *A leitura incerta: a relação de professores (as) de Português com a leitura*. Educação em Revista, n. 27. Belo Horizonte. Jul. 1998.
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46981998000100009&script=sci_arttext
 (Acesso em janeiro de 2013)
- BATISTA, A. A. G. Os (as) professores (as) são “não-leitores”? In: MARINHO, M. e SILVA, C. S. R. (Orgs.). *Leituras de Professor*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.
- BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo. Editora Brasiliense, 2009.
- BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. 11ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século-Edições, Sociedade Unipessoal, Ltda., 2003.
- BOURDIEU, P; CHARTIER, R. *A leitura : uma prática cultural*. In: CHARTIER, R. (Org.) *Práticas da Leitura*. São Paulo – SP. Editora Estação Liberdade, 1996.
- BOURDIEU, P. Introdução. *A procura de uma sociologia da prática*. In: ORTIZ, R. (Org.). *PIERRE BOURDIEU*. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. ; PASSERON, J-C. *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1964.

BRAGA, M. M; PEIXOTO, M. C. L. *Dados do censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2006.

BRAGA, M. M; PEIXOTO, M. C. L; BOGUTCHI, T. F. *Tendências da demanda pelo ensino superior: estudo de caso da UFMG (2001)*. Cadernos de Pesquisa; volume 0, número 113, páginas 129-152. Julho 2001. SCIELO – Scientific Electronic Library Online - <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n113/a07n113.pdf> – Acesso em 19/09/2012.

BRITO, M. R. F. ENADE 2005: perfil, desempenho e razão da opção dos estudantes pelas licenciaturas. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 12, n. 3, set. 2007, pp. 401-443. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-407720...> Acesso em: 12/08/11.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Editora Ática, São Paulo, SP, 1998.

CHARTIER, A-M. *L'école et la lecture obligatoire*. France: Ed. Retz, 2007.

CHARTIER, A-M. *Leitura Escolar: entre pedagogia e sociologia*. (Tradução de Andréa Daher). Revista Brasileira de Educação. n.0 Rio de Janeiro set./dez. 1995. (http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781995000100003&script=sci_arttext) (Acesso em janeiro de 2013)

CHARTIER, R. (ORG.), *Práticas da Leitura*. Editora: Estação Liberdade, São Paulo, SP, 1996.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. DIFEL - Editora Bertrand Brasil, S.A. – Rio de Janeiro, 1990.

COSTA, A. F.; LOPES, J. T. (Coord.), et al (2008). *Os Estudantes e os seus Trajectos no Ensino Superior: Sucesso e Insucesso, Factores e Processos, Promoção de Boas Práticas*, Relatório Final, CIES-ISCTE, IS-FLUP

COULANGEON, P. *Sociologie des pratiques culturelles*. Paris : Éditions La Découverte, 2005.

COULANGEON, P. *Classes sociales, pratiques culturelles et styles de vie : Le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète ?* In : Sociologie et sociétés. Les Presses de l'Université de Montréal. Vol. 36, n° 1, 2004, p. 59-85 (<http://id.erudit.org/iderudit/009582ar>) (Acesso em 02/05/2010).

DARNTON, R. *O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, J. F. E- *Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*. 2005. http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=525&Itemid=2 (Acesso em 19/09/2012)

ESCARPIT, Robert. *Sociologie de la littérature*. Presses Universitaires de France. Paris, 1986.

FERREIRA, J. P. *O Universo Conceitual de Paul Zumthor no Brasil*. Revista do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros). São Paulo. n°. 45 p. 141-152 set. 2007
<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo> (Acesso em janeiro de 2013)

GARBE, C. Les femmes et la lecture. In: CHAUDRON, M.; SINGLY, F. (Orgs.). *Identité, lecture, écriture*. Etudes et Recherche, Centre Georges Pompidou, 1993.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. *Sociologia da Leitura*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2008.

LAHIRE, Bernard. Indivíduo e misturas de gêneros: Dissonâncias culturais e distinção de si. DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 50, no 4, 2007, pp. 795 a 825. (<http://www.scielo.br/pdf/dados/v50n4/v50n4a06.pdf>) (Acesso em fevereiro de 2013)

LAHIRE, B. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Arned, 2006.

LAHIRE, B. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004a.

LAHIRE, Bernard. *Sociología de la lectura: Del consumo cultural a las formas de la experiencia literaria*. Gedisa: Barcelona, 2004.

LAHIRE, B. *O Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável*. São Paulo, Ática, 1997. (Livro eletrônico)

LAJOLO, M. Leitura-Literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, R. E SILVA, E. T. (Orgs.). *Leituras – Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

LAJOLO, M. *O Vestibular e o Ensino da Literatura*. (1986)
<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/index.html>. (Acesso em novembro de 2012).

MACHADO, M. Z. V., *A Literatura e suas Apropriações por Leitores Jovens*. Belo Horizonte, Faculdade de educação/UFMG, 2003. (Tese de Doutorado em Educação)

NOGUEIRA, M. A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, vol. XL (176), 2005, 563-578
(<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n176/n176a05.pdf>) (Acesso em fev. de 2013)

NOGUEIRA, M. A. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr ; N ° 7, 1998.

NOGUEIRA, M. A. *Convertidos e oblatos – um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu*. *Educação, Sociedade e Culturas*, n°.7, 1997, 109-129.

- PARMENTIER, P. *Les genres et leurs lecteurs*. Revue française de sociologie, XXVII-3, 1986. persee.fr] http://www2.univ-paris8.fr/sociologie/?page_id=4 (Acesso em 23/08/2012).
- PETERSON, R. A. (1992), *Understanding audience segmentation: From elite and mass to omnivore and univore*. *Poetics*, n° 21, p. 243-258.
- ROJO, R. *Programa 3. Livros em sala de aula: modo de usar*. In: Materiais Didáticos: escolha e uso. Boletim 14. Ministério da Educação. Agosto de 2005, p. 35-43.
- SCHWARTZMAN, Jacques. “A seletividade sócio-econômica do vestibular e suas implicações para a política universitária pública”. *Educação e Seleção*, Fundação Carlos Chagas, jan./jun., n° 19, 1989. <HTTP://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/165.pdf> (Acesso em 10/10/10).
- SANTOS, M. M. *Representações de políticos em enunciados destacados de reportagens impressas: um estudo do caso Mensalão nas revistas Época, Veja e IstoÉ*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2008. (Dissertação de mestrado).
- SETTON, M. G. J. *A Divisão Interna do Campo Universitário: uma tentativa de classificação*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 196, p. 451-471, set./dez. 1999.
- SETTON, M. G. J. *Introdução ao Tema Socialização*. Faculdade de Educação – USP. Junho de 2008. <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/> (Acesso: junho de 2013).
- SILVA, R. C. S; BATISTA, A. A. G. *Flexibilização curricular e reprodução das desigualdades sociais: o caso da licenciatura em Letras da UFMG*. Belo Horizonte. Faculdade de Educação da UFMG, 2011. Anais do 10º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. Rio de Janeiro, 2011.
- SINGLY, F. *A apropriação da herança cultural*. In: Educação & realidade. - Porto Alegre. - V.34 (1), Jan.-Abr., 2009, pp. 9-32.
- TARDELLI, G. (2003). *Histórias de leitura de professores: a convivência entre diferentes cânones de leitura*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- TODOROV, T. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- UFMG - FACULDADE DE LETRAS. COLEGIADO DA GRADUAÇÃO SEÇÃO DE ENSINO. <http://grad.lettras.ufmg.br/collegiado-de-graduacao>) (Acesso 22/08/2010).
- VIANA, M. J. B. *Disposições temporais de futuro e longevidade escolar em famílias populares*. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n.1, 195-215, jan/jun. 2009. <HTTP://www.perspectiva.ufsc.br> (Acesso em 03 de outubro de 2010).
- VÓVIO, C. L. (2007) *Entre Discursos: sentidos, práticas e identidades leitoras de alfabetizadores de jovens e adultos*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 32, p. 226-237, 2006. (<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>) (Acesso em 19/09/2012).

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Editora UnB, v.2, São Paulo, 2004.

SITES:

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL (2007-2008). Brasília: Instituto Pró-Livro. Disponível em:
<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=627> (Acesso em 30/01/2010).

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL (2012). Brasília: Instituto Pró-Livro. Disponível em:
<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/03/Retratos-da-leitura-no-Brasil-.pdf>
(Acesso em 19/09/2012).

SIS_2010 IBGE

(http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2010/SIS_2010.pdf). (Acesso em 12/01/2012).

ANEXOS

ANEXO 1:

QUESTIONÁRIO AOS ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS DA UFMG

QUESTIONÁRIO AOS ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS DA UFMG

Caro (a) aluno (a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa que objetiva apreender os processos e os esforços que estudantes concluintes do curso de Letras realizam para se apropriar da cultura literária e dos modos de ler literatura associados ao Curso de Letras. A pesquisa tem também por objetivo apreender consequências da aquisição dessa cultura e modos de ler nas experiências mais cotidianas de leitura desses estudantes (aquelas que estão menos ligadas ao Curso).

Esclarecemos que o sigilo de sua identidade será garantido. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso à identidade dos participantes da pesquisa. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à investigação, nenhuma informação que permita sua identificação será revelada. Esperamos contar com sua colaboração e agradeceremos antecipadamente sua participação.

Maura Santos - Pesquisadora co-responsável
Belo Horizonte, MG.
maura.santos@terra.com.br

Prof. Antônio Augusto Gomes Batista – Orientador da Pesquisa
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG.

1ª PARTE – PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

1) Sexo:

- 1) () Feminino 2) () Masculino

2) Ano de nascimento:

3) Religião:

3.1) Religião do pai:

3.2) Religião da mãe:

4) Estado civil:

- 1) () Solteiro (a)
2) () Casado (a) ou união estável
3) () Divorciado (a) ou separado (a)
4) () Viúvo (a)

5) Orientação sexual:

- 1) () Heterossexual

- 2) () Homossexual

- 3) () Bissexual

- 4) () Prefiro não declarar

6) Entre as alternativas abaixo, qual é a sua cor?

- 1) () Amarela

- 2) () Branca

- 3) () Indígena

- 4) () Parda

- 5) () Preta/Negra

- 6) () Prefiro não declarar

7) Local de residência atual:

- 1) () Belo Horizonte, bairro: _____

- 2) () Grande BH, município: _____

- 3) () Outro: _____

8) Data de chegada ao atual município de residência: _____

9) Cidade natal: _____

10) Número de irmãos: _____

- () 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais

11) Na sua família você foi:

- 1) o 1º filho/a 1ª. filha
- 2) o 2º filho/a 2ª. filha
- 3) o 3º filho/a 3ª. filha
- 4) o 4º filho/a 4ª. filha
- 5) do (a) 5º filho (a) em diante, sendo o (a) caçula
- 6) do (a) 5º filho (a) em diante, mas não sendo o (a) caçula

12) Tem filho(s)?

- 1) Sim
- 2) Não

12.1) Quantos? _____**13) Número de pessoas, incluindo você, que sobrevivem da renda de sua família (Não incluir empregados domésticos, se houver):**

- 1 2 3 4 5 6 mais de 6: _____

14) Qual é, aproximadamente, sua renda familiar mensal total? (Incluir todas as fontes de renda)

- 1) menos de 3 salários mínimos (menos de R\$1.635,00)
- 2) entre 3 e 5 salários mínimos (de R\$1.636,00 a R\$2.725,00)
- 3) entre 5 e 10 salários mínimos (de R\$2.726,00 a R\$5.450,00)
- 4) entre 10 e 15 salários mínimos (de R\$5.451,00 a R\$8.175,00)
- 5) entre 15 e 20 salários mínimos (de R\$8.176,00 a R\$10.900,00)
- 6) entre 20 e 30 salários mínimos (de R\$10.901,00 a R\$16.350,00)
- 7) mais de 30 salários mínimos (mais de R\$16.350,00)

15) Escolaridade de seu avô paterno:

- 1) Não sei
- 2) Analfabeto
- 3) Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) Primário incompleto
- 5) Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) Ensino médio completo
- 8) Superior incompleto
- 9) Superior completo
- 10) Pós-graduação completa: esp. maestr. dout.

16) Escolaridade de seu avô materno:

- 1) Não sei
- 2) Analfabeto
- 3) Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) Primário incompleto
- 5) Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) Ensino médio completo
- 8) Superior incompleto
- 9) Superior completo
- 10) Pós-graduação completa: esp. maestr. dout.

17) Escolaridade de sua avó paterna:

- 1) Não sei
- 2) Analfabeto
- 3) Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) Primário incompleto
- 5) Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) Ensino médio completo
- 8) Superior incompleto
- 9) Superior completo
- 10) Pós-graduação completa: esp. maestr. dout.

18) Escolaridade de sua avó materna:

- 1) Não sei
- 2) Analfabeto
- 3) Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) Primário incompleto
- 5) Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) Ensino médio completo
- 8) Superior incompleto
- 9) Superior completo
- 10) Pós-graduação completa: esp. maestr. dout.

19) Escolaridade de seu pai (ou da figura paterna responsável por sua criação, excluindo avô):

- 1) () Não sei
- 2) () Analfabeto
- 3) () Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) () Primário incompleto
- 5) () Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) () Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) () Ensino médio completo
- 8) () Superior incompleto
- 9) () Superior completo
- 10) () Pós-graduação completa: () esp. () mistr. () dout.

20) Escolaridade de sua mãe (ou da figura materna responsável por sua criação, excluindo avô):

- 1) () Não sei
- 2) () Analfabeto
- 3) () Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) () Primário incompleto
- 5) () Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) () Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) () Ensino médio completo
- 8) () Superior incompleto
- 9) () Superior completo
- 10) () Pós-graduação completa: () esp. () mistr. () dout.

21) Caso seja casado(a) ou viva em união estável, indique a escolaridade de seu marido, esposa ou companheiro(a):

- 1) () Não sei
- 2) () Analfabeto
- 3) () Sabe ler e escrever mas não cursou escola
- 4) () Primário incompleto
- 5) () Primário completo ou fundamental incompleto
- 6) () Ensino fundamental completo ou médio incompleto
- 7) () Ensino médio completo
- 8) () Superior incompleto
- 9) () Superior completo
- 10) () Pós-graduação completa: () esp. () mistr. () dout.

Para responder às perguntas 22 e 23, localize sua resposta nos **AGRUPAMENTOS DE OCUPAÇÕES** apresentados após estas questões. Caso sua resposta não conste nos exemplos apresentados, **CLASSIFIQUE-A NO AGRUPAMENTO AO QUAL MAIS SE ASSEMELHA (Em caso de pais aposentados, classifique sua resposta no agrupamento no qual ocorreu a aposentadoria).**

22) Qual é a ocupação principal exercida por seu pai?

- 1) () Agrupamento 1
- 2) () Agrupamento 2
- 3) () Agrupamento 3
- 4) () Agrupamento 4
- 5) () Agrupamento 5
- 6) () Agrupamento 6
- 7) () Agrupamento 7

23) Qual é a ocupação principal exercida por sua mãe?

- 1) () Agrupamento 1
- 2) () Agrupamento 2
- 3) () Agrupamento 3
- 4) () Agrupamento 4
- 5) () Agrupamento 5
- 6) () Agrupamento 6
- 7) () Agrupamento 7

AGRUPAMENTOS DE OCUPAÇÕES

Agrupamento 1

Banqueiro, deputado, senador, diplomata, capitalista, alto posto militar (como general), alto cargo de chefia ou gerência em grandes organizações, alto posto administrativo no serviço público, grande industrial, grande proprietário rural com área de mais de 2.001 hectares e outras ocupações com características semelhantes.

Agrupamento 2

Profissional liberal de nível universitário, como médico, engenheiro, arquiteto, advogado, dentista, etc.; cargo técnico-científico, como pesquisador, químico-industrial, professores de universidade, jornalista ou outra ocupação de nível superior; cargo de chefia ou gerência em empresa comercial ou industrial de porte médio; posto militar de tenente, capitão, major, coronel; grande comerciante, dono de propriedade rural de 201 a 2.000 hectares e outras ocupações com características semelhantes.

Agrupamento 3

Bancário, oficial de justiça, professor primário e secundário, despachante, representante comercial, auxiliar administrativo, auxiliar de escritório ou outra ocupação que exija curso de

2º grau completo. Inclui funcionário público com esse nível de instrução e exercendo atividades semelhantes, posto militar de sargento, subtenente e equivalentes, pequeno industrial, comerciante médio, proprietário rural de 21 a 200 hectares, outras ocupações com características semelhantes.

Agrupamento 4

Datilógrafo, telefonista, mecanógrafo, contínuo, recepcionista, motorista (empregado), cozinheiro e garçom de restaurante, costureiro, operário qualificado (que tem um mínimo de aprendizado profissional, como mecânico, gráfico, metalúrgico, ferramenteiro, pedreiro), porteiro, chefe de turma, mestre de produção fabril, serralheiro, marceneiro, comerciário, balconista, empregado de loja de artigos finos ou de estabelecimento comercial de grande porte (casa de roupa, sapataria, joalheria, farmácia, drogaria, loja de aparelhos domésticos, mobiliárias); funcionário público no exercício de atividades semelhantes; posto militar de soldado, cabo e equivalentes; pequeno comerciante, sitiante, pequeno proprietário rural (até 20 hectares) e outras ocupações com características semelhantes.

Agrupamento 5:

Operário (não-qualificado), servente, carregador; empregado doméstico, como cozinheira, passadeira, lavadeira, arrumadeira; lixeiro, biscateiro, faxineiro, lavador, garrafeira, pedreiro, garçom de botequim, lavrador ou agricultor (assalariado) meeiro e outras ocupações com características semelhantes.

Agrupamento 6: Do lar

Agrupamento 7: Desconheço.

(<http://www.copeve.ufv.br/docs/ManualCOLUNI2011.pdf>) (Acesso: 20/03/2011)

24) Você já exerceu alguma atividade, formal ou informal, no mercado de trabalho? (Não incluir atividades acadêmicas como Iniciação Científica, Extensão ou participação em projetos da universidade)

1) () Sim 2) () Não

24.1) Em caso afirmativo, com qual idade você ingressou no mercado de trabalho? _____.

25) Você exerce atualmente atividade(s), formal(is) ou informal(is), no mercado de trabalho? (Em caso negativo, passe para a questão 26)

1) () Sim 2) () Não

25.1) Qual a carga horária semanal em que exerce essa(s) atividade(s)? (No caso de mais de uma, indique a soma)

- 1) () menos de 20 horas semanais
2) () de 20 a 30 horas semanais
3) () de 30 a 40 horas semanais
4) () mais de 40 horas semanais

2ª PARTE – TRAJETÓRIA ESCOLAR

26) Ano de início do Ensino Fundamental: _____

Ano de término do Ensino fundamental: _____

27) Ano de início do Ensino Médio: _____

Ano de término do Ensino Médio: _____

28) Em que tipo de escola você realizou a maior parte de sua escolarização básica?

- 1) () Em escola pública Estadual ou Municipal no Brasil
2) () Em escola pública Federal no Brasil
3) () Em escola privada no Brasil
4) () No exterior
5) () Outro

29) Você entrou no curso de Letras da UFMG através de:

- 1) () Vestibular
2) () Pedido de obtenção de novo título
3) () Transferência de outro curso da UFMG
4) () Transferência de outra instituição

29.1) Em caso de transferência, qual a instituição de origem? _____.

30) Quantas vezes prestou vestibular para o curso de Letras na UFMG?

- 1) () Uma 2) () Duas 3) () Mais de 2 4) () Nenhuma

3ª PARTE – TRAJETÓRIA NO CURSO DE LETRAS

31) Ano, semestre e turno em que ingressou na Fale/UFMG:

Ano: _____ Semestre: _____ Turno: _____

32) Qual período está cursando? _____.

33) Das alternativas abaixo, marque aquela(s) que melhor corresponda(m) ao(s) motivo(s) que o levou/levaram a cursar uma graduação em Letras. (Caso você deseje marcar mais de uma opção,

enumere-as em ordem de importância, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.

- 1) () Gosto e/ou interesse pela gramática
- 2) () Gosto e/ou interesse pela leitura e pela literatura
- 3) () Gosto e/ou interesse por língua estrangeira
- 4) () Gosto e/ou interesse pela escrita
- 5) () Interesse em ser professor
- 6) () Interesse profissional pelas áreas da Letras
- 7) () Interesse cultural pelas áreas da Letras
- 8) () Influência de professores de português no ensino básico
- 9) () Bom desempenho nas disciplinas de português no ensino básico
- 10) () Influência dos pais ou familiares
- 11) () Desejo de fazer um curso superior
- 12) () Necessidade de obter um diploma de nível superior
- 13) () Interesse em obter um diploma para conquistar melhores empregos ou tentar concursos públicos de nível superior
- 14) () Outro(s) motivo(s): _____

34) Em qual turno está matriculado (a) atualmente?

- 1) () Diurno
- 2) () Noturno

35) Indique a habilitação (de licenciatura) que você cursa atualmente:

- 1) () Português
- 2) () Espanhol
- 3) () Inglês
- 4) () Português/Alemão
- 5) () Português/Francês
- 6) () Português/ Italiano
- 7) () Português/Latim
- 8) () Português/Grego
- 9) () Outra: _____

35.1) Já cursou outra(s) habilitação(ões) no curso de Letras?

- 1) () Sim
- 2) () Não

35.2) - Em caso afirmativo, qual(is)? _____

36) Durante o curso, você trabalhou/trabalha como professor(a) de Literatura? (Em caso negativo, passe para a questão 37)

- 1) () Sim
- 2) () Não

36.1) Em que tipo de escola você já trabalhou/trabalha como professor (a) na área de literatura? Caracterize sua atuação, indicando também o nível de ensino (educação infantil ou pré-vestibular, por exemplo, e a natureza da escola – se pública ou privada)

4ª PARTE – CURRÍCULO

37) Como você definiu/define seu currículo de graduação? (Enumere, em ordem de importância, as opções que correspondem ao seu caso, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.)

- 1) () Escolhi/escolho as disciplinas de acordo com meu gosto
- 2) () Pedi/peço a orientação de professores
- 3) () Pedi/peço a ajuda de colegas de curso
- 4) () Pedi/peço a orientação de familiares ou amigos
- 5) () Procurei/procuro cursar as disciplinas necessárias para me formar, de acordo com a oferta e minha disponibilidade de horário, sem levar muito em consideração o meu gosto
- 6) () Procurei/procuro cursar as disciplinas necessárias para me formar, buscando compatibilizar com o meu gosto
- 7) () Procurei/procuro cursar as mesmas disciplinas que meus colegas mais próximos iriam/irão cursar
- 8) () Outro: _____

38) Qual(is) são a(s) área(s) do curso de Letras de que você mais gosta? (Enumere, em ordem de importância, as opções que correspondem ao seu caso, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.)

- 1) () Área voltada ao Ensino
- 2) () Área de Línguas estrangeiras
- 3) () Área de Linguística

- 4) () Área de Literatura
 5) () Outra área: _____
 6) () Nenhuma área
 7) () Gosto de todas as áreas

39) Em qual área você mais cursou disciplinas? (Enumere de 1 a 4, sendo 1 aquela área em que você mais cursou disciplinas e 4 a que você menos cursou)

- 1) () Área voltada ao Ensino
 2) () Área de Línguas estrangeiras
 3) () Área de Linguística
 4) () Área de Literatura
 5) () Outras áreas: _____

40) Marque a opção que corresponda ao seu grau de dificuldade nas disciplinas de cada área abaixo:

- 1) Área voltada ao Ensino: () Fácil () Razoável () Difícil
 2) Línguas estrangeiras: () Fácil () Razoável () Difícil
 3) Linguística: () Fácil () Razoável () Difícil
 4) Literatura: () Fácil () Razoável () Difícil

41) Como você considera o seu nível de conhecimento em cada uma das áreas listadas abaixo?

- 1) Área voltada ao Ensino: () Bom () Regular () Ruim
 2) Línguas estrangeiras: () Bom () Regular () Ruim
 3) Linguística: () Bom () Regular () Ruim
 4) Literatura: () Bom () Regular () Ruim

42) Nas primeiras aulas de Teoria da Literatura I você encontrou dificuldades? (Em caso negativo, passe para a questão 43)

- 1) () Sim 2) () Não 3) () Em parte () Não me lembro

42.1) Em caso afirmativo, qual (is)? (Enumere, em ordem de importância, as opções que correspondem ao seu caso, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.)

- 1) () Desconhecimento das obras e autores citados
 2) () Carga de leitura teórica excessiva

- 3) () Campos teóricos desconhecidos (como psicanálise, filosofia, estudos culturais, por exemplo)

- 4) () Modos de ler e falar sobre a leitura pouco familiares (realizar comentários sobre linguagem, atentar para princípios estéticos em detrimento do enredo, por exemplo)

- 5) () Outra: _____

43) Ao cursar as primeiras disciplinas de literatura ou teoria literária, você julgou que seu gosto e suas preferências literárias em matéria de títulos e autores coincidiam ou não com as dos professores das disciplinas?

- 1) () Sim 2) () Não 3) () Em parte

44) Cite um autor estudado numa das disciplinas de literatura ou de teoria literária que:

44.1: você adorou: _____

44.2: você detestou: _____

45) Em quais cursos você tem feito mais disciplinas eletivas? Enumere de acordo com o número de disciplinas cursadas, sendo 1 o curso em que você mais cursou disciplinas e assim por diante.

- 1) _____
 2) _____
 3) _____
 4) _____
 5) _____

46) Em quais cursos você gostaria de cursar o maior número de disciplinas eletivas? Enumere por ordem de preferência.

- 1) _____
 2) _____
 3) _____
 4) _____
 5) _____

47) Em sua opinião, o curso de Letras oferece formação cultural e intelectual:

- 1) () Boa 2) () Regular 3) () Ruim

48) Em sua opinião, o curso de Letras oferece formação profissional:

- 1) () Boa 2) () Regular 3) () Ruim

49) Em sua opinião, o curso de Letras oferece formação literária:

- 1) () Boa 2) () Regular 3) () Ruim

5ª PARTE – FORMAÇÃO COMO LEITOR

50) Durante sua infância, alguém lia histórias ou livros de literatura infantil para você?

- 1) () Sim 2) () Não

51) Em sua formação como leitor, alguém especialmente o incentivou a ler?

- 1) () Sim 2) () Não (Em caso negativo, passe para a questão 52)

51.1) Em caso afirmativo, quem? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.)

- 1) () Pai ou responsável do sexo masculino
2) () Mãe ou responsável do sexo feminino
3) () Alguém outro parente
4) () Alguém(a) professor (a)
5) () Alguém(a) amigo(a)
6) () Alguém(a) colega ou superior(a) no trabalho
7) () Alguém (a) vizinho (a)
8) () Um padre, pastor ou líder religioso(a)
9) () Outra pessoa: _____

52) Durante sua infância, costumava ver alguém lendo em sua casa?

- 1) () Sim 2) () Não (Em caso negativo, passe para a questão 53)

52.1) Em caso afirmativo, indique a frequência em cada um dos casos abaixo.

- 1) livros literários: () frequentemente () raramente () nunca
2) jornais: () frequentemente () raramente () nunca
3) revistas: () frequentemente () raramente () nunca
4) Bíblia: () frequentemente () raramente () nunca
5) outro: _____ () frequentemente () raramente () nunca

53) Durante sua infância, você foi/era presenteado(a) com livros?

- 1) () frequentemente
2) () raramente
3) () nunca
4) () não sei ou não me lembro

54) Qual a faixa etária em que você mais leu livros literários na sua vida?

- 1) () 4-7 anos
2) () 8-11 anos
3) () 12-15 anos
4) () 16-19 anos
5) () Com mais de 19 anos
6) () Nenhuma em particular

54.1) Caso tenha assinalado uma das faixas etárias acima, indique qual o motivo principal de ter sido essa a faixa etária em que você mais leu livros literários.

- 1) () Interesse pessoal
2) () Interesse profissional
3) () Porque professores me incentivavam
4) () Porque professores exigiam
5) () Porque meus pais me incentivavam
6) () Outro: _____

55) Durante sua infância e adolescência, você costumava ou não frequentar biblioteca?

1. () Sim 2. () Não (Em caso negativo, passe para a questão 56)

55.1) Por que você frequentava biblioteca? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.)

- 1) () Interesse pessoal
2) () Porque meus pais me incentivavam
3) () Porque professores me incentivavam
4) () Para procurar livros indicados pelos meus professores
5) () Para realizar pesquisa escolar
6) () Porque meus amigos me estimulavam
7) () Outro: _____

6ª PARTE – PRÁTICAS DE LEITURA

56) Quantas horas semanais você tem dedicado, em média, à leitura dos livros literários indicados pelos professores do curso de Letras?

- 1) Menos de 1 hora
- 2) 1 a 2 horas
- 3) 3 a 4 horas
- 4) 5 a 6 horas
- 5) Mais de 6 horas
- 6) Não tenho lido livros literários

57) Quantas horas semanais você tem dedicado, em média, à leitura de livros literários excetuando-se os indicados pelos professores do curso de Letras?

- 1) menos de 1 hora
- 2) 1 a 2 horas
- 3) 3 a 4 horas
- 4) 5 a 6 horas
- 5) mais de 6 horas
- 6) Não tenho lido livros literários

58) Se você costuma ler textos em outros suportes diferentes do livro, marque as opções abaixo:

- 1) revistas: frequentemente raramente nunca
- 2) jornais: frequentemente raramente nunca
- 3) gibis (HQs): frequentemente raramente nunca
- 4) textos de Internet: frequentemente raramente nunca
- 5) livros digitais: frequentemente raramente nunca
- 6) outro: _____ frequentemente raramente nunca

59) Ao ler jornais, que parte(s) você prefere? (Caso você deseje marcar mais de uma opção, enumere-as em ordem de importância, sendo 1 a opção principal, e assim por diante. NÃO É NECESSÁRIO MARCAR TODAS AS OPÇÕES, mas apenas aquelas que descrevem as partes que você prefere.)

- 1) Notícias locais
- 2) Notícias nacionais
- 3) Notícias internacionais/do mundo
- 4) Negócios/ economia

- 5) Esportes
- 6) Tempo/ meteorologia
- 7) Polícia
- 8) Editorial/ opinião do jornal
- 9) Quadrinhos
- 10) Palavras cruzadas
- 11) Horóscopo
- 12) Arte/ cultura/ literatura
- 13) Televisão
- 14) Turismo/ viagens
- 15) Informática/ computadores
- 16) Automóveis
- 17) Política
- 18) Classificados
- 19) Moda/ estilo/ decoração
- 20) Saúde e comportamento
- 21) Não tenho lido jornais
- 22) Outro(s): _____

60) Que tipo de revista você costuma ler? (Caso você deseje marcar mais de uma opção, enumere-as em ordem de importância, sendo 1 a opção principal, e assim por diante.)

- 1) De informação semanal (*Veja, Época e Isto É*, etc.)
- 2) Celebidades e TV (*Caras, Quem e Contigo*, etc.)
- 3) Passatempo (palavras cruzadas, charadas, *sudoku*, etc.)
- 4) Femininas (*Cláudia, Elle, Marie Claire e Criativa*, etc.)
- 5) Revistas acadêmicas e universitárias
- 6) Especializadas (saúde, esportes, *games*, informática, *hobbies*, etc.)
- 7) Cultura (*Bravo, Piauí, Cult, História Viva, Revista de Cinema*, etc.)
- 8) Masculinas (*Playboy, Men's Health, Riders, SPZine, Trip, VIP*, etc.)
- 9) Religião e espiritualidade
- 10) HQ (mangás e quadrinhos, etc.)
- 11) Revistas e periódicos literários (*Barkaça, Dezfaces, Mirante*, Suplemento Literário de jornais, etc.)
- 12) Gays (*G Magazine, Aimé e Júnior*, etc.)
- 13) Revistas de ensaios e literatura (*Serrote*, Cadernos de Literatura Brasileira, *Granta*, etc.)
- 14) Outra(s): _____

61) Atualmente, quem mais influencia sua leitura? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo *I* a opção principal, e assim por diante.)

- 1) () mãe ou responsável mulher
- 2) () pai ou responsável homem
- 3) () professora(a) da área de literatura
- 4) () professor(a) de outras áreas do curso de Letras
- 5) () um parente
- 6) () um(a) amigo(a)
- 7) () um(a) vizinho(a)
- 8) () um padre, pastor ou líder religioso (a)
- 9) () grupo de amigos
- 10) () críticos literários e jornalistas
- 11) () namorado(a)
- 12) () ninguém
- 13) () outro: _____

62) Quais os gêneros de livros de sua preferência? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo *I* a opção principal, e assim por diante.) NÃO É NECESSÁRIO MARCAR TODAS AS OPÇÕES, mas apenas aquelas que correspondem ao seu caso).

- 1) () biografia e autobiografias
- 2) () história e relatos históricos
- 3) () romances policiais
- 4) () livros de política, economia ou de ciências humanas
- 5) () livros de arte ou fotografia
- 6) () literatura clássica
- 7) () romances contemporâneos
- 8) () livros de culinária, decoração, bricolagem, jardinagem
- 9) () guias de viagem
- 10) () livros sobre esporte
- 11) () narrativas românticas
- 12) () poesia
- 13) () Bíblia, livros sagrados ou religiosos
- 14) () livros de auto-ajuda ou orientação pessoal
- 15) () literatura infanto-juvenil
- 16) () não costumo ler livros
- 17) () outro(s): _____

63) O que mais o motiva a ler um livro de literatura? (Caso você deseje marcar mais de uma opção, *enumere*-as em ordem de importância, sendo *I* a opção principal, e assim por diante. NÃO É NECESSÁRIO MARCAR TODAS AS OPÇÕES, mas apenas aquelas que correspondem ao seu caso).

- 1) () prazer ou gosto
- 2) () ampliação do universo cultural/conhecimentos gerais
- 3) () exigência escolar ou acadêmica
- 4) () identificação com personagens da história
- 5) () interesse pela técnica ou modo de escrita do(a) autor(a) do livro
- 7) () exigência do trabalho
- 8) () o enredo
- 9) () melhoria da linguagem e ampliação do vocabulário
- 10) () auto-aprimoramento
- 11) () cultivo de valores.
- 12) () não sei
- 13) () outro: _____

64) Qual(is) dos fator(es) abaixo mais o influencia(m) na escolha de um livro de literatura? (Caso você deseje marcar mais de uma opção, *enumere*-as em ordem de importância, sendo *I* a opção principal, e assim por diante).

- 1) () tema
- 2) () título do livro
- 3) () gênero
- 4) () linguagem
- 5) () publicidade/anúncio
- 6) () autor
- 7) () capa
- 8) () críticas/resenhas em revistas especializadas da área de Literatura
- 9) () críticas/resenhas em qualquer tipo de revista
- 10) () editora
- 11) () programas literários
- 12) () outro: _____

65) Ao ler um livro de literatura, eu me permitiria ler: (Caso você deseje marcar mais de uma opção, *enumere*-as em ordem de importância, sendo *I* a opção principal, e assim por diante).

- 1) () apenas trechos ou capítulos
- 2) () o livro inteiro de uma só vez
- 3) () o mesmo livro mais de uma vez
- 4) () partes do livro mais de uma vez
- 5) () mais de um livro ao mesmo tempo
- 6) () saltando páginas
- 7) () outro: _____

66) Quais são, dentre os (as) escritores (as) a seguir, os (as) três que você prefere? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo 1 a opção principal e 3 a última opção).

- 1) () Virginia Woolf
- 2) () Chico Xavier
- 3) () Stephenie Meyer
- 4) () Machado de Assis
- 5) () Clarice Lispector
- 6) () Paulo Coelho
- 7) () Fernando Pessoa
- 8) () Adélia Prado
- 9) () Jorge Amado
- 10) () Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)
- 11) () Ariano Suassuna
- 12) () Cecília Meireles
- 13) () Mário de Andrade
- 14) () James Joyce
- 15) () J. K. Rowling
- 16) () Hilda Hilst
- 17) () Cristovão Tezza
- 18) () Outros: _____

67) Quais são, nesta lista, as obras literárias que você conhece? Você poderia indicar, em cada caso, o nome do autor?

Obra: _____

Autor: _____

- 1) () Finnegans Wake _____
- 2) () A Metamorfose _____
- 3) () A Paixão Segundo G. H. _____
- 4) () Mrs. Dalloway _____
- 5) () O Filho Eterno _____

- 6) () Rútulo Nada _____
- 7) () Bagagem _____
- 8) () Lisboa e o Prisioneiro _____
- 9) () O Auto da Compadecida _____
- 10) () Digo e não peço segredo _____
- 11) () Paulicéia Desvairada _____
- 12) () Esau e Jacó _____
- 13) () Romanceiro da Inconfidência _____
- 14) () Mensagem _____
- 15) () Noites do Sertão _____
- 16) () Antigos & Soltos, Poemas e Prosas da Pasta Rosa _____
- 17) () Em Alguma Parte Alguma _____

68) Cite três livros de que você mais gosta, colocando ao lado seus respectivos autores, caso você se lembre.

Título	Autor
Título	Autor
Título	Autor

7ª PARTE – PRÁTICAS CULTURAIS E ESTILO DE VIDA

69) Quais suas atividades de lazer preferidas? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondem às suas preferências, sendo 1 a opção principal, e assim por diante. NÃO É NECESSÁRIO MARCAR TODAS AS OPÇÕES).

- 1) () assistir à televisão
- 2) () ir ao cinema (em *Shopping*)
- 3) () ir ao cinema (no Cine Belas Artes, por exemplo)
- 4) () ir ao teatro
- 5) () ir a bares/botecos
- 6) () ir à balada
- 7) () participar de festa em casa de amigos
- 8) () assistir a shows e espetáculos
- 9) () ir a concertos de música erudita

- 10) () ler _____
- 11) () cultivar um hobby Qual? _____
- 12) () fazer academia _____
- 13) () praticar esporte Qual? _____
- 14) () navegar na Internet _____
- 15) () ouvir música (CDs, rádio, internet, MP3, etc)
- 16) () sair com os amigos
- 17) () reunir com os amigos ou a família em casa
- 18) () assistir a filmes em DVD
- 19) () assistir a vídeos
- 20) () fazer compras
- 21) () escrever
- 22) () passear em parques e praças
- 23) () ir ao campo/ à praia
- 24) () assistir a eventos esportivos
- 25) () ir a espetáculo de dança
- 26) () ir a museus
- 27) () fazer artesanato
- 28) () ir a feiras ou festas populares
- 29) () jogar *videogame*/jogos de mesa
- 30) () Passear em *shopping*
- 31) () Outra: _____

70) Você tem aversão a algum(ns) desse(s) gênero(s) de livros? (Caso você deseje marcar mais de uma opção, *enumere-as* em ordem de importância, sendo 1 a opção principal, e assim por diante).

- 1) () biografias e autobiografias
- 2) () história e relatos históricos
- 3) () romances policiais
- 4) () livros de política, economia ou de ciências humanas
- 5) () livros de arte ou fotografia
- 6) () literatura clássica
- 7) () romances contemporâneos
- 8) () livros de culinária, decoração, bricolagem, jardinagem
- 9) () guias de viagem
- 10) () livros sobre esporte
- 11) () narrativas românticas (romances)
- 12) () poesia

- 13) () Bíblia, livros sagrados ou religiosos
- 14) () livros de auto-ajuda ou orientação pessoal
- 15) () literatura infanto-juvenil
- 16) () nenhum
- 17) () outro(s): _____

71) Se você utiliza Internet, a quais sítios você mais acessa? (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo 1 a opção mais acessada, e assim por diante.)

- 1) () meus *e-mails*
- 2) () notícias/textos informativos
- 3) () *sites* de divulgação de pesquisas acadêmicas
- 4) () *Youtube*
- 5) () *sites* de relacionamento (*Orkut, Facebook, Twitter*, etc)
- 6) () jogos
- 7) () conteúdo variado
- 8) () livros ou capítulos de livros eletrônicos
- 9) () outro: _____

72) Qual dos julgamentos abaixo mais se aproxima de sua opinião?

- 1) () A literatura contemporânea é complicada
- 2) () A literatura contemporânea não é para mim
- 3) () Aprecio a literatura contemporânea, mas não a conheço bem
- 4) () Gosto bastante da literatura contemporânea, por exemplo, a obra de Clarice Lispector.
- 5) () Toda literatura contemporânea de qualidade me interessa

73) Dentre os julgamentos expressos abaixo, qual se aproxima mais de sua opinião?

- 1) () Gosto mesmo é de cinema
- 2) () Amo ir ao teatro
- 3) () A pintura não me interessa
- 4) () Museu não é o meu forte, não consigo apreciar
- 5) () Adoro dança contemporânea
- 6) () Aprecio um bom concerto
- 7) () Detesto exposição de fotografia
- 8) () Interesso-me por música erudita

74) Marque os gêneros de filmes que você prefere: (*Enumere*, em ordem de importância, as opções que correspondam ao seu caso, sendo 1 a opção principal, e assim por diante. NÃO É NECESSÁRIO MARCAR TODAS AS OPÇÕES).

- 1) () ação e aventura
- 2) () romance
- 3) () drama
- 4) () documentário
- 5) () filmes históricos
- 6) () ficção científica
- 7) () comédia
- 8) () arte
- 9) () adaptações filmicas de livros literários
- 10) () terror
- 11) () policial
- 12) () outro: _____

75) No momento, você está lendo algum livro indicado pelos professores do curso de Letras?

- 1) () Sim 2) () Não

75.1) Em caso afirmativo, indique o título/autor: _____

76) No momento, você está lendo algum livro relacionado ao seu gosto pessoal?

- 1) () Sim 2) () Não

76.1) Em caso afirmativo, indique o título/autor: _____

77) Executando-se os livros obrigatórios do curso de Letras, quantos livros você lê anualmente?

- 1) () 1 livro
- 2) () 2 livros
- 3) () 3 livros
- 4) () 4 livros
- 5) () 5 livros
- 6) () Mais de 5 livros
- 7) () Nenhum

78) Você participou ou participa de atividades de algum grupo de organização cultural, educacional, esportiva, religiosa ou política?

1. () Sim 2. () Não

78.1) Em caso afirmativo, qual (is)?

- 1) () grêmios e diretórios acadêmicos
- 2) () partido político
- 3) () ONGs
- 4) () grupos de estudo e discussão
- 5) () grupos artísticos (cinema, teatro, música, vídeo, etc)
- 6) () grupos religiosos
- 7) () agremiação esportiva (time ou torcida organizada)
- 8) () outro: _____

OBSERVAÇÃO FINAL:

Além do questionário, serão realizadas nesta pesquisa entrevistas com alguns alunos sobre suas práticas de leitura literária. Caso você se disponha a ser entrevistado, por favor, deixe e-mail e/ou telefone para futuro contato.

E-mail: _____

Telefones: () _____ () _____

Obrigada pela participação!

ANEXO 2:**ROTEIRO DE ENTREVISTAS:**

Observações:

- Pseudônimo que será utilizado na tese: _____

- Possibilidade de outro contato com a (o) entrevistada (o): _____

1) Primeiramente, eu gostaria que você contasse como foi a sua formação como leitor(a).

2) Você poderia falar sobre:

(i) Situações de leitura em que houve identificação sua com as personagens dos livros que estava lendo;

(ii) Situações de leitura nas quais não ocorreu identificação sua com as personagens do livro, mas houve apreciação da forma na qual o livro foi escrito, motivação pela aquisição do conhecimento, outros...

3) Durante a infância ou a adolescência, você mantinha algum caderno ou agenda onde anotava suas intenções de livros ou filmes?

4) Você já utilizou catálogos com resenhas de livros para escolher suas leituras?

5) Você se lembra de alguma vez ter interrompido a leitura de algum livro? Lembra-se do motivo que o (a) levou a essa interrupção?

6) Agora que você está concluindo o curso de Letras, qual a sua opinião sobre sua leitura literária anterior ao curso?

7) A seu ver, o Curso de Letras teve alguma influência significativa em suas preferências de leitura ou no seu modo de ler?

8) Você considera que o saber universitário influencia sua leitura?

9) Você já participou de algum concurso literário? Com produção em que gênero?

10) Houve algum livro mais marcante em sua vida? Qual ou quais? Por quê?

11) Qual foi a última obra literária que você leu voluntariamente?

12) Você utiliza (ou não) alguma estratégia* para ter domínio do texto literário? Qual (is)?

13) Atualmente, você está lendo algum livro? Qual? O que tem a dizer sobre ele?

14) Como você utiliza seu tempo livre?

* Leitura em profundidade, refletindo sobre seu conteúdo ou forma; releitura do texto para interpretá-lo; leitura de textos auxiliares de literatura comentada, biografia do autor, crítica literária, Teoria da Literatura, História ou de outras áreas de conhecimento; resumos, anotações, destaques de partes do texto para aprofundamento da leitura.

ANEXO 3:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Educação – FAE-UFMG

Título do projeto: *“As relações dos graduandos em Letras com a leitura literária: entre leituras ortodoxas e heréticas”*.

Prezado(a) Aluno(a),

1. Esta seção fornece informações acerca do estudo de que você estará participando:

- A. Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que objetiva apreender as relações dos estudantes concluintes do curso de Letras com a leitura literária. Por meio da descrição e análise das estratégias utilizadas pelos estudantes para se apropriarem da leitura literária e do impacto dessa apropriação nas práticas de leitura não controladas pelo Curso de Letras pretende-se contribuir para o avanço no conhecimento do leitor literário especializado.
- B. Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409 4592 ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270 901.
- C. Se você concordar em participar deste estudo, será entrevistado sobre suas práticas de leitura controladas pelo Curso de Letras, suas práticas de leitura não controladas pelo curso, sua visão do processo de formação para a leitura literária a que é submetido no curso, além de dados relativos à sua identificação e à sua trajetória escolar.

2. Esta seção descreve seus direitos como participante desta pesquisa:

- A. Você pode fazer perguntas sobre a pesquisa a qualquer momento e tais questões serão respondidas.
- B. A participação é confidencial. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso à identidade dos participantes da pesquisa. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a identificação será revelada.
- C. A sua participação é voluntária e muito importante para ampliar o conhecimento a respeito do leitor literário especializado, bem como contribuir para o avanço das discussões em torno dessa temática. Você é livre para deixar de participar na pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.
- D. Não haverá procedimento ou pergunta que lhe traga qualquer tipo de constrangimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro e tem a garantia de que todas as despesas necessárias à realização da pesquisa serão de responsabilidade exclusiva dos pesquisadores.
- E. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo e será substituído por um pseudônimo. Apenas os pesquisadores terão acesso a esses registros. Os dados coletados somente serão utilizados para a pesquisa e a divulgação da mesma através de artigos científicos, revistas especializadas (em papel ou eletrônicas) e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar pública a identificação do informante.
- F. O estudo em perspectiva não envolve nenhum risco para a saúde mental ou física além daqueles que os estudantes encontram normalmente em seu dia-a-dia.

3. Esta seção indica que você está dando seu consentimento para participar da pesquisa:

Participante:

A pesquisadora Maura Maria dos Santos, aluna do curso de Doutorado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e seu orientador, Professor Dr. Antônio Augusto Gomes Batista (FAE- UFMG) solicitaram a minha participação neste estudo intitulado “As relações dos graduandos em Letras com a leitura literária: entre leituras ortodoxas e heréticas”.

Eu concordo em participar desta pesquisa.

Eu li e compreendi as informações fornecidas. Entendi e concordo com as condições do estudo como descritas. Entendo que receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

_____, _____ de _____ de 2011.

Nome legível do participante:

_____.

Assinatura do participante:

_____.

Pesquisadora:

Eu garanto que este procedimento de consentimento foi seguido e que respondi quaisquer questões que o participante colocou da melhor maneira possível.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2011.

 Prof. Antônio Augusto Gomes Batista - Orientador da Pesquisa
 Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG.
agomesbatista@uol.com.br
 Telefones: (31) 3409-6217

 Maura Maria dos Santos - Pesquisadora co-responsável
maura.santos@terra.com.br
 Telefone:

COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA (COEP): Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º. andar – Sala 2005 – CEP: 31270901 – BH –MG Telefax (031) 3409-4592 – email: coep@prpq.ufmg.br